UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

ELVERSON CARDOZO DA SILVA

FATORES DE CONFLITOS ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES DE JORNALISTAS NA IMPRENSA DE CAMPO GRANDE (MS)

CAMPO GRANDE - MS
2018

ELVERSON CARDOZO DA SILVA

FATORES DE CONFLITOS ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES DE JORNALISTAS NA IMPRENSA DE CAMPO GRANDE (MS)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Representação Social.

Linha de Pesquisa: Mídia, Identidade e Regionalidade.

Orientador: Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes

CAMPO GRANDE - MS

2018

ELVERSON CARDOZO DA SILVA

FATORES DE CONFLITOS ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES DE JORNALISTAS NA IMPRENSA DE CAMPO GRANDE (MS)

COMISSÃO EXAMINADORA

Campo Grande (MS), 28 de setembro de 2018

_____

Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

_____

Profª. Drª. Daniela Cristiane Ota
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

_____

Prof. Dr. Oswaldo Ribeiro da Silva
Universidade Católica Dom Bosco

AGRADECIMENTOS

Pesquisar não é, nem de longe, trabalho fácil. Este, inclusive, foi o mais difícil que fiz até hoje. Escrever uma dissertação sobre conflitos entre diferentes gerações de jornalistas, sendo jornalista e pertencendo inevitavelmente a uma geração, me exigiu certo distanciamento das minhas próprias verdades para que pudesse conhecer outras, em várias dimensões e realidades.

Interpretar quem também interpreta e, aliás, decodifica acontecimentos diariamente, me tirou da zona de conforto. Fui parar na de conflito. Mas se o repórter que existe em mim reapareceu em uma das etapas menos dolorosa, a de coleta de dados, o pesquisador até então "protegido" nos capítulos anteriores, terminou por revelar a identidade na análise dos resultados, mesmo que sob todo o rigor científico e metodológico.

As referências deram lugar, em grande parte, às inferências. E elas foram muitas. Dei minha cara à tapa, mas procurei me ater à fidelidade dos dados. Dentro do que me propus a desenvolver, fiz o meu melhor, até o limite da minha saúde mental. Sozinho, no entanto, dificilmente chegaria até aqui, por isso começo agradecendo à Deus, por sempre estar ao meu lado e me prover o necessário, e à Ciência, na figura das profissionais que me acompanharam durante o processo.

À psiquiatra Simone Basso, por aplacar meu sofrimento físico em momentos de extrema exaustão psíquica, e à psicóloga e psicanalista Claudia Ruiz, por exercer tão bem a arte de ouvir e me ajudar a passar por inúmeras crises de ansiedade sem desistir, mesmo quando a pressão, prazos e as inseguranças do mestrado se somavam a questões bem particulares.

Mas a elaboração desta dissertação não seria possível sem a colaboração do meu orientador, Prof. Dr. Mário Luiz Fernandes, a quem sou grato por aceitar meu projeto, pela paciência e generosidade de compartilhar seus conhecimentos em horas de orientações e por todos os cortes e recortes que embasaram a pesquisa e deixaram o texto mais fluído.

Estendo os agradecimentos aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, que de uma forma ou outra tornaram possível a realização desta pesquisa, seja por meio de disciplinas, seminários ou conversas despretensiosas que me ampliaram os horizontes, especialmente a Prof.ª Dr.ª Daniele Cristiane Ota, pelo profissionalismo, clareza com que conduz as aulas e as excelentes contribuições nas bancas de qualificação e defesa.

Não poderia deixar de agradecer à Prof.ª Dr.ª Roseli Aparecida Fígaro Paulino, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP, que também esteve na qualificação, onde fez valiosas ponderações, além do Prof. Dr. Oswaldo Ribeiro, da UCDB, que me orientou na graduação e, desta vez, integrou a banca examinadora do mestrado. Obrigado por todos os ensinamentos desde o início da minha vida acadêmica e pela colaboração neste novo ciclo.

Ouso dizer, no entanto, que nenhuma "pílula da felicidade", tampouco a "cura pela palavra" ou qualquer sabedoria acadêmica teriam grandes efeitos se eu não tivesse o apoio indispensável da minha família, a quem devo tudo, mesmo que às vezes não saiba reconhecer a imensidão dos esforços. À minha mãe, pai e especialmente ao meu irmão, Elielber Cardozo, meu muito obrigado. Sem a ajuda da minha parte caçula mais bonita, teria surtado, tamanho desespero.

Agradeço, também, à jornalista Tathiane Espíndola Panziera, que se prontificou em me ajudar com as transcrições das entrevistas, até naquelas que exigiram a paciência de uma monja, audição apurada e dias de dedicação. Obrigado pela presteza no excelente trabalho, sugestões e conversas que me aliviaram a tensão.

Boa parte da escrita de uma dissertação é trilhada por um caminho solitário e o tema escolhido vira uma espécie de obsessão, que às vezes acaba por invadir as conversas entre amigos, mesmo quando ninguém quer saber. Aos mais próximos, com quem divido detalhes da minha vida, minhas sinceras desculpas pelos episódios de chatice e muito obrigado por me suportarem durante esse período.

Agradeço as amizades que fiz no mestrado, especialmente as que originaram o grupo "Quarta Série", formado por mim, Ana Carolina, Helder Lima e Célio Rosa, em "protesto simbólico", nem sempre silencioso, ao academicismo dispensável que nos rondou nos primeiros meses.

Agradeço as experiências profissionais que tive, boas ou ruins, e aos profissionais que cruzaram o meu caminho, acompanharam parte da minha trajetória e, direta ou indiretamente, me fizeram enxergar além do mercado com a criticidade que só o tempo nos garante. A eles devo meus anos de "foca" e as transformações do meu comportamento até então pueril.

Agradeço, ainda, aos 15 jornalistas que aceitaram participar do estudo, se colocando do outro lado, como entrevistados. Obrigado por dividirem suas histórias, conquistas, frustrações

e por confiarem a mim seus relatos. Sem vocês, nada disso teria sentido. Por fim, sou grato a todos que cruzaram o meu caminho nesta nova fase e contribuíram de forma direta ou indireta.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha mãe, eterna rainha, Nivercina Alves Cardozo da Silva, pelo amor incondicional e apoio nesta jornada.

“Os tempos primitivos são líricos, os tempos antigos são épicos, os tempos modernos são dramáticos”

(Victor Hugo)

RESUMO

Este trabalho propõe um estudo intergeracional, original, atual, regionalizado e inédito, sobre possíveis conflitos entre gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande, Capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Com base nos fundamentos teóricos e na análise dos dados coletados, a pesquisa considera as mudanças profissionais ocorridas ao longo dos anos de diferentes maneiras: ideológicas (da imprensa de opinião e político-literária à informativa, de massa), tecnológicas (avanços técnicos e inovações), profissional (educação formal dos jornalistas, requisitos legais e técnicos), e também pessoal, a partir da perspectiva das três gerações (*Baby Boom*, X e Y), que ainda se relacionam profissionalmente no mercado de trabalho local. O objetivo principal foi investigar se há conflitos de gerações entre os três grupos supracitados e quais os fatores que motivam prováveis diferenças entre profissionais veteranos e novatos. Desta forma, analisaram-se questões que envolvem o caráter pessoal e profissional dos jornalistas, no que diz respeito à forma como eles enxergam a profissão, se posicionam no mercado e atuam na prática. Fatores tecnológicos também foram estudados para entender como as novas ferramentas alteraram o fazer jornalístico e foram absorvidas pela classe em várias faixas etárias. Com um método hipotético-dedutivo e utilizando uma combinação de abordagem qualitativa e quantitativa, por meio de pesquisas documental, bibliográfica, descritiva e exploratória (para levantamento de referencial teórico), baseada em fontes primárias e secundárias, 15 jornalistas foram selecionados para representar diferentes segmentos da imprensa local nos meios impresso, online, televisivo e radiofônico. Eles foram submetidos a entrevistas em profundidade e os dados coletados interpretados por meio da Análise de Conteúdo. Os principais achados sugerem a presença de conflitos entre as gerações, a maioria deles motivado pela falta de compreensão dos valores deontológicos da profissão, diferenças pessoais ou hierárquicas e um mercado de trabalho mais precário, entre outras razões detalhadas na dissertação.

Palavras-Chave: conflitos de gerações, jornalismo, jornalista, imprensa de MS

ABSTRACT

This work proposes an original, current, regionalized, and intergenerational study over possible conflicts between generations of journalists in the press companies of the Campo Grande, the main city of the Mato Grosso do Sul State. Based on the theoretical foundations and the analysis of collected data, this work considers the professional changes occurred over the years in different ways: ideological (from the opinion press and political press to an informative press and mass media press), technological (technical advances and innovations), professional (formal education of the journalists, legal and technical requirements), and also personal, from a perspective of the Baby Boom, X, and Y generations that are currently working together in the press companies. The possible intergenerational dispute among the journalists and which factors contribute to the existence of this conflict of generations is the main goal of this work. We analyze the personal values of the journalists over the way they perceive the professional, the profession, and do their jobs, as well as, the technological influence in each generation once they had been a profound impact in the press companies. With a hypothetical-deductive method and using a combination of qualitative and quantitative approach through a documental, bibliographic, descriptive, and exploratory research based on primary and secondary sources, 15 journalists were selected to represent different segments of the local media press: online, tv, and radio, applying an analysis of the content in the interpretation of the collected material. The main findings indicate the presence of a conflict of the generations in press companies of Campo Grande, most of them motivated by the deontological values miscomprehension, a personal or hierarchical differences, a more precarious labor market, and other reasons detailed in the work.

Keywords: conflict of the generations, journalism, journalist, Mato Grosso do Sul press.

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1 – Faixas etárias dos jornalistas em MS - Fonte: Sindjor-MS (2017) 43

Gráfico 2– Gerações dos jornalistas em MS - Fonte: Sindjor-MS (2017) 44

Tabela 1 - Classificação geracional - Fonte: Oliveira (2012) [adaptado] 44

Tabela 2 – Jornalistas por gerações e tipos de mídia - Fonte: O autor 46

Tabela 3- Jornalista ontem e hoje - Fonte: Nonato (2013, p. 160-162)..... 50

Tabela 4 – Informantes da Geração *Baby Boom* - Fonte: O autor..... 65

Tabela 5 – Informantes da Geração X - Fonte: O autor 90

Tabela 6 – Informantes da Geração Y - Fonte: O autor 115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA 19

1.1 As gerações 19

1.2 Nomenclaturas 24

1.3 Faixas elásticas e fatores subjetivos 27

1.3.1 Geração *Baby Boom* 29

1.3.2 Geração X 31

1.3.3 Geração Y 33

1.4 Metodologia 36

2. MUDANÇAS NO PERFIL DO JORNALISTA, VALORES, PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS E TECNOLOGIA 48

2.1 *Habitus* profissional 54

2.2 Mudanças no jornalismo 55

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA 63

3.1 Análise – Geração *Baby Boom* 65

3.2 Análise – Geração *X* 90

3.3 Análise – Geração *Y* 115

CONSIDERAÇÕES FINAIS 141

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 145

APÊNDICES 156

A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 156

B - Questionário para coleta de dados 157

C – Entrevistas da geração *Baby Boom* 158

D – Entrevistas da Geração X 277

E – Entrevistas da Geração Y 413

INTRODUÇÃO

Várias gerações convivem simultaneamente dividindo espaço na sociedade. Elas também se encontram no meio profissional e isso se aplica ao jornalismo, foco desta dissertação. Pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho, na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), apontou que, ao final de 2012, "os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos [11% na faixa etária de 18 a 22 e 48% entre 23 e 30]".

Elas dominavam 63,7% do mercado. Outras idades também aparecem no estudo: 31 a 40 anos (21,9%), 41 a 50 (11,1%), 51 a 64 (7,6%) e acima de 64 anos (0,4%). O levantamento, desenvolvido em convênio com a Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas)[1], foi feito com 2.731 mil trabalhadores de todos os estados do país. (MICK e LIMA, 2013, p. 83).

O estudo apresenta margem de erro inferior a 2%, em intervalo de confiança de 95%, mas ainda assim trata-se apenas de uma estimativa feita a partir do cruzamento de diversos dados, provenientes de várias fontes, como os sindicatos e o MPT (Ministério Público do Trabalho). O número exato de profissionais atuantes no país é desconhecido, alertam os pesquisadores.

Em Mato Grosso do Sul a situação não é diferente. O estado, que reúne 79 municípios, possui dois sindicatos (Sinjorgran, em Dourados, que representa 25 cidades da região sul, e o Sindjor-MS, com sede na Capital, Campo Grande), mas nenhum têm informações sistematizadas sobre o número de profissionais atuantes em MS, apenas o registro de sindicalizados. Em 2018, cerca de 260, sendo aproximadamente 60 do Sinjogran e 200 do Sindjor-MS.

Das entidades representativas locais, a única estimativa oficial, que contempla os não-sindicalizados, parte de um Censo Oline realizado pelo Sindjor-MS em 2017. O levantamento reuniu perguntas sobre condições de trabalho (salário, horas extras, auxílio alimentação, etc.),

[1]Estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Polícia, com apoio do FNPJ (Fórum Nacional de Professores de Jornalismo) e a SBPJor (Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo).

tempo de carreira, gênero, cor e também a idade. No total, 308 jornalistas, de 30 cidades do estado, distribuídos em pelo menos 63 locais de trabalho, foram alcançados.

O resultado foi de encontro às conclusões da pesquisa nacional – *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país* - realizada pela UFSC há 6 anos.

> O que o Censo mostra é que os profissionais são, majoritariamente, mulheres, com idades entre 28 e 37 anos, brancas, com graduação em jornalismo e pós-graduação, formadas em universidade privada, e não sindicalizadas (SINDJOR-MS, 2017)

Informações adicionais, fornecidas pelo Sindjor-MS, indicam que dos 308 entrevistados, 289 (93,83%) informaram a data de nascimento, sendo 236 (81,66%) de Campo Grande. Os dados sugerem que os profissionais da imprensa em Mato Grosso do Sul, especialmente os que atuam na Capital, nasceram entre as décadas de 50 e 90, têm entre 23 e 67 anos e pertencem, portanto, às gerações *Baby Boom*, X e Y, segundo a classificação geracional mais aceita, indicada por Oliveira (2012).

Diante desse cenário, que comprova o encontro de pelo menos três grupos de profissionais atuando no mercado local, a presente pesquisa busca identificar se há conflitos de gerações entre jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS). O estudo leva em consideração a diferença de idade, conforme preconizam as classificações sociológicas apresentadas adiante, mas também as mudanças no perfil do profissional jornalista ao longo dos anos, bem como as transformações no modo de fazer jornalismo com a chegada das novas tecnologias.

Baldessar (2003) estudou esse "fenômeno" a partir da implantação de computadores nas redações. De acordo com a pesquisadora, a imprensa brasileira, que nasceu para atender os interesses da burguesia e por anos manteve posicionamento claramente político e doutrinário em busca da manutenção do poder político-econômico, passou por grandes transformações até chegar às massas, que agora comentam o noticiário do dia em uma relação mais democrática, teoricamente.

Neste processo, o profissional por trás da notícia, isto é, o jornalista, também se transformou, adotando um novo perfil identitário, que segue o ritmo de cada época. Antes tido como intelectual de prestígio, que via o ofício como recurso para ascensão social, agora é apenas um operário da informação, geralmente sabe o papel que ocupa e tem consciência de que está submetido a uma lógica de mercado, onde a informação é mercadoria.

As novas tecnologias trouxeram benefícios, mas também consequências negativas. A informatização da imprensa, a partir da década de 1980, é um exemplo. Baldessar (2003, p. 19) afirma que neste processo "mudaram os instrumentos de trabalho e a estrutura física das redações, mas a relação capital/trabalho continua a mesma".

Nonato (2013) concorda e reforça que, apesar dos avanços tecnológicos, pouca coisa mudou nesse sentido. A precarização continua sendo uma realidade da área. Jornalistas trabalham muito e ganham pouco. Isso quando tem salário fixo, porque o desemprego não é problema distante, ao contrário. Muitos, sem vínculo, passam a atuar como *freelacer*, se responsabilizando pelos próprios encargos trabalhistas.

Para a pesquisadora, chama atenção outro fato: os jornalistas de hoje – especialmente os jovens – que estão no mercado, não estão mais trabalhando nas empresas de comunicação, isto é, em jornais, por exemplo. Continuam na área, mas em outras empresas, desempenhando funções "modernas". Mick (2015) fez um mapeamento dos novos cargos e atividades a partir da convergência digital no Brasil e elenca algumas: Analista de mídias sociais, pesquisador(a) de conteúdo, coordenador de mídias digitais e estratégia, entre outras.

Se houve mudanças no perfil do jornalista e no fazer jornalístico em função da tecnologia e de outros fatores históricos, questionar a existência de possíveis conflitos no ambiente de trabalho (nas redações) e entre diferentes gerações de profissionais que ainda se relacionam no mercado, apresenta-se como uma consequência desta constatação e, aqui, como objetivo principal da presente pesquisa, onde os seguintes questionamentos se estabelecem: Existe conflito de gerações entre jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS)? Se existe, quais os fatores que motivam prováveis diferenças entre profissionais veteranos e novatos?

Pela lente geracional, pretende-se analisar os conflitos que envolvem o caráter pessoal e profissional dos jornalistas, no que diz respeito a forma como eles enxergam o ofício, se posicionam no mercado e atuam na prática. Fatores tecnológicos ligados ao fazer jornalístico também são estudados, na tentativa de compreender como veteranos e novatos absorvem e lidam com novas ferramentas no dia a dia. Por fim, os fatores de conflitos, propriamente ditos, serão esmiuçados para evidenciar as relações interpessoais e as diferenças práticas entre os "jornalistas de ontem e hoje".

São poucos os estudos sobre gerações no Brasil. A literatura nacional especializada, bastante recente, ainda se apoia na visão americanizada do assunto, tanto que as principais referências de pesquisadores nacionais costuma ser de autores estrangeiros como Don Tapscott (2010), Tamara Erickson (2011) e Mark McCrindle (2015).

Na área de comunicação, mais especificamente em jornalismo, não há indicativos de pesquisas focadas na temática. Busca pelas palavras-chaves "comunicação", "jornalismo", "gerações" e "conflitos de gerações" no Portal de Periódico da Capes (*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior)*, retorna apenas 54 resultados, mas nenhum sobre o assunto. A agência do governo, vinculada ao Ministério da Educação, reúne textos completos de artigos publicados em mais de 21.500 mil revistas internacionais, nacionais e estrangeiras (CAPES, 2018).

No Banco de Dados Bibliográficos da USP (Universidade de São Paulo), a maior do país, busca por "gerações" - dentro do diretório da ECA (Escola de Comunicação e Artes), que mantém o Programa de Mestrado em Ciências da Comunicação - apresenta 67 registros, porém, menos de 10 são sobre jornalismo e não tratam especificamente de conflitos ligado à profissão (USP, 2018). Na UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), entre os trabalhos de pós-graduação defendidos no Mestrado em Comunicação, não há dissertações sobre o assunto (UFMS, 2018).

Além da escassez de pesquisas desta natureza aplicadas à profissão, é preciso levar em conta a relevância do tema. Feixa e Leccardi (2010) asseguram que o conceito de geração, como metáfora para construção social do tempo, tem sido um tema relevante nas ciências humanas e sociais e também uma das categorias mais influentes no impacto das pesquisas sobre a juventude.

Erickson (2011) afirma que as gerações são importantes para compreensão das mudanças sociais. Servem, também, para estudar os sujeitos sociais. No mercado de trabalho, particularmente, o estudo dos grupos geracionais vale de estratégia às empresas que podem, por exemplo, alinhar suas políticas ao perfil de seus funcionários.

Na área de comunicação, como já foi dito, poucos são os trabalhos acadêmicos que exploram o mundo dos jornalistas. Ele "ainda permanece nebuloso pela carência de estudos sistemáticos que desvendem suas peculiaridades e dimensionem suas tendências", explica o

professor catedrático de jornalismo e pesquisador José Marques de Melo, no prefácio do livro "As mudanças no mundo do trabalho do jornalista" (2013, n.p).

A obra é resultado da pesquisa *O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo: Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo (2009-2012)*, realizada pelos pesquisadores da ECA-USP, Fígaro, Nonato e Grohmann (2013), que exploraram as mudanças estruturais da profissão ao longo dos anos e chegaram a algumas conclusões.

> Nos últimos 20 anos o trabalho do jornalista mudou muito. As mudanças tecnológicas apropriadas no fazer jornalístico redesenharam as maneiras de se trabalhar. As redações ganharam outro formato, outro ritmo, muitas profissões desapareceram. As novas gerações que chegam ao jornalismo não fazem ideia das mudanças culturais ocorridas e que as separam dos profissionais de décadas passadas (FÍGARO, 2013, p. 7).

Na visão de Nonato (2013, p. 199), "há nessa categoria profissional uma forte marca de diferenças geracionais, as quais implicam em diferentes hábitos culturais e diferentes relações com as mudanças, sobretudo, tecnológicas no mundo do trabalho". Fígaro (2013, p. 45) corrobora e diz que as diferenças se dão em função da idade e tempo de carreira, no entanto, "fatores geracionais relacionados às mudanças nos processos tecnológicos e organizacionais do trabalho, demonstram que a transição entre um perfil e outro ainda está em andamento".

Melo (2003) já havia observado essa situação a partir da lente geracional, levantando um questionamento que dá margem à investigação acadêmica:

> Com frequência, os estudantes me pedem informações sobre a carreira acadêmica de pesquisador. Demonstram propensão para concluir o bacharelado, entrando diretamente na pós-graduação, sem fazer estágio profissional ou ao menos observar como as empresas operam no dia-a-dia; A nova geração renuncia precocemente ao exercício profissional: Essa é a pergunta que paira no ar (MELO, 2003, p. 253-254).

Dados como esses sugerem que o trabalho aqui apresentado é inédito. Tendo a capital de Mato Grosso do Sul como cenário principal, a pesquisa pode colocar o estado em evidência e, ainda, apontar caminhos para que estudantes, pesquisadores e profissionais do jornalismo, além de empresários do ramo da comunicação, repensem a atividade e prática profissionais a partir da perspectiva de quem vive, de fato, a realidade da profissão. Entre os avanços esperados, pretende-se diagnosticar soluções para possíveis conflitos encontrados e, com isso, sinalizar uma nova cultura de vida e trabalho no campo do jornalismo, seja por meio de readequações ou de novos projetos empresariais na área.

Para atingir de maneira eficiente o tema proposto, foram utilizadas pesquisas bibliográfica e documental para revisão de literatura, além da entrevista em profundidade com questionário semiestruturado na coleta de dados junto a profissionais e, por fim, a Análise de Conteúdo na interpretação dos resultados. Foi adotada a amostragem não-aleatória, estratificada de acordo com a faixa etária dos respondentes do Censo 2017 realizado pelo Sindjor-MS. Em conjunto, os métodos conferem à pesquisa um caráter quali-quantitativo.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro fundamenta o conceito de geração, oferece parâmetros para identificação e enquadramento de grupos geracionais e apresenta as características das três gerações trabalhadas na pesquisa (*Baby Boom*, X e Y), sem deixar de mencionar a anterior (*Belle Époque* ou Tradicional), as subsequentes (Z e *Alpha*) e aquelas que podem surgir no futuro (Gama e Delta).

Nesta parte, a metodologia utilizada no estudo também é exposta. Ela se estabelece a partir da união de pesquisas exploratória, bibliográfica, documental e descritiva, provenientes de fontes primárias e secundárias, com método hipotético-dedutivo e abordagem quali-quantitativa. A Entrevista em Profundidade foi o recurso escolhido para a coleta de dados junto a um grupo de 15 informantes da mídia imprensa, online, televisiva e radiofônica. Os participantes foram selecionados por meio de amostragem intencional/não-aleatória. A interpretação dos resultados foi feita a partir da Análise de Conteúdo.

O segundo capítulo faz um percurso histórico sobre o jornalismo como profissão e as mudanças provocadas pelas inovações tecnológicas, que alteram o perfil do profissional ao longo dos anos. Nesta parte, o conceito de valor, extraído principalmente da filosofia, é trabalhado, assim como o *habitus* profissional - princípio gerador e regulador das práticas e representações cotidianas. Terceiro capítulo se volta às análises, que foram divididas em grupos geracionais.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo fundamenta o conceito de geração a partir de campos distintos do conhecimento. Da construção por filósofos e sociólogos clássicos ao didatismo e *marketização* das nomenclaturas conhecidas atualmente em outras áreas, é possível entender que o assunto não é novo, mas sempre pode apresentar nova roupagem, uma vez que a sociedade está em constante mudança, assim como os sujeitos sociais, permitindo estudos a partir de comportamentos comuns, individuais e/ou em grupo.

Neste caso, jornalistas profissionais de diferentes faixas etárias, que se inter-relacionam e, portanto, oferecerem base para compreensão do mercado regional na atualidade. Juntos, eles formam a imprensa local em Campo Grande (MS), ditam o rumo das notícias e, além disso, o caminho do ofício para as velhas e novas gerações.

O capítulo ainda discorre sobre as características pessoais e profissionais de três grupos geracionais em que esses trabalhadores se enquadram, apresenta a metodologia utilizada na pesquisa, que tem foco comunicacional, e os dados para recorte da população analisada.

1.1 As gerações

A explicação mais básica para a palavra geração vem do dicionário. O de Português Contemporâneo, elaborado pela Unesp (Universidade Estadual Paulista), apresenta algumas definições, dentre elas: "Conjunto de indivíduos nascidos em uma mesma época" (BORBA, LONGO, et al., 2004, p. 675). Da sociologia vem o peso do conceito, útil especialmente aos demógrafos, que estudam, entre outros acontecimentos, as transformações sociais. No dicionário próprio da área, o verbete é conceituado como "o número de anos transcorridos entre o nascimento de um grupo de pessoas e o nascimento de seus filhos" (JHONSON, p. 116, 1997).

De forma mais concisa e no âmbito familiar, geração, segundo o autor, pode ser definida como um grupo de indivíduos, com grau de parentesco, que ocupam a mesma posição na família, como os netos de um mesmo conjunto de avós. No sentindo mais amplo e, por isso, sujeito a imprecisões, trata-se de um grupo de pessoas nascidas aproximadamente na mesma época.

Erickson (2011, p.3) segue a mesma lógica, mas vai além, ao classificar geração como "um grupo de pessoas que, com base na faixa etária, compartilham não só uma localização cronológica na história, mas também as experiências a ela associadas". A autora assegura que essas experiências, quando compartilhadas, levam à formação de comportamentos e crenças em comuns. Logo, o que vemos e ouvimos determinam o que valorizamos, em que confiamos, de que forma medimos o sucesso, como nos posicionamos e estabelecemos o papel do trabalho em nossas vidas.

Feixa e Leccardi (2010, p. 185) afirmam que, em termos sociológicos, o conceito de geração tem suas primeiras referências em Auguste Comte, filósofo francês, e Wilhelm Dilthey, filósofo alemão, ambos autores do século XIX. Foram eles que deram base para as reflexões sobre o assunto no século XX. Karl Mannheim, sociólogo judeu, é o fundador da abordagem moderna, sendo seguido, posteriormente, pelos filósofos José Ortega y Gasset e Antonio Gramsci e, finalmente, pela teoria apresentada pelo sociólogo inglês Philip Abrams.

Comte tem uma visão mecânica, quase matemática, que vem do início da sociologia. O tempo, para ele, é quantitativo e mensurável. Desta forma, biologizado, o organismo social fica sujeito ao desgaste, assim como o humano. Nesta concepção, continuidade é a palavra-chave e o progresso – linear - é associado às novas gerações, que substituem as antigas.

De acordo com Feixa e Leccardi (2010, p. 187), “Comte afirmou que o ritmo pode ser calculado simplesmente pela medição do tempo médio necessário para que uma geração seja substituída - na vida pública - por uma nova (30 anos)”. Esse período corresponde a duração média da vida produtiva de um indivíduo. Vale ressaltar que a estimativa do filósofo francês se refere ao período em que ele viveu (século XIX).

Hoje, a expectativa de vida no mundo é bem maior. Segundo o relatório *World Health Statistics: Monitoring Health for the SDGs*, da OMS (Organização Mundial da Sáude), divulgado em 2016, a estimativa de vida no mundo, em 2015, havia subido 5 anos (desde 2000)

e superava os 82 anos em 12 países[2]. Do lado oposto, com 60 anos, apareciam 22 países, todos da África Subsaariana[3].

O Brasil surgiu com indicador intermediário (75 anos), acima da média global e, nas Américas, "à frente de países como Bolívia (70,7 anos) e Paraguai (74) e bem atrás de Chile (80,5), Cuba (79,1), Estados Unidos (79,3) e Uruguai (77)" (ONUBR, 2016). Mas de 2015 para 2016, a esperança de vida do brasileiro, ao nascer, passou de 75,5 para 75,8. Em todo o país, de 1940 até 2016, o aumento foi de 30,3 anos[4] (IBGE, 2017).

Dilthey foi na contramão do pensamento de Comte, indicam Feixa e Leccardi (2010. A abordagem do filósofo alemão é histórico-romântica. Ao contrário do filósofo francês, que se volta à sucessão de gerações de maneira biologizada, ele prefere se ater à qualidade dos vínculos que os indivíduos mantêm em conjunto, independente da era a qual pertencem.

O tempo, neste caso, é visto como qualitativo, marcado por influências históricas comuns - de ordem intelectual, social e política -, e acontecimentos compartilhados. "Em termos mais gerais, para Dilthey as experiências históricas delimitam o pertencimento a uma geração, porque se fundem na existência humana" (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 188).

Distanciando-se da abordagem biológica (quase matemática) de Comte e da visão romântico-histórica de Dilthey, mas tendo-as como base, o sociólogo judeu Karl Mannheim apresentou, no século XX (1928), outra análise, que foi um divisor de águas na história sociológica do conceito. O maior interesse do fundador da abordagem moderna "foi o de incluir as gerações em sua pesquisa sobre as bases sociais e existenciais do conhecimento em relação ao processo histórico-social" (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 189).

Avaliando o "choque" entre o tempo biográfico e histórico, campo fértil para o estudo das mudanças sociais e suas dinâmicas, ele diz que "as gerações podem ser consideradas o

---

[2] Suíça (83,4 anos), Espanha (82,8), Itália (82,7), Islândia (82,7), Israel (82,5), França (82,4), Suécia (82,4), Japão (83,7), Cingapura (83,1), Austrália (82,8), Coreia do Sul (82,3) e Canadá (82,2).

[3] Serra Leoa (50,1 anos), Angola (52,4), República Centro-Africana (52,5), Chade (53,1), Costa do Marfim (53,3), Lesoto (53,7) e Nigéria (54,5).

[4] Dados da Tábua Completa de Mortalidade, divulgada pelo IBGE desde 1999. Levantamento é utilizado como parâmetro do fator previdenciário, para cálculos de valores relativos à aposentadoria dos trabalhadores que estão sob o Regime Geral da Previdência Social.

resultado de descontinuidades históricas e, portanto, de mudanças". Em outras palavras, Mannheim afirma que a presença de eventos históricos "quebram" a continuidade de uma geração, demarcando o antes ou depois, na interpretação de Feixa e Leccardi (2010, p. 189).

Ele garante ainda, citam as autoras, que uma geração não é formada por uma data de nascimento comum, mas por experiências e estilos de pensamentos compartilhados pelos sujeitos sociais de uma mesma época e faixa etária, em uma conexão coletiva e também particular, o que permite a criação de vínculos.

Assim como Ortega y Gasset e Gramsci, que discorreram sobre o assunto mais tarde focados na Espanha e Itália, o sociólogo inglês Philip Abrams, também citado no estudo, ampliou essa perspectiva para o mundo ao relacionar, mais de 50 anos depois (em 1982), a noção histórico-social de geração à identidade, enfatizando a estreita ligação entre tempo individual e social. Abrams defende que individualidade e sociedade são construções históricas e, por isso, é preciso analisar as mudanças ao longo do tempo, bem como suas interconexões.

> Mas de que forma esta conexão entre identidade e geração é realizada? Para Abrams uma geração, no sentido sociológico, é o período de tempo durante o qual a identidade é construída a partir de recursos e significados que estão socialmente e historicamente disponíveis (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 190-191).

Para Abrams, as gerações não são estabelecidas de maneira biológica e sucessiva, como sugeria Comte. Elas são produzidas de acordo com as mudanças sociais, que criam novas identidades e possibilidades de ação. Na era pré-moderna, por exemplo, uma geração podia durar centenas de anos ou nunca ser substituída, porque a sociedade, neste período, não enfrentava grandes e significativas transformações.

Portanto, sob esse prisma é possível dizer que não há um padrão de tempo para mensurar sua duração. Uma geração pode ter 10 anos ou vários séculos. O início é marcado por descontinuidades históricas dominantes. O fim, por outro lado, depende de novos e grandes eventos históricos - de ordem econômica, política e cultural. Eles "tornam o sistema anterior e as experiências sociais a ela relacionadas sem significado" (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 191).

Ou seja, para Abrams, é a mudança que produz uma geração anterior ou posterior. Ela é o lugar "em que dois tempos diferentes - o do curso da vida, e o da experiência histórica - são sincronizados" (FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 191). Central para a definição do conceito

defendido pelo sociólogo inglês, essa fusão é responsável também pela definição de novas identidades sociais.

Como bem observaram os pesquisadores, desde a origem, o conceito de geração foi trabalhado por diferentes autores (entre os citados estão Comte, Dilthey, Mannheim, Ortega y Gasset, Gramsci e Abrams), mas a noção social atual que se têm sobre o assunto foi desenvolvida a partir de três momentos históricos, correspondentes a três quadros sociopolíticos.

No período entreguerras, durante os anos 1920, as formulações filosóficas se deram em torno do chamado revezamento geracional - sucessão e coexistência de gerações. O "problema geracional" ou conflito geracional surgiu como teoria em 1960. O terceiro período, e o mais atual, apareceu 30 anos depois e fez parte da infância e adolescência de jovens que hoje estão na universidade e entrando no mercado de trabalho.

> A partir de meados dos anos 1990, com a emergência da sociedade em rede, surge uma nova teoria em torno da noção de "sobreposição geracional". Isto corresponde à situação em que os jovens são mais habilidosos do que as gerações anteriores em um centro de inovação para a sociedade: a tecnologia digital (TAPSCOTT 1998; CHISHOLM, 2005 apud FEIXA e LECCARDI, 2010, p. 185-186).

Na sociologia, Pansani (2018) classifica conflito como uma competição consciente e pessoal; uma forma de luta social, que surge quando os indivíduos ou grupos procuram enfrentar, destruir, derrotar ou eliminar um antagonista. Essa competição pode ser, por exemplo, decorrente de um conflito cultural - que é o choque de valores culturais entre humanos - ou mental, provocado por motivações incompatíveis, campo fértil para uma explicação psicológica.

À luz da psicologia, Cabral e Nick (2006, p. 68) afirmam que conflito é o "funcionamento simultâneo de impulsos opostos ou contraditórios", desencadeados por sentimentos ou tendências antagônicas. O autor afirma que, como fonte de frustração, o conflito tem sido estudado pela psicologia do comportamento e ajustamento em diversas variedades de situações. Entretanto, "quando os conflitos são entre valores ou são de natureza essencialmente moral, dá-se lhes o nome de conflitos internos".

Ele apresenta, de forma resumida, quatro tipos de conflitos, começando pelo conflito atual, "expressão psicanalítica usada por Freud para indicar o funcionamento presente (*aktuel*) de um antagonismo entre um desejo consciente e um inconsciente". O segundo, básico, "está

entre as tendências neuróticas fundamentais de se aproximar de uma pessoa, de se distanciar dela ou de agir contra ela.

O terceiro, conflito central, é o intrapsíquico, entre as forças construtivas do eu real e as obstrutivas do eu idealizado. Quarto da lista, o conflito de situação ou situação de conflito, caracteriza-se pela dominação de um indivíduo por duas forças opostas. O autor explica: "Por exemplo, ter de realizar uma tarefa muito desagradável, que preferia não fazer, e saber que será punida se não a executar" (CABRAL e NICK, 2006, p. 68)

A administração é outra área em que a palavra conflito tem definição correlata, especialmente nos estudos de comportamento organizacional. Robbins (2005, p. 268) o classifica como "a percepção de diferenças incompatíveis, que resulta em interferência ou oposição. Essa definição abrange uma gama ampla de ações – desde atos abertos e violentos até formas sutis de desacordo".

No mercado de trabalho, tensionamentos desta natureza têm como reflexo, entre outros fatores, a perda de motivação, também lido como a "disposição de exercer um nível elevado e permanente de esforço em favor das metas da organização" (ROBBINS, 2005, p. 342).

Como conceito, a palavra conflito ainda não aparece em conhecidos dicionários de comunicação e jornalismo, a exemplo dos elaborados por Filho (2014) e Bahia (2015), embora possíveis incompatibilidades também possam ser uma realidade da área, uma vez que elas não se limitam a uma profissão específica, mas aos sujeitos, trabalhadores de qualquer segmento, que estão longe de serem robôs. Como humanos que são, jornalistas podem enfrentar embates nos relacionamentos interpessoais.

A diferença de uma geração para outra pode produzir conflitos, isto porque ideais de um mesmo grupo às vezes tornam-se valores sem sentido para outro. Se no âmbito pessoal isso pode trazer problemas, no profissional a situação também pode acabar criando disputas prejudiciais para todo o ambiente corporativo (ANDRADE, CORREA, *et al.*, 2012). Sendo assim, é salutar questionar: existe conflito de gerações entre jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS)?

1.2 Nomenclaturas

Se a sociologia se encarregou do conceito e das formulações teóricas, também foi responsável - ao lado de áreas correlatas como psicologia, administração, *marketing* e

comunicação - por nomear os períodos dividindo o tempo a partir de acontecimentos históricos, facilitando assim a leitura, entendimento e estudo por parte de especialistas e o público geral interessado no assunto.

A abordagem se dá desde o início da década de 1920, com a chamada geração *Belle Époque* ou Tradicional, até a mais recente, denominada *Alpha*, dos nascidos a partir de 2010 (JÚNIOR, LIMA, *et al.*, 2016). Entre uma e outra, surgiram mais quatro: *Baby Boom*, X, Y e Z. O nome dado à primeira tem relação com a "era de ouro" na França em meados do século XIX, período marcado por avanços artísticos, tecnológicos, paz e harmonia. *Baby Boom* ("Explosão de Bebês" na tradução literal) representa o crescimento populacional mundial a partir dos anos 1940. As nomeações paras as demais (X, Y e Z) vieram do alfabeto latino, o mais utilizado no mundo.

Como desde a X usaram-se as letras do alfabeto latino para denominar as diferentes gerações, que são sucessivas, não faria sentido voltar o início ou adotar sinais fora de ordem, porque causaria estranhamento e confusão. Mas o problema logo foi resolvido.

> A solução foi dada por diversos sociólogos de uma forma simples: Iniciar os nomes das próximas gerações através do alfabeto Grego. E, de preferência iniciar pela primeira letra desse alfabeto. Assim, a letra Alfa (α em Grego ou Alpha, em inglês) já está definida como o nome da geração nascida a partir de 2010 (SERRANO, 2011).

Tapscott (2010) enumera quatro gerações: *Baby Boom*, X, Y e Z. Segundo ele, os b*oomers* nasceram entre janeiro de 1946 e dezembro de 1964, enquanto a Geração X é classificada pelos nascidos entre janeiro de 1965 e dezembro de 1976. A Y é composta por membros nascidos entre janeiro de 1977 e dezembro de 1997. A Z é formada por jovens que vieram ao mundo a partir de janeiro de 1998.

Na tentativa de contemplar indivíduos que apresentam comportamentos geracionais mistos, Erickson (2011) prefere usar uma linha cronológica mais elástica. De acordo com a autora, à Geração *Baby Boom* pertencem os nascidos de 1946 a 1964 (ou 1961). A X contempla as pessoas que nasceram de 1965 (ou 1961) a 1979.

A Y tem como base a data de nascimento entre 1980 e 1995. A Z, que na época ela propôs chamar de *Re-Generation* ou *Re-Gens*, refere-se aos nascidos entre 1995 e 1997 em diante. As diferenças (que serão tratadas adiante) ocorrem em razão de fatores subjetivos

adotados por cada pesquisador, que avaliam ou não outros contextos, além do ano de nascimento de uma pessoa, para um enquadramento mais representativo.

Embora não utilize uma faixa cronológica flexível como Erickson (2011), Machado (2015) também não se vale de uma data exata para delimitar a geração *Baby Boom*, mas diz que pertencem a ela os que nasceram pós-Segunda Guerra Mundial (o conflito chegou ao fim em 1945). Para as outras, o pesquisador se vale das décadas. Sustenta que a geração X representa os nascidos após os anos 1960, a Y após 1980 e a Z depois de 1990.

Anterior à Baby Boom existiu a Geração dos Tradicionalistas, lembra Erickson (2011), que apresenta como referência os nascimentos ocorridos entre 1920 e 1945. Oliveira (2012) os menciona, mas se refere ao período como *Belle Époque*, segundo ele, dos nascidos entre 1920 e 1930. O autor também classifica as gerações sequentes e diz que pertencem à *Baby Boom*, X, Y e Z os nascidos nas décadas de 1940-1950, 1960-1970, 1980-1990 e 2000-2010, respectivamente.

Na literatura especializada é difícil encontrar concordância nas classificações das gerações. Os cortes cronológicos feitos por Tapscott (2010) e Erickson (2011), por exemplo, apresentam diferenças de até três anos. As faixas geracionais podem variar, mas para Oliveira (2016) existe uma classificação mais difundida e aceita. Apresentada no parágrafo anterior, ela não mudou desde 2012.

> Ao longo da história, sempre se observou o convívio de quatro gerações na sociedade, composta pelos avós, pais, filhos e netos. Esse sempre foi o contexto familiar observado e aceito. Quando havia alguma alteração nessa dinâmica, evidentemente era uma clara exceção causada por fatores incomuns, como famílias compostas de muitas mulheres que tiveram seus filhos no final da adolescência, próximo dos 17 anos. Dependendo do modo como a família é formada, há casos de até seis gerações convivendo ao mesmo tempo. Certamente o cenário atual contempla uma alteração nessa dinâmica, fazendo com que a exceção seja agora uma regra. Isso ocorreu porque nos últimos anos a expectativa de vida foi ampliada de forma significativa em todo o mundo (OLIVEIRA, 2016, p.30-31).

A existência de uma sexta geração é um fato. Batizada de Alfa - ou *Alpha*, ela é composta por indivíduos nascidos a partir de 2010. Na linha cronológica geracional, esse grupo é, em 2018, o mais atual e deve permanecer assim até pelo menos 2024, quando dará lugar à Geração Beta, que deve fazer história de 2025 a 2039. Pensando no futuro, pesquisadores já especulam nomenclaturas para serem utilizadas a partir de 2040, ano em que a sétima geração deve nascer, e assim sucessivamente.

Fala-se, por enquanto, em Geração Gama. Depois dela, virá, ao que tudo indica, a Delta (MCCRINDLE, 2015). Apesar das inúmeras terminologias, originadas nos alfabetos latino e grego, o autor deixa claro que os rótulos pouco importam, ao contrário das características, que ajudam a compreender padrões de comportamento e consumo, por exemplo.

Ainda assim são poucos os estudos disponíveis sobre o presente, já dominado pelas crianças superconectadas, familiarizadas e cada vez mais aptas com a tecnologia de um mundo onde o consumismo tende a ser exagerado. A elas o futuro, próximo, deverá reservar, segundo as previsões mais otimistas, um maior nível educacional. As crianças desta época poderão vivenciar, inclusive, um novo sistema escolar: com foco no aluno, ao invés do conteúdo. A Geração *Alpha* será a responsável pelas grandes transformações (VIEGAS, 2015).

Embora os acontecimentos históricos e as características profissionais das gerações *Bélle Epoque*, Z e *Alpha* sejam interessantes e mereçam a devida atenção, elas não serão exploradas a fundo aqui, já que a presente pesquisa tem como foco as características geracionais de jornalistas que atuam no mercado de Campo Grande (MS). E o cenário regional, como foi apresentado, é formado por profissionais com idades que variam entre 23 e 64 anos (SINDJORMS, 2017), pertencentes, portanto, à *Baby Boom*, X e Y, que serão conceituadas adiante.

1.3 Faixas elásticas e fatores subjetivos

Os cortes geracionais não têm uma data limite exata, ao contrário, "diversos estudos, linhas de pensamento, ideologias e pesquisadores consideram datas diferentes para o início e término" (LIMA, 2012, p. 15). Oliveira (2016) afirma que identificar uma geração apenas pelo período de nascimento não é tarefa tão simples. Para ele, existem, de fato, outras questões e fatores que interferem na formação do indivíduo como ser humano. Educação, padrão econômico, família e localização são alguns deles.

Por esse motivo, os acontecimentos coletivos, sociais, culturais e principalmente os aspectos comportamentais de fácil identificação têm sido mais considerados nas classificações geracionais. O autor deixa claro que "quando se escreve sobre gerações, é preciso considerar os diversos fatores que ajudam a entender o tema, principalmente o conceito que é mais aceito pelos estudiosos - a “separação da sociedade pela idade cronológica" (OLIVEIRA, 2016, p.25).

Mas ele também reconhece que há uma subjetividade presente nessas avaliações e enquadramentos, ao afirmar que a questão é mesmo abstrata, pode gerar dúvidas e especulações de diferentes níveis. Este fato, no entanto, não invalida o método, defende.

> [...] não é incorreto utilizar uma classificação que tenha como objetivo apontar diferenças comportamentais resultantes de períodos históricos com grandes movimentos sociais que interferiram e continuam interferindo na sociedade (OLIVEIRA, p, 25, 2016).

Para Calliari e Motta (2012, p.7-8), "a abordagem geracional, que é como se denomina a maneira de fazer leituras dos rumos e atitudes dos grupos, ou mesmo dos indivíduos, com base no contexto e que foram criados e vivem", é um recurso de compreensão social bastante importante. Eles destacam que, no Brasil, essa é uma fonte de pesquisa relativamente nova, ao contrário dos Estados Unidos. Prova disso é que autores norte-americanos chegaram a realizar classificações retroativas, desde 1564, e futuras, até 2069.

Ainda assim, segundo Lima (2012), não existe classificação incontestável e definitiva, apenas adequações que levam em conta as culturas e os contextos sociais. O autor deixa claro que algumas pessoas podem ter nascido em uma geração e sentir-se pertencentes a outra, anterior ou subsequente, devido a capacidade humana de adaptação a diferentes padrões de realidade e comportamento, por isso, novamente, alerta:

> [...] nenhuma característica apontada para determinar uma geração deve ser analisada isoladamente. Somente analisando o conjunto das mesmas é possível ter um painel mais confiável para definir alguém de acordo com a geração a qual pertence (LIMA, 2012, p. 16).

O contexto não pode ser ignorado, reforça Erickson (2011, p. 4), ao dizer que o local onde o indivíduo nasceu, cresceu e mora, além da situação socioeconômica da família e a filosofia de vida dos pais, entre outros fatores, devem ser levados em consideração, “mas são os eventos comuns de maior destaque que concedem à sua geração as características que a determinam”.

Sob essa ótica, pode-se dizer então, como bem assegura Johnson (1997), que uma geração pertence à determinada época, a exemplo dos nascidos durante a Grande Depressão, também conhecida como a Crise de 1929, ou os Oitocentistas, que viveram no século XIX. O adjetivo, neste último caso, está ligado à cultura de um período específico da história.

Pesquisadores que estudam o tema divergem quanto à data de início e fim das gerações, mas pelo menos concordam com relação à década, adianta Lima (2012). Calliari e Motta (2012)

explicam que os anos podem ser esticados para frente ou para trás, apesar dos marcos históricos que as caracterizam.

Isso implica dizer que as estimativas, como o próprio nome sugere, não constituem nada em definitivo, assim como o período de nascimento não define diferenças radicais ou semelhanças exatas entre as pessoas. Até porque, conforme explicado acima, cada sujeito vem de um lugar, carrega uma história particular de vida e enxerga a sociedade pela própria lente, de acordo com as experiências vivenciadas ao longo dos anos.

1.3.1 Geração *Baby Boom*

Baby Boom é o nome dado à geração de indivíduos nascidos entre 1946 e 1960, pós-Segunda Guerra Mundial. Em 2018, eles têm idades que variam 58 e 72 anos. Na tradução literal para o português, o termo significa "explosão de bebês" e indica o crescimento demográfico no mundo ocorrido depois do conflito, que acabou em 1945 (MACHADO, 2015).

Embora o crescimento da natalidade tenha sido mais forte nos Estados Unidos, Canadá e Austrália, no mundo essa geração totalizou 81 milhões de pessoas. Foi uma época de grande esperança e otimismo, fortalecida pelo fim da guerra e o aquecimento da economia. Por isso, a *Baby Boom* também pode ser chamada de Geração do Crescimento Econômico (TAPSCOTT, 2010).

Machado (2015) afirma que as transformações socioeconômicas provocadas pela nova população jovem alteraram as estruturas do mercado de trabalho. Mais ofertas de emprego, produção e criação de novos produtos aliados à tecnologia, foram algumas das consequências.

No Brasil, especificamente, os *baby boomers* começaram a trabalhar cedo, ainda na infância. Com sete ou oito anos os meninos arrumavam bicos, de engraxate, por exemplo. Com nove, alguns viravam balconistas em casas comerciais. Antes dos 18 garantia-se emprego fixo. No entanto, as leis trabalhistas nesta época protegiam mais os patrões, em detrimento dos empregados.

Entre várias questões, destaque para as jornadas excessivas, atividades desgastantes, também perigosas, e o não pagamento de horas extras. *Baby boomer* nascido em 1948, o autor compartilha a própria experiência para dar luz ao assunto:

> Comecei no meu primeiro emprego com 12 anos de idade. Era chamado pelo chefe do clã, empresa familiar, de menino. Era menino daqui, menino dali, fazia serviços

> de faxina, de office-boy, de telefonista e até de frentista de posto de combustível, por vezes tinha que encher toda a carga de tambores de 200 litros que lotavam a carroceria dos caminhões, era um trabalho árduo, em um sol escaldante ou em uma chuva fina, pois as bombas de combustível ficavam a céu aberto (MACHADO, p. 36-37, 2015).

Além do trabalho infantil, Machado (2015) lembra dos movimentos migratórios de jovens em busca de formação profissional, melhores condições de vida e emprego nas grandes cidades como São Paulo, onde conseguir ocupação era relativamente fácil por conta da industrialização. Por outro lado, o crescimento profissional vinha com muito esforço e exigia dedicação. E isso significava não apenas vestir paletó e gravata e, sim, permanecer por anos, às vezes décadas, em uma única empresa.

Fazer carreira era o objetivo da maioria dos trabalhadores que precisavam estar preparados para o mercado e as inovações da época. Para operar as máquinas de escrever, era obrigatório ter curso de datilografia, que podia ser feito sozinho, com manual de instruções. Elas reinavam nos escritórios, ao lado de outros equipamentos, como as máquinas de calcular, o telefone e, mais tarde, telégrafo e fax.

Discorrendo sobre os hábitos da sociedade norte-americana, que têm reflexo em nível mundial, Tapsctott (2010) destaca que tecnologia e o impacto das comunicações marcaram a Geração *Baby Boom*, mas um aparelho em especial a moldou. A televisão foi, para os *boomers*, a descoberta do século. Por meio dela muitos acompanharam, ainda crianças e adolescentes, acontecimentos que marcaram o mundo.

Erickson (2011) lembra que a adolescência dos *boomers* foi cheia de causas e revoluções, com acontecimentos em várias partes do mundo. Essa geração testemunhou a morte de grandes líderes idealistas, vivenciou a Guerra do Vietnã, acompanhou os protestos generalizados e o movimento pelos direitos civis, entre outras situações.

Na visão da autora, crescer nesse cenário fez com que muitos acreditassem que as coisas não caminhavam bem e era preciso fazer algo para transformar a realidade. Por necessidade, mas também ideologia, eles encararam o trabalho cedo, com força e entusiasmo, seguiram as regras estabelecidas e alcançaram, depois de muito batalhar, a hierarquia empresarial.

Por isso, argumenta, os profissionais dessa geração hoje têm predileção pelo sistema meritocrático e usam o dinheiro, assim como a posição, para medir o sucesso na carreira. Aprigio (2013) sustenta que a Geração *Baby Boom* foi educada de forma rígida e aprendeu a seguir regras padronizadas, se tornando mais disciplinada e obediente. Uma das características

principais desse grupo é a resistência à mudança no local de trabalho. A principal preocupação está na busca pela estabilidade.

De acordo com ela, os *baby boomers* costumam ser leais, disciplinados e formais. Não se abrem muito para questionamentos, demonstram compromisso, gostam de consistência e uniformidade. Liderar, para muitos, é o mesmo que comandar. Com forte sentido de dever, investem de forma conservadora, mantém longo vínculo e enxergam o trabalho como prioridade, por isso vestem a camisa da empresa, sem se preocupar, por exemplo, com questões relacionadas à qualidade de vida.

Machado (2015) pontua que as novas tecnologias digitais não fizeram parte da infância e adolescência dos *boomers*, por isso eles costumam apresentar dificuldades para operar equipamentos e sistemas atuais, o que não diminui a importância desta geração, inovadora para a época, no desenvolvimento tecnológico atual em todo o mundo.

> É fácil perceber o quanto a geração Baby Boom foi representativa no desenvolvimento da economia e da cultura no mundo contemporâneo. As inovações tecnológicas dos tempos atuais são consequência dos feitos dessa geração nos anos 1960 a 1970, época em que a humanidade se modernizou em apenas duas décadas, o que não havia conseguido em milhares de anos. (MACHADO, 2015, p. 95).

O autor deixa claro que, embora o tempo seja implacável para todos, e a geração *Baby Boom* tenha envelhecido e sido superada pela X, que viu a Y nascer, todas ainda convivem juntas, inclusive nas empresas, mesmo que a preponderância de uma sobressaia à outra. E normalmente, por conta das diferenças (de idade, ideais e objetivos de vida), elas se atritam.

1.3.2 Geração X

A explosão demográfica serviu de rótulo para a Geração *Baby Boom* e a implosão valeu à X, também conhecida como *Baby Bust* (quebra, falência de bebês, na tradução literal), embora esse nome não tenha pegado. Pertencem a ela, segundo Tapscott (2010), os nascidos entre 1965 e 1979, hoje adultos com idades que variam entre 39 e 53 anos.

Mas não há concordância quanto a essas datas, já que “muitos dos nascidos entre 1961 e 1964 preferem ser denominados X”, por se identificarem com os valores deste grupo (ERICKSON, 2011, p. 6). Considerando os oscilantes, previstos anteriormente, a faixa etária dos X estende-se, em 2018, para 56 anos.

Na época em que os X nasceram, lembra a pesquisadora, não havia mais o otimismo do pós-guerra, mas um ambiente de incertezas, marcado por intensas transformações sociais. Era o início da Ditadura no Brasil, cujo regime foi instaurado por meio de um golpe militar em 1964. Neste período, boa parte dos países estava com a economia estagnada, por isso o trabalho precoce, ainda na adolescência, foi uma necessidade.

Em um cenário difícil, de restrições, os membros desse grupo encontraram um mercado com poucas vagas, ainda dominado pelos *boomers*. Eles testemunharam o desemprego entre adultos, as demissões em massa e enfrentaram uma severa reestruturação empresarial, que pôs em xeque o emprego vitalício, tão estimado pela geração anterior.

Marcos econômicos desfavoráveis fizeram parte da vida adulta, destruindo a confiança, o idealismo e criando expressivos desafios na carreira. De acordo com Oliveira (2012):

> Foi também nessa época que surgiu, nos Estados Unidos, o termo *workaholic* (viciado em trabalho), que define muito bem o princípio de vida adotado pela geração X – o do trabalhador compulsivo. Pessoas viciadas em trabalho sempre existiram. No entanto, nas décadas de 1980 e 1990, a atitude *workaholic* tornou-se comum (OLIVEIRA, 2012, p. 49).

A realidade, catastrófica, moldou a vida profissional dos X. Aprigio (2013) destaca que essa geração é composta por profissionais que valorizam o trabalho e buscam ascensão, sendo dedicados, independentes, autoconfiantes e experientes. Eles também vestem a camisa da empresa, como os *boomers*, mas não se detém a padrões tão rígidos, apesar de certo conservadorismo. São imigrantes digitais, que aprenderam a lidar com as novas tecnologias mais tarde.

Apesar disso, argumenta Erickson (2011, p. 31), a Geração X se tornou a primeira a ingressar no mercado utilizando computador e internet, ferramentas com as quais "transformaram e expandiram a tecnologia de modo inovador". Como característica deste grupo, ela destaca o senso de humor (inteligente, irreverente, sarcástico, cheio de ironia), a capacidade de inovação, o ponto de vista alternativo e a observação astuta.

Influenciados pela televisão, que "exerceu um papel importante na formação de uma base de entendimento mais abrangente" (ERICKSON, 2011, p.14), os X participaram e acompanharam grandes eventos políticos e viram o progresso científico e tecnológico, alguns com calorosos debates morais, como o nascimento do primeiro bebê de proveta em 1978 e clonagem humana de uma ovelha em 1997.

Para Erickson (2011), grandes acontecimentos mundiais, televisionados, fizeram com que essa geração fosse a primeira a desenvolver consciência global e ativismo social, tornando os nascidos nessa época mais tolerantes com a diversidade, no que diz respeito às questões de raça, gênero e orientação sexual, por exemplo. Talvez por isso, Tapscott (2010, p.25) não hesite em dizer que "os integrantes da Geração X estão entre os mais bem-instruídos da história".

1.3.3 Geração Y

A geração dos nascidos na década de 1980 é mais conhecida como Y, mas também recebeu o nome de *Millennials*, 2.0, Internet ou Digital, segundo Erickson (2011) e Calliari e Motta (2012), que utilizam a faixa de 1980 a 1995 como início e fim deste grupo. Tapscott (2010) os situa de maneira retroativa, com três anos de diferença, a partir de 1977, e prefere estender o término para 1997. Oliveira (2009) indica o começo em 1980, mas estica o fim para 1999.

Levando em conta as variações cronológicas e a mais extensa delas (1977-1997), pode-se dizer que os ípsilons têm, atualmente, em 2018, entre 19 e 41 anos. Eles são chamados, ainda, de Geração *Net* ou *N-Gen* (CODEÇO, 2015). É a "mais volumosa da história", com 51 milhões de nascidos só no Brasil. Em nenhum outro lugar o número é tão alto e representativo. Isso faz com que a pirâmide etária do país se transformasse em um "losango", sendo a parte mais larga correspondente os *millennials* (CALLIARI E MOTTA, 2012, p. 21).

No mundo, em 21 anos (janeiro/1977 a dezembro/1997), nasceram 81,1 milhões de crianças. Na Geração *Baby Boom* foram 77,2 milhões em 19 anos, contra 44,9 milhões da X em 12 anos (TAPSCOTT, 2010). Segundo Machado (2015), os ípsilons representam 20% da população global.

Calliari e Motta (2012) lembram que eles vieram ao mundo quando, no Brasil, os militares se despediam do poder, a democracia voltava a dar sinais de vida e o país ganhava força econômica. Com sede de liberdade, seus pais estavam dispostos a construir um novo país, com novos brasileiros, e começaram imprimindo um novo estilo de criação, diferente do que receberam. A hierarquia, antes estabelecida por meio do rigor e da cobrança, deu lugar ao afeto e ao diálogo.

Erickson (2011) afirma que os pais desta geração foram absorvidos pelas teorias humanistas da psicologia infantil. Segundo Oliveira, (2010) os que tiveram condições

financeiras buscaram preparar os filhos para ambientes de alta competitividade, colocando-os em cursos como de matemática, judô, idioma, natação ou qualquer outro que proporcionasse a expansão de suas capacidades mentais e físicas.

A verdade é que, na sociedade em que os ípsolons nasceram, o conceito de família já havia mudado, sendo bem diferente do tradicional - pai, mãe e filhos -, por isso os integrantes dessa geração não costumam se espantar, por exemplo, com pais separados, solteiros, casais sem filhos, meio-irmão ou homossexuais. Em outras palavras, "eles não se sentem amarrados a modelos preestabelecidos" (CALLIARI E MOTTA, 2012, p. 25).

E isso vale para o mercado de trabalho, onde o comportamento dos Y é capaz de estarrecer muitos X. "Audazes e diretos, eles emitem opiniões com liberdade, sem dar trela para hierarquia e sem o menor senso do que se consideraria o protocolo apropriado" (ERICKSON, 2011, p.47).

Aprígio (2013) reforça que este grupo é mais livre e aceita de forma natural a diversidade de raças, religiões e ambientes. Profissionalmente, tem forte autoestima, compromisso não negociável com valores e enfrentam, sem medo, posições de poder e autoridade, mas mostram interesse em aprender. Também se posicionam contra a burocracia, são ágeis, proativos, multitarefas e voltados para resultados. Querem, no entanto, qualidade de vida, por isso prezam por flexibilidade de horários e preferem roupas informais, por exemplo.

Para Calliari e Motta (2012), esses jovens são senhores de si e seguros, além de ágeis, sociáveis e colaborativos, porém, imediatistas e superficiais. Dispensam planejamento e antecipação. Procuram velocidade, realização instantânea e satisfação imediata. Na visão de Erickson (2011), impaciência é mesmo uma das características mais singulares deste grupo. Oliveira (2009) aponta a ansiedade, mas também a superficialidade, além do comportamento questionador, transitório e ambíguo.

A facilidade para lidar com inovações é outra das características atribuídas aos membros deste grupo, por isso os demais nomes dados a essa geração (*Millennials*, 2.0, Internet ou Digital), indicam uma relação próxima com a tecnologia. Codeço (2015) destaca que os ípsilons não só vivenciaram as transformações tecnológicas, como também acompanham a rápida e constante evolução, sendo, neste sentido, mais instruídos que seus pais. Machado (2015) afirma que eles estão sempre em busca de novas tecnologias e soluções inovadoras.

Calliari e Motta (2012) sustentam que a capacidade que esses jovens têm de fazer tudo ao mesmo tempo é uma das coisas que mais chamam a atenção das gerações anteriores. Eles passam horas trabalhando, navegando na internet, vasculhando o *Facebook* e enviando mensagens, por exemplo. É que, como os primeiros a crescer na era digital, os Y entendem a importância da interconectividade mundial.

Na visão dos autores, não restam dúvidas de que os recursos tecnológicos viabilizaram essa competência de realizar múltiplas tarefas. As ferramentas estão à disposição de todos, ponderam, mas a intimidade com os meios é atributo de poucos. Os ípsilons estão à frente. Sabem lidar com a tecnologia, porque nasceram e cresceram com ela.

Erickson (2011, p. 48) concorda e afirma que esses profissionais "jamais conheceram o mundo que não estivesse conectado. A onipresente tecnologia constitui parte essencial do funcionamento cotidiano deles", que desenvolveram uma competência tecnológica inconsciente. Oliveira (2009) frisa que essa aptidão se potencializou com a chegada dos computadores e, principalmente, a popularização da internet na década de 1990.

1.4 Metodologia

Embora esteja construída sob um problema comunicacional, com foco no jornalismo, a pesquisa se deu também a partir de áreas correlatas e vários suportes teóricos, cujo tema apresenta ligação direta, como a sociologia, filosofia, psicologia e a administração organizacional. Sendo assim, a utilização de mais de um método foi de fundamental importância no processo, tornando possível uma compreensão ampla e multidisciplinar do tema trabalhado.

O estudo foi dividido por etapas, que incluíram a exploração sistemática do assunto. Pesquisas exploratória, bibliográfica, documental e descritiva, provenientes de fontes primárias e secundárias, foram utilizadas para o desenvolvimento do referencial teórico, estabelecido a partir de abordagem qualitativa e quantitativa, sob método hipotético-dedutivo.

Na coleta de dados, a entrevista em profundidade, semiestruturada, foi adotada como padrão junto a um grupo de 15 informantes que representam membros das três gerações analisadas: *Baby Boom*, X e Y. Por fim, a extração de dados e intepretação dos resultados foi feita à luz da metodologia principal: a Análise de Conteúdo.

Demo (1985) afirma que pesquisa é a atividade básica e essencial da ciência. Por meio dela estuda-se a realidade social para sair da superfície, ir além do achismo ou senso comum, na tentativa de provar ou esgotar hipóteses que podem resultar em novas formas de conhecimento.

Para Gil (2008, p. 26), trata-se de "um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico", cujo objetivo é obter respostas válidas - e verificáveis - para problemas decorrentes de várias razões, como o de ordem intelectual, baseado no desejo de conhecer e agir. Cada estudo tem uma finalidade, por isso fala-se em pesquisa pura - voltada principalmente ao progresso científico, teorias universais, criação de leis, etc. - e aplicada, que "tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos" (GIL, 2008, p. 26-27). Essa última define a presente dissertação, que explora a atuação de jornalistas profissionais em seu ambiente de trabalho e, portanto, pode trazer consequências a curto, médio ou longo prazo.

Gil (2008) explica que é possível agrupar, de forma ampla, três níveis de pesquisa: exploratória (para modificar e esclarecer conceitos e ideias), descritiva (utilizada para descrição

de determinado grupo ou fenômeno) e explicativa, útil à apresentação de resultados e explicação de fatores que contribuem para o surgimento de fenômenos levantados pelos estudos exploratórios e descritivos.

Neste estudo, utilizou-se a pesquisa exploratória, que "têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores" (GIL, 2008, p. 27). A pesquisa descritiva, que permite estabelecer relações entre variáveis a partir da descrição de características de determinada população ou fenômeno, também foi empregada, especialmente na obtenção de dados relativos à faixa-etária, como prevê o autor.

> Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. (GIL, 2008, p. 28).

Cada pesquisa tem uma forma de abordagem, com técnicas e enfoques diferentes. Entre várias, destaque para a qualitativa, que, segundo Rampazzo (2005, p. 58), coloca em dúvida e questiona o valor das generalizações para um entendimento particular daquilo que se estuda. "O foco de sua atenção é centrado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados".

Por outro lado, a quantitativa, como o próprio nome sugere, busca chegar a explicações baseadas em precisões numéricas. "Se inicia com o estudo de um certo número de casos individuais, quantifica fatores segundo um estudo típico (servindo frequentemente de dados estatísticos) e generaliza o que foi encontrado nos casos particulares" (RAMPAZZO, 2005, p. 58).

Como esse trabalho visa a compreensão inicial do problema apresentado, e não um resultado exato e/ou generalizante, a abordagem qualitativa, conforme citado acima, foi utilizada de maneira ampla. A busca por entendimento do tema e público-alvo foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica em material já publicado, seguida da análise documental na obtenção de informações institucionais, além da entrevista em profundidade para coleta de dados junto aos participantes.

Referências estatísticas e informações numéricas sobre a população observada foram consideradas, conferindo à dissertação um caráter quali-quantitativo. Segundo Rampazzo

(2005, p. 58-59), "é possível conseguir um significado psicológico mais profundo quando se acrescenta à precisão que os números podem fornecer o procedimento da pesquisa qualitativa".

Devido à natureza do estudo, que ainda carece de dados fidedignos, oficiais, para mensuração mais abrangente do mercado local, tem-se o método hipotético-dedutivo, "que se orienta por deduções teóricas e hipóteses verificáveis na busca do estabelecimento de novos parâmetros teóricos", como base de raciocínio (DINIZ e SILVA, 2008, p. 16).

Para Stumpf (2009), a Pesquisa Bibliográfica, também chamada de Referencial Teórico ou Revisão de Literatura, é uma técnica - contínua e constante - utilizada na elaboração de trabalho acadêmico. De forma geral, trata-se do planejamento inicial, amplo, de qualquer estudo de natureza científica. Serve para identificar, localizar e obter bibliografia sobre o tema escolhido, fazendo com que o aluno entenda o assunto de forma mais global, assim como as teorias que o cercam a partir do pensamento de diversos autores. Dessa maneira, poderá fazer suas próprias considerações em um texto sistematizado.

> Num sentido mais restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico (STUMPF, 2009, p. 51).

A Análise Documental, por sua vez, "compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim". Adotada como método e técnica, é utilizada em diversas áreas do conhecimento, incluindo a comunicação (MOREIRA, 2009, p. 271). Já a Entrevista em Profundidade, de acordo com Duarte (2011, p. 62), "é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer".

Segundo o autor, trata-se de uma técnica clássica para obtenção de informações nas ciências sociais, com abordagem qualitativa, focada na intensidade das respostas, percepção e experiências dos informantes, sem preocupação com quantidade ou representação estatística. É, em resumo, uma pseudo-conversa ou, como explica, uma conversação orientada, que apresenta semelhanças com a entrevista jornalística, mas é realizada de acordo com um quadro teórico conceitual definido previamente, e obedece a critérios para validade e confiabilidade científica.

Embora seja dinâmico, flexível e útil para compreender e interpretar a realidade, descrever processos complexos e abordar questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, por exemplo, esse recurso metodológico tem caráter subjetivo, não proporciona uma visão objetiva do tema pesquisado e também “não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno” (DUARTE, 2011, p. 63).

O objetivo principal concentra-se apenas na tentativa de compreensão de uma situação ou problema, entretanto, "a triangulação de dados com o acréscimo de fontes diversificadas de evidências, como documentos, a observação e literatura e seu encadeamento consistente na etapa de análise, ajuda a garantir a validade dos resultados suportados por entrevistas em profundidade" (DUARTE, 2011, p. 68).

A Análise de Conteúdo adotada aqui, refere-se, em concepção ampla, a um "método das ciências humanas e sociais destinado à investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa". Nas pesquisas de comunicação de massa, ocupa-se, basicamente, da análise de mensagens (JUNIOR, 2011, p. 280).

Herscovitz (2008) afirma que é um "método centrado em codificações e definições operacionais individuais, porém replicáveis, que buscam desvendar as pistas de textos, símbolos, sons e imagens". Ela propõe, ainda, uma definição jornalística:

> Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2008, p. 126-127).

A pesquisadora considera essa metodologia de grande utilidade para o jornalismo, tanto para analisar conteúdos, identificar tendências, modelos, explorar critérios de noticiabilidade, enquadramento e agendamento, por exemplo, como para "entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens" (SHOEMAKER e REESE, 1996 apud HERSCOVITZ, 2008, p. 124).

Para Bardin (2011, p. 165), a Análise de Conteúdo, como inquérito sociológico ou experimentação, fornece informações complementares “ao leitor crítico de uma mensagem,

seja este linguista, psicólogo, sociólogo, crítico literário, historiador, exegeta religioso ou leitor profano que defesa se distanciar da sua leitura aderente".

Mas para ir além da simples leitura, dinâmica e flutuante, em busca de uma maior compreensão do texto, é preciso ater-se ao rigor do método, que neste caso organiza-se em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material, 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

A primeira (pré-análise) é a da organização, onde o pesquisador busca sistematizar e operacionalizar as ideias, ou seja, fazer leituras, construir hipóteses, escolher documentos de acordo com os objetivos estabelecidos, estabelecer amostragem e, entre outros procedimentos, elaborar indicadores para a interpretação final.

A segunda (exploração do material) é a fase de análise propriamente dita, que "não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas" na primeira parte (BARDIN, 2011, p.131). Costuma ser, segundo a autora, a mais longa e cansativa, porque envolve processos de codificação, decomposição e enumeração de informações a partir de regras previamente estabelecidas.

A terceira (resultados, inferência e interpretação) refere-se ao tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. É o momento onde o analista faz inferências sobre o conteúdo extraído, colocando-o a provas estatísticas e testes de validação. Em outras palavras, as considerações devem ser significativas e verificáveis, porque "podem servir da base a outra análise disposta em torno de novas dimensões teóricas, ou praticada graças a técnicas diferentes" (BARDIN, 2011, p. 132).

Na etapa de exploração do material (fase dois), outra técnica importante é adotada: a codificação. Trata-se de um "processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo" (BARDIN, 2011 p.133).

Em uma análise qualitativa, ela acontece a partir de três escolhas, como define a autora: 1) recorte, 2) enumeração e 3) classificação e agregação. Na primeira (recorte), o pesquisador extrai do material bruto "segmentos de conteúdo" ou "elementos do texto" passíveis de análise.

São as chamadas unidades de registro (e de contexto), que podem ser de natureza ou dimensões variadas.

Bardin (2011, p. 134) apresenta as mais utilizadas: palavra (todas de um texto, palavras-chaves ou por categoria: substantivos, adjetivos, verbos e advérbios, por exemplo), tema (afirmação sobre o assunto, geralmente um resumo), objeto ou referente (temas-eixo sobre determinado assunto), personagem (a partir de traços de caráter, papel, estatuto social, idade, etc.), acontecimento (relatos e narrações em filmes, lendas, contos, artigos, etc.), documento (filme, livro, relato) e a resposta a uma questão aberta, desde que a ideia principal atenda ao objetivo do trabalho. Esta última foi escolhida como unidade de registro padrão para todas as análises realizadas na presente pesquisa.

A segunda etapa (enumeração) permite estabelecer modos de contagem paras as unidades de registro extraídas. A frequência com que determinada palavra aparece no texto, por exemplo, é uma das mais empregadas, mas há outros indicativos, como a frequência ponderada (por nível de importância), intensidade (útil para avaliar aspectos ideológicos, tendências e atitudes) e ordem (se a unidade está em primeiro ou segundo lugar, se precede ou sucede, entre outros aspectos).

A terceira parte (classificação e agregação) é utilizada na escolha de categorias, cujo conceito é o de "rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso de análise de conteúdo) sob um título genérico". O agrupamento é feito a partir de características comuns. O critério pode ser semântico (categorias temáticas: por exemplo, valores profissionais), sintático (por verbos e adjetivos), léxico (classificação das palavras por sinônimos e sentidos próximos) e expressivo ("classificam as diversas perturbações de linguagem") (BARDIN, 2011, p. 145).

A inferência, última etapa do método, acontece a partir das análises de significações das mensagens extraídas no material bruto, organizadas e categorizadas de acordo com os critérios citados acima. No caso desta dissertação, são as unidades de registros destacadas das 15 entrevistas realizadas. Elas (as mensagens) constituem "o material, o ponto de partida e o indicador sem o qual a análise não seria possível" (BARDIN, 2011, p. 166).

E os indicadores, como dito anteriormente, podem ser de natureza diversa: classes gramaticais, quociente lexical, estruturas sintáticas, origem, atitudes, valores, inteligência,

facilidade de comunicação, hábitos linguísticos, ansiedade, agressividade e até pausas, erros, expressões gestuais e posturas. De acordo com Bardin (2011), os resultados obtidos com o método são úteis para assegurar informações militares e políticas, analisar características psicológicas de indivíduos, observar aspectos ou mudanças culturais e, entre outras aplicações, fornece provas de legalidade e autenticidade.

Como instrumento para coleta de dados utilizou-se a entrevista semiaberta, "que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa" (DUARTE, 2011, p. 66). Elaborado a partir do problema apresentado no estudo, o questionário aplicado neste estudo contou com 37 perguntas semiestruturadas. Elas foram divididas em cinco categorias: 1) perfil do entrevistado, 2) valores profissionais, 3) valores pessoais, 4) fatores tecnológicos, 5) fatores de conflitos.

Rampazzo (2005, p. 51) lembra que toda pesquisa reúne, de maneira imprescindível, dados de variadas fontes, então conceitua:

> Quando o levantamento ocorre no próprio local onde os fenômenos acontecem, temos uma documentação direta (por exemplo, na entrevista). E, quando o pesquisador procura o levantamento que outros já fizeram, temos a documentação indireta. A documentação indireta, por sua vez, pode ser encontrada nas fontes primárias, ou na bibliografia (livros e artigos). No primeiro caso, a pesquisa é documental; no segundo, bibliográfica (RAMPAZZO, 2005, p. 51).

Para esta dissertação foram utilizados dados primários (provenientes de fontes ainda não estudadas) e secundários (revisão bibliográfica e documental), tendo como base o Censo 2017 realizado pelo Sindicato de Jornalistas de Mato Grosso do Sul, onde 308 profissionais, de 30 cidades, distribuídos por pelo menos 63 locais de trabalho, responderam um questionário eletrônico com perguntas sobre condições trabalhistas (salário, horas extras, auxílio alimentação, etc.), tempo de carreira, gênero, cor e também a idade. Neste levantamento, a presente pesquisa identificou três grupos geracionais de jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS).

Único mapeamento oficial que apresenta dados sobre a faixa etária, o Censo revelou que os trabalhadores da imprensa no estado "são, majoritariamente, mulheres, com idades entre 28 e 37 anos" (SINDJOR, 2017). O resultado vai de encontro às conclusões da pesquisa nacional: *Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país* - realizada pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) há seis anos.

Pesquisadores do Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho, inseridos no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, concluíram que, ao final de 2012, “os jornalistas brasileiros eram majoritariamente mulheres brancas, solteiras, com até 30 anos”.

Elas dominavam 63,7% do mercado. Embora a faixa etária predominante na época tenha essa (30 anos, sendo 11% na faixa entre 18 e 22 e 48% entre 23 e 30), outras idades apareceram no estudo: 31 a 40 (21,9%), 41 a 50 (11,1%), 51 a 64 (7,6%) e acima de 64 anos (0,4%) (MICK e LIMA, 2013, p. 83).

Em Mato Grosso do Sul, os números da pesquisa realizada pelo Sindjor-MS, indicam a seguinte distribuição por idade:

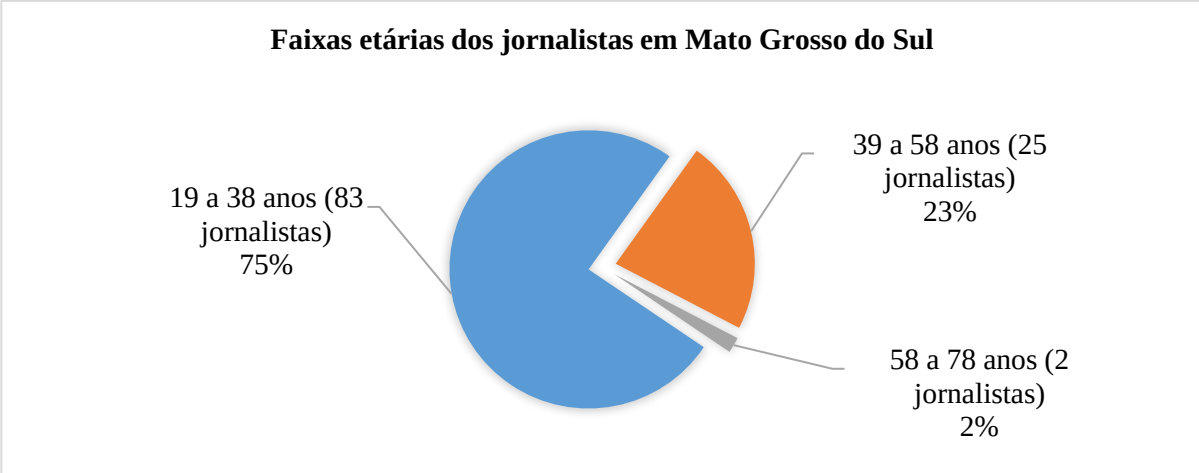


Gráfico 1 – Faixas etárias dos jornalistas em MS - Fonte: Sindjor-MS (2017)

Na divulgação oficial não há divisões percentuais, nem o número de respondentes em cada faixa-etária, mas essas informações aparecem nos dados brutos fornecidos pela entidade, especialmente para esse estudo. Segundo o Sindjor-MS, dos 308 entrevistados, 289 (93,83%) responderam à pergunta sobre a data de nascimento, sendo 236 (81,66%) de Campo Grande. Entretanto, apenas 110 (38,06% - dos 289 que informaram o ano de nascimento) tiveram a resposta validada neste quesito. O restante foi descartado. O Sindjor-MS não explicou o motivo.

Sendo assim, os dados disponíveis no Censo 2017 sugerem que os profissionais da imprensa em Mato Grosso Sul, especialmente os que atuam na Capital, nasceram entre as décadas de 1950 e 1990. Eles pertencem, portanto, às gerações *Baby Boom*, X e Y, segundo a classificação mais aceita, indicada por Oliveira (2012), que elenca 5 grupos.

Classificação geracional internacional mais divulgada e aceita	
Nome	**Período de nascimento**
Geração *Belle Époque*	1920 – 1930 (1939)
Geração *Baby Boom*	1940 – 1950 (1959)
Geração X	1960 – 1970 (1979)
Geração Y	1980 – 1990 (1999)
Geração Z	2000 – 2010 (?)

Tabela 1 - Classificação geracional - Fonte: Oliveira (2012) [adaptado]

Segundo essa classificação, os membros das três gerações analisadas aqui devem ter entre 19 e 78 anos. No estudo do sindicato, porém, foram identificados apenas profissionais com idades que variam entre 23 e 67 anos.

Detalhando o mapeamento feito pela entidade, é possível dizer então que a maior parte dos jornalistas de MS são da Geração Y, com 75% de representatividade. A X aparece com 23%, enquanto a *Baby Boom* tem 2%. Veja a distribuição por grupo geracional no gráfico abaixo:

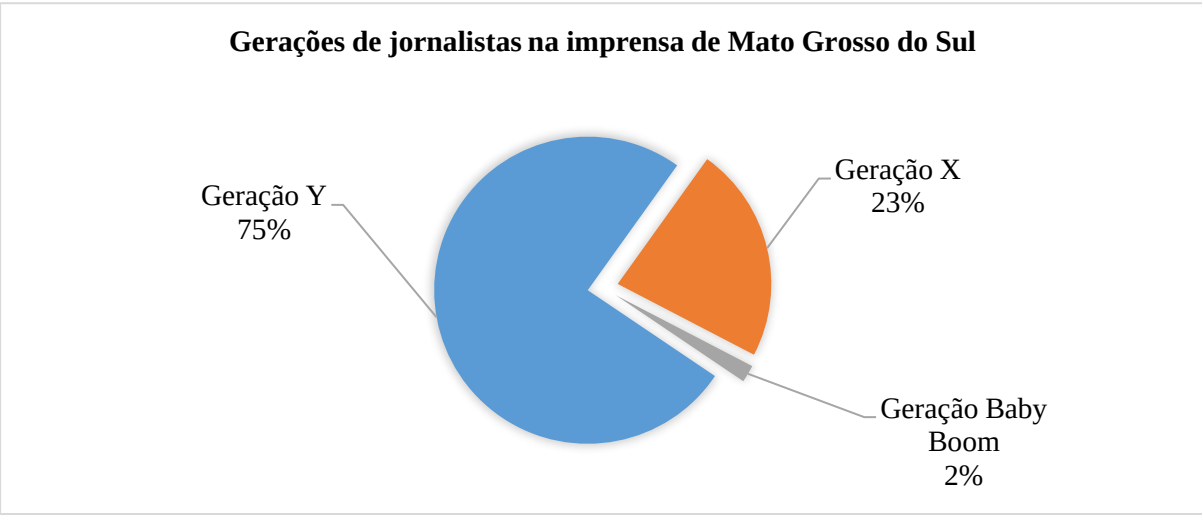


Gráfico 2– Gerações dos jornalistas em MS - Fonte: Sindjor-MS (2017)

Apesar da baixa aderência e pouco rigor científico aplicado ao Censo, é interessante considerar, como foi dito anteriormente, que este é o primeiro e único levantamento oficial sobre a faixa etária de jornalistas na imprensa local. Estatísticas são igualmente frágeis, mas esse não é um problema exclusivo, ao contrário.

> Não há fontes de dados públicas ou privadas que estimem com confiabilidade quantos são os jornalistas brasileiros, o que limita a realização de pesquisas para traçar os perfis do profissional, o mapeamento dos locais de trabalho, dos salários, das funções

> realizadas, da distribuição regional, dos gêneros, etnias ou religiões que integram; são assim desconhecidas informações relevantes tanto para a categoria quanto para a sociedade, para os empregadores, para o governo e para o movimento sindical" (PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO, 2013).

Mato Grosso do Sul possui dois sindicatos da categoria (Sindjor, com sede na Capital, e o Sinjorgran, em Dourados), mas nenhum tem informações sistematizadas sobre o número de profissionais que atuam no Estado, apenas o registro de sindicalizados. Em 2018, no Sindjor-MS, eram cerca de 200. No Sinjorgran, que representa 25 cidades da região sul, 60. No total, 260. O número nem de longe representa a realidade, uma vez que o MPT-MS (Ministério Público do Trabalho em Mato Grosso do Sul) contabiliza, em 2018, no seu setor de registros, o cadastro de 1.820 mil jornalistas profissionais. Mas o órgão também não tem um levantamento de faixa etária, nem a nível estadual, tampouco municipal. Logo, o Censo do Sindjor-MS, embora guarde fragilidades, continua sendo a única fonte oficial.

A estrutura midiática de Mato Grosso do Sul, estado com 79 municípios, é composta por cerca de 640 veículos de comunicação, sendo 77 jornais, 196 rádios, 356 sites e 11 emissoras de televisão. A Capital, Campo Grande, conta com 7 TVs, 21 rádios, 18 jornais impressos e 46 *sites* de notícias (PORTAL DE MÍDIA, 2018).

O local escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa foi a cidade de Campo Grande, por reunir o maior número de respondentes do Censo realizado pelo Sindjor-MS: 81,66%, o que corresponde a 236 jornalistas de um total de 289 que informaram a data de nascimento no questionário online elaborado pela entidade.

Além disso, a Capital do Estado conta com uma estrutura midiática completa, que abrange, como foi apresentado acima, emissoras de TV, rádio, jornal impresso, online, etc. Este cenário permite o acesso à profissionais de diferentes veículos, fator positivo em um estudo mais abrangente sobre gerações na imprensa local, que poderá servir de base para outros desdobramentos acadêmicos, em outras regiões de MS ou do país.

Apenas profissionais que trabalham ou trabalharam em redação - e saíram em um período inferior a um ano - foram incluídos. Jornalistas que atuam em assessoria de imprensa não foram ouvidos, uma vez que a rotina deste grupo de trabalhadores apresenta demandas específicas e diferenças pontuais no dia a dia da profissão. Entretanto, o estudo não eliminou quem já exerceu esse cargo em outras situações.

Pelas razões expostas até aqui, foi estabelecida como amostragem para a presente pesquisa a entrevista com 15 jornalistas, com idades que poderiam variar entre 19 a 78 anos, sendo 5 de cada geração (*Baby Boom*, X e Y). Cada grupo geracional contemplou trabalhadores que atuam ou atuaram em jornal impresso, *online*, rádio e televisão. O recorte amostral corresponde a 6.3% do total de profissionais de Campo Grande (MS) que informaram a data de nascimento no mapeamento realizado pelo sindicato.

Na tabela a seguir, confira a distribuição de jornalistas por gerações e tipos de mídia, que contempla veículos da imprensa local nos meios impresso, *online*, radiofônico e televisivo.

Distribuição de jornalistas por gerações e tipos de mídia		
Geração	**Informantes**	**Tipos de mídia**
Geração Baby Boom (1940 – 1950/1959)	5 jornalistas (59 a 78 anos)	Impresso (2), *Online* (1), Rádio (1), TV (1)
Geração X (1960 – 1970/1979)	5 jornalistas (39 a 58 anos)	Impresso (1), *Online* (2), Rádio (1), TV (1)
Geração Y (1980 – 1990/1999)	5 jornalistas (19 a 38 anos)	Impresso (1), *Online* (2), Rádio (1), TV (1)

Tabela 2 – Jornalistas por gerações e tipos de mídia - Fonte: O autor

Duarte (2011, p. 69) afirma que nos estudos qualitativos a seleção dos entrevistados, aqui denominados informantes-padrão – "fonte envolvida com o tema da pesquisa, mas que pode ser substituída por outra sem que se espere prejuízo na qualidade das informações obtidas" -, tende a não ser probalística, isto é, exata, com igual chance a todos ou grande representatividade estatística, ao contrário.

Segundo o autor, "são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo. Desse modo, e no limite, uma única entrevista pode ser mais adequada para esclarecer determinada questão do que um censo nacional" (DUARTE, 2011, p. 68). Ele frisa, ainda, que a seleção dos informantes depende do julgamento do pesquisador. Esse, por sua vez, deve se atentar à relevância das contribuições para alcançar os objetivos da pesquisa.

> É importante obter informações que possam dar visões e relatos diversificados sobre os mesmos fatos. Pessoas com papéis sociais diferentes, recém-chegadas ou que tenham deixado a função recentemente, podem dar perspectivas e informações bastante úteis (DUARTE, 2011, p. 69)

Em entrevistas qualitativas, como a de profundidade, pode-se escolher dois tipos de amostras: por conveniência (acidental), baseada na disponibilidade ou proximidade da fonte;

ou intencional, “por juízo particular, como conhecimento do tema ou representatividade subjetiva” (DUARTE, 2011, p. 69).

A última foi adotada neste estudo. Trata-se, sobretudo, de uma amostragem não-aleatória, por julgamento devidamente justificado. Herscovitz (2008, p. 131) defende que a técnica, bastante utilizada na Análise de Conteúdo, é empregada “quando não se tem acesso a toda população do estudo ou quando se trabalha com populações menores”, caso desta pesquisa.

2. MUDANÇAS NO PERFIL DO JORNALISTA, VALORES, PRÁTICAS ORGANIZACIONAIS E TECNOLOGIA

Além das questões geracionais, abordadas no primeiro capítulo, este discorre sobre outros fatores importantes que podem ser geradores de conflitos entre diferentes gerações de jornalistas: as mudanças no perfil deste profissional ao longo dos anos, a noção de valor a partir de conceitos da filosofia e sociologia, as práticas organizacionais como reguladoras de padrões comportamentais e a evolução tecnológica no setor.

A racionalização técnico-administrativa no jornalismo, caracterizada pela implantação de padrões produtivos e novos critérios para contratação de profissionais, acabou com o "espírito missionário atribuído à profissão" (BALDESSAR, 2013, p. 44). Também extinguiu o prestígio social atribuído aos profissionais, intelectuais de uma época, que exerciam o ofício por prazer, fama e como trampolim para o sucesso. No âmbito mundial, a imprensa parisiense do século XIX, retratada por Balzac (2004, p.31), amplia essa interpretação quando o exercício é voltar no tempo.

O escritor francês traçou as características dos jornalistas de sua época, separando-os em dois gêneros: os Publicistas, "escrevinhadores" de política, que se ocupavam dos "compassos flutuantes da atualidade", e os Críticos. Estes, segundo a narrativa crítica do autor, pareciam bons filhos e amigos. Estendiam a mão, ao mesmo tempo em que enfiavam "as agulhas envenenadas de seus artigos" (BALZAC, 2004, p.92-93).

Ácido nas classificações, ele dividiu os publicistas em oito subgêneros: Jornalista, Jornalista - Homem de Estado, Panfletário, Nadólogo, Publicista de Carteira, Escritor Monobíblia, Tradutor e Autor com Convicções. Já os Críticos ganharam cinco subgêneros: Crítico da Nobreza Antiga, Jovem Crítico Louro, Grande Crítico, Folhetinista e os Pequenos Jornalistas. As descrições destes subgêneros são extensas e marcadas por variedades.

Elas exigiriam um capítulo à parte, por isso o destaque vai para alguns, começando pelo Nadólogo, "o deus da burguesia", "necessário às revistas" (BALZAC, 2004, p.74). O Autor, com convicções, fazia parte dos "observadores do mal-estar social". Eram homens finos, espirituosos, alguns "dedicados até à imprudência" (BALZAC, 2004, p. 93).

O Crítico da Nobreza Antiga podia ser encontrado na figura de um novato, universitário, "pouco fecundo", ou na de um mundano, velho crítico de outra época, um literato (BALZAC,

2004, p. 94). Já o Jovem Crítico Louro se apresentava em três formas: Negador (negava tudo e elogiava o que não era preciso), Farsante (escrevia sobre tudo, sem saber nada a respeito) e Incensador - encarregado de elogios, útil aos diretores dos jornais (BALZAC, 2004, p. 98).

Balzac (2004) se refere aos jornalistas de sua época, isto é, da França do século XIX, mas, pesadas as particularidades, o Brasil também teve seus intelectuais ocupando posições em jornais, mas se o jornalismo passou por transformações, o jornalista também mudou de perfil ao longo dos anos.

No Brasil, especificamente, a informatização da imprensa, a partir de 1980, foi um marco significativo que alterou o modo de produção. No entanto, a chegada da internet, na década de 90, tornou tudo mais radical. Nonato (2013, p. 156) destaca que, na comunicação, empresários passaram a interferir mais no fazer jornalístico e se renderam à "supremacia do *marketing*". Começou, então, nas redações, um movimento para substituir os mais velhos pelos mais novos. Sobre os processos produtivos industriais, ela argumenta que os "jornalistas passaram a escrever textos e títulos mais curtos e a ter uma maior preocupação com a imagem".

A pressão do tempo impossibilitou a pesquisa e realização de grandes reportagens e os textos, muitas vezes adaptados à linguagem hipermidiática, se tornaram mais curtos. Como consequência, a informação ficou pasteurizada. A verdade é que, se antes o jornalista era um literato, intelectual, romântico, idealista e exercia o ofício a bel prazer, hoje, se quiser atuar na área, precisa se adequar a um novo perfil: o de um profissional multitarefa, que pauta, entrevista, fotografa, filma, diagrama, edita, entre outras coisas. A informação foi transformada em um bem simbólico. É uma mercadoria.

Foram várias as mudanças que alteraram não apenas o fazer jornalístico, mas o perfil do profissional encarregado da notícia. Nonato (2013) sugere um quadro com diferenças claras de ontem e hoje.

O jornalista e o jornalismo ontem e hoje		
	Ontem	**Hoje**
Emprego	O trabalho era visto como um "bico". O salário era baixo e precisava ser complementado com outro emprego, geralmente público. Alguns profissionais se dividiam em dois e até três empregos ao mesmo tempo. Depois os jornalistas	Alguns jornalistas se dividem entre trabalhar na redação e na assessoria de imprensa, levantando questões éticas. As relações de trabalho mudaram com a proliferação dos "PJs", ou Pessoas Jurídicas. Os jornalistas hoje trabalham em casa ou têm um pequeno escritório, onde oferecem seus serviços, bancando todos os próprios

	passaram a ser exclusivos das empresas com bons salários.	encargos trabalhistas. Além disso, exercem funções executivas, de gerência.
Empresa	Os grandes jornais eram de propriedade familiar e administrados pelo dono. Era ele quem dava a palavra final na contratação e demissão de jornalistas.	Os jornalistas são comandados por grupos de gestores profissionais. A voz do dono é mais democratizada, mas existem as exigências do mercado e da publicidade.
Formação	As faculdades de jornalismo surgiram na década de 60. A obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão de jornalista foi promulgada em 1969. Até então, os jovens aprendiam com os jornalistas mais velhos no dia a dia da redação.	Existem muitas faculdades, mas os recém-formados saem sem preparo. Não há a figura do jornalista mais velho nas redações. Os órgãos de imprensa criaram seus próprios cursos, um treinamento para uso do manual de redação. A obrigatoriedade de ter o diploma de jornalistas para exercer a profissão foi extinta em 2009.
Informação	Direito do cidadão. O jornalista ia atrás da notícia.	Mercadoria, bem econômico. A notícia vem atrás dos jornalistas através das assessorias de imprensa. A notícia é pasteurizada; todos veem os mesmos jornais e entrevistam as mesmas fontes.
Mulheres	Eram raras nas redações.	Ocupam mais de 50% das redações.
Origem	O repórter era o indivíduo curioso, idealista, que escrevia bem, geralmente sem formação específica.	Os jornalistas veem de camadas privilegiadas, com pensamentos e experiências distantes da vocação, do dever social da participação.
Pensamento político	Os jornalistas eram politizados, preocupados com o seu papel na sociedade. Tinham uma visão romântica da profissão.	A concorrência fez com que tivessem uma postura menos politizada diante dos fatos e da notícia.
Salário	A concorrência fez com que tivessem uma postura menos politizada diante dos fatos e da notícia.	Aqueles que conseguem ser contratados chegam a ganhar salários razoáveis. Os autônomos ganham por projetos, trabalhos ou textos. Os jornalistas de televisão tornaram-se celebridades com *status* e salário compatíveis.
Tecnologias	Durante quase um século, o modo de produzir jornal mudou, mas pouco se comparado aos últimos anos.	Os jornalistas precisaram se adaptar às demandas da nova tecnologia, aprendendo a produzir informação para diversas mídias.
Tempo	O jornalista dispunha de tempo para trabalhar em reportagens (uma de cada vez) e pesquisas. Apenas fazia a entrevista, escrevia o texto e entregava para o editor.	A informatização representou um salto em termos de rapidez na execução das tarefas. Os jornalistas têm que obedecer a horários rígidos, pois há contratos para agilizar a distribuição dos jornais.
Texto	Longos e completos, opinativos.	Mais curtos, títulos sintéticos e maior preocupação com o uso da imagem. Utilização do hipertexto.
Trabalho	Diagramadores, revisores, secretários de redação, laboratoristas e *past-ups* eram necessários na redação.	Todos esses cargos foram extintos. O jornalista hoje trabalha mais: prepara a notícia, diagrama, indica fotos, desenhos, gráficos. Também é obrigado a fazer mais de uma matéria ao mesmo tempo. E não tem tempo de fazer uma pesquisa ou leituras, inclusive de jornais.

Tabela 3- Jornalista ontem e hoje - Fonte: Nonato (2013, p. 160-162).

Para Nonato (2013, p.162), "a industrialização, os interesses financeiros e as transformações tecnológicas fizeram com que o jornalismo e os jornalistas tivessem que repensar a sua atuação". O pós-fordismo nas redações deixou os profissionais divididos entre seguir os ideais do ofício, manter a credibilidade e o emprego. Sem saída, muitos renderam-se a um novo papel: o do jornalista pós-moderno, que trabalha com prazos apertados, em escala industrial e sob demandas.

E nem sempre há registro em carteira. Aliás, poucos conseguem. Os autônomos, também chamados de *freelancers*, costumam ganhar por projetos. "O repórter, que no século passado era apenas um cidadão curioso e cheio de ideias, sem formação específica, mas com visão romântica da profissão, deu lugar ao jovem recém-formado na faculdade de jornalismo" (NONATO, 2013, p. 165).

Na redação, ainda perdido, o foca precisa aprender a ser multifuncional, polivalente e maleável para se adaptar às condições impostas pelas novas tecnologias e novas formas de trabalho, que incluem a precarização da profissão. Para Adghirni e Pereira (2011, p. 46), "o discurso da convergência é o novo imperativo de ordem nas empresas jornalísticas".

Os pesquisadores explicam que esse fenômeno reflete na sobrecarga de trabalho e no aumento de atribuições dos jornalistas, que passaram não apenas a escrever matérias, mas a produzir, editar e ilustrar, por exemplo. Das empresas, eles ganham o título de "jornalistas multimídia" e são, muitas vezes, induzidos a assumir o *slogan* de "jornalista 24 horas". No contracheque, porém, não enxergam sequer o reflexo de tanto esforço. A maioria, com receio do desemprego, assume o discurso e mantém distância das reivindicações sindicais.

> O processo de desregulamentação da profissão e a perda dos valores históricos resulta, em muitos casos, em uma crise da credibilidade e da representação social dos jornalistas. A verdade é que a roupa de Super-Homem não serve mais. O jornalista prefere vestir a fantasia da circunstância, que lhe permite subir na vida profissional ou simplesmente sobreviver diante do desafio das "rotinas produtivas infernais" às quais está submetido dentro de um mercado desconfigurado pelas tecnologias e pela legislação trabalhista. Como os guerrilheiros de Fernando Gabeira, os jornalistas parecem cansados (ADGHIRNI e PEREIRA, 2011, p. 48-49).

De nada adianta, então, as tentativas dos sindicatos de conscientizar os profissionais a reagir, criticam Pereira e Adghirni. Ainda assim se faz necessário repensar a identidade e legitimidade do jornalista profissional, que, aliás, assumiu um novo perfil com o passar dos anos, como já evidenciaram outros autores, a exemplo de Abreu (2002, p. 43), que diz: "o

jornalista hoje não só da voz ao *expert*, como ele próprio se especializou e muitas vezes se transformou em expert".

Nonato (2013, p.199) acredita que este perfil ainda está em transformação, especialmente com a introdução das novas mídias e redes sociais, mas isso não significa que a tecnologia tenha transformado para melhor a realidade do mercado, isto porque, apesar de toda a modernização, os jornalistas "continuam trabalhando muitas horas e com salários baixos. São operários da informação".

Ainda existem os que trabalham por vocação, pontua, mas os jornalistas de hoje (jovens, individualistas, com postura menos crítica da profissão) parecem ser bastante conscientes do papel que desempenham, tanto que "têm a clara ideia de que o *marketing* está inserido na informação". Para a autora, chama atenção o fato desses profissionais mais novos estarem atuando fora das empresas de comunicação, isto é, fora dos jornais, por exemplo.

Eles continuam no mercado, mas em outras empresas, desempenhando funções correlatas. E, atualmente, elas são variadas. Mick (2015), que fez um mapeamento dos novos cargos e atividades no trabalho jornalístico a partir da convergência digital no Brasil, elenca algumas:

> "Analista de mídias sociais", "pesquisador de conteúdo", "assistente de conteúdo", "coordenador de mídias digitais e estratégia", "analista de conteúdo digital", "atualização de redes sociais", "gestão de mídias sociais", "elaboração de conteúdo para mídias sociais", "redator de blog", "produtor de conteúdos", "analista de mobilização social", "gerente de conteúdo em mídias digitais", "*webwriting*", "gestão de canais online" (MICK, 2015, p.16)

Para Nonato (2013, p.199), essas mudanças "mostram que há nessa categoria profissional uma forte marca de diferenças geracionais, as quais implicam em diferentes hábitos culturais e diferentes relações com as mudanças, sobretudo, tecnológicas no mundo do trabalho".

A constatação é resultado da pesquisa *O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo: Um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo (2009-2012)*, realizada pelos pesquisadores do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicação e Artes da USP (Universidade de São Paulo).

Para Andrade e Correa (2012, p. 1), as mudanças produzem conflitos e disputas, às vezes prejudiciais para a harmonia do emprego, porque entre os sujeitos há diferenças nas

formas de pensar em agir. Elas são determinadas, geralmente, pela diversidade de cultura, níveis intelectuais, crenças, ideologias e expectativas, por exemplo. Somado a isso, existe o fator geracional, ou seja, "os ideais marcados por um mesmo grupo de pessoas em um mesmo período de tempo, muitas vezes, tornam-se valores sem sentido para as gerações seguintes".

Japiassú e Marcondes (2008, p. 275) definem valor (do latim *valore*), em sentido original, como "coragem bravura, o caráter do homem", o que por extensão significa aquilo que dá a algo um caráter positivo. Na filosofia, afirmam, o entendimento está relacionado àquilo visto como bom, útil, positivo, mas também ligado à indicação de algo que deve ser realizado.

Para Abbagnano (2007, p. 989), valor, em geral, é aquilo que "deve ser objeto de preferência ou escolha". O autor lembra que a palavra foi utilizada desde a antiguidade para definir e estabelecer a utilidade ou preço de bens materiais, além da dignidade ou mérito do ser humano, mas alerta:

> Esse uso não tem significado filosófico porque não deu origem a problemas filosóficos. O uso filosófico do termo só começa quando seu significado é generalizado para indicar qualquer objeto de preferência ou de escolha, o que acontece pela primeira vez com os estóicos, que introduziram o termo no domínio da ética e chamaram de V. os objetos de escolha moral (ABBAGNANO, 2007, p. 289)

No entanto, segundo Japiassú e Marcondes (2008), a concepção de valor apresenta variações em diferentes doutrinas filosóficas. Ela pode ser definida de forma intrínseca (próprio de algo; inerente à natureza humana, por exemplo) e extrínseca (que não pertence à essência de algo, mas pode ser adquirido) e, por isso, apresentar divergências.

Para algumas correntes, trata-se de "tudo aquilo que traz a felicidade do homem". Para outras, caracteriza-se pela definição de algo que é bom ou ruim. Existem, ainda, discussões sobre os valores serem relativos ou absolutos, entre outras. Mas há outras perspectivas, que ampliam o raciocínio e trazem mais clareza ao assunto.

De acordo com Japiassú e Marcondes (2008, p. 275), "do ponto de vista ético, os valores são os fundamentos da moral, das normas e regras que prescrevem a conduta correta". Sendo assim, é válido mencionar, também, o juízo de valor, definido como "uma avaliação qualitativa sobre algo, isto é, sobre a moralidade de um ato ou a qualidade estética de um objeto, ou ainda sobre a validade de um conhecimento ou teoria". Ele estabelece o que deve ser elogiado, criticado, recomendado ou censurado.

Os autores descrevem, ainda, a noção de valor uso/valor troca, atribuída respectiva ao trabalho humano e à divisão social do trabalho. O primeiro produz o valor de uso, quando estabelece que um objeto possui determinada utilidade. O segundo, por sua vez, introduz o valor de troca, "já que alguém pode produzir algo que é de utilidade para o outro, e com isso pode trocar o objeto produzido por outro objeto que é por sua vez, de utilidade para ele".

Na sociologia, o conceito e valor é mais genérico e, como defende Jhonson (1997), aplicado em todas as culturas, sendo útil para classificar teoricamente qualquer coisa, como, por exemplo:

> "[...] abstrações (lógica acima da intuição), objetos (ouro acima do chumbo), experiência (amar e perder acima de nunca amar), comportamento (dizer a verdade acima de mentir), características pessoais (alta estatura acima de baixa), e estados de ser (sadio acima de doente) (JHONSON, 1997, p. 247).

Em todos os casos, os valores categorizam coisas em relação a outras, sem fazer comparações entre elas. Partes importantes de todas as culturas, eles exercem influência nas escolhas pessoais dos indivíduos e na forma como os sistemas sociais se estabelecem.

2.1 *Habitus* profissional

Nas redações, o encontro entre veteranos e novatos pode ser conflituoso, embora o *habitus* profissional – princípio gerador e regulador das práticas e representações cotidianas –, descrito por Martino e Filho (2003), possa amenizar ou eliminar essa possibilidade.

> O estabelecimento de práticas cotidianas é um complexo fenômeno influenciado por matrizes diversas de ação reguladas por uma conjunção de fatores que escapam tanto à redução do comportamento à atitude volitiva do sujeito quanto de sua submissão a um contexto espaço-temporal determinado. As práticas não são estabelecidas por critérios objetivos e mensuráveis, passíveis de articulação por parte do indivíduo. Ao contrário, a maior parte das ações apresenta-se ao sujeito como a consequência óbvia de uma ação anterior, ignorando o arbítrio existente na adoção de uma escolha. Esse fenômeno resulta da interação entre o espaço ocupado pelo indivíduo em um determinado campo e o habitus individual (MARTINO e FILHO, 2003, p. 115).

A existência de um *habitus* particular, afirma, compreende a aceitação das regras de conduta e uso de técnicas incorporadas, podendo elas ser fixadas implicitamente e/ou transmitidas como aprendizado adequado a um modelo consolidado e rigidamente codificado.

> Assim, com o pretexto de "ensinar o que realmente importa" ou completar um curso universitário "insuficiente diante das exigências do mercado" as empresas jornalísticas oferecem cursos técnicos-profissionalizantes que vistam ao "adestramento de focas", isto é, ao condicionamento acelerado do não iniciado/socializado a um saber prático institucionalizado (MARTINO e FILHO, 2003, p. 131).

O adestramento empresarial prepara os iniciantes para o mercado. Este, por sua vez, se encarrega de provocar críticas à medida que os indivíduos começam a adquirir mais conhecimento sobre as condições específicas de produção e prática no ofício, aponta Martino e Filho (2003).

> Os alunos do primeiro ano de comunicação com habilitação em jornalismo mostram uma espécie de encanto com a profissão, oriundo ainda da sua vinculação a universos sociais nos quais o prestígio do "homem letrado", segundo uma longa e complicada tradição, ainda é alto. A medida que se familiarizam com os procedimentos jornalísticos, praticando reportagem, edição e texto desde os primeiros meses de faculdade, o processo se inverte. Ao aprendizado da prática acompanha a crítica da prática, respeitando-se os cânones do convencionado bom jornalismo. Em ambos os casos, o fundamento está no procedimento dos elementos em destaque, na transferência de capital simbólico pela imitação das ações consagradas na esfera prática e na esfera crítica (MARTINO e FILHO, 2003, p. 131).

Os conflitos e o descontentamento com a função/área a partir da prática pode ser explicado, ao que tudo indica, pela lente geracional, isto porque o conceito de jornalista ideal, bem-sucedido, comumente transmitido pelas empresas e colaboradores mais antigos (aqueles que já incorporaram o *habitus* profissional), não parece ser uma unanimidade da classe.

2.2 Mudanças no jornalismo

A imprensa que conhecemos hoje nasceu racionalista; a partir de ideias do Iluminismo, cresceu e ganhou destaque com a burguesia. A invenção da prensa, por Gutemberg (que criou uma maneira de reproduzir material impresso) foi um importante elemento para transformação social, impulsionando o saber e abrindo espaço para novas formas de comunicação.

O jornalismo, que nesta época se resumia à publicação de comunicados oficiais, folhetins e comerciais, assumiu, a partir de então, o papel de divulgador de conhecimento e funcionou, mais tarde, como espaço de liberdade democrática. O caráter revolucionário - de denúncia, esclarecimento, formação de ideias e fomentador do debate público - sofreu mudanças do final do século XIX até metade do XX, quando o capitalismo e as novas tecnologias transformaram a informação em mercadoria (NONATO, 2013).

Baldessar (2003) afirma que, na área de comunicação, o desenvolvimento tecnológico (em nível mundial) se iniciou na primeira metade do século XIX, período de expansão e consolidação do capitalismo no mundo. As inovações nasceram principalmente nos Estados Unidos, mas também surgiram de países como Alemanha, Inglaterra, Dinamarca e Holanda.

Na lista de novidades estão o telégrafo elétrico (1839) e a cabo submarino (1866), máquina de escrever (1870), impressão à tinta (1880), telefone (1870), toca-discos cilíndrico (1888), rádio AM (1913), gravação magnética de fitas (1935), rádio FM (1936), televisão (1936), fototipo (1946), disco LP (1948), computador eletrônico (1951), televisão em cores (1953), transístor de silício (1954), circuito Integrado (1961), Satélite de Comunicação (1962), Gravador em vídeo (1970) e Microprocessador (1971).

O Brasil recebeu com atraso essas invenções. A máquina de escrever, por exemplo, só chegou às redações do país em 1938 por meio de um acordo com os Estados Unidos. Até esse período, destaca a pesquisadora, grande parte dos jornalistas escreviam seus textos à mão. A exigência para que todos trabalhassem com o novo equipamento começou na década de 1940, depois da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Baldessar (2003, p. 41), "a constatação de que os textos datilografados facilitavam a leitura dos revisores e agilizavam o processo de produção contribuiu para instituir o uso". O mesmo aconteceu com a máquina fotográfica, que se popularizou nas redações brasileiras nesta época. Na produção jornalística do período, a fotografia era vista como elemento secundário, estético, daí a dificuldade de adaptar o registro à pressa do dia-a-dia.

A verdade é que, tal como em sua origem em 1808, o jornalismo brasileiro feito até 1830 era puramente político, doutrinador e continuava a atender os interesses da burguesia, que prezava pela manutenção do poder. Já o período de 1830 a 1850, foi marcado pelo estilo político-literário e pela produção "artesanal", ainda restrita às camadas privilegiadas.

Quem escrevia eram os intelectuais da época: cronistas, romancistas e teatrólogos. As relações de trabalho eram igualmente "artesanais". Não havia registro de trabalho, tampouco salário fixo, mas isso não era exatamente um problema. A maior parte não considerava o ofício atividade profissional, e sim uma ocupação nobre, de prestígio, que servia de trampolim para a carreira política.

Abreu (2002, p.41) afirma que "os mais conhecidos e respeitados escritores, críticos literários e de arte do país foram homens de imprensa". Ela lembra de nomes como Carlos Drummond de Andrade, Euclides da Cunha, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lima Barreto, Quintino Bocaiúva, Alcindo Guanabara, Álvaro Lins e Otto Lara Rezende.

> Muitos deles se identificavam profissionalmente como jornalistas; outros, embora escrevessem diariamente em jornais, não poderiam ser assim considerados. De toda

> forma, era estreita a relação entre os intelectuais e a imprensa. Os editoriais, espaço reservado para o jornal expressar sua posição política e ideológica, eram formulados e escritos pelos jornalistas/intelectuais. As redações constavam com jornalistas que não só analisavam e comentavam acontecimentos políticos, como se viam no papel de indicar alternativas para as mais variadas questões. Os jornalistas podiam ter e tinham opinião (ABREU, 2002, p. 41).

Segundo Nonato (2013, p.150), a forma de escrever era rebuscada e inspirada no estilo europeu. "Até então o jornalismo era feito por escritores e confundido com literatura". Costa (2005) reforça que, embrenhado nas redações, os escritores faziam um jornalismo baseado no modelo francês, mais próximo dos editoriais e crônicas de hoje, privilegiando análises e comentários em detrimento da informação.

Essa situação durou vários anos. De acordo com Baldessar (2003, p. 32), só "no início do século XX, o jornalismo deixa de ser produzido e administrado de maneira artesanal e passa a ser tratado como empresa". A passagem marca, também, a transição da pequena empresa jornalística para a grande, refletindo em mudanças técnicas e gráficas que ampliam a produção e circulação, com equipamentos sofisticados e estrutura específica. A linguagem predominante ainda era a do escritor literário. Entretanto, foi nessa fase que a reportagem começou a entrar para a história como gênero textual jornalístico.

> Em 1905, Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio, escreve para a Gazeta de Notícias uma série de textos sobre religiões do Rio, onde utiliza uma técnica nova: seus escritos partem de observações que faz nas ruas, de entrevistas feitas com o povo. O jornalismo, definitivamente, começa a mudar (BALDESSAR, 2003, p. 33).

O "estilo João do Rio" era um modelo mais investigativo e comportamental, relata Costa (2005). Ele misturava crônica e reportagem, como é possível verificar em um dos seus livros, *A alma encantadora das ruas*. O jornalista, cronista, contista e teatrólogo, que ilustra bem o tipo de profissional exigido à época, "soube se encaixar como poucos na nova imprensa, em que era preciso transitar entre dois meios (o literário e o jornalístico) e mundos (o *grand* e o *sub*, o do *bas fond* e o do pobre trabalhador)" (COSTA, 2005, p. 42).

Por isso, na visão da autora, João do Rio foi um repórter moderno, que já mantinha um método de apuração diferente para a época: buscava boas histórias, diversidade e descrições detalhadas, questionava fontes e circulava, *in loco*, por diversos bairros do Rio de Janeiro.

Discussões sobre formas de profissionalização iniciaram em 1908 com a fundação da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Para a autora, a criação da entidade se deu "no

contexto de expansão do mutualismo, movimento que dá sentido aos primeiros órgãos coletivos de defesa dos trabalhadores" (BALDESSAR, 2003, p.34).

O movimento sindical fez surgir seus próprios jornais, inaugurando a imprensa operária, mas a partir de 1922 outro modelo foi implantado: o americano, conhecido pela objetividade do *lide*, *sublide* e da pirâmide invertida. Este começou quando o Jornal do Brasil passou a receber notícias da *United Press Internacional*, agência dos Estados Unidos.

Silva (1991, p.71) assegura que "a primeira fonte de influência do jornalismo americano sobre o brasileiro são os profissionais da atividade daqui que viajam para lá viver algum tempo". Hipólito da Costa, do *Correio Braziliense*, primeiro jornal que circulou no Brasil a partir de 1808, inaugurou esse caminho à América em 1798, quando foi à Filadélfia. No século XIX, poucos jornalistas brasileiros estiveram nos Estados Unidos, mas os que passaram por lá se deixaram influenciar.

> Ruy Barbosa se converteria num americanófilo celebrizado e não escondeu essa condição em sua carreira jornalística no final do império, em especial quando escrevia para o Diário de Notícias. Quintino Bocaiúva, que estivera nos EUA no final da década de 1860, fundou A República logo em seguida. José do Patrocínio, como já se viu, tentou fazer um New York Herald no Rio de Janeiro (SILVA, 1991, p.73).

Apesar disso, destaca o autor, a influência americana não era tão significativa neste período. Ela só aumentou após a Primeira Guerra Mundial, que chegou ao fim em 1918. Mas, mesmo fraco no início, o novo cenário remodelado pelo modelo norte-americano, logo impôs mudanças no perfil profissional do jornalista.

Em 1920, apesar da resistência de alguns grupos, o avanço do modelo americano sobre o jornalismo praticado no Brasil começou a ficar mais forte, em partes pela monopolização do noticiário exterior produzido por agências americanas de notícias (SILVA, 1991). Nonato (2013, p. 150) recorda que o estilo rebuscado da escrita começou a ceder e dar lugar a uma forma mais seca e direta, marcando o início do jornalismo moderno. Além disso, "nessa época também surge a imprensa operária, voltada basicamente para a grande comunidade de imigrantes que se formava".

Ferreira (1988, p. 9) cita a urbanização do país para falar sobre esse movimento que, segundo ela, gerou seus próprios jornalistas e percorreu grande parte do século XIX até as décadas de 20 e 30. "[...] os inúmeros jornais lançados por iniciativas dos intelectuais foram armas importantes que levaram as ideias à discussão". Para Costa (2005), a imprensa enfrentou

mesmo um acelerado processo de industrialização a partir da década de 1920 e, como consequência disso, um "novo" profissional nasceu: o jornalista braçal.

> [...] o papel do escritor nos jornais já não seria o de uma estrela, como nos tempos de Olavo Bilac e Coelho Neto. Ao homem de letras seria exigido que - em vez de produzir contos ou poemas - escrevesse reportagens, fizesse entrevistas, corrigisse textos dos repórteres, editasse páginas, chefiasse redações (COSTA, 2005, p.99)

De acordo com a autora, na década de 1930, ainda com resistências poderosas, o processo de americanização da imprensa brasileira se aprofundou. Nonato (2013, p. 150) diz que houve avanços tecnológicos e também de mercado. O Brasil vivia, explica, o período democrático da era Vargas e os jornalistas queriam colocar ordem na classe. "Em 1937, o Estado Novo regulamentou a profissão de jornalista, através do Decreto-lei nº 910".

Nos anos 1940, dois dos mais importantes jornalistas do país foram para os Estados Unidos e voltaram dispostos a mudar os padrões nacionais. Um deles é Pompeu de Souza, chefe de redação do *Diário Carioca* a partir de 1951. Junto com o então chefe de reportagem Luís Paulistano e do diretor de redação Dalton Jobim, realizou "uma das mais importantes transformações do jornalismo no Brasil. É no *Diário Carioca* que o *lide* vai afinal ser adotado como norma e que um manual de redação vai afinal ser levado a sério" (COSTA, 2005, p.77).

A informação passou a ser tratada de forma mais objetiva. Em busca de um padrão de qualidade, outros grandes jornais - como *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, e *Última Hora*, de Samuel Wainer - também adotaram manuais de redação. Mas apesar das mudanças e inovações, os "jornalistas braçais", como bem classificou Costa (2005), por necessidade e costume, resistiam. “Os repórteres ainda tinham o hábito de escrever à mão, em blocos de anotação. Os espaços dos jornais não eram diagramados e também não havia programação para publicidade" (NONATO, 2013, p.151).

Relata a autora que, em 1950, com o surgimento da primeira emissora de televisão no Brasil (TV Tupi de São Paulo) e com o consequente aumento do mercado de trabalho devido à formação dos conglomerados de empresas multimídia formadas por Assis Chateaubriand, os hábitos profissionais dos jornalistas foram modificados. Eles precisaram mudar a forma de escrever e também de falar, afinal de contas a linguagem do Rádio, que surgiu na década de 1920 e se consolidou nos anos 1940, não cabia ao novo veículo.

Os jornalistas, mesmo "braçais", ainda eram considerados intelectuais, embora não possuíssem recursos financeiros. "Um repórter ganhava em média um salário mínimo por mês,

distribuído em vales semanais que, geralmente, não eram pagos em dia. O salário era completado geralmente com um emprego público" (Ribeiro apud NONATO, 2013, p. 151). Mas já era possível, pelo menos, pensar em um plano de carreira:

> [...] o repórter começava a trabalhar cumprindo uma carga de cinco horas de trabalho, subia de categoria, até chegar a dez horas diárias. Os aumentos salariais eram dados somente a quem subisse de categoria, a partir de uma avaliação dos chefes. Os jornalistas eram isentos de imposto de renda, não pensavam em aposentadoria, nem descontavam INSS (NONATO, 2013, p. 153).

Para Costa (2005), do início do século até a metade da década de 1950, muita coisa mudou na imprensa brasileira, que se reformulou completamente:

> [...] revistas ilustradas proliferaram, o uso da fotografia se expandiu, a diagramação foi remodelada, o modelo americano de jornalismo objetivo e texto conciso começou a ser implantado. A era pré-televisão viu o aparecimento de vários jornais importantes, matutinos e vespertinos, como A Manhã e o Globo (1925), Diário Carioca (1928) e Diário de Notícias (1930). Na linha editorial, alguns reflexos dessa modernização foram o declínio do gosto pelo ornamental e o superficial, que se caracterizava tanto na literatura quanto no jornalismo do período anterior (COSTA, 2005, p.98-99).

A partir do século XX, com o avanço da tecnologia e do capitalismo, o jornalismo e os jornalistas mudaram, passando da imprensa político-literária para a informativa, de massa. Dos anos 1920 até os 1950 as redações, no Brasil, enfrentaram intensas transformações. Nas décadas seguintes não foi diferente, mas houve um agravante: a Ditadura Militar (1964-1975), que resultou no nascimento da imprensa alternativa. Assim como a operária, ela "gerou" seus próprios meios e profissionais. O período "foi aquele em que a liberdade dos jornalistas foi o mais seriamente cerceada, com controle total do governo sobre os meios de comunicação" (NONATO, 2013, p. 153).

Segundo Kucinski (2001, p.6), a imprensa alternativa surgiu de duas forças: "o desejo das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade". Jornalistas como Raimundo Pereira, Millôr Fernandes, Ziraldo, Jaguar e Marcos Faerman e jornais como *Opinião*, *Pif-Paf*, *Pasquim* e *Versus*, entre outros, fizeram história.

> [...] esse impulso essencialmente jornalístico, somava-se o apelo geral revolucionário das gerações dos anos de 1960 e 1970, fazendo dos jornais alternativos, primeiro, instrumentos de Resistência ou de uma revolução supostamente em marcha, depois, numa segunda fase, derrotado esse apelo, caminho de trânsito da política clandestina para a política de espaço público durante o período de abertura. Na fase final a articulação se desdobrou, abarcando parte do movimento popular de base. Assim, apesar de sua natureza essencialmente jornalística, a imprensa alternativa acabou se

> tornando o principal espaço de reorganização política e ideológica das esquerdas nas condições específicas do autoritarismo. (KUCINSKI, 2001, p.7)

Os jornalistas que enfrentaram os anos de chumbo e se posicionaram contra o golpe, consolidado pelo decreto-lei n° 1.077, de 26 de janeiro de 1970, desenvolviam suas atividades sob extrema pressão. Na época, órgãos da Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal monitoravam e mantinham documentos com informações dos profissionais da imprensa (BRANDÃO, 2017). Eles estavam entre os principais alvos de perseguição, tanto que o SJPERJ (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Rio de Janeiro) criou em 2012, de forma pioneira, uma Comissão da Verdade para apurar dezenas de casos de vítimas da Ditadura Militar (SOUZA, 2014).

Nas redações, vigiados por censores, que não admitiam publicações contrárias ao regime, muitos jornalistas aprenderam a resistir para driblar o sistema, mesmo quando a própria vida estava em risco. Comprometidos com a profissão, desenvolveram novos métodos de trabalho. Em depoimento ao Centro de Cultura e Memória do Jornalismo, vinculado ao SJPERJ, Ricardo Kotscho, que trabalhava no O *Estado de São Paulo*, lembra o que era ser jornalista nesta época.

> Como a gente ia trabalhar, os censores também iam. Com o tempo, a gente começou a conviver com os caras e negociar com eles na oficina. Eu percebi que eles liam só o começo da matéria, se fosse assunto sério eles liam tudo, mas se fosse bobagem eles deixavam passar. Aí eu comecei a escrever com pirâmide invertida ao contrário, porque o jornalista tem sempre que abrir com o mais importante. Eu abria com qualquer abobrinha e deixava as coisas mais importantes para frente. Uns dias depois o cara percebeu, alguém falou com ele, e ele ficou bravo. A gente tinha essa relação com o censor, não tinha outro jeito (ASSAD, 2003).

Também neste período, indica Nonato (2013), foi estabelecida a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão no país, por meio do Decreto-Lei 972/1969 (que viria a ser derrubado, em 2009, pelo Supremo Tribunal Federal), mudando o acesso ao mercado. A verdade é que até a década de 70, indica a autora, o jornalismo era visto como um subemprego para muitos "profissionais". O cenário começou a mudar após a Ditadura. Em 1984, a imprensa noticiou o movimento Diretas Já. "Ainda sob a sombra do governo, o futuro tecnológico estava próximo" (NONATO, 2013, p. 155).

Baldessar (2003) lembra ainda que, com a nova linguagem implementada pelo jornalismo americano, chegaram novos equipamentos, entre eles o rádio e o telefone, mas as matérias ainda continuavam sendo escritas nas máquinas de datilografia. Foi assim até a

segunda metade da década de 1970, quando começou o processo de modernização das empresas jornalísticas no Brasil, marcado pela introdução de computadores nas redações.

Mas a informatização da imprensa aconteceu realmente em meados de 1980, sendo intensificada a partir de 1990, década em que a internet começou a se popularizar. Assim como foi com a máquina de datilografia, os microcomputadores causaram estranhamento.

> Mudou o cotidiano dos jornalistas, que tiveram de se adaptar a uma outra realidade profissional: a exigência de maior qualificação, a especialização crescente, as modificações nas condições de trabalho e, sobretudo, a intensificação do trabalho (BALDESSAR, 2003, p. 15-16).

Para falar das transformações ocorridas no período, a autora cita a pesquisa "Campo Profissional e Mercado de Trabalho em Comunicação no Brasil", realizada entre 1986 a 1993. O estudo revelou que 89% dos entrevistados notaram mudanças significativas na profissão, sendo que 79% atribuíram as alterações às novas tecnologias.

E elas foram percebidas de diferentes formas: não apenas na estrutura física ou ambiente, mas a partir de uma nova relação com o texto. Trabalhar usando computador possibilitou mais mobilidade, rapidez, facilidade de processamento das informações e maior controle do tempo para execução de tarefas, por exemplo. Por outro lado, se voltou contra as forças de trabalho, exigindo novas aptidões, aumentando as responsabilidades dentro de uma produção cultural industrializada, mas sem melhorar as condições. Contribuiu, ainda, para o desparecimento de profissões. Baldessar (2003, p. 59) exemplifica: "Na *Folha de São Paulo*, em 1984, são demitidos cem revisores e extintos o mesmo número de postos de trabalho".

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

A coleta de dados junto aos 15 informantes das gerações *Baby Boom*, X e Y, foi feita por meio de entrevistas em profundidade - presenciais e individuais. Selecionados por amostragem intencional, não-aleatória, cada jornalista respondeu a um questionário semiestruturado com 37 questões iniciais. Elas foram desdobradas de acordo com a necessidade de cada um.

A aplicação começou em 28/03/2018 e terminou em 01/05/2018. Todas as entrevistas foram autorizadas por meio de assinatura prévia de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estão documentadas em questionário impresso com anotações manuais feitas pelo pesquisador e gravadas em áudio, totalizando 24 horas, 11 minutos e 50 segundos (sendo 09h36min da Geração *Baby Boom*, 08h35min da X e 06h00min50s da Y).

Cada entrevista apresentou um tempo diferente, variando de 44 minutos e 05 segundos (mínimo) a 02 horas, 43 minutos e 29 segundos (máximo). Disponíveis nos apêndices, as transcrições foram realizadas na íntegra, no período de três meses, três semanas e 2 dias, totalizando 344 páginas. As respostas não foram editadas para preservar a exatidão dos relatos, mesmo que esses apresentem repetições de palavras ou frases, por exemplo.

Elaborado a partir do objetivo principal da pesquisa, que busca identificar se há conflito de gerações entre jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS), o questionário foi divido em cinco categorias: 1) perfil, 2) valores profissionais, 3) valores pessoais, 4) fatores tecnológicos, 5) fatores de conflitos.

Como o título sugere, a primeira parte permitiu traçar um perfil profissional dos entrevistados, que informaram, em dez questões, nome, idade, data de nascimento, local de trabalho (ou último emprego), função desempenhada no momento, local e ano de formação, tempo de carreira, empresas em que trabalhou, tempo médio de permanência nos empregos e os motivos das saídas. Trata-se de um resumo da carreira, com fatos e curiosidades individuais, construído a partir de uma linha cronológica linear.

Nas perguntas sobre valores profissionais, que formam a segunda categoria de análise, com mais dez questões, os jornalistas discorreram acerca das motivações na carreira, escolha da profissão, formação acadêmica, mercado de trabalho, projeção e reputação, fidelidade

empresarial, qualidade jornalística, informação como direito e mercadoria e os valores indispensáveis para o exercício da profissão. Na terceira categoria, os valores pessoais entraram em pauta, com 6 perguntas sobre qualidade de vida, salário, satisfação, pressão do tempo e saúde.

Fatores tecnológicos foram abordados na sequência, também com seis questões, que integram a quarta categoria. Elas foram elaboradas para que os jornalistas comentassem sobre as alterações no fazer jornalístico com o passar dos anos, bem como o domínio sobre novas ferramentas e plataformas, a utilização prática desses recursos no dia a dia e o valor que o mercado dá às habilidades mais recentes. Tudo isso somado às idades dos profissionais, que puderam avaliar se apresentam facilidade ou dificuldade no desempenho de suas funções frente às novas demandas do campo jornalístico.

Reservada aos fatores de conflitos, a última parte reuniu cinco perguntas e focou nos relacionamentos interpessoais dentro do ambiente corporativo, neste caso, a redação. Entre os assuntos analisados, possíveis dificuldades de contato entre os profissionais com idades variadas, as diferenças de visão da profissão por veteranos e novatos, pontos positivos e negativos das três gerações analisadas e prováveis situações de conflito.

Os cinco blocos de perguntas proporcionaram uma visão macro do tema – fatores de conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande - a partir de várias perspectivas que contemplaram desde os aspectos mais básicos, como motivações para a escolha do ofício, aos mais complexos: salário, saúde, hierarquia e relações interpessoais, por exemplo.

Dado o volume, riqueza do material, a extensa e densa carga de significação, apenas algumas unidades de registro foram extraídas e destacadas nos quadros de análises, onde cada pergunta aparece, em média, com duas respostas. O padrão se repetiu em todas as gerações e categorias estudadas, embora a primeira (perfil profissional) tenha sido utilizada com maior ênfase na apresentação dos informantes em notas de rodapé. As inferências, no entanto, foram feitas sob o ponto de vista dos 15 participantes. Transcritas na íntegra, todas as entrevistas estão disponíveis para consultas nos apêndices C, D e E.

3.1 Análise – Geração *Baby Boom*

A primeira geração analisada, a *Baby Boom*, é formada por indivíduos nascidos entre 1946 e 1960, após a Segunda Guerra Mundial. Em 2018, eles têm entre 58 e 72 anos, segundo Machado (2015). É importante considerar a "faixa elástica", citada anteriormente na perspectiva de pesquisadores como Calliari e Motta (2012), uma vez que a variação permite enquadramento por idade mais flexível, útil neste caso.

A interpretação deste grupo é baseada nas entrevistas de cinco jornalistas campo-grandenses, de 61 a 75 anos, que atuam ou atuaram em veículos diferentes. Eles representam os membros desta geração na imprensa local - mídia impressa, *online*, televisiva e radiofônica.

Em razão da longa experiência, que possibilitou a eles passagens por várias empresas ao longo dos anos, a maioria fala com propriedade por mais de um veículo, apesar da seleção de informantes ter sido feita com base no emprego atual ou no último. Confira, na tabela abaixo, a distribuição por idade em ordem decrescente:

Informantes da Geração *Baby Boom*				
Nº	**Nome Completo (Assinatura)**	**Idade**	**Carreira**	**Veículos**
1	Sérgio Manoel da Cruz (Sérgio Cruz)	75 anos	58 anos	Rádio
2	Orcírio de Oliveira (Ciro de Oliveira)	68 anos	44 anos	TV
3	Walter Gonçalves Filho (Walter Gonçalves)	67 anos	45 anos	Impresso
4	Maria Cristina M. F. de Almeida (Cristina Medeiros)	62 anos	40 anos	Impresso
5	Arlindo Ramão Florentino (Arlindo Florentino)	61 anos	41 anos	*Online*

Tabela 4 – Informantes da Geração Baby Boom - Fonte: O autor

O enquadramento geracional é o mesmo para todos, mas os *baby boomers*, como são chamados, apresentam perfis profissionais diferentes em razão das vivências individuais no exercício da profissão. Entretanto, na extração de dados inicial notam-se semelhanças decorrentes de uma época em comum para quem nasceu entre as décadas de 1940 e 1950.

Nesta primeira parte, que corresponde à construção do perfil profissional, foi possível observar pontos de identificação ligados à formação e o início na carreira. Para introduzir o assunto, uma unidade de registro foi destacada da primeira categoria.

Perfil profissional – Geração *Baby Boom*

> "[...] vim pra Mato Grosso em 1959, gurizão de tudo. Era menor idade. Vim pra trabalhar na roça [...] morava no interior de São Paulo [...] tinha um tio que morava em Dourados e eu vim pra trabalhar com ele na roça. Só que eu não era chegado na roça, né? Aí eu trabalhei um ano e decidi, falei: "Ah, eu vou embora. Não vou ficar na roça, não. [...] botei a mala

> nas costas e fui pra Dourados. Cheguei em Dourados e encontrei um cidadão, que é vivo até hoje, um [...] professor aposentado [...] de história [que] trabalhava na Rádio Globo. Era locutor. Falei com ele, [...] contei minha odisseia [...] não tinha nada além da minha sinceridade, nada de apresentador de rádio, nada. Eu era um caipira desdentado. Aí ele conversou com o dono da rádio [...] e convenceu o arrendatário a deixar eu trabalhar lá. Não tinha o que fazer lá, aí eu fui tomar conta do transmissor da rádio. Colocaram no transmissor. Eu dormia lá e trabalhava em troca da boia, em troca da comida. [...] forrava com jornal [...] era muito frio. [...] quando estava muito frio eu ligava o aquecedor de marmita pra esquentar e não ter uma hipotermia. Aí eu fiquei algum tempo [...] eu almoçava e não jantava [...] pra poder pegar o dinheiro da janta... Daí eu comprava cigarro, sabonete [...] isso ficou uns dois, três meses [...] depois eu me atrevi a entrar lá [...] e falei: "agora eu quero experimentar fazer". No meu tempo era técnica de som. [...] agora vou fazer técnica de som". Naquele tempo não tinha a história do DJ [...] o cara que fazia aquilo. Era o estúdio, tinha o operador e o pessoal que falava. E eu fui fazer isso. Fiz uns tempos, aí eu dei ideia para o cara pra fazer noticiário [...] copiava do rádio e dava de hora em hora a notícia de fora e tal [...] Terminei de gerente da rádio. Com um ano e pouco já estava mandando". **(Sérgio Cruz)**

O relato de Sérgio Cruz[5], sobre o início no rádio, sugere que a realidade do jornalismo no Mato Grosso do Sul, à época, era marcada pelo amadorismo e, em alguns casos, violação de direitos trabalhistas, como indicam as frases "menor de idade" e "eu dormia lá e trabalhava em troca de boia, em troca de comida".

O depoimento do jornalista indica ainda que, além de se valer da mão de obra barata e da inocência dos iniciantes, o mercado local também dispensava formação especializada. Experiência ou preparo acadêmico não eram pré-requisitos, até porque não existiam escolas de comunicação e/ou cursos superiores em jornalismo. Ele e outros dois entrevistados neste grupo, Arlindo Florentino[6] e Ciro de Oliveira[7], por exemplo, não são formados na área, embora sejam jornalistas profissionais em razão da experiência comprovada ao longo dos anos, com

---

[5] Comentarista político na *Capital FM*, Sérgio Cruz tem 75 anos de idade e 58 de jornalismo. Formado em Ciências Políticas (Uninter/2017) e Economia (Unimar/1980), começou no rádio na década de 60 e fez carreira em conhecidas emissoras (a maioria extinta) de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo, como a *Cometa, Marconi, Nove de Julho, Tupi, Difusora, Cultura e Educação Rural*. Possuí, ainda, experiência em jornais impressos, inclusive como proprietário. No jornalismo, exerceu as funções de repórter, fotógrafo, editor, locutor, apresentador, gerente e diretor.

[6] Pedagogo por formação (Fucmat/1980), Arlindo Florentino tem 61 anos e 41 como jornalista profissional. Começou no rádio como repórter esportivo e fez carreira no veículo. Mais tarde, tornou-se editor de esportes do jornal *Correio do Estado*, onde ficou por vinte e oito anos. Em 2013, passou a atuar como repórter policial do jornal *online Midiamax*, cargo que exerceu por quatro anos, antes de se aposentar.

[7] Contador diplomado, mas atuando como jornalista e radialista há mais de quatro décadas, Ciro de Oliveira, 68, é Editor-Executivo na *TV MS Record*, onde está há oito anos, depois trabalhar por trinta e sete na concorrente, a TV *Morena*. Também é apresentador de programa musical na *Rádio Educativa de MS*.

registros validados pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). A regularização foi possível por força do Decreto nº 83.284, de 13 de março 1979. Os três começaram a carreira em MS entre os anos de 1960 e 1970.

Até o final da década de 1970, a imprensa ainda era pouco desenvolvida em Mato Grosso do Sul. Cancio (2005, p. 111) lembra que, em 1979, "existiam publicações de jornais impressos e emissoras de rádio em alguns municípios, mas a maior concentração de empresas jornalísticas encontrava-se em Campo Grande".

Na época, eram três rádios AM (Educação Rural, Difusora e Cultura), dois jornais diários (Correio do Estado, fundado em 1954, e Diário da Serra (não existe mais), de 1968), além de uma emissora de televisão, a TV Morena, inaugurada em 1965. Foi a única que surgiu antes da divisão do Estado, criado em outubro de 1977 e implantado em janeiro de 1979.

Em uma extensa pesquisa sobre o jornalismo televisivo regional, Cancio (2005, p. 118) expõe as dificuldades conjunturais do período. Relata, por exemplo, que na TV Morena, "o telejornalismo foi um produto que nasceu com a emissora", na estreia do seu primeiro jornal, o *Notícias do Dia*, em dezembro de 1965.

Para compor o informativo de 25 minutos, os profissionais da empresa se pautavam, pelas notícias dos "jornais da cidade" e as informações enviadas por repartições públicas, rádio e exército, entre outras fontes. A maioria das pautas era sobre política, empreendimentos ou acontecimentos sociais considerados importantes, acidentes ou fatos ligados à administração pública (Câmara Municipal e Prefeitura).

Algumas notícias chegavam pelos Correios, via telegrama, por agências nacionais e internacionais, que geralmente relatavam os acontecimentos de Brasília, Rio de Janeiro, Washington, Paris e Londres. Mesmo assim, os conteúdos eram bastante aproveitados, revelando a "falta de estrutura e de interesse da emissora em buscar informações mais regionalizadas" (CANCIO, 2005, p.120.)

A mão de obra também não era especializada. Quando Sérgio, Ciro e Arlindo começaram no jornalismo não havia curso superior na área no Estado. O primeiro, oferecido pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), foi aberto em 1989. Quase 10 anos depois, em 1998, a Uniderp/Anhanguera também passou a oferecer a graduação, seguida pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) em 1999, Faculdade Estácio de Sá (2001), Unigran

(Centro Universitário da Grande Dourados), em 2004, e AEMS (Faculdades Integradas de Três Lagoas), no ano de 2005. Ou seja, "a expansão sul-mato-grossense de cursos dessa modalidade se deu marcadamente nas décadas de 1990 e 2000" (STURZA, p. 5, 2012).

Em anos anteriores, quem não podia sair de Mato Grosso do Sul para estudar não conseguia fazer graduação específica na área. Por isso, no diploma, Ciro de Oliveira é contador, Arlindo Florentino é pedagogo e Sérgio Cruz, economista. Do grupo analisado, apenas Cristina Medeiros[8] e Walter Gonçalves[9] são formados em jornalismo, mas eles moravam em São Paulo quando começaram a graduação em meados de 1970, não por acaso, na Cásper Líbero.

> No Brasil, a primeira escola de Jornalismo criada foi a Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, em 1947 em São Paulo. Em 1966, foram criados os Cursos de Jornalismo da Universidade de Brasília, e em 1968, do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás (primeiros da região Centro-Oeste do país). Também no mesmo ano, foi criada a Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre outras instituições (STURZA, p. 1-2, 2012).

A formação específica em jornalismo e as vantagens - ou desvantagens - do conhecimento acadêmico fazem parte da segunda categoria de análise, onde os *boomers* responderam perguntas sobre os valores profissionais aplicados a um contexto mais prático de atuação no mercado de trabalho. Também discorreram acerca da escolha da profissão, motivação, fidelidade, projeção e reputação na carreira.

Para analisar a categoria, 20 unidades de registro foram extraídas dos depoimentos de Sérgio Cruz, o jornalista mais velho desta geração, com 75 anos, e Ciro de Oliveira, de 68.

[8] Editora de Cultura e Veículos, Cristina Medeiros, 62, trabalha no jornal *Correio do Estado* há vinte e oito anos. Jornalista formada pela Cásper Líbero (1978), está na área há quatro décadas, aposentou recentemente, mas continua na ativa, sem pretensão de parar. Paulistana de nascimento, começou a carreira em São Paulo, no Diário Popular, e se estabeleceu na *Folha de São Paulo*, onde exerceu as funções de repórter e editora e ficou por pelo menos dez anos, antes de se mudar para Campo Grande na década de 90.

[9] Jornalista formado pela Cásper Líbero em 1976, Walter Gonçalves tem 67 anos e atua como jornalista há quarenta e cinco, a maior parte do tempo em cargos de chefia. Com extensa experiência em jornal impresso, acumula passagens por importantes veículos da mídia nacional (alguns já extintos), como *A Gazeta, Diário de São Paulo, Diário da Noite, O Globo* e as Rádios *Excelsior* (atual *CBN*), *Globo, Record*, entre outras empresas. Em Campo Grande (MS), trabalhou nos jornais *O Estado, Correio do Estado*, na *TV MS Record* e na *Revista Mood Life*. Atualmente se dedica a projetos pessoais, ainda no jornalismo.

Valores profissionais – Geração *Baby Boom*[10]

1. O que é ser jornalista para você?

"[...] A forma que eu tenho de comunicar, de ser gente, é sendo jornalista. [...] ora, ser jornalista pra mim é o meu ganha pão. Meu meio de vida, né? [...] Jornalismo é profissão. Eu poderia ser dentista, poderia ser... Lavrador, mas eu prefiro o jornalismo". (**Sergio Cruz**)

"Ser íntegro, ser sincero naquilo que eu faço, cobrar das pessoas o real da notícia". (**Ciro de Oliveira**)

2. Por que você decidiu ser jornalista?

"Eu acredito muito nessa história da vocação, sabe? E eu sou uma cara assim, vocacionado para a comunicação social. [...] foi por extrema necessidade e quer dizer... Deu certo, né? Eu queria fazer aquilo. Eu acho até que sou um cara predestinado". (**Sérgio Cruz**)

"Eu acho que sempre fui muito curioso. Curioso, observador e ouvinte. Ouvir, observar e ser curioso". (**Ciro de Oliveira**)

3. **Você se sente realizado (a) como jornalista?**

"Como profissional, sim, eu acho que sou reconhecido. As pessoas me reconhecem. Financeiramente quebrado, né? Mas eu nunca tive o objetivo de lucratividade do ponto de vista material ". **(Sérgio Cruz)**

"Eu me sinto, porque eu fui me adaptando aos tempos [...] no início não foi fácil [...] hoje já me adaptei [...]". (**Ciro de Oliveira**)

4. O que o jornalismo representa na sua vida?

"Representa tudo, né? Porque eu só sei fazer isso. [...] O jornalismo pra mim é 100%. Ocupa 100%... Ocupou, né? [...] hoje já estou praticamente aposentado, né? Faço muito pouco. Mas foi tudo. [...] Meu passado e meu presente foi o jornalismo. Não fiz outra coisa, a não ser um tempo em que eu permaneci na política" (**Sérgio Cruz**).

"Acho que é tudo. Eu não saberia fazer outra coisa na minha vida a não ser jornalista. Eu não digo que sou jornalista 24 horas porque as vezes tenho que desligar também, porque senão você fica o tempo todo pensando na notícia. Você vem um acidente e já quer filmar, pegar informação. Já fiz isso. Não. Para. Saí daqui eu sossego". (**Ciro de Oliveira**)

5. Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

"Para preservação do emprego ela é excepcional. [...] eu não acho que você tem que ser antiético, fazer jornalismo marrom. Não é nada disso. Acho que você tem que ser profissional. [...] eu não diria nem fidelidade. Eu diria o seguinte: você se sentir à vontade onde você está,

[10] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração *Baby Boom*. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice C.

né? Trabalhar e se sentir à vontade. Do ponto de vista do trabalhador eu não sei se fui fiel também. Eu trabalhei em várias empresas e, quando eu não gostava, eu mudava, né? Procurava outra empresa tal. Agora, emprego é igual casamento: são todos iguais, né? Você casa, ama, né? Tal... Paixão, tal... Aí de repente vem a rotina, né? Emprego a mesma coisa. Você começa em um emprego todo entusiasmado, tal, de repente vem a rotina, vem as decepções, né? [...]Tempo de empresa, pra mim, não é prova de fidelidade não". (**Sérgio Cruz**)

"Eu acho que é. É. Você ser fiel a um veículo, vestir a camisa daquele veículo. Se você não está contente aonde você está, vai procurar outra coisa pra você fazer. Sai fora! Eu sempre.... 37 anos é uma vida e eu vesti a camisa mesmo". [...] É essencial você não ficar pulando de galho em galho". (**Ciro de Oliveira**)

6. Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

"Eu acho que o fundamental é fidelidade à fonte. Responsabilidade que tem com fonte. Vejo hoje uma coisa abominável, que é o profissional trair a fonte" (**Sérgio Cruz**)

"Eu acho que é honestidade, a sinceridade com que você faz a coisa" (**Ciro de Oliveira**)

7. Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

"Eu acho que é, porque é tudo, né? Você tem que ter embasamento teórico. [...] quando eu tive oportunidade de ser empregador, eu só empreguei jornalista profissional formado. Eu sempre achei que em uma comunidade onde você tem tantos jornalistas formados, por que você vai é... Admitir um que não tenha a formação acadêmica? [...] fica bem mais fácil você trabalhar com um foca, né? Com um jornalista recém-formado, do que trabalhar com um cara que nunca fez, sabe? [...] Ele pode até dificuldade para exercer na prática, tudo, mas ele pega com muita facilidade porque ele passou quatro anos lá, né? Ensaiando esse trem aí. Não tem como..." (**Sérgio Cruz**)

"Eu acho que é determinante. Quando mais você se informar, estudar, se especializar, melhor". [...] acho que a pessoa tem que ter talento também. É muito estudo, dedicação e talento. E as vezes um pouco de sorte também ajuda. Nesses anos todos de profissão eu já encontrei com pessoas que são formadas e não tem o conhecimento que eu tenho e elas estudaram para isso. Vou usar como exemplo um repórter, sem citar nomes. Ele, para fazer a reportagem dele, ele tinha dificuldade e eu ajudava no texto. Esse mesmo cara já foi professor de faculdade aqui e se deu bem como professor. Talvez ele se dê melhor como professor, para ensinar alguém, do que ele mesmo fazer um texto para ele". (**Ciro de Oliveira**).

8. Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

"A facilidade da prática, né? [...] porque o jornalismo, em verdade, você vai aprender na hora, fazendo o jornalismo. [...] A formação é embasamento, dá um rumo. [...] agora, você vai aprender mesmo jornalismo na hora que você sentar ali na redação, quando você começar a manter contato com a malícia da fonte, né? Você vai começar a aprender ali, então é por isso que quem ter um curso superior de jornalismo já tem muito, né? Já tem um predicado enorme aí para o exercício da profissão" (**Sérgio Cruz**)

"O conhecimento. É você ter conhecimento daquilo que você faz, com aquilo que você trabalha e ler. Hoje em dia é um Control C, Control V. As pessoas não leem ou não sabem da história.

Você tem que saber um pouco de... principalmente do seu país. Um pouco de história, um pouco de geografia". (**Ciro de Oliveira**)

9. Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?

"É um direito do cidadão. [...] O cidadão tem direito. [...] A pessoa que assina um jornal ela tem direito à informação. [...]" (**Sérgio Cruz**)

"É um direito do cidadão, que as vezes é usada como mercadoria, mas é um direito do cidadão. Você tem que saber informar" (**Ciro de Oliveira**).

10. A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

"Isso é coisa muito cultural, né? [...] por que você quer trabalhar na Rede Globo? Não precisa nem explicar, né? [...] é claro que o objetivo de todo profissional é alcançar a melhor empresa para trabalhar, mesmo que contrarie o seu ponto de vista político. Você sempre prefere aquela empresa. Eu sempre preferi. Nunca consegui, né? Nunca consegui grandes empresas, mas meu sonho era trabalhar, sempre foi trabalhar em uma grande empresa [...]. Claro, não tem nenhum demérito você trabalhar em uma empresa pequena, né? [...], mas eu acho que o objetivo do jovem, principalmente, é por uma empresa grande. Pela segurança, né? Segurança funcional, pela valorização do trabalho e pela valorização profissional. Você, em uma empresa maior, numa empresa grande, você tem mais projeção. [...] tem mais capilaridade, né? Pessoas te veem. E você, dali pode partir para outra [...] sempre a boa reputação está acima da má reputação. E existe a boa e a má em toda empresa. [...] então a reputação é uma coisa também muito, muito subjetiva, né? [...] setores criam uma boa reputação e setores criam uma má reputação". [...] reputação é o que está na cabeça da pessoa, né? Ah, mas a empresa foi denunciada. É, mas a empresa também foi agraciada.... Então, reputação, pra mim, é muito relativo". (**Sérgio Cruz**)

"É. [...] eu acho que a projeção da empresa ela te dá um certo respaldo. Você dizer: "Pô, eu trabalho na empresa tal, sou funcionário da empresa tal". Eu acho que isso é importante. Ela é só importante, mas não é determinante, porque as vezes você não tem uma oportunidade". (**Ciro de Oliveira**)

Entre os *baby boomers*, a concepção de jornalista parece estar intrinsecamente ligada à identidade pessoal, ao ato de existir como ser humano, sujeito social, que vive de forma coletiva em um mundo onde a comunicação é uma necessidade básica de sobrevivência, indispensável desde a época das cavernas - quando o homem se comunicava por gestos, gritos, grunhidos, etc.

Na teoria, uma profissão como qualquer outra, um meio de vida. Na prática, um ofício com valores e responsabilidades diferentes, que ultrapassam a esfera pessoal. A maioria enxerga esse profissional como o porta-voz da sociedade e isso implica, necessariamente, ser ético, plural e comprometido com o bem-estar social.

A escolha da profissão revelou-se quase como uma predestinação entre os informantes, que se dizem vocacionados para o ofício por apresentarem habilidades favoráveis à profissão

desde a infância, por exemplo, gostar de ler, escrever e contar histórias. O encantamento com um "universo mágico", e uma vida sem rotina, que proporciona contato com outras realidades, são alguns dos motivos que os inclinaram à atividade.

Todos se sentem realizados como jornalistas em razão das experiências profissionais vividas ao longo da carreira, especialmente aquelas ligadas a fatos históricos (como a censura à imprensa na época da Ditadura Militar) e a cobertura *in loco* de grandes acontecimentos, sejam eles locais, nacionais ou mundiais.

O desempenho de funções variadas dentro da profissão e a superação de obstáculos no fazer jornalístico - muitos provocados pela tecnologia, assim como o acompanhamento da evolução tecnológica ao longo dos anos, até os dias atuais, também são motivos de orgulho e realização, que os fazem sentir-se parte da história.

Para os *boomers*, o jornalismo representa tudo ou quase tudo na vida. Sem a identidade profissional, é possível dizer que eles se perderiam como indivíduos, em âmbito pessoal, porque alegam não saber fazer mais nada ou desempenhar qualquer outro papel na sociedade.

Para Sérgio Cruz, o ofício faz parte do passado, presente e é, inclusive, sua garantia de futuro. Mesmo aposentado, ele continua trabalhado e pretende "morrer jornalista". Ciro de Oliveira também não pretende parar, ao contrário, quer "morrer no palco". Ambos consideram a fidelidade ao emprego importante na carreira, especialmente para a preservação do emprego, porque "pular de galho em galho" mancha a imagem do profissional, que passa a ser visto como não confiável.

Neste sentido, "vestir a camisa da empresa" é essencial, mas adotar essa postura não implica aceitar tudo o que é imposto ou ser antiético. Ética, aliás, é um dos principais valores apontado por essa geração como indispensável para o exercício da profissão. Nas duas unidades de registro destacadas na questão que aborda o assunto, ela aparece como pano de fundo e é compreendida a partir das palavras fidelidade (à fonte), honestidade e sinceridade.

Por isso, para os *boomers*, formação acadêmica na área tem grande valor, apesar de alguns não terem diploma. Mesmo assim, eles acreditam que a academia se encarrega de ensinar valores sociais e profissionais importantes, como a ética. Na visão dominante, o embasamento teórico adquirido nas universidades facilita o ingresso no mercado de trabalho e é um rico alicerce para o desempenho de funções e atividades diárias na prática.

Apesar de ser considerada importante, a formação, para a maioria, não é vista como determinante para a qualidade do trabalho jornalístico. Alguns informantes deste grupo creem que outros requisitos se sobrepõem ao estudo especializado, por exemplo, a técnica (conhecimento prático, que, dizem, pode ser adquirido por qualquer pessoa, independente da formação) talento e sorte.

Entretanto, para eles, a formação não é dispensável, mas é a prática que molda o profissional. Isso, sim, é tido como determinante para a qualidade do produto final. A graduação ameniza deslizes éticos, como, por exemplo, o plágio - famoso "Ctrl C/ Ctrl V", estimula o pensamento crítico, entre outras questões. Mas é a rua, o contato com a realidade fora da redação, que sem dúvida faz qualquer jornalista.

A Geração *Baby Boom* é unânime em dizer que a informação é um direito do cidadão, mas também concorda que ela é usada como mercadoria e produto jornalístico em razão de acordos e compromissos firmados pelas empresas de comunicação, que funcionam sob a lógica capitalista, assim como qualquer outra. Não há dúvida quanto a isso.

Ainda sobre empresa, mas falando a respeito da reputação e projeção que ela tem ou pode oferecer, os veteranos apresentam considerações semelhantes e poucas discordâncias. De modo geral, eles consideram que a reputação de um veículo no mercado recaí, também, sobre o profissional que nele atua, por isso esse é um quesito que pode ser determinante para a escolha do local de trabalho.

No entanto, a boa ou má "fama" é algo relativo, como expõe Sérgio Cruz: "Reputação é o que está na cabeça da pessoa. Ah, mas a empresa foi denunciada. É, mas a empresa também foi agraciada". O septuagenário acredita que qualquer jornalista, independentemente da idade, tem predileção por um veículo que ofereça projeção, isto é, possibilidade de crescimento e/ou visibilidade, a exemplo da Rede Globo, "mesmo que contrarie o seu ponto de vista político".

Essa certeza não é totalmente partilhada pelo grupo analisado, que aparenta dar mais atenção à reputação. Na interpretação dominante dos *boomers*, prestígio profissional pode ser alcançado com o tempo, a partir da apresentação do trabalho em um veículo de renome, que pode oferecer ao profissional novas possibilidades na carreira, dentro ou fora dela. Mas a projeção, ao contrário da reputação, não é determinante para a escolha do trabalho, porque a necessidade de emprego pode falar mais alto.

Valores pessoais – Geração *Baby Boom*[11]

1. O que é qualidade de vida para você?

"Qualidade de vida é você ser independente financeiramente, ter o básico para sobreviver, uma casa para morar, um carro para andar. É... Um mês por ano para descansar, para... Para veranear... Pra mim, qualidade de vida é isso. Viver bem com a família, né? Te... Viver em paz com a família e tal. Minha qualidade não tem nada de exagerado. Eu acho que todo cidadão deveria ter uma boa qualidade de vida, né?" (**Sérgio Cruz**)

"É ter acesso à saúde, eu poder dar uma educação melhor para os meus filhos, [...] poder pagar minhas contas em dia, comprar meus livros, [...] assistir um filme que eu gosto [...] É eu poder conversar com conversar com pessoas, ter amigos, sentar, bater um papo [...] Você ter o seu trabalho e saber que, ao término dele, você poder se encontrar com amigos ou poder ir em algum lugar que você quer ir [...] Você ter condições para exercer seu trabalho formal, a contento, para você e aquilo te trazer prazer. Você ter tempo para outras coisas que são prazerosas". **(Walter Gonçalves)**

2. É possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

"É. Possível. O... Bom, o jornalista tem o salário razoável, né? E ele vai procurar, em cima da sua receita, regular sua despesa. [...] Se Você não parar no tempo, se reciclar, se informar, [...] não vai faltar oportunidade". (**Sérgio Cruz**)

"[...] Como o jornalismo diário desde o início é quase um sacerdócio, é diferente. [...] difícil, acho que só quando aposenta. É difícil, porque ele sempre está numa situação de estresse, né? [...] você trabalha muito. Por exemplo: Eu vivia mais dentro de redação do que fora, né? [...], mas é realmente estressante. Por que? Porque a profissão é assim. Você trabalha com notícia. Trabalha com informação [...] informação acontece toda hora. [...] eu sempre ouvi dos velhos jornalistas, mas é verdade. É um sacerdócio. Você... O jornalista tem que gostar do que faz. Não é você ser jornalista para ter uma profissão. Então vai ser outra coisa. [...] Jornalismo você não vai ganhar dinheiro, não vai ficar rico, né? É um negócio que está em você. É você ter compromisso com a sociedade". **(Walter Gonçalves)**

3. **Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?**

"O salário é 100% determinante. [...] O salário é fundamental, principalmente hoje, né? Hoje sem salário não tem como" (**Sérgio Cruz**).

"Hoje é determinante eu acho, porque o jornalista tem que pagar as contas também [...] Às vezes é melhor você permanecer em uma empresa que ganha menos, mas te dá melhor condições de trabalho, do que você ganhar mais e não ter condições de trabalho". **(Walter Gonçalves)**

4. A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?

"É... Poderia ser um pouco melhor, né? Mas é. Eu vivo com pouco, não... Eu tenho várias atividades. [...] eu já estou aposentado, né? Mas eu fui um sobrevivente durante todo o meu

[11] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração *Baby Boom*. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice C.

tempo, né? Mas hoje eu já estou aposentado, praticamente aposentado. Hoje eu já sou *hors concours*, né? Eu não... Eu já não dependo mais de salário. Eu sou aposentado, né? Então eu faço jornalismo até mais por diletantismo mesmo, prazer. Uma coisa que eu faço porque eu gosto de fazer. Agora se eu fosse viver do jornalismo hoje, talvez eu não conseguia, talvez eu tivesse dificuldade para pagar, quitar meu cartão de crédito, né? (**Sérgio Cruz**)

"Hoje, com a minha aposentadoria... E ainda não está dando. [...] felizmente a minha aposentadoria não é mal, porque eu sempre ganhei acima do teto anual do INSS. Eu exerci cargo de chefia. Obviamente que minha remuneração era melhor, então na hora de aposentar, que faz aquela conta. [...] Eu ganho quase o teto máximo, mas eu ainda sou arrimo de família, ajudo meus filhos ainda". (**Walter Gonçalves**)

5. Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?

"Eu acho que jornalismo, o jornalismo não tem tempo, né? Jornalista é igual médico, né? Não tem tempo. Tempo é o que está acontecendo. Jornalista é um cara antenado no seu tempo, está ligado 24 horas. [...] você tem que conseguir pelo menos mais umas duas horas por dia. Você... Para exercer o jornalismo mesmo. [...] O dia tem 24 horas não tem? O jornalista tem que ter um dia de 26 horas, aumentar um pouco a hora, para ele poder ganhar no tempo. Jornalismo não tem tempo. Acho que o jornalista não tem e não pode ter tempo. Eu nunca tive tempo para fazer jornalismo. [...] eu não ligo para o meu tempo. Jornalista é igual médico. Pior, né? [...] Jornalista não é um trabalhador comum! Ele é um... Ele é jornalista! Ele é um... Diferente. [...] A sua qualidade de vida vem depois, né? Que você realizar todas as suas tarefas como jornalista, aí vem... Quando aposenta, aí pronto, aí você tira..." (**Sérgio Cruz**)

"Com os anos você vai aprendendo a ser... A se ajustar. No começo quando você está começando na carreira é um, é um monstro. Você fica apavorado [...] com o passar do tempo você vai ficar mais ágil, apura com maior rapidez. [...] Você vai peando o traquejo e vai indo". **(Walter Gonçalves)**

6. Já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

"Não. Eu não cheguei a... Talvez eu até tenha ficado, né? De repente eu começo a descobrir as loucuras aí, mas não... Até hoje ainda não tive um diagnóstico de... Eu tive diagnóstico de fumante, né? Porque eu fumei demais, [...], mas do jornalismo não. [...] não. Fui para cadeia, né?" (**Sérgio Cruz**)

Adoecer, adoecer não, o que aconteceu é... [...] não tinha muita experiência [...] então eu trabalhei muito nos primeiros meses [...] A ponto de um dia é... Eu acordar e.... Me deu labirintite de estresse, de cansaço, aí fiquei um pouco na cama. [...], mas era um estresse de canseira. Aconteceu, por exemplo, de trabalhar em dois lugares que nem louco e aí tem um dia que você não consegue levantar.". **(Walter Gonçalves)**

Qualidade de vida, para os informantes da Geração *Baby Boom*, é ter independência, estabilidade financeira, saúde – física e mental – para trabalhar e tempo de realizar outras atividades além das profissionais. Porém, o dinheiro aparece como fator principal nesta questão. Logo, o emprego é visto como algo fundamental para a garantia da dignidade humana, por oferecer condições básicas de sobrevivência e lazer.

Os *boomers* se contentam com o mínimo e não associam qualidade de vida a uma rotina de excessos e luxos. Para eles, o simples é suficiente. Menos é mais. Ter o que comer, onde dormir, condições para honrar com compromissos e férias uma vez ao ano, por exemplo, é algo bastante aceitável.

Otimistas, a maioria acredita que, com esforço acima da média, é possível, sim, ter qualidade de vida sendo jornalista, mas isso implica, necessariamente, saber viver no limite financeiro, ser comedido nas escolhas e agir quase como um economista para controlar, de forma bastante rígida, receita e despesa.

Mais importante que isso, é ter habilidade para lidar com a pressão profissional diária, o tempo sempre apertado e a falta de rotina, isto porque o jornalismo tem o seu próprio ritmo, é pautado pelos acontecimentos muitas vezes imprevisíveis e, por isso, pede dedicação exclusiva.

Desta forma, qualidade de vida é algo posto em segundo plano. Trata-se de um benefício que pode ser conquistado, talvez, na aposentadoria. A verdade é que o jornalismo, para a maioria dos profissionais experientes ouvidos nesta pesquisa, é tido como um sacerdócio. Esta palavra aparece no discurso de três dos cinco entrevistados. Não à toa, eles se dizem vocacionados para a profissão.

No contexto religioso, sacerdócio (do latim *sacerdotiu*) é o ministério ou funções de um sacerdote, "entre os antigos, aquele que tratava de assuntos religiosos e tinha o poder de oferecer vítimas à divindade" ou "aquele que distribui os dons sagrados ou divinos; ministro do culto divino, da instrução religiosa e dos sacrifícios; padre". No sentido figurado, adotado neste caso, uma "missão ou profissão honrosa" (FERREIRA, 1986).

Se qualidade de vida só é possível com dinheiro, o salário não é só um detalhe, ao contrário. Para os *boomers*, ele é tudo e determinante para a permanência em uma empresa. Embora outras questões possam ser consideradas, como as condições de trabalho, a remuneração tem peso infinitamente maior. A justificativa é simples: jornalista também paga conta e precisa, inclusive, ter excelente domínio de finanças pessoais caso queira sobreviver e ter o mínimo de qualidade de vida, porque o salário deste profissional não é dos melhores.

A vida sacerdotal do jornalista aparece, novamente, na questão referente à pressão do tempo no trabalho. Para Sérgio Cruz, o jornalista não é um trabalhador comum, porque no

jornalismo não há tempo e quem o exerce precisa viver como profissional 24 horas por dia. Aliás, 24 horas, na visão dele, não seriam suficientes. “O jornalista tem que ter um dia de 26 horas, aumentar um pouco a hora, para ele poder ganhar no tempo”. De novo, a qualidade de vida aparece em segundo plano.

Reimberg (2015, p. 351) sustenta que nem sempre os jornalistas se enxergam como trabalhadores, submetidos a uma relação capitalista, onde vendem sua força de trabalho. Essa percepção parte, geralmente, dos profissionais com menos de 45 anos (que se reconhecem como trabalhadores e, inclusive, questionam as organizações de forma mais incisiva), do que os veteranos, com mais de 45 anos, “provavelmente por vivenciarem ou terem vivenciado mais a precarização do trabalho”.

Em casos assim, o envolvimento é tanto que, de certa forma, “cega”, e os impede de lutar por melhores condições. “A mística em torno da profissão alimenta um discurso de adesão e dedicação, que serve, na verdade, aos interesses do capital: extrair mais produtividade, maximizar a produção” (REIMBERG, 2015, p. 351). Desta forma, os direitos são deixados de lado e, segundo a pesquisadora, cada um encontra uma forma de lidar com o sofrimento.

Walter Gonçalves, por exemplo, diz: “com o passar do tempo você vai ficar mais ágil, apura com maior rapidez”. A experiência, completa, ensinar a pegar o “traquejo” e seguir em frente. Ou seja, na interpretação deste veterano é o profissional que deve se ajustar à profissão ou à empresa (e oferecer a ela toda a sua força de trabalho), e não o contrário.

Mesmo vivendo uma rotina considerada diferente e sendo submetidos às pressões do jornalismo, nenhum dos *boomers* entrevistados alega problemas de saúde provocados pelo exercício da profissão. Eles relatam situações pontuais, de estafa, doenças virais ou vício em cigarro, por exemplo, mas não associam isso ao desempenho de suas funções.

Fatores tecnológicos – Geração *Baby Boom*[12]

1. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
“Absolutamente. [...] você faz um jornal aqui na tela. Você monta ele aí na tela. Isso foi um avanço extraordinário. Foi a chegada à lua. [...] Coisa que nem imaginava. Como você ia imaginar que você iria produzir um jornal em uma maquininha desse tamanho e tal? E aconteceu. Aconteceu. Pra mim foi extraordinário” (**Sérgio Cruz**)

[12] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração *Baby Boom*. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice C.

“Ah, facilitam, nossa, nossa, e como [...] Ela te aproxima muito mais rapidamente das coisas. Você consegue as fontes com muito mais facilidade do que na minha época, que você tinha que se deslocar até onde ela estava [...] O papel diminui muito, então o número de árvores diminuiu muito. Acho que a gente tem que pensar logo daí [...] você faz uma página muito mais elaborada, né? Com programas que facilitam. Então é fantástico”. **(Cristina Medeiros)**

2. Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

“Eu utilizo bem. [...] para as minhas atividades é ótima... O que eu faço mesmo utilizando tecnologia é só meus blogs, meus blogs de história, pesquisa...” (**Sérgio Cruz**)

“Ah, muito bem. Nenhuma, nunca tive. Ao contrário, eu sempre ensino. [...] eu gosto de tudo o que é novo. Eu adoro. Que venham mais coisas”. **(Cristina Medeiros)**

3. De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?

“Olha, como jornalista, para, por exemplo, o que eu faço hoje no rádio como comentarista político, [...] não interfere muito. Não há interferências. As minhas fontes... Uso aqui, vejo aqui uma notícia aqui, mas eu ligo, né? Para conferir e tal. [...] eu ligo quando eu acho que deve ligar, né? Alguma coisa está meio confusa aqui, então vou ligar pra ver. Eu vejo aqui, vejo uma notícia no jornal e a mesma notícia em outro jornal, não precisa ligar para ninguém, porque a notícia está nos dois, porque foi alguém que mandou colocar daquele jeito ali e aquela que é a que eu vou me orientar. [...] E minha orientação é... Pego o jornal de manhã, o jornal Correio do Estado e O Estado, são dois jornais, dou um a lida, né? E os sites, né? Os sites mais conceituados aí, que eu me baseio. E rede social para sentir a repercussão, né? Porque a rede social é só fofoca, né? Fofocaiada. Então para sentir a repercussão, abro e tal” (**Sérgio Cruz**).

“Em tudo [...] Já aconteceu muitas vezes de eu não achar a pessoa por telefone, precisar falar pra pauta [...] Você não acha pelo telefone, mas você vai no WhatsApp da pessoa, deixa um recado e a pessoa te responde ali, porque às vezes está em uma reunião, ela não pode falar [...] Então isso veio pra acrescentar”. **(Cristina Medeiros)**

4. Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?

“A questão da fidelidade, da responsabilidade, né? A honestidade. Respeitar as fontes. É isso. Sobretudo, a competência, né? O bom profissional. O bom profissional já encaixa tudo isso aí que eu falei. O bom profissional. [...] O bom profissional sempre foi valorizado, sempre, porque o bom profissional é o que cresce”. (**Sérgio Cruz**).

“É ele ser plural. É ele jogar nas 20. [...] jogar nas 20 significa você ter... No time certo. Você saber mexer com tecnologia, você ter idioma, ter curso de mestrado, pós-graduação, você ter títulos [...] Ser uma pessoa esperta, ser uma pessoa antenada e uma pessoa que goste dessa correria [...] e dessa pluralidade de você escrever um dia sobre isso, um dia sobre aquilo, de você correr atrás das coisas e fazer tudo ao mesmo tempo agora”. **(Cristina Medeiros)**

5. Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico?

“Eu, por exemplo, faço programa lá na FM Capital, então eu falo e tem sempre alguém que critica, que elogia, tal. Faço programa na Via Morena e durante a apresentação do programa, que é transmitido pelo Facebook, assim como o programa da rádio, o pessoal interage e tal. E eu respondo, né? Sempre que eu tenho oportunidade, eu respondo, então pra mim a rede social é uma forma de interagir, de contato mesmo, de contato direto com quem está ouvindo, está

assistindo. É usada mais para isso. [...] porque o Facebook não dá pauta nenhuma. Essas redes sociais aí só servem pra você linkar mesmo. Tudo mentira, 90% do que está na rede social é tudo bobagem. Você tem que... Eu não confio na rede social. [...] porque tem muita... Como vou dizer? Todo mundo é jornalista na rede social, todo mundo dá informação, aumenta a notícia, vai notícia errada, escreve errado. É uma linguagem muito coloquial. Uma linguagem muito pobre, né? Linguagem de rede social é paupérrima. A rede social não ensina nada, não educa, não ensina. É só fofoca. E eu uso porque todo mundo é fofoqueiro, né? Todo mundo gosta. Eu uso para atingir um público..., mas é só fofoca. Rede social eu não... Inclusive, eu já participei muito de alguns debates na rede social e nunca vi vantagem nenhuma, nunca... Coisa horrorosa, sabe? Pessoal que não sabe de nada, que acha que sabe e... *Fake News*, né? [...] O WhatsApp eu uso também, mas também muito pouco. O WhatsApp eu acho muito comadre mesmo, né? Bem de comadre mesmo. [...] porque é uma fuxiqueira, né? É uma fuxiqueira. Só fuxico. [...] até eu faço parte de uns dois grupos, porque o pessoal me coloca aí. [...] pra começar, eu não vou ficar batendo boca na rede social. Já vi isso no Facebook. Já fiz muito isso no começo. Eu batia boca com o pessoal, defendendo meus pontos de vista, tal, mas não vale a pena" (**Sérgio Cruz**)

"Eu utilizo todos os dias [...] Porque às vezes no Facebook aparece uma pauta, pelo WhatsApp você conhece pessoas, também encontra fontes [...] No Instagram. Nossa... Olho Instagram assim... Já me deu altas pautas. [...] Facebook, Instagram, WhatsApp, o Telegram... Não é todo mundo que tem Telegram, né?". **(Cristina Medeiros)**

6. A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

"A idade do jornalista? Depende, né? Depende do jornalista. Tem jornalista que tem 18 anos e parece que tem 180, né? Então acho que isso aí não tem muito a ver não. De repente tem o cara novo e tal, mas não gosta, né? Vai tocar porque é a única coisa que ele sabe tocar, né? É o computador e tal. De repente aparece uma tecnologia nova e ele tem dificuldade, né? Mesmo novo.... E um mais idoso não tem dificuldade, até porque já teve acesso a outras tecnologias e desenvolve com facilidade. Depende muito de cada pessoa. Cada pessoa é uma pessoa, né? [...] Não dá para agrupar isso, não tem como". (**Sérgio Cruz**).

"Eu acho que ela influencia no domínio. Eu acho, porque não é possível você ter experiência em outras coisas e não... A tendência é sempre você ir dominando o que vem [...] A idade ela só facilita mediante você ter acompanhado a evolução das coisas, porque se você chegou em uma certa idade e não acompanhou, ela dificulta [...] Depende da pessoa. [...] os jovens tudo é mais rápido, mas não que a gente tenha incapacidade. É uma coisa fisiológica. É mais lento, mas não incapaz". **(Cristina Medeiros)**

Mesmo nascidos em uma época onde aparelhos manuais e analógicos dominavam o mercado, os jornalistas veteranos ouvidos neste estudo são entusiastas das novas tecnologias, incluindo as digitais, e consideram que os avanços foram expressivos, proporcionando facilidade de desempenho profissional antes inimaginável.

Sérgio Cruz compara a evolução tecnológica no campo da comunicação com a chegada do homem à lua. Cristina Medeiros destaca a rapidez, encurtamento de distâncias, incorporação

de novas técnicas no fazer jornalístico e até uma nova consciência ambiental provocada pela diminuição do uso do papel.

Todos os informantes desta geração afirmam que utilizam bem as novas tecnologias porque conseguiram adaptar-se a elas. De fato, houve adaptação, especialmente no período da informatização da imprensa e a chegada da internet na década de 1990, mas as mudanças geraram grandes impactos, tiveram de ser apreendidas na prática – salvo as exceções – e, por isso, não foram absorvidas a contento por todos, tanto que alguns demonstram resistência e/ou dificuldade. A maioria usa apenas o básico.

O radialista e comentarista político de 75 anos é um exemplo. Ele acompanhou diversas fases da tecnologia no jornalismo, desde a época das composições em linotipo, mas atualmente usa o mínimo de recursos para trabalhar: um computador com editor de texto e acesso à internet, e o *smartphone*, preferencialmente para ligações. Editar fotos ou vídeos, por exemplo, não são habilidades deste jornalista.

Avesso às redes sociais e às novas ferramentas de comunicação, Sérgio Cruz não procura e nem enxerga pautas no *Facebook*, porque considera a plataforma um espaço de fofoca, sem valor jornalístico, onde "todo mundo é jornalista". Já o *WhatsApp*, na visão dele, é "muito de comadre", só tem "fuxiqueira" e, portanto, é um recurso dispensável.

A utilização das redes sociais para composição de matérias jornalísticas não é algo descartável nas rotinas de produção atual. Casadei (2013) analisou este fenômeno sob o ponto de vista da legitimação desses recursos como fontes de informação entre as empresas jornalísticas e os próprios jornalistas. Isto porque, na prática, plataformas como *Facebook* e Instagram, fazem parte do processo de construção de notícia na imprensa nacional há pelo menos uma década.

Se em 2009 expressões como "publicou no *Twitter*" e "postou no *Facebook*" já eram encontradas em matérias de grandes jornais, como a *Folha de São Paulo*, hoje elas são muito mais comuns. A progressão numérica não deixa dúvidas e, segundo a pesquisadora, indica que houve um "reposicionamento dos valores jornalísticos em voga (que colocam essas fontes dentro das fronteiras do aceitável)" (CASADEI, 2013, p.3).

É fato e, portanto, inegável, que as redes sociais são importantes para composição das notícias na atualidade. Elas alteraram a rotina de produção, os processos de trabalho e a

apuração. Para a autora, este fenômeno mostra o caráter histórico da escrita jornalística, que passou por mudanças marcantes ao longo dos anos.

> O aumento do número de notícias que utilizavam as redes sociais como fonte para a composição narrativa da reportagem está implicado nesse mesmo processo a partir do qual determinados procedimentos passam a ser considerados úteis e são autenticados, enquanto outros caem em obsolescência (CASADEI, 2013, p.4).

Na pesquisa *Perfil profissional do jornalismo brasileiro*, Mick (2015) reflete sobre as mudanças estruturais da profissão, que provocaram transformações no perfil profissional com o aparecimento de novas atividades e funções em três novas áreas: 1) planejamento de mídias; 2) produção de conteúdo e desenvolvimento de novas linguagens; 3) gestão de equipes. De acordo com o pesquisador, as redes sociais são responsáveis por boa parte delas.

Entre os novos cargos estão o de repórter de web e pesquisador (de conteúdo), *ghostwriter*, preparador de textos, fechador, analista de comunicação, analista de conteúdo digital, analista de mídias (ou redes) sociais (ou digitais), gestor de projetos, coordenador de mídias digitais e estratégia, assistente em redes sociais, etc.

Com 62 anos, Cristina Medeiros vai na contramão do radialista, apesar de exercer função diferente e com demandas específicas. A editora de cultura se diz apaixonada por tecnologia, super conectada com as tendências, garante que não abre mão das inovações e espera por mais novidades. Ela afirma que utiliza as redes sociais todos os dias e encontra, sim, pautas no *Facebook* e fontes no *WhatsApp*. No trabalho como jornalista, se vale ainda de outras plataformas, como o *Instagram*, rede social de fotos, e o *Telegram*, outro serviço de mensagens instantâneas.

As discordâncias neste ponto demonstram que o domínio da tecnologia por jornalistas veteranos é relativo e depende do interesse pessoal de cada um, embora os mais jovens possam ter mais facilidade de aprendizado por uma questão fisiológica, mas isso nem de longe é garantia de sucesso. Sérgio Cruz exemplifica: “Tem jornalista que tem 18 anos e parece que tem 180”.

Fatores de conflitos – Geração *Baby Boom*[13]

1. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?

"Não. Não tenho a menor dificuldade. [...] talvez eles tenham... Eles sintam dificuldade de se relacionar comigo. Eu não tenho a menor dificuldade. [...] ah, talvez, não sei, de repente... Nem todo mundo é igual, né? O cara fala: "Ah, sou jovem, tal..." Agora eu tenho respeito por todos eles. [...] não tenho dificuldade nenhuma. [...] aliás, eles têm por mim o maior respeito e idem, né? É recíproco [...] Eu sou tido como o vovô dos jornalistas aí". (**Sérgio Cruz**)

"Não. Não senti porque [...] alguns companheiros na minha faixa são mais contidos, são mais introspectivos, né? Eu sou mais expansivo. Então se eles não vinham até mim eu ia até eles, então eu sempre me dei bem com os novatos, então. E assim... Sempre procurei ajudar. Às vezes alguém tinha dificuldade e tal, vinha me perguntar alguma coisa para esclarecer e eu sempre estive pronto. Isso aí ajudava no relacionamento. Como eu sempre gostei de buscar coisas novas, tecnologias, sempre tive interesse de perguntar "para que ser isso, para que serve isso", então isso aí me ajudava, então nunca tive dificuldade de relacionamento". (**Arlindo Florentino**)

2. Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

"Não sei, eu nunca consultei nenhum novato, mas eu acho que não, porque eu... Eu penso... Eu encaro a profissão hoje como eu fazia... Acontecia há 20 anos atrás, do mesmo jeito. [...] eu, pessoalmente, não tenho essa dificuldade. As pessoas com quem eu me relaciono não vejo essa dificuldade. [...] aliás, eu não acho que não tem diferença não. Eu, me colocando no papel de veterano e vendo os jovens aí, a gente pensa maios ou menos a mesma coisa. [...] então não vejo diferença nenhuma. A gente conversa no mesmo... Até porque diferente tinha que ser os assuntos, né? [...] aconteceu uma coisa, o acontecimento é aquele e você não muda o acontecimento de acordo com... Se você é veterano ou você é mais jovem, né? Aconteceu isso aqui é o que aconteceu. Um tem um palpite, outro tem outro palpite. Aconteceu. Um tem um conceito, o outro tem outro conceito. Não vejo... Acho que não muda muito não. Não vejo. Também não vejo. Não vi... É possível até que haja, mas eu nunca senti, por exemplo, preconceito. Nunca vi nenhum preconceito né? Ah... De... "Porque você é mais novo, você é mais velho". O que eu noto no mais jovem... Alguns são mais afoitos, né? Porque trabalha em uma rede maior, tal, mas... Eu não vejo.... [...] São mais... Se sentem mais... Como eu diria... É, se sentem mais importantes, na verdade, mas aquilo também em determinados momentos, né? Tal. Acha que pode colocar o microfone dele na frente do seu..., mas são coisas, né? De cada pessoa. Cada pessoa tem a sua... A sua própria personalidade. Não vejo... Não... Se você colocar isso em um conjunto, né? Não tem. Não vejo. Não vejo essa diferença". (**Sérgio Cruz**)

"Sim [...] A gente quando é mais experiente, a gente é mais objetivo para dar a informação e os mais novos buscam sempre uma polêmica. Querem sempre algo novo em um fato. O fato é aquele, mas os mais novos sempre buscam alguma novidade naquele fato [...] talvez a ansiedade de buscar informações diferentes [...], essa ansiedade de ter a informação mais rápida e a informação primeiro. Porque às vezes a informação apressada é informação errada, algumas

[13] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração *Baby Boom*. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice C.

vezes. [...] os mais antigos eles são jornalistas. São jornalistas. Os mais novos estão jornalistas, porque se tiver uma outra oportunidade ele vai. Os mais antigos, como eu falei, eles são jornalistas. Eles começaram jornalistas, viveram jornalistas e vão ser jornalistas. [...] é o meu caso. [...] os mais jovens eles estão. Então, se houver uma outra oportunidade, em algum outro campo, ele vai abandonar o jornalismo e vai para outro campo. Então os mais antigos tinham mais raiz no jornalismo, mais enraizados, o que eu não sinto nos mais jovens. [...] os que estão começando agora estão jornalistas por quê? Porque eles estão visando o mercado de trabalho. Tem uma profissão de jornalista. Eu sou jornalista, mas se o shopping me der melhor condição eu vou para o shopping. Eu acho que hoje o jovem, de forma geral, busca essa condição financeira, enquanto os mais antigos buscavam aquela coisa de ser jornalista. [...] os mais antigos são vocacionados, tem a vocação, e os mais novos tem a opção [...] A gente tem o coração de jornalista e eu sinto que os mais jovens não têm essa. [...] porque hoje as pessoas buscam [...] a qualidade de vida. [...] para ter essa qualidade de vida tem que ter uma boa remuneração e o jornalismo às vezes não dá essa remuneração. [...] os mais antigos são jornalistas 24 horas, independente da carga horária, e os mais jovens não. São jornalistas naquele período. **(Arlindo Florentino)**

3. Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?

"No meu tempo, antes de mim, era tudo um amadorismo danado, né? Tudo feito... O dono do jornal era ele que fazia a matéria, era quem compunha, era quem... Era uma coisa muito... Muito caseira, né? Eu não tenho... Eu convivi muito pouco com pessoas antes de mim. Parece que o jornalismo começou comigo, sabe? Começou no meu tempo. [...] O ponto positivo era o aventureirismo, né? O cara se meter a fazer jornalismo em uma época em que o jornalismo era uma coisa nova, né? [...] você se meter a fazer jornalismo naquela época, era uma aventura. No interior, né?" (**Sérgio Cruz**)

"A experiência e o conhecimento, porque até mesmo, por exemplo, na escola, o ensino da minha geração, que tinha Latim, que tinha o OSPB [*Organização Social e Política do Brasil*], que tinha essas matérias que hoje não tem, dá uma formação pra gente, uma melhor formação, então, por exemplo, se eu vou ensinar uma gramática para alguém eu vou ensinar como é raiz daquela palavra, eu sei como é a raiz daquela palavra, porque forma essa palavra assim, porque veio do Latim, porque formou tal coisa, então são conhecimentos que hoje não se tem essa preocupação, mas que anteriormente tinha. Então foi um aprendizado acadêmico sem estar em uma acadêmica, sem estar em uma universidade". [mas] eles não tinham a preocupação em evoluir. [...] A geração era acomodada, então se você quisesse aprender mais, evoluir mais, você tinha que faze por conta própria. Então eles narravam futebol do jeito deles, eles escreviam a matéria do jeito deles, mas aí, por exemplo, implantaram o microfone sem fio. "Eu não vou trabalhar com microfone sem fio porque eu não sei como é que mexe nisso", sabe? Então era mais ou menos assim. A máquina de escrever... A máquina de escrever... Veio a máquina elétrica, datilografia, máquina elétrica. Os mais antigos: "Eu não vou mexer isso aí não porque pode me dar choque. Prefiro continuar com a minha máquina antiga. Então é mais ou menos isso: a não preocupação de evoluir tecnicamente" (**Arlindo Florentino**)

4. Quais os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas?

"Também não vejo. Não vejo ponto negativo, não. Acho que.... Não vejo, nem ponto... Nem muito negativo, nem ponto muito positivo. [...] . Eu não vejo nada de negativo. [...] é, positivo é [...] essa questão teórica, né? A questão da academia, do cara assim, ter uma formação profissional e tal e que nessa... Nessa formação profissional ele se destaca. Um se destaca do

outro. Acho que o ponto positivo é esse, né? O destaque que um tem do outro, né? Em função dessa formação que você tem e tal... Profissional". (**Sérgio Cruz**)

"Positivo e negativo ao mesmo tempo. A nova geração é pilhada, né? Aquela coisa assim... quer tudo antes até do fato acontecer, já quer dar a notícia, então é pilhada, então é positivo e negativo. Aquilo que eu já te falei, que você pode dar uma informação errada. [...] os pontos positivos acho que é aquilo... A rapidez de buscar informação, que sempre tem, que chega às vezes a ser negativo, porque com a preocupação de buscar informação mais rápida, não tem aquela preocupação de aprofundar essa informação. [...] Bom, negativo é, também, aquilo que eu falei, a falta da raiz, vou usar esse termo. Da falta da paixão, do coração, sabe? O fato de estar jornalista e não ser jornalista, eu vejo... Não é generalizando, mas dá para perceber isso em alguns que a gente conhece". (**Arlindo Florentino**)

5. Quais os pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas?

"Os pontos positivos era você enfrentar todas as dificuldades conjunturais, né? Para fazer um jornal. Até porque, no meu tempo, o jornalista geralmente era o dono do jornal. [...] quando não era o dono era o sócio. [...] não existiam grandes empresas. No meu tempo não existiam grandes empresas de jornalismo. Jornalismo você fazia com três, quatro pessoas. [...] então eu acho que o ponto positivo era esse, né? De você encarar. Fazer um jornal diário, por exemplo, com quatro, cinco pessoas. E o cara fazia. E saia bom o jornal. [...] Tecnologia totalmente difícil, né? [...] não tinha o gravador cassete. Era o gravador grande. [...] Disco, né? Gravava com disco. Quando eu comecei no rádio era 78 rotações, depois veio o LP Stand Play, não sei o que é tal... Era uma dificuldade. De repente o disco furava. Não tinha... Agora o fator negativo mesmo do meu tempo foi o amadorismo, isso era o fator que mais... Degradante até. Era o amadorismo. Você não tinha quem fazia o rádio. Eu me lembro que quando cheguei na Rádio Clube de Dourados, o apresentador de um programa lá era servente de pedreiro. Um outro era barbeiro. Não tinha quem fizesse, né? Eu fui fazer programa de rádio e era lavrador. [...] minha formação cultural, de ensino, era o quarto ano primário, que corresponde à quarta série do Ensino Fundamental. Então não tinha quem fizesse. Como era um objeto, uma coisa bem diletante, bem amadora, quem tinha uma estação de rádio também não iria contratar, né? Para pagar salário. Pagava uma miséria. [...] então eu acho que o amadorismo foi o ponto negativo, mas não tinha como você fazer diferente. [...] A parte positiva era o cara topar fazer, né?". (**Sérgio Cruz**)

"Negativos, era a dificuldade de chegar a informação. Eu, por exemplo, cheguei a pegar resultado de loteria esportiva no rádio, porque não tinha internet, nada, então eu tinha que ir num canto onde o rádio pegava bem e ficar ouvindo. Esse é um ponto negativo: a falta de condição técnica. E positivo... É aquela preocupação em informar, preocupação em dar a informação total. [...] na época da Ditadura era o fechamento, né? Você não tinha acesso à informação. [...] hoje não. O positivo hoje é que você consegue fazer fontes de delegados, coronel e em qualquer lugar tem alguém que te passa a informação. Antes não existia isso. [...] ah, pontos positivos... São coisinhas bestas, por exemplo: jornalista não pagava para entrar em clube, não pagava para entrar em cinema, não pagava... Você tinha carteirinha de jornalista e pronto. Você tinha acesso liberado. Não importava se você ia fazer matéria ou se não ia, então essa coisa, né? Do jornalista ser visto como isso, né? Era sempre um convidado especial. Você chegava com a carteirinha de jornalista no clube e entrava [...] O positivo era isso. Era o glamour [...] O jornalista tinha determinada importância na sociedade. O jornalista tinha uma posição diferenciada na sociedade. [...] hoje não. O jornalista hoje é um trabalhador comum, mas antes não. O jornalista era visto como uma certa personalidade. [...] é positivo porque

facilitava as coisas para você. Não chega a ser no aspecto da profissão, mas no aspecto pessoal, da convivência". **(Arlindo Florentino)**

6. Existe conflito de gerações entre jornalistas?

"Não. [...] eu não vivo esse conflito. Eu nunca vivi esse conflito. Pode ser que haja, né? Mas eu não vivo. Eu estou acima de negócio aí, sabe? Eu já passei desse tempo aí. Ninguém conflita mais comigo. [...] eu faço programa lá na Rádio FM Capital com uma jovem, a Carmem Cestari, e com um jovem, que o Marcos Faria. [...] quer dizer... Não tenho a menor dificuldade. A gente não tem nenhum desentendimento. Cada qual está na sua... Eu não... É possível que haja, né? Como tudo há, né? Mas eu não vivo esse conflito. [...] quando eu era mais jovem aí, sim, eu tinha conflito com as pessoas de mais idade. Mas não era eu que conflitava. O pessoal conflitava comigo, né? [...] O que eu sentia era o receio de eu, como mais jovem, mais esperto, mais, né? Eu tomasse o lugar do cara. "Esse cara vai tomar meu lutar, tal". Esse era o maior receio que tinha. [...] nunca houve desentendimento. Havia um conflito muito mais virtual, né? Mas não havia assim, de chegar às vias de fato, brigar... Nunca... Quer dizer, eu nunca cometi isso. [...] O conflito estressa, né? O conflito estressa. Você pensa em fazer uma coisa e você, estressado, faz uma coisa e não alcança o nível de perfeição que você queria. Isso sempre interfere, mas é normal, né? Eu acho absolutamente normal, né? [...] não há um conflito com uma pessoa só, né? Não há um conflito com um interesse só. Conflito só há quando há choque de interesse e eu estou acima disso aí. Não disputo espaço com ninguém. Ninguém disputa espaço comigo. Eu sei das minhas limitações. Eu não vou, por exemplo, transmitir futebol. Eu não sou narrador de futebol, né? Eu faço minha coisinha ali. Na hora que aparecer um cara que faz melhor que eu e quer tomar o meu lugar, não tem problema nenhum. Pra mim não. [...] eu já superei, né? Eu já superei todas as fases dos profissionais. Eu estou fora do meu prazo de validade. [...] não disputo espaço no mercado. E tem gente disputando, né? Mas eu não disputo. Agora eu não sei quem está disputando, porque comigo não tem ninguém disputando. E pode ser que tenha e eu não esteja sabendo. [...] essa competição, pra mim, eu acho burra, né? A pessoa tem que se impor no mercado pela competência, pelo que sabe fazer, pela responsabilidade, pelo profissionalismo dele, e não por picuinha, né? Ficar de picuinha. Eu já sofri muita queimação, do cara chegar e tentar me prejudicar. Isso é, no começo do rádio, tal. Muita gente querendo prejudicar. Já sofri muito isso, mas eu nunca fui prejudicado por isso. Sempre me impus. [...] E consegui. E eu venci no rádio, na comunicação social, mas em função disso, porque eu nunca persegui ninguém, nunca agredi ninguém" (**Sérgio Cruz**)

"Rapaz, depende muito. No meu caso não, porque sempre convivi bem, mas tem amigos meus que no Facebook, rede social qualquer ou coisa que valha assim, você vê que ele dá opinião e os outros dão opinião, existem certos conflitos. Esse tipo de relacionamento existe, mas no meu caso não. [...] é caso. Um caso esporádico sim, mas no geral não. [...] é conflito de opinião. Aquela coisa do jornalista antigo achar que é o certo e que os mais novos não sabem nada. [...] tem essa mentalidade em alguns, então eu conheço alguns que tem essa mentalidade, de achar que é o certo e que ele sabe tudo e que os mais jovens não sabem nada. E aí quando tem essa discussão tem esse conflito. [...] é pessoal. É pessoal, porque é aquilo que eu falei: o mais antigo acha que é isso, o mais novo acha que é aquilo e eles nunca... O mais novo pode até ceder um pouco, mas o mais antigo não cede nunca. Acha que ele sempre está certo. Então é questão pessoal. [...] quando é companheiro de trabalho às vezes até é de forma subjetiva, porque às vezes um companheiro mais antigo critica a matéria do mais novo. O mais novo não aceita essa crítica. O mais velho sempre acha que está com a razão, então existe esse tipo de conflito. Os mais antigos a maioria sempre acha que tá certo, que a opinião dele é a que vale, que a técnica que ele utiliza para fazer determinada matéria é a que vale e o novato ainda não sabe nada, está

muito novo. Então em virtude disso tem... Tem esses conflitos. O mais novo cede, mas o mais antigo dificilmente cede. Sempre mantém essa posição mais radical. [...] já senti que depois de determinada discussão o clima na redação muda, né? Até voltar ao normal já passou algum tempo e já se perdeu alguma coisa desse período, então interfere, interfere muito. [...] Isso aí atrapalha o ambiente". **(Arlindo Florentino)**

"[...] não existe, até porque não existe mais tanta concorrência, então [...] todos estão mais ou menos no mesmo barco, [...] tem as mesmas auguras, [...] as mesmas correrias. [...] O jornalista [...] mais antigo procura - eu vejo nos exemplos nos exemplos que eu conheço - [...] ajudar, entendeu? Se o repórter mais novo está tendo dificuldade, né? [...] até porque se ele está no cargo de chefia, ele não vai deixar sair errado, [...] então eu acho que [...] não existe isso. O cara pode até fazer a crítica, mas a ponto de haver essa animosidade, não". (**Walter Gonçalves**)

"Conflito de gerações? Ah, eu acho que conflito de gerações vai ter sempre, [...], mas não é um conflito... E que bom que tem esse conflito, né? Senão vira uma pasmaceira, uma monotonia... Tem. Eu acho que existe um conflito salutar, né? Conflito salutar [...] esse conflito de você chegar com novidades que o mais antigo nem sempre aceita e com as coisas, experiências que os mais antigos têm, que os novos nem sempre aceitam também. E que bom que existe conflito, mas um conflito salutar, [...] porque acrescenta. Eu acho que todo mundo aprende com todo mundo. [...] Olha, de gênero? [...] Não. Nunca enfrentei, ao contrário. [...] Sempre fui respeitada, [...]nunca tive esse tipo de problema [...], mas assim... Conflitos [...] talvez de ideias, [...] principalmente essas animosidades de época política. Isso existe. Isso existe, mas nunca perdi uma amizade por causa disso. [...] Sofrer não sofri, mas eu sinto que existe uma coisa natural de seleção de grupos. Isso eu sei que tem, entendeu? Eu sinto isso, percebo isso, mas isso não me deixa infeliz. Eu não forço uma participação. Não quero forçar uma participação e não acho que eles estejam errados, porque é uma seleção natural, entendeu? E não me sinto discriminada" (**Cristina Medeiros**)

Os jornalistas da Geração *Baby Boom* nasceram entre as décadas de 1940 e 1960 e tem pelo menos o dobro da idade dos profissionais mais jovens, com quem ainda convivem nas redações de Campo Grande (MS), mas essa diferença não faz com que eles sintam dificuldade de relacionamento no trabalho.

Se autointitulando vovô dos jornalistas Sérgio Cruz diz que o respeito é fundamental e, até agora, tem sido recíproco. Arlindo Florentino compartilha da mesma opinião e acrescente que a harmonia se estabelece a partir da troca de experiências. Apesar disso, ambos consideram que existem diferenças na forma como um veterano e um novato enxergam a profissão.

Para o comentarista político, essas diferenças não são tão marcantes, ao contrário. Elas são quase inexpressivas, porque todos "pensam mais ou menos a mesma coisa" quando o assunto gira, por exemplo, em torno de um acontecimento que vira notícia. Ele argumenta que a idade do profissional, neste caso, não muda um fato, mas considera que alguns novatos são mais afoitos e, em determinados momentos, sentem-se mais importantes na busca pela informação.

Arlindo Florentino faz observação semelhante quando se refere à apuração. Na concepção dele, os mais novos são mais ansiosos e propensos à polêmica, comportamento que pode provocar erros. Além disso, ele considera que os novatos estão jornalistas, enquanto os veteranos são, o que significa dizer, mais uma vez, que os mais velhos - salvo as exceções - se colocam como jornalistas 24 horas por dia, exercem a profissão com a vocação de um sacerdote e deixam a qualidade de vida em segundo plano.

Por outro lado, os mais novos, na avaliação deste grupo, têm no ofício apenas uma profissão, isto é, uma fonte de renda, e não um propósito de vida. Ou seja, frente a qualquer outra oportunidade mais rentável, inclusive fora da área de atuação, eles abandonariam a atividade.

Discorrendo sobre pontos positivos e negativos das três gerações estudadas, os *boomers* consideram que a anterior à deles foi marcada pelo amadorismo, já que não existiam cursos superiores na área, mas também pela resistência às inovações tecnológicas da época, a não preocupação em evoluir como profissionais e a displicência com a saúde.

O desafio (a parte boa) estava em aceitar as condições, aprender na prática e fazer jornalismo com a cara e a coragem, por amor. A experiência adquirida no dia a dia, o conhecimento - por vezes empírico – e o compromisso com a profissão, tinham o seu valor e o caminho percorrido, assim como os desafios superados, ficaram de legado para os mais novos.

A nova geração tem a formação acadêmica com um dos pontos positivos citados pelos veteranos, que ainda destacam a agilidade, "frescor de ideias" e a facilidade em lidar com a tecnologia, mas essas características, segundo eles, também se enquadram, muitas vezes, nas negativas, porque podem refletir em um trabalho sem profundidade.

Para Arlindo Florentino, isso é reflexo da falta de paixão pela profissão, do estar jornalista e não ser efetivamente. Os *boomers* também consideram negativo o fato de alguns novatos não darem atenção às recomendações dos mais velhos, quando a intenção destes é apenas transmitir conhecimento e prepará-los para os desafios do mercado.

Sobre a própria geração, eles acreditam que os pontos positivos estão ligados às dificuldades conjunturais, ou seja, à forma de fazer jornalismo em uma época igualmente difícil, com mais recursos, mas ainda assim muito limitados. Questões de ordem política (como

a censura imposta pela Ditadura Militar) e tecnológica aparecem como fator principal nesta questão.

Para Sérgio Cruz, a parte positiva era aceitar fazer, mesmo, a exemplo dos seus veteranos. Na avalição de Arlindo Florentino, o lado bom estava no prestígio que o jornalista tinha naqueles tempos, a "posição diferenciada na sociedade", que o via quase como uma autoridade, como fica explícito no trecho em que diz: "jornalista não pagava para entrar em clube, não pagava para entrar em cinema, não pagava..." Por conseguinte, ser um "trabalhador comum" hoje, sem os mesmos privilégios de outrora, é algo que ele vê como negativo.

Quatro dos cinco informantes deste grupo acreditam que não há conflito de gerações entre jornalistas. Pelo menos não classificam assim as discordâncias nos relacionamentos interpessoais no ambiente comum de trabalho. Com 44 anos de carreira e 68 de idade, o editor executivo Ciro de Oliveira afirma que nunca enfrentou o problema, nem parou para observar, porque não se interessa pelo assunto, embora tenha sido demitido de um emprego, depois de 37 anos, sob a justificativa de que estava "velho e improdutivo" e o que restava era "se aposentar, colocar um pijaminha, um chinelinho e esperar a morte chegar".

A declaração é retroalimentada em vários pontos do discurso do entrevistado, como fica evidente na unidade de registro destacada abaixo:

Perfil profissional – Geração *Baby Boom*

> "Em 2010, eu tinha 37 anos de TV Morena, o senhor Alfredo Sing, que era o gerente de jornalismo, um dia me chamou lá e falou que era meu último dia de trabalho. Aí eu falei: "Mas por que? Aconteceu alguma coisa? "Não, Ciro, a gente está fazendo uma reformulação no quadro de funcionários e você vai ser mandado embora porque você está velho e improdutivo". Aí eu disse pra ele: "Alfredo, velho eu até concordo porque todos nós estamos velhos a cada 5 minutos, agora improdutivo é o senhor, que caiu aqui de paraquedas, não tem texto, não é jornalista, é ruim e tá de meu chefe. Tudo bem". "Ah, não, está na hora de você se aposentar, colocar um pijaminha, um chinelinho e esperar a morte chegar. Isso foi em 2010, na TV Morena. Eles me mandaram embora sem justa causa. Não tinha o porquê. A alegação era que eu estava velho em improdutivo. Tá. Tudo bem. Eu sai de lá e, porra, parece que minha vida tinha acabado, porque fiquei 37 anos em uma empresa e assim... Na TV Morena eu era o coringa. Eu servia pra tudo. Eu fazia produção, edição, reportagem, entrevistas... Precisou de alguém para o segunda edição? "Chama o Ciro!" Todos os produtos da casa eu fazia. Eu não tinha problema de editar o rural, variedades, esporte". **(Ciro de Oliveira)**.

Sérgio Cruz, o radialista e comentarista político de 75 anos, que há quase seis décadas se dedica à profissão, também não vê situações de conflito no ambiente profissional. Para ele,

isso só seria possível se as conversas, na redação, girassem em torno de outros assuntos e não dos acontecimentos, sendo que esses não podem alterados do ponto de vista jornalístico. Logo, todas as opiniões são convergentes, argumenta.

O septuagenário crê que "passou desse tempo", não disputa mais espaço com ninguém e, por isso, não vive uma realidade assim, embora tenha tido experiências negativas no passado, como fica evidente no relato: "Quando eu era mais jovem aí, sim, eu tinha conflito com as pessoas de mais idade. Mas não era eu que conflitava. O pessoal conflitava comigo, né? [...] O que eu sentia era o receio de eu, como mais jovem, mais esperto, [...] tomasse o lugar do cara". O depoimento permite dizer que os atritos tinham relação direta com a idade.

Com 67 anos e 47 de profissão, Walter Gonçalves pensa de maneira semelhante quando fala sobre a ausência de concorrência, que hoje julga menor. Para ele, esse fato elimina o suposto problema, porque "todos estão mais ou menos no mesmo barco, [...] têm as mesmas auguras, [...], as mesmas correrias". Pode até existir críticas, pontua, mas não a ponto de haver "animosidade".

Críticas existem, revela Arlindo Florentino, que prefere não utilizar o termo "conflito de gerações" quando se refere ao assunto. Para o jornalista de 61 anos, com quatro décadas de experiência, existem casos esporádicos de "conflitos de opinião". E eles ocorrem, geralmente, quando o veterano aponta erros no trabalho de um novato, por exemplo.

Com praticamente o mesmo tempo de carreira, a editora de cultura Cristina Medeiros, de 62 anos, fala em "conflitos de ideias", embora declare - mesmo de forma reticente - que existe "conflito de gerações" e uma "seleção natural" de grupos. Porém, na avaliação dela, isto é salutar, necessário até para extirpar a monotonia da redação, "porque acrescenta" e "todo mundo aprende com todo mundo".

Única mulher do grupo estudado, a jornalista garante que não enfrentou, nem enfrenta, problemas desta natureza e, inclusive, nunca foi desrespeitada em função do seu gênero. A declaração, no entanto, não põe fim à questão, tampouco elimina a problemática, ao contrário. Estudos de gênero, aplicados ao jornalismo, provam que o assédio contra mulheres jornalistas é uma realidade bastante comum no mercado.

Pesquisa feita pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) em parceria com a Gênero e Número (*web* revista independente que trata dos debates de gênero

por meio do jornalismo de dados) revelou, em 2017, que uma em cada 10 jornalistas "receberam, no exercício do trabalho, propostas ou demandas por favores sexuais em troca de algum benefício profissional ou material". Mais de 500 profissionais participaram do estudo (ABRAJI, 2017).

De forma geral e sem se prender a um gênero específico, Reimberg (2015, p. 292) destaca que o assédio moral e sexual "podem fazer parte da rotina do jornalista", mas os abusos costumam ser naturalizados por conta da conveniência organizacional e/ou de uma gestão assediadora, o que impede, muitas vezes, a reação por partes das vítimas.

> Algumas situações de humilhação parecem ser usadas no jornalismo como uma fonte de extrair produtividade ou como forma de limitar as ações do outro e o fazer obedecer. A humilhação também serve para controlar o outro, que passa a se vigiar e se submeter para não ser o próximo (REIMBERG, 2015, P. 292).

A autora abordou o assunto com um grupo de 21 jornalistas (durante pesquisa sobre o universo do trabalho deste profissional) e questionou se eles já vivenciaram ou presenciaram situações de assédio. Seis vivenciaram e presenciaram. Três apenas presenciaram. Três não usaram o termo, mas relataram situações potencialmente assediadoras.

Três ouviram histórias de amigos ou no local de trabalho e outros três relataram casos de assédio sexual. "Entre os jornalistas com mais de 60 anos, não houve nenhum relato de assédio moral, mas houve três falas que podem indicar posições assediadoras" (REIMBERG, 2015, p. 288).

3.2 Análise – Geração *X*

A Geração X é formada por indivíduos nascidos entre 1965 e 1979, após a Segunda Guerra Mundial. Em 2018, eles têm entre 39 e 53 anos, segundo Tapsctott (2010). A análise deste grupo foi baseada nas entrevistas de cinco jornalistas campo-grandenses, de 45 a 53 anos, que atuam ou atuaram na mídia impressa, online, televisiva e radiofônica da Capital. Na tabela abaixo, a distribuição por idade em ordem decrescente:

Informantes da Geração X				
Nº	**Nome Completo (Assinatura)**	**Idade**	**Carreira**	**Veículos**
1	Celso Bejarano Junior (Celso Bejarano)	53 anos	27 anos	*Online*
2	Rosana A. M. Siqueira Teixeira (Rosana Siqueira)	47 anos	27 anos	Impresso
3	Joel Almeida da Silva (Joel Silva)	46 anos	08 anos	Rádio
4	Flávia Vicunã Pereira (Flávia Vicunã)	45 anos	24 anos	TV
5	Marta Ferreira de Jesus (Marta Ferreira)	45 anos	22 anos	*Online*

Tabela 5 – Informantes da Geração X - Fonte: O autor

Seguindo a mesma lógica de distribuição estabelecida na primeira geração, esta tem início com a análise de 20 unidades de registro.

Valores profissionais – Geração X[14]

1. O que é ser jornalista para você?

"Ser o porta-voz da comunidade. Ser porta-voz da sociedade. Tentar construir alguma coisa que mais se aproxime do justo. Isso é ser repórter [...] Isso é ser jornalista". **(Celso Bejarano)**

"Acho que ser jornalista é viver mundos que não te pertencem. Experiências assim que você, entre vários personagens, conhece um monte de histórias que você talvez, sendo uma pessoa comum, em outra profissão, você nunca teria acesso. A mundos assim, extremamente interessantes. E mundos cruéis também, coisas [...] pesadas às vezes". **(Rosana Siqueira)**

2. Por que você decidiu ser jornalista?

"Foi uma história, nossa, muito bacana, coisa de criança. Aos 5 anos de idade foi quando eu aprendi a ler e os meus parentes, parentes da minha mãe principalmente, eles eram todos agricultores. [....] Embora com potencial econômico, eles não sabiam [...]e nem escrever. Então, aos 5 anos de idade eu estava na minha casa, então vinham pra minha casa, dormir lá, ir no banco, depois iam embora. E eles compravam jornais e revistas e [...] queriam saber o que estava acontecendo na cidade e mandavam eu ler. Então eu começava a ler e aquelas pessoas ao redor [...]. Eu gaguejando, mas eles ali, ouvindo. E aí eu comecei a ver a importância naquilo [...] às vezes eu lia, mas não entendia o que eu estava lendo e isso foi começando a forçar a entender porque eles queriam me ouvir e com o tempo, ainda criança, eu percebi que alguém estava conversando com eles. Não era eu, mas era alguma outra pessoa [...] então aí eu comecei a perceber que a notícia era tudo [...] E aí comecei a estudar e comecei a perceber que a gente via o mundo por meio dos jornais e das revistas e da televisão. E vi a importância dos jornalistas e aí, claro, "vou ser um jornalista [...] Eu achava assim, que sendo jornalista eu ia ser muito mais parte da vida. Por isso que eu sou jornalista". **(Celso Bejarano)**

"Meio que uma necessidade, porque eu estava cansada mesmo de fazer cursinho. Eu fui tentar [...] foi meio uma tentativa de ver o que eu gostaria." **(Rosana Siqueira)**

3. Você se sente realizado (a) como jornalista?

"Sinto. Sinto [...] embora eu ainda acho que tenho muita coisa pra fazer, que não vou conseguir fazer, mas assim [...], vou te falar o seguinte: eu tive três filhos [e] pelo jornalismo eu não assisti o crescimento dos meus filhos. Isso aí é a minha maior dor, sabe? [...] Os meus filhos não entendiam porque eu não brigava por eles e, sim, por causas. [...] Foi uma vida assim. Quando penso nisso, dá vontade até de chorar. [...] Se eu fosse um simples trabalhador, um caixa de supermercado... Garanto que o caixa do supermercado cuidou muito melhor do filho dele do que eu. Mas logo eu me recomponho e acho que o meu trabalho foi importante. E acho que se tivesse que fazer tudo eu ia fazer a mesma coisa [...], mas a bagagem que eles [os filhos] têm, cultural, aí eu sou metido, sabe? Tipo assim: "Ah, eles devem ter se espelhado

[14] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração X. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice D.

em mim sim". [...] Isso aí foi o único patrimônio que eu pude dar pra eles. Foi nessa questão". **(Celso Bejarano)**

"Não. O jornalismo, com o passar do tempo, lógico, fui amadurecendo, e tudo aquilo que parecia que era a coisa mais maravilhosa do mundo, e que iria mudar minha vida, não foi nada daquilo. Era mais uma profissão, né? Era apenas uma profissão que poderia me levar vários lugares. E o que eu consegui com a minha profissão não é nem de longe [a] realização de um sonho. Hoje, mais madura, eu acho que eu devia ter feito arquitetura, por exemplo. [...] Chegou um determinado momento, acho que dê bastante anos de trabalho, em que eu comecei a ver uma parte pequena do jornalismo. Essa coisa grandiosa toda, essa aventura, isso está muito ligado a uma falta de maturidade, né? A uma falta de vivência. Há um romantismo que a gente coloca nas coisas quando a gente começa. Com o passar do tempo, com a idade, com a maturidade, com a minha experiência, eu fui vendo [...] coisas tristes no jornalismo. Coisas feias. [...] Por exemplo: você ter que fazer uma matéria onde o mais importante é uma manchete forte, sabe? E não realmente preservar, de repente, a dor das pessoas, ou preservar mesmo a imagem das pessoas. Você ter tratamento diferente.... E tem! Tratamento diferente pra determinada fonte, para o bandido, para o promotor... Você percebe essas coisas [...] e isso é muito ruim. O jogo da política é uma coisa muito, muito complicada, sabe? E tudo isso vai te decepcionando. E assim, aquela coisa de "nossa, eu vou fazer essa matéria e vou ajudar essa comunidade", aí você vê que você não ajudou, que você foi lá e... Teve um tempo na minha vida que eu falava: "Cara, isso aqui é só fofoca. A gente só faz fofoca. [...] Não de sensacionalismo. Eu acho que as coisas, às vezes, elas são tão rasas. Qual é o objetivo daquilo, entendeu? Às vezes eu vou, eu pego uma história, eu trago ela para cá e eu posso comprometer completamente a vida de uma pessoa ou de uma comunidade e pronto. E eu vou embora, [...] vou pegar outra pauta e vou fazer outra coisa. E também o meu editor [...]não tem responsabilidade nenhuma com relação a isso. [...] Eu sofria muito, sofri muito com as coisas pequenas. Eu achava injusto a forma que se tratava as coisas menores, entende? Falta de respeito com fonte, até na questão da preservação mesmo do que se diz, sabe? [...] Então essas coisas foram me frustrando. O sentido do meu trabalho, entendeu? [...] Foi perdendo o sentido. [...] Lógico que existiram coisas legais, coisas que tiveram resultados, que tiveram uma repercussão, que outros colegas fizeram e que nós fizemos várias matérias e que acompanhamos até o final e que, realmente, a partir do trabalho jornalístico teve um resultado positivo e que é legal, [...] mas na maioria das vezes não tem. No dia a dia não tem. Você vai lá, você é [...] o que eu te falei: [...] um fofoqueiro. Você vai lá, você conta aquela história e fica por isso mesmo e acabou. [...] Eu não me sinto realizada com a profissão. [...] Hoje, [...] por incrível que pareça, olha que loucura, [...] eu busco [...] uma segunda alternativa de trabalho, de profissão. Eu quero ter uma segunda profissão. Eu ainda não deixei o jornalismo completamente, [...] porque [...] continua sendo uma alternativa de trabalho e de sobrevivência. É de onde eu tiro o meu dinheiro pra sobreviver, pra pagar minhas contas, porque é o que eu sei fazer [...], mas se você perguntar o que é o jornalismo na minha vida hoje... Eu não tenho mais a pretensão de ocupar o espaço de uma grande jornalista, que descobre coisas e que tem um impacto na sociedade. Não. Hoje o jornalismo, na minha vida, cumpre a função de ser um trabalho e de ser o meu sustento, a minha fonte de renda, porque eu já busco uma alternativa de fazer uma outra coisa". **(Flavia Vicunã)**

"Eu me sinto [...] Sim, me sinto realizada, mas o que eu acho mais triste dessa nova geração é isso [...] eu acho que a gente se frustra muito com a vida da gente por não conhecer realidades de outras pessoas. É meio egoísta". **(Rosana Siqueira)**

4. O que o jornalismo representa na sua vida?

"Eu acho que a minha vida é o jornalismo [...] O jornalismo é... Ele sobrepõe coisas divinas assim. É... Religião, espiritualidade. O jornalismo ele me fez eu crer no que eu vejo. O jornalismo não tem zebra [...] não tem coisas do além. São coisas de gente. São coisas, né? Do mau, do bom, do ruim, de qualquer forma o jornalismo ele me colocou o pé no chão." **(Celso Bejarano)**

"Eu acho que uma realização pessoal mesmo [...] tudo que eu tenho [...] até do ponto de vista pessoal, esse enriquecimento cultural, como a minha vida financeira [...] foi o único sustento que eu tirei [...] Eu acho que sou uma pessoa realizada, apesar de todos os percalços". **(Rosana Siqueira)**

5. Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

"Eu acho assim: sempre vai existir o patrão e sempre vai ter o empregado [...] Entre patrão e empregado sempre vai ter a diferença é... Social, né? Você vai prestar pra ele enquanto você produzir. Se você não produzir você não presta mais, porque existem outros empregados. A questão é uma fidelidade ao seu emprego. Não ao seu patrão. A fidelidade é assim... Tipo: Ah, eu preciso trabalhar, preciso trabalhar, eu tenho de cumprir horário, eu tenho de cumprir regras, aí tudo bem. Agora achar que o patrão vai resolver a sua vida...". **(Celso Bejarano)**

"Eu acho que sim [...] eu sempre fui fiel à empresa que eu trabalho, por mais que eu tenha as dificuldades, e não me arrependo [...] Porque quando você sai da faculdade você tem uma, muita ideologia [...] você tem muitas ideias, até de uma pureza, que a gente vai perdendo. A gente perde essa pureza. O caminho ele é tão cascalhento, que você vai perdendo [...] tem uma reciprocidade essa fidelização com a empresa [...] é uma troca. Tem, ainda tem muito valor, sabe? Muito valor assim, da chefia saber que pode contar com você. Então ele te ajudar em época de muita necessidade". **(Rosana Siqueira)**

6. Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

"Dedicação é um deles, né? Dedicação, empenho [...] Honestidade, Imparcialidade. É isso [...] Formação acadêmica... Por que é o seguinte: a formação acadêmica, além de necessária, ela... A estrutura acadêmica ela te faz melhor. A estrutura acadêmica ela te ascende sempre, porque se você é... Vem de uma formação acadêmica, você não quer se estacionar". **(Celso Bejarano)**

"Ser fiel aos teus princípios e assim [...] manter a tua credibilidade [...] ter assim o respeito [...] o respeito das pessoas e o respeito por si próprio que eu acho isso muito importante". **(Rosana Siqueira)**

7. Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

"Pra qualidade do trabalho. Isso é [...] porque é o seguinte: quando você tem a formação acadêmica, você é... Você tem várias frentes, porque você trabalha com interpretação, você trabalha com tecnologia, você trabalha com gente, você trabalha com um conjunto de... Quer dizer... São vários fatores [...] a formação acadêmica é importante, porque não adianta, se você não tiver essa base, eu creio que você está super despreparado e não consegue fundamentar o que está fazendo". **(Celso Bejarano)**

"Com certeza [...] Se não fosse minhas aulas de sociologia, minhas aulas de sociologia, imagina... Eu saí de Maracaju e não sabia quem era Marx. Não tinha a mínima noção [...] fui ver os grandes comunicadores [...] eu fui ver Simone de Beavouir, coisas assim indispensáveis pra tua formação social, pra tua formação intelectual. E isso [...] de fazer você pensar [...] de você poder enxergar essas questões sociais. Então eu acho que isso me ajudou a ver [...] as outras pessoas, humanas [...] as aulas da formação... As aulas de telejornalismo... As aulas que você tem de fotografia... Pra mim foi muito importante". **(Rosana Siqueira)**

8. Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

"O principal deles inclusive. A questão, a postura ética [...] fazer o seu trabalho correto, entender o que você está fazendo, interpretar o que, qual é a sua pauta, nessa linha assim...". **(Celso Bejarano)**

"Eu acho que é a questão ética. É a mais importante [...] A ética, legislação do jornalismo, eu acho que isso é uma das coisas mais importantes [...] eu acho que a parte sociológica, de você entender as população, você entender o social como ele opera, eu acho que isso é muito importante, te ajuda bastante na tua formação, na tua compreensão [...] do problema que existe [...] Viver outras realidades além da sua". **(Rosana Siqueira)**

9. Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?

"Um direito do cidadão [...] porque eu acho que todos que buscam um mundo democrático, um mundo mais justo, eu acho que todos deveriam ser iguais diante de alguma coisa, então daí eu imagino que é um direito". **(Celso Bejarano)**

"A informação é um direito do cidadão, mas se tornou mercadoria bem comercial hoje em dia [...] Eu acho que há uma mistura do jornalismo e da publicidade hoje em dia, principalmente na internet [...] Você não sabe mais [...] Igual essas fake news ou então textos de produtos [...] você acha que é uma reportagem e quando você vê está lendo um produto novo". **(Rosana Siqueira)**

10. A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

"É importante, porque vai te dar bagagem profissional. Não estou dizendo pra você morrer lá, mas eu acho que você conhecer essa estrutura, e depois atuar em uma pequena, você vai entender como é que funciona o jornalismo". **(Celso Bejarano)**

"Ah, com certeza [...] Você pode sentir mais segurança [...] Eu acredito que isso dá mais segurança pra você. Porque na verdade a gente está atrás da grana [...] pra mim é uma coisa que sempre [...] teve peso [...] a reputação de uma empresa". **(Rosana Siqueira)**

Ser jornalista, para a geração X, é ser o porta voz da sociedade e os olhos dos cidadãos que desejam saber o que acontece no mundo ou na comunidade em que vivem. É o elo entre o sujeito social e os poderes estabelecidos. É mostrar a verdade dos fatos e ser elemento de transformação, com capacidade de questionar, criticar e exercer empatia sempre que necessário. Ser jornalista é, acima de tudo, ser humano, curioso, aberto a viver experiências e realidades que não pertencem à individualidade, mas que compõe o coletivo.

Embora o aspecto social do jornalismo tenha despertado a atenção dos X, a escolha da profissão se estabeleceu como uma oportunidade de trabalho para a maioria. Dentre as opções de cursos superiores à época, eles viram na área uma chance de ter as habilidades pessoais aproveitadas e aperfeiçoadas, o que garantiria, talvez, uma carreira profissional no futuro.

O "plano" funcionou e a inserção no mercado de trabalho fez com que os jornalistas deste grupo dessem ainda mais valor à formação. Mas o contato efetivo com área, no dia a dia das redações, também foi responsável por provocar, anos depois, reflexões profundas e certo descontentamento.

Mesmo assim, quatro dos cinco informantes se dizem realizados como profissionais por conta da pluralidade de experiências vividas e do capital cultural adquirido, mas há queixas contundentes. Celso Bejarano[15], por exemplo, lamenta por não ter acompanhado o crescimento dos três filhos, porque sempre colocou o jornalismo em primeiro lugar, mas ao mesmo tempo sente orgulho de tê-los educados com a visão de mundo que considera moralmente aceitável.

Flávia Vicunã perdeu completamente o romantismo que tinha no início da profissão. Com a maturidade, a apresentadora conseguiu enxergar aspectos negativos do ofício (jogo sujo da política, irresponsabilidade, sensacionalismo, etc.). Por isso, hoje, ela vê o jornalismo apenas como uma profissão, ou seja, uma fonte de renda, algo que garante o sustento.

No entanto, para a maioria dos jornalistas dessa geração, a profissão representa tudo ou quase tudo na vida, tanto que fica difícil separar a identidade pessoal da profissional. Elas se fundem em uma relação quase simbiótica, onde uma não vive sem a outra.

Heloani (2006, p. 193) constatou que a felicidade entre jornalistas "é sempre postergada, e, em decorrência disso, também o tempo para a família, para os filhos, para o lazer e para o amor". As queixas são muitas, comuns entre os profissionais, mas o sofrimento costuma ser mascarado pela fetichização do ofício.

---

[15]Celso Bejarano, 53, é repórter do jornal *online Top Mídia News*, onde está desde fevereiro de 2018. Formado em Letras (Fucmat/1988), atua como jornalista há vinte e sete anos e durante esse tempo também foi correspondente, subeditor, editor e chefe de reportagem. Possui experiência em jornal impresso, *online*, TV e rádio. Atuou em conhecidos veículos da imprensa nacional, como o *Correio Braziliense, Folha de São Paulo, A Gazeta e UOL. Em Campo Grande, passou pelo Diário da Serra* (extinto), *Rádio CBN, Correio do Estado, O Estado, TVE, Midiamax*, entre outros.

Dois dos cinco entrevistados consideram a fidelidade ao emprego importante para a carreira. Rosana Siqueira[16] crê que a relação com o empregador se baseia na confiança e na reciprocidade. É um toma-lá-dá-cá. Não ser fiel, neste caso, significa trair a confiança de quem lhe estendeu a mão, garante o seu sustento e pode ser útil no futuro, inclusive nas questões mais pessoais.

Porém, para o restante do grupo, fidelidade ao emprego não é garantia de uma carreira de sucesso ou realização profissional. Não ser fiel, na visão da maioria, não faz de um jornalista um mau profissional, mas o contrário pode trazer consequências negativas, como a acomodação. Em alguns casos, mudar ("pular de galho em galho") é visto com bons olhos, porque proporciona novas experiências, traz amadurecimento e crescimento. A visão, neste aspecto, é bem diferente dos *boomers*.

Os X acreditam que a honestidade, ética e respeito são alguns dos fatores indispensáveis para o exercício da profissão, assim como a credibilidade, parcialidade, seriedade, dedicação, capacidade de senso crítico e questionamento, fidelidade ao veículo e a seus próprios valores como ser humano.

Todos consideram a formação acadêmica em jornalismo importante, mas não necessariamente determinante para a qualidade do trabalho. Os que avaliam como determinante alegam que o estudo acadêmico oferece base sólida para interpretação da realidade e compreensão do processo comunicacional, algo que a teoria pura - de aprender a escrever um texto, por exemplo - não proporciona.

Os outros três jornalistas que consideram a formação essencial, porém não determinante para qualidade, pensam de forma semelhante, mas argumentam que qualquer formação superior é válida, porque estimula o intelecto. Além disso, alegam que existem excelentes jornalistas não-formados, mas com grande experiência e que desempenham um ótimo trabalho.

Para os X, a ética é um dos principais valores profissionais, talvez o mais importante, que a formação acadêmica na área proporciona. O conhecimento cultural e a visão humanística

[16]Jornalista formada pela UEL (Universidade Estadual de Londrina) em 1992, Rosana Siqueira, 47, é editora de Economia e Rural no jornal *Correio do Estado*, onde trabalha há 23 anos. Possui, ainda, experiência com jornal *online*, TV e assessoria de imprensa.

da realidade, estimulado por disciplinas como filosofia e sociologia, também tem grande valor, ao lado do saber teórico e prático aplicado à área.

Não há dúvidas, para o grupo, de que a informação é um direito do cidadão, embora todos tenham consciência de que ela também é usada como uma mercadoria – na publicação de *Fake News* e na fusão da publicidade com o jornalismo, por exemplo. Na concepção de alguns jornalistas, a notícia é produto porque a produção depende do capital. O desafio, neste caso, seria diversificar as fontes de financiamentos para levar ao público a informação do jeito mais plural possível.

Os jornalistas da geração X acreditam que a reputação de uma empresa é mais importante que a projeção oferecida por ela. Por isso, se pudessem escolher um trabalho, eles teriam preferência pelos veículos com melhor avaliação. Na interpretação dos informantes, a "fama positiva" recai diretamente sobre o profissional e influencia na credibilidade. Além disso, um veículo conhecido e bem visto oferece respaldo para atuação na área. Facilita, por exemplo, o contato com as fontes.

Embora a projeção tenha o mesmo peso para quem visa crescimento na carreira, no conjunto ela não ganha tanta relevância. Há quem diga que a qualidade de vida seja mais importante que os dois requisitos.

Valores pessoais - Geração X[17]

1. O que é qualidade de vida para você?
"É você viver minimamente bem com coisas que não exigem tanto dinheiro. Pra mim, por exemplo, eu adoro domingo quando eu posso ir, por exemplo, numa banca de revista, tomo um café e compro um livro. Volto pra minha casa, tenho uma assinatura de televisão, assisto um bom programa... Qualidade de vida pra mim..., mas isso aí sou eu. É muito mais que isso. Mas do ponto de vista do jornalista aqui velho é esse". **(Celso Bejarano)**
"Qualidade de vida pra mim hoje é poder acordar na hora que eu quero, poder assistir aos programas que eu quero e não... E evidentemente ganhar bem, né? Ter uma remuneração boa, que me permita a ter umas... Hoje, segunda-feira, tomar chope com os amigos e amanhã não precisar acordar 4h da manhã. É... Não me preocupar se tem uma conta vencendo e eu vou ter dinheiro ou não. Qualidade de vida pra mim hoje é ter uma condição financeira boa e estar bem fisicamente, de saúde e tal". **(Joel Silva)**

[17]As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração X. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice D.

2. É possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

"No limite. [...] Se eu tivesse hoje três filhos pequenos não daria. [...] Eu teria que estar trabalhando 18 horas por dia, ou seja, [...] no mínimo em dois empregos. [...] É muito difícil, mas a galera de hoje, o jornalista de hoje, é diferente do jornalista de ontem. O jornalista de hoje ele já vem da classe média. É difícil você encontrar um jornalista hoje que vem da periferia. É difícil". **(Celso Bejarano)**

"[...] É difícil, mas é possível sim. É possível ter qualidade de vida em qualquer trabalho, desde que a gente se dedique a isso e a gente saiba [...] que as nossas escolhas ou as circunstâncias, nos levem a ter limites. [...] No caso do jornalista, às vezes eu acho que é difícil a gente se impor limites. [...] Eu acho que é possível, desde que a gente consiga impor esses limites da sanidade mental, porque a gente adoece muito mentalmente eu acho. E isso reflete no corpo, mas é mentalmente. [...] Eu, por exemplo, falando da minha vida pessoal, eu tenho a questão do peso, que é muito reflexo da minha ansiedade com o trabalho, do meu estresse com o trabalho... Então assim, é possível ter qualidade de vida? Dois anos atrás eu estava super bem fazendo jornalismo, mas eu tinha um horário menor. [...] São limites que a gente se estabelece, [...] se impõe [...], para poder assegurar a qualidade de vida, mas ela é possível sim. [...] É o seu limite pessoal de assim: "eu não vou trabalhar dez horas por dia, porque eu sei que se eu trabalhar dez horas por dia vai me fazer mal", aí eu vou ter que fazer um sacrifício salarial. Eu já fiz isso algumas vezes na minha vida, de ganhar menos pra poder [...] ter mais [...] qualidade de vida". **(Marta Ferreira)**

"É possível [...] Eu acho que o bom jornalista ganha bem, se coloca em ótimas situações, mas depende muito da postura [...] Então é possível, sim, tanto que você tem bons jornalistas que ganham bem no rádio e tem quebrado no rádio. Você tem gente que apresenta programas na TV e que não são bem financeiramente como o cara que tem o jornal dele impresso e menor. Mas é possível, sim". **(Joel Silva)**

3. Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?

"Enquanto você manter firme o propósito de ser jornalista, entendeu? A partir do momento em que você achar que aquele dinheiro não está valendo a pena, se suas pautas não estão emplacando, eu acho que deixa de ser determinante." **(Celso Bejarano)**

"O salário ele é determinante pra eu ficar se ele me satisfazer. Ele só não é o número um por conta disso. Se a empresa não é uma empresa boa e ela me paga um excelente salário, não vou ficar nela. Mas entre... Se tiver igualdade de condições eu vou para a que me paga mais, com certeza, desde que ela não fira nenhuma das minhas convicções". **(Joel Silva)**

4. A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?

"Não. Não [...] É metade do que eu gostaria de ganhar". **(Celso Bejarano)**

"Hoje é, com certeza. Eu posso dizer pra você que eu olho para os outros salários e falo: "poxa, eu acho que o que eu ganho é o que eu posso ter". Se eu posso ganhar mais? Posso, se eu é... Trocar algumas coisas, sim. Se eu ficar duas horas na rádio. Eu só fico uma [...] Eu posso ganhar mais lá, só que aí já impacta na minha qualidade de vida". **(Joel Silva)**

5. Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?

"Aí vale muito a experiência [...] por exemplo, eu entro 9h, saio às 14h, é... Eu não tenho uma linha de produção definida, mas eu sei que eu tenho que produzir determinada coisa [...]

eu penso na pauta, às vezes, quando eu estou indo embora eu reservo tipo... Quarenta minutos, meia hora, pra pauta do dia seguinte. É uma fórmula que eu achei de manter vivo.” **(Celso Bejarano)**

“Isso vai na contramão um pouco na questão da qualidade de vida. A única coisa que me tira a qualidade de vida, a única que me irrita, que me chateia, que me faz querer parar, se for parar, é a questão do tempo. É... Do tempo no jornal, de você querer ir para uma entrevista e ter que ir para o boco comercial 12h20 e para o outro bloco 12h40 e cinco para uma você tem que estar preocupado em... É estressante. É o tempo... No que eu faço ele me estressa. Essa parte técnica do tempo [...] A rotina da uma hora ali, pra fazer aquilo tudo em uma hora, pra seguir o cronograma, isso me mata, a ponto de ter dias de eu terminar realmente esgotado e falar: "putz, vou pra casa hoje porque não aguento fazer nada [...] Isso acaba com o meu humor aí nós vamos para a parte da não-qualidade de vida. Isso acaba com meu humor. Isso me deixa mal-humorado. Detesto. A entrevista ter que terminar e eu achar que não era hora ainda [...] não me adapto nunca [...] O rádio sempre teve horário. As minhas brigas sempre foram com horário. Detesto ter que cumprir isso dentro, porque eu já me cobro demais [...] Além de eu ser assim, o rádio me obriga a ser assim. É uma pressão a mais [...] então ela me altera bastante. Meu humor cai a zero”. **(Joel Silva)**

6. Já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

“Muitas vezes [...] a questão da depressão foi uma [...] tive paralisia facial, nervosismo. Eu tive um aneurisma. É constante essa oscilação de humor [...] Todas as doenças que eu peguei ela tem a ver com a minha profissão. Todas. Frustração, pauta, aí entra a questão econômica, dinheiro [...] as pessoas que trabalham com jornalismo elas são muito mais estressantes. Elas são muito mais loucas’. **(Celso Bejarano)**

“Já, já [...] Por conta do trabalho como jornalista, eu já peguei uma pneumonia por cobrir time de futebol na chuva, depois no ar-condicionado. Já estafei, aquele negócio de pressão, de você falar: "poxa, eu preciso de dois dias" e o médico falar: "Se você não for dois dias para casa, você está morto". Em época de eleição, quando estava montado os horários políticos [...] já, já adoeci. Aliás, adoeço acho que de uma a duas vezes por ano. Me faz mal isso. Talvez a minha qualidade de vida não seja tão boa quanto eu falei, pensando por esse lado”. **(Joel Silva)**

Para os membros da Geração X, qualidade de vida é, basicamente, ter tempo para se dedicar à família. Mas é, também, ter saúde para trabalhar e conquistar liberdade financeira e, com isso, viver minimamente bem, podendo realizar outras atividades que dão prazer, como viajar, sair com os amigos, manter um relacionamento ou aproveitar a própria companhia em um dia de domingo, por exemplo.

Os entrevistados são unânimes em dizer que é possível, sim, ter qualidade de vida como jornalista, mas alegam que isso não é fácil, porque a profissão é desgastante, tem um ritmo acelerado e exige muito do profissional. Mesmo assim, eles acreditam que, com esforço,

perseverança e estabelecendo prioridades, é provável que se consiga viver bem, mas no limite, ou seja, fazendo escolhas muitas vezes pautadas pela questão financeira.

Celso Bejarano exemplifica: “Se eu tivesse hoje três filhos pequenos não daria. [...] Eu teria que estar trabalhando 18 horas por dia, ou seja, [...] no mínimo em dois empregos”. Marta Ferreira completa o raciocínio: “É o seu limite pessoal de assim: "eu não vou trabalhar dez horas por dia, porque eu sei que se eu trabalhar dez horas por dia vai me fazer mal", aí eu vou ter que fazer um sacrifício salarial”.

Talvez por isso o salário, para os X, tenha muito peso para que eles permaneçam em uma empresa. Quem está há anos em um veículo, em posição de chefia, e ganhando acima da média, pensa duas vezes antes de deixar o emprego para se sujeitar a ganhar menos, às vezes o mesmo que um novato.

Mesmo assim, a remuneração só não é vista como um número porque eles também buscam encontrar o mínimo prazer no trabalho e querem estar em um local onde se sintam bem e valorizados. Porém, frente à uma proposta melhor, as posições, ao que tudo indica, seriam repensadas.

Quatro dos cinco informantes dizem que os salários que recebem hoje não são satisfatórios, embora atendem as necessidades básicas, o que na prática significa, em alguns casos, sempre colocar uma conta no sorteio, e não se reder aos luxos. A maioria acredita que merece ganhar mais em razão dos anos de experiência e dos cargos que desempenharam ou desempenham.

Joel Silva[18], o único do grupo que não compartilha da opinião dos colegas e se sente satisfeito com os vencimentos recebidos, crê que a postura profissional (neste caso, para ele, ligada à apresentação pessoal) tem mais importância que o talento e pode ser a porta de entrada para o sucesso financeiro na carreira, como fica evidente na unidade de registro extraída:

“Se você não se veste legal, se você não faz a barba, se você... É a sua conduta que te faz crescer. Mais do que talento? Mais do que talento, porque nós temos pessoas hoje com boa

[18] Joel Silva, 46, é apresentador de programa político na *Capital FM*, onde está há quatro anos, além de consultor de comunicação parlamentar e operador de áudio concursado na *Rádio Educativa de MS*. Está na área desde os 14 anos, mas tornou-se jornalista diplomado em 2010, ano em que conclui o curso superior na Uniderp (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal).

postura, com inteligência emocional, em situações melhores do que aquele gênio que não se porta bem, que não se coloca bem".

Entre os analisados, Joel Silva tem o menor tempo de experiência como jornalista profissional (08 anos desde a graduação) e, apesar de estar satisfeito com o salário e garantir ter qualidade de vida, se contradiz quando precisa refletir sobre a pressão do tempo. A rotina do rádio e a rigidez da programação, com horários pré-estabelecidos para desempenhar seu papel como âncora de um programa político, tem forte reflexo na vida pessoal e saúde do apresentador, que admite não conseguir se adaptar, situação que o faz, inclusive, pensar em parar.

Isso não é um problema, tampouco desejo, dos outros quatro jornalistas da Geração X. Eles concordam que a pressão do tempo é, de fato, algo real e presente na rotina das redações, mas a experiência os ajuda a lidar com a situação, seja para programar o trabalho do dia seguinte ou tentar adiantar situações comuns vividas anteriormente, como as exigências conhecidas da direção.

Apesar disso, a experiência não os poupou das doenças desenvolvidas durante o exercício da atividade profissional. Todos - do mais novo ao mais velho, com maior ou menor tempo de experiência - relatam o aparecimento de enfermidades e as relacionam à profissão. As de ordem emocional/psicológica/psiquiátrica aparecem de forma recorrente.

Na lista, enxaqueca, estresse, estafa, surto, ansiedade, pânico, bipolaridade e depressão. Demais afecções e transtornos, não menos graves, também foram observados na extração de dados: diabetes, obesidade, rinite, diarreia, vício em cigarro e alcoolismo. Citadas por um único informante, duas doenças, no entanto, chamaram mais atenção: paralisia facial e aneurisma cerebral.

Fatores tecnológicos – Geração X[19]

1. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
"Facilitam, mas e um risco, né? [...] e hoje com o tal do fake, às vezes você vai em umas fontes que não são totalmente confiáveis, mas acaba comprando aquela ideia e embute tudo

[19] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração X. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice D.

na sua matéria, então tem esse lado prejudicial, mas se a gente tiver bem atento é muito legal. Eu acho que o avanço tecnológico ajuda muito". **(Celso Bejarano)**

"Facilita... [...] Eu acho que facilita, mas ela também empobreceu um pouco [...]As coisas são muito rápidas, as pessoas têm acesso à informação de forma muito mais rápida, todo mundo virou um pouco jornalista, porque todo mundo tem informação e passa informação pra frente [...] Tem alguns prejuízos. Eu acho que a gente perdeu, principalmente na apuração. Hoje em dia a apuração é muito malfeita, na minha opinião". **(Flávia Vicunã)**

2. Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

"Ainda tenho dificuldade pelo seguinte: que hoje, com o avanço, quando eu... Eu percebo que tem colegas que tem outros recursos, né? [...] então todos os dias é um processo. Você tem que ficar ali sempre ligado, se renovando." **(Celso Bejarano)**

"Muitas coisas que eu vejo já minha filha dominando, por exemplo, eu... Sabe? Tenho um pouco de receio daquilo [...] com uma certa dificuldade mesmo, né? Eu não me considero uma pessoa super tecnológica, que acompanhei tudo". **(Flávia Vicunã)**

3. De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?

"Desde o celular, até eu ir embora, que é o aplicativo do Uber [...] Tudo tem a ver com nós [...] digamos assim, sou um mediano em tudo [...] ao nosso terminal de computador, à pauta, tudo passa por aqui [...] Eu converso, às vezes, com entrevistado pelo Whats, então ele é uma ferramenta mais que importante pra mim". **(Celso Bejarano)**

"A tecnologia é fundamental. Ela interfere na qualidade do meu trabalho hoje [...] Imagem, áudio, é... A rapidez com que eu faço as coisas [...] ela interfere muito. Ela deu muito mais agilidade... Muita coisa eu não faria se não fosse essa tecnologia". **(Flávia Vicunã)**

4. Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?

"Idioma, por exemplo, você ter domínio. Além do português, você tem de ter, no mínimo, um inglês. Inglês, espanhol. Isso aí ele valoriza e muito [...] um hábil na questão tecnológica, entendeu? Eu acho que são primordiais assim [...] e aí a questão da habilitação [...] é muito importante hoje, o mercado dá muito valor, às questões das especializações [...] além de ser jornalista, você é um mestre jornalista. Isso aí também, incluem e vale e muito. A questão curricular também [...] eu acho que o histórico profissional ele conta muito [...] se você é um jornalista premiado, por exemplo, é... Isso vale muito.... É... Que linha, que linha de reportagem você gosta, você se identifica, que operações você já trabalhou... Então é uma questão curricular". **(Celso Bejarano)**

'Eu acho que essa questão da tecnologia é uma coisa que é muito, muito importante [...] A pessoa tem que saber fazer tudo [...] Tecnologicamente ela tem que saber fazer tudo. É legal você saber trabalhar". **(Flávia Vicunã)**

5. Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico?

"Facebook, WhatsApp, grupos assim... Eu tenho um grupo de escritor [...] No Facebook e no Zap. É... Jornalistas investigativos... Eu passo por lá sempre e... Algumas outras sociedades assim... Advogados, que tem a ver com o meu meio". **(Celso Bejarano)**

"Para o meu trabalho [...] Eu não tenho nenhum tipo de estratégia assim... Não tenho nada muito definido com relação a isso, até porque eu acho que é um pouquinho daquilo que eu te falei: a gente não tem... Acompanhou até certo ponto. Mas eu uso as redes sociais, sim, pra divulgar o meu trabalho, mais como uma forma de divulgação mesmo, pra dar mais alcance para aquilo que eu estou fazendo [...] eu pesquiso muito na rede social. Eu tiro muita pauta da rede social". **(Flávia Vicunã)**

6. A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

"Dificulta [...] Parece que ela favorece mais aos mais jovens [...] Por uma série de fatores, até porque [...] quem é mais jovem, além de achar que aprende mais rápido [...] a idade do jornalista, quando ele chega aos 40 anos de idade, ele se sente cansado pra aprender alguma coisa." **(Celso Bejarano)**

"É relativo, né? Mas eu acho que, de uma maneira geral, tem um pouco daquilo que eu te falei: a gente acompanha, mas eu acho que a cada geração há uma dificuldade para estar completamente ali [...] eu acho que cada um tem uma habilidade. Eu vi colegas, por exemplo, que não se adaptaram de jeito nenhum com as mudanças tecnológicas e ficaram [...] Outros que estão aí trabalhando normalmente, sem nenhum tipo de bloqueio". **(Flávia Vicunã)**

Para os X, não há dúvidas de que a tecnologia facilitou – e ainda facilita – o trabalho jornalístico, mas a maioria acredita que o avanço neste campo também trouxe consequências negativas. Se por um lado os profissionais passaram a desempenhar suas funções e atividades com maior rapidez, independência e tendo mais acesso à informação e a uma diversidade de fontes, por outro, tornara-se técnicos demais, "quadrados" e acomodados.

Na avaliação de alguns profissionais, a pasteurização e homogeneização das notícias são reflexos desse tempo, assim com as *Fake News*, mas os danos não param por aí. Jornalistas ficaram mais vulneráveis, isto é, à mercê de campanhas difamatórias, ataques cibernéticos e, inclusive, violência física em decorrência do trabalho que realizam, podendo não agradar alguns setores da sociedade e até mesmo figuras específicas.

Dados do último Relatório da Violência Contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, elaborado pela Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), apontam que, em 2017, foram registrados 99 casos de agressões. A região centro-oeste foi a terceira com maior número de ocorrências de violência (20,2%), com dois registros em Mato Grosso do Sul. O total de vítimas chega a 130, porque em várias situações mais um profissional foi agredido.

As agressões físicas foram as mais comuns, representando 29,29%, mas os trabalhadores também enfrentaram atentados (2,02%), cerceamento ao acesso a informações públicas (2,02%), detenções/prisões (4,05%), violência contra a organização sindical (5,05%),

impedimentos ao exercício profissional (8,08%), censuras (9,09%), cerceamentos à liberdade de expressão por meio de ações judiciais (12,12%), agressões verbais (13,13%) e ameaças/intimidações (15,15¨%) (FENAJ, 2017).

A vulnerabilidade atribuída aos jornalistas permite inferir que o processo comunicativo se ampliou e não funciona mais da forma tradicional, no esquema "emissor, mensagem, receptor". Hoje, quem consome informação, também produz e sente-se participante de todo o processo. O cenário pode ser compreendido, em partes, pela perspectiva do chamado "jornalismo participativo", que se popularizou na "era da midiatização", estabelecendo novos contratos simbólicos entre emissores e receptores.

Agora, principalmente na internet, "leitores passam a desempenhar papéis múltiplos: deixam de estar apenas "do outro lado" para se configurar como ente ativo", deixando de apenas "receber" as mensagens e passando a fazer parte da produção jornalística" (ROCHA, 2001, s/n).

Com relação à qualidade do produto jornalístico, que teria "empobrecido" com as facilidades tecnológicas, há um ponto discordante no grupo analisado. Mais uma vez, ele parte da interpretação do profissional com menor tempo de carreira. Joel Silva só vê vantagens na tecnologia, faz as mesmas observações positivas dos outros quatro entrevistados, mas defende que a qualidade depende unicamente da vontade do profissional, que vai ou não querer entregar um bom trabalho, mesmo que tenha usado todas as inovações disponíveis no fazer jornalístico.

Inclusive, entre os informantes, ele é o único que alega ter completo domínio da tecnologia, com aproveitamento de todos os recursos acessíveis, sem qualquer dificuldade de entendimento e/ou manipulação. No entanto, essa habilidade não é comum à maioria dos X ouvidos nesta pesquisa, ao contrário. As considerações foram diversificadas nesta questão.

Rosana Siqueira prefere dizer que "lida bem", porque acompanhou a evolução, tem uma filha pequena – que "nasceu conectada" - e, no trabalho, convive com jovens da nova geração. Marta Ferreira tem domínio das ferramentas básicas, por exemplo, o editor de texto e o próprio sistema de notícias do jornal *online* onde trabalha. Quando precisa de algo que foge de suas habilidades técnicas, a jornalista delega atividades, já que tem essa autoridade como chefe de redação.

Flavia Vicunã[20] admite que tem dificuldade e, ainda, certo receio com as tecnologias atuais, porque as inovações surgiram de forma muito rápida e isso dificultou o acompanhamento. A memória afetiva e de pertencimento ao grupo é da época em que as redações eram dominadas por máquinas de escrever, papel carbono, corretivo, fax, BIP, entre outros aparatos, como o famoso celular "tijolão", que surgiu mais tarde.

Celso Bejarano lembra dessa fase e apresenta queixas semelhantes. O jornalista afirma que também não conseguiu acompanhar todas as novidades da tecnologia e hoje tem "grandes dificuldades". Considerando-se "mediano em tudo", ele relata que enxerga reflexos no trabalho, mas evita pedir ajuda aos profissionais mais jovens, por não se sentir à vontade e, além disso, notar resistência dos novatos.

Apesar disso, a tecnologia interfere de maneira direta em quase todos os aspectos da rotina profissional dos X, mesmo que eles sintam dificuldade. Celso Bejarano, por exemplo, vê o WhatsApp como uma das ferramentas mais importantes para o contato com as fontes, em razão da segurança e da *criptografia* de *ponta-a-ponta. O jornalista é conhecido pelas matérias investigativas.* Flávia Vicunã diz que, sem os recursos tecnológicos, perderia muito em qualidade técnica na televisão - meio em que trabalha -, teria agilidade e conteúdo comprometidos e não conseguiria desenvolver algumas atividades no dia a dia.

Em resumo, os X avaliam que a tecnologia interfere totalmente na rotina do jornalista, mas, como dito anteriormente, nem sempre de maneira positiva. Ao mesmo tempo em que facilita, prejudica, porque impõe pressão externa, expõe profissionais, estimula a autocensura e a exploração do trabalhador, que passa a ser visto, muitas vezes, como um robô de capacidade onipresente.

O bom texto é, ainda, a habilidade profissional mais valorizada pelo mercado de trabalho, segundo os informantes da Geração X ouvidos neste estudo. Eles consideram que o domínio da língua portuguesa é determinante, básico e fundamental para qualquer jornalista, embora isso não seja suficiente.

[20]Jornalista formada pela Uniderp (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal) em 2013, Flávia Vicunã, 45, é editora e apresentadora na *TV Interativa* (*Guanandi*), onde está há oito anos, mas trabalha com telejornalismo há 24, desde que começou na extinta *TV Manchete* (atual *TV MS Record*).

Ganham praticamente a mesma importância, a capacidade de ser multitarefa (saber fazer tudo), antenado e hábil com a tecnologia, o que inclui, principalmente, conseguir trabalhar com as redes sociais, gerando resultados. Agilidade, domínio de apuração, competência para estabelecer fontes, formação acadêmica continuada e apresentação pessoal aparecem em segundo plano.

Bertolini (2017) fala sobre o jornalista multitarefa (que hoje executa atividades atribuídas, até pouco tempo, a outros profissionais) e multimídia (capaz de trabalhar para mais de um veículo ao mesmo tempo – TV e internet, por exemplo) a partir da precarização do trabalho, que se agravou nas últimas décadas em razão das tecnologias digitais.

No início dos anos 2000, elas promoveram, segundo o autor, uma mudança no mercado, reordenou os negócios das grandes empresas de mídia, que buscaram superar a crise invadindo outros setores, como entretenimento, cinema e música e, por conseguinte, reconfiguraram o perfil e a rotina profissional do jornalista, levando a profissão a um colapso.

> O resultado desta reordenação do perfil profissional e do mercado de trabalho, para citar exemplos básicos, são jornalistas com excesso de trabalho, isolados do convívio familiar e dos amigos, inseguros no emprego, desrespeitados em direitos trabalhistas e enfraquecidos como categoria. A esse cenário somam-se problemas históricos do jornalismo, como o trabalho sob pressão, a pressão política e comercial, os salários baixos e o risco de morte. Diante deste cenário, fica fácil considerar o jornalista brasileiro uma vítima do trabalho precário (BERTOLINI, 2017, p. 214)

Na prática, porém, a precarização do trabalho é uma realidade no jornalismo desde a regulamentação da profissão no século XIX, aponta o pesquisador. As mudanças no mercado criam cenários difíceis, mas muitas vezes os próprios profissionais se colocam em situações degradantes, quando se guiam mais por ideologias, senso de justiça, democracia, do que por contratos trabalhistas, por exemplo.

Mas a "precarização de agora", como destaca Bertolini (2017), se apresenta, principalmente, nas jornadas estendidas (hora extra virou regra e não exceção), falta de controle da jornada de trabalho (desrespeito o descanso semanal e o intervalo, de 11 horas, entre uma jornada e outra), contratação por Pessoa Jurídica (para livrar as empresas de encargos sociais), contratos temporários (por demanda de serviço), contratos multimídia (determinam que o jornalista atue em mais de um veículo do mesmo grupo, por exemplo), contratos empobrecidos de direitos legais (categoria perde poder de negociação) e no trabalho sob pressão (agravado com as novas tecnologias digitais).

Acrescenta a tudo isso, ainda, a formas tradicionais: instabilidade do emprego, pressão política e comercial, risco de processo, baixa remuneração, risco de vida, descontrole da vida pessoal, controle sobre a produção, entre outras questões.

As redes sociais estão presentes na rotina de todos os jornalistas entrevistados na Geração X, com destaque para o *Facebook*, *Instagram* e, por último, *Twitter*, nesta ordem de importância. Elas são utilizadas para divulgação de trabalhos e como fonte de informação, servindo, inclusive, de banco de pautas. É, também, o meio que intermedia o contato com as fontes, já que algumas entrevistas ocorrem pelas plataformas.

Mesmo sendo um aplicativo de mensagens instantâneas, o *WhatsApp* foi facilmente confundido como uma rede social pelos informantes da Geração X, que deram a ele a mesma visibilidade e importância. O recurso é amplamente utilizado pelos profissionais para realizar entrevistas. Em alguns casos, funciona como um verdadeiro pauteiro.

Todos os X concordam que a nova geração, isto é, os jornalistas mais jovens, tem mais facilidade em lidar com a tecnologia, mas não há um consenso quanto ao domínio. Dois informantes acreditam que a idade dificulta e é fator limitador para os mais velhos, que não conseguem acompanhar as inovações, embora tenham plena capacidade de aprender com ajuda e algum esforço.

Por isso, para outros dois entrevistados, a questão é relativa. Eles entendem que o domínio da tecnologia depende da vontade pessoal do profissional. Um, no entanto, crê o tempo de vida é uma facilidade para os jovens, que tem, naturalmente, mais interesse em aprender.

Fatores de conflito – Geração X[21]

1. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
"Não. Mas isso aí, graças ao que? [...] Graças a família. Eu tenho um filho da sua idade, então eu tenho facilidade em conversar contigo, logo os meus companheiros de redação é... Eu não vou ter muitas dificuldades, então nessa questão... É... Não tenho... Não". **(Celso Bejarano)**
"Eu não sinto dificuldade de relacionamento. Eu acho que eu lido bem, tanto com os mais velhos, quanto os mais jovens. [...] ... A gente morre um pouco pelo trabalho [...] porque assim que a gente foi ensinada lá atrás [...] as pessoas não vivem para trabalhar mais [...] O trabalho é parte da vida delas, mas não é a vida delas. Então eu sinto essa diferença na moçada

[21] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração X. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice D.

mais nova assim. Eles têm um, tipo, eles querem viajar mais [...] A formação hoje, em alguns aspectos, ela... A gente que é mais velho, que é de uma geração [...] A gente acha que as pessoas leem menos, que as pessoas não conhecem alguns fatos históricos [...], mas eu vejo tudo isso como defeito de formação. Eu não vejo como defeito da pessoa. Então eu acho que eu consigo lidar tentando trazer ele mais pra perto de mim, tanto quem é mais velho, que tem um jeito diferente também, que já acha que a minha geração é pior que a dele, quanto com quem é mais novo, e às vezes a gente acha que a gente é melhor assim". **(Marta Ferreira)**

Não tenho dificuldade de relacionamento [...], mas percebo uma separação natural. [....] tem a ver com a idade [...] na minha época [...] a gente tinha uma admiração pelos mais velhos e a gente buscava estar por perto deles, porque como a gente não tinha essa falsa noção de poder, porque a gente não tinha acesso à informação. Quem dava informação pra gente? O cara que conversava com a gente e que era velho, que tinha experiência. Ela não estava lá na internet para eu poder ir lá e pesquisar no Google e achar que sabia. Então eu precisava respeitar aquele cara, pra eu poder entender a minha profissão, pra eu poder crescer, pra eu poder aprender. Hoje não tem mais isso. Então o cara de 20 anos, ele só vai ter essa relação com o cara de 50 à medida que ele precisar, que for o chefe dele, senão ele nem sabe quem é. Ele nem está aí. É um velho. Eu percebo isso claramente". (**Flavia Vicunã**)

Não. Só da minha geração, [...] porque no jornalismo existe muita inveja [...] eu já brinquei com pessoas que o cara ficou chateado. [...] o mais novo está nem aí, né? Eu chego lá e brinco, bato na orelha do cara e tal, tal". [...] e com homens a minha dificuldade é maior ainda, tanto que as minhas equipes eu sempre trabalhei [...] mais com mulheres. [...] eu não gosto de homem não [...] acho um troço desajeitado [...] compete demais [...] mulher não [...] a mulher ela cumpre. Se ela está ali, ela está 100% ali [...] se você deu três pautas, ela vai cumprir as três. Se uma não der, ela vai te explicar o porquê. O homem te enrola, dá nó, sai mais cedo pra ir pro boteco". (**Joel Silva**)

2. Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

"Tem. Muitas [...] muitas, porque o veterano, isso eu vou colocar mundo no meu mundinho [...] do jornalismo que eu gosto, o jornalista, quando ele faz uma boa matéria, é como se ele fizesse um golaço. Um gol. De sair vibrando mesmo. Hoje, os jornalistas não têm muito essa emoção. Eu os acho pouco emotivos, os jornalistas de hoje, com as coisas que ele faz. Ele acha tudo natural [...] eu acho que a emoção deve estar no meio do jornalismo, porque isso te dá vontade de ter outras emoções, ver outras emoções. E a emoção é fazer uma matéria boa [...] o jornalista veterano ele enxerga o jornalismo como uma profissão bem mais séria [...] bem mais comprometedora com o nosso cotidiano, do que o jornalista jovem, porque o jornalista jovem, como todas as pessoas jovens [...] trabalham com a possibilidade erros e não se preocupa muito com isso. Já o veterano, se ele está bem engajado no jornalismo, ele tem noção de que, por exemplo, no jornalismo você não pode errar, como não pode errar um médico, porque o erro de uma informação [...] ele compromete muito [...] Os jovens eles não tem muito esse zelo [...] É por isso que tem os editores [...] Pra frear muita coisa, porque aí vem a questão do digital, dos sites, que eles acham que escrever uma coisa e 10 minutos apagar e consertar e escrever de novo está bom. Não. Eu acho que o comprometimento com o jornalismo [...] ele exige uma seriedade bem maior. Os jornalistas jovens, ao menos os que eu conheci, eles ainda não entenderam a importância do que é o jornalismo [...] você está lidando com uma coisa que é muito séria, que é a informação [...] Às vezes eles tentam comparar com outras profissões, tipo assim, não sabem valorizar o meio que eles exploram,

que é a informação. Uma informação é muito mais importante do que vender um sapato, por exemplo, embora, olha... Nunca querer comprar uma coisa [...] digamos que [...] a importância da informação ela norteia decisões [...] se você colocar uma notícia furada, você pode mexer em mercado financeiro [...] Aí que há uma diferença do jornalista veterano para o jornalista jovem... É saber a importância do instrumento de trabalho dele, que é a informação". **(Celso Bejarano)**

"Assim, existe a diferença, por exemplo, a gente era muito mais romântica. A gente era muito mais romântico "Ai, vamos mudar o mundo" [...] Eu pelo menos me formei numa época em que era uma época de redemocratização [...] Eu sinto que a gente era uma coisa assim de não ter horário de trabalhar, de qualquer hora do dia você é jornalista, de... Ir com seu próprio carro. Hoje em dia as pessoas vão com seu próprio carro [...], mas ninguém quer dirigir mais o próprio carro pra fazer pauta pro jornal. E eu acho que está certo. Não acho que está errado não. Mas é uma diferença que eu vejo [...] eu acho as pessoas menos apaixonadas pela profissão [...] eu não sei como eles enxergam. Eu sei que enxergam diferente [...] eles caíram nessa profissão, mas eles saem dela a hora que aparecer alguma coisa diferente [...] A gente queria contar as coisas que a ditadura não deixou a gente contar. A gente queria denunciar [...] existe esse perfil ainda hoje, mas ele é muito menor. Muita gente quer simplesmente contar coisa boa [...] A gente não gostava de fazer notícia boa. Hoje em dia as pessoas querem contar coisas boas [...] não acham feio fazer publicidade, no próprio jornalismo [...] as pessoas não acham feio. E a gente achava feio. A gente tinha vergonha. Era uma coisa inconcebível. A publicidade era inimiga do jornalismo. E as pessoas hoje tem uma compreensão de que as coisas são meio interligadas". **(Marta Ferreira)**

3. Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua? E da nova geração?

"O jornalismo anterior a mim eles gostavam de fazer matérias com profundidade [...] Era um ponto positivo [...] Passada a minha geração, essa profundidade reduziu [...] Havia mais valorização a ele mesmo. O jornalista era mais valorizado. Isso era um ponto positivo [...] O jornalista do passado, antes de mim, ele parece que tinha uma obrigatoriedade de entender mais que as outras pessoas [...] O jornalista lia muito mais que hoje. Lia com qualidade. É o que eu acho. Isso das pessoas com as quais eu convivi [...] hoje o jornalismo é mais audacioso [...] quando eu digo audacioso é que você vê jornalistas [...] não tem vergonha, não tem cerimônia nenhuma. Eles entram aonde eles são designados a ir [...] eu vejo jornalistas topetudos hoje, encarando situações adversas [...] que antigamente havia um certo receio a tudo isso [...] os positivos são esses que você está mostrando agora: vocês estão muito mais interessados em estudar mais, aprender mais. Isso é ótimo". **(Celso Bejarano)**

"Eu acho que essa paixão, por exemplo, que eles tinham, era uma coisa positiva, bonita de ver [...] É gente que... Que dormia na redação se deixasse. Eu acho bonito assim. Acho que eles foram desbravadores [...] eu acho que eles tinham uma paixão que era bonita de ver [...] os negativos são os mesmos da sociedade toda, assim. A gente errava muito no sentido do respeito ao cidadão mesmo assim, né? A gente errava muito [...] eu digo a gente como ser humano. O ser humano errava muito nos direitos individuais e houve uma melhora muito grande de conquistas, como a Constituição de 88, que trouxe várias coisas novas [...] a profissão foi tendo limites que ela não tinha antes, que infelizmente agora estão sendo questionadas porque a gente está em uma onda conservadora absurda [...] "Pontos positivos e negativos da nova geração [...] Eu acho que a falta de paixão e de idealismo é uma coisa que atrapalha, mas eu estou falando do meu ponto de vista, porque a minha geração ainda

está no meio desse caminho [...] E ao mesmo tempo eu acho que o desprendimento é uma coisa positiva, do ponto de vista da gente ter mais jornalista querendo se tornar empreendedores e não se sujeitar à regras, à coisas absurdas que o mercado impõe". **(Marta Ferreira)**

4. Quais os pontos positivos e negativos da sua geração?

"Nós ficamos na metade, entendeu? Tipo assim, na minha geração, no caso, foi... Terminou a Ditadura [...] O jornalismo viveu um grande momento a partir de 1985, que é uma coisa que eles tiveram de rebuscar, que eles não faziam desde 1960 [...] esse foi um lado positivo, que todos tiveram que correr atrás do perdido [...] E logo que eles estão no meio dessa história, vem a evolução da tecnologia, o surgimento da internet [...] Eles tiveram de se virar nos 30 pra sobreviver. E quem sobreviveu se deu bem, está aí achando que o jornalismo ainda vai fazer efeito no mundo". **(Celso Bejarano)**

"A minha geração é um misto das coisas [...] A gente tem, por exemplo, um ponto positivo que eu acho que é a profissionalização. A gente é uma geração que se profissionalizou mais, que estudou um pouco mais, que conhece mais lei, que sabe ler um processo [...] isso eu acho um ponto bastante positivo. E o negativo talvez seja alguns resquícios ainda daquelas coisas que eu disse". **(Marta Ferreira)**

5. Existe conflito de gerações entre jornalistas?

"Se existe [...] O jornalista do passado acha que o jornalismo que ele fazia era bem melhor do que o de hoje. E eu não posso acreditar nisso porque o jornalismo, se bem feito, ele vai varar as gerações. Não tem como você dizer que o jornalista veterano era melhor que o atual. Não deveria ter conflitos. Há um conflito devido ao mercado [...] o novo jornalista, ele é contratado, por exemplo, por X. E um com experiência, te diria por Y. O novo está sendo substituído pelo veterano pela metade do preço. Eu acho que isso aí é um grande conflito que é mais... Que fica muito na minha cabeça isso. Mas eu acho isso aí um lance que, embora natural, eu acho que isso atrapalha o mercado". **(Celso Bejarano)**

"Existe, [...] existiu um muito forte na minha entrada no jornalismo, porque a minha foi quando o diploma é... Começou a ser cobrado aqui. E os não diplomados [...] eles viam a gente como forasteiro [...] A gente sofreu, de certa forma, o preconceito. E existe hoje um choque de geração nesse sentido aí (..) existe isso, assim, da gente falar: "ah, no nosso tempo é que era bom". A gente se pega falando isso [...] eu me pego falando isso, que é uma coisa que a nostalgia traz para todo mundo. A gente sempre acha que a nossa época é a época melhor". **(Marta Ferreira)**

Os jornalistas da Geração X, participantes desta pesquisa, não sentem dificuldade de relacionamento com profissionais mais novos, de outras gerações, embora notem diferenças e procurem se atualizar na tentativa de acompanhá-los. Para Rosana Siqueira e Celso Bejarano, as relações pessoais, com membros jovens da família - filhos, por exemplo – ajudam a manter um contato positivo com os colegas de redação, já que eles pertencem ao mesmo grupo e compartilham valores semelhantes. Desta forma, ambos conseguem se atualizar e inserir-se entre os novatos.

À frente de uma redação com 19 jornalistas, a maioria da nova geração, a editora Marta Ferreira[22] não encontra dificuldade de relacionamento, mas alega que os mais novos não se dedicam tanto quanto os mais velhos, o que, às vezes, causa incômodo, irritação e, em alguns casos, atrapalha a rotina de toda a equipe. A saída, aponta, é não se prender ao saudosismo e enxergar os pontos positivos dos profissionais mais jovens, com quem precisa trabalhar.

Flavia Vicunã também lida bem com mais novos, mas enxerga uma "separação natural" entre os grupos. Na comparação com o passado, a jornalista nota, ainda, certo desprezo por parte deles e atribui o problema à tecnologia, como é possível confirmar na unidade de registro extraída:

"Quem dava informação pra gente? O cara que conversava com a gente e que era velho, que tinha experiência. Ela não estava lá na internet para eu poder ir lá e pesquisar no Google e achar que sabia. Então eu precisava respeitar aquele cara, pra eu poder entender a minha profissão, pra eu poder crescer, pra eu poder aprender. Hoje não tem mais isso. Então o cara de 20 anos, ele só vai ter essa relação com o cara de 50 à medida que ele precisar, que for o chefe dele, senão ele nem sabe quem é. Ele nem está aí. É um velho. Eu percebo isso claramente".

Na contramão dos quatros X entrevistados, o jornalista Joel Silva diz que sente dificuldade com os colegas da própria geração, especialmente os homens, em razão da competição pessoal motivada por inveja. Com os novatos e as mulheres – com quem tem predileção para trabalhar - não refere qualquer problema. Em ambos os casos, as unidades de registros sugerem que passividade e cumprimento de ordens são pontos positivos vistos pelo apresentador.

"O mais novo está nem aí, né? Eu chego lá e brinco, bato na orelha do cara e tal, tal". [...] "A mulher ela cumpre. Se ela está ali, ela está 100% ali [...] se você deu três pautas, ela vai cumprir as três. Se uma não der, ela vai te explicar o porquê. O homem te enrola, dá nó, sai mais cedo pra ir pro boteco".

[22]Jornalista formada pela UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Marta Ferreira tem 45 anos e 22 de jornalismo. É editora-chefe do jornal *online Campo Grande News.* Possui larga experiência em cargos de chefia, mas também como repórter, produtora, redatora e assessora de imprensa. Acumula passagens por vários veículos da Capital, como *Diário da Serra* (extinto), *Folha do Povo* (extinto), *CBN, TVE, TV Morena, O Estado, Midiamax*, entre outros.

Os informantes da Geração X afirmam que existem diferenças bem delimitadas na forma como um veterano e um novato enxergam a profissão. A maioria atribui aos profissionais experientes maior comprometimento e dedicação com o ofício, visto como algo indispensável e de extrema importância para o equilíbrio e manutenção do bem-estar social. Há quem refira, inclusive, certo encantamento e romantismo com o jornalismo, o que significa, na prática, fazer pequenos – ou grandes – sacrifícios que valorizam a vida profissional em detrimento da pessoal.

Nesta avaliação, os novatos ocupam lugar oposto. São vistos, na maioria das vezes, como descompromissados, pouco dedicados, equivocados, soberbos e sem paixão pelo que fazem. As vozes discordantes, no entanto, colocam todos no mesmo "barco", porque avaliam que os veteranos, assim como os novatos, também estão acomodados, frustrados, desmotivados, sem perspectiva de futuro e/ou mudança e, além disso, estão cansados de lutar por melhorias em uma profissão cada vez mais precarizada.

Na avaliação sobre os pontos positivos da geração de jornalistas anterior à X, os informantes deste grupo destacam, novamente, a paixão e o alto envolvimento com profissão, espírito idealista – no sentido de transformar o mundo – e a postura desbravadora. Entre as habilidades valorizadas: capacidade de foco, apuração, de criar fontes, fora o excelente texto, que resulta em matérias profundas e bem estruturadas.

Na opinião dominante, trata-se de uma geração "criada na rua", que não dependeu da tecnologia para fazer um bom trabalho e, por isso, destaca-se no mercado. Entretanto, também é uma "turma" vista como "quadrada", resistente às mudanças tecnológicas, à inserção dos mais jovens e às suas ideias na atualidade.

E esses são apenas alguns dos pontos negativos levantados pelos X sobre os jornalistas da geração anterior, mesmo que os problemas apresentados tenham ficado no passado. A lista inclui, ainda, comportamento antiético (troca de favores e negociatas), atitude sensacionalista, falta de limites no tratamento com a fonte, descuido com a dignidade da pessoa humana, desleixo com a própria saúde e tendência à vícios (como o alcoolismo).

Já os jornalistas da nova geração, na concepção dos X, são mais interessados em estudar, "audaciosos financeiramente" - querem casa, carro e liberdade para viajar, por exemplo - e se destacam pela inteligência, dinamismo, boa percepção, capacidade cognitiva de armazenamento e processamento de informações, concisão textual e facilidade de se adaptar a

novos ambientes. O desprendimento com o emprego, a vontade de empreender e a postura combativa – no sentido de não aceitar tudo o que é imposto – foram citados como pontos positivos por um único membro do grupo analisado. Essas características aparecem nas outras quatro entrevistas, mas, salvo raras exceções, como aspectos negativos.

Para a maioria dos jornalistas da Geração X participantes da pesquisa, os novatos são lidos como irresponsáveis, imaturos, folgados, sem garra e determinação e sem comprometimento com a empresa e a profissão. Além disso, para os X, eles costumam "pular de galho em galho" - o que demonstra infidelidade ao trabalho – e, além disso, acham que o jornalismo funciona como repartição pública, quando querem, por exemplo, cumprir de forma rígida os horários de entrada e saída.

Quando se trata de olhar os pontos positivos e negativos da própria geração, os X se autoavaliam como determinados, experientes e preparados para o mercado, porque enfrentaram uma época mais difícil, a da Ditadura Militar, correram atrás do prejuízo na redemocratização do país, então aprenderam a valorizar o emprego e a profissão. Por outro lado, eles citam como pontos negativos a dificuldade de acompanhar as evoluções tecnológicas, a falta de aperfeiçoamento profissional, o "comodismo intelectual" e o comportamento *workaholic*, que põe a qualidade de vida em segundo plano

Workaholic é uma gíria em inglês para se referir a alguém viciado em trabalho. A palavra vem do termo *workaholismo*, abordado inicialmente pelo psicólogo americano e educador religioso Wayne Oates (1971 apud Gomes e Soares, 2011, p.53) no livro *Confessions of a Workaholic*, onde ele fala da sua própria necessidade - incontrolável - de trabalhar.

Considerado um vício da modernidade, útil para manutenção do emprego e visto, muitas vezes, como o único caminho para alcançar sucesso na carreira, o *workaholismo* costuma ser associado a indivíduos com elevado nível de estresse, em situações de conflito na vida social e familiar e que enfrentam problemas de saúde provocados pelo excesso de trabalho, como a Síndrome de *Burnout*, distúrbio psíquico associado ao esgotamento físico e mental intensos.

Com 46 anos de idade, 32 de vivência prática no rádio (em funções técnicas) e 8 como jornalista profissional diplomado, Joel Silva é o único que não se sente pertencente ao grupo analisado, apesar de estar na mesma faixa etária. Ele acredita que pode ser enquadrado como um Y (próxima geração analisada), porque considera que iniciou na profissão apenas em 2008,

ano em que começou a falar no rádio, ainda com acadêmico de jornalismo, curso que concluiu em 2010.

Por isso, nesta questão específica, Joel prefere responder como um Y. Na avaliação do apresentador, a facilidade de lidar com a tecnologia é o principal ponto positivo da geração a qual se sente pertencente, mas ao mesmo tempo é o negativo, porque deixou os profissionais "preguiçosos" e dependentes.

Todos, no entanto, acreditam que há conflito de gerações entre jornalistas, porque, de maneira geral, o profissional mais experiente acha que o trabalho dele é melhor e vale mais que o do menos experiente. O inverso também se aplica. Apesar disso, os informantes apontam outras motivações que podem gerar um cenário conflituoso.

Elas podem ser decorrentes da tecnologia (quando jovem tem mais domínio), profissional (por diferenças de níveis hierárquicos), pessoal (quando um não gosta do outro por razões que vão além das profissionais) e até por imposição do mercado, que costuma pagar mais aos veteranos e menos aos iniciantes.

Para os X, os conflitos existem, vão continuar e, de certa forma, são naturais, porque cada geração aprendeu a fazer jornalismo de um jeito, viveu experiências diferentes e cultiva valores que não comuns a todos. Além disso, há quem veja o conflito como algo inerente ao jornalista, que vive, muitas vezes, em estado permanente de tensão.

Em São Paulo, pesquisa sobre qualidade de vida do jornalista, feita a partir de uma amostragem com 44 profissionais (homens e mulheres, com idades entre 20 e 60 anos), apontou que 24 apresentam nível de estresse elevado, sendo 6 em grau de exaustão. Trinta e quatro tem maior probabilidade de estressar-se (HELOANI, 2006). Segundo o pesquisador, a maioria possui carga de trabalho excessiva (40 a 60 horas semanais), superando, em muito, as prescrições legais, o que impossibilita a realização de qualquer atividade fora do jornalismo.

Todos, sem exceção, se queixam da falta de tempo para a família e da dificuldade de constituir uma. As conclusões indicam uma deterioração da qualidade de vida no trabalho (situação naturalizada) e "predomínio absoluto do fracasso no que concerne à vida afetiva e familiar e no cuidado com a saúde" (HELOANI, 2006, p. 171).

3.3 Análise – Geração *Y*

Também conhecida como *Millennials*, 2.0, Internet ou Digital, a Geração Y, terceira analisada nesta pesquisa, é composta por indivíduos nascidos entre 1980 e 1995, segundo Calliari e Motta (2012). Em 2018, eles têm entre 19 e 41 anos.

A análise deste grupo foi baseada nas entrevistas de cinco jornalistas campo-grandenses, de 29 a 37 anos, que atuam ou atuaram na mídia impressa, *online*, televisiva e radiofônica da Capital. Confira, na tabela abaixo, a distribuição por idade em ordem decrescente:

Informantes da Geração Y				
Nº	**Nome Completo (Assinatura)**	**Idade**	**Carreira**	**Veículos**
1	Liziane Carla Furlan Berrocal (Liziane Berrocal)	37 anos	12 anos	*Online*
2	Vinícius Nunes Andrade Arguello (Vinícius Nunes)	29 anos	05 anos	Rádio
3	Nyelder de Souza Rodrigues (Nyelder Rodrigues)	29 anos	06 anos	*Online*
4	Rodrigo do N. Rodrigues (Rodrigo Nascimento)	29 anos	09 anos	TV
5	Gabriela Renata Gimenes Couto (Gabriela Couto)	29 anos	11 anos	Impresso

Tabela 6 – Informantes da Geração Y - Fonte: O autor

A exemplo das outras gerações, a análise desta tem início com as unidades de registro extraídas da segunda categoria.

Valores profissionais – Geração Y[23]

1. O que é ser jornalista para você?

"Ser jornalista para mim é o que me move, é a minha vida". **(Liziane Berrocal)**

"Ser jornalista é tentar responder questões humanas complexas todos os dias. [...] é você tentar desmembrar o lead, né? O nosso lead jornalístico todos os dias pra tentar passar informações importantes para as pessoas todos os dias. [...] eu falo que é tentar salvar o mundo de alguma forma, né? Porque se as pessoas não recebem as informações, elas vão ficar perdidas no mundo de alguma forma. É [...] tentar, todos os dias, [...] levar informação pra pessoas de uma forma que possa adicionar algo a mais na vida delas". **(Vinícius Nunes)**

2. Por que você decidiu ser jornalista?

"Porque eu queria contrariar a minha mãe". (**Liziane Berrocal**)

"Porque eu acho uma profissão linda, uma profissão muito bonita. A gente pode mudar o mundo de alguma forma. Não dá para transformar o mundo, mas dá para mudar o mundo em pequena escala". **(Vinícius Nunes)**

[23] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração Y. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice E.

3. Você se sente realizado (a) como jornalista?

"Sim. Porque eu já vi vidas transformadas por meio das minhas matérias". **(Liziane Berrocal)**

Não, [...] porque a profissão é muito desvalorizada no mercado. O mercado te exige demais. [...] exige uma agenda jornalística que eu não gosto, que é a questão do critério, do critério noticioso nosso, que é extremamente negativo, pesado, repetitivo e eu detesto. [...] E o que me decepciona como jornalista é que a gente tem que se desdobrar para fazer coisas que não são nem da nossa função, sabe? [...] eu sei que nunca vão chegar pra gente, bater no nosso ombro e falar: "Olha, você está ótimo, seu trabalho está legal, seu trabalho..." A gente não recebe esse feedback, muito pelo contrário. A gente recebe, às vezes, mais feedback negativo do que positivo. Isso é desanimador, porque você está ali tentando mudar até o jornalismo, até a forma como a profissão é exercida, mas parece que você está duas nadadas contra a correnteza e a correnteza te joga e você precisa dar mais dez para voltar para aquele lugar, entende?" **(Vinícius Nunes)**

4. O que o jornalismo representa na sua vida?

"Transformação social. É um grãozinho de areia, mas que transforma. Eu não vou mudar o mundo, mas eu também não vou deixar o mundo me mudar. Eu posso mudar o mundo de alguém com o meu jornalismo. Basta o uso da boa vontade". **(Liziane Berrocal)**

"Hoje o jornalismo representa uma conexão com o mundo, porque hoje, como eu não estou exercendo, mas eu estou sempre buscando informação, [...] então é uma forma de [...] me conectar com o mundo. [...] é a conexão que nós temos com o restante do mundo, porque a gente não está aqui sozinho, né? A gente precisa saber o que está acontecendo com o restante do mundo, porque isso interfere muito na nossa vida. [...] O jornalismo é a ferramenta mais poderosa que nós temos para melhorar esse mundo". **(Vinícius Nunes)**

5. Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

"Ao emprego não, porque o empregador ele te descarta [...] quando você não presta mais. Eu acredito em fidelidade à fonte. [...] Eu tenho fonte que me acompanham desde o início da carreira [...] independentemente do local". **(Liziane Berrocal)**

"Se a instituição te faz feliz e ele te propõe que você possa crescer como jornalista, como pessoa, sim. É igual um relacionamento com outra pessoa, né? Se aquela pessoa te apoia, pra você crescer como pessoa, como profissional, vale muito a pena, com certeza". **(Vinícius Nunes)**

6. Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

"Empatia, ética do marceneiro, empatia de novo, ética do jornalista e sigilo. Empatia porque o jornalismo que eu escrevo eu tenho que me colocar no lugar do outro. Eu não vou conseguir escrever sobre alguém que sofreu preconceito se eu não me colocar sentido a dor daquela pessoa. Como que eu vou escrever sobre uma mãe que chora o filho que morreu dentro de uma rebelião de presidio se o meu olhar for "bem feito, foi só mais um". Como que eu vou escrever sobre um caso de homofobia se meu olhar foi desprezo. Então eu acho que empatia é isso daí. É você não querer para você aquilo que tá acontecendo para o outro ou dar para o outro aquilo que você quer para você. [...]. A ética que eu falo do marceneiro, porque a gente aprende na faculdade, né? [...] não importa o que você é, se você é marceneiro, jornalista,

médico. A ética é intrínseca. Ela tem que estar com você. [...]A empatia, de novo, porque [...] você tem que colocar os outros acima até da sua ética. Acima até da sua ética, porque as vezes você pode salvar uma vida. Quando eu prefiro ligar para um secretário de saúde e resolver um problema, ao invés de fazer uma matéria, eu estou me colocando acima da minha ética. [...] O sigilo é o mais importante. [...] As pessoas têm que confiar que você vai fazer uma matéria e não vai colocar sua fonte em risco". **(Liziane Berrocal)**

"Ser extremamente ético com a informação, ser cordial com as pessoas. Você lida com vidas diferentes, com pessoas diferentes todos os dias. Você precisa ter muito respeito, [...] precisa ter sensibilidade com o próximo. Eu às vezes me preocupo com esses jornalistas que estão há tanto tempo no policial, aí olham aqueles cadáveres, olham aquelas notícias... Eles já estão anestesiados. Eu me preocupava muito de começar a ficar anestesiado com essas coisas, sabe? [...] Ser mais humano eu acho que é o fundamental de um jornalista hoje". **(Vinícius Nunes)**

7. Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Sim. [...] eu acredito na questão de construção textual. Jornalismo é 80% talento e 20% formação. Por isso que temos péssimos jornalistas no mercado. Muitos não têm talento, não tem mesmo. [....] Acredito na formação acadêmica para melhorar a [...] questão de ouvir vários lados. Isso a academia ensina muito bem. O jornalismo sem formação ele não tem isso, pelo menos os que eu conheço. [...] A formação acadêmica ajuda a moldar. [...] eu não acredito em jornalismo hoje sem formação acadêmica. [...] A academia ela vai te obrigar a ser acadêmico". **(Liziane Berrocal)**

"Sim, [...] porque na faculdade, na universidade, a gente a tem as noções básicas. Você ainda sai da universidade extremamente cru. Se você não tem a noção básica, imagina uma pessoa que entra num jornal, num veículo, e que não passou por isso? Ela vai ter só aquela visão daquele veículo. [...] eu acho que é extremamente importante e eu vejo poucos jornalistas que fazem pós-graduação, fazem mestrado, fazem doutorado. Eu acho que é uma área que deveria investir mais [...] na vida do jornalista depois da faculdade" **(Vinícius Nunes)**

Não. [...] A faculdade hoje, eu percebo muito pelo grupo de estagiários que atua comigo, [...] é muito teórica. Vive numa superficialidade. Muita coisa que acontece no mercado de trabalho, seja em qualquer área do jornalismo, não é a realidade de mercado. Então é assim: hoje, o mercado ele é capitalista, os veículos de comunicação são capitalistas e você tem que entender que hoje o empresário da comunicação ele não quer o melhor jornalista, que tirou 10 no TCC. Ele quer um jornalista formado que exerça o papel de três, quatro, por um. Então assim, a faculdade hoje ela vive, eu sempre brinco, no mundo da fantasia. E o mercado é o mundo da realidade. **(Rodrigo Nascimento)**

"Não, [...] porque hoje as faculdades elas só querem números. [...] Querem dinheiro. Eu vejo que tem muita gente que formou comigo e nunca exerceu a profissão. Eu vejo que tem gente que sai da faculdade e não sabe escrever. A maioria é assim. Eu acho que só na prática mesmo, no cotidiano, que você se forma jornalista. Dá uma base de conhecimento técnico, mas na prática não forma. [...] Eu via que tem uma certa dificuldade também dos professores. A maioria é muito acadêmico, sabe? Tem muitos professores que nunca entraram numa redação e dão aula pra gente. E eu acho que não é assim. Eu acho que eles tinham que instigar acadêmico a se reinventar, entendeu? A buscar, fazer coisas diferentes, não só um lead, o que é uma pirâmide invertida, o que que é um nariz de cera, essas coisas. Não acho que seria

interessante só isso. Tinha que ensinar eles a apurarem, a criar fontes, essas coisas que a gente só aprende na vida". **(Gabriela Couto)**

"Hoje sim. [...] O Brasil está começando a mudar um pouco. [...] Hoje, quando o cara faz direito, ele vai ser advogado. Não vai fazer direito para tentar ser outra coisa, entender. Antigamente fazia porque não tinha o que fazer. [...] Hoje não. Hoje é tudo muito mais direcionado. [...] Então, levando em consideração as formações, [...] eu acho que hoje um cara que vai fazer direito, ele vai formar com cabeça de advogado. [...] Ele não vai fazer um bom jornalismo. Então, hoje, [para] essa geração que está vindo agora, a formação em jornalismo é importante". **(Nyelder Rodrigues)**

8. Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

"Eu aprendi na academia a não matar o coleguinha. Eu aprendi que manda quem pode, obedece quem tem juízo. Aprendi que grandes idiotas podem estar em grandes posições apesar de serem grandes idiotas. [...] Agora de coisa boa eu aprendi a ética do marceneiro. [...] lidar com pessoas é necessário. [....] Então esse valor de respeitar a opinião do outro, de respeitar o espaço. Não tem um nome para isso. É, não tem. Respeito, respeito às divergências, respeito a tudo, o respeito ao próximo também. Eu tive muito isso na UCDB. A UCDB ela tem uma formação católica, então eu acho que foi um diferencial para mim. É mais humano lá, então para mim foi um diferencial. Questão de humanidade também é um valor muito forte, muito forte na UCDB". **(Liziane Berrocal)**

"A humanidade, o reconhecimento de que a profissão jornalista é extremamente importante para a sociedade e sempre se colocar no lugar do próximo" **(Vinícius Nunes)**

9. Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?

"Os dois. Informação é direito, mas a informação ela não vai a lugar nenhum por si só. E para você produzir, você gasta. E para você gastar, você precisa vender. Ela é um direito. Você tem direito à informação, mas você tem que buscar. E se você quer receber ela de graça, de alguma forma você vai ter que pagar, porque não existe almoço grátis". [...] essa informação, ela é produzida por alguém e isso dá gasto. [...] é um produto e um serviço. O que você vai fazer? Como você vai produzir? Energia, internet, tudo, tudo vai grana". (**Liziane Berrocal**)

"É um direito. Todo mundo tem direito à informação e de qualidade. Eu vejo, [...] por exemplo, revistas, né? As mais caras, das mais baratas, que existe essa diferença da informação e eu fico extremamente furioso com isso. Por que o pobre não tem o mesmo direito à informação de qualidade que o rico? Tá errado isso! É um direito a todo o cidadão, não importa, de norte a sul, de leste a oeste, a ter informação de qualidade". **(Vinícius Nunes)**

10. A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

"Hoje sim. [...] A gente tem a reputação da empresa que paga certinho, a que paga mais ou menos em dia, a que atrasa. [...] então é, sim, um fator determinante [...] porque a reputação não é só se é de achacadores. Não é só se o patrão grita no ouvido do editor, do jornalista... Reputação é se paga direito, se registra e paga, se deposita o FGTS [...], se paga as horas extras ou faz você trabalhar fora do horário. [...] então tudo isso pra mim engloba reputação. A projeção é tudo. Eu saí de um jornal porque o outro iria me projetar mais. A projeção é determinante**". (Liziane Berrocal)**

"Sim. [...] hoje a gente está num momento, e isso vai crescer cada vez mais, por exemplo, sobre sustentabilidade. As pessoas estão com o olho mais atento a empresas sustentáveis. Uma empresa que não tem essa visão sustentável, não tem essa visão ecológica, ela não tem uma visão do público muito legal. E empresas ligadas à problemas como corrupção, lavagem de dinheiro, etc., não vai ter uma reputação boa. Agora, empresas que tem, digamos, uma ficha limpa, claro que a gente vai ter interesse muito maior em trabalhar em uma empresa assim, né? [...] Projeção [...] não. [...] eu acho que não. [...] todo mundo conhece empresas que atingem nível internacional, mas a gente sabe que a reputação dela não é tudo aquilo. Eu acho que isso não. A projeção não. Eu prefiro trabalhar num jornalzinho de bairro, mas que tem uma reputação incrível, do que trabalhar numa grande emissora internacional, mas que não pensa em sustentabilidade, em trabalhos sociais, e etc". **(Vinícius Nunes)**

Não há um consenso sobre o que é ser jornalista para a Geração Y, pelo menos entre os membros analisados nesta pesquisa, embora seja possível observar dois pontos de identificação nas unidades de registro extraídas: ser imparcial e confrontador.

Porém, a interpretação não se esvazia aqui, tampouco representa o grupo, onde o profissional também é visto como um simples trabalhador, com habilidades para decodificar e transmitir acontecimentos, mas cuja voz e força de trabalho podem ser colocadas à disposição do patrão, aquele que detém o poder no meio de comunicação em que atua.

Há visões mais românticas. Neste recorte específico, ela parte de quem tem o menor tempo de mercado. Com 29 anos e cinco de jornalismo, Vinícius Nunes[24] crê que ser jornalista é "tentar responder questões humanas complexas todos os dias" e "salvar o mundo de alguma forma".

No início da carreira, a jornalista Gabriela Couto[25], de 29 anos, pensava de forma semelhante à do colega, mas depois de caminhar mais de uma década como repórter, tornou-se crítica. Hoje, ser jornalista, para ela, é trabalhar pelos interesses de alguém que lhe paga o salário. E ponto. Com 37 anos de idade e doze de profissão, a mais experiente entre os ípsilons,

[24]Vinícius Nunes, 29, é jornalista e radialista formado pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco). Há cinco anos no mercado, possui experiência como produtor de conteúdo e repórter de rádio na *Blink 102 FM*.

[25] Jornalista formada pela Univel (Centro Universitário de Cascavel) em 2010 e pós-graduada em assessoria de comunicação na Estácio de Sá (2015), Gabriela Couto, 28, é repórter de Cidades no jornal *Correio do Estado*. Há 11 anos da profissão, estagiando desde o primeiro período, também atuou como editora, produtora executiva e assessora de imprensa.

Liziane Berrocal[26] - que por uma diferença de dois anos não seria enquadrada tecnicamente na geração anterior - se limita a dizer que ser jornalista é a vida dela, o que a move como ser humano.

As motivações para a escolha da profissão são igualmente variadas e, para a maioria, não teve ligação com o perfil social atribuído à profissão, exceto para o profissional com menor tempo de carreira, Vinícius Nunes, que decidiu ser jornalista porque acha o jornalismo "lindo", capaz de "mudar o mundo", "ajudar outras pessoas" e transformar realidades. O restante optou pelo ofício porque viu na atividade uma forma de valorizar as próprias habilidades pessoais, fazer, falar e escrever sobre o que gosta, ganhar dinheiro e até contrariar a mãe, como é o caso de Liziane Berrocal.

Dos cinco profissionais ouvidos neste estudo, apenas um sente-se realizado como jornalista, em função das matérias que fez e do impacto que elas teriam gerado na vida dos personagens envolvidos. Os outros quatro estão insatisfeitos com a carreira por várias razões, entre elas, precarização, desvalorização profissional, falta de oportunidade e conflito com valores pessoais.

Para a maioria dos ípsolons, o jornalismo representa uma fonte de renda e subsistência e, neste contexto, é visto apenas como uma profissão, assim como qualquer outra. Apesar disso, entre os mais otimistas, é tido como uma ferramenta de transformação social, que dá voz aos menos favorecidos e permite uma conexão com o mundo.

Grande parte dos jornalistas desta geração consideram a fidelidade ao emprego importante para a carreira, desde que o profissional seja valorizado, reconhecido e tenha possibilidade de crescimento, ou seja, desde que o trabalho seja decente. Para o restante, ser fiel é essencial para manutenção do emprego, mas pode ser algo nocivo ao jornalista.

O conceito de trabalho decente, formalizado em 1999 pela Organização Internacional do Trabalho (agência das Nações Unidas fundada em 1919 com o objetivo de promover a justiça social) é aquele "adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade e segurança e capaz de garantir uma vida digna" (OIT, 2018).

[26]Jornalista formada pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) em 2006, Liziane Berrocal, 37, é repórter e gerente de novos projetos no jornal *online* Top Mídia News. Em 12 anos de profissão, possui experiência como editora, social media, assessora e consultora de comunicação política.

Ele se estabelece a partir da convergência de quatro objetivos estratégicos da entidade: respeito aos direitos do trabalho (principalmente os definidos como fundamentais), promoção do emprego produtivo e de qualidade, ampliação da proteção social e fortalecimento do diálogo social.

A organização afirma, ainda, que o trabalho decente é condição fundamental para superação da pobreza, redução das desigualdades sociais, garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável. Deve, portanto, "constituir a essência das estratégias mundiais, nacionais e locais para alcançar o progresso econômico" com promoção de oportunidades a homens e mulheres.

Sobre fidelidade ao emprego, apenas a jornalista Liziane Berrocal apresenta argumento destoante. Ela é enfática ao dizer que ser fiel não é importante, porque o empregador descarta o empregado a qualquer momento, quando julga que este não lhe serve mais. Fidelidade, argumenta, só à fonte, que acompanha o jornalista independente do veículo em que o profissional trabalha.

Rodrigo Nascimento[27] pensa diferente. O apresentador e editor-chefe acredita que ser fiel à empresa é essencial, porque o profissional (neste caso, de TV) torna-se o rosto da emissora e pular de galho em galho não é boa estratégia, especialmente com o público que lhe garante audiência.

Entretanto, o jornalista defende que três ou quatro anos em um mesmo local seja suficiente para se "maturar", criar identidade como profissional e, assim, encarar novos desafios. Sob esse prisma, vestir a camisa da empresa significa investir e pensar na própria carreira e não, necessariamente, no empregador.

Gabriela Couto defende a fidelidade para preservação do trabalho, mas acha arriscado (e por isso não vê como importante), porque ela pode levar o profissional à acomodação. A repórter não vê como positivo permanecer por décadas em um mesmo veículo, na mesma função, executando as mesmas tarefas.

[27]Editor-chefe e apresentador de programa policial na *TV MS Record*, onde está há quatro anos, Rodrigo Nascimento, 29, é radialista formado pela UCDB (2009) e jornalista diplomado na UCDB (2010). Atuando profissionalmente há 9 anos, a maior parte do tempo em frente às câmeras, passou pela *TV Guanandi, Canal do Boi* e *Portal Educação*. Possui experiência como repórter, apresentador, editor de imagens, assessor de comunicação e chefe de redação.

Legítimo *Baby Boomer*, Machado (2015, p. 96) enxerga os ípsolons como arrojados e dispostos a encarar grandes desafios, mas diz que eles não têm “a mínima preocupação com a fidelidade entre empregado e empresa, considerando normal cada qual se preocupar com seus interesses", porque não permanecem muito tempo em um mesmo emprego.

O pesquisador afirma, ainda, que esta geração vê o trabalho como um programa a ser cumprido a curto prazo (para adquirir experiência), por isso não se preocupa com plano de carreira ou em "vestir a camisa". Talvez por isso, Calliari e Motta (2012, p.14) apontem a baixa resiliência como marca geracional: “Um ípsilon não costuma aturar alguém que o maltrate ou um ambiente que, do seu ponto de vista, exija demais”. Para Aprigio (2013), esses profissionais querem reconhecimento, por isso, muitas vezes, abandonam o posto quando não vislumbram possibilidades de crescimento.

As unidades de registro sugerem que a ética é um dos principais valores que a Geração Y tem como indispensável para o exercício da profissão, assim como a empatia, sensibilidade e visão humana. Sigilo da fonte, responsabilidade, conhecimento, postura crítica e isenta também são valorizados.

Entretanto, há quem dispense tudo isso e mencione, com essas ou outras palavras, a “paciência”, “anulação”, “passividade”, “falta de postura crítica” e “ausência de autonomia” como valores indispensáveis para o exercício da profissão e, principalmente, sobrevivência no mercado na atualidade. É o caso da jornalista Gabriela Couto, que se vê trabalhando no automático, como um robô à disposição do empregador. Ela argumenta que não vale a pena lutar contra a corrente, quando a palavra final é sempre do patrão. O esforço, neste caso, será sempre em vão.

Dois dos cinco jornalistas entrevistados no grupo consideram que a formação acadêmica na área não é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico, porque os cursos superiores são mais focados na teoria e não na prática, indo na contramão do mercado. Para o apresentador Rodrigo Nascimento, as empresas jornalísticas buscam profissionais mais capacitados tecnicamente, multitarefas, capazes de acumularem funções, e não o melhor aluno da turma, que tirou dez no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso).

Gabriela Couto argumenta que as universidades, hoje, “só querem números e dinheiro” e, por isso, não preparam o aluno para a realidade fora do laboratório, apesar de fornecer “uma

base de conhecimento técnico". Além disso, a jornalista faz críticas aos professores sem experiência prática, "que nunca entraram em uma redação" e, portanto, só ensinam a partir de perspectivas teóricas.

Os outros três informantes creem que a formação é, sim, determinante e interfere na qualidade do trabalho jornalístico, porque ensina os princípios básicos da profissão e, as técnicas para atuação prática, como enfatiza Vinícius Nunes. Liziane compartilha do pensamento e destaca como ponto positivo a construção textual, que é aprimorada na universidade, mas o talento, para ela, tem o seu valor. "Jornalismo é 80% talento e 20% formação. Por isso que temos péssimos jornalistas no mercado. Muitos não têm talento. [....] Acredito na formação acadêmica para melhorar".

Nyelder Rodrigues[28] considera a formação determinante para a qualidade do trabalho, porque a universidade, na intepretação dele, oferece base para o entendimento da profissão e o conhecimento teórico faz diferença na prática. Para simplificar, exemplifica: um advogado pode até exercer a função de um jornalista, mas sempre vai pensar como advogado.

Apesar das divergências, os informantes desta geração elencam uma série de valores que a formação acadêmica na área traz para o entendimento da profissão. São eles: ética, empatia, responsabilidade, respeito à fonte, perfil crítico/confrontador e visão humana. Habilidades técnicas, como saber apurar e escrever dentro dos formatos jornalísticos, também integram a lista.

A capacidade de manter relacionamentos interpessoais, submeter-se à hierarquia empresarial e obedecer a regras sem questionar, estão entre essas "habilidades", lidas como valores. Tudo isso, porém, por uma questão de sobrevivência, o que para alguns significa, muitas vezes, anular-se como profissional e trabalhar apenas pelo salário.

Pesquisa sobre o trabalho do jornalista, que indicou alto nível de estresse entre profissionais, deterioração da qualidade de vida (com fracasso absoluto nos campos afetivo, familiar e também no cuidado com a saúde), foi além e revelou um cenário ainda mais

[28]Nyelder Rodrigues, 29, é jornalista formado pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco) em 2013. Há 6 anos trabalha como repórter, cargo que exerceu nos jornais *Campo Grande News* e *O Estado*. Durante a graduação, estagiou como cinegrafista e assessor de comunicação/imprensa.

preocupante: a corrosão de valores básicos, como o fim da confiança, lealdade e do comprometimento mútuo.

São efeitos colaterais de práticas organizacionais danosas, como o *dowsinzing* (redução de custos ou de pessoal em níveis hierárquicos) e o networking (rede de contatos profissionais), que muitas vezes destroem a noção de coletividade, reduz o trabalhador ao isolamento e "promove o "rompimento de vínculos de relações fundamentais para a manutenção e o fortalecimento da subjetividade humana" (HELOANI, 2006, p. 177).

As redefinições na organização do trabalho podem desencadear o assédio moral e, consequentemente, fazer com que as relações fiquem mais antiéticas, agressivas, com predomínio de desmandos, manipulação pelo medo e competitividade descontrolada. Se a ênfase fica na produtividade, o sujeito é excluído e isso traz uma série de consequências negativas, por exemplo:

> Disseminação das práticas agressivas e naturalização dos desmandos administrativos, o que gera indiferença ao sofrimento do outro; desmotivação psíquica no trabalho; comprometimento da saúde física e mental; sensação de inutilidade, junto a uma progressiva deterioração identitária (HELOANI, 2006, p.177-178)

A maioria dos ípsilons defende que a informação é um direito do cidadão, mas também uma mercadoria, seja porque alguém a produz, seleciona e decodifica os acontecimentos de forma profissional - e com isso tem gastos - ou porque atende a interesses escusos e/ou de terceiros.

Mas há posicionamentos mais enfáticos. Rodrigo Nascimento não tem dúvidas de que a informação é um produto. Na concepção dele, o jornalismo virou "*show*narlismo", um espetáculo que serve para atender os anseios da audiência (especialmente em programas populares) e garantir retorno financeiro ao dono da mídia em questão.

Entretanto, o apresentador e editor-chefe de 29 anos afirma que só passou a ver a profissão assim depois que adquiriu experiência e ocupou cargo de chefia. A repórter Gabriela Couto, que está há 11 anos no mercado, pensa de forma semelhante, ao dizer que "toda notícia tem um interesse por trás". Com cinco anos de carreira, Vinícius Nunes discorda. O jornalista crê que a informação seja, indiscutivelmente, um direito do cidadão.

Sobre colocação no mercado, a maioria dos informantes da Geração Y consideram que a reputação de uma empresa é determinante para a escolha do trabalho, porque a boa fama do

veículo serve de vitrine ao profissional, mas também pode representar a garantia de que seus direitos serão cumpridos. E isso inclui, inevitavelmente, o pagamento do salário.

Embora apresente certo destaque, a projeção não é tida, necessariamente, como determinante para a escolha de uma empresa, caso haja essa possibilidade, porque ela não se sobrepõe a alguns valores pessoais. Vinicius Nunes, por exemplo, diz que prefere trabalhar em um "jornalzinho de bairro, mas que tem uma reputação incrível, do que [...] numa grande emissora internacional, mas que não pensa em sustentabilidade, em trabalhos sociais, e etc."

Já Gabriela Couto não leva em consideração a reputação, tampouco a projeção, mas o salário. E justifica: "A gente vai por quem oferece trabalho primeiro, porque no fundo, meu filho, é tudo igual".

Valores pessoais – Geração Y[29]

1. O que é qualidade de vida para você?

É o que eu vivo hoje. [...] se eu quiser trabalhar no sábado ou no domingo, se eu precisar trabalhar no sábado no domingo eu vou trabalhar, mas se eu precisar levantar e levar minha filha para o médico ou ficar aqui trabalhando na minha casa com ela, eu vou ficar. Se eu vou precisar sair para socorrer minha irmã eu vou. Se eu precisar qualquer coisa que eu vou fazer, que eu precisar, eu vou fazer. [nem sempre foi assim]. Já teve vez de eu trabalhar [em] plantão à noite [...] até onze horas da noite no domingo, sozinha. [...] eu entrava às 7h da manhã. [...] eu deixei aquilo tomar conta de mim. Meu casamento quase foi para as cucuia. Minha vida acadêmica de direito foi para as cucuia. [...] aquilo não era qualidade de vida. Eu estava muito bem profissionalmente e ganhava muito bem, [mas] sofria muito com a falta de estar com a minha família, com falta de estar com as pessoas. Eu só tinha uma folga por semana e, às vezes, naquela folga eu estava gravando, trabalhando, fazendo as coisas. Então assim, hoje eu falo para você que eu tenho qualidade de vida". **(Liziane Berrocal)**

"Não passar necessidades e ter um pouco de dinheiro para alimentar um pouco o sistema capitalista nosso". **(Nyelder Rodrigues)**

2. É possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

"Com o salário que tem não, a não ser que você more com o pai e com a mãe. [...] não é todo mundo que alcança. [...] eu me sinto uma privilegiada na história toda. Eu tenho um bom salário, eu tenho clientes que me pagam para me ter como consultora. [...] lógico que eu construí uma carreira. Mas, assim, eu acho que depende muito da gente não mergulhar muito

[29] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração Y. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice E.

profundamente nesse ambiente, porque ele é viciante. Ele é um vício. [...] Eu aprendi que o ócio pode ser muito produtivo". **(Liziane Berrocal)**

"Sim. [...] Crescendo na carreira [...], trabalhando [...] com isenção, espírito crítico, confrontando. Tem editor que ganha R$ 8 mil aqui em Campo Grande. [...] não precisa nem virar editor. Você pode ser um puta de um repórter, entendeu? O problema é que tem aquela coisa, né? Tem a qualidade de vida. Também está muito atrelado ao estresse, ao tempo. [...] A gente tem que aprender que não há só vida ralando a bunda no asfalto. [...] Tem que aprender que tem coisas além disso". **(Nyelder Rodrigues)**

3. Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?

"Até o ponto que afeta a minha saúde mental. Foi que aconteceu comigo. [...] eu chorava todos os dias, mas eu era tão apaixonada pelo meu projeto de TV que eu não me permitia sair. Eu ganhava R$ 7 mil, mas eu não tinha saúde mental. Eu chegava e tremia". **(Liziane Berrocal)**

"Até o ponto que começa a fazer falta. [...] Se eu estiver ganhando bem, não vai fazer falta". **(Nyelder Rodrigues)**

4. A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?

"Não, porque se eu for pegar só a remuneração de um lugar que eu sou registrada, não. Se eu for juntar de todos os meus clientes, sim. [...] São sete clientes no total". **(Liziane Berrocal)**

"No geral, não. No Campo Grande News, nessa última passagem, sim. De salário eu não posso reclamar". **(Nyelder Rodrigues)**

5. Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?

Hoje em dia já não lido mais. [...] Era terrível. Deadline é horrível, mas [...] como eu estou no online, é uma coisa mais *hard*, né? E eu gosto. Eu vou ser bem sincera. Eu trabalho melhor sob pressão, por isso que eu não ligo. Se tiver pressão, [...] se meu editor me liga e fala: "Cara, eu preciso de um 'Na lata' agora", aonde eu estou, aonde eu estiver, eu escrevo ali na hora" [...] Nossa, é o tesão. [...] O tesão da minha vida é o tempo. É o correr. É "eu preciso colocar isso aqui no ar. Eu não vou levar furo". **(Liziane Berrocal)**

"No início, quando as coisas estavam tudo frescas na minha cabeça, hiper bem. Sobrava tempo às vezes [...], terminava antes. [...] depois eu [...] comecei a ver aquela ansiedade. [...] tinha hora que eu parava, simplesmente parava e falava:" não, não dá. [...] é, não dava. Eu parava e ficava. Ia tomar água, assistir um pouco de TV e voltava a escrever". **(Nyelder Rodrigues)**

6. Já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

"Já. [...] sofri muito assédio moral e [...] descobri a maldade. Eu demorei muito para descobrir a maldade. [...] eu desenvolvi crises. [...] na verdade, começou lá atrás, na faculdade, [...] quando eu sofri assédio. [...] eu sofri um estupro no começo da carreira. [...] E isso daí me

acarretou muita coisa, muitos problemas – Síndrome do Pânico. Eu fiquei muito tempo assim. [...] teve uma lacuna de um ano na minha carreira. [...] isso com o tempo foi melhorando. [...] E tinha uns desgastes, mas eu sou muito intensa, né? Então assim, o adoecer [...], para mim, é muito de mim também, tipo, de chorar. É... Eu acho incrível que eu choro com um atropelamento e não dou conta de chorar com as corrupções, tipo: "Aff, nossa, mais um". Entendeu? Mas [...] eu adoeci mesmo foi por conta de a pressão. O período que eu fiquei pior foi [...] na Câmara, na cassação do Bernal. [... Eu chegava na Câmara e as pernas tremiam. Minha mãe que ia me levar ou ele me levar. Eu começava a suar frio. Eu tremia. Eu tinha muito medo de perder a cabeça e perder a razão a bater em alguém. Eu tive que tomar medicamento. Eu tomo medicamento até hoje". **(Liziane Berrocal)**

"[...] sim. Às vezes você tem uma fase mais deprimida. [...] eu peguei um mês de licença, de depressão. Fiquei piradinho". **(Nyelder Rodrigues)**

Qualidade de vida, para a geração Y, é ter tempo para se dedicar à vida pessoal, separando-a da profissional, liberdade para trabalhar e fazer o que gosta e, consequentemente, dinheiro para colocar tudo isso em pratica, o que garantiria acesso à cultura, esporte, lazer, saúde, entre outras necessidades básicas.

É unânime a opinião de que é possível, sim, ter qualidade de vida sendo jornalista, mas os ípsilons consideram isso "muito difícil", quando não "complicado", porque o salário pago a esse profissional, na média, proporciona o mínimo para sobrevivência. Ser solteiro, não ter filhos e morar com os pais são algumas das alternativas encontradas para driblar o problema.

Censo Online, realizado pelo Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso do Sul, revela que 44,6% dos profissionais da imprensa no estado ganham de dois a quatro salários mínimos (R$ 1.874,00- R$ 3.784,00). O restante recebe de um a dois (22,1%), de quatro a cinco (15,6%) e acima de cinco (15%). A maioria (33,6%) atua há 6 ou 10 anos no mercado de trabalho, é celetista (53,6%) e cumpre expediente diário que varia entre 5h (26,2%), 6h (21,1%), 8h (23,8) e mais de 8h (18,5%) (SINDJOR, 2017).

No mapeamento, a entidade pediu aos profissionais sugestões para melhoria da atual gestão. A maioria solicitou que o Sindjor-MS trabalhe para regulamentar um piso salarial oficial. Como não há sindicato patronal das empresas de comunicação em MS, não há convenção coletiva de trabalho definida no estado.

Os pisos são estabelecidos em acordos coletivos, firmados pelo sindicato, a partir de solicitação formal dos funcionários. Sendo assim, o órgão apenas sugere valores que podem

servir de base para negociações. Em 2018, o piso mínimo inicial sugerido para jornalistas em jornada de 5 horas diárias (30h semanais) é de R$ 2.190,80.

A realidade, porém, é bem diferente. Mesmo nas empresas que têm acordos firmados, como é o caso da TV Morena e Correio do Estado, a remuneração, na média, não chega a R$ 2 mil. Inclusive, nesses dois veículos o salário normativo 2017/2018 está definido em R$ 1.676,37 e R$ 1.805,97, respectivamente (FENAJ, 2018).

A maioria dos ípsolons crê que um bom salário é importante e ajuda, mas não garante o privilégio de uma vida com qualidade, porque antes disso o jornalista precisa, obrigatoriamente, aprender a lidar com outras questões inerentes à profissão, com a pressão do tempo, o estresse e a rotina imprevisível das redações.

Mas, caso o trabalhador da imprensa queira mesmo lutar por esse objetivo, ele deve aprender a administrar o tempo (assim como a vida financeira), se impor e estabelecer limites como profissional e, além disso, encontrar fortes motivações pessoais para seguir em frente.

Os jornalistas entrevistados neste grupo afirmam que o salário é determinante para a permanência deles em uma empresa até o ponto em que se sentem satisfeitos com o trabalho, valorizados enquanto profissionais e com boa saúde mental.

A valorização, neste caso, diz respeito exatamente à remuneração recebida. Portanto, na prática, esses profissionais tendem a permanecer com um empregador se este lhe paga um bom salário ou, pelo menos, mais que o concorrente – mesmo que a diferença não seja tão expressiva. Caso contrário, os ípsilons mudam de emprego, podendo ser até de área.

Entre os informantes ouvidos nesta pesquisa, a maioria considera que a remuneração recebida (no atual ou último emprego) não é satisfatória, mas atende as necessidades básicas, o que impossibilita a conquista da independência financeira e frustra sonhos, como o de morar sozinho, por exemplo.

Os que consideram os vencimentos satisfatórios ocupam cargos de liderança, realizam outras atividades profissionais com *freelancer* ou se valem de direitos/benefícios como adicional noturno, vale-alimentação e plano de saúde.

Sobre a pressão do tempo no dia a dia da profissão, os membros da Geração Y citam "métodos" diversos para lidar com a situação. E eles vão desde a levar trabalho para casa,

descontar a frustração na comida (se alimentando - ou não - de forma errada) ao tratamento com psicólogos/psiquiatras e o uso de psicotrópicos. Mas as saídas incluem, também, medidas "mais leves", como tentar se programar para o dia seguinte ou "desligar-se" por alguns minutos, abandonando o posto de trabalho para tomar água, por exemplo.

Desgastes físicos e mentais em jornalistas também aparecem na pesquisa de Reimberg (2015, p. 355), que discute o prazer e sofrimento deste profissional em tese de doutorado. Entre outras questões, a pesquisadora discorreu sobre a presença de dores e adoecimento na profissão e concluiu que "muitos dos sintomas ocorrem porque se passou do limite do corpo devido a um ritmo acelerado de trabalho". No estudo de Reimberg, houve relatos de ansiedade, insônia, dor de cabeça, dor na coluna dor de pescoço, faringite, ronquidão, dor de garganta, LER (Lesão por Esforço Repetitivo), DORT (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho) e pressão alta.

Entretanto, existem os que lidam bem com a pressão e, inclusive, a tem como aliada. Eles ocupam ou já ocuparam cargo de liderança. É o caso de Liziane Berrocal. A jornalista foi editora em jornal impresso, tem experiência com fechamento, não vê problemas com o *deadline* e gosta de correr contra o tempo. Rodrigo Nascimento não menciona a mesma paixão, mas como editor-chefe delega tarefas a outras profissionais e determina o que entra e o que cai no espelho do programa policial que apresenta. O jornalista afirma que aprendeu a ter "visão macro" no cargo em que exerce hoje.

Com tantos problemas, os membros desta geração viram os reflexos na saúde, tanto que relatam afastamento do trabalho por conta de doenças - todas relacionadas à saúde mental. Ansiedade e depressão são as mais comuns, onde o acompanhamento psicológico/psiquiátrico se faz necessário, inclusive, com uso de medicação controlada. Um dos casos, porém, mais atenção: o de Síndrome do Pânico provocado, segundo a informante, em decorrência de um estupro.

No jornalismo, a igualdade de gênero ainda está longe de ser uma realidade. Pesquisa sobre os desafios enfrentados por mulheres jornalistas, realizada pela Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), com a Gênero e Número (*web* revista independente que trata das questões de gênero) e apoio do *Google News Lab*, revelou, em 2017, um retrato do machismo na profissão.

Entre as 500 mulheres participantes do estudo, 92% já ouviram piadas machistas no ambiente de trabalho; 64% sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes ou fontes; 83% enfrentaram algum tipo de violência psicológica nas redações; 65% teve a competência questionada; 70% receberam cantadas; 70% presenciaram ou tomaram conhecimento de uma colega sendo assediada e, entre outros dados, 17,3% sofreram algum tipo de agressão (ABRAJI, 2017).

Fatores tecnológicos – Geração Y[30]

1. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?

"Muito. [...] na era do online principalmente [...] eu fecho o jornal sem sair de casa, com o editor, com o diagramador. [...] Tecnologia é tudo. As minhas fontes entram em contato comigo pelo WhatsApp. É tudo muito rápido e a resolução [dos problemas] também vem rápido. [...] mudou minha vida perto do que eu fiz lá em 2005/2004". **(Liziane Berrocal)**

"Facilitam. Hoje a rede social se transformou em um berço de pautas. [...] se transformou, também, [...] enquanto jornalista, você não só absorve [...] a notícia. Você fala, [...] critica. [...] você lê aquilo ali e acaba refletindo num desdobramento, numa suíte. Se é num programa ao vivo você acaba comentando, entendeu? **(Rodrigo Nascimento)**

2. Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

"Super bem. [...] não tenho dificuldade com isso aí não. Isso daí faz parte da minha vida 24 horas". **(Liziane Berrocal)**

"Eu acho que utilizo bem, sim. Hoje eu trabalho com Facebook, na questão do *on demand*. Ou seja, meu programa acabou, as matérias vão para o ar na internet, dentro de uma página do Facebook. A gente trabalha muito bem também a questão do Instagram que é uma questão mais jovial, vamos dizer assim. A gente percebe isso, reflexos da nossa audiência. A gente coloca coisas mais engraçadas no Instagram. E *WhatsApp*, que é para você interagir comigo, né? No caso, a audiência. E a gente percebe que essas três ferramentas se transformaram, sim, em um berço de pautas". **(Rodrigo Nascimento)**

3. De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?

"Interfere para o bem ou para o mal? Bom, pro mal é porque eu fico ligada o tempo todo né? Às vezes eu até deixo minha família de lado para atender fonte, ou porque liga ou porque liga no WhatsApp, ou porque manda... E eles querem resposta pronta, né? E pro bem, é porque a quantidade de informações e de construção de pauta de construção de notícia, ela vem chegando para mim uma forma muito mais rápida do que antigamente. Então assim, interfere no sentido de que ela é muito presente, muito frequente e eu tenho que saber dosar. A culpa é minha, não é da tecnologia". **(Liziane Berrocal)**

[30] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração Y. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice E.

"[...] facilita, ajuda a compor o trabalho. Ajuda a compor o trabalho. [...] eu vejo 99% de pontos positivos. Até hoje quando há uma falha, por exemplo, no sistema de Internet da emissora e a gente fica sem aquilo ali, claro que reflete diretamente na audiência. Eu percebo isso, porque já se transformou... É como se tivessem duas pessoas dentro do palco, dentro do estúdio. Eu e a internet, entendeu? As redes sociais ali do meu lado para compor um programa, porque o telespectador ele tem voz agora, né? E não atrapalha. Nunca me atrapalhou. [...] eu consigo entender o meu telespectador porque ele reflete ali na internet, ali no desabafo dele na rede social [....] Representam uma comunidade. [...] eu sei que tal comunidade está perigosa, eu sei que tal comunidade está sem luz. Então assim, a gente consegue traçar um perfil por meio de uma, duas, três mensagens, [...] por isso se transforma em um berço de pautas. [...] [é] meu termômetro de audiência]" **(Rodrigo Nascimento)**

4. Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?

"Fonte e texto. [...] porque [...] se você tiver um bom texto, você pode ir para uma subeditoria [...], auxiliar na construção textual das pessoas. [...] às vezes você pode não construir bons textos, mas ter boas fontes. [....] Eu acho que essas são as principais e assim, falar mais alguma coisa hoje seria a agilidade. [...] O domínio da tecnologia é uma habilidade". **(Liziane Berrocal)**

"Um bom networking, muito contato. Você tem que ter contato, fonte e escrever bem". **(Gabriela Couto)**

"Aquele jornalista que tem inúmeras habilidades eu acho que é o mais valorizado hoje. [...] aquele que escreve bem, mas que também edita o vídeo bem, edita uma fotografia bem, esses se destacam" **(Vinícius Nunes)**

"Não é bem uma habilidade, mas é muito valorizada a resiliência, inclusive você ouve nesses programas sobre mercado os especialistas em mercado falando... Porque os especialistas em mercado eles falam que o que as empresas querem e não o que o profissional quer. Aí fala: "Tem sido muito valorizada a resiliência, resiliência, resiliência... "E hoje a resiliência é muito valorizada. É lógico que o cara tem que saber apurar tudo, mas muitas vezes entra uma pessoa que tem um texto inferior, uma apuração inferior, um conhecimento inferior, tudo, porque ela é mais resiliente do que você. Ela continua e você não. Vários casos já vi disso. [...] Além da resiliência? [...] O silêncio ecoa, né? Não, tem, tem sim. Texto, texto, apuração. Verdade. É valorizado, só que a resiliência está em primeiro lugar". **(Nyelder Rodrigues)**

5. Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico?

"Pra tudo, para caçar pauta, para fazer relacionamento com fontes, pra estabelecer novos relacionamento com fontes e para divulgar o meu trabalho jornalístico". **(Liziane Berrocal)**

"WhatsApp todo dia. WhatsApp todo dia. É como fosse uma missa, né? Você chega ali, a primeira coisa que você olha... Vai olhando as mensagens, faz a triagem, vê o que vira pauta e o que que é descartável. Então assim, hoje, 30% do que me mandam, são aproveitados. Trinta por cento. E eu recebo uma média de 800, 900 conversas, ou seja, 900 pessoas diariamente comigo ao vivo pelo WhatsApp. Então, 30% disso vira pauta ou vira assunto. E

o restante é descartável. [...] Facebook é *on demand,* [...] então é aquela questão: Facebook eu não tenho uma mesma proporção direta e imediata do que um WhatsApp. O WhatsApp é a ferramenta principal e o Facebook é *on demand*, mas também é a mesma coisa. [...] Instagram geralmente para bastidores, quando tem algo inusitado, alguma coisa no programa, a gente vai lá e posta no Instagram". **(Rodrigo Nascimento)**

6. A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

"Ela influencia. Eu estou sentindo isso agora. [...] eu trabalho numa redação muito jovem, onde é bem fácil lidar com as novas tecnologias, com as coisas. A gente tem um publicitário dentro da redação para as redes sociais também, para ajudar, [...] facilitar. Eu tenho dois estagiários que são super novinhos, então eles me trazem coisas novas. [...] eu tenho tudo isso. Aí, na minha consultoria, são pessoas mais velhas que tem [...] 40 anos de jornalismo, que você vai falar alguma coisa [...] aí você percebe que a pessoa não tem que aquele domínio, mas por ela ser [de] um cargo maior ela contrata quem tem. [...] ela influência muito. Ela influencia sim e, muitas vezes, eu acho até que dificulta, porque o cara até acha bonito falar assim: "Ah, eu sou da época da prensa", [...] "Eu cobri quando Rondon veio fazer a agrimensura daqui". Ai, mano, é bonito, tá, legal, só que, velho, nós estamos na época... Eu sou da época que a Folha de São Paulo chegava aqui no outro dia, mas eu não posso viver naquela época. Não posso. Eu estou nessa época agora". **(Liziane Berrocal)**

"Facilita, né? Porque [...] quanto mais jovem, mais fácil, mais ágil ele é na rede social. Quanto mais experiente, no jornalismo, né? Vamos dizer assim... É aquela pessoa que tá lá tem que 50, 30 ou 40 anos de profissão, tá acostumado com aquelas máquinas antigas, ele vai ter uma certa dificuldade. Ele tem uma certa dificuldade, sim. Ele prefere anotar no bloquinho. E a gente não. A gente já anota no celular o texto. A apuração, por exemplo, a gente faz a gravação ali pra [...] decupar depois. Ele não. Ele vai anotando os pontos numa folha sulfite, num rascunho. Dificulta, sim. Quando mais jovem você é, mais fácil você mexer na rede social". **(Rodrigo Nascimento)**

É a unânime a opinião, entre os jornalistas da Geração Y participantes desta pesquisa, de que a tecnologia facilita o fazer jornalístico. A agilidade é a principal vantagem apontada pelo grupo, ao lado da facilidade de acesso informação, à fonte, interatividade, divulgação de conteúdos e até a realização de trabalhos *home office.*

Apesar disso, desvantagens foram citadas. Na interpretação de alguns informantes, a tecnologia deixa o profissional acomodado, porque tudo está à disposição de um clique. Por outro lado, há sobrecarga de trabalho provocada pelo excesso de informações e a inevitável cobrança por parte de superiores diretos.

Todos consideram que utilizam bem as novas tecnologias, garantem que não apresentam dificuldade e estão, inclusive, sempre atentos às novidades. A tecnologia está para os ípsilons assim como o texto está para o jornalismo. Os membros desta geração, pelo menos os analisados aqui, não se veem longe da evolução.

Alguns sequer se enxergam como jornalistas antes desta época. Sendo assim, não há dúvidas de que a tecnologia interfere diretamente no trabalho desses profissionais, desde as questões mais básicas. Se um microfone falha, por exemplo, o programa de rádio está severamente comprometido. Se a internet cai, o caos instala-se.

Neste cenário, em que tudo depende da tecnologia, as redes sociais têm papel importante. Para os ípsilons, elas são como termômetros de audiência e dos assuntos que estão em voga, funcionam como verdadeiro banco de pautas, proporcionam acesso direto às informações e às fontes e, além disso, é tido como espaço ideal para divulgação do trabalho realizado, seja por meio de fotos, vídeos, textos, links, *live streaming*, entre outros recursos disponíveis.

Por isso não é surpresa que os jornalistas da Geração Y considerem o domínio da tecnologia uma das habilidades mais valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente. Mas ela não é a única. Ocupam a mesma lista a resiliência, agilidade, texto, bom *networking* e indispensável capacidade de ser multitarefa, algo que vai muito além de ser proativo.

Para a maioria dos ípsilons, a idade do jornalista facilita o domínio da tecnologia. Ou seja, quanto mais novo, mais habilidoso é o profissional, ao passo que o mais velho sente dificuldade. É este o pensamento dominante.

Há, no entanto, visões divergentes. Para Nyelder Rodrigues e Vinícius Nunes, a idade é indiferente, porque o domínio da tecnologia depende do interesse pessoal de cada profissional e isso vale para jovens ou velhos. Alguns se interessam. Outros não.

Fatores de conflitos – Geração Y[31]

1. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
"Não, não sinto, porque eu tive pai velho, mais velho, né? [...] meu pai não era ligado nas tecnologias. Minha mãe já foi, [...] se ligou, [...] se antenou, então eu vivi as duas coisas, por isso que eu volto lá na empatia. [...] eu não posso querer que [eles] tenham a mesma noção que eu, inclusive de valores morais e valores de algumas coisas, para pauta, [...] essas coisas, que eu tenho. [...] também não posso querer que os meninos que estão começando agora, [...] recém-formados... [...] as gerações, elas sempre [tem algo] a nos ensinar. [...] eu não posso desrespeitar essas histórias. [...] eu preciso aprender com os meninos que estão chegando

[31] As inferências desta categoria foram feitas a partir da Análise de Conteúdo das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração Y. No entanto, em razão do volume de material, nem todas as respostas foram incluídas neste quadro, mas elas podem ser consultas, na íntegra, no apêndice E.

agora, com as meninas que estão chegando agora. [...] Eles têm outras experiencias para me ensinar, outras *vibes*, [...] outras pautas que você pode aprender com eles, [...] por isso que eu não vejo esse conflito de geração". **(Liziane Berrocal)**

"Bastante. [...] os discursos são diferentes, pensamentos diferentes. [...] é tudo muito complicado de lidar, entendeu? Às vezes a gente quebra o pau porque tem um velho muito machista, quebra o pau por causa de política, porque um é petista e o outro fica xingando quem é da direita. É umas coisas assim muito absurda. Tem umas discussões bem acirradas em relação aos mais velhos com os mais novos durante a rotina. [...] Racismo, já vivenciei... Dos mais velhos. É... Preconceito... Machismo, muito machismo... É... Preconceito sexual, homofobia, já vivenciei, é... Pensamentos assim. Gente que escreve e tem que formar opinião pra uma sociedade que já tá com a cabeça bem aberta, mas que tem a cabeça desde tamanho, então às vezes a gente entra em conflito... [...] É... A gente entra em conflito na rotina por questões de pensamentos que eles não evoluíram, entendeu? E a gente tá mais pra frente. [...] ah, eu boto fogo na lenha. Adoro discutir, porque daí a gente tenta ganhar no argumento, né? Porque são pessoas... Eu sei que eu tinha que respeitar os mais velhos e eu respeito, só que às vezes tem coisas que não dá para você ficar quieta e aí a gente acaba conversando, tentando ver se a pessoa vai melhorar o pensamento, mas é bem raro. A discussão acaba morrendo porque a gente tem que voltar ao trabalho, entendeu? É uma coisa bem engraçada, mas acontece bastante". **(Gabriela Couto)**

2. Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

"Super, nossa, você sai da faculdade de jornalismo achando que você vai mudar o mundo, aí você descobre que você não vai mudar o mundo com salário de R$ 1.200. Imagina, né? A ânsia, a gana, [olha] o que eu escrevia, o que eu fazia, metia as caras em 2008 e o que eu meto as caras hoje. [...] naquela fase você vai ser mais arrojado, mais hostil [...] hoje não. Eu pego um processo, eu leio, vejo, para não tomar processo também, porque eu tomo muito processo [...] aí você pega, destrincha, você busca mais pautas exclusivas. Para você poder se debruçar em cima dela e trabalhar aquilo com um texto mais gostoso. Um texto mais prazeroso. Um texto mais cheio de vida. [...] olha, eu sou muito triste [com] a nova geração que está saindo 12 anos depois. [...] essas gurizadas saem [...] achando que eles vão fazer jornalismo em redes sociais. E é muito mais que isso. [...] eles não têm texto, não tem profundidade. [...] talvez eles vão pegar isso, mas na minha época a gente já tinha um pouquinho mais de profundidade. [...] E acham que tem muito glamour em uma profissão que é muito mais social do que glamourosa". **(Liziane Berrocal)**

"Existe, [...] porque o veterano acha que você tem que ser como ele era quando ele era novo. Eles ficavam de manhã e iam até a noite fazendo jornal. E os novatos eles são criados nesses moldes. que depois que a faculdade veio a gente acaba [...] entrando no padrão de normas do Ministério de Trabalho, entendeu? Você tem que exigir que você tem que ter sua folga, que você tem que receber seu horário... São coisas que a gente veio já quadradinho pra uma realidade que pra eles a gente tem que ser diferente. Eu tive muito problema na minha editoria de Política, principalmente, porque o meu editor ele achava que só porque ele subiu na vida tendo que fazer muitas coisas que eu não admito de fazer, por exemplo: assumir a função dele ou a função da subeditora, escrever, editar e fazer título. Fazer coisa que ele é pago pra [fazer]. Eu falei que eu não vou fazer, porque eu não ganho para isso. Aí e ele falou que eu só iria crescer se eu me submetesse a isso. E eu não acho isso certo. Porque ele recebe para fazer o que ele faz e não eu, entendeu? A gente que é formado, a gente já tem essa cabeça de

tipo: “Meu, eu sou paga para fazer isso. Se eles acham que eu tenho que fazer a mais, então que eles paguem pra gente fazer a mais". Porque a nossa profissão já é muito desvalorizada, entendeu? E aí eles querem desvalorizar mais ainda? Eu sinto que você se submetendo a fazer umas coisas que não são da sua ossada, da sua responsabilidade, você tá acabando [...] prostituindo sua profissão. Você tá fazendo com que uma pessoa que poderia estar ganhando o seu salário não tá ali, entendeu? [...] você acaba acumulando funções que não são suas. E eu sou muito correta em relação a isso. Eu acho errado você ter que ser como eles era antigamente. [...] eles também não têm faculdade, entendeu? Eu acho que se a gente pagou quatro anos de faculdade, se especializou pra estar lá, a gente é igual a eles. Eles estão lá por tempo. Eles ganham DRT por questões de terem se profissionalizado praticando e, além disso, é aquela questão de hábito deles. Eles vêm de uma formação diferente da nossa. E a faculdade não deixa a gente [...] pensar assim. As tecnologias não deixam com que a gente pensar assim. É outro tempo, entendeu? Na nossa profissão. **[...]** eu vejo até pelos estagiários. [...] quem consegue uma vaga na área, já entra desmotivado, entendeu? A gente vê que não tem futuro. A minha geração... E tenho muitos colegas que estão abandonando o jornalismo, que estão empreendendo em outras áreas, que estão vendendo sapato, estão vendendo *milk-shake*, tão vendendo sei lá... Estão saindo do jornalismo porque sabem que não tem como crescer nisso, entendeu? A gente está cansando já, entendeu? Porque o velho jeito de fazer jornalismo não se enquadra no novo jeito de fazer jornalismo. E eu acho que muitas coisas vão mudar futuramente, só que para você se submeter e ganhar bem você tem que deixar muita coisa sua para trás. Tem que se anular muito e isso desmotiva a gente demais a gente a continuar”. **(Gabriela Couto)**

3. Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?

“Eu acho que é a qualidade de apuração, [...] a calma na apuração, [...] o romantismo. [...] O romantismo do jornalismo anterior ele me encanta muito. [...] outro ponto positivo que eu vejo é o amor pelo jornalismo, o amor pela informação. O amor pela informação ele é muito necessário até para você levar informação com qualidade, então eu acho que é um ponto positivo. Ponto negativo que eu vejo é a questão das novas tecnologias. [...] É mais difícil para você lidar, o fato de muitos não terem a formação acadêmica, [além do] cansaço”. **(Liziane Berrocal)**

“São pessoas com mais experiência, [...] moldadas ao sistema, [...] ao sistema do método do jornalismo, né? Que é tudo por interesse do proprietário do jornal. Para eles é muito bom isso, pros donos do jornal. [...] agora os coisas ruins? É o pensamento. É diferente. [...] acho também que eles estão cansados. Eles desmotivam a gente também, sabe? Porque dá pra ver que é aquilo e só. [...] não tem perspectiva nenhuma. [...] não vai mudar. [...] acho que é uma coisa bem ruim que eles nos passam. E essa exigência de querer que a gente seja igual a eles. Isso é muito complicado de lidar”. **(Gabriela Couto)**

4. Quais os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas?

“Ponto negativo, ah, o texto. Tem que ficar falando. [...] não vou citar nomes, mas tem colegas de redação que eu não gosto de passar texto, de passar pauta, porque o texto não fica da maneira como eu queria. [...] fica [...] faltando informação. Porque assim... [...] Não é “eu sou responsável pelo que eu falo e você é responsável pelo que você entende”. [...] não, senhor, você é responsável pelo que o seu leitor vai entender do que você está escrevendo. E essa nova geração ela tem uma dificuldade muito grande nisso, daí o egoísmo dessa nova geração em se fazer entender. É um problema para o jornalismo futuro. É uma geração

egoísta. “Ah, eu entendi, o leitor que se dane”. Não é assim, não. Não é assim, não. [...] A qualidade da informação ela é um diferencial em tudo nisso aí. Você não pode aceitar isso. Não pode. “O ponto positivo, olha, vou ser bem sincera. Está bem difícil de achar com essa nova geração que tá saindo aí. Nova geração que você diz é 10 anos depois da minha? Essas que eu estou pegando agora, os focas que eu estou pegando agora? Ai, cara, alegria, né? A alegria deles eu vou falar então. A alegria deles como um ponto positivo e o domínio das novas tecnologias é um ponto positivo. **(Liziane Berrocal)**

“Tem umas estagiárias lá, entendeu? Mas eu vejo assim que... Escrevem mal. Precisa de mais experiência. A gente vai aprendendo com o tempo, né? É eu acho que quando a gente é estagiária, que nem essas pessoas da nova geração, elas têm medo de perder aquilo, então é uma coisa meio que... Eu não tenho muita personalidade”. **(Gabriela Couto)**

5. Quais os pontos positivos e negativos da sua geração?

“O ponto positivo da minha geração é que a gente pegou a transição das novas tecnologias. A gente pegou a transição, então, para nós, foi muito mais fácil se adaptar. É muito mais bacana. Tinha mais impresso e aí online estava nascendo. As máquinas fotográficas com disquete que você guardava só seis fotos ainda estavam nascendo. Eu, no meio da faculdade, já tinha uma máquina digital, já tinha uma filmadora digital naquela época... Então assim, eu peguei aquela transição da analógica pro digital. Então eu acho que esse é um ponto muito positivo. E também ao mesmo tempo em que você tinha obrigação de ler mais. Eu sou da época que você fazia o vestibular. [...] agora, o ponto negativo é o mito da imparcialidade. A minha geração ainda vive esse mito da imparcialidade. Eu não acredito. É um mito. E o sonho, aquela coisa sonhadinha do jornalismo. [...] Assim, do tipo, é bom e é ruim... Eu falo no sentido de que muita gente da minha turma, 30% da minha turma... Não, mais, 40% mudou de profissão [por] [...] questão salarial. Salário. A desvalorização da profissão. E a minha geração pegou a transição, precisa do diploma, não precisa de diploma. Nós pegamos a fase do Gilmar Mendes falando que o cozinheiro e o jornalista não precisavam de diploma”. **(Liziane Berrocal)**

“Somos muito mais ágeis, somos muito mais tecnológicos, somos muito mais é... Técnicos. Negativos: não aceitamos ordens é... Negativos... Não sei se isso é positivo ou negativo, né? Mais negativos? Eu acho que já entra desmotivado, [...] desiludido. Acho que é mais cedo que a ficha cai, né? Do que para eles, porque eu acho que quem está na profissão ainda, a ficha demorou pra cair, que foi da última geração, né? Acho que é isso. Os negativos mais... Eu acho que é não aceitar as regras de como funciona. É. Muita gente da minha geração não quer ser robô, entendeu?”. **(Gabriela Couto)**

6. Existe conflito de gerações entre jornalistas?

“Sim. [...] A gente percebe isso quando [...] vem um jornalista da velha guarda. [...] você vê esse conflito mais forte. [...] é muito difícil você ver o jornalista da velha guarda no [...] *hardnews* ali, na porrada. Muito difícil. [eles] [...] são para aquelas matérias mais elaboradas. [...] é mais difícil e isso eu estou falando é no jornalismo online. No impresso, você vê o conflito de gerações, porque a profundidade de apuração da nova geração é muito difícil perto daqueles que já estão a mais tempo. Na TV, no rádio, eu acho que isso talvez exista menos. Eu não tenho experiência de TV. [...] Só TV online, de produção essas coisas, [...], mas eu acho que talvez exista mais pela questão da [...]agilidade. [...] acaba dando esse [...] conflito, do que é pauta, o que não é pauta. Às vezes a jovem enxerga uma coisa, que é pauta, e aquela geração vai falar: “Ah, isso não é pauta. [...] Tipo os caras mais antigos assim, você vai falar...

"Isso não é pauta. O que é isso esse tal de LGBT?" [...] ele vai falar [...] porque na geração dele isso não existia. [...] é uma abominável. [...] isso era aberração. E de repente, pra gente, é pauta. [...] hoje, o que que tá em alta aí, os youtuber, você vai fazer uma matéria sobre os youtubers, o cara vai falar assim: "Mas o que que é isso? Isso é profissão? Blogueira é profissão? [...] cara, [...] tem blogueira que ganha 50 milhões por ano. É profissão. [...] aí você vai falar para mim que um cara que tem 40, 50 anos de jornalismo, ou um cara que é ali criado dentro do mundo machista, com a evolução tecnológica ele vai mudar, e o discurso dele vai mudar? As pessoas não mudam. Elas podem até acompanhar a transformação tecnológica, mas o interior, o que é intrínseco delas, a questão de valores morais, de costumes, e também de valores sociais, eles não mudam. E eles influenciam diretamente o trabalho do jornalista. [...] uma consideração que eu gostaria de fazer para sua pesquisa é que, independentemente de qualquer coisa, as novas gerações precisam aprender mais de humanidade e empatia com as gerações mais antigas. Se eu pudesse dar um conselho para alguém que daqui dez anos pegar a sua dissertação de mestrado, seria que as pessoas busquem no passado uma forma de melhorar o presente, consertar os erros e resguardar o futuro. Eu aprendo muito com as gerações mais antigas, no que diz respeito à calma, a maturidade e a respeito. Respeito, respeito. [...] E as gerações mais antigas, a respeitarem as mudanças. [...] A gente tem que abrir a mente. [...] Eu não admito mais machismo, homofobia, gordofobia, racismo, sexismo, tudo esses "ismos" que o povo fala que é chatice, que é "mimimi", eu não aceito. O jornalismo não pode ter preconceito, seja na velha, na intermediária ou na nova geração, porque o jornalismo é informação. [...] então o que penso muito é que as gerações precisam aprender entre si, mais do que usar as tecnologias, a superar os conflitos por meio da humanidade. Tem que ser humano. [...] E eu vou voltar à primeira tecla que eu falei para você: empatia, empatia e empatia. Eu me colocar no lugar do outro, [...] daquela pessoa que está passando aquilo. [...] então eu acho que é isso que as gerações precisam aprender entre si. Mas isso você aprende em casa. [...] vai fazer o que? Academia não ensina isso. **(Liziane Berrocal)**

"Existe. [...] quem é das antigas acha que a gente tem que se submeter ao sistema, entendeu? E isso fere muito o nosso psicológico. [...] se for pra falar na prática, do trabalho, eles acham que a gente tem que se moldar a eles no dia a dia da redação, entendeu? Eu conheço gente que tem que lidar com gritos, coisas que eles faziam antigamente. E tem alguns que continuam fazendo. [...] ter que aceitar que [...] ficar lá 24 horas, ter que fazer trabalho que não é seu, essas coisas, que eu acho super errado, entendeu? Que o código não prevê esse tipo de atitude e você tem que ter para agradar e para conseguir questionar o seu cargo. Existe. **(Gabriela Couto)**

Quatro dos cinco informantes deste grupo sentem dificuldade com jornalistas de outras gerações. Entre os problemas expostos, discursos e posições diferentes, inclusive sobre política. Em casos mais graves, comportamento racista, machista, homofóbico, preconceituoso, etc. Isso é o que diz a repórter Gabriela Couto, de 29 anos. Ela alega ter enfrentados conflitos destas naturezas nas redações em que trabalhou.

Porém, de maneira geral, os ípsilons acreditam que os profissionais de outras gerações são mais "engessados", tem "visão arcaica", por isso dispensam ou olham com estranheza para

ideias novas e também não consideram novos formatos. Além disso, são mais propensos a explorar mão de obra dos iniciantes, que geralmente ganham menos.

Sobre essa questão específica, Liziane Berrocal é a única que afirma não sentir dificuldade com os veteranos. A jornalista defende que a base de tudo é o respeito e que não há como ignorar a história dos mais velhos, mas isso não pode ser desculpa para estacionar no tempo. Apesar disso, ela vê diferenças na forma como um veterano e um novato enxergam o ofício. Para ela, os iniciantes são mais afoitos, "não tem texto", acham que jornalismo é uma profissão glamourosa e, às vezes, resumida às redes sociais. Essa "visão utópica", "deslumbrada" e "apaixonada" é apontada por outros informantes desta geração.

Mais uma vez, Gabriela Couto pensa diferente. Segundo a jornalista, a maioria dos jovens profissionais estão desmotivados, sem perspectiva de futuro ou crescimento, por isso alguns abandonam a carreira. É que, mesmo com perfil mais combativo (no sentido de não aceitar abusos e lutar pela garantia dos próprios direitos, como prevê a legislação trabalhista) eles encontram um cenário ainda dominado por veteranos.

E esses, muitas vezes, costumam estar posição de poder, alinhados aos interesses da empresa (e aos próprios). Por isso, não raramente, se posicionam contra o trabalhador, fazem cobranças exageradas, às vezes fora da lei, porque aprenderam assim no passado e, por qualquer que seja o motivo, não se atualizaram – ou não aplicaram na prática o que aprenderam na teoria.

Agora, como verdadeiros saudosistas de uma época onde "jornalista era jornalista 24 horas por dia", tentam repassar os próprios valores (pessoais e profissionais) aos novatos, como se existisse uma fórmula única de se obter sucesso profissional na atualidade.

Mesmo assim, os ípsilons ainda conseguem elencar pontos positivos da geração anterior à deles. Conhecimento, experiência, qualidade textual e de apuração são os mais lembrados. Mas há os negativos. Quem enxerga, cita a dificuldade de lidar com a tecnologia, "engessamento", alinhamento ao patrão, resistência aos novatos, bem como aos novos modelos de se fazer jornalismo e às novas mídias.

Já a nova geração se destaca, segundo os ípsilons, pelo domínio da tecnologia, agilidade e ousadia na exploração de novos conteúdos, formatos e meios. Também são vistos como pontos positivos o perfil mais crítico, questionador e "combativo", quando esses profissionais se posicionam, por exemplo, contra a exploração no trabalho e preconceitos de qualquer

natureza. O jornalista Nyelder Rodrigues fala em uma geração mais ativista, com forte idealismo social, que valoriza e defende os direitos humanos.

A defesa da dignidade da pessoa humana é mais que uma virtude para o profissional da imprensa. Trata-se de uma obrigação expressa no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros em seu Capítulo II, Art. 6º, inciso II, que diz ser dever do jornalista "opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos".

É dever, também, segundo o inciso XIV, "combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza" (FENAJ, 2018).

Mas os pontos negativos também são lembrados e eles são os seguintes: baixa qualidade textual, apuração superficial, falta de experiência e vivência prática, visão limitada, comportamento arrogante, presunçoso e narcisista. No conjunto, todos esses fatores refletem em matérias rasas, mal apuradas e, portanto, malfeitas.

Na avaliação sobre a própria geração, os ípsilons se consideram ágeis, inovadores, proativos, multitarefas, com boa compreensão do processo comunicativo, da comunicação como área e da tecnologia, porque nasceram em uma época em que o mundo estava se transformando. Eles acompanharam a evolução (da era analógica para a digital, por exemplo) e, por isso, sentem que dominam com propriedade os aparatos tecnológicos.

Como pontos negativos, os ípsilons elencam a falta de identidade, comportamento individual, visão ainda utópica, ego exagerado e desilusão motivada pela precarização da profissão. A resistência para acatar regras e ordens é tido como algo negativo e positivo. Depende de como o problema é abordado.

Todos os profissionais enquadrados neste grupo acreditam que existem conflitos de gerações entre jornalistas. Os argumentos que sustentam as afirmações apresentam semelhanças. Para a maioria, as diferenças ocorrem porque os veteranos querem que os novatos se moldem a eles, enxerguem o mundo, a vida e a profissão como eles. E isso, na prática, significa, muitas vezes, ser jornalista 24 horas por dia, sem poder separar vida pessoal da profissional, por exemplo.

As visões divergentes recaem, ainda, sobre o modo de se fazer jornalismo, atingindo os critérios de noticiabilidade. Neste sentido, o que é pauta para um pode não ser para o outro, porque o julgamento passa por filtros morais, às vezes pessoais, provenientes da formação individual de cada jornalista. Com este cenário, os ípsilons defendem que os conflitos são de ordem pessoal, profissional, ideológica e de nível hierárquico, porque os profissionais mais experientes costumam ocupar cargos de chefia dentro das redações.

Porém, os mais compreensivos sugerem que esses embates ocorrem em qualquer profissão – e não apenas no jornalismo. Sob esse prisma, os conflitos são tidos como inerentes ao ser humano, que tem dificuldade de se autoanalisar e, mais ainda, de compreender, respeitar o próximo, seus valores e suas verdades. E isso vale para as velhas ou novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da presente dissertação possibilitou um estudo intergeracional, atual, regionalizado e inédito, da imprensa de Campo Grande (MS). Com base no recorte metodológico proposto, foi possível analisar três gerações - *Baby Boom*, X e Y - na imprensa local, apontar diferenças entre elas e diagnosticar os fatores de conflitos entre os profissionais que se inter-relacionam na mídia impressa, *online*, radiofônica e televisiva.

De modo geral, os jornalistas participantes deste estudo demonstram entendimentos diferentes sobre a deontologia da profissão, identidade profissional, atuação prática no mercado de trabalho nas redações. Eles também divergem sobre o que esperam da empresa, de superiores diretos e do futuro na área.

As diferenças são motivadas por diversos aspectos. Entre os principais, idade, tempo de carreira, experiências vividas, cargos ocupados, formação acadêmica, religião, posição político-ideológica e, inclusive, valores pessoais, conforme preconiza a literatura especializada.

Ou seja, todo o capital - social, cultural, econômico, simbólico - adquirido pelo sujeito ao longo da vida é considerado em um estudo como esse, tornando subjetiva a análise. Mas essa constatação, também prevista na revisão bibliográfica e fundamentação teórica, não invalida o tema, tampouco os resultados, uma vez que estes são amparados por método científico passível de comprovação.

Dito isto, é válido ressaltar primeiro, em panorama geral, as distinções identificadas nos três grupos analisados, o dos *baby boomers*, X e ípsolons. Veteranos e experientes, os profissionais da Geração *Baby Boom* têm o jornalismo como um verdadeiro sacerdócio, se dizem vocacionados para o ofício e não pretendem deixar a área, mesmo após a aposentadoria.

O emprego, para maioria, sempre esteve em primeiro lugar, tanto que muitos se consideram jornalistas 24 horas por dia. Com isso, qualidade de vida é algo posto, geralmente, em segundo plano. Apesar disso, eles não costumam encontrar problemas - como os de saúde - provocados pela rotina.

Com forte sentido de dever social e fiéis aos empregadores, os *boomers* adotam modelos mais rígidos de comportamento, seguem regras estabelecidas, respeitam hierarquia, valorizam as posições que ocupam (na sociedade ou nas empresas), a

experiência adquirida com o tempo e se orgulham da capacidade técnica, principalmente de texto. Mas, salvo raras exceções, tem dificuldades com as novas tecnologias.

Em cargos de chefia ou tendo exercido funções desta natureza, eles não apresentam grandes queixas salarias, mas acreditam que poderiam ter melhor remuneração, pelas funções que ocupam e, principalmente, as décadas de experiência, às vezes em um mesmo veículo. No relacionamento com profissionais jovens, não referem dificuldade ou conflito, porque não disputam mais espaço no mercado, estão estabilizados ou fora da área.

Diferente dos *Baby Boomers*, os jornalistas da Geração X viram no ofício uma oportunidade de trabalho, onde puderam desenvolver suas habilidades pessoais para conquistar uma profissão e carreira. Com esforço, alcançaram posições de poder, salários acima da média e certa estabilidade, por isso também são fiéis ao emprego, mas não necessariamente ao empregador.

Embora não se considerem jornalistas 24 horas por dia, nem sejam tão rígidos, os X ainda mantém comportamento *workaholic* e, por isso, têm dificuldade para separar a vida pessoal da profissional. Entretanto, eles estão em busca de qualidade de vida, algo difícil de ser conquistado. Os reflexos são vistos na saúde - no aparecimento de doenças que a maioria relaciona ao exercício profissional, por exemplo, depressão, ansiedade e obesidade.

Imigrantes digitais, os profissionais deste grupo conseguiram se adaptar às novas tecnologias, mas boa parte domina apenas o mínimo de recursos para desempenhar suas atividades, seja por resistência, falta de conhecimento ou interesse pessoal. O "problema", no entanto, é compensado pela experiência e capacidade de fazer jornalismo sem se prender a aparatos, plataformas ou outros recursos modernos.

Assim como os *boomers*, a maioria dos X estão em cargos de chefia, se relacionando com profissionais mais novos, aparentemente sem dificuldade. Porém, os relatos sugerem que a convivência nem sempre é harmoniosa. Há diferenças marcantes na forma de se enxergar a profissão e nos valores profissionais, que refletem diretamente na maneira de exercer a atividade nas redações.

A facilidade de lidar com a tecnologia é uma das características dos ípsolons, a geração subsequente, mas essa competência não é inerente a todos e nem garante sucesso. O estudo

sugere que o profissional mais requisitado pelo mercado, hoje, é o multitarefa, ou seja, aquele jornalista capaz de fazer de tudo um pouco - ou tudo ao mesmo tempo.

Talvez por isso foi possível notar fragilidades na formação da identidade profissional deste grupo, assim como na compreensão dos aspectos deontológicos da profissão por parte deles, algo que é definido com mais precisão pelas gerações anteriores: *Baby Boom* e X.

Entre jornalistas pouco experientes, ainda é possível identificar certa visão romântica da profissão, quando não utópica. De maneira geral, no entanto, o "ufanismo jornalístico" não é algo que representa todos, ao contrário. Em pouco tempo, o mercado de trabalho se encarregou de mostrar a realidade a esses profissionais que, mesmo jovens, enfrentaram experiências intensas, transformadoras e negativas.

Não por acaso essa é a geração de trabalhadores da imprensa com mais queixas sobre a saúde e que também associa doenças psiquiátricas e transtornos mentais - como depressão, ansiedade, e síndrome do pânico - ao exercício da profissão. Também é o grupo que se sente mais prejudicado com a remuneração recebida e que relata situações de exploração, assédio moral e até sexual.

Por outro lado, demonstra ser a geração mais atenta às leis trabalhistas, aos direitos individuais e coletivos e que está em busca de um trabalho decente. Neste caso, no cenário em que se encontram, resiliência é um mal necessário para os profissionais da Geração Y, caso queiram se manter no emprego.

O problema é que sacerdócio não é, nem de longe, a palavra que representa os ípsolons, como é para os *boomers*. Ela pode ser trocada por liberdade. É isso o que os jornalistas desta geração buscam. E eles não fazem questão de encontrá-la, necessariamente, no jornalismo.

Considerando as diferenças observadas em cada grupo analisado, os resultados da pesquisa sugerem que há conflitos de gerações entre jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS). Os fatores são variados e motivados por situações diversas, que dependem de cada indivíduo.

No conjunto, porém, observa-se que os tensionamentos se estabelecem, principalmente, a partir da idade, experiência profissional, tempo de carreira, remuneração recebida, vivência pessoal de cada trabalhador e, dentre outras coisas, em decorrência da cultura organizacional da empresa em que cada sujeito está inserido.

É possível dizer, portanto, que os conflitos são provocados por divergências na compreensão de valores profissionais (podendo ou não estar relacionado à idade do jornalista), diferenças hierárquicas e/ou pessoais e precarização de mercado. A tecnologia interfere, mas não se estabelece como fator determinante para eclosão de confrontos.

Os conflitos, quando ocorrem, costumam se manter no campo das ideias, mas provocam intensas transformações. Em geral, nos profissionais mais jovens, que sofrem retaliações, se veem compelidos a repensarem a atuação em pouco tempo e, inclusive, a escolha da profissão. Devido a importância do tema, é válido considerar o desenvolvimento de novos estudos intergeracionais aplicados ao jornalismo.

A dissertação pode contribuir para a construção de uma nova cultura organizacional na área ou, ainda, servir de base para a elaboração de projetos de mídia inovadores, que levem as questões em consideração afim de se estabelecer um novo cenário, onde a cooperação entre as gerações esteja em foco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRAJI. Mulher no jornalismo brasileiro. **Mulheres no jornalismo**, 2017. Disponivel em: <http://www.mulheresnojornalismo.org.br/#sobre>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ABREU, A. A. D. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ADGHIRNI, Z. L.; PEREIRA, F. H. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intertexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011. Disponivel em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

ANDRADE, S. I. D. et al. **Conflito de gerações no ambiente de trabalho:** um estudo de empresa pública. Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação. Recife: [s.n.]. 2012. p. 1-12.

APRIGIO, B. T. Gerações no mercado de trabaho: Geração Y. **Revista de Administração do UNISAL**, Campinas, v. 3, p. 19-28, Jan/Abr 2013. Disponivel em: <http://www.revista.unisal.br/sj/index.php/RevAdministracao/article/view/232/199>. Acesso em: 03 nov. 2015.

ASSAD, L. Jornalismo e ditadura militar no Brasil: da censura à resistência nas redações. **ALAI - Agencia Latinoamericana de Información**, 2013. Disponivel em: <https://www.alainet.org/pt/active/67660>. Acesso em: 22 set. 2017.

BAHIA, J. **Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BALDESSAR, M. J. **A Mudança Anunciada - O cotidiano dos Jornalistas com o Computador na Redação**. Florianópolis: Insular, 2003.

BALZAC, H. D. **Os Jornalistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERTOLINI, J. Jornalista Multimídia e Multitarefa: perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Catarina, v. 16, 2017. Disponivel em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897/pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BORBA, F. D. S. et al. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRANDÃO, M. Ditadura mantinha documentos com informações sobre jornalistas do DF. **Agência Brasil**, 2017. Disponivel em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-03/ditadura-mantinha-documentos-com-informacoes-sobre-jornalistas-do-df>. Acesso em: 23 set. 2017.

CABRAL, Á.; NICK, E. **Dicionário Técnico de Piscologia**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALLIARI, M.; MOTTA, A. **Código Y. Decifrando a geração que está mudando o país**. São Paulo: Évora, 2012.

CANCIO, M. **Telejornalismo descoberto:** a origem da notícia no jornalismo televisivo regional. Campo Grande (MS): UFMS, 2005. 240 p.

CAPES. Busca. **Portal de Periódicos CAPES/MEC**, 2018. Disponivel em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 16 fev. 2018.

CASADEI, E. B. A legitimação das redes sociais como fonte para o jornalismo sob a perspectiva dos códigos padrões de narração. **Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, Paraná (PR), v. 2, 2013. ISSN ISSN: 2238-0701. Disponivel em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/download/32170/21232>. Acesso em: 13 ago. 2018.

CODEÇO, P. V. **Gerações X e Y e seus perfis motivacionais**. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2015.

COSTA, C. **Pena de aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. D. **Metodologia Científica - Tipos de métodos e sua aplicação**. Campina Grande: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008. Disponivel em: <http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/metodologia_cientifica/Met_Cie_A04_M_WEB_310708.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

ERICKSON, T. **E agora, geração X?:** Como se manter no auge profissional e exercer a liderança plena numa época de intensa transformação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Maio/Agosto 2010. 185-204. Disponivel em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2018.

FENAJ. Relatório 2017 de violência contra jornalsitas e liberdade de imprensa no Brasil. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2017. Disponivel em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2018/01/relatorio_fenaj_2017.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2018. Disponivel em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

FENAJ. Pisos Salariais Atuais. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2018. Disponivel em: <http://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

FERREIRA, A. B. D. H. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1986.

FERREIRA, M. N. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FIGARO, R. Perfis e Discursos de Jornalistas no Mundo do Trabalho. In: FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. 1ª. ed. São Paulo: Salta, 2013. p. 7-143.

FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.

FILHO, C. M. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J. F. S.; SOARES, P. O excesso de trabalho mata ou dá prazer? Uma exploração dos antecedentes e consequentes do workaholismo. **Psicologia**, v. XXV, p. 51-72, 2011. Disponivel em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v25n1/v25n1a03.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

HELOANI, R. O trabalho do jornalista:estresse e qualidade de vida. **Interações**, São Paulo, v. XII, n. 22, p. 171-198, julho-dezembro 2006. Disponivel em: <http://www.redalyc.org/pdf/354/35402208.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis (RJ): Vozes, v. 2ª, 2008. p. 123-141.

IBGE. Expectativa de vida do brasileiro sobe para 75,8 anos. **Agência IBGE Notícias**, 2017. Disponivel em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18469-expectativa-de-vida-do-brasileiro-sobe-para-75-8-anos>. Acesso em: 08 out. 2018.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia:** Guia Prático da Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JÚNIOR, C. C. M. C. et al. O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, São Paulo (SP), fevereiro 2016. ISSN 2179-9636. Disponivel em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509162633.pdf>.

JUNIOR, W. C. D. F. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 280-304.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários - Nos tempos da imprensa alternativa**. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2001. Disponivel em: <http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf>. Acesso em: 26 set. 2017.

LIMA, R. **Perfil das gerações no Brasil:** as gerações X, Y e Z e seus perfis políticos. São Paulo: Baraúna, 2012.

MACHADO, G. M. **Os pais da geração Y**. São Paulo: All Print, 2015.

MARTINO, L. M. S.; FILHO, C. D. B. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

MCCRINDLE, M. Generation Alpha: Mark Mccrindle Q & A With The New York Times. **The McCrindle Blog**, 2015. Disponivel em: <http://mccrindle.com.au/the-mccrindle-blog/generation-alpha-mark-mccrindle-q-a-with-the-new-york-times>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MELO, J. M. D. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MICK, J. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 15-37, Jan/Jun 2015. Disponivel em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/7579/4574>. Acesso em: 28 set. 2017.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro - características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. [S.l.]: Atlas, 2009. p. 269-279.

NONATO, C. O Perfil Diferenciado dos Jornalistas Associados ao Sindicato de São Paulo. In: FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMAN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. 1ª. ed. São Paulo: Atlas, 2013. Cap. 2, p. 144-203.

NONATO, M. N.; PIMENTA, T. A. F.; PEREIRA, F. J. **Geração Z:** Os desafios da mídia tradicional. Intercom Nordeste. Recife: [s.n.]. 2013. p. 1-10.

OIT. **Organização Internacional do Trabalho**, 2018. Disponivel em: <https://nacoesunidas.org/agencia/oit/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

OLIVEIRA, S. **Geração Y:** Era das conexões. Tempo dos Relacionamentos. 1ª. ed. [S.l.]: Clube de Autores, 2009.

OLIVEIRA, S. **Geração Y:** O nascimento de uma nova versão de líderes. 4ª. ed. São Paulo: Integrare, 2010.

OLIVEIRA, S. **Jovens para sempre**. São Paulo: Integrare, 2012.

OLIVEIRA, S. **Gerações:** encontros, desencontros e novas perspectivas. São Paulo: Integrare, 2016.

ONUBR. OMS: expectativa de vida sobe 5 anos de 2000 a 2015 no mundo, mas desigualdades persistem. **ONUBR - Nações Unidas no Brasil**, 2016. Disponivel em: <https://nacoesunidas.org/oms-expectativa-de-vida-sobe-5-anos-de-2000-a-2015-no-mundo-mas-desigualdades-persistem/>. Acesso em: 08 out. 2018.

PANSANI, C. **Pequeno dicionário de sociologia [livro eletrônico]**. Campinas: Autores Associados, 2018.

PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO. Projeto. **Perfil do Jornalista Brasileiro**, 2013. Disponivel em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/projet/>. Acesso em: 17 jan. 2018.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REIMBERG, C. O. O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. **Tese de Doutorado/Biblioteca Digital USP**, São Paulo, 2015. Disponivel em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php>. Acesso em: 17 ago. 2018.

ROBBINS, S. **Administração:** mudanças e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2000.

ROCHA, S. Cenários da Comunicação: A reconfiguração do emissor/receptor. **NIC**, Londrina (PR), v. 3, n. 2, mar. 2011. Disponivel em: <http://www.uel.br/revistas/nic/wwwroot/artigos/artigo_mostra.php?id=117>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SERRANO, D. P. Geração Alfa. **Portal do Marketing**, 10 jan. 2011. Disponivel em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos1/Geracao_Alfa.htm>. Acesso em: 08 fev. 2018.

SILVA, C. E. L. D. **O adiantado da hora:** a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

SINDJOR-MS. Censo Sindjor-MS 2017: Maioria dos profissionais é mulher, celetista e graduada. **SindJor-MS**, 2017. Disponivel em: <http://www.jornalistasms.org.br/2017/07/censo-sindjor-ms-2017-maioria-dos.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SOUZA, C. Jornalistas: um dos principais alvos de perseguição da ditadura. **ABI - Associação Brasileira de Imprensa**, 2014. Disponivel em: <http://www.abi.org.br/jornalistas-um-dos-principais-alvos-de-perseguicao-da-ditadura/>. Acesso em: 20 set. 2017.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 51-61.

STURZA, C. M. Perfil do Ensino de Jornalismo em Mato Grosso do Sul: uma avaliação pelo corpo discente. **Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo**. 6-7. Disponivel em: <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=791&cf=24>. Acesso em: 06 jul. 2018.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**. São Paulo: Agir, 2010.

UFMS. Trabalhos. **Pós-Graduação**, 2018. Disponivel em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalhos/index/151>. Acesso em: 13 fev. 2018.

USP. Banco de Dados Bibliográficos da USP. **Dedalus**, 2018. Disponivel em: <http://dedalus.usp.br/F>. Acesso em: 10 fev. 2018.

VIEGAS, R. O. D. M. C. Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN. **Biblioteca Digital de Monografias - UFRN**, 2015. Disponivel em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3656/1/RaissaOMCV_Monografia.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRAJI. Mulher no jornalismo brasileiro. **Mulheres no jornalismo**, 2017. Disponivel em: <http://www.mulheresnojornalismo.org.br/#sobre>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ABREU, A. A. D. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ADGHIRNI, Z. L.; PEREIRA, F. H. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intertexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011. Disponivel em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.

ANDRADE, S. I. D. et al. **Conflito de gerações no ambiente de trabalho:** um estudo de empresa pública. Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação. Recife: [s.n.]. 2012. p. 1-12.

APRIGIO, B. T. Gerações no mercado de trabaho: Geração Y. **Revista de Administração do UNISAL**, Campinas, v. 3, p. 19-28, Jan/Abr 2013. Disponivel em: <http://www.revista.unisal.br/sj/index.php/RevAdministracao/article/view/232/199>. Acesso em: 03 nov. 2015.

ASSAD, L. Jornalismo e ditadura militar no Brasil: da censura à resistência nas redações. **ALAI - Agencia Latinoamericana de Información**, 2013. Disponivel em: <https://www.alainet.org/pt/active/67660>. Acesso em: 22 set. 2017.

BAHIA, J. **Dicionário de Jornalismo Juarez Bahia**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BALDESSAR, M. J. **A Mudança Anunciada - O cotidiano dos Jornalistas com o Computador na Redação**. Florianópolis: Insular, 2003.

BALZAC, H. D. **Os Jornalistas**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BERTOLINI, J. Jornalista Multimídia e Multitarefa: perfil contemporâneo do trabalho precário no jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Catarina, v. 16, 2017. Disponivel em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/16897/pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BORBA, F. D. S. et al. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRANDÃO, M. Ditadura mantinha documentos com informações sobre jornalistas do DF. **Agência Brasil**, 2017. Disponivel em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2017-03/ditadura-mantinha-documentos-com-informacoes-sobre-jornalistas-do-df>. Acesso em: 23 set. 2017.

CABRAL, Á.; NICK, E. **Dicionário Técnico de Piscologia**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CALLIARI, M.; MOTTA, A. **Código Y. Decifrando a geração que está mudando o país**. São Paulo: Évora, 2012.

CANCIO, M. **Telejornalismo descoberto:** a origem da notícia no jornalismo televisivo regional. Campo Grande (MS): UFMS, 2005. 240 p.

CAPES. Busca. **Portal de Periódicos CAPES/MEC**, 2018. Disponivel em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 16 fev. 2018.

CASADEI, E. B. A legitimação das redes sociais como fonte para o jornalismo sob a perspectiva dos códigos padrões de narração. **Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, Paraná (PR), v. 2, 2013. ISSN ISSN: 2238-0701. Disponivel em:

<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/download/32170/21232>. Acesso em: 13 ago. 2018.

CODEÇO, P. V. **Gerações X e Y e seus perfis motivacionais**. 1ª. ed. Curitiba: Appris, 2015.

COSTA, C. **Pena de aluguel**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

DINIZ, C. R.; SILVA, I. B. D. **Metodologia Científica - Tipos de métodos e sua aplicação**. Campina Grande: UEPB/UFRN - EDUEP, 2008. Disponivel em: <http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/metodologia_cientifica/Met_Cie_A04_M_WEB_310708.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2018.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 62-83.

ERICKSON, T. **E agora, geração X?:** Como se manter no auge profissional e exercer a liderança plena numa época de intensa transformação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Revista Sociedade e Estado**, Maio/Agosto 2010. 185-204. Disponivel em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/03.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2018.

FENAJ. Relatório 2017 de violência contra jornalsitas e liberdade de imprensa no Brasil. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2017. Disponivel em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2018/01/relatorio_fenaj_2017.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2018. Disponivel em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

FENAJ. Pisos Salariais Atuais. **Federação Nacional dos Jornalistas**, 2018. Disponivel em: <http://fenaj.org.br/sindicatos/convencoes-e-acordos-coletivos/pisos-salariais-atuais/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

FERREIRA, A. B. D. H. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A., 1986.

FERREIRA, M. N. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FIGARO, R. Perfis e Discursos de Jornalistas no Mundo do Trabalho. In: FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. 1ª. ed. São Paulo: Salta, 2013. p. 7-143.

FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013.

FILHO, C. M. **Dicionário de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, J. F. S.; SOARES, P. O excesso de trabalho mata ou dá prazer? Uma exploração dos antecedentes e consequentes do workaholismo. **Psicologia**, v. XXV, p. 51-72, 2011. Disponivel em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psi/v25n1/v25n1a03.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

HELOANI, R. O trabalho do jornalista:estresse e qualidade de vida. **Interações**, São Paulo, v. XII, n. 22, p. 171-198, julho-dezembro 2006. Disponivel em: <http://www.redalyc.org/pdf/354/35402208.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

HERSCOVITZ, H. G. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis (RJ): Vozes, v. 2ª, 2008. p. 123-141.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de Sociologia:** Guia Prático da Linguagem Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

JÚNIOR, C. C. M. C. et al. O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, São Paulo (SP), fevereiro 2016. ISSN 2179-9636. Disponivel em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509162633.pdf>.

JUNIOR, W. C. D. F. Análise de conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 280-304.

KUCINSKI, B. **Jornalistas e Revolucionários - Nos tempos da imprensa alternativa**. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2001. Disponivel em: <http://kucinski.com.br/pdf/livros_jornrevPrint.pdf>. Acesso em: 26 set. 2017.

LIMA, R. **Perfil das gerações no Brasil:** as gerações X, Y e Z e seus perfis políticos. São Paulo: Baraúna, 2012.

MACHADO, G. M. **Os pais da geração Y**. São Paulo: All Print, 2015.

MARTINO, L. M. S.; FILHO, C. D. B. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

MCCRINDLE, M. Generation Alpha: Mark Mccrindle Q & A With The New York Times. **The McCrindle Blog**, 2015. Disponivel em: <http://mccrindle.com.au/the-mccrindle-blog/generation-alpha-mark-mccrindle-q-a-with-the-new-york-times>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MELO, J. M. D. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MICK, J. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 15-37, Jan/Jun 2015. Disponivel em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/7579/4574>. Acesso em: 28 set. 2017.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro - características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MOREIRA, S. V. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. [S.l.]: Atlas, 2009. p. 269-279.

NONATO, C. O Perfil Diferenciado dos Jornalistas Associados ao Sindicato de São Paulo. In: FIGARO, R.; NONATO, C.; GROHMAN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. 1ª. ed. São Paulo: Atlas, 2013. Cap. 2, p. 144-203.

NONATO, M. N.; PIMENTA, T. A. F.; PEREIRA, F. J. **Geração Z:** Os desafios da mídia tradicional. Intercom Nordeste. Recife: [s.n.]. 2013. p. 1-10.

OIT. **Organização Internacional do Trabalho**, 2018. Disponivel em: <https://nacoesunidas.org/agencia/oit/>. Acesso em: 14 ago. 2018.

OLIVEIRA, S. **Geração Y:** Era das conexões. Tempo dos Relacionamentos. 1ª. ed. [S.l.]: Clube de Autores, 2009.

OLIVEIRA, S. **Geração Y:** O nascimento de uma nova versão de líderes. 4ª. ed. São Paulo: Integrare, 2010.

OLIVEIRA, S. **Jovens para sempre**. São Paulo: Integrare, 2012.

OLIVEIRA, S. **Gerações:** encontros, desencontros e novas perspectivas. São Paulo: Integrare, 2016.

PANSANI, C. **Pequeno dicionário de sociologia [livro eletrônico]**. Campinas: Autores Associados, 2018.

PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO. Projeto. **Perfil do Jornalista Brasileiro**, 2013. Disponivel em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/projet/>. Acesso em: 17 jan. 2018.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 3ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REIMBERG, C. O. O exercício da atividade jornalística na visão dos profissionais: sofrimento e prazer na perspectiva teórica da psicodinâmica do trabalho. **Tese de Doutorado/Biblioteca Digital USP**, São Paulo, 2015. Disponivel em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-26062015-161358/pt-br.php>. Acesso em: 17 ago. 2018.

ROBBINS, S. **Administração:** mudanças e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2000.

ROCHA, S. Cenários da Comunicação: A reconfiguração do emissor/receptor. **NIC**, Londrina (PR), v. 3, n. 2, mar. 2011. Disponivel em: <http://www.uel.br/revistas/nic/wwwroot/artigos/artigo_mostra.php?id=117>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SERRANO, D. P. Geração Alfa. **Portal do Marketing**, 10 jan. 2011. Disponivel em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos1/Geracao_Alfa.htm>. Acesso em: 08 fev. 2018.

SILVA, C. E. L. D. **O adiantado da hora:** a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

SINDJOR-MS. Censo Sindjor-MS 2017: Maioria dos profissionais é mulher, celetista e graduada. **SindJor-MS**, 2017. Disponivel em: <http://www.jornalistasms.org.br/2017/07/censo-sindjor-ms-2017-maioria-dos.html>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SOUZA, C. Jornalistas: um dos principais alvos de perseguição da ditadura. **ABI - Associação Brasileira de Imprensa**, 2014. Disponivel em: <http://www.abi.org.br/jornalistas-um-dos-principais-alvos-de-perseguicao-da-ditadura/>. Acesso em: 20 set. 2017.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 51-61.

STURZA, C. M. Perfil do Ensino de Jornalismo em Mato Grosso do Sul: uma avaliação pelo corpo discente. **Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo**. 6-7. Disponivel em: <http://www.fnpj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=791&cf=24>. Acesso em: 06 jul. 2018.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**. São Paulo: Agir, 2010.

UFMS. Trabalhos. **Pós-Graduação**, 2018. Disponivel em: <https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalhos/index/151>. Acesso em: 13 fev. 2018.

USP. Banco de Dados Bibliográficos da USP. **Dedalus**, 2018. Disponivel em: <http://dedalus.usp.br/F>. Acesso em: 10 fev. 2018.

VIEGAS, R. O. D. M. C. Geração Alpha: um estudo de caso no núcleo de educação infantil da UFRN. **Biblioteca Digital de Monografias - UFRN**, 2015. Disponivel em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3656/1/RaissaOMCV_Monografia.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

ENTREVISTAS REALIZADAS

ALMEIDA, Maria Cristina Medeiros Fernandes de Almeida. *Informante da Geração Baby Boom – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 19 de abril de 2018.

ARGUELLO, Vinícius Nunes de Andrade. *Informante da Geração Y – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 01 de abril de 2018.

BEJARANO, Celso B. Júnior. *Informante da Geração X – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 24 de abril de 2018.

BERROCAL, Liziane Carla Furlan. *Informante da Geração Y – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 29 de março de 2018.

COUTO, Gabriela Renata Gimenez. *Informante da Geração Y – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 30 de março de 2018.

CRUZ, Sergio Manoel da. *Informante da Geração Baby Boom – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 02 de abril de 2018.

FLORENTINO, Arlindo Ramão. *Informante da Geração Baby Boom – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 16 de abril de 2018.

GONÇALVES, Walter G. Filho. *Informante da Geração Baby Boom – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 17 de abril de 2018.

JESUS, Marta Ferreira de. *Informante da Geração X – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 03 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Orcírio de. *Informante da Geração Baby Boom – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 28 de março de 2018.

PEREIRA, Flavia Vicunã. *Informante da Geração X – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 28 de março de 2018.

RODRIGUES, Nyelder de Souza. *Informante da Geração Y – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 30 de março de 2018.

RODRIGUES, Rodrigo do Nascimento. *Informante da Geração Y – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 29 de março de 2018.

SILVA, Joel Almeida da. *Informante da Geração X – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 02 de abril de 2018.

TEIXEIRA, Rosana Aparecida Monte Siqueira. *Informante da Geração X – Entrevista pessoal a partir de questionário semiestruturado*. Gravada em 01 de maio de 2018.

APÊNDICES

A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Modelo do documento lido e assinado pelo conjunto de participantes da pesquisa

---

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa de natureza acadêmica, em nível Mestrado. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Fatores de conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande (MS)

Orientador: Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes

Pesquisador: Elverson Cardozo da Silva (Mestrando)

Telefone para contato: (67) 9.9214-4968

E-mail: elversoncardozo@gmail.com

Resumo da pesquisa:

A dissertação propõe estudo sobre possíveis conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande, Capital do Mato Grosso do Sul. O trabalho leva em consideração as mudanças na profissão ao longo dos anos, sendo elas de ordem ideológica (passagem da imprensa de opinião, político-literária, à informativa de massa), tecnológica (marcada pelas inovações técnicas do fazer jornalístico), profissional (formação acadêmica, exigências técnicas e legislação), e também pessoal, a partir da perspectiva de diferentes gerações que se relacionam profissionalmente.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo **FATORES DE CONFLITOS ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES DE JORNALISTAS NA IMPRENSA DE CAMPO GRANDE (MS)**. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pelo pesquisador **ELVERSON CARDOZO DA SILVA** sobre a pesquisa e procedimentos nela envolvidos.

Local e data _____, ____/___/_____

Nome: _____

Assinatura: _____

B - Questionário para coleta de dados

Questões respondidas pelo conjunto de participantes da pesquisa

Perfil profissional

1. Nome completo:
2. Idade:
3. Data de nascimento:
4. Local de trabalho (ou último emprego):
5. Função:
6. Formação (local e ano):
7. Tempo de carreira:
8. Em quantas empresas trabalhou?
9. Qual o tempo médio de permanência em cada uma (tempo máximo/ mínimo)?
10. Motivo(s) da(s) saída(s):

Valores profissionais

11. O que é ser jornalista para você?
12. Por que você decidiu ser jornalista?
13. Você se sente realizado (a) como jornalista?
14. O que o jornalismo representa na sua vida?
15. Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?
16. Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?
17. Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
18. Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?
19. Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?
20. A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Valores pessoais

21. O que é qualidade de vida para você?
22. É possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
23. Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?
24. A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?
25. Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?
26. Já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Fatores tecnológicos

27. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
28. Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
29. De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?
30. Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
31. Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico?
32. A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Fatores de conflitos

33. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
34. Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
35. Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua? E da nova geração?
36. Quais os pontos positivos e negativos da sua geração?
37. Existe conflito de gerações entre jornalistas?

C – Entrevistas da Geração *Baby Boom*

Transcrições das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração *Baby Boom*

Entrevistado: Sérgio Cruz

Data: 02/04/2018 | **Duração:** 02:10:25

Veículo representado: Rádio **| Geração representada:** *Baby Boom*

Perfil resumido

Nome completo: Sérgio Manoel da Cruz
Idade: 75 anos
Data de nascimento: 06/08/1942
Local de trabalho: FM Capital – 6 anos e Via Morena (TV online) – 11 anos
Função: Comentarista político
Formação: Ciências Políticas (Uninter/2017) e Economia (Unimar/1980)
Tempo de carreira no jornalismo: 58 anos

Perfil completo

Qual seu nome completo?
Sérgio Manoel da Cruz
Sérgio, você está com quantos anos?
75 completos.
Qual sua data de nascimento?
06 de agosto de 1942.
Hoje você está trabalhando onde?
Faço o programa Tribuna Livre, da FM Capital, e faço um programa na Via Morena.
Que é um site, né?
É.
Qual é o programa na Via Morena?
Programa Sérgio Cruz.
No Tribuna Livre você está como apresentador?
Faço comentários políticos.
Ah, você é comentarista político lá. E na Via Morena?
Na Via Morena a mesma coisa.
Sérgio, você tem alguma formação acadêmica?
Sou formado em Ciências Políticas e Economia. Ciências Políticas e Ciências Econômicas.
São dois cursos ou um só?
Não. Um só.
Em Ciências Políticas você formou onde e quando?
Esse eu formei no ano passado. Fiz o curso à distância, na Uninter.
Quanto tempo que demorou esse curso?
Três anos.
E Ciência Econômica?
Esse eu terminei em 1980, na Universidade de Marília.
Quanto tempo você tem de carreira?
58 anos.

É tempo, hein? Desde quando?
Desde 1960.
Como você começou?
Comecei como radialista, na antiga Rádio Clube de Dourados.
Você sabe me dizer em quantas empresas você já trabalhou e quais foram elas? Porque já vou anotando aqui.
Olha, eu trabalhei na Rádio Clube.... Vamos lembrando, né? Na Rádio Clube de Dourados.
Isso foi quando?
Até 1963.
De 60 a 63?
É. E depois?
Rádio Voz do Oeste.
De 63 a?
De 63 a 63. Só um ano. Menos de um ano. Depois eu fui lá para Difusora de Campo Grande.
E você começou lá quando?
Quando eu comecei lá era na Afonso Pena. De 63 a 64. Aí depois eu fui para São Paulo. Aí eu trabalhei na Rádio Comete que era... Toda a rádio que eu trabalhei já não existe mais.
Em São Paulo? Capital?
Rádio Cometa, essas eu não tenho mais precisamente.... Rádio Cometa, Rádio Marconi, Nove de Julho e Tupi... Foi de 64 a 68. Aí eu fui para Mato Grosso....
Você foi para São Paulo por qual motivo?
É... Problema de... Problema política. Eu era contra o golpe. Rico se exila no Chile, na Europa... Eu fui para São Paulo.
Aí você voltou para Mato Grosso do Sul....
Mato Grosso. Aí eu entrei na Difusora. Voltei para a Difusora. Aí depois da Difusora trabalhei na Cultura.
Na Difusora você ficou de que ano a que ano?
Fiquei até 1970.
E voltou em 68?
É. 68. Fiquei até 70, aí fui pra Cultura, né? Fiquei até 73.
De 1970 a 1973?
É. Aí fui para a Educação Rural. Na Educação Rural eu fiquei até o final de 74, quando eu... Aí entrei na política. Fiquei na política de 75 a 83.
E depois?
Aí voltei para o rádio. Voltei para o rádio aí eu... Tenho experiência de jornal também. Trabalhei muito em tempo em jornal.
Mas foi mais pra frente a experiência em jornal?
É. Em jornal... Em 74... Quando entrei na política, já estava em jornal também, no Diário da Serra.
Você fazia paralelo então... Junto com o rádio?
Junto com o rádio. Fazia rádio em jornal.
E você ficou no Diário da Serra até quando?
Até o final de 74.
Você entrou para política em 75 e ficou até 85. Ficou afastado então?
Aí eu não fiz rádio e nem jornal. Só política.
Mas voltou para o rádio depois. Para onde?
Para a AM Capital.

Tudo aqui, né?
É.
E você ficou lá de 83 a....
Não, foi no ano seguinte... Em 84 eu entrei lá. Fiquei sem um ano sem mexer com rádio.
De 84 a?
Parece que estou com Alzheimer, né? Não está sabendo... É assim: fiquei na AM até a eleição do Juvêncio, segunda eleição do Juvêncio pra prefeito... Acho que foi em 86. Tenho que conferir. Não me lembro.
E depois?
87... Não sei se fui mexer com jornal... Me deu um branco.... 86.... Não sei se fui mexer com jornal. Em verdade, nesse tempo aí, de 86 até 90, eu não fiquei fixo em nenhuma estação de rádio. Fazia muito freela... Interior, tal. Escrevia para os jornais, vários jornais, fazia coluna para o interior... Não fiquei em rádio não. Aí eu sei que de 90 para cá eu fiz várias participações no rádio, participação na televisão. Tive um tempo na antiga Manchete. Hoje é Record. Fiz um programa lá e depois fiz um programa na rádio, na TVE, na Rádio TVE, no governo do Zeca.... De 98, 99, até o final governo dele acho... 2003. E nesse... De 99 até 2003, eu toquei um jornal diário aqui, que era o Primeira Hora, jornal polêmico...
Eu lembro. Esse eu lembro. Você era proprietário?
Era sócio-proprietário.
E depois?
Aí depois voltei para o rádio.
Sempre, né? Foi em 2004?
Está com 6 anos que eu voltei.
Mas depois do fim do jornal, de 2003 a ....
Ai não... Eu passei, eu trabalhei algum tempo só na web, né? Só na Via Morena. Dois mil e sete. A Via Morena é de 2007.
Então você ficou de 2003 a 2007?
Em 2007 eu já não sei.
Mas a Via Morena foi em 2007?
2007 até agora. Em dois mil e... Lá na FM Capital eu já estou há 5,6 anos.
Voltou quando para lá? 2011?
Por aí.
E a Via Morena até hoje, né?
É.
Acho que são 6 anos... Mas no total, de carreira é isso tudo mesmo? Cinquenta e oito anos?
Cinquenta e oito anos.
Me diz uma coisa... Você lembra os motivos das saídas?
Não tinha muitos motivos, motivos especiais. É que eu comecei lá em uma rádio do interior e eu queria... Era mais por progressão mesmo, mas buscar lugares maiores para carreira, não tinha assim um motivo "ah, saí porque, não gostei de algo... Muito pouco ocorreu isso.
Você recebia convites para ir para outras?
É. Meu primeiro trabalho em Dourados, a rádio em Dourados era do mesmo dono da Rádio Voz do Oeste, de Cuiabá. Ele vendeu a rádio lá e me contratou para Cuiabá, aí eu fui pra Cuiabá.
Ah, então era sempre para poder avançar na carreira.
É, é. Mesmo quando eu fui para São Paulo é... Por motivos alheios à minha vontade.

O exílio?
É. Eu fui procurar um lugar maior, né? Por que eu iria querer voltar para Dourados. Nada contra, né, Dourados. Mas porque eu, jovem... Era jovem. Jovem tem que aspirar... Tem que... Ir pra frente, né? Era mais isso que me levava, né? E as experiências do jornal... Eu, na época do Pasquim, fundei um jornal parecido como O Pasquim. Chamava Panfleto.
Aqui?
É. Era um jornal... No qual no meu jeito de combater a Ditadura.... E eu gostava das experiências, né? "Putz, isso aqui é um negócio novo..." Então eu juntava toda esses jovens da época, esse pessoal meio revoltado, a juventude traída....
Era O Panfleto?
É. Era o Panfleto. Juntava tudo e fazia... Mas era um espaço democrático, né? A mulherada participava.
Isso foi quando? Logo no início do golpe?
Não. Foi em 69, né? 69 até... Foi até 73. Era toda semana. Dia desses estava vendo uma reportagem em uma revista da Abril, Revista Realidade, antiga Realidade, estava vendo aí... E tem uma matéria do meu jornal. Era uma matéria sobre nordestinos que saíram do Nordeste e tal, e pegaram.
Você é de onde?
Eu sou do Pernambuco. Aí me pegaram aqui. Aí falava do jornal, a dificuldade. Eu, por exemplo, fazia o jornal, eu ia entregar o jornal na bicicleta.
Para poder combater... Era contra o regime, né?
Pra poder combater. Era o contra o regime.
Mas como você começou assim... No rádio, na comunicação, lá em 1960? Como foi essa oportunidade?
Desde muito jovem eu sempre gostei de comunicação social e política, né? Então a minha primeira experiência como comunicador foi em uma campanha eleitoral em São Paulo, aí eu fiquei com aquilo na cabeça: "um dia ainda vou mexer com esse trem". Aí eu vim pra Mato Grosso, em 1959, gurizão de tudo, era menor idade. Vim para trabalhar na roça. Tinha um tio que morava aqui e eu morava no interior de São Paulo. Tinha um tio que morava em Dourados e eu vim pra trabalhar com ele na roça. Só que eu não era chegado na roça, né? Aí eu trabalhei um ano e decidi, falei: "Ah, eu vou embora. Não vou ficar na roça não. Vou...." Botei a mala nas costas e fui pra Dourados. Cheguei em Dourados e encontrei um cidadão, que é vivo até hoje, um professor... Hoje é um professor aposentado da UF... professor de história... E trabalhava na Rádio Globo. Era locutor. Falei com ele, tal, contei minha odisseia, né? Eu não tinha... não tinha, nada além da minha sinceridade, nada de apresentador de rádio, nada, eu era um caipira desdentado. Aí ele conversou com o dono da rádio, que não era o dono... O dono era outro... E convenceu o arrendatário a deixar eu trabalhar lá. Não tinha o que fazer lá, aí eu fui tomar conta do transmissor da rádio. Colocaram no transmissor, eu dormia lá e trabalhava em troca da boia, em troca da comida. Em troca da comida. Era a comida e eu dormia lá, no próprio transmissor. Forrava com jornal... Lá era muito frio. Tinha aquecedor de marmita. Quando estava muito frio eu ligava o aquecedor de marmita pra esquentar, não ter uma hipotermia. Aí eu fiquei algum tempo, né? Aí o que eu fazia? Eu almoçava e não jantava, né? Pra poder pegar o dinheiro da janta... Daí eu comprava cigarro, sabonete... Isso ficou uns dois, três meses... Depois eu me atrevi a entrar lá, olhava e falei: "Não, agora eu quero experimentar fazer...." No meu tempo era técnica de som, né? "Agora vou fazer técnica de som". Naquele tempo não tinha a história do DJ, né? O cara que fazia aquilo. Era o estúdio, tinha o operador, né? E o pessoal que falava. E eu fui fazer isso, fiz uns tempos, aí eu dei ideia para o cara pra fazer noticiário,

né? Copiava do rádio e dava de hora em hora a notícia de fora e tal, aí fiz isso aí, fiquei lá.... Terminei de gerente da rádio, com um ano e pouco já estava mandando.

Nossa, que evolução, né?

Aí eu cresci. Aí foi quando venderam a rádio e me convidaram e fui para Cuiabá. Então me começo não foi bem por acaso. Foi mais ou menos uma coisa que era... Foi feito pra isso, né? Porque eu, eu fui... Cheguei em Dourados e não conhecia ninguém. Com nada no bolso e uma mala nas costas. Fui para uma pensãozinha, né? Não tinha dinheiro nem pagar a pensão. Eu devia ter uns trocados para comer um sanduíche e tal, mas a pensão dava comida, né? Fiquei uns três dias lá, arrumei dinheiro, depois paguei. E procurei alguns... Fui fazendo... Tinha o autofalante, o serviço de autofalante na praça à noite... Era do Teodorico Luís Viegas, morreu até... Fui fazer um teste e não passei no teste. Muito ruim, né? Aí eu me arrumei por lá, fui pra rádio e na rádio entrei assim... O cara engoliu esse papo e deu certo. Como eu gostava do negócio, eu falei: "Então eu quero, né?" Não vou... Ai, pra você ver como é esse negócio de "como eu quero, quando eu quero ". Aí quando eu saí daqui de Mato Grosso, que fui para São Paulo, eu tinha um irmão que morava lá.... Era morava em uma vaga, negócio de lar, de casa de família, e eu fui morar com ele lá. E eu percorri as rádios lá e não consegui porra nenhuma, né? Por conta da concorrência. Aí fui fazer um teste na rádio....

Isso foi em que período?

Foi em 64. Comecinho de 64. Lá em.... Comecinho. Abril de 64. Aí fui... fiz um teste lá... Sem muita esperança, já meio desiludido, aí fiz um teste em um banco na Capital. Chamava Banco Progresso. Fiz um teste, fui para casa, fiquei aguardando a chamada, aí me chamaram para o banco. Eu fui para o banco.... Quando eu cheguei do banco me ligaram da rádio. Ai eu larguei o banco e fui para a rádio. Quem eu encontro lá na rádio? Luís Lombardi. Foi meu primeiro colega de rádio em São Paulo. Ele fazia um programa de... O programa era... E era o âncora dos programas da rádio. Aí fui fazer locução das nove as onze da manhã... Fiz muito tempo e tal. Mas eu sempre gostei da comunicação.

Você passou por várias empresas nesses anos todos. Você lembra os cargos que exerceu? O que você já foi? Função... Assim...

Só sei que no rádio nunca exerci função burocrática, a não ser no tempo que fui gerente dessa rádio lá em Dourados. Sempre função ligada ao jornalismo. Em São Paulo eu fiz muito programa sertanejo.

Mas então você atuou como locutor...

Locutor, apresentador, locutor comercial... Naquele tempo era muito merchandising. Era muito...

Locutor, apresentador, comentarista....

Comentarista.

Sempre político?

Comentarista sim.

Gerente, né?

Gerente. Apresentei muito programa sertanejo.

E nessas funções - locutor comercial, apresentador, comentarista político, gerente de rádio - qual você ficou mais tempo?

Ah, é como comentarista.

Mais ou menos quanto tempo? A maior parte desse período?

A maior parte, né? Porque... Aqui, né? No Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, porque eu São Paulo eu não fiz...

Isso no rádio, né? E nos jornais que você passou? Lembrando desde O Panfleto. Quais funções que você já exerceu?
Ah, já fui editor de política, fui diretor de jornal, porque eu tinha jornal, né?
No Primeira Hora?
O Primeira Hora.
Então você foi editor de política, editor do jornal, repórter....
Repórter... Fazia tudo. Você faz tudo, tem que fazer tudo, né?
Fotógrafo?
Fotógrafo. Aliás, uma curiosidade, é que fui o introdutor da fotografia digital no jornal de Mato Grosso do Sul.
É mesmo?
O primeiro jornal com fotografia digital foi o Primeira Hora.
Por que acabou o Primeira Hora?
Quebrou.
Quebrou. Simples.
Faliu!
Mas ele ficou um tempo, né?
Ficou uns 8 anos. E foi, durante esses 8 anos, o vice-líder. Só perdi para o Correio do Estado.
E por que você decidiu fazer um jornal como o Primeira Hora, que tinha um apelo forte?
Foi assim... O Primeira Hora foi um jornal é... Científico. Cientificamente elaborado, precedido de uma pesquisa. Fizemos uma pesquisa para ver qual o jornal alternativo aos jornais que existiam, né? Existia... Só existia o Correio do Estado. Então na pesquisa de jornal popular, o apelo, a preferência é pelo crime. Nós pegávamos o Correio do Estado... Pesquisar o Correio do Estado... As capas do Correio do Estado. Quando tinha um crime no Correio do Estado, era a preferência, né?
Então vocês fizeram uma pesquisa...
É... Pesquisa para o jornal alternativo... Porque o que se entendia é que naquele tempo, tanto como hoje, hoje muito mais grave ainda... Aquele tempo não cabia mais que dois jornais em Campo Grande. E não cabia dois jornais iguais, como não cabe hoje. Tem dois jornais em Campo Grande, Correio o Estado e O Estado, são dois jornais que eles... O próprio Correio do Estado tem a maior dificuldade, apesar de ser um jornal tradicional.... Tem a maior dificuldade de sobrevivência, então naquele tempo já estava.... Já se havia uma expectativa de que isso acontecer, estava começando a surgir a internet e tal... Eu já tinha essa preocupação. Falei: Vou fazer um jornal pra não quebrar a cara, né? E.... a questão que o jornal quebrou... Foi problema de gestão mesmo.

Valores profissionais

Sérgio, agora vou entrar em algumas questões que dizem respeito aos seus valores profissionais, relacionados ao jornalismo mesmo. E a primeira pergunta é a seguinte: O que é ser jornalista para você?
Olha, eu poderia até dizer que é a única coisa que eu aprendi a fazer. Eu não sei fazer outra coisa. Eu faço jornalismo é... Eu faço... Sou um mal político. Faço política... Não consegui me profissionalizar como político, mas consegui me profissionalizar como jornalista, então é a única coisa que eu sei fazer, aprendi a fazer, faço mais ou menos. Na profissão eu fui sempre muito bem respeitado. É... Ascendi à política em função do próprio jornalismo, então o jornalismo me completa, né? Eu me realizo no jornalismo, então o jornalismo pra mim é isso. E do jeito que está indo eu vou morrer jornalista. Não tem como... Eu, eu tentei

fazer os cursos... Os cursos que eu fiz todos eles foram mais focados no jornalismo, né? Eu tinha... Como político eu queria entrar bem nessa área da economia e tal... E como jornalista... É... Fui fracassando, né? Porque no início, mexendo com política... Mas o jornalismo me completa. Eu acho que cada qual escolhe o seu, né? Eu, desde muito criança quase, eu já era ligado à comunicação social. Eu sou um homem, do ponto profissional, realizado, como jornalista.

Mas o que é ser jornalista para você?

O que que é como?

O que é ser jornalista para você?

Ora, ser jornalista pra mim é o meu ganha pão. Meu meio de vida, né? Eu não, não... Eu poderia chegar e... "Não, porque eu sou é... Jogar questão ideológica, tal... De salvar o mundo... Tem 20 anos aí você quer salvar o mundo, né? Mudar o mundo. Não. Jornalismo é profissão. Eu poderia ser dentista, poderia ser... Lavrador, mas eu prefiro o jornalismo porque o jornalismo é, é... Eu acredito muito nessa história da vocação, sabe? E eu sou um cara assim... Vocacionado para a comunicação... Comunicação social, então a forma que eu tenho de comunicar, de ser gente, é sendo jornalista.

E por que você decidiu ser jornalista?

Ah, pelas razões que eu já expliquei, né? Não foi nada por acaso, né? Mas ocasionalmente... Foi por extrema necessidade e quer dizer... Deu certo, né? Eu queria fazer aquilo... Eu acho até que sou um cara predestinado, né? Eu queria fazer aquilo... Sempre sonhei... "Pô, eu quero ser jornalista, eu quero ser político". Eu achava interessante, né? Os políticos do meu tempo. Juscelino Kubitschek... Jânio Quadros, Teixeira Lott... Políticos... Achava interessante. Achava que eles eram figuras extraordinárias fora do contexto dos pobres mortais e tal. Então eu queria, sei lá... Talvez até uma forma de exibicionismo, né? "Pô, eu quero e tal". Foi assim... Mas foi... Eu comecei por acaso, mas se não fosse por acaso talvez eu tivesse optado, né? Mas adiante... Por ser comunicador. E foi isso.

E você se sente realizado como jornalista?

Sim. Como profissional sim. Eu acho que eu sou reconhecido, né? As pessoas me reconhecem. Acho que ... Você não... Financeiramente quebrado, né? Eu... Mas eu nunca tive o objetivo de, de... Lucratividade do ponto de vista material. "Ah, porque eu quero ficar rico como profissional, quero ter um jornal, quero ter um canal de... De rádio, né?" Eu tive a oportunidade de ter uma estação de rádio. Fui deputado 12 anos, né? Poderia ter conseguido. Todos conseguiam, mas eu nunca...

Deputado estadual?

Fui deputado estadual, fui federal... Eu poderia ter... Mas nunca me interessei muito por isso. O que eu sempre tentei fazer, tanto no rádio como.... Tanto na comunicação social como na política, foi até uma coisa meio idealista, né? Servir os outros, tal... Defender a justiça social, sem nunca me enganar. Não é que vou resolver os problemas do mundo. Isso aí eu também não.. Nunca tive essa pretensão. "Ah, vou resolver, vou... Vou fazer um jornalismo de ir contra o patrão". Eu nunca fiz isso. Sempre fiz um jornalismo dentro da cultura e das condições, né? Até um jornalismo meio comportado, você entendeu? Sempre... Nunca... Mas sempre jornalista. Quando não dá pra fazer em um lugar, dá pra fazer em outro, mas sempre fazendo jornalismo. Quando eu não conseguia fazer para os outros eu fazia o meu, né? Falava: "Vou fazer um site aqui, abrir um blog". Hoje, por exemplo, me dedico muito à pesquisa histórica e tal. Tenho meus blogs de história aí.

Mas você se sente realizado?

Com certeza, profissionalmente sim.

O que o jornalismo representa na sua vida?

O que o jornalismo representa? Representa tudo, né? Porque eu só sei fazer isso.
Tudo?
O jornalismo pra mim é 100%. Ocupa 100% do meu... Da minha... Ocupou, né? Até porque hoje eu já não faço o jornalismo que eu fazia na minha juventude, na minha plena capacidade física e tal. Hoje já estou praticamente aposentado, né? Faço muito pouco. Mas foi tudo, né? Porque eu já estou... Eu já não... O meu presente é meu futuro. Já estou vivendo meu... Então, o meu presente.... Meu passado e meu presente foi o jornalismo. Não fiz outra coisa, a não ser um tempo em que eu permaneci na política e tempo do qual eu não me arrependo também. Eu fiz... O compromisso que eu tinha como político eu procurei desempenhar satisfatoriamente, pena que foi... Pra mim eu desempenhei muito bem. Agora, jornalismo é tudo. Não tem... Talvez fosse outra coisa, mas deu que foi jornalismo e ficou. Não tem outra coisa que me, que eu possa colocar não. Jornalismo e política. Política também e forte.
Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?
É.
Por que?
Porque... Aliás a... Na entrevista que eu dei pra menina lá da universidade, lá da Rádio Corredor, eu falei um negócio... E ela falou um negócio interessante, que eu sempre defini.... O... A Universidade Federal tem alguma disciplina, não sei se é disciplina ou extracurricular, do que... Que ensina empreendedorismo para os alunos e tal. Você tem que ver o seguinte, que o jornalista, antes dele exercer a profissão, deveria ter um jornal, uma empresa para ele ver como é que é, pra saber como é que tem que tocar, né? Pra ele saber como é que tem que tocar, né? Como é... Antes da empresa... Eu devia ter antes. Antes de ter começado eu deveria ter tido uma empresinha pra saber como é a dificuldade... A dificuldade que é ser um empresário do jornalismo. É uma coisa... Inclusive as grandes empresas passam por enormes dificuldades, agora você imagine uma emissora de rádio, pequeno jornal do interior, tal. É extremamente difícil, então essas empresas muitas vezes têm que assumir compromissos é... Compromissos que fogem até ao normal, né? Compromissos políticos e tal, para sobreviver. E... O jornalista... Eu, por exemplo, como jornalista eu vou trabalhar em uma empresa não quero nem saber. Não. Quero exercer o jornalismo aí e tal. Quero fazer do meu jeito. E você, dono da empresa, sabe que não pode fazer do seu jeito, então a fidelidade ela é... Para preservação do emprego ela é excepcional... Pra isso, né? Para preservar o emprego e tal. E pra você é... Dá à própria empresa que você trabalha, dar a ela com a sua dedicação e fidelidade... Eu não acho que você tem que ser antiético, fazer jornalismo é... Marrom. Não é nada disso. Acho que você tem que ser profissional, até porque eu não considero jornalismo a imprensa marrom. Pra mim a imprensa marrom não é jornalismo. A imprensa marrom pra mim é banditismo, né? Agora um jornal, quando você tem parceiros dentro de jornal, tem que ter parcerias. E isso só se faz com fidelidade, né? Ser fiel ao órgão que você trabalha. Eu defendo isso. Aliás, eu... Lá no jornal Primeira Hora, por exemplo, eu só tinha amigos no jornal. Não aceitava cara que eu não conhecia, mesmo assim me ferrei, né? Mas eu só aceitava os amigos. Acho que, em uma empresa, principalmente uma empresa pequena, você tem que ter referências, né? "Ah, quem é fulano?" Pra não colocar inimigo lá dentro, né?
Mas isso do ponto de vista do proprietário, né? Mas e do ponto de vista do profissional, você considera que a fidelidade é importante para a carreira?
Eu acho que é... Eu não diria nem fidelidade. Eu diria o seguinte: você se sentir à vontade onde você está, né? Trabalhar e se sentir à vontade. Do ponto de vista do trabalhador eu não sei se fui fiel também. Eu trabalhei em várias empresas e, quando eu não gostava, eu

mudava, né? Procurava outra empresa tal. Agora, emprego é igual casamento: são todos iguais, né? Você casa, ama, né? Tal... Paixão, tal... Aí de repente vem a rotina, né? Emprego a mesma coisa. Você começa em um emprego todo entusiasmado, tal, de repente vem a rotina, vem as decepções, né? "Putz, eu não posso..." O editor fala: "Isso daqui não pode". É, tem isso. Então não... Eu acho que você tem que fazer o jornalismo é... Aquilo que você... Que não é... Violente, né? Seus princípios, morais, éticos, tal. Isso desde que ele possa fazer, né? Pra não ficar o tempo todo quebrando a cara. "Ah, não gostei, vou mudar. Chega em um determinado momento que você não consegue trabalhar em uma empresa. Você tem que mudar de cidade. "Ah, esse cara é um chato".

Mas você considera importante então ser fiel à empresa?

Não.. Eu considero... Eu acho assim... Que cada caso é um caso. Se você conseguir.... Eu, por exemplo, sempre fui fiel, né? Eu vou trabalhar em uma empresa então... E eu sou comentarista político. Então comentarista.... Eu sempre recomendo lá ao dono da empresa que o comentário político na empresa deve ser feito pelo dono da empresa, né? "Óh, você faz seus comentários, porque você tem seus compromissos, tal". Eu... Mas eu vou na empresa.... Eu vou falar, fazer o comentário politico em nome da empresa. Tem o editorial, por exemplo, lá da FM Capital... De vez em quando eu escapo, né? Assumo a responsabilidade, mas eu falo em nome da empresa e tal. A pauta do meu comentário ela é feita com a direção empresa. "O que tem pra hoje?" "Tem isso aqui". Não tem é... Se isso é fidelidade, eu sou fiel. Eu vou lá, converso, faço a pauta, não... Determinado destaque, né? É... dá preferência a esse assunto. Isso eu faço. Se eu quiser fazer, né? Se não, cai fora, chama outro para fazer.

Mas a fidelidade no sentido de ficar muito tempo em uma empresa, vários anos na mesma empresa...

Não. Isso eu não acho. Isso aí... Tempo de empresa, pra mim, não é prova de fidelidade não. Você fica muito tempo se você gosta, acomoda, por exemplo: Eu tô... O emprego mais durável que eu tive até hoje foi esse atual, que eu tenho na FM Capital. Por que? Porque eu faço um programa que não toma tempo. Eu vou lá... Quer dizer... Toma tempo porque eu levanto quatro e meia da manhã para ler jornal e... A... Mas as oito horas eu estou liberando para vir embora. Um programa de grande audiência, então eu, através do programa, estou na mídia, né? Na mídia, né? Então é o tempo que estou lá não é por outra coisa... Estou lá por essas razões.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Olha, o... Eu acho que o fundamental é fidelidade à fonte. Responsabilidade que tem com fonte. Vejo hoje uma coisa abominável, que é o profissional trair a fonte, né? Você... Eu vou te entrevistar, você me passa uma informação e você me passa uma informação, uma informação sigilosa, uma informação que eu gostaria que né? Acho que esse respeito à fonte é fundamental. Respeitar a fonte. Contrair a fonte, né? Por mais é... Importante que seja a informação que ele não quer que seja revelada, não permita a gravação, acho que você tem que respeitar. Sempre respeitei isso... "Óh, vou passar essa informação pra você tomar conhecimento e tal, mas eu peço pra você não divulgar. Assume o compromisso?" "Tudo bem". Ninguém vai me dar uma informação pra se prejudicar, né? O cara sempre dá uma informação para prejudicar outro. Ele nunca dá uma informação contra ele, né? Vai dar informação contra outra pessoa, até no é... Tentando é... Me induzir, né? A.... Assumir um compromisso me induzindo a não acatar o compromisso assumido. Eu acho que isso é fundamental. Respeito à fonte. Fonte, para você sobreviver como profissional, eu acho que isso aí é fundamental.

Além desse, consegue pensar em outros valores essenciais para o exercício da profissão?
Não. Tem vários aí. Agora acho que o valor fundamental pode ser resumido no respeito à fonte.
Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
Eu acho que é.
Por que?
Porque é tudo, né? Você tem que ter embasamento teórico... O jornalista, se ele já tem a vocação para o jornalismo, se ele ir além da vocação, da vontade, do prazer, se tiver embasamento é... É... Teórico, conhecer a profissão e tal, melhor ainda. Eu não tenho... Eu reprovei... O único que eu vestibular que eu fiz para jornalismo eu reprovei. Foi o primeiro vestibular da Universidade Federal aqui. Eu fui o cara que mais lutei para abertura do curso, né? De jornalistas em Mato Grosso do Sul e reprovei no primeiro vestibular de... Mas quando eu tive oportunidade de ser empregador, eu só empreguei jornalista profissional formado. Eu sempre achei que em uma comunidade onde você tem tantos jornalistas formados, porque você vai é... Admitir um que não tenha a formação acadêmica? Ou... É claro que tem algumas figuras que você termina relevando. Grandes jornalistas que não tem formação acadêmica e são. Eu não tenho a formação acadêmica porque eu nunca tive oportunidade. Eu nunca... Os cursos aqui vieram bem depois. Depois até que eu tinha feito economia tal, então aí não deu. E eu frustrei na primeira tentativa, aí não quis mais fazer, também não precisava. Já tinha... Já era profissional, já era amparado pela lei e sabia fazer, né? Então... Mas eu sempre defendi o diploma, a formação. Não só o diploma, mas a formação, né? Porque tem muito diploma que não vale nada também, né?
Mas você considera que a formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
Sim. Fica bem mais fácil você trabalhar com um foca, né? Com um jornalista recém-formado, do que trabalhar com um cara que nunca fez, sabe? Falar com um cara que não sabe... Parece que o cara já sabe... Ele pode até dificuldade para exercer na prática, tudo, mas ele pega com muita facilidade porque ele passou quatro anos lá, né? Ensaiando esse trem aí. Não tem como...
Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?
Exatamente isso. A facilidade da... De... Da prática, né? Dele aprender, porque o jornalismo, em verdade, você vai aprender na hora, fazendo o jornalismo. A escola... A formação é embasamento tal, dá um rumo, né? Como é que é. Agora, você vai aprender mesmo jornalismo na hora que você sentar ali na redação e... Agora que você começar a manter contato com a malícia da fonte, né? Você vai começar a aprender ali, então é por isso que quem ter um curso superior de jornalismo já tem muito, né? Já tem um predicado enorme aí para o exercício da profissão, então... Qual foi a pergunta mesmo?
Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?
Que diabo de pergunta difícil! É... O... Eu não saberia responder para você essa pergunta não. O... Esse negócio de valores é batido também, né? Valor... O que vale? Eu não sei não.
Tudo bem. Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
Como é que é?

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
Não. É um direito do cidadão, né? O cidadão tem direito. O... Por exemplo: Cidadão e... Compra aqui, você compra um jornal, assina um jornal. Falar jornal porque hoje é complicado, né? Esse negócio de internet aí, ficou muito complicado. A pessoa que assina um jornal, ele tem direito à informação. Tem alguns jornais... Por exemplo: Eu sou contra o jornal que editorializa as notícias, né? E transforma cada notícia em um editorial, numa opinião. Pra mim a pior espécie de jornalismo que existe no Brasil é a Veja. A Veja ela não dá a notícia. Ela, ela, ela... É o tal do produto jornalístico aí e uma coisa muito ideológica, né? Ela transforma uma notícia em um editorial do interesse dela, da empresa e daquilo que ela representa politicamente. O jornalismo tem que ser... Aconteceu...
"É, eu vou acreditar no Primeira Hora, porque o Primeira Hora mostrava um cadáver, né? E o cadáver está morto. É... O cadáver é uma pessoa. Você não pode inventar uma notícia em cima de um cadáver. Tem a data de nascimento, como ele morreu, quanto tiros levou e tal... Se você quiser dar a sua... O seu juízo relativo ao crime, você tem lá sua página editorial e você escrever... Assinado: Sérgio Cruz. Aí... Agora, a notícia, essa notícia, você não pode mudar essa notícia para anteder interesse empresarial, interesse político, porque tem gente que muda, né? Ela muda a notícia, bota lá uma palavra.... Isso nos jornais. Agora nas revistas principalmente. A Veja então é profissional nisso. Você não tem uma informação na Veja que não seja para atender a interesses da Veja, da Editora Abril. Por exemplo, você pega a Rede Globo já é diferente. A Rede Globo... O pessoal critica muito a Rede Globo, xinga a Rede Globo, mas eu acho que a Rede Globo faz um jornalismo profissional. É claro que coloca lá seus interesses, né? Como eu coloco os meus interesses nos meus comentários, mas ela não nega a verdade. Ela dá notícia de que o Lula vai ser preso e vai ouvir o advogado do Lula, né? "Olha, o que você acha e tal... Vamos..." Dá a notícia de que o Aécio foi flagrado não sei o que... Ela vai... "Vou ouvir o Aécio, vou ouvir o.... O jornalismo é isso. Acho que a Rede Globo é exemplo de jornalismo. As pessoas xingam, tem gente que não gosta, porque de repente, teve uma notícia que você não gostou, terminou prestigiando uma pessoa que você abomina, né? Mas eu acho que é um jornalismo que pode ser copiado pelo menos. É um jornalismo que eu faria, né? O jornalismo que a Globo faz. Eu não acrescento muito o que Globo... A não ser alguns comentaristas, mas aí é problema do comentarista, né? Não é da... Alexandre Garcia, Bial, o pessoal do Globo News... O comentário é responsabilidade do... O comentário é o jornalismo de opinião, né? Opinião você dá. Eu dou minha opinião, você dá a sua... Eu tenho o meu espaço de dar minha opinião, tanto lá na rádio como nos blogs, nas minhas páginas da rede social, então é... Eu acho que é por aí.
A projeção ou reputação de uma empresa é determinante para a escolha do trabalho?
É.
Por que?
O... Isso é coisa muito cultural, né? Você tem três, quatro empresas. Você é claro.... Ganha preferência. Você dá preferência para trabalhar naquela empresa, né? Aquela empresa que você... "Por que você quer trabalhar na Rede Globo?" Não precisa nem explicar, né? "Eu quero trabalhar porque..." "Porque você quer trabalhar no Correio do Estado... Na Folha de São Paulo?" É claro que o objetivo de todo profissional é alcançar a melhor empresa para trabalhar, mesmo que contrarie o seu ponto de vista político. Você sempre prefere aquela empresa. Eu sempre preferi, nunca consegui, né? Nunca consegui grandes empresas, mas meu sonho era trabalhar, sempre foi trabalhar em uma grande empresa. Eu, quando foi para São Paulo, eu fui fazer um teste na rádio, na Rádio Tupi. Depois eu trabalhei lá, né? Mas já trabalhei na Rádio Tupi não como funcionário da rádio, mas fazia programa... Fazia um

programa lá e tal. Eu sempre achei que devia... Claro, não tem nenhum demérito você trabalhar em uma empresa pequena, né? Aliás, você pequeno trabalhando em uma empresa pequena você termina ficando grande, né? Eu não vejo nenhum demérito, mas eu acho que o objetivo do jovem principalmente é por uma empresa grande, pela segurança, né? Segurança funcional, pela valorização do trabalho e pela... Pela valorização profissional. Você em uma empresa maior, numa empresa grande, você tem mais projeção. É mais... Tem mais capilaridade, né? Pessoas te vê. E você, dali pode partir para outra. Aí já entra a questão é... De uma prosperidade que eu nunca fui muito... Em nada do que é negócio lucrativo, de ganhar dinheiro... Nunca tive esse objetivo. É sempre... Apesar de não ser um salvador da pátria... Tem muito jornalista que quer salvar a pátria, né? Mudar a forma da terra, tal... Mas eu também nunca fui uma pessoa estranha. Sempre defendi fazer... É uma coisa muito pessoal, né? No meu caso é uma coisa muito pessoal. "Pô, Sérgio, você não..." Sei lá, de repente não é isso que eu quero. Talvez eu não tenha descoberto o que eu quero até hoje, né? Então... Esses tipos de perguntas são muito difíceis.

Você falou de projeção, mas eu também perguntei da reputação da empresa. Ela é importante?

Ah, sim, agora a reputação. Aliás, não existe empresa grande na área de jornalismo que eu conheço, empresa grande, que não seja... Que não tenha reputação. Pode ter...

Mas existe a boa e a má reputação...

Não. Existe.... Sempre a boa reputação está acima da má reputação. E existe a boa e a má em toda empresa. Existe, por exemplo, um jornal é... Eu conheço milhares de pessoas que abominam a Rede Globo. Assistem tal, mas não gostam. Outros que não gostam do Correio do Estado. Eu vejo gente que não gosta do Correio do Estado.... Então a reputação é uma coisa também muito, muito subjetiva, né? Reputação... A boa reputação.... Reputação... Setores criam uma boa reputação e setores criam uma má reputação. Tem gente que gosta, né? Correio do Estado é um jornal excelente e tal. Outros não gostam. Assim... Eu coloco a Rede Globo com, com ponto, porque termina sendo um monopólio da informação no Brasil, né? Da área de...De televisão e tal. Então eu acho que tem a boa reputação e a má reputação. Tem o profissional que gosta, né? Da empresa com uma boa reputação... Que a reputação é boa... Pra mim eu acho que é uma ótima empresa. E ele acha que não presta, então ele prefere trabalhar em uma outra empresa, tal. Reputação é o que está na cabeça da pessoa, né? Ah, reputação... Mas a empresa foi denunciada... Isso e tal... É, mas a empresa também foi agraciada.... Então, reputação, pra mim, é muito relativo.

Valores pessoais

Vamos falar agora dos seus valores pessoais, Sérgio. O que é qualidade de vida para você?

Olha, qualidade de vida é você ser independente financeiramente, ter o básico para sobreviver, uma casa para morar, um carro para andar. É... Um mês por ano para descansar, para... Para veranear... Pra mim, qualidade de vida é isso. Viver bem com a família, né? Te... Viver em paz com a família e tal. Minha qualidade não tem nada de exagerado. Eu acho que todo cidadão deveria ter uma boa qualidade de vida, né?

E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

É. Possível. O... Bom, o jornalista tem o salário razoável, né? E ele vai procurar, em cima da sua receita, regular sua despesa. Eu sempre vivi relativamente bem, não... Nunca levei uma vida de nababo, né? Mas eu sempre vivi relativamente bem, com todas as dificuldades, né? Que tem o trabalhador brasileiro. Mas sempre vivi relativamente bem. É... Com um pouco de déficit, déficit financeiro, mas vivi relativamente bem... Vivendo de cartão de

crédito, né? Esperar o cartão de crédito né? Eu acho que é possível viver e está ficando melhor, né? Porque, apesar de ter muitos jornalistas no mercado, e as faculdades estar despejando aí cada ano uma quantidade grande... Em primeiro lugar, a maioria não exerce, né? A maioria forma, tira o curso, mas não era aquilo que queria... Outros fizeram o curso porque não... Na falta do outro, era mais fácil... Profissionalmente são poucos, né? E tem hoje.... Com essa abertura da internet aí e esse empreendedorismo que as faculdades estão ensinando, vai ter muita oportunidade, por exemplo, se você não tiver o seu... Não falta. Se você quiser trabalhar, sempre tem. No jornalismo hoje tem, diferente do meu tempo. No meu tempo era muito braba a coisa assim. Hoje não. Hoje você encontra. Hoje você está aqui... Não, vou lá no Campo Grande News: "O, Lucimar, eu quero trabalhar"... Vai no... Né? Você sempre tem e as próprias empresas estão recorrendo à mão de obra de melhor qualidade, quer dizer... Se Você não parar no tempo, se reciclar, se informar é... Não vai faltar oportunidade. Eu, por exemplo, pra mim não vai faltar emprego, mesmo com 75 anos de idade, eu, se precisar eu vou atrás. Eu consigo. Eu não... E não é por influência política não. É porque eu sei fazer. Se você souber fazer você não tem problema nenhuma.

Antes não era assim?

Não, era muito difícil. Você não conseguia. Era muito difícil. Você... Eu sempre uma pessoa de muita sorte, de conseguir, tal. Também nunca rejeitei parada. Eu chegava em uma rádio para trabalhar, tal e... "Aqui só tem locução comercial.... Não tem problema. Vamos lá para locução comercial.... Só tem jornal... " Por exemplo: quando eu fui trabalhar no jornal Diário da Serra, me colocaram em uma editoria de amenidades. E eu era um comentarista político respeitado e fui fazer matéria de jardim de infância, muito disso aí. Nunca rejeitei parada, quer dizer, o profissional não pode recusar, né? Eu faço.

Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?

O salário é 100% determinante.

Por que?

Porque você não vive sem o salário, né? Não tem como. O salário é... Não tem... É fundamental o salário. É... Eu, por exemplo, trabalhei muito tempo sem salário, mas eu fazia o meu próprio salário, né? Eu fiz muito programa de rádio... Eu ia buscar o patrocinador.... No meu tempo tinha muito disso. Fazia programa de rádio e como o salário era muito baixo, pouco, você se especializava na área comercial. Você ia vender no comércio, tal. E hoje não precisa disso. Hoje, aliás, não tem mais nem isso, esse negócio de vender, vender. Hoje tem as agências, as mídias, tal, que trabalham nisso. As emissoras e os jornais nem dependem mais do cara sair com a pastinha visitando o comércio. No meu tempo saia. Terminava meu horário e ia com a pastinha de baixo do braço e ia visitar anunciante. Hoje não precisa mais disso. Hoje as agências já se encarregam.

Mas até que ponto o salário é determinante?

O salário é fundamental, principalmente hoje, né? Hoje sem salário não tem como.

A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?

É. É... Poderia ser um pouco melhor, né? Mas é. Eu vivo com pouco, não... Eu tenho várias atividades. Eu tenho uma atividade lá na rádio, na Via Morena, então isso aí vai dando para levar a vida.

Mas é satisfatória por que você tem várias atividades? Se fosse só um emprego talvez...

Não, também um emprego, também, depende do emprego, né? Arrumar um bom emprego... O que não é absolutamente normal aqui no Mato Grosso do Sul, falando de bom emprego... Na área de jornalismo não tem um bom emprego. Aqui o jornalista de Mato Grosso do Sul, com raras exceções, é um sobrevivente, né? Ele ganha pouco, apesar de ter um mercado é...

Amplo, né? Hoje bem maior... Hoje, só de site que você conta tem mais de 20, mesmo assim o salário ainda é muito, muito pouco satisfatório.

Você se considera um jornalista sobrevivente no mercado de Mato Grosso do Sul?

Eu não. Eu estou... Eu já estou aposentado, né? Mas eu fui um sobrevivente durante todo o meu tempo, né? Mas hoje eu já estou aposentado, praticamente aposentado. Hoje eu já sou *hors concours*, né? Eu não... Eu já não dependo mais de salário. Eu sou aposentado, né? Então eu faço jornalismo até mais por diletantismo mesmo, prazer. Uma coisa que eu faço porque eu gosto de fazer. Agora se eu fosse viver do jornalismo hoje, talvez eu não conseguia, talvez eu tivesse dificuldade para pagar, quitar meu cartão de crédito, né? Agora jornalismo é bom para professor, né? Professor de jornalismo. De magistério.

É bom?

É. Professor de jornalismo de jornalismo é uma beleza. Esse ganha bem, hein?

Como você lida com a pressão do tempo no trabalho? Na verdade, como você lida e lidava, considerando suas experiências anteriores que foram muitas? Porque o jornalismo tem suas próprias demandas, seu próprio ritmo. Como você lidava com isso?

Eu acho que jornalismo, o jornalismo não tem tempo, né? Jornalista é igual médico, né? Não tem tempo. Tempo é o que está acontecendo. Jornalista é um cara antenado no seu tempo, está ligado 24 horas. Eu me lembro que quando fazia jornal impresso, diário, que é a pior coisa que existe, que mais toma tempo, mais enche o seu saco, eu não tinha horário para ir para casa, não tinha... Era nove horas da noite eu ia fechar a primeira página do Primeira Hora e acaba meia noite. E nunca liguei pra isso. No dia seguinte cedinho eu já estava lá, porque tinha que abrir, né? Tinha que fazer rádio, televisão, não sei o que... Eu já... Eu não... Eu acho o tempo.... Você tem que conseguir pelo menos mais umas duas horas por dia. Você... Para exercer o jornalismo mesmo, a sua....

Como assim?

O dia tem 24 horas não tem? O jornalista tem que ter um dia de 26 horas, aumentar um pouco a hora, para ele poder ganhar no tempo. Jornalismo não tem tempo. Acho que o jornalista não tem e não pode ter tempo. Eu nunca tive tempo para fazer jornalismo. Eu me lembro que estava dormindo em casa, duas, três horas da manhã, o cara me ligava: "Olha..." Eu me lembro de um fato desse aí... Era cinco horas da tarde, descarrilhou um trem lá em Aquidauana.... "Não tem quem cubra.... Vamos lá? Vamos!" Pegamos um... Naquele tempo não tinha como chegar em Aquidauana por estrada de rodagem, porque era muito ruim a estrada, era ruim demais, não tinha asfalta. Então o que você fazia? Pegava um trem para cobrir outro trem em... Eu fiz, fazia isso.... Chegava sem roupa, sem comida, sem dinheiro no bolso, né? Andava com uma máquina fotográfica debaixo do braço e andava pelo Brasil. Fiz isso muitas vezes. Hoje não. Hoje não existe mais jovem para o jornalismo aventura, né? Mas eu acho que não pode ter tempo. Eu não ligo para o meu tempo. Jornalista é igual médico. Pior, né?

Mas e a qualidade de vida? Isso é qualidade de vida? Não ter tempo?

Eu acho que o jornalista é igual política, né? Eu não consigo admitir como que, por exemplo, um prefeito tira férias. Prefeito tira férias, governador tira férias. Acho que não deveria tirar. Ele tem quatro anos de mandato, então ele tem que investir os quatro anos em cima do que está fazendo. Ele é prefeito! Ele não é um trabalhador comum! Jornalista não é um trabalhador comum! Ele é um... Ele é jornalista! Ele é um... Diferente. Acho que não tem... Eu... Você vai... A sua qualidade de vida vem depois, né? Que você realizar todas as suas tarefas como jornalista, aí vem... Quando aposenta, aí pronto, aí você tira...

Mas eu que na profissão... Na profissão... O jornalismo pra mim é um sacerdócio, uma coisa louca. Coisa de louco. O jornalismo como era feito no meu tempo... Jornalismo aventura. "Vamos fazer uma reportagem... Vamos lá, tal". Hoje não. Hoje você... Hoje a Rede Globo paga tudo, né? Paga passagem de avião, paga.... Então eu não... É meio romântico isso aí, né? Mas eu encarava o jornalismo assim quando eu fazia. Eu não tinha problema de tempo. Tinha que fabricar tempo para dar conta.
Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
Não. Eu não cheguei a... Talvez eu até tenha ficado, né? De repente eu começo a descobrir as loucuras aí, mas não... Até hoje ainda não tive um diagnóstico de... Eu tive diagnóstico de fumante, né? Porque eu fumei demais, então... Mas do jornalismo não.
Nunca foi afastado por problemas de saúde?
Não. Fui para cadeia, né?
Não adoeceu por conta da profissão?
Não.

Fatores tecnológicos

Sérgio, estamos terminando. Agora vamos falar de fatores tecnológicos. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Absolutamente.
Como e por que?
Olha, eu passei por todas as fases do jornalismo. Primeiro jornal que eu trabalhei aqui em Campo Grande foi o jornal O Mato-Grossense. O Mato-Grossense era feito... Não tinha nem linotipo. Era feito na mão. Você pegava tipo por tipo....
Isso foi quando?
Isso foi em 63 para 64. Chamava O Mato-Grossense. Era um jornal diário, que competia naquele tempo como o Correio do Estado, né? Correio do Estado é desde 54... E não tinha... Logo em seguida eu conheci a linotipo. Foi uma puta de um avanço, né? A linotipo. Logo em seguida... Muito tempo depois eu conheci a impressão offset. Era uma puta de um avanço, né? Não tinha mais linotipo, não tinha mais tipo... Era tudo composição fria, tal. Eu me lembro que eu fiquei muito tempo no O Panfleto em uma máquina... Foi a primeira máquina de jornal offset que veio aqui para o Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, foi a do O Panfleto. Comprei a maquininha lá em São Paulo... Quase que manual, né? Fazia... A gente não tinha composição, fazia na máquina de escrever, né? E fotografava, tal, o jornal... Usava. Aí depois veio a internet. Hoje você compõe o jornal...
Teve a máquina de datilografia, né?
Máquina de datilografia, depois teve a jornalista não é um trabalhador comum! Ele é um... Ele é jornalista! Ele é um... Diferente. Acho que não tem... Eu... Você vai... A sua qualidade de vida vem depois, né? Que você realizar todas as suas tarefas como jornalista, aí vem... Quando aposenta, aí pronto, aí você tira..., que era uma máquina de composição, mas tipo, né? Mecânica também. E depois foi que veio a composição de informática, de... Você faz um jornal aqui na tela. Você monta ele aí na tela. Isso foi um avanço extraordinário. Foi a chegada da, chegada à lua aí...
Para o jornalista...
É. Coisa que nem imaginava. Como você ia imaginar que você iria produzir um jornal em uma maquininha desse tamanho e tal... E aconteceu... Aconteceu. Pra mim foi extraordinário. Tudo que.... Tudo que... Toda evolução ela vai deixando um rastro até meio predatório, né? Você pega o... As máquinas de compor acabou com a linotipo, né? Quer

dizer... Tudo quanto é linotipista... Foi profissões que foram se acabando, né? No decorrer do tempo e tal. O diagramador, acabou o diagramador... Quando apareceu essa composição programada aí, aí o diagramador e tal... O revisor de... Manual. Tinha um revisor. Eu me lembro que quando eu lancei o Primeira Hora apareceu um cidadão...O cara era revisor de jornal, mas ele não conseguia revisar no computador. Você tinha que copiar, e ele revisava e depois você emendava, tal. Não sabia, não sabia mexer. Eu falei: "Oh, companheiro, não dá, né? Não dá para fazer assim". Quer dizer... É uma... Quem não se adaptou às novas tecnologias terminou ficando para trás. Muitos jornalistas tiveram que fechar... Porque não conseguia se adaptar. Ou tinham grandes investimentos feitos na linotipia, na tipografia, né? Que não conseguiu alcançar tal... Então eu acho que.... E vai avançar mais, né? Avançar mais. Vai avançar e a perspectiva é de acabar... Transformar jornais impressos em monopólio, monopólio do jornal... Assim como está hoje o jornalismo na televisão, monopolizando. Assim como estão as redes sociais... Monopólio do Facebook... Facebook mesmo é monopólio da rede social. Tem o Instagram, o YouTube, não sei o que... Tem o Instagram, tem o WhatsApp... O WhatsApp, então a tendência é o monopólio. Isso é ruim, né? O monopólio é terrível, porque o monopólio vai terminar, em um futuro muito próximo, acabando até com a profissão. Todo mundo vira jornalista, né? Na rede social hoje todo mundo é jornalista. Todo mundo faz o jornal, o cara... Não é isso aí? Na rede social é uma coisa impressionante. Todo mundo é jornalista na rede social. Então a tendência no futuro.... Eu espero pegar pelo menos uma pontinha desse futuro é esse monopólio aí. E o monopólio que pode... Pode é... Afetar, né? Muito diretamente a profissão.

Quando você diz monopólio você está querendo dizer junção das mídias?

Não, o monopólio é o seguinte: O jornal... Quantos jornais vão sobreviver em Mato Grosso do Sul? Eu acho que não mais de um. Vai ficar um jornal só. Ou o Correio do Estado ou O Estado. A tendência é essa, entendeu? Juntar tudo aqui e faz um jornal... Jornal ser distribuído para o jornal interior e tal.

Mas por que você acha que essa é a tendência?

Porque é num... Porque a tendência é o monopólio. A tendência porque ninguém vai se arriscar, por exemplo, a fazer jornal. Para você ter ideia, aqui no Mato Grosso do Sul, os jornais diários, Correio do Estado e O Estados, os jornais são todos impressos fora. Jornais semanais daqui, A Crítica, Boca do Povo... Todos os jornais são impressos fora, apesar de ter todo o equipamento, está mais barato você fazer fora. Por que? Porque lá no Paraná, há o monopólio de empresas que só imprimem, né? As impressoras. Só imprimem. Então vai surgir um monopólio da notícia. A empresa que vai... A notícia para o jornal vai ser aquela empresa, né? E como não tem espaço, como ninguém consegue vender todos os jornais, fica um só, né? Pelo menos fica um só. Você tira dois, mas só vende um. Eu me lembro que cheguei no interior de São Paulo um dia desses... Estava na casa da minha irmã... E ela estava recebendo a Folha de São Paulo. Ela nem sabia ler direito. "Não, o pessoal está deixando aí'. Todo o dia pegava uma Folha de São Paulo... Ficava a semana lá e lia a Folha de São Paulo de graça, né? Porque o pessoal ia lá, punha e depois ia tentar fazer a assinatura do jornal. Pra você ver a que ponto chegou. Isso mostra que a tendência é monopolizar. A tendência é ter um só, porque três, quatro, se os quatro não sobrevivem, então a tendência é essa. Você vê... Jornais, como o Jornal do Brasil, que era um dos maiores jornais do país, terminou acabando o jornal para virar um site. A tendências dos grandes jornais... Em São Paulo? Quantos jornais diários tem em São Paulo? São Paulo tem 20 milhões de habitantes. Quantos jornais diários tem lá? Só três. Então quer dizer... A tendência, até pelo custo, é o monopólio. E isso aí vai atingir também as redes, televisão, rádio. Você vê aqui em Campo

Grande, por exemplo, nós temos duas emissoras de rádio que já fazem parte desse monopólio: A CBN e a Rádio Globo.
Que é do mesmo grupo....
Do mesmo grupo. Já faz parte do monopólio da Globo. A Globo vai monopolizando, né? Vai... Termina ganhando o interior aí, tal. É uma, é outra... Aparece uma outra que se liga, tal
Você considera isso uma consequência da tecnologia?
Da tecnologia.
Mas as novas tecnologias facilitam, facilitaram o fazer o jornalístico?
Com certeza.
Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Eu? Eu utilizo bem
O que você utiliza de tecnologia?
Eu... Bom, eu... Pra minhas atividades é ótima... O que eu faço mesmo utilizando tecnologia é só meus blogs, meus blogs de história, pesquisa... Pesquisa é um negócio impressionante. Pra você ter ideia hoje é... A maior parte dos jornais do Brasil, até 20 anos atrás, estão todos digitalizados, então você quer fazer uma pesquisa sobre uma coisa que aconteceu há 40, 50 anos, 100 atrás, você entra na Biblioteca Nacional que tem tudo, então eu me lembro que comecei escrever há uns 3, 4 anos um livro que eu terminei agora, sobre gaúchos em Mato Grosso do Sul, e era uma dificuldade. Quando eu comecei não tinha acesso as informações. Tinha que buscar em Cuiabá. As coisas que aconteceram aqui estão tudo lá em Cuiabá, nas latas lá de Cuiabá... Os ratos comendo, tal. Então quer dizer... Quem não tem recurso, como eu, não tinha acesso, né? Eu tive que contratar uma pessoa, uma professora lá, para levantar. Eu mandava daqui e ela respondia, tentava levantar, mandava informações. Hoje não. Hoje, dois anos depois, depois que a Biblioteca Nacional digitalizou isso aí, hoje o arquivo está lá. Levanto não 100%, né? Mas 1000% daquilo que eu conseguia antes, então tecnologia é fundamental.
E a tendência é até meio que vulgarizar, né? Amplia tanto, que termina vulgarizando.
Mas quais as ferramentas que você utiliza? Os aparatos tecnológicos que você utiliza no dia a dia?
Bom, de tecnologia de eletrônica é só mesmo a internet.
O computador.
O computador. O celular, né? O smartphone, que é um computadorzinho.
Os principais.
Uhum.
E de que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista? Você já tinha comentado um pouco sobre isso, mas gostaria que retomasse.
Interfere como?
De que maneira que ela interfere... Que ela faz parte ali do seu trabalho como jornalista.
Olha, como jornalista... Para, por exemplo, o que eu faço hoje no rádio como comentarista político, interfere... Não interfere muito. Não há interferências. As minhas fontes são a... Uso aqui, vejo aqui uma notícia aqui, mas eu ligo, né? Para conferir e tal.
Ah, você sempre liga para conferir o que viu no computador?
É, aí eu ligo, quando eu acho que deve ligar, né? "Alguma coisa está meio confusa aqui, então vou ligar pra ver..." Eu vejo aqui, vejo uma notícia no jornal e a mesma notícia em outro jornal, não precisa ligar para ninguém, porque a notícia está nos dois, porque foi alguém que mandou colocar daquele jeito ali e aquela que é a que eu vou me orientar para

fazer aí... E minha orientação é... Pego o jornal de manhã, o Jornal Correio do Estado e O Estado, são dois jornais, dou um a lida, né? E os sites, né? Os sites mais conceituados aí, que eu me baseio e rede social para sentir a repercussão, né? Porque a rede social é só fofoca, né? Fofocaiada. Então para sentir a repercussão, abro e tal. E uso muito pra linkar, a rede social, né? Tanto o Twitter como mais o Facebook, pra linkar, linkar meus vídeos.
Linkar que você diz é postar? Publicar?
É. Não. É... Eu tenho uma publicação publicada e eu linko na rede social para buscar.
Para ele clicar e entrar no seu blog?
É. Exatamente. Uso mais para isso.
Mas de tecnologia mesmo você usa então mais o computador?
É. Mais o computador.
E o celular você usa para ligar mesmo? Confirmar com a fonte?
Não, eu uso o celular como se fosse um computador?
WhatsApp? Fala com suas fontes pelo WhatsApp? Não, mais pelo... Falo mesmo.
Você liga?
Ligo, tal.
Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
Não sei. Não tenho a menor noção porque eu m não...
As habilidades... Não sabe me dizer quais as habilidades que o mercado de trabalho valoriza hoje do profissional jornalista? O que acha?
Nós falamos sobre isso... A questão da fidelidade, da responsabilidade, né? A honestidade. Respeitar as fontes. É isso. Sobretudo, a competência, né? O bom profissional. O bom profissional já encaixa tudo isso aí que eu falei. O bom profissional.
Você acredita que essas são as principais habilidades valorizadas hoje?
São valorizadas hoje sempre, né? O bom profissional sempre foi valorizado, sempre, porque o bom profissional é o que cresce.
Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico?
Olha... Eu, por exemplo, faço programa lá na FM Capital, então eu falo e tem sempre alguém que critica, que elogia, tal. Faço programa na Via Morena e durante a apresentação do programa, que é transmitido pelo Facebook, assim como o programa da rádio, o pessoal interage e tal. E eu respondo, né? Sempre que eu tenho oportunidade, eu respondo, então pra mim a rede social é uma forma de interagir, de contato mesmo, de contato direto com quem está ouvindo, está assistindo. É usada mais para isso.
E para postar os links também do seu blog de pesquisa, né?
Ah, sim, os links meus. Passo o dia todo jogando manchete.
E você tem o que? Facebook? Mais alguma rede social? Instagram?
Não, eu trabalho mais com Facebook e o Twitter, né?
E no Facebook você procura pauta?
Não.
Por que?
Porque o Facebook não dá pauta nenhuma. Essas redes sociais aí só servem pra você linkar mesmo. Tudo mentira, 90% do que está na rede social é tudo bobagem. Você tem que... Eu não confio na rede social.
É mesmo?
Não. Não.
Por que, Sérgio?

Porque tem muita... Como vou dizer? Todo mundo é jornalista na rede social, todo mundo dá informação, aumenta a notícia, vai notícia errada, escreve errado. É uma linguagem muito coloquial. Uma linguagem muito pobre, né? Linguagem de rede social é paupérrima. A rede social não ensina nada, não educa, não ensina. É só fofoca. E eu uso porque todo mundo é fofoqueiro, né? Todo mundo gosta. Eu uso para atingir um público... Mas é só fofoca. Rede social eu não... Inclusive, eu já participei muito de alguns debates na rede social e nunca vi vantagem nenhuma, nunca... Coisa horrorosa, sabe? Pessoal que não sabe de nada, que acha que sabe e... Fake News, né?

Então você acredita que ali não tem pauta?

Eu não vejo... Não, de repente pinta, né? Hoje teve uma aí do... Acho que do Ayache, dizendo que iria deixar a política e tal... Mas ele publicou no Face dele, né? Aí termina virando uma pauta, né? Mas eu não vou atrás disso aí não.

Mesma coisa o Twitter?

Mesma coisa, mas o Twitter eu uso muito pouco?

Tem mais alguma rede? Instagram, por exemplo?

Não.

LinkedIn...

Não. O WhatsApp eu uso também, mas também muito pouco. O WhatsApp eu acho muito comadre mesmo, né? Bem de comadre mesmo, bem de... Não tenho um...

Por que de comadre?

Porque é uma fuxiqueira, né? É uma fuxiqueira. Só fuxico.

Os grupos não servem para nada? Ou você não está em grupos?

Não, não estou... Até eu faço parte de uns dois grupos, porque o pessoal me coloca aí, mas eu não tenho muito... Mas eu não... Pra começar, eu não vou ficar batendo boca na rede social. Já vi isso no Facebook. Já fiz muito isso no começo. Eu batia boca com o pessoal, defendendo meus pontos de vista, tal, mas não vale a pena. Você não faz cabeça de ninguém na rede social. A rede social é tudo cabeça feita. Você... O cara entra para defender o ponto de vista dele, você defende o seu. Você não vai convencê-lo de nada, ele não vai te convencer de nada, entendeu? É... Tudo cabeça feita. O cara já sabe o que ele quer, a religião que ele professa, o deus dele, o diabo dele.... Então não adianta você ficar tentando fazer cabeça de ninguém ali. Eu acho que faz mais no rádio... Faz mais que na rede social.

Por que?

Porque o rádio...Também nem sei porque. Só acho que faz mais no rádio do que rede social. Eu me sinto mais respeitado como radialista, pelo menos os contatos que eu tenho... Eu me sinto muito mais respeitado pelo que eu falo no rádio do que pelo que eu escrevo na rede social. Me sinto muito mais respeitado, principalmente com o que eu trabalho. Aceitam, né? Discordam, mas concordam em debater. A rede social não tem isso. Na rede social o cara já te xinga de filho da puta já no começo, né? Já começa te xingando e tal, não tem... O pessoal não tem o menor respeito, sabe? O cara não está te vendo, então fica fácil dar o... Você apela pra agressão e tal. E eu não... Mas eu acho que tem que haver, né? Está aí.

Mas você entrou na rede social então por que?

Não. É o que eu falo pra você. Ela tem um alcance grande, né? E me interessa esse alcance.

Para divulgar o seu trabalho?

Para divulga o meu trabalho, mas eu não entro na rede social pra ficar batendo boca. Já fiz isso também. Achei que era por aí, mas eu encontrei o caminho, fui encontrando os caminhos. Você encontra os caminhos, né? Você vai.. Vê que por aqui não dá, vamos por aqui e tal. Tropeça um pouquinho aqui, levanta e vai embora.

Sergio, a idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Olha, rapaz, pra mim... Eu nunca tive dificuldade com tecnologia, porque eu sempre achei o jornalismo muito atrasado em matéria de tecnologia, sabe? "Por que a gente tem que ficar pegando tipo por tipo pra botar nesse troço? Por que não arruma um trem pra, né?" Aí veio a linotipo, tal... Veio a máquina digital, não sei o que. Eu sempre tive muita facilidade, sempre corri atrás da tecnologia, sabe? Eu me lembro que quando vi a primeira maquininha de fotografia digital, era preto e branco ainda, não tinha nem colorida. Vi lá em Nova Andradina com um cara que tinha um jornalzinho semanário lá... "Esse negócio é bom, rapaz". Aí eu... Você vinha aqui, você tinha que fazer aquelas fotografias, tinha que... O fotógrafo tinha que ir lá no laboratório mandar revelar a foto, você trazia para publicar no jornal. Falei: "Pô, esse negócio aqui é melhor". Aí comprei uma Mavica, que você fotografava no disquete. Não era CD, não, era disquete. Ah, fotógrafos não gostaram da ideia. "Ah, porque não tem qualidade e tal"... E vê hoje. Hoje só tem máquina digital, né? Acabou o filme e tal. Eu sempre... Eu, particularmente, nunca estranhei a tecnologia. Pra mim eu, quanto mais eu... Quanto tempo faz que eu mexo com o computador? Por exemplo: O primeiro notebook que eu conheci era um menor que isso aqui, a memória dele era uma fita cassete, desse computador... Então eu sempre corri atrás. Eu sempre gostei. Um homem muito antenado aí com as tecnologias. Nunca tive dificuldade nenhuma e não vou ter dificuldade. Talvez até alguma coisa eu não... Nem queira, né? Tocar... Porque eu não vou... Mas eu, quando eu... Quando começaram a montar a Via Morena eu dei uma enorme contribuição porque eu ficava pesquisando equipamento, o que poderia mudar e muitas coisas que eu... De contribuição que eu dei, o pessoal aproveitou, usou e tal.
Entendi. Mas você considera que a idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
A idade do jornalista? Depende, né? Depende do jornalista. Depende do jornalista. Tem jornalista que tem 18 anos e parece que tem 180, né? Então acho que isso aí não tem muito a ver não. De repente tem o cara novo e tal, mas não gosta, né? Vai tocar porque é a única coisa que ele sabe tocar, né? É o computador e tal. De repente aparece uma tecnologia nova e ele tem dificuldade, né? Mesmo novo.... E um mais idoso não tem dificuldade, até porque já teve acesso a outras tecnologias e desenvolve com facilidade. Depende muito de cada pessoa. Cada pessoa é uma pessoa, né? Não, eu não... Não dá para agrupar isso, não tem como.
Relativo...
É. Eu acho que é muito relativo. E eu tiro por mim, né? Porque eu sou um cara que eu sou decano da... Sou decano do jornalismo aqui no Mato Grosso do Sul e nunca tive a menor dificuldade. Aliás, sempre tive uma enorme facilidade com as tecnologias modernas, até porque a tecnologia moderna é muito mais assimilada, né? Você aprende com muito mais facilidade, você.... Eu me lembro que eu fiz o curso de datilografia. Era uma coisa difícil. E professor rasgava o papel. Era difícil. Hoje você digita com uma facilidade. Você erra aqui, você vai lá e refaz o texto, vai embora. Você ia fazer é... Redigir para jornal aquela lauda enorme, depois tirava e ter que rabiscar... Aí o cara ia compor e não conseguia ler. Hoje você compõe direto, né? Compõe.
Mas no seu dia a dia então você usa sempre? Em uma entrevista, por exemplo, você sempre grava ou ainda usa o bloco?
Não... Eu não... Eu não faço mais pra jornal, eu faço pra rádio, né? Entrevista que eu faço eu sento lá e já faço a entrevista. Não tenho a menor preocupação. É, claro, toda a entrevista que eu faço ela é gravada, tanto na Via Morena ela é grava, como lá na rádio, né? Gravado,

né? Eles gravam lá tudo.... Agora eu não tenho a menor dificuldade de fazer. Pode vir que eu dou conta.

Fatores de conflitos

Vamos para a última parte então. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Não. Não tenho a menor dificuldade.
Como é?
Talvez eles tenham... Eles sintam dificuldade de se relacionar comigo. Eu não tenho a menor dificuldade.
Mas por que você acha que talvez eles sintam essa dificuldade?
Ah, talvez, não sei, de repente... Nem todo mundo é igual, né? O cara fala: "Ah, sou jovem, tal..." Agora eu tenho respeito por todos eles e tenho... Até hoje eu faço agenda, né? Pautas... Eu vou... Faço tanto pra rádio, como pra Via Morena, quanto pra minha satisfação pessoal... Ir lá e ver tal... E a minha relação...
Você vai nos eventos?
Vou, pelo menos uma vez por dia eu passo por lá, gravo a entrevista, participo...
Nos eventos políticos?
Nos eventos políticos. Eu vou lá faço a matéria para o programa, o meu programa, uso o material lá na rádio como subsídio para os meus comentários. E eu vou pra me informar, né? E não tenho dificuldade nenhuma com... Aliás, eles têm por mim o maior respeito e idem, né? É recíproco. A gente se entende bem. Eu nunca tive necessidade de recorrer ao... Mas quando eu tive a necessidade de recorrer ao colega tal, nunca ninguém me disse: "Não, não posso, tal". Sabe? "O que que foi? Como e que foi? Tal..." O cara me passa as informações. E o maior respeito que eles têm por mim, né? Eu sou tido como o vovô dos jornalistas aí. Todos eles que fazem reportagem. Com quem você conversar, vão dar referência. "Tive com ele e tal".
Então você não tem dificuldade nenhuma de relacionamento?
Não. Não tenho.
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Não sei, eu nunca consultei nenhum novato, mas eu acho que não, porque eu... Eu penso... Eu encaro a profissão hoje como eu fazia... Acontecia há 20 anos atrás, do mesmo jeito. Eu não tenho... Eu, pessoalmente, não tenho essa dificuldade. As pessoas com quem eu me relaciono não vejo essa dificuldade.
Você não vê essa diferença... De como o novato enxerga e o veterano?
Não. Aliás, eu não acho que não tem diferença não. Eu, me colocando no papel de veterano e vendo os jovens aí, a gente pensa maios ou menos a mesma coisa. Não tem... Eu tenho, por exemplo, uma relação muito boa com o pessoal lá do Página Brazil, né? Que o editor do Página Brazil trabalhou comigo no Primeira Hora, né? Então não vejo diferença nenhuma. A gente conversa no mesmo... Até porque diferente tinha que ser os assuntos, né? Os assuntos são... Você não pode... Aconteceu uma coisa, o acontecimento é aquele e você não muda o acontecimento de acordo com... Se você é veterano ou você é mais jovem, né? Aconteceu isso aqui é o que aconteceu. Um tem um palpite, outro tem outro palpite. Aconteceu. Um tem um conceito, o outro tem outro conceito. Não vejo... Acho que não muda muito não. Não vejo.. Também não vejo. Não vi... É possível até que haja, mas eu nunca senti, por exemplo, preconceito. Nunca vi nenhum preconceito né? Ah... De...

"Porque você é mais novo, você é mais velho". O que eu noto no mais jovem... Alguns são mais afoitos, né? Porque trabalha em uma rede maior, tal, mas... Eu não vejo....
Afoitos? Seria essa a palavra?
É, são mais... São mais... Se sentem mais... Como eu diria... É, se sentem mais importantes, na verdade, mas aquilo também em determinados momentos, né? Tal.
Acha que pode colocar o microfone dele na frente do seu... Mas são coisas, né? De cada pessoa. Cada pessoa tem a sua... A sua própria personalidade. Não vejo... Não... Se você coloca isso em um conjunto, né? Não tem. Não vejo. Não vejo essa diferença.
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua. Não sei se você chegou a conviver com jornalistas de uma geração anterior à sua... Chego a conviver?
Ah, com certeza.
E quais são os pontos positivos da geração de jornalistas anterior à sua? E quais os negativos?
Olha, anterior à minha é... Já nem lembro mais, né? Faz tanto tempo. Mas não... O... O jornalismo avançou muito, cresceu muito. Quando eu falo que o jornalismo avançou muito é... É o leitor de jornal, o ouvinte de rádio, né? Aumentou muito, então é... No meu tempo, antes de mim, era tudo um amadorismo danado, né? Tudo feito... O dono do jornal era ele que fazia a matéria, era quem compunha, era quem... Era uma coisa muito... Muito caseira, né? Eu não tenho... Eu convivi muito pouco com pessoas antes de mim. Parece que o jornalismo começou comigo, sabe? Começou no meu tempo.
Você conviveu pouco, mas conviveu, aí você me disse um ponto negativo, que seria esse amadorismo, mas e pontos positivos? Você consegue ver? Lembrar se existiam?
O ponto positivo era o aventureirismo, né? O cara se meter a fazer jornalismo em uma época em que o jornalismo era uma coisa nova, né? O jornalismo era uma coisa nova, né? O primeiro programa de rádio com notícias locais de Dourados fui eu que fiz. Isso em sessenta e... Cinquenta anos atrás, cinquenta e poucos anos atrás. Então, era uma coisa nova. É uma... Você se meter a fazer jornalismo naquela época, era uma aventura. No interior, né?
Pioneirismo?
É... O aventureirismo, do cara se aventurar, fazer o jornalismo naquela época, naquela... Não era pioneirismo. Pioneirismo é muito mais antigo, né? Pioneirismo é que... Aqui no Mato Grosso do Sul o primeiro jornal é de mil oitocentos e pouco. Aqueles eram pioneiros, né? Agora no meu tempo já era a aventura de fazer, né?
Da geração anterior à sua você me deu dois pontos, né? Consegue ver mais pontos positivos ou negativos?
Não.
E de jornalistas da nova geração, quais os pontos positivos e negativos?
Também não vejo. Não vejo ponto negativo, não. Acho que.... Não vejo, nem ponto... Nem muito negativo, nem ponto muito positivo.
Mas consegue me dizer algum?
Não. Eu não vejo nada de negativo.
E positivo?
É, positivo é o... É o... Primeiro essa questão teórica, né? A questão da academia, do cara assim... Ter uma formação profissional e tal e que nessa... Nessa formação profissional ele se destaca. Um se destaca do outro. Acho que o ponto positivo é esse, né? O destaque que um tem do outro, né? Em função dessa formação que você tem e tal... Profissional.
Mas negativos não?

Não vejo pontos negativos.
Ok. E quais os pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas?
Puta merda! Da minha geração tem bastante.
Quais?
Olha, a minha geração é... A minha geração é a mais antiga mesmo. Essa tinha... Os pontos positivos era você enfrentar toda a... As dificuldades conjunturais, né? Para fazer um jornal, até porque no meu tempo o jornalista geralmente era o dono do jornal. E ele... Quando não era o dono era o sócio. Tinha... Não existiam grandes empresas. No meu tempo não existiam grandes empresas de jornalismo. Jornalismo você fazia com três, quatro pessoas. Pra você ter ideia, eu trabalhei no Correio do Estado, na década de 60, por pouco tempo, e tinha parece que dois redatores. Um deles era o dono, o senhor Antônio Barbosa. Não Tinha... Tinha... Grandes... Como tem hoje. Não existia... Você... Vinte, trinta, quarenta profissionais.... No meu tempo não tinha isso, então eu acho que o ponto positivo era esse, né? De você encarar. Fazer um jornal diário, por exemplo, com quatro, cinco pessoas. E o cara fazia. E saia bom o jornal. Era quase isso. O rádio, por exemplo, o rádio... Tecnologia totalmente difícil, né? Não tinha o gravador cassete. Era o gravador grande... É... Disco, né? Gravava com disco. Quando eu comecei no rádio era setenta e oito rotações, depois veio o LP Stand Play, não sei o que e tal... Era uma dificuldade. De repente o disco furava. Não tinha... Agora o fator negativo mesmo do meu tempo foi o amadorismo, isso era o fator que mais... Degradante até. Era o amadorismo. Você não tinha quem fazia o rádio. Eu me lembro que quando cheguei na Rádio Clube de Dourados, o apresentador de um programa lá era servente de pedreiro. Um outro era barbeiro. Não tinha quem fizesse, né? Eu fui fazer programa de rádio e era lavrador. Eu tinha... Minha formação cultural, de ensino, era o quarto ano primário, que corresponde à quarta série do Ensino Fundamental. Então não tinha quem fizesse. Como era um objeto, uma coisa bem diletante, bem amadora, quem tinha uma estação de rádio também não iria contratar, contratar, né? Para pagar salário. Pagava uma miséria. Pra você ter ideia, eu expliquei pra você que eu comecei como operador de transmissor e trabalhava em troca da boia, mas é o que eu... Era o salário que me cabia, né? Eu só sabia fazer aquilo, então foi uma maldade, né? Que fizeram comigo. Mas o rádio não podia ter... Então eu acho que o amadorismo foi o ponto negativo, mas não tinha como você fazer diferente. O cara montava uma rádio em Cuiabá, por exemplo, como em Campo Grande, e não iria contratar locutor lá em São Paulo. Mesmo porque o cara que estava lá não iria querer vir para cá, né? O cara tinha chegado lá, por que iria vir pra cá? Ele tinha que formar aqui, o pessoal aqui. E você trabalhava com o produto que você tinha, com o recurso humano que você tinha. Então era... A parte positiva era o cara topar fazer, né? "Fazer esse trem aí". E fazia. O rádio foi... Era no meu tempo... Meu primeiro veículo de informação era o jornal, entendeu? Agora de informação, entretenimento, era o rádio, que se mantém até hoje, né? Mas o rádio teve... Tempo aqui em Campo Grande, por exemplo, que era o veículo top aí, mesmo com o advento da televisão o rádio ficou muito tempo. Depois voltou... O rádio volta hoje com a força que tinha há 20, 30 anos.
Você consegue pensar em outros pontos positivos ou negativos da sua geração?
Não.
Existe conflitos de gerações entre jornalistas?
Eu não vivo esse conflito. Eu nunca vivi esse conflito. Pode ser que haja, né? Mas eu não vivo. Eu estou acima de negócio aí, sabe? Eu já passei desse tempo aí. Ninguém conflita mais comigo. Eu não... Eu faço programa lá na Rádio FM Capital com uma jovem, a Carmem Cestari, e com um jovem, que o Marcos Faria. São... Quer dizer... E eu não vejo... Não tenho a menor dificuldade. A gente não tem nenhum desentendimento. Cada qual está

na sua... Eu não... É possível que haja, né? Como tudo há, né? Mas eu não vivo esse conflito.
Você diz "ninguém conflita mais comigo", o que dá a entender que já conflitaram....
Não, com esse pessoal não. Nunca tive conflito.
Nem antes?
Não, quando eu era mais jovem aí, sim, eu tinha conflito com as pessoas de mais idade. Mas não era eu que conflitava. O pessoal conflitava comigo, né?
E quais eram as razões desses conflitos?
Não, o maior... O que eu sentia era o receio de eu, como mais jovem, mais esperto, mais, né? Eu tomasse o lugar do cara. "Esse cara vai tomar meu lutar, tal". Esse era o maior receio que tinha.
E esses conflitos culminavam no que? Brigas?
Não, nunca houve desentendimento. Havia um conflito muito mais virtual, né? Mas não havia assim, de chegar às vias de fato, brigar... Nunca... Quer dizer, eu nunca cometi isso.
Mas interferia no trabalho esses conflitos?
Sempre interfere, né?
De que forma?
Sempre interfere. Você... O conflito estressa, né? O conflito estressa. Você pensa em fazer uma coisa e você, estressado, faz uma coisa e não alcança o nível de perfeição que você queria. Isso sempre interfere, mas é normal, né? Eu acho absolutamente normal, né?
Mas por que você acha que hoje não há mais conflitos com você?
Comigo não tem conflito.
Por que você acha que isso não acontece mais?
Porque não há conflito se... Se... Não há um conflito com uma pessoa só, né? Não há um conflito com um interesse só. Conflito só há quando há choque de interesse e eu estou acima disso aí. Eu não... Eu... Eu... Não disputo espaço com ninguém, ninguém disputa espaço comigo, eu sei das minhas limitações.... Eu não vou, por exemplo, transmitir futebol. Eu não sou narrador de futebol, né? Eu faço minha coisinha ali. Na hora que aparecer um cara que faz melhor que eu e quer tomar o meu lugar, não tem problema nenhum. Pra mim não... Eu não essa... Eu já superei, né? Eu já superei todas as fases dos profissionais. Eu estou fora do meu prazo de validade, então pra mim eu não vou... Se alguém me oferecer... "Ah, vamos fazer..." Eu faço um programa aqui na Via Morena porque não me toma tempo, né? Eu tenho uma hora de programa e eu falo a hora inteira. Tem uma entrevista e outra, uma entrevista e outra... Eu tenho tanta facilidade de falar, que eu vou falando, tal... Mas se aparecer alguém que quiser fazer o programa melhor que eu, faz, não tem problema nenhum. Lá na rádio a mesma coisa. Eu já disponibilizei... Falei: "Óh, na hora que vocês encherem o saco do Sérgio Cruz, fala que eu volto pra cá, não tenho problema nenhum". Não disputo espaço no mercado. E tem gente disputando, né? Mas eu não disputo. Agora eu não sei quem está disputando, porque comigo não tem ninguém disputando. E pode ser que tenha e eu não esteja sabendo.
E por que você acha que não tem ninguém disputado com você agora?
Não. Isso que estou falando pra você: de repente tem, né?
Mas de forma geral você não está sentindo...
Eu não sinto, né? Mas de repente tem alguém... Pode ter até alguma conspiração, né? Pode ser até que tenha. Por exemplo: eu não me atreveria, eu não assumiria, um programa de rádio hoje. Eu falar: "Sérgio Cruz vai fazer um programa aqui". Esse programa, Tribuna Livre, quando o Pimentel morreu... O Pimentel era o apresentador do programa, né? Quando ele morreu, algum tempo, imediatamente após a direção da rádio me convidou para

fazer o programa e eu falei: "Eu não quero fazer programa. Eu quero participar, mas eu não quero fazer... Me responsabilizar por produção de programa, correr atrás de entrevistado, montar editoriais aí... Isso aí eu não faço. Eu vou aí... O que eu quero fazer é só isso aí... Topa?" Então, não vou lá para tomar espaço de ninguém. Faço o que eu sei fazer. E parece que ninguém faz melhor do que eu, porque não apareceu nenhum pra tomar meu lugar até agora, então... Se aparecer não tem problema. Se eu... Se não me quiserem lá eu posso procurar outro lugar. Não falta lugar pra fazer, né? Eu não é... Essa competição, pra mim, eu acho burra, né? O... A pessoa tem que se... Tem que se... Tem que se impor no mercado pela competência, pelo que sabe fazer, pela responsabilidade, pelo profissionalismo dele, e não por picuinha, né? Ficar de picuinha. Eu já sofri muita queimação, do cara chegar e... E tentar me prejudicar. Isso é... No começo do rádio, tal. Muita gente querendo prejudicar. Já sofri muito isso, mas eu nunca é... Fui prejudicado por isso. Sempre me impus, né, tal... E consegui. E eu venci no rádio, na comunicação social, mas em função disso, porque eu nunca persegui ninguém, nunca agredi ninguém, mesmo nos meus... De vez alguém fica puto que eu falo um negócio, mas eu nunca falo para ofender. Nunca tripudiei sobre as pessoas, entendeu? Por que tripudiar sobre pessoas? Entendeu? Nunca tripudiei sobre pessoas. De vez em quando eu ironizo e tal, mas tripudiar não. E me dei muito bem por isso. Hoje eu sinto que sou um profissional respeitado. As pessoas me respeitam. Podem até não concordar com o que eu falo, né? Mas me respeitam.

E o que isso significa para você?

Significa uma realização pessoal enorme, né? Melhor coisa que eu considero é você não ser esquecido. Eu tenho medo de morrer e as pessoas esquecerem de mim, sabe? "Pô, esqueceram e nunca mais falaram, tal"'. Eu acho que as pessoas devem... Tem que fazer tudo pra ser lembrada. Eu não sei o que representa isso. Pode não representar nada, né? Mas eu acho que as pessoas devem fazer tudo pra ser lembrada, eu acho, e bem lembrada. "Pô, fulano, tal... Aí me lembro desse aí". Por exemplo: você está escrevendo teu material aí, daqui 200 anos, alguém vai pegar esse teu material aí e falar: "Putz, o cara, né? Tal..." Não é por isso que você faz? Você faz por isso. Eu também faço por isso. Amanhã ou depois... Eu fui, quando deputado federal, eu fui o... Apresentei o primeiro projeto pra a Universidade Federal da Grande Dourados e pra mim foi uma das coisas que mais me orgulha, né? Eu tenho uma cópia dele e de vez em quando fico lendo, vendo aquela... Cópia do Diário Oficial. Primeiro projeto, em 1983 eu apresentei o projeto, então essas coisas que eu acho que o que... O que vale na vida é aquilo que você faz. Não é aquilo que você... O que você deixa não tem nada de material. Você deixa tudo para ficar na cabeça das pessoas, então é por isso que eu acho que compensou tudo isso que eu fiz e compensa tudo o que estou fazendo em função disso aí. O que representa? Eu não sei o que representa. Pode não representar nada, né? Mas tudo o que você faz, você faz com uma visão de futuro, não é isso? "E estou fazendo isso, pra isso, pra isso... Estou fazendo o meu trabalho porque eu vou ser professor...." Vai ser bom ser jornalista. No jornalismo a melhor coisa que tem é ser professor. É... E... Uma coisa para o futuro. Eu vejo aqui nas minhas pesquisas, abrindo aqui, eu vejo muita coisa, né? De duzentos anos atrás, de cento e poucos anos atrás, né? "Putz, o cara era bom, o cara fazia, né?" O cara, sei lá...Se tem uma vida depois. Se tiver, o cara vai se sentir bem recompensado, né? "Putz, tem um cara aí... Há duzentos anos está me vendo aí". Então a minha recompensa é isso aí. Quando eu morrer, você vai lembrar: Pô, o Sérgio Cruz... Tive com ele há... Daqui 50 anos, né? Você vai lembrar... Pô, tive com ele ainda não... Lembrar daí". Se eu frustrar, né? Aí você não vai nem querer lembrar. Não é isso? "É porque esse cara é um filho da puta, falou um bocado de coisa lá e não era nada daquilo, tal". Você se frustrar. Eu acho que... Quando você chegar à idade que eu tenho e aí

você vai falar: "Puta merda, o que que eu...." Aí você vai fazer um... Passar um retrospecto antigo, né? Você vai falar: "Será que valeu a pena? Tal... Se eu tivesse feito assim não teria sido diferente?" Eu... Eu passo esse filme... E nas coisas materiais eu reclamo muito, né? Tem muito que eu deixei de fazer, que eu poderia ter feito... Poderia ter comprado uma fazenda, que poderia ter montado uma estação de rádio, que eu poderia ter um jornal bem sucedido... Isso aí, se eu fizer um balanço disso aí, eu tô levando de dez a zero, sabe? Agora, na minha vida... Naquilo que eu tenho de essencial, né? Eu me sinto realizado. Fiz bem, sou respeitado, as pessoas me procuram. Você me procura pra entrevistar, o pessoal da universidade me procura, o pessoal da escola, do ensino fundamental, me procura pra dar palestra, né? Então eu acho que é isso aí. Vai chegar ao fim.... "Puta, valeu a pena, né? Tudo aquilo que eu fiz hoje..." Então não tem nada de... Que... Que... Toque mais forte, né? Do que isso. Tudo isso que você faz é pra chegar nisso aí, pra chegar amanhã ou depois, né? Vai te procurar lá... "Esse cara e bom, tal".

Entrevistado: Ciro de Oliveira

Data: 28/03/2018 | **Duração:** 01:02:06

Veículo representado: Televisão | **Geração representada:** *Baby Boom*

Perfil resumido

Nome completo: Orcírio de Oliveira
Idade: 68 anos
Data de nascimento: 31/10/1949
Local de trabalho: TV MS Record – 8 anos
Função: Editor Executivo
Formação: Contabilidade
Tempo de carreira no jornalismo: 44 anos

Perfil completo

Seu nome é só Ciro de Oliveira ou tem algum outro sobrenome?
Não. É só Ciro de Oliveira. Ciro é nome artístico. Eu escrevi meu nome aí na folha. É Orcírio. Pouca gente sabe que eu me chamo Orcírio.
Eu não sabia mesmo.... Ciro, talvez seja uma indelicadeza, mas eu preciso saber a sua idade.
68 anos. Não. Não é indelicadeza não.
Qual sua data de nascimento?
Trinta e um do dez de quarenta e nove.
Aqui na TV você está como editor?
Sou editor executivo.
Ciro, qual a sua formação?
Eu não tenho uma formação acadêmica. Eu nunca cursei nenhum curso de jornalismo. Tudo o que aprendi eu aprendi na escola da vida e, graças a deus, tive bons professores.
Mas você tem curso superior?
Tenho curso superior. Sou formado em contador e nunca exerci a profissão.
Quanto tempo você tem de carreira no jornalismo?
Eu nunca fiz as contas. Vamos fazer agora. De 74 até 2018... 44.
Deixa eu ver aqui.... 44. Quarenta e quatro anos de jornalismo....
Quarenta e quatro...
Em quantas empresas você trabalhou?
Eu só trabalhei na TV Morena. Fiquei 37 anos na TV Morena. Em TV, né?
Não. Considerando carreira total.
A gente está falando de rádio. Eu comecei em rádio em 67. E a minha carreira sempre foi paralela rádio com TV. Eu nunca deixei de fazer nem o rádio e nem a TV.
Mas você começou com o rádio em 67 e TV em?
Setenta e quatro. Eu saí da Rádio Educação Rural, que foi onde comecei, e fui para Rádio Difusora, que era do grupo Zahran. Quando o Grupo Zahran arrendou a Difusora eu não quis ficar na Difusora com o Edgar Lopes Farias, na época o Escaramuça, aí eu falei como seu Jorge Zahran e ele falou: "Oh, meu filho, você vai ficar na TV". E eu fui aprendendo edição, reportagem, texto... E eu era sempre muito entrão. Eu perguntava o que eu não

sabia. Eu era curioso. Perguntava mesmo. Até hoje, quando tenho dúvida, eu não tenho receio em perguntar.

Certo. Mas de empresa que você trabalhou então, você começou na Rádio Educação Rural, aí foi para a Rádio Difusora aí você foi para Morena....

Aí da Morena eu fui o primeiro o primeiro programador da FM Canarinho, que hoje é a Mega 94. Era a Rádio Canarinho, do Grupo Correio do Estado. Eu fui programador, né? Eu trabalhava na TV Morena e trabalhava na FM canarinho ao mesmo tempo, aí quando surgiu a rádio Acaiaba, que hoje é a Blink 102, eu fui o programador da Acaiaba também. Teve uma época que eu trabalhava na TV Morena... Eu eu nunca deixei de trabalhar na TV Morena, e trabalhava para as emissoras FM. Ou eu fazia programação ou eu fazia o jornalismo nas FMs. Aqui, na Cidade, eu não cheguei a trabalhar na Cidade, mas eu formei a primeira discoteca. O Ivan queria me contratar e eu não queria. Eu não tinha tempo, aí ele falou: "Então vem só me dar uma ajuda para começar a discoteca". Eu comecei e depois parei, mas nunca fui contratado.

Em 2010, eu tinha 37 anos de TV Morena, o senhor Alfredo Sing, que era o gerente de jornalismo, um dia me chamou lá e falou que era meu último dia de trabalho. Aí eu falei: "Mas por que? Aconteceu alguma coisa? "Não, Ciro, a gente está fazendo uma reformulação no quadro de funcionários e você vai ser mandado embora porque você está velho e improdutivo". Aí eu disse pra ele: "Alfredo, velho eu até concordo porque todos nós estamos velhos a cada 5 minutos, agora improdutivo é o senhor, que caiu aqui de paraquedas, não tem texto, não é jornalista, é ruim e tá de meu chefe. Tudo bem".

"Ah, não, está na hora de você se aposentar, colocar um pijaminha, um chinelinho e esperar a morte chegar. Isso foi em 2010, na TV Morena. Eles me mandaram embora sem justa causa. Não tinha o porquê. A alegação era que eu estava velho em improdutivo. Tá. Tudo bem. Eu sai de lá e, porra, parece que minha vida tinha acabado, porque fiquei 37 anos em uma empresa e assim... Na TV Morena eu era o coringa. Eu servia pra tudo. Eu fazia produção, edição, reportagem, entrevistas... Precisou de alguém para o segunda edição? "Chama o Ciro!" Todos os produtos da casa eu fazia. Eu não tinha problema de editar o rural, variedades, esporte.

Eu fiquei tantos anos lá... Tudo o que aprendi em jornalismo devo à TV Morena. É a minha escola ali, com profissionais que passaram. Por exemplo: a professora Maria da Glória Sá Rosa nunca foi minha professora de sala de aula, mas era de vida. Eu tinha o telefone da casa dela. "Glorinha, estou passando aí porque estou com uma dúvida. Você me ajuda?" Sempre me ajudou. Isso foi no dia 6 de outubro de 2010. Acho que no dia 12 ou dia 15 eu comecei a trabalhar aqui na Record. O pessoal me chamou e eu falei: "Gente, televisão já... Morena e tal, não sei o que". "Não, Ciro, vamos." Já estou há 8 anos aqui.

Então, recapitulando, foi a Rádio Educação Rural, Rádio Difusora, Rádio Canarinho....

TV Morena, Canarinho, Acaiaba e Record.

Foram 37 anos de TV Morena. Aqui você está há 8. Qual a média de permanência nas outras emissoras de rádio? Hoje você também está na Educativa.

Eu estou na Educativa há 22 anos, porque agora existem mudanças de governo e eu não sou concursado. Eu tenho um contrato com a emissora. Quando eu estava com 18 anos de FM, o primeiro governo do André quando ele assumiu o primeiro governo ele deixou a rádio e TV jogada lá. Como eu não era contratado eu falei: "Não vou trabalhar sem receber". Deixei a rádio. Eu fiquei 4 anos fora da rádio. Quando eu vim aqui para a Record em outubro, em novembro de 2010 eles me chamaram de volta para rádio. Então eu fiz os últimos 4 anos do governo do André, aí depois assumiu o Reinaldo eu continuei, aliás, eu

continuo, né? Vai fazer agora quatro anos de governo. Eu não sei se ele ganhar ou não ganhar se eu continuo. Alguém lá uma vez disse assim, logo que o Reinaldo assumiu, que eu não era concursado e estava ocupando o lugar de um concursado. Eu disse assim: "Amigo, eu não sou concursado, mas eu sou um profissional de rádio e você não é. Você é um concursado que não sabe fazer rádio, então cala sua boquinha". Porque eu sou uma pessoa assim, Elvis, você deve me conhecer pouco... Eu sou muito transparente. Sou verdadeiro. Eu não levo. Eu falo. Não tenho esse negócio.

Lembra os motivos das saídas desses empregos? Você falou da TV Morena.

Da TV Morena eu fui mandado embora. Da Canarinho eu saí porque o primeiro diretor da Canarinho, o dono, Zé Maria, morreu em um acidente e quem assumiu foi o Antônio João. Eu não sei se você já trabalhou como Antônio João ou se conhece.... Olha, ele nunca gritou comigo. Ele me respeitava pra caramba, mas implicava demais com a programação, sabe? A gente sentava, discutia, aí um dia eu cheguei para ele e disse: "Antônio João, quem paga meu salário é você. Você quer eu faça programação para você ou para os ouvintes?" Por quando começou a fazer a programação pelo computador... Dois exemplos: Eu colocava Tim Maia ele ia lá e tirava. Eu colocava Lulu Santos ele ia lá e tirava. Eu colocava Tetê Espíndola, então, pior. Aí eu saí três vezes da Canarinho, mas ele me chamava de volta, aí na terceira vez eu falei: "Não adianta me chamar mais porque não vou voltar". Aí fiquei só na TV Morena e, já na TV Morena, fui para FM Educativa, depois vim para cá e continuei na Educativa também.

Mas e essas saídas das outras? Você lembra os motivos?

Por incrível que pareça a minha saída da Acaiaba foi o Noninho ter assumido a rádio lá. Eu não queria trabalhar com ele. E hoje eu trabalho com ele.

Valores profissionais

Ciro, agora vou fazer algumas perguntas mais relacionadas aos seus valores profissionais. O que é ser jornalista para você?

Olha, eu digo sempre que eu não eu escolhi uma profissão. A profissão me escolheu. O rádio foi me levando para TV e eu fui gostando de fazer. Hoje eu digo que ganho para fazer aquilo que eu gosto de fazer.

Ser íntegro, sincero naquilo que eu faço, cobrar das pessoas o real da notícia. E hoje a notícia ela, como eu digo para você? Ela globalizou.... Então não existe mais... Eu acho até engraçado quando escuto assim falar: "Uma imagem exclusiva, uma entrevista exclusiva"... Porque hoje uma coisa aconteceu lá do outro lado do mundo. No meu tempo a gente fazia por telefone fixo os contatos. Quando eu trabalhei na Difusora eu fiz uma rádio FM e ainda não existia FM no Brasil. Mas o que eu fiz? Eu fiz um rádio que era música e foi a primeira vez que aqui em Campo Grande tocou Pink Floyd, Elis Regina... Até então não tocava. E eu já tocava isso e eu tinha um jornal às 7 horas da manhã, que era das 7h às 7h40, que eu fazia com pessoas que correspondia de Ponta Porã, por telefone, de Corumbá, por telefone. E isso sem pagar nada para ninguém. As pessoas colaboravam comigo. Então era uma emissora assim, que tinha um jornal de manhã e depois a música e de uma em uma hora eu tinha um informativo também.

Mas se você pudesse resumir, o que é ser jornalista? Levando em conta todas as experiências que você já viveu?

Eu não sei te dizer o que é ser jornalista, porque hoje mudou tanto o jeito de lidar com a notícia, né? Antes a gente tinha.... Nos tempos de TV Morena... Ela foi a primeira aqui. Foi a pioneira, então era tudo novo, pra gente mesmo. A gente fazia o jornal com slides e o apresentador lia os slides. Depois veio o videoteipe. Gozado que na época a gente exibia os

programas assim... Futebol mesmo... 3 dias depois. Já tinha o resultado do jogo lá no Rio-São Paulo e a gente exibia o jogo aqui. Eu não sei dizer pra você o que é ser jornalista. Quando eu me pergunto o que é o rádio eu falo que o rádio é uma cachaça. Jornalista eu nunca parei para pensar....

Você não é formado na área e diz que a profissão te escolheu. Mas por que você decidiu ser jornalista? Por que você decidiu seguir?

Eu acho que sempre fui muito curioso. Curioso, observador e ouvinte. Ouvir, observar e ser curioso.

Por isso você decidiu continuar até hoje?

É.

E você se sente realizado como jornalista?

Eu me sinto, porque eu vou me adaptando aos tempos porque, por exemplo... TV Morena. É minha escola, né? Eu sou fumante. A gente fumava aqui com a máquina de escrever e o texto saia fácil, porque quando a coisa ia ficar... o Computador... Eu falei: "Poxa, acho que encerrei minha carreira aqui. Não vou saber lidar com isso". E a Morena prometeu um curso pra gente e não dava esse curso. Aí eu fui lá no Senac fazer um curso. Aí o professor começou a me ensinar como era um computador e eu disse: "Professor, eu não vou abrir uma oficina para arrumar computador. Eu quero saber como trabalhar com computador". Aí aprendi. Tudo de vidro, tudo fechado... Cara, eu passei um tempo até me adaptar que eu demorava até um texto sair, porque eu começava a escrever e não o cigarro na mão. Eu ia lá fora, fumava, voltava, aí pensava no texto. Aí, você imagina... Hoje em dia a gente faz um jornalismo comunitário ou popular. No início não foi fácil pra mim me adaptar. Hoje já me adaptei. Eu digo sempre que a gente não faz jornalismo popular. O que a gente faz hoje? Pelo menos aqui na Record, né? Mostra as desgraças e palhaçada e o povo gosta disso, da apreensão de droga, do vizinho que matou o irmão, do pai que estuprou a filha. Eu não sei, na visão do público, se eles pensam assim: nunca vai acontecer comigo com alguém na minha casa, mas eu gosto de ver as desgraças dos outros. E tem os vídeos engraçados, gente se esborrachando, caindo. É isso que dá audiência e o povo gosta de ver. Aí eu fui me adaptando a isso, nessa linguagem agora.

Mas você se sente realizado como jornalista?

Me sinto realizado. Sabe aquela pessoa que acorda cedo de bem com a vida pra vim trabalhar? Sou eu. Eu não tenho problema de mau-humor. Posso estar com problema pessoal, sei lá, mas chego aqui na TV e me divirto com a pessoas, às vezes brigo com elas também porque, normal, faz parte....

E o que o jornalismo representa na sua vida?

Acho que é tudo. Eu não saberia fazer outra coisa na minha vida a não ser jornalista. Eu não digo que sou jornalista 24 horas porque as vezes tenho que desligar também, porque senão você fica o tempo todo pensando na notícia. Você vem um acidente e já quer filmar, pegar informação. Já fiz isso. Não. Para. Saí daqui eu sossego.

Ciro, você passou 37 anos na TV Morena e há 8 está aqui, então eu te pergunto: fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Eu acho que é. É. Você ser fiel a um veículo, vestir a camisa daquele veículo. Se você não está contente aonde você está, vai procurar outra coisa pra você fazer. Sai fora! Eu sempre.... 37 anos é uma vida e eu vesti a camisa mesmo. Quando eu vim pra cá, nos primeiros meses eu fiquei meio... Sabe quando você se sente um peixe fora d'água? Porque aqui é tudo diferente do que eu vivia lá. E eu fui me adaptando.

É muito diferente?

Nossa. Completamente.

Em que?
Em estrutura. Nós temos uma equipe pequena, mas que é batalhadora, guerreira. A Morena tem toda uma estrutura, um bando de gente, mas falta calor humano e aqui tem.
Então você considera que a fidelidade é essencial?
Essencial. É... Você não ficar pulando de galho em galho.
Por que? Você considera que pular de galho em galho é ruim para a carreira?
Eu acho que é. Acho que é ruim. Você não cria um vínculo.
Ciro, quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?
Eu acho que é honestidade, a sinceridade com que você faz a coisa. Um chefe meu dizia assim... Ser macho... tem que pôr o pinto na mesa de vez em quando. É, cara....
Você é formado em contabilidade, nunca exerceu, entrou na área porque ela te escolheu, então eu pergunto: Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
Eu acho que é determinante. Quando mais você se informar, estudar, se especializar, melhor. Agora, eu sempre digo assim: eu não teria talento nenhum pra ser político. Acho que a pessoa tem que ter talento também. É muito estudo, dedicação e talento. E as vezes um pouco de sorte também ajuda.
Mas mesmo sem formação na área, você considera que a formação acadêmica é essencial?
Ela é, claro.
E por que você diz isso? Você que vem de outra formação....
Nesses anos todos de profissão eu já encontrei com pessoas que são formadas e não tem o conhecimento que eu tenho e elas estudaram para isso. Vou usar como exemplo um repórter, sem citar nomes. Ele, para fazer a reportagem dele, ele tinha dificuldade e eu ajudava no texto. Esse mesmo cara já foi professor de faculdade aqui e se deu bem como professor. Talvez ele se dê melhor como professor, para ensinar alguém, do que ele mesmo fazer um texto para ele.
Então eu entendo que é muito relativo isso, porque você não é formado e tem mais experiências que muitos profissionais, mas mesmo assim considera então importante ter essa formação....
É importante, claro.
E quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão? A formação acadêmica em jornalismo.
Acho que falei isso. O conhecimento. É você ter conhecimento daquilo que você faz, com aquilo que você trabalha e ler. Hoje em dia é um control c, control v. As pessoas não leem ou não sabem da história. Quando você... Não sei se é porque eu trabalho com música e sou bem informado neste aspecto, mas às você fala um nome de um artista... Vila Lobos, por exemplo, a pessoa fala: "Quem foi Vila Lobos?". Pô, dá licença, né? Rui Barbosa, quem fui Rui Barbosa? Tem gente que não sabe! Você tem que saber um pouco de... principalmente do seu país. Um pouco de história, um pouco de geografia.
Você consegue pensar em outros valores que a formação acadêmica proporciona?
Não. Não.
Informação, na sua opinião, é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
É um direito do cidadão, que as vezes é usada como mercadoria, mas é um direito do cidadão. Você tem que saber informar. É usada às vezes como mercadoria e....
Como o profissional deve agir nessa situação?

Eu acho você não pode nunca... Eu já dei muito murro em ponta de faca. Você tem que ter um jogo de cintura. Saber até quantos sapos você pode engolir, até onde você suporta.
A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?
É.
Por que?
Porque eu acho que uma empresa que tem uma.... Eu acho que a projeção da empresa ela te dá um certo respaldo você dizer: "Pô, eu trabalho na empresa tal, sou funcionário da empresa tal". Eu acho que isso é importante.
Mas ela é determinante para a escolha do trabalho?
Ela é só importante, mas não é determinante, porque as vezes você não tem uma oportunidade, então não vai te determinar aquilo, ou então você persegue um sonho. Você tem que perseguir também, não é desistir. Eu conheço gente que falava assim: "Eu quero trabalhar na TV Morena". E conseguiu.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?
Acho que a qualidade de vida que eu tenho aqui na Record. Assim... falando de trabalho. Eu venho para cá 8h da manhã, 1h15, 1h estou indo embora. Só volto no outro dia. Estou dizendo isso porque na TV Morena eu entrava 4h da manhã e tinha dia que eu saia 22h da noite, sábado e domingo! Aqui não. Eu acho que tenho mais qualidade de vida aqui. Eu não trabalho sábado, não trabalho domingo, feriado, então eu tenho mais tempo para mim. Eu não tinha tempo para mim antes. Era só o trabalho, trabalho, trabalho. E era assim: podia estar caindo tudo, mas ligavam pra mim: "Ciro, estamos precisando de você agora". Largava tudo. Era assim: A TV Morena e depois a minha família, em segundo plano.
Mas qualidade de vida, falando da sua vida pessoal, você considera que é o que?
Hoje não, mas quando vai ficando com mais idade, vai ficando mais seletivo. Eu sempre gostei muito de viajar. Conheço boa parte do Brasil, conheço Mato Grosso do Sul inteiro. Não a Europa, mas um dia vou conhecer. Conheço os Estados Unido. Gosto de viajar. Não gosto de praia. gosto muito de mato, tanto que eu não saio de Bonito, Bodoquena. Adoro mato, cachoeira.... É isso! Poder ter tempo para fazer essas coisas.... Poder ficar sozinho em casa, ler. Eu adoro ler biografia. Tenho pilhas assim de biografia. Adoro biografia. Já passei férias aqui sem viajar para lugar nenhum, ficando em Campo Grande, ou ia até Bonito ou Bodoquena, mas em casa, e feliz da vida sem nenhum problema de estar sozinho, de solidão, de nada. Só comigo mesmo.
Isso é qualidade de vida para você?
Pra mim é.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
Acho que sim. Hoje em dia já é sim.
Por que você fala hoje em dia?
É porque, quando fala assim qualidade de vida sendo jornalista, eu penso muito na TV Morena, porque minha vida foi aquilo ali. Não estou sendo assim como se estivesse magoado com aquilo. É processo de vida. Aconteceu. Um dia eu iria ser mandado embora ou iria sair. Só não gostei da forma como eu fui mandado. Isso eu não vou admitir nunca: "Velho e improdutivo".
Mas você acredita então que é possível, hoje, ter qualidade de vida como jornalista?
É.
Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?

Nenhum. Porque eu acho que o que eu tenho eu vivo com o que eu tenho. Não sou ambicioso. Não tenho o olho grande para as coisas. Dando pra mim viver bem, como estou vivendo hoje, está bom demais.

A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?

É. Tranquilo. Não tenho problema com isso.

Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?

Eu já fui muito mais neurótico. Hoje sou super tranquilo. Já usei a expressão "pode estar caindo o mundo".... Você que faz jornalismo diário na TV você tem o relógio contra você. O relógio está trabalhando. Você tem... Muitas vezes aquele VT que você queria abrir o jornal não chegou. Você tem que ir descendo, trabalhando com isso. Nossa. Eu ficava irritado e tal. Hoje não. Sou super tranquilo. Não deu para abrir com aquele? Vamos abrir com outro e normal... Não vou morrer por causa disso.

E você acha que mudou por que?

Acho que é a idade. Acho que é idade. A idade vai te dando mais tranquilidade, mais calma, mais sabedoria para lidar com as coisas. Quando você é jovem você é muito impetuoso e eu sempre fui assim, querer as coisas par ontem, sabe? Você quer ver uma coisa que... acho que vai chegar lá... estagiários... Se eu estou aqui, fazendo um negócio aqui, você é meu estagiário e eu falo: "Fulano, pega um papel pra mim lá na redação?" Se ele não levantar naquela hora eu levanto vou lá e pego. Não tem problema pra mim. E hoje eu estou aprendendo a lidar com isso. Estou mais tranquilo.

Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Não. Nunca.

Estresse, problema de saúde nenhum?

Nunca. Eu tive um estresse, mas por problema pessoal. Por conta da profissão não.

Fatores tecnológicos

As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?

Nossa, facilitou e muito. Eu só não gosto desse negócio do control c, control v sem checar, mas que facilitou para a vida da gente... Nossa senhora.

De que forma facilitou?

Tudo. Porque hoje você tem tudo no sistema. Você tem uma senha sua. Você entra ali... Eu quero ver... Vamos supor: Eu quero pegar um material que entrou em 2012, eu vou ali no computador.... digito... não precisa nem digitar, vamos supor aqui é... Incêndio, mas eu quero um incêndio que foi no frigorífico tal aí ele vai buscar no sistema o que aconteceu naquele ano. É muito mais fácil.

Como era antes?

Antes era a memória da gente que funcionava. "Ciro, você lembra de uma matéria lá dá.... Era a memória. Tinha que ter tudo. Graças a deus eu tenho uma memória muito boa e penso muito rápido também.

Mas até que ponto você considera que essas tecnologias facilitaram?

Acho que não tem isso. Acho que facilitou em tudo.

Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Eu utilizo bem.

O que você utiliza de tecnologia no seu dia a dia como jornalista?

Internet, WhatsApp, computador. Ainda não utilizo o Instagram porque não me faz falta. Eu sou do tipo da pessoa assim: não me fez falta, tudo bem. Agora, se eu precisar, vou aprender correndo. Por exemplo: Acho que fui ter um celular já tinha uns 8 anos que tinha celular. Meus amigos todos tinham e eu não tinha. Não me fazia falta. Aí começaram a me

cobrar. Os meus amigos começaram a me cobrar. E se a gente quiser te achar? Tem o fixo. Mas e quando não está em casa? Aí tive que comprar um celular.

Hoje você domina, né? Mas foi um processo...

Vamos supor aqui: eu não sou escravo de celular. Se eu chegar aqui na TV e lembrar que eu esqueci meu celular em casa, eu não vou sair correndo daqui para buscar meu celular em casa. Vai ficar lá. Já esqueci o celular aqui na TV, final de semana. Ficou aqui. Só ligo: "Rigo, esqueci meu celular. Guarda pra mim". Sem problema. Quer dizer, eu não fico naquela fissura: "ai, meu deus". Quando teve esse pico aí que ficou gente que não tinha WhatsApp, que ficou todo mundo louco, pra mim tanto faz.

Mas isso foi um processo, porque você me disse lá no início que teve uma dificuldade absurda de adaptação com o computador, por exemplo.

Não, mas eu fui aprendendo.

Mais quais foram suas principais dificuldades nesse processo?

Por exemplo: ainda na época do e-mail, né? Eu fazia uma confusão para mandar e-mail, porque, por exemplo, você me mandava um e-mail que tinha recebido de outro e vinha um monte de nome, né? Aí você mandava para o seu amigo e ia tudo aqueles nomes, até que eu aprendi limpar. Nesse aspecto, os estagiários me ajudaram muito, inclusive com WhatsApp, grupos. Colocavam um grupo aqui e eu não sabia tirar aquele grupo do meu celular. Ficava mexendo para cá e para lá. Aprendi.

Mesma coisa com as redes sociais? No início foi difícil?

Foi. Foi complicado.

Qual a maior dificuldade que você tinha para usar, por exemplo, o Facebook?

Não, o Face já, já.... peguei legal. Foi logo no início mesmo, como o negócio mesmo do... Como chamava? O MSN. Eu tinha dificuldade de aprender aquilo, bater papo. O Facebook foi mais fácil.

Pelo visto, a grande mudança foi da máquina de datilografia para o computador.

Ah, com certeza.

Na máquina de datilografia o processo era diferente. Não podia errar?

Não. Hoje você erra e deleta, apaga, reescreve. Naquela época a gente fazia, além de usar a máquina de escrever, usava o carbono porque já fazia as seis laudas, né? Hoje você tira cópia.

E quando errava?

Quando errava tinha que fazer de novo.

Então vocês desenvolviam um pensamento linear, né? Chegavam e batiam o texto. Você considera que a máquina de escrever, nessa situação, ajudou você a ser o jornalista que é hoje?

Ajudou muito.

De que forma?

Na máquina de escrever você também podia refazer as coisas. Errava, começava de novo, porque eu acho assim, experiência de repórter, meu texto não ficava pronto na primeira, na segunda, terceira. As vezes na quarta vez olhava e dava uma mexida ainda e se deixasse mexia mais uma vez. Achava que nunca estava bom.

Hoje, de que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho?

Acho que interfere para o bem. Só me ajuda.

Mas hoje, para você construir uma notícia, você recorre sempre ao Facebook, mídias sociais, internet, tudo, ou ainda você faz o jornalismo como fazia?

Não. Eu vejo tudo... E, olha, não é porque estou na sua presença, mas o site que leio todos os dias é o Campo Grande News. Eu não leio o daqui da empresa, mas leio Midiamax e

Campo Grande News todos os dias. As vezes antes de sair de casa eu dou uma olhada também para ver o que está acontecendo ou então eu vejo o Bom Dia MS, que é da concorrente, mas a notícia também está ali, rolando. Chego aqui e já sei o que está acontecendo de manhã. Venho ouvindo as rádios daqui, porque nem sempre eu fico... Não gosto de entrevista de rádio com vereador, deputado, essas coisas. Não acrescentam. A não ser que esteja acontecendo um pacto. Agora só levar o cara lá para falar dos projetos que ela vai fazendo, aquilo não me acrescenta em nada. Quero ouvir alguma notícia. Eu trabalho com rádio, mas eu não mexo com jornalismo de rádio. Eu faço um programa que não tem nada a ver com jornalismo, mas eu acho que o rádio é mal utilizado, isso porque eles não pagam bem, as pessoas são viciadas em pegar... Às vezes uma notícia errada no site, o cara lê errado no ar, quer dizer, não chegou a notícia... Ele pega e... Notícia do Campo Grande News, lê o que eles escreveram... assim que é o jornalista daqui, de rádio.

Quais os pontos positivos e negativos da tecnologia?

O que eu acabei de dizer: as pessoas não checarem a notícia. Isso é negativo. Como já aconteceu de várias notícias.... essas notícias... como é que chama? *Fake News*... Gente, quantas vezes já mataram o Silvio Santos? Quantas vezes já não mataram não sei quem? Ou então, por exemplo, quando morreu o Manoel de Barros, eles colocaram que ele era de Cuiabá, sendo que o cara nasceu aqui no Pantanal de Corumbá. Quer dizer... essas coisas. Esses dias estava ouvindo a Rádio Globo, com o Otaviano Costa, que é de Cuiabá, aí era negócio de Carnaval e ele estava falando: "Ah, eu quero saber os blocos que tem o nome estranho lá em... Como é o nome da cidade que tem lá? Tem um bloco chamado "seu que brilha", que o nome do bloco é "seu cu que brilha", mas ele falou uma outra cidade e o bloco é do Santo Antônio do Leverger e ele falou uma outra cidade de Cuiabá. Eu falei: "pô, mas esse bloco é do Santo Antônio do Leverger. Eu já saí nesse bloco lá em Santo Antônio". Quer dizer... Não chegou. Ou então ele ouviu falar... ele é de lá, mas falou uma outra cidade que eu não sei qual é

E os pontos positivos?

O fato de que hoje a notícia circula muito rápido. Aconteceu uma coisa lá na Coreia, no Japão, em cinco minutos você já está sabendo. Isso é positivo.

Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas hoje pelo mercado de trabalho?

Nunca parei para pensar nisso.

E você consegue fazer essa reflexão?

Habilidades....

Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas hoje pelo mercado de trabalho?

Você fala em termo de TV?

Pode ser, já que você está falando de TV, mas é no geral, do jornalista. Quais as habilidades que o mercado mais valoriza hoje?

Acho que é conhecimento, rapidez de raciocínio, credibilidade, porque o jornalista que tem credibilidade é muito bom. O cara que te passa credibilidade...

Independente do veículo?

Independente do veículo.

Como que você utiliza as redes sociais no seu dia a dia como jornalista?

Só notícias, troca de notícia, informações entre jornalista, entre pessoas que também conhecimento, que não são jornalistas, mas tem um certo conhecimento para trocar.

Troca de informações entre fontes?

É. Fontes.

Mas você pesquisa e encontra pautas no Facebook?
Encontro, encontro.
Quando vê alguma discussão?
Hoje mesmo eu sugeri uma pauta que eu vi no Campo Grande News lá, que deve ser da Ângela, que estava no meu Face, que a Anita usou uma passagem da Vânia Galceran, que tem uns 6 anos... Aí que ninguém sabia. Fui lá na redação e comentei.
Aquela passagem do caminhão que quase derruba ela?
É. A Anita usou, né? Então acho que a gente vai ver se traz ela, a Vânia, amanhã aqui.
Que legal....
Porque tem algumas notícias que as pessoas não se interessam e eu dou um toque, sabe? "Ó, vocês viram isso? Leram alguma coisa sobre isso?"
E isso aparece nas redes sociais?
Aparece. As vezes jogam no meu Face.
É uma fonte de pauta?
É. Pra mim é.
A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
A idade? Ai depende de pessoa para pessoa eu acho.
Por que?
Porque tem pessoas, como eu te falei há pouco, eu tenho prazer em levantar cedo e vir pra cá. Tem pessoas que às vezes se cansam disso, vai estressando.
Mas eu digo com relação ao domínio da tecnologia... Se a idade ela influencia, facilita ou dificulta. A idade do jornalista.
Facilita, facilita.
Mas você diz que quanto mais novo mais domínio tem?
Quanto mais novo, mais domínio tem, mas uma pessoa que se esforça, apesar da idade.... Muitos falam: "Apesar dos seus 70 anos, ele escala montanha". Por que apesar? "Ele tem 70 anos e ainda escala montanha". Quando tem 6 anos: "Ela só tem 6 anos, mas já faz isso e isso". Por que "ela só tem apenas 6 anos?" "Com 6 anos, a fulana faz isso, isso e isso". Eu ouço muito isso.
A idade então não é determinante?
Não, não, não.
Pelo que entendi, na sua opinião, o jovem tem mais domínio, mas isso não significa que....
Hoje uma criança faz no celular o que eu não faço. A criança já nasce nessa tecnologia.
Mas se você se esforçar...
Se esforçar... Eu conheço pessoas com 80 anos que está aí tentando e consegue, às vezes, mexer no computador com ajuda da neta, de neto.
Então, para você, facilita?
Facilita.

Fatores de conflitos

Vamos para as últimas perguntas, Ciro. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Nunca senti. Não.
Como eram esses relacionamentos? Sempre conviveu com várias gerações?
Convivi com várias gerações, desde o meu início em rádio. Quando eu comecei na Educação Rural eu trabalhei com os caras que eram... Eu era ouvinte de rádio e eles eram meus ídolos: Juca Ganso, Adelino Moreira, Mário... Depois, na TV Morena, o João Bosco

de Medeiros já tinha trabalhado em rádio comigo e na TV a gente conviveu um tempo. É... depois veio a nova geração, né? Que vai mudando, né? Pra mim a melhor coisa foram os estagiários, que eles aprendem comigo, mas eu aprendo muito com eles também. E eu nunca tive conflito, sabe? De coisa... A única coisa que me incomoda e eu já ponho isso claro no primeiro dia, e eu sei que isso é uma coisa cultural, não é erro... As pessoas, porque sou mais velho, me chamar de senhor. "Ah, onde o senhor quer que eu corte?" "Para com o senhor. É você. Meu nome é Ciro. O seu é Fred, vamos lá". Eu quero igualdade, sabe? Não quero esse tratamento. Não quero ser diferente só porque eu tenho mais idade.

Então você não tem dificuldade de relacionamento?

Não. Nunca tive.

Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

Eu acho que existem. Como eu vou explicar para você? A gente falou sobre isso... Hoje a coisa está muito mais fácil. Antes a gente batalhava mais para ter fontes, assim... pautar. E assim... Eu acho o, por exemplo, eu não sei como funciona... Como eu fiz nenhuma faculdade, mas o jornalista sai da faculdade, chega aqui e não sabe o que é um espelho, não sabe o que é um caderno de pauta, não sabe o que um deadline, o que é um fade.... Ele chega cru. Agora, eu gosto que ver que aquela pessoa que chegou cru vai aprendendo, daqui a pouco já está sabendo. Ó, para você ter uma ideia, só para citar alguns estagiários que passaram por mim, que aprenderam comigo: Ellen Genaro, Jacklin Andreucce, Keila Mesquita, Natalie Malulei, que hoje é uma excelente repórter, que hoje se preocupa com texto, com informação, sabe? Então é isso. Eu vejo que as pessoas crescem, sabe?

Mas existem diferenças? Como um veterano enxerga a profissão?

Eu acho que a gente enxerga... Eu acho que... Como vou explicar isso? É uma coisa mais de um romantismo, uma coisa mais romântica, e hoje não... É uma coisa mais, sabe?

Mais?

Mais... É.... Uma coisa mais real assim, um mundo mais real.

Quando você se refere a romantismo, está querendo dizer o que?

A gente tinha uma ideia mais romântica da profissão. E não é nada disso. Não tem glamour nenhum de ser jornalista. A gente vive como todo mundo, sabe? Vai à luta. Tem gente que não tem carro, anda de ônibus. Não tem esse negócio, sabe?

Mas os veteranos geralmente têm/tinham essa visão?

Tinha essa visão.

E os novatos, quando chegam, eles ainda têm essa visão?

Não. Eles já estão com outro pensamento, mais no... Não sei te dizer se não é um idealismo, tem aquele idealismo. Eu conheço várias pessoas que deixaram de ser jornalista para fazer outra coisa. Atuaram como jornalistas até certo tempo, depois foram ser empresárias ou abrir loja ou foram investir em comida. Por exemplo: A Glaura, cara, a Glaura está afastada vendendo hot dog. Uma profissional como a Glaura, cara, dá dó.

Mas a nova geração então tem um pé mais na realidade? Você considera?

Eu acho. Eu acho que sim.

Já chega... Porque tem muitos estudiosos que falam que os novos jornalistas chegam ainda com uma visão romantizada....

Eu acho que não. Não tem mais isso não.

O romantismo da profissão ainda permanece em você?

Ainda.

Quais valores que você cultiva ainda como um jornalista romântico digamos assim?

Eu sempre gostei de contar boas histórias. Como sempre trabalhei muito com cultura, sempre gostei de contar boas histórias da cultura ou boas histórias de personagens anônimos. Isso você quase não vê. Não que não tenha. Tem, mas é muito pouco. Então eu sinto falta disso, porque as pessoas só contam desgraça, desgraça, quanto mais desgraça, melhor. Quando você tem uma boa história... Difícil.

Você trabalhou com jornalistas de uma geração anterior à sua?

Não, não.

Os profissionais que você conheceu são da sua geração?

Já foram da minha geração. Estava até conversando com umas amigas que não estão mais e eles falaram: "Pô, Ciro, pensando aqui, acho que você é o único da nossa geração que ainda continua fazendo jornalismo diário, de TV.

Por que? Os outros não?

Os outros não. Um foi ser assessor de imprensa, outro foi mexer com empresa. Parou, sabe? Jornalismo diário, que eu digo assim, de estar todo dia aqui fechando jornal, correndo com o jornal.... É difícil.

Então você não conviveu com jornalistas de uma geração anterior à sua?

Não, não, só com a minha geração. Já convivi depois com a geração nova.

E quais são os pontos positivos da sua geração e jornalistas?

Não consigo pensar nos pontos positivos.

Os pontos positivos... Quais as coisas boas da sua geração?

Eu acho que eu convivi com o resquício da censura, da época da censura, aquela época de AI-5 eu peguei. Eu era muito jovem, mas eu já peguei isso aí e a gente conseguia furar o cerco de conseguir noticiar determinadas coisas com muita batalha, muita luta, mas a gente conseguia. Quando teve a época das Diretas Já, Tancredo esteve aqui, conheci Tancredo, conheci Ulisses Guimarães e... Eu acho que isso foi um ponto positivo, da gente estar naquela luta. Outra coisa também foi quando teve a... Eles falam divisão.... Eu nunca falei divisão. Eu falo a criação de um novo estado, que é o Mato Grosso do Sul. Eu vivi essa época também, participei, e mais assim do lado cultural, né? Eu fui um dos primeiros a tocar os valores aqui da terra em rádio. Fui o primeiro. Posso me orgulhar disso. Fui o primeiro a batalhar, brigar, para tocar. Tocava em fita, fita cassete, fita de rolo, quando o Grupo Acaba, Almir Sater, nem tinham lançado disco ainda.

Mas com base nessas experiências, em tudo isso que você disse, consegue elencar pontos positivos?

Não.

Seria, em resumo, a experiência de ter vivido esses momentos históricos que te preparou para ser o jornalista que hoje você é?

É,é.

E os pontos negativos da sua geração?

Ai, que pergunta difícil. Pontos negativos...

Ou se teve positivos?

Não sei dizer, Elvis, nunca pensei nisso não.

Sobre os pontos negativos?

Não.

E quais os pontos positivos da nova geração de jornalistas?

Os positivos... Eles chegam cheio de gás, né? Começa por aí. Eu gosto de conviver com a juventude, muito mais do que com as pessoas da minha geração. Gosto de estar com os jovens. Eu gosto desse sangue novo, desse frescor da juventude. É legal. E eles chegam com vontade de mostrar serviço. Isso é legal.

É um ponto positivo?
É.
Consegue ver outros?
Não. Vamos aos negativos.
Antes dos negativos, deixa eu complementar o que você disse: você gosta de conviver mais com essa geração por que?
É o que eu te disse. É o frescor da juventude.
Mas a sua geração não tem?
Não. A minha geração teve. Hoje em dia, vamos supor, as pessoas com quem eu estudei, eu encontro, eu olho... Gente... Barrigudo, careca... O cara casou e não se cuidou mais. Eu acho que isso.... Só porque você está velho vai ficar barrigudo, gordo, não vai se cuidar?
Isso seria um dos pontos negativos que você não soube falar antes?
É.
Mas isso no campo pessoal... E no campo profissional?
Por exemplo: a pessoa vai para o trabalho barbuda, três dias sem fazer barba, uma camiseta do time preferido dele, de sandália de dedo. A pessoa não se cuida. Eu acho isso horrível. Não é porque você está no seu trabalho que você tem que estar... Eu tenho uma amiga que ela não vai supermercado da esquina da casa dela de sandália de dedo porque ela é solteira e fala: "Vai que encontro meu príncipe encantado de sandália de dedo?" Eu falo: "Você está certa!".
Isso seria então um dos pontos negativos da sua geração?
É, é.
Agora que você elencou, consegue pensar em mais algum?
Não.
Seria esse cuidado com a aparência, como marketing pessoal?
É, é.
Seria um fator negativo?
É, é.
Outros você não consegue ver?
Não.
E quais os pontos negativos da nova geração?
Eu já disse isso. Acho que é a falta de leitura, de conhecimento. Eu sou um cara que eu cobro, mas sou muito justo também. Por exemplo, vamos supor: um repórter começou aqui, novidade, tá na rua... Eu digo sempre assim: A pessoa que te dá uma entrevista, para TV, ela quer se ver na TV com o nome dela: "Maria dos Santos Flores, advogada, ou doméstica ou secretária". Ela quer a profissão dela. Se tem uma coisa que me acontece muito, todo ano, começo de aulas, "vamos fazer matéria sobre... O ProncoN divulgou a pesquisa de material escolar, vamos fazer matéria", aí me chega o repórter aqui com: "Dona Isa é a mãe da Estéfane. A dona Isa está procurando material para filha". Bom, já ficou implícito que a dona Isa é a mãe da Estéfane". Aí vem o repórter e coloca lá: "Dona Isa Flores, mãe da Estéfane". No crédito! Aí eu fico puto, porque a dona da Isa ela pode ser... Já ficou implícito que ela é mãe da menina, aí vem e coloca "mãe da Estéfane". Ela pode ser secretária, ela pode ser advogada, ela pode ser psicóloga. Ela tem uma profissão! Já falei que o dia que me entrevistarem na TV e colocar "morador da Coophasul" eu dou uma facada. Eu sou jornalista, caralho. E tem muito disso, Elvis. E eu cobro muito. O cara é mutuário. Ele recebe a casa do "sua casa, sua vida", aí vem lá: "Elvis da Silva, mutuário". Pô, ele pode se pedreiro, mecânico. Tudo bem, a condição dele pode ser de mutuário, mas o

cara tem uma profissão e o cara quer ver na TV. Quantas vezes já entrou crédito errado aqui e a pessoa já ligou aqui falando? Não passou pela minha mão, mas já aconteceu isso.
Isso é um dos fatores negativos?
Negativos.
Quais são os outros dessa nova geração?
Falta de informação e leitura. Falta ler mais, ser informado e, gente, tem muitas perguntas idiotas, que sabe? Nem precisa perguntar, porque sabem que vou responder mesmo com malcriação. Mas assim... mesmo eu sendo como eu sou, assim, transparente e tal, quando eles passam a conhecer e trabalhar comigo no dia a dia, fazem questão de chegar da rua e me dar o texto: "Ciro, dá uma olhada pra mim". Cleto Kipper foi um deles, que passou por mim. O menino vinha aqui, chegava com um texto.... Ele não gravava antes de eu ler. Quer dizer... Devo ter algum valor, né?
Claro. Consegue enxergar mais alguma desvantagem nessa geração? Algum ponto negativo? Você que é um profissional experiente e acompanhou gerações.... O que considera como algo negativo?
Eu falei falta de informação, né? Vamos supor: o estagiário está fazendo uma pauta. Eu acho que a pauta é essencial. O repórter vai pegar e vai estar todas as informações: Quando, como, por que, dia, hora, você vai entrevistar tal... Quando eu pego uma pauta que está assim: "Entrevista Elvis". Pô, quem é Elvis? Isso pautas que estou dizendo, aquelas pautas que a gente programa. Uma das coisas que eu não falei para você e que eu gosto na minha profissão, é que não tem rotina. Falei agora do caderno de pauta e lembrei. A gente programa para o dia seguinte, mas eu posso chegar aqui e aquela matéria que estava para às 7h cair porque teve um incêndio no presídio ou teve uma rebelião no presídio. Aquilo não estava programado, porque a notícia ela está acontecendo o tempo inteiro. Então é isso que eu gosto também. Não tenho rotina.
Você falou da falta de informação e leitura como ponto negativo. E técnica?
Não. Técnica você não tem nenhuma no início, né? Vai aprendendo aos poucos. E cada um vai se sobressaindo... Tem gente que se sobressai fazendo polícia, outro se sobressai fazendo esporte, outra cultura... Cada um tem uma....
Habilidade?
É. Tem uns que não se sobressaem em lugar nenhum, vai para lugar nenhum.
Ciro, existem conflitos de gerações entre jornalistas?
Eu nunca tive, com sinceridade. Nunca tive nenhum conflito.
Mas você acredita que existe?
Eu nunca notei também. Nunca assim... Eu não sei se é porque eu não paro para observar essas coisas também, não me interessa, então... Se você me perguntar, não agora, não aqui: Existe estrelismo?
Existe?
Na TV Morena muito. Só tem estrela.
Na profissão, no geral?
Ah, é muito. No geral sim. Tem algumas pessoas que se acham, sabe? E não é essa última bolachinha do pacote, não é nada disso. Nós somos seres humanos, Elvis. Não tem que ficar com essa... E televisão, principalmente em televisão, você pode fazer o melhor trabalho, foi para o ar acabou, cara, amanhã é outro dia. Antes de você ficar na ilusão: "Ai, eu fiz aquele VT, ficou maravilhoso". Foi para o ar, meu filho, acabou.
Então, na sua avaliação, não existe conflito de gerações, mas existe estrelismo?
Não. Estrelismo muito.
Em geral, dos veteranos ou dos novatos?

Todos. Em geral, de todos. Tem novato que chega achando que sabe tudo. Já chega no salto.

E veteranos?

Veteranos também se acham.

Ciro, você quer fazer alguma consideração, completar alguma coisa sobre esse tema: conflito de gerações... Gerações no jornalismo?

Não, acho que é isso mesmo. A única coisa que eu quero dizer para você é que quero continuar trabalhando e não quero me aposentar. Como dizia é.... Acho que era Frank Sinatra... Eu quero morrer no palco, sabe? Se estou bem de saúde, fisicamente, mentalmente, para que que eu vou ficar em casa sem fazer porra nenhuma? Se estou sendo útil ainda? Em quando me quiserem estou aqui.

Entrevistado: Walter Gonçalves

Data: 17/04/2018 | **Duração:** 02:43:29

Veículo representado: Impresso **| Geração representada:** *Baby Boom*

Perfil resumido

Nome completo: Walter Gonçalves Filho
Idade: 67 anos
Data de nascimento: 14/11/1950
Local de trabalho: Revista Mood Life (último emprego) – Sem vínculo atual.
Função: Repórter/Jornalista Sênior (último cargo)
Formação: Jornalismo (Cásper Líbero/1976)
Tempo de carreira no jornalismo: 45 anos

Perfil completo

Qual seu nome completo?
Walter Gonçalves Filho.
Qual a sua idade?
67
Data de nascimento?
14/11/1950
Qual o seu local de trabalho? Está trabalhando atualmente?
Eu tenho esse projeto - Aqui Campo Grande - Seu bairro uma grande cidade. É como a gente trata os bairros. Como uma cidade.
Um projeto autoral, né?
É. Somos em três.
É uma revista? Um guia comercial?
Uma revista, revista, e um guia, né? Ao mesmo tempo. Uma revista jornalística e um guia.
Mas você está trabalhando com isso há quanto tempo?
O projeto começou no ano passado e saiu em fevereiro agora. E aí... Mas eu dou consultoria também, né? Por exemplo: agora, no Carnaval, fui assessor de imprensa do Cordão Valu.
Conheço.
Fiz toda a assessoria. Eles não tinham, nunca tiveram, sabe? Organizar a coisa. É o mais tradicional da cidade e eu fiz desde o aniversário que tem no bar lá, no clube cidade, eu fiz a assessoria desde dezembro e fui até o carnaval.
Bacana. Mas trabalhando com isso aqui é desde o ano passado. Lembra o mês do ano passado?
Ah, nós começamos.... Pera lá... Acho que foi em junho, cara.
Aí você está ocupando o cargo de diretor dessa publicação?
É. Aí eu, o Oscar e mais um colega, o Emerson, ele é o website, o designer. Ele que mexe com a parte gráfica tudo, o Emerson, que ele era do, do estado também. Então tão nós três...
Mas que funções vocês ocupam?
Eu e o Oscar nós somos diretor e editor
Como o Oscar Rocha.
Oscar Rocha.
Depois nós retomamos sobre o último emprego mesmo, né? É... Qual sua formação?

Acadêmica... Eu fiz jornalismo na Cásper Líbero em São Paulo. Em 1976 formei.
São quanto tempo de carreira?
45
Quarenta e cinco anos. Sabe me dizer, consegue lembrar em quantas empresas você trabalhou esse tempo todo e quais foram elas? Por que vou tentar traçar uma linha cronológica.
Nossa senhora! Comecei. Bom, comecei no interior, na minha terra, em Assis, no Estado de São Paulo, na rádio Difusora.
Isso foi quando?
Isso em 1973.
Ficou lá até?
Ah, fiquei um ano, porque em 74 eu passei no vestibular e já fui para São Paulo fazer a faculdade.
Ah, começou a trabalhar antes mesmo de fazer a faculdade?
Comecei antes, comecei antes.
Saiu porque passou no vestibular?
Isso. No vestibular em São Paulo e fui para lá.
E na Rádio Difusora qual era o seu cargo?
Eu era repórter.
De alguma editoria específica?
Não, não, geral, é geral.
Aí de 74 até...
Fiquei estudando e trabalhando. Trabalhei na Gazeta Esportiva
Entrou quando?
A Gazeta foi em 76
Enquanto estava estudando ainda...
Enquanto estava estudando.
E qual era a função? Estagiário?
Era repórter, repórter.
Também no geral?
Não. Era no esporte.
Ah, lá era esporte.
Futebol. É.
E ficou lá até quando?
Fiquei uns dois anos.
De 76 a 78 mais ou menos...
É, é.
Foi quando formou?
Não. Em 76 eu formei. Deixa eu corrigir. Aqui fiquei um ano, até o começo de 77, desculpe. Setenta e sete. Porque era o seguinte: aí era a ditadura e eu e dois amigos jornalistas, de Assis também, fazíamos faculdade juntos. Na época, você deve ter lido, tinha os jornais nanicos
Sim....
A imprensa alternativa que combatia a Ditadura. Nós fundamos um em Assis.
Qual era o nome?
Assim!
Assim?

É. Em 77. Aí eu fui mesmo morando em São Paulo, fui em Assis para cuidar e eles viajavam toda semana pra gente fazer as matérias... Mas imprimia em São Paulo, nos Diários Associados. Antes do jornal eu trabalhei também... Não, cronologicamente é isso mesmo. É isso. O Assim.

Mas paralelamente à carreira na Gazeta?

Não. Eu sai, eu sai.

No início de 77 foi fundar esse jornal?

É. Só que como era Ditadura, a gente praticamente tirava dinheiro do bolso, todo mundo tinha medo da... Alguns abnegados patrocinaram, mas durou cinco números, mas que mexeu assim com a cidade, aí eu fui para a Folha de Londrina.

Isso foi em 77 ainda?

Setenta e oito. Terminou 77... 78 eu fui para a Folha de Londrina.

Mas foi porque acabou esse jornal?

Acabou. Fui para lá porque acabou.

E foi como repórter para a Folha de Londrina?

Folha de Londrina como repórter. Aí fiquei até mais ou menos 79 lá, aí voltei para São Paulo, fui trabalhar nos Diários Associais. No Diário de São Paulo e Diário da Noite.

Em 79 ou 80 já?

Em 79, início de 80. Diário de São Paulo e Diário da Noite, porque você escrevia para um e escrevia com cópia para o outro. No caso, o Diário de São Paulo eu era da editoria de esportes e as minhas matérias iam para a editoria de esporte do Diário da Noite, mas o Diário naquela época já estava assim... No caso dele, no caso. Com aquela crise o Diário fechou tudo. O Diário entrou em uma crise financeira e fechou. Quer dizer.... Era a TV Tupi, canal 4, Silvio Santos comprou tudo. Era tudo do Diários Associados, do famoso lá. Aí quer dizer... Hoje praticamente não existe mais. Algum veículo ou outro que ainda é da, dos Diários Associados, o resto.. Aí fechou, fechou.

Fechou quando?

Fechou. Pouco após a greve de 79 dos jornalistas, que eu participei.

Ah, então foi pouco tempo que você ficou.

Foi, foi três meses, porque aí fechou. Eles aproveitaram a greve, porque "os jornalistas são maus".... Nós perdemos a greve, né? Então aí mandaram um monte de jornalistas para rua. Eles aproveitaram e fecharam, fecharam, aí eu para O Globo. O Globo tinha sucursal em São Paulo. Esporte também.

Como repórter?

Como repórter.

Ficou até quanto?

Fiquei até 81, porque é o seguinte: Como, por causa da greve, O Globo não foi, porque a gente dá até graças Deus, porque o Globo abriu espaço para aquele monte de gente assim... Demitido. Os editores da editoria de esporte começaram a dar freelancer. Como O Globo não tinha muito repórter, eles davam freelancer. Eu peguei vários freelances, para fazer automobilismo, fazer basquete, vôlei, até que um dia eles me chamaram para dentro, aí comecei a ser freelance fixo, como se fosse um contratado, funcionário. Cumpria plantão, ficava na porta, normal. Acho que foi a fase que melhor ganhei na minha vida em termos salariais naquela época, mas aquela situação era insustentável, né? Aí eles acabaram com aquilo e aí eu fui para a rádio Excelsior, que hoje é CBN, entendeu? Era Heródoto Barbero, Isidro Barione, tal. Isso foi em 81

Logo após sair?

Logo após sair.

Mas foi porque recebeu uma proposta melhor?
Não, porque eles, O Globo começou... Quem não era contratado eles não, não renovaram, mas pagaram tudo tal, como se fossem funcionários. Era eu... Só na editoria era em três ali que não era contratado, então aí fui para a Rádio Globo, Rádio Excelsior, que a Rádio Globo e Excelsior, né? A Globo é mais povão, a gente entrava na Rádio Excelsior que era jornalístico e entrava na Globo também, com matéria mais popular. Fiquei 8 anos, de 81 a 89, foi quando a gente fez uma greve lá. Parou tudo. Não entrou uma informação no ar.
E lá você ocupou quais funções?
Sempre repórter, mas aí eu cobri, eu fiz geral, mas muito mais política, porque aí eu cobri Assembleia, Câmara, Prefeitura, Governo, os partidos em geral... Política em geral. Eu cobri toda aquela fase de luta pela redemocratização... Diretas Já, eleição do Tancredo...Tudo isso. Toda essa história recente eu cobri tudo como jornalista, desde a Ditadura até aí a redemocratização, a morte do Tancredo, depois a primeira eleição para governador, primeira eleição para prefeito das capitais, primeira eleição para presidente, e assim também foi.
E lá você trabalhou com grandes nomes do jornalismo também, né?
Tudo, tudo.
Consegue lembrar alguns? Você falou do Heródoto Barbero.
Heródoto Barbero, Izidro Barione. Na rádio, né? Mas eu cobrir assim, as mesmas pautas, com grandes nomes do jornalismo, né? Que hoje ainda estão na ativa, né? Alguns ja pararam, estão em assessoria, mas alguns ainda estão. É... O que tem um blog agora, um dos melhores jornalistas... Que foi assessor do... Ricardo Kotcho. Hoje ele tem um blog. Então, Ricardo Kotch, o... Esse menino que faz profissão repórter, o....
Caco Barcelos?
Caco Barcelos. A gente cobria junto as mesmas coisas, então esses grandes jornalistas eu trabalhei tudo junto.
Aí saiu em 89, fez a grave, não entrou nenhuma notícia...
Aí eles esperaram... Aí nós voltamos.
Essa greve durou quanto tempo?
Nove dias, aí teve a audiência de conciliação no Tribunal do Trabalho, aí houve o acordo tal, tal, tal, voltamos... Aí eles esperaram 3 meses e aí mandou todo mundo embora.
E greve foi motivada pelo que? Melhorias salariais?
É. Melhorias salariais. Aí eu fui para Rádio Record.
Em que ano?
Oitenta e nove.
Estava nascendo.
É mesmo, cara? Pô, eu tô velho mesmo.
Olha o tanto de história... É... Rádio Record....
Rádio Record.
Como repórter também?
Como repórter. E lá também eu trabalhei na TV Recordo também como produtor de link... Era chamado, eles chamavam. Já fiz em eleição, né? Produtor de link.
E ficou lá quanto tempo?
Fiquei três anos lá, até 93.
Mas saiu por que?
A Rádio Record é o seguinte: ela não é uma rádio jornalística, embora eu trabalhasse para o jornalismo, mas a rádio é povão e, porque hoje, mesmo as rádio popularescas, elas pedem jornalistas. Naquela época aqueles apresentadores eles não gostavam muito de jornalismo

não. Então pra mim não me satisfazia. Você sai de uma rádio CBN, que era jornalismo online, eu entrava a toda hora no ar, entendeu... E vai lá para a Rádio Record... Eu não ganhava mal, mas você não tinha espaço. Era muito pouco. Começava a fazer matéria e o apresentador: "Ah, tá bom". Cortava... Essas coisas.

Mas não foi por conta da programação comercial deles?

Não. O espaço de jornalismo, para o jornalismo era pouco. Não me satisfez. Aí eu e uns amigos nós abrimos uma agência e, como estava mudança de presidente, é... Nós tínhamos aberto uma agência, aliás, já existia. Um amigo tinha, nós nos associamos a ele e começamos a produzir produtos jornalísticos, né? Tipo assim, um shopping no rádio, por exemplo. Nós vendemos para um shopping atacadista boletins diários, dois boletins diários, de quatro minutos cada um, para onze emissora do interior. O que era? Era, não era uma coisa comercial só, né? Era patrocinado, falava tudo lá do shopping lá, as ofertas, tal, tal tal, mas a gente punha informação, cultura e lazer para o sacoleiro que vinha do interior fazer compra no Brás. Então... "Você que vai a São Paulo, está tendo show assim...."

Era uma agência de notícias?

É, é, de projetos. Aí teve a Copa de 94, como eu havia trabalhado na Recordo e um dos meus sócios também era da Record, da parte de esporte, o Osmar, nós contratamos o repórter da Record que estava lá acompanhando a Sessão Brasileira, passamos um cachê para ele. Ele passava três boletins diários da Seleção Brasileira para nós e nós repassávamos para essas 11 emissoras e conseguimos vender, patrocinar esse boletim.

E durou quanto tempo? Foi em 93, né?

É, é, mas aí que está. É, é, como estava mudança de governo, entrando Fernando Henrique, a coisa começou a virar supérfluo, aí o cara começa a segurar verba de contratação, então começamos a ter dificuldade de colocar no mercado, mas aí, nesse meio tempo, uns amigos meus abriram um jornal em Presidente Prudente, o Oeste Notícias. Em 1995.

Voltando um pouquinho. Qual era o nome dessa agência? Lembra?

CT Comunicações. Mas foi legal, porque durou pouco, mas fizemos um trabalho muito bacana.

Mas lá você ocupou que cargo?

Ah, nós éramos os donos, né? Diretores. Diretores e editores.

E aí em 1995 o jornal....

Oeste Notícia. Presidente Prudente. Me convidaram. Eu fui para lá, como editor de esporte, aí foi meu primeiro cargo executivo na carreira. Editor de área. Editor de esporte. Fiquei 5 anos lá. Mas lá subi a chefe de reportagem e a editor chefe.

Então ficou até 2000.

Até 2000. Aí recebi um convite, coisa que nunca esperava na minha vida... Você vai vendo aí que o jornalismo é cigano. Inclusive em Prudente nasceu minha filha caçula lá. Aí é.... Fui para Cuiabá, na Folha do Estado. Fui como editor adjunto do editor chefe. Aí na sequência ele saiu e eu virei o editor chefe. E aí, sabe o Brandão que mataram lá? Quase que eu vou também. Mas aí ele morreu e assumiu a mulher dele, mas eu queria mesmo era voltar para São Paulo. Aí o Wilson Marini, que é um jornalista conhecido aqui do interior de São Paulo... O Wilson Marini me chamou para assumir a chefia de reportagem lá no Folha da Região, em Araçatuba.

Em que ano?

2001.

Ficou um ano então lá na Folha do Estado.

Um, porque aí morreu o coisa e aí e como ele chamou eu falei: “Ah, eu vou”. Não conhecia ninguém lá, sabe? Gente muito boa, tudo, mas eu não tinha relação nenhuma lá em Cuiabá.

Eu falei: Bom, morreu o cara, a mulher está meio perdida e ela quis botar... Eu falei: Olha, você fica à vontade, pra botar quem você quiser da sua confiança. Falei: Eu não tenho problema. Aí naquele meio tempo o Marini me ligou e eu falei: Vou lá.
Como editor?
Como chefe de reportagem.
Ah, então a partir de 95 já começou sua carreira como...
Todos os cargos executivos. É. Aí como eu tenho experiência de rádio, né? Os donos sempre quiseram ter uma rádio.... Da Folha da Região. Aí montaram, conseguiram... Eles não conseguiram concessão, mas arrendaram uma rádio de um cara. Então aí como eu tinha experiência eles me convidaram. Eu montei a equipe, a programação jornalística, filei a Jovem Pan, entendeu? Então eu usava o material da Jovem Pan e minha própria equipe, o nosso conteúdo, conteúdo local, né? Enfim...E eu o diretor de jornalismo e o âncora do jornal local.
Como era o nome da rádio?
Rádio Tietê, que é o rio lá, né? O Tietê.
E foi até quando?
Isso foi até....
Mas paralelamente ainda fica...
Não. Ainda estava nos dois. Chefe de reportagem da folha e.... Entendeu? Aí...
Isso foi em 2001, né?
2001, 2001.... Fiquei lá até 2004.
A rádio foi fundada em 2001?
A rádio não. A rádio foi mais ou menos em 2003. 2003. Aí eu recebi um convite daqui.
De Campo Grande?
Através do Marini mesmo. Eles falaram, perguntaram, pediram para o Marini e o Marini: "Você quer ir pra lá?" Para assumir como editor-executivo aqui, do jornal.... Estado. O Estado MS.
Em 2004 mesmo?
2004. Cheguei aqui no dia 19 de agosto de 2004 e já comecei a trabalhar.
Editor executivo, né?
Que é equivalente ao editor chefe, né? E editor de política, né? Aí fiquei seis anos e meio.
Então saiu em 2010?
Final de 2010. Dois mil e onze assumi lá no Correio.
Saiu porque recebeu proposta melhor do Correio?
Recebi. É o seguinte... Eu estava em uma situação no Estado. Eu estava na tranquilidade. Eu estaria lá até hoje eu acho, entendeu. Primeiro que os donos gostavam do meu trabalho, tinham confiança em mim, então o diretor, que era o Alexandre, acabou morrendo... Então eu estava numa situação confortável, né? Zona de conforto a palavra...Zona de conforto.... Sei anos e meio, aí recebi o convite para assumir o Correio, aí inclusive, o Estado, o Alexandre... Quando eu falei foi um choque... Ele aumentou meu salário tudo. Eu falei: "Não é questão de grana. É questão profissional. Eu quero esse desafio. É o mais antigo jornal do estado, é o mais, entendeu? Eu quero ir". Eu podia... Ele ia subir meu salário, aumentar meu salário, podia estar lá até hoje, mas eu quis.
Satisfação pessoal mesmo?
É. Eu não tenho medo de desafio não, viu? Então aí fui para lá, mas lá o Antônio João é difícil.
Lá como editor-chefe?

Editor chefe. Lá que estava o Oscar, da editoria do Caderno B, a Cristina Medeiros, então eu chefiei todos eles. Aí quando eu saí de lá, foi em 2013, aí fui para a TV MS Record como produtor só que aí...

E por que saiu do Correio?

O Correio é seguinte: O Antônio João mandou, na mesma época junto, apertou a economia lá, mandou todos os altos salários, que ele considerava alto salário, né? Então foi eu, foi o Arlindo, foi o Ordonei, que era o mais velho, tinha 38 anos de Correio. A vida dele era o Correio. Mandou todo mundo. Todos os que ele considerava salário alto, então, aí eu fui para a TV, mas TV é muito baixo o salário, muito baixo. Muito legal lá, gostei de trabalhar, mas inviável em termos salariais.

E você ficou quanto tempo na TV?

Ah, dois anos e meio, até 2015. Mas o que eu fiz? Estava lá ainda e comecei a fazer um freela para a Mood Life. Eu fazia duas matérias, duas editorias lá, de política e uma de negócio. Eu fazia matéria, eles me pautavam, eu fazia matéria, entregava, me pagavam. Mas eu gostei muito de lá e a dona Marta Albuquerque, que tinha comprado a revista... Porque eu comecei na Mood Life antes, bem antes, eu fazia uma coluna de política lá, no tempo que era de uma agência, que vendeu a revista para a dona Marta Albuquerque. Eu já fazia uma coluna lá. Depois, como eles venderam, aí uma repórter que tinha trabalhado no tempo dessa agência, a Clarice, ela foi minha repórter no O Estado, ela já havia me indicado para fazer essa coluna, depois indicou... Aí eu fui lá, conheci a dona Marta, o irmão dela, o Ordilei que é o editor, e comecei a fazer free e gostei muito. E eles fizeram uma contraproposta. Eu falei: "Ó, eu quero ganhar tanto"... Aí contrataram.

Isso foi quando? 2015? Já tinha saído na Record.

2015. Não, ainda estava, aí eu cheguei na Ellen e falei: "Ellen, estou indo embora. Ah.... É um projeto que ainda não fiz, praticamente fiz poucas revistas e eu quero mais essa experiência. Aqui eu já estou.... Além do que, o salário é... Lá na Record é o seguinte: Você entra ganhando X, passa 20 anos e você está ganhando o mesmo X. O cara não dá aumento de categoria, lá não existe isso. Uma eu falei... Mas chegou maio, que... O mês de maio é a data base, como é em São Paulo também, falei: "Mas não vai ter?" "Não, aqui ele não dá. Nunca? Nunca. E vocês ficam quietinho?" Porque eu fui diretor de sindicato de jornalistas profissionais em São Paulo. Aí eu liguei para o sindicato aqui, o Geraldo era presidente, e eu falei: "Geraldo, vem cá, como é que a casa não dá aumento?" "Ah, Walter, mas ninguém aí é filiado". Aí eu falei: "Gente, a gente precisa se filiar". Porque o cara entra lá ganhando mil e quinhentos e ele morre ganhando mil e quinhentos se ele ficar lá, então isso não dá nem para mim... Minha vida... Aí fui para a Mood.

Com que cargo lá? Editor-chefe também?

Não, não, lá como jornalista sênior.

Ah, já mudou a nomenclatura.

É, é... É o mais experiente, digamos assim. Sênior é...

Mas na prática?

Não. O editor é o Ordilei, o editor-chefe, eu fui como repórter, mas como jornalista sênior na carteira. Jornalista sênior fazendo reportagem, mas quer dizer... Era o mais experiente, então quer dizer... eu peguei... Eu não fazia só política. Fazia política, cultura, negócios, fazia o caderno... Tinha um caderno do interior, o mundinho, eu que fazia.

E lá você ficou por quanto tempo?

Olha, lá fechou em acho que no começo de 2017, porque o seguinte... o que é que aconteceu lá? Eles quiseram virar um grupo de comunicação da noite para o dia e você não vira... Para pegar verba do governo, essas coisas. Aí eles chegaram em mim e falaram:

Walter, precisamos de uma rádio. Pois não. Vou atrás. Fui atrás de rádio. Aí não, não, antes da rádio tem que ter um jornal, um jornal impresso... Aí eu, às pressas, criei um jornal semanário, contratei funcionário, repórter, editor, eu ia ser o editor-chefe. Isso foi no final de 2016, aí porque.... ia virar a revista, o jornal, fiz um portal, uma TV, contrataram uma TV da Net, canal 24, sabe? A gente mudou de sede, alugou às pressas uma sede maior para pôr todo mundo lá... Contratei repórter, editor.... Aí ia chamar... O jornal ia chamar a Gazeta Mood, ia ser semanal. Montei a linha do jornal. Só que aí, bicho, quando tudo certo, ia estrear, quebrou. Quebrou. Total. Quase não puderam pagar nossa rescisão. O que eles fizeram... Venderam a revista para um outro grupo, que hoje chama Mood Conceito, tem a TV Mood Conceito também, TV Conceito e aí que eles pagaram, mas nesse ínterim... E estava muito legal, viajei bastante... Fui... Fiz muita fonte, sabe? Fui para Três Lagoas, Dourados, Ponta Porã, Pedro Juan. Eu tinha fonte de Pedro Juan, tudo, né? Ligava para todo mundo, pegava assunto legal para a revista. Eu fiz uma... Eu estava muito bem. Aí quebraram, quebraram mesmo. A própria dona, quase que ela fica na miséria. É. Hoje ela vive de venda de um pedágio de uma fazenda. Quebrou mesmo. E é uma tremenda de uma mulher. Lutadora mesmo. Gosto mesmo. Mas quebraram bonito. Nunca senti tanto como senti, porque eu gostava muito de lá, sabe? O ambiente...
Nesse interim saiu a minha aposentadoria. Falei: Bom, agora estou cercado, né? Tenho aposentadoria. Agora chega de dia a dia, chefa de ir trabalhar no dia a dia. Agora vou fazer projeto meu. Não quero mais. Deixa para os mais novos, vai correr atrás, sabe? Por que eu, tanto no Correio como no Estado, eu entrava as sete da manhã... No Estado, por exemplo, entrava as sete da manhã e saia as onze, dez da noite. Eu abria e fechava. O Correio a mesma coisa, entendeu? Então nunca... Os mais jovens não aguentavam, pedia demissão... "O, Walter, não sei como você aguenta...." Quando você gosta do que faz... Eu vivi o tempo todo dentro de redação, entendeu? Aqui, por exemplo, quase não enfiava o nariz fora. Era o dia inteiro dentro de redação?
Da TV Record?
Não. No O Estado. No Correio. O dia inteirinho. Na Mood também o dia inteiro.
Depois que saiu a aposentadoria então você foi se dedicar aos projetos pessoais?
É, aí projetos pessoais. Tentaram, por exemplo, a Ellen me chamou na eleição passada para prefeito. Eu fiz um freela lá. Ela me chama pra comandar... Por que tem lá uma roda de candidatos, então comandei aquilo... Levantar as informações, convidar os candidatos, amarrar o debate, né? Levantar todas as informações para apresentadora, né? Fazer o... Aí o Valu me chamou. Não sei... Esse ano de repente a Ellen me chama de novo na eleição. Então pinta assim e eu vou, mas eu estou nesse projeto meu, pessoal, agora chega de dia a dia.
Olha, é história viu? E essa é só a primeira parte. Agora vamos falar um pouco dos seus valores profissionais.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
Primeiro que eu me sinto privilegiado, porque desde pequeno que eu quero ser jornalista. Eu sei que o jovem hoje tem dificuldade quando chega no ensino médio, em saber o que vai fazer, que faculdade e tal. Às vezes tem que fazer aquele exame... para ver qual é...
Teste vocacional?
Vocaciona, né? Eu, graças a deus, sempre soube o que queria, então fui trabalhar, fazer a faculdade e trabalhar naquilo que eu sempre quis, então eu sempre me dediquei e felizmente dei sorte, porque trabalhei praticamente em todos os veículos. Só online que fiz

pouquinho. Esse eu fiz pouco e também não me atraiu muito não, sabe? Mas todos eles... E galguei dentro do jornalismo todos os cargos que o jornalista... De repórter a editor chefe, passando por pauteiro, chefe de reportagem, por adjunto, por editor de área. Editorias eu fiz eu praticamente quase todas... Economia, esportes, tal, então experimentei todos os cargos dentro do jornalismo, então gosto, sempre fui rato de redação. Sempre gostei de... Eu, é, é, nos últimos anos, desde 1995 para cá eu sempre exerci cargo de chefia, executivo, então eu praticamente eu morava dentro do jornal. E depois passei chefe de reportagem e editor chefe, aí que eu morei mesmo, para acompanhar todo o processo, todo o processo.... Eu poderia pegar e aparecer lá só na hora da reunião da pauta e cobrar, né? Não! Eu participava desde o começo, desde o início do processo da edição, de fazer edição, saída dos repórteres e tal, até o jornal rodar.

Mas o que é se jornalista para você?

É se preocupar com a sociedade. É ajudar as pessoas que não tem voz. Eu sempre digo... Eu era repórter na Excelsior.... Eu era o primeiro repórter que entrava seis horas da manhã e a primeira matéria que eu tinha que fazer era na periferia. Era uma matéria na periferia. Eu entrava na Excelsior e tinha que entrar na Rádio Globo por causa que tinha o povão. Então fiz matéria para a Rádio Globo também, aí depois, as outras, as pautas do dia... Política... Economia... A primeira era a periferia. Meus colegas brincavam comigo: "O Walter Perifa. Já vai para a periferia" e eu falava: "Pois é. Eu tenho orgulho" porque estou dando voz para quem não tem, porque é fácil você entrevistar empresário político... Você faz assim e você resolve... E quem... Povão não dá ibope, não dá audiência, então eu sinto orgulho de poder dar voz a quem não tem. Então é você se indignar com as coisas é... Como que fazem aí... Cada dia sendo oprimido... As pessoas... O desemprego.... Então a imprensa, o, o jornalista tudo bem... Pode ter a ideologia dele, a posição dele, mas ele, antes de qualquer coisa, ele tem que lutar a favor da liberdade, da democracia, né? E dos menos... E lutar pelos menos favorecidos com muitas injustiças... A favor de um progresso, uma justiça social, de igualdade pra todo mundo, de oportunidade para todo mundo. O jornalista tem obrigação, porque é como eu disse: é fácil você falar com empresários, com políticos, mas as questões populares, nós somos o veículo deles, a voz deles. Eu acho que isso é ser jornalista e, lógico, seguir as regras do bom jornalismo, né? Ou seja, ouvir todos os lados do acontecimento, ser plural, né? Ser plural... Não manipular, enfim... Ser verdadeiro. Apurar, apurar, apurar à exaustão a informação, né? Hoje é claro que tem... Oprimido pelo tempo, a correria, mas mesmo assim o jornalista tem que ter o cuidado na apuração e ouvir todos os lados, entendeu? E não ser... Ouvir um lado e não outro, como tem ocorrido hoje, infelizmente.

Porque você decidiu ser jornalista?

Porque desde pequeno eu tive vocação para isso. Eu gostava de escrever, eu gostava de falar na latinha, né? Sempre gostei de rádio, tanto que fiz impresso e rádio, impresso e TV, entendeu? Paralelo. Então foi por isso, por que eu sempre gostei desde pequeno.

Você se sente realizado como jornalista?

Ó, do ponto de vista profissional eu me sinto. Eu acho que... Eu trabalhei nos principais veículos de São Paulo, no interior, de outros Estados. Experiência em outros estados.... Você vê... Fui em ambientes diferentes, né? Cuiabá, Campo Grande, fui em Londrina. Então são... É claro que o jornalismo não muda. É a mesma... Mas o ambiente... Você fica conhecendo, além de pessoas, os costumes, hábitos. Isso enriquece. Estou aqui já há 14 anos. Hoje eu já adotei... Aliás, a cidade me adotou. Eu gosto muito de Campo Grande... Hoje eu... E onde eu vou eu luto pela aquela cidade. É onde eu ganho meu pão, da minha família, ali eu brigo por ela.

Você disse que do ponto de vista profissional se sente realizado, mas por que? Em outra área não? No ponto de vista pessoal...
Sim... Eu só fiz jornalismo, só fui jornalista, não sei fazer nada, nada. Não tenho... Só fiz isso na vida.
Mas se sente realizado?
Sim, me sinto realizado.
Pelas experiências que já passou?
Exatamente.
O que o jornalismo representa na sua vida?
O jornalismo representa... É aonde flui meu lado humano, meu lado... Eu sempre gostei, desde a escola, de ciências sociais. Sempre fui mal em matemática, física... Eu apanhava, né? E é... Onde eu extravaso minha veia humanista, meu lado humanista. E sempre preocupado, sempre questionando, né? E, aliás, o jornalista não pode aceitar tudo, tem que sempre questionar, né? É isso que me faz.
Mas o que o jornalismo representa pra você?
Uma realização pessoal? É. Daquilo que eu sempre quis. O jornalista ele... Mas eu sei... Eu não gosto muito de aparecer. Hoje eu vejo os colegas, sem nenhuma crítica, pelo contrário, acho que tem mais é que fazer, mas eu, por exemplo, eu não vivo falando que sou jornalista. Eu sempre... Eu não quero nunca ser a notícia. Eu quero correr atrás da notícia, mas eu não sou a notícia. Infelizmente hoje tem caso do repórter ele quer ser mais a notícia que o entrevistado. Não. O repórter é repórter. O jornalista tem que ser jornalista, entendeu? Mesmo que você... Você é meu entrevistado, você é meu amigo, mas eu vou te entrevistar... Então mantenha a distância regulamentar. "Aqui agora eu sou jornalista e você é o entrevistado. Não tem o... Ah, é meu amigo. Não", entendeu? Então... Isso, por exemplo, eu aprendi com meus chefes... Eu nunca me esqueço... Eu cobria muito política e o Zé Dirceu, eu tenho amizade com ele, tenho, né? Eu sempre entrevistei, desde o início da carreira dele, quando ele voltou do exílio. E vários jornalistas... Nas entrevistas às vezes eu esquecia, mas é... Aí o Heródoto me chamou a atenção: "Por que essa intimidade?" Falei: "Opa, é verdade, desculpa". E é verdade. Não tem que misturar, está entendendo? Então é deputado ou senhor, então porque senão parece que o cara tá, é intimido, né? Então aí você pode perder até.... Como é que você vai questionar a pessoa. Tem que ser jornalista. Fora do trabalho é outra coisa.
Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?
Eu acho que é... É, se você gosta do que você faz, a empresa que você tiver, você tem que fazer o melhor de você. E se você conseguir ficar mais tempo lá... Fiquei 8 anos na Excelsior, 5 anos na Oeste, enfim... cada... É porque ali estava te satisfazendo, porque problema você vai encontrar em todo veículo. Você não é dono. E é claro que todo dono tem seu interesse, tem a sua linha. Se você for trombar com cada coisa, você nunca vai ficar no seu trabalho, entendeu? Só se for uma coisa que indigne muito, sabe? Aí você tem que cair fora mesmo, mas se dá para você ir levando, engolindo.... A gente engole sapo. Tem que engolir, senão você não para em lugar nenhum, entendeu? A não ser que seja um sapo que não dê para passar, né? Então... Se não você não para em lugar nenhum. Então eu acho que se aquele veículo está te satisfazendo você profissionalmente... Você tem que ficar no mesmo e lutar para melhorar e aquele veículo melhorar também, porque é ali que você está ganhando seu salário e que você está exercendo sua profissão. Se estão te dando oportunidade, você tem mais é que... Foi o caso do O Estado. Eu estava bem no O Estado, mas eu é... Eu não estava insatisfeito. Eu saí porque eu quis um desafio, porque senão estava lá provavelmente até hoje.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?
Bom, ser curioso, né? Questionar sempre. É... Ouvir e ir preparado para uma matéria, ir preparado, você se informar, ler sobre aquilo. Vai preparado para aquela... A não ser que seja uma coisa, né? Estamos aqui, aconteceu um acidente, uma, você tem que ir porque é um factualzão, mas se é uma matéria que é pautada com antecedência, vai preparado para o entrevistado, para você dominar a entrevista, porque aí o entrevistado ele fala: Opa.... Ele não vai te engambelar. E outra, eu sempre por causa da correria, hoje você faz muita matéria por telefone, por e-mail, entrevista por e-mail, mas é uma coisa fria, porque... Primeiro, por exemplo, em uma entrevista por e-mail você não dá para questionar o cara. Se o cara manda uma resposta que ficou meio incompleta ou ele deu pé, manga para outra, ensejar uma outra pergunta, aquela resposta dele... Pô, mas aqui dá para fazer uma... Você não vai fazer porque for por e-mail. Já você, no tête-à-tête, pessoalmente, como estamos fazendo aqui... Você está me entrevistando... De repente você tem mais chance de tirar coisas de mim do que se fizesse uma entrevista por e-mail.
Você falou de dois valores: curiosidade e preparo. Consegue pensar em outros valores indispensáveis?
Sim. Ser plural. Ser fiel ao bom jornalismo. O que é ser fiel ao bom jornalismo? É você apurar, apurar bem a matéria, ouvir todos os lados. Não é pegar ouvir um lado e não ouvir o outro. Ser fiel à informação. Ser fiel à informação. Aconteceu aquilo, você vai retratar aquilo, entendeu? E procurar hoje... Hoje, por exemplo, qual é o grande desafio dos jornais impressos que estão acabando infelizmente? Pra mim eu morro todo dia quando morre um jornal impresso. Foi a minha escola. Então, mais por que? O que eu tentei fazer no Correio... Fiz... Você tem hoje os online. Então você não pode concorrer com online, porque uma notícia feita hoje ela vai ficar o dia inteiro lá no online. Você vai dar a mesma notícia amanhã no jornal? O cara olha e "já li isso". O que você tem que fazer? Não que você vai deixar de fazer, cobrir aquele assunto, mas você vai procurar dar um, dois passos a mais em cima daquela matéria. Então.... Novidade em cima daquela matéria. E isso é apuração, né? Pauta... Os jornais criarem pautas que chamem atenção do leitor, coisa que o online não aí fazer, porque são grandes reportagens... Até porque não tem muito espaço. Eu, por exemplo, materiona no online eu não... Eu lei no jornal, mas materiona em online eu leio, começa a ficar enfadonho... Então é isso. Você tem que ser criterioso nas informações, procurar as melhores informações, aquilo que vai atrair a leitura e um bom lead. Se você fizer um lead xoxo, o cara não vai ser o resto da matéria.
O que é um bom lead na sua concepção?
Aquilo que você consegue botar o principal da matéria na abertura dela. As tradicionais perguntas: quando, quem, onde, tal, né? Mas com informações com substância para que o leitor continue lendo, então o título, o lead, ele vai chamar o leitor para ler a matéria toda, porque senão ele lê o lead e não lê o resto. Então na hora que ele vai construir a matéria, o que é mais importante? Ele está lá com as anotações dele, né? O que é isso aqui? Aí ele elenca: isso aqui é o principal, isso aqui é a segunda informação principal, a terceira, a quarta. Elenca. E aí ele escreve a matéria. Ler, ler a matéria. Eu sempre observei que os repórteres escrevem a matéria, mas não leem. Tem que ler a matéria. Acabou de escrever, leia a matéria, lei uma, duas vezes, leia até de voz alta. Você não lê as matérias de voz alta, porque você pega erro. Porque às vezes você está tão acostumado a escrever determinada palavra e ler, que você escreve errado e lê ela como se estivesse certo, então se você lê em voz alta você tem... Mas isso aí é individual. Eu lia em voz alta, então, leia a matéria para ver se está certinho as informações, tá ali tudo certa, checou direitinho. Liga para fonte de novo: "É isso mesmo?" Eu sei que hoje é apertado, o tempo é curto, a chefia

pedindo, mas o repórter precisa ter... Ele precisa fazer um esforço de fazer uma boa apuração, conferir, para sair com a melhor informação.

Formação acadêmica na área é determinada para qualidade do trabalho jornalístico?

É evidente que a formação acadêmica ajuda. Claro que ajuda. Quanto mais você tiver informação... Mas essa questão entra naquela discussão do... Tem que ter diploma ou não tem. Eu tenho diploma. Sou formado. Mas eu não vejo isso... A necessidade do diploma. Tem grandes jornalistas que não fizeram faculdade de jornalismo e são grandes jornalistas, entendeu? Isso vai da sensibilidade do cara, do dom do cara para aquilo, entende? Então eu acho que a formação acadêmica é você... É importante porque você une o conteúdo, teoria com a prática, o importante... Porque a prática ela é tão importante ou mais, porque é o seguinte... Até os anos 90 aí, depois as faculdades começaram a exigir, tinha vários professores de faculdade de jornalismo que nunca escreveram uma linha de matéria. Nunca enfrentaram... Tiveram em uma redação, então como é que ele vai ensinar jornalismo se ele não tem experiência. Ele vai ensinar é teoria, porque lá na prática é completamente diferente. Não tem... Você não vai pegar... Você se encontra em frente a uma determinada situação que você tem que resolver ali. Como é que vou fazer aqui? Então não adianta você pegar um jornal.... A, o que eu vou fazer? Lá na faculdade diziam assim. Então você tem que é, ali, você tem que trazer informação. Não interessa o jeito que você conseguiu.

Mas a formação acadêmica é determinante para a qualidade do trabalho?

É importante, claro. Determinante para a qualidade? Eu não diria determinante. É importante, mas não é determinante eu acho, porque o cara se não tiver um dom, não saber escrever, não saber colocar as informações corretamente, enfim.... Se ele não souber escrever, não adianta ele ter conteúdo, se ele não sabe botar aquilo na ordem, no texto. Então eu acho importante. Não é determinante. Eu acho importante.

E quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

Ah, eu acho que as teorias, né? Dos grandes comunicadores, estudiosos. Eu, na faculdade, eu peguei alguns e vários dos meus professores eram jornalistas que estavam... Já eram antigos ou que estavam atuando, né? Então eles ensinaram muito. Porque ali inclusive uniu a teoria, com a prática deles. Eles eram de redação, né? Então a teoria é importantíssima, né? Por exemplo... Você... Eu gostava muito de jornalismo interpretativo e tal, né? Então saber unir, você escrever uma matéria colocando os fatos atuais, mas mesclando com literatura, né? Isso evidentemente você não aprende.... Foi na faculdade, né? Lendo. Então, eu tive teoria, jornalismo comparado, interpretativo, eu acho que a faculdade ensinou. Isso é importante. Isso não surgiu na redação. Surgiu na academia, junto com aqueles papas do jornalismo americano, o... A Sangue Frio. A Sangue Frio é... então eu acho que é... Outra coisa: jornalista precisa ler, ler livro, né? Lê jornal. Tem jornalista que não lê jornal. Tem que ler jornal. É.... "mais é que..." Tem que ler jornal ué! Então... Sabe? Hoje... Tem que olhar... Olha os onlines, olha o no online, lê revista, lê jornal, ou lê o noticiário nos online. Tem que acompanhar. E se você for escalado para uma matéria que você está por fora? Você tem que acompanhar, saber um pouco de tudo, está entendendo? E lê livro, lê livro. Ontem mesmo eu fui em uma palestra, do Jessé de Souza, autor do A Elite do Atraso, tremenda de uma palestra. Eu fiquei contente porque vi vários jovens com livros na mão. Compraram livros, vão ler, tomaram que leiam, entendeu? Tem que ler. Literatura, lê sobre jornalismo mesmo. É... Tem que ler, entendeu? Não só os livros de jornalismo, comunicação, mas ler literatura, meu, os grandes mestres da literatura. Então... O Gabriel Garcia Márquez ele falava é... Eu falei para você é... O tête-à-tête. Ele fala isso: "Eu prefiro conversar com o entrevistado, porque aí eu vou arrancar mais coisas dele". Entendeu? Ele

era jornalista. Ele falou: "Oh, falar por telefone é frio. O negócio é ali, olho no olho", que é melhor mesmo. Você tendo um tempo de entrevistar... O cara pergunta: "Você quer como?" "Dá pra gene conversar?" Dá, então eu prefiro. É isso. Tem que ler.

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?

Direito é, mas hoje virou é... Virou uma mercadoria. A notícia é uma mercadoria. É... Mas eu não sou contra ser mercadoria, sabe? Acho que informação você tem.... Senão como os profissionais vão? Mas aliada ao direito da informação. Você... Entendeu? Então é... Essas duas tem de caminhar juntos. Entendeu. Eu estou fazendo essa coisa aqui, se eu pudesse fazer gratuitamente eu fazia. Aliás, ele é distribuído gratuitamente, mas se eu pudesse, eu não consigo fazer ele se tiver que pagar a impressão... Mas eu não consigo tirar do meu bolso, então tem um cara vendendo publicidade, entendeu. Então o problema é como isso é usado, né? Como os veículos usam essa mercadoria, aí que é o lance. Põem a serviço de interesses outros, que não batem com o da sociedade, agora eu acho que é as duas coisas.

A projeção ou reputação de uma empresa é determinante para a escolha do trabalho?

A, geralmente é, né? Todo mundo quer trabalhar em uma grande empresa, uma empresa conhecida, né? Onde você... Geralmente começam numa empresa pequena e você quer subir, você quer é, é... Eu mesmo estava no O Estado e fui para o Correio por que, além do desafio? Porque o Correio é mais antigo, né? É o jornal mais antigo, mais tradicional da cidade, então para o profissional, valor profissional, é importante, sabe? Você sai da faculdade, passar, você ser contrato por um Globo é importante para o profissional, se bem que hoje, felizmente, como a grande mídia, a grande impressa, já não está mais... Hoje o jornal, o jornalismo segmentou por causa da internet. Hoje você pode ter um blog e informar da mesma forma, com a mesma qualidade, né? Você pode ter um online, mas é claro que o cara que está começando acabando... Ou ele começando uma pequena empresa, é natural que ele queira ir para um grande veículo porque ele vai ter outras experiências, experiências mais desafiadoras, vai ter conteúdo com um universo que talvez naquele veículo mais pequeno ele não tinha. De fonte, né? E de profissionais que ele vai aprender. Vão ensinar ele também.

Você está falando de projeção ou reputação?

Projeção. Reputação em que sentido você fala?

Reputação... O que falam da empresa.

Ah, é... É. Não a reputação, se você for pensar nisso, você não trabalha em nenhuma, né? Então... Principalmente hoje, hoje... Mas... Você profissional, você está começando, principalmente você que está começando, você vai trabalhar, mas você vai fazer o seu. A empresa pode ser daquele jeito.... Você não é. Você vai tentar o seu melhor, então vai fazer o seu trabalho, entendeu. Ali... É... De maneira profissional, dentro dos parâmetros, dos seus parâmetros de ética. Se aquilo te aviltar muito, além da conta, além dos seus sapos, dos sapos que você pode engolir, você cai fora, vai procurar outro, entendeu?

E a projeção? O que você pode alcançar com essa empresa, para onde ela pode te levar...

Ah, sim, você tendo no seu currículo que você trabalhou em tal, tal, claro que você tem projeção, porque ali você... Não é só pela força do veículo, pelo nome do veículo, mas pelos profissionais que já trabalhou, né? Pelo alcance que suas matérias teve, tiveram, né? Então é óbvio que isso vai te dar um... É importante.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?
Qualidade de vida? É eu ter acesso... Você fala como cidadão?
Geral. Aham.
É ter acesso à saúde, eu poder dar uma educação melhor para os meus filhos, né? Eu sempre estudei na educação pública, meus filhos também, mas é... Mas eu poder pagar minhas contas em dia, comprar meus livros, poder comprar meus livros, assistir um filme que eu gosto, entendeu? Então é... Eu acho que qualidade é você.... Eu estou aqui em Campo Grande, é uma cidade que tem qualidade. Eu gosto muito. Morei muito tempo em São Paulo, que... Eu gosto daqui. É uma capital, mas é uma capital provinciana, no bom sentido, não é no mal sentido. Então que tem mesmo clima de interior, entendeu? Então qualidade de vida é eu poder conversar com conversar com pessoas, ter amigos, sentar, bater um papo. Eu acho que isso é qualidade de vida. Você ter o seu trabalho e saber que, ao término dele, você poder se encontrar com amigos ou poder ir em algum lugar que você quer ir, enfim, você ter condições para exercer seu trabalho formal a contento para você e aquilo te trazer prazer. Você ter tempo para outras coisas que são prazerosas, entendeu? Então como sentar aqui e conversar com um amigo, por exemplo. Eu acho que isso é qualidade de vida.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
Olha, como o jornalismo diário desde o início é quase um sacerdócio, é diferente... É como... Queira ou não, ela é diferente das outras profissões, né? A gente vive, primeiro oprimido pelo tempo, por chefia. Tem que entrar matéria, por chefia... Pelos interesses do dono. Você tem que ficar, né? Na corda bamba. Você sempre está com aquele estigma de que uma hora vai ter o passaralho, vai passar o passaralho, vai ter demissão. Tem uma crisezinha, pronto, já, né? E... E... Hoje nem tanto, mas no meu tempo, o furo, o medo de você tomar um furo.... Aquela coisa, aquela neura de tomar o furo e tal, então isso também é estressante, sem dúvida que é. É estressante. Diferentemente de outras, lógico, tem outras profissões que até mais, mas o jornalismo está entre aquelas profissões estressantes é, que te, você tem que se dedicar mesmo. Não adianta. Você tem hora para entrar e não tem hora para sair. Pelo menos eu, sabe? Eu fico abismado quando às vezes eu via coleguinha: "Mas acabou o meu horário". Tudo bem. Eu acho que ele tem que ter horário, tem, ninguém... Se trabalhou mais, tem que ganhar hora extra, né? Tem tudo isso. Tem que ter horário, mas o jornalismo tem um negócio... Aconteceu várias vezes de eu estar saindo, botando o pé fora da redação, aconteceu um negócio e eu ter que ser chamado... Num acidente de avião e... Trabalhei o resto do dia, entendeu? Então e... E trabalhei prazerosamente porque o assunto ia engrandecer o meu currículo. Eu sempre quis... Por exemplo: Uma grande cobertura, um grande acontecimento, eu fazia questão de ser escalado, porque aquilo, profissionalmente para você é importante, sabe? Eu tive na história. Eu participei da história, entendeu? Então o jornalismo você tem que... Está ali, daqui a pouco acontece alguma coisa, você trabalha por 5 ou por 7 horas, daqui a pouco você fica até o final do dia. Entrou até as sete da manhã, acaba ficando até as seis da tarde porque precisou, mas isso é do jornalismo. É lógico, repito, tem que ter horário, cumprir horário e, e ninguém é escravo. Se passou tem que ganhar hora extra. O jornalista é aviltado, muito aviltado, mas por outro lado ele não pode é... Abrir mão de ser interessado. Se acontecer alguma coisa, algum assunto que vai engrandecer, que é uma grande pauta que aconteceu ali... Eu lembro que.... Eu estava saindo, eu estava na Excelsior... Eu estava indo embora quando caiu o avião lá em Guarulhos. Eu entrei as seis da manhã, fui até as seis da tarde, mas pô eu fui com... Não chiei nenhum minuto. "Não, não, eu vou". Entendeu? Cobertura da doença do Tancredo,

por exemplo, nós lá no Incor, onde ele ficou internado, eu nem ia mais para rádio. De casa eu já ia para o Incor, porque era meu plantão. Cada um tinha um horário. Então, pra mim, foi uma experiência. Trinta dias que a gente comeu ali é... E aquele medo de tomar furo, sabe? Um ficava vigiando o outro, entendeu. Então nego ia no banheiro e: "Fica com o meu gravador aí. Qualquer coisa você grava pra mim". Entendeu? Mas foi uma tremenda e rica experiência, sabe? Rica experiência, que eu nunca vou esquecer, sabe? As Diretas Já... Então tem coisas, tem situações que o jornalista tem que estar aberto. Ele não pode ser aviltado. Isso nunca. Tem que lutar pelos direitos dele sim. Infelizmente é como Leonardo Sakamoto fala, aquele blogueiro: "Se nós nos víssemos como categoria, a gente não estava engolindo um monte de sapo que está aí". É... Agressão de jornalista... Mas o jornalista ainda se vê meio sei lá... Acho que um artista. Eu não sei. Ele acha que não é trabalhador, mas ele é trabalhador, entendeu? Ele é aviltado, ele é enganado, agora, mas ele não pode perder aquela veia do jornalista atento aos fatos, entendeu? Ele passa, está caminhando, viu um negócio, está fora do horário dele, se ele vê uma puta de um acontecimento ele tem que ligar para a redação: "Ó, está..." Mesmo que não seja ele que o vai cobrir, mas ele avisar: "Ó, se quiser eu estou aqui. Quer que eu faça?" Entendeu? Porque pra ele vai ser muito importante. Não é nem para a empresa, não é nada disso, mas para ele profissionalmente. Você está entendendo? Para ele.

Mas é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

Difícil, difícil, acho que só quando aposenta. É difícil, porque ele sempre está numa situação de estresses, né? Eu já vejo hoje... Os jornalistas mais jovens não são tanto. Não são... Mas a minha geração era muito estressante. Você... o cara vivia aquilo 24 horas.

Você disse que talvez só quando se aposentar. É o seu caso que agora está aposentado?

Eu, eu, lógico que agora eu tenho mais tempo, mas eu sinto falta desse estresse. Eu sinto falta.

Do estresse?

É. Dessa... De você estar... Eu gostava naquilo, de estar em uma redação. É que hoje eu não quero mesmo. Eu já... Mas eu sinto falta.

Mas quando esteve em redação, tinha qualidade de vida?

Não, não tinha essa qualidade de vida não. É... Você trabalha muito. Por exemplo: Eu vivia mais dentro de redação do que fora, né? É... No final de semana, numa folga que eu ia... Então aí eu ia para rua, para o centro, ver pessoas, ver gente. Só vendo os fatos através das pautas que você cobre ou você vai.... Então precisa estar, né? Hoje eu, por exemplo, se estivesse trabalhando em uma redação, eu não poderia assistir à palestra do Jessé, por exemplo, as sete horas da noite. Ia perder, né? Então hoje eu já posso. Mas é realmente estressante é... Por que? Porque a profissão é assim. Você trabalha com notícia. Trabalha com informação, né? Informação acontece toda hora, então não tem... Não é um negócio que você fez aqui.... Que nem esse que eu faço. Eu faço, só faço, o próximo só vai sair daqui dois meses, então eu tenho tempo agora de fazer. No dia a dia não. Eu fiz a pauta de amanhã já tem que começar a pensar na pauta de depois de amanhã, entendeu?

Você falou sobre o jornalismo ser um sacerdócio. É assim que você considera?

Eu considero. É um jargão antigo isso. Eu sempre ouvi dos velhos jornalistas, mas é verdade. É um sacerdócio. Você... O jornalista tem que gostar do que faz. Não é ser... Você ser jornalista para ter uma profissão. Então vai ser outra coisa. Jornalismo você não vai ganhar dinheiro, não vai ficar rico, né? É um negócio que está em você. É você ter compromisso com a sociedade, lutar pela sociedade, principalmente pelos mais oprimidos, então é você estar atento aos maus feitos, denunciar os maus feitos é... Enfim... As mazelas da... Então, por isso é um sacerdócio. Tem que se dedicar mesmo. Tempo. Dedicar sempre.

Até que o ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?
Bom, hoje é determinante eu acho, porque o jornalista tem que pagar as contas também, né? Os antigos jornalistas é... Ganhavam... Trabalhavam mais e ganhavam menos. Viviam sempre endividados e ainda há um pouco disso, né? Mas hoje é determinante. Hoje o cara, se está em um veículo e ele recebe uma proposta de trezentos reais a mais, né? Ele vai... Entendeu? Porque a vida está difícil, né? Economicamente. O cara tem que pagar contas. Se ele é casado, ele tem filho. Ele quer dar uma qualidade de vida melhor para os filhos dele, né? É.... Tem escola para pagar, tem enfim... Carro... Tem... Então é determinante se ele recebe uma proposta salarial melhor ele vai, ele vai, a não ser, aí tem um diferencial. Também não adiante você receber uma boa proposta salarial se as condições de trabalho que vão te oferecer não são legais, aí não, aí não é importante. Às vezes é melhor você permanecer em uma empresa que ganha menos, mas te dá melhor condições de trabalho, do que você ganhar mais e não ter condições de trabalho.
A remuneração que você recebia no último emprego era satisfatória para atender suas necessidades?
Ah, o salário?
Isso.
Olha, não era aquilo que eu gostaria, que eu ganhava no Correio, por exemplo, mas já era dentro de um patamar que dava pra mim sobreviver, diferente da TV, que aí não dava mesmo, então ai não tem jeito. Você sai de um patamar assim e vai lá embaixo, entendeu? É.. No Correio eu ganhava uns seis mil reais e aí fui para outro ganhando mil e quinhentos... Aí não! E outra: se eu fosse um principiante... Você está começando? Pega o piso salarial, né? Eu não posso ganhar o piso mais! Mesmo que financeiramente eu não tivesse problema.... Mas eu não vou trabalhar nunca por um salário que eu não mereça. Eu acho que se você tem bagagem, experiência, competência, tem currículo, você não vai trabalhar, né? Então...
E a remuneração que você recebe hoje com os seus projetos pessoais é satisfatória?
Hoje, com a minha aposentadoria... Esse ainda não está dando. Esse primeiro a gente tirou do bolso, por que? Porque, porque o leitor, o empresário ele quer ver o produto primeiro. Ele não vai investir em publicidade sem... Agora eu tenho o produto. Agora eu tenho o caderno da Natura lá, né? Pra mostrar. Então... "Aí, ó, está aqui, já tem um..." Estamos indo para Moreninha, então quer dizer, eu tenho um produto para mostrar, mas não é... Mas eu tenho a minha aposentadoria. Felizmente a minha aposentadoria perto do... Não é mal, porque eu sempre ganhei acima do teto anual do INSS, né? Eu exerci cargo de chefia, obviamente que minha remuneração era melhor, então na hora de aposentar, que faz aquela conta, então não... O meu salário, minha aposentadoria, eu ganho quase o teto máximo, né? Então, mais é... Mas eu ainda sou arrimo de família, ajudo meus filhos ainda, né? Eu até agora, inclusive agora ajudei meus filhos, minha irmã montar uma papelaria, então, dei ideias e tal, fiz um esforço aí. E aí... Mas hoje realmente a qualidade melhorou evidentemente.
Como você lidava com a pressão do tempo no trabalho?
Com os anos você vai aprendendo a ser... A se ajustar. No começo quando você está começando na carreira é um, é um monstro. Você fica apavorado, fica, né? Você é foca. Você fica apavorado: "Pô, não vai dar tempo, não vai dar tempo, não vai dar tempo, não vai dar tempo, tal e tal". Aí com o passar do tempo você vai ficar mais ágil, apura com maior rapidez, escreve... Editor, fui editor, editar com mais rapidez. Aí você vai pegando o traquejo e vai indo. Mas o tempo, por exemplo, aqui tem um problema que os jornais impressos têm que ir para o interior. Todos os jornais, né? Estadual. Mas aqui, por

exemplo, como todo o jornal, tem que ter o deadline, porque não pode perder o ônibus que vai levar o jornal lá para Ponta Porã, para Dourados. É longe. Se perder o ônibus.... Por exemplo, o ônibus sai meia noite... Se eu perder esse ônibus, o outro ônibus só as seis da manhã, aí vai chegar meio dia na cidade. Aí já, meu, virou, como diz o outro... Forro de gaiola, né? Quem que vai ler um jornal meio dia? O jornal tem que chegar na hora do café, entendeu? Então tem que ter horário. Então tem o deadline, né? Então você tem que correr, você tem que é, é, ser mais seletivo não... Mais criterioso no que fez, apressar a informação... Com tudo isso sem perder a qualidade. Você tem que fazer tudo isso sem perder a qualidade. Então quanto tinha, por exemplo, no Correio, por Exemplo, do Estado, quando tinha jogo, jogo de quarta-feira e tudo, e tinha uma decisão, o que eu fazia? Eu fazia duas capas. Uma capa que ia para o interior, sem o resultado do jogo, mandava... Rodava e ia embora. E eu fazia outra capa com resultado e a página do esporte, uma foi para o interior e a que ia circular só aqui... Aí derrubava aquelas matérias ou diminuía e punha a matéria do jogo. Mas aí circulava só aqui, pra você estar com a informação na capa. Aí é um meio para você driblar a questão do tempo. Duas capas.

Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Adoecer, adoecer não, o que aconteceu é... É... Foi quando eu vim para cá em 2004, como o jornal era pequeno assim... Não tinha muita experiência, gente... Então eu trabalhei muito nos primeiros meses, trabalhei, sabe? A ponto de um dia é... Eu acordar e.... Me deu labirintite de estresse, de cansaço, aí fiquei um pouco na cama, passou e não voltou mais. Mas era um estresse de canseira, que aquele dia, aquele período lá... Sabe? E foi... Aconteceu, por exemplo, de trabalhar em dois lugares que nem louco e aí tem um dia que você não consegue levantar. Tem que ligar lá e: "Ó, fala que estou com diarreia, qualquer coisa". Porque senão não aguenta, por que aí teu corpo físico pede para você parar. Mas doente, doente não.

Fatores tecnológicos

Vamos falar um pouco sobre tecnologia agora. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?

Facilitam, claro, otimiza, entendeu? Sem dúvida mais ágil, rápido... Você pega... Posso mandar a informação pelo WhatsApp, né? E-mail já está ficando saturado, ficando para trás, então hoje você tem o WhatsApp, enfim, né? Pelo celular mesmo você manda foto... Então isso é muito importante. Agora eu sempre disse... Eu fiz várias palestras com estudantes, também participei muito de trabalhos igual o teu e eu sempre digo uma coisa: tudo isso é muito bom, mas nada substitui o talento, que nem aquela publicidade. Se o cara não souber escrever, ele pode saber tudo, mas se não conseguir colocar a informação bem colocada, entendeu? As duas coisas... Você tem que ter... Usar isso, mas saber usar em informação de qualidade, né? Você escrever um texto, né? Por que não adianta. Eu sempre falei isso: É, é importantíssimo. Pô, agilizou. Antes o que era? Era telex, né? Era o telefone, telex e acabou para apurar. Você não tinha o Google. Hoje você vai no Google, né? Hoje é fácil. Você vai no Google lá. Uns já até pegam... Copia e cola, que é uma tremenda sacanagem.

Mas antes como era?

Apuração, apuração. Pauta... Por exemplo, o telex, a informação vinha pelo telex, né? Os releases você recebia das assessorias também. Mas o forte era a apuração, ir lá ou no telefone... Então é no muque. Hoje você precisa complementar uma matéria com informações, fazer um box, você pôs tudo lá do factual e quer explicar o que é aquilo, né? Tal... Hoje, então você vai lá, faz um boxzinho. Está lá no Google, está fácil, mas nada

tira... Mas mesmo assim eu acho que o repórter tem que dar um pouco dele. Ele tem que mostrar não só o bom texto, mas botar uma informação que ele levantou, uma coisa que não está lá no Google, que ele achou. Luta dele. Foi lá e levantou uma informação que não tem em lugar nenhuma, então ele está enriquecendo a matéria dele, então pauta... É fácil você olhar os online e fazer pauta. Você tem que buscar pauta, uma pauta criativa, ou então tem uma pauta boa no online, mas eu vou refazer ela, espera aí. Não vou dar a mesma coisa. Vou trazer outras informações, entendeu? Então isso aí vai enriquecer.

Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Olha, eu confesso para você que não sou nenhum PHD nessas tecnologias. Eu tenho dificuldades. Eu uso o básico, tá? Uso o básico... É... WhatsApp, essas coisas... Você tem que mandar... Mas eu sempre... Tenho dificuldade com isso aí... Botar uma foto. Eu não. Eu sou o cara de texto, né? De texto. Eu mando lá? Mando, mando por e-mail, mando por outro... Mas eu não sou... Até porque hoje os cursos de jornalismo já têm essas disciplinas. Você já sai aprendendo a tecnologia, como faz. Quando eu me formei, por exemplo, boa parte era na máquina. Era na máquina de escrever, na Olivette, velha Olivette, né? Depois veio o computador, a gente começou a escrever com computador e ainda aquele computador que você tinha... Para salvar a matéria você tinha que botar um caminhão de códigos para salvar uma matéria. É... Nossa senhora é.... Vai, vai, vai, para salvar a matéria. Hoje você só faz e salva. Não é um... Antes eu lembro que no Estado, eu cobri férias no Estadão, é, é... Para salvar uma matéria, cara, tinha uma lista de códigos assim... Tinha que calcular todos aqueles códigos para salvar uma matéria, entendeu? Então hoje não, graças a... Hoje você pega a matéria, você reescreve, antes escrevia, escrevia na lauda, se não estava legal jogava a lauda, escrevia de novo. Hoje não. Escreveu uma matéria... Ah, não gostei do lead... Você põe ela para baixo, reescreve de novo, aí você corta, entendeu? Então hoje não tem nem....

Mas então você sente alguma dificuldade de lidar com essas tecnologias, apesar de utilizar?

Utilizo, utilizo bem. Eu utilizo o básico, o que está, enfim, o que é pra usar. Mas se você falar: "Óh, edita uma foto..." Não, eu não vou fazer.

Mas também acompanhou a evolução tecnológica ao longo dos anos....

Não, acompanho, acompanho.

Não, acompanhou as mudanças... O que você acompanhou de mudanças?

Acompanhei. Desde que veio o computador, depois é... E-mail, né? Aí veio Twitter, aí veio WhatsApp... Tudo isso acompanho. Acompanho e faço. Eu só não sei. Só não sei operacionalizar num todo, todas as... "Ah, faz aí no Corel, faz aí..." Isso você aprende na faculdade. A gente não aprendeu. Lá não tinha isso, porque não existia isso. Você hoje tem na faculdade, na faculdade você tem a disciplina de informática.

As ferramentas técnicas, né?

Ferramentas técnicas. Exatamente. Você tem. É uma disciplina.

As ferramentas técnicas você não domina?

Não. Não domino. Assim... Aquelas básicas eu executo o meu trabalho...

Que é o que? O Word...

É. O Word... É, essas coisas mesmo básicas. Eu mando por e-mail... Entendeu? E... E... Alguma foto, tudo... mando, tal... Mas editar, enfim. Agora...

Texto, né?

Texto, mas foto não. Agora não domino como essa rapaziada que domina aí desde menino, criança, domina isso aqui, né?

Mas como foi se adaptar mesmo nessas ferramentas básicas?

Não, não, aí eu fui aprendendo. Fui... Isso facilitou muito, nossa, nem por onde... Isso dá uma agilidade.
Mas você fez algum curso? Aprendeu com colegas?
Não, não, não fui aprendendo na prática.
De que maneira a tecnologia interfere hoje no seu trabalho como jornalista ou interferia, considerando suas experiências anteriores?
Interferir como?
De que maneira que ela interfere. Você consegue pauta pelo celular, por exemplo?
Ah, sim, também hoje facilitou muito, por exemplo: eu pego através de Facebook, através do WhatsApp, por exemplo, eu preciso de um personagem para determinada matéria, estou procurando, procurando e não acho... Então vou lá e: Pessoal, alguém conhece uma costureira de não sei do que, não sei do que, não sei que...."
No Facebook?
É. No Facebook ou no WhatsApp, né? Mando no grupo... De repente alguém conhece e me dá a fonte, né? O contato, entendeu? Eu acho isso... Antes você tinha que ir no muque, perguntando, rezar para alguém conhecer alguém, né? Então... E tinha aquela coisa de concorrência também é... Embora o jornalista... Entre jornalistas não. Repórter não. Entre repórteres sempre... A não ser que a matéria que ele estava fazendo é exclusiva da cara dele, aí lógico, o cara... Mas matéria do dia a dia, trocava figurinha adoidado. Cansei de passar informação. Ricardo Ktcho mesmo, um dos maiores jornalistas, minha referência, às vezes em uma cobertura, já estava lá, já tinha pego a informação, ele chegava: "O, Walter, o que que tem aí? O que você viu?". Passava para ele, daqui a pouco o cara escrevia aquela baita matéria.... Então, troca figurinha, troca figurinha. Então hoje, através da tecnologia, isso facilitou ainda mais, né? Eu canso de ver os colegas..."Conhece alguém não sei do que, não sei do que, tem o contato?" Então isso facilitou muito. É, tirou aquela coisa de um pouco de concorrência de um veículo par ao outro, né? Aquela coisa do furo. Mas como todo mundo está dando a mesma coisa mesmo, é... Embora eu acho isso ruim, porque vai ficando chato, porque eu acho que cada veículo tem que estimular um pouco essa concorrência, porque mesmo no online hoje estão dando... Você olha ali e a mesma notícia que tem em um tem no outro, entendeu? Eu não digo... Lógico, tem fato que todo mundo tem que dar, mas você tem que procurar alguma coisa diferente naquela informação para apresentar. Eu olho o online, olho o Campo Grande News tal.. E aí... Vou no Mídiamax e deu a mesma notícia. Olho no outro, mesma notícia. Só que não vi um: “Óh, esse pegou um gancho diferente, conseguiu uma informação..." Eu acho que tem que ter isso, sabe? Agora, a tecnologia a, sem dúvida, está agilizando. Essa assessoria que eu fiz do cordão Valu, pô, o que facilitou... Eu mandar, mandava, escrevia matéria, mandava pra todo mundo, ligava, falava com os caras ou os caras me ligavam: "Você marca uma entrevista?" Pô, agilizou... Agilizava, entendeu. Então se eu estou em um lugar, está acontecendo um negócio, eu entro.... Se eu sou de um site, eu entro, já escrevo e já mando, né? Então ou eu telefone e falo pra quem está lá: "Oh, anota aí. Está acontecendo isso, isso..." Então isso agilizou pra caramba, sem dúvida.
Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
Bom, hoje eu acho que é valorizada mais quem tem habilidade na tecnologia do que o próprio texto mesmo. Hoje infelizmente... Aí você entrou em uma seara, você... Bom você perguntar. Hoje... O que está acontecendo? Por que não tem muita matéria de... investigativa, né? Porque as redações hoje estão quase que preenchidas com jornalistas jovem. Nada contra, muito pelo contrário, tem que ter um novo no seu lugar. Só que você

não pode ter só jovem, então o jovem ele é espremido pelo tempo, na correria, tempo, deadline, espremido por não ter muita experiência, pela cobrança do patrão, pelos interesses do patrão. Então ele não tem tempo para apurar melhor a matéria. Então o Ministério Público, quando fala uma coisa, uma denúncia, ele escreve... Não vai apurar se é isso mesmo tal, entendeu, por que? Por causa dessas coisas. Então e aí... O que está acontecendo com Lava Jato? Ninguém, ninguém questiona nada, primeiro que os jornais estão mancomunados e, segundo, porque não... O que estão falando estão aceitando, vai para o ar, papel, tela. Então o que está acontecendo? Aí é o outro lado da internet boa... Que na época da Ditadura o que você tinha? Como a grande imprensa era censurada, quem fazia o papel de contar o que estava acontecendo? A imprensa alternativa, nanica, que é o jornal que eu fiz. Hoje, qual o contrapondo que está fazendo aí? Que a mídia, a grande mídia está fazendo do que o governo faz? Como a grande mídia está mancomunada, está manipulando, está olhando só um lado... Então alguns jornalistas, como Jânio de Freitas, Leonardo Sakamoto, Luís Nassif e outro, eles estão fazendo o contraponto em blogs e tudo. Eles estão mostrando aquilo que a grande imprensa não está mostrando e fazendo as análises que não, que não são feitas. Que a grande mídia faz, mas faz só... Num foco. Então é.... Esses blogueiros, esses são jornalistas, que não estão comprometidos como que está aí, eles estão fazendo esse contraponto e aí a internet está sendo importante. Ela está fazendo o papel que os jornais nanicos, a imprensa alternativa, fazia.

Mas as habilidades profissionais valorizadas atualmente então é esse domínio da tecnologia que o mercado?

Não, que o profissional. É, eu acho que o domínio da tecnologia e... Eu não consigo... Tem alguns jornalistas bons, mas eu não estou vendo hoje essa, eu não vejo hoje um grande jornalista. Então exatamente por isso, por esse problema. Não tem tempo para apurar e também não deixam apurar, então, então soltando do jeito que dá. E tem muitos jornalistas também que está parecendo funcionário público, né? "Ah, deu meu horário..." Sabe? Não tem mais aquele compromisso... "Não, perae, deixa eu apurar, deixa eu ligar lá pra saber se é isso, deixa eu botar uma opinião aqui, ligar". Por exemplo: matéria de economia, vamos supor, os colegas... jornalistas de economia. O cara ia lá, o governo soltava uma determinada medida, o cara chegava e ia lá ouvir a Fiesp, Federação do Comércio, os caras iam ouvir as lideranças empresariais, as lideranças sindicais, o cara ia complementar a matéria. Não ficava só naquela informação do governo. Ia repercutir. Então, hoje a gente não vê. O Luís Nassif fala muito isso e eu concordo. Por que? A inexperiência, muito jornalista jovem, a falta de tempo e postura do próprio jornalista, impedem uma boa apuração, então eu... O cara é bom na tecnologia, mas aí ele talvez ele até tenha talento, mas ele é oprimido por esses problemas.

Consegue mencionar mais alguma habilidade que o mercado de trabalho valoriza atualmente além da tecnologia? Mais algumas habilidades?

Ah, eu acho que o fato de muitos jornalistas, e entre eles muitos jovens, estar saindo dessa coisa do dia a dia também, que é uma pena, porque o dia a dia é a grande escola... Você trabalhar em um jornal, uma TV... Principalmente o jornal impresso, que é agora está acabando. Esse é a grande escola. Essa é a grande escola.... Você sabendo trabalhar nele, você trabalha em qualquer um. Agora, é... Mas eles estão saindo fora, estão colocando nichos dentro do jornalismo. Nichos, outros nichos. Estão se especializando em outras coisas. Um está falando sobre moda, outro está falando sobre cultura, sobre entretenimento... Estão procurando nichos dentro do jornalismo, né?

Eu acho isso importante, porque a internet ela .... Para o jornalismo diário da grande imprensa, principalmente o impresso, e depois da internet ele está perdendo espaço,

entendeu? Perdendo espaço, principalmente pelos jovens. O jovem não lê, não lê jornal, né? Então é imagem, texto, link.... É aquilo que chama atenção... Então ele está partindo pra blog. Ou ele trabalha em online ou ele abre seu próprio... Cria seu próprio blog, seu próprio site e vai....

Mas você considera que isso é valorizado pelo mercado?

Eu acho que se a ideia dele é boa, se a ideia dele é boa, ele é valorizado. Tem cara que patrocina de repente uma boa ideia, um site que está dando certo, ele vai conseguir, entendeu? Tem gente aí, garotada aí que está fazendo um site, dando a informação, né? E aí ele vai chamar atenção, ter visualização, ele vai ter, entendeu? Isso aí ele vai conseguir, de repente, se sustentar com aquilo, né? Eu acho que é legal também.

Como você utiliza as redes sociais no seu dia a dia como jornalista, no seu fazer jornalístico?

Eu, eu... Bom, para o meu trabalho, eu uso para o meu trabalho. E eu... Eu fico vendo o cenário, né? Eu comento, escrevo as coisas, geralmente da área política. Essa questão política eu sempre estou dando os meus pitacos. Eu só não... Eu, eu acompanho, eu vejo o Facebook, eu vejo, enfim... E às vezes até me irrita ver tanta imbecilidade, ódio, essas coisas, entendeu? Mas eu sempre... Se tem alguma coisa inteligente lá eu estou comentando, um texto, mesmo política, né? Se o cara está muito... Eu dou o meu... A minha pancada, né? Mas eu procuro usar para o meu trabalho.

Para procurar pauta, falar com fonte?

Pauta, fonte. É, por exemplo, cada nicho que eu entro... É o caso dessa revista... Eu já começo a observar onde posso entrar, entendeu? A potencialidade dos bairros.... "Esse bairro é legal para mim... Pra ter a minha revista". Entendeu? Então você fica com a antenada ligada. Então você fica... O que está rolando. Tem várias iniciativas aí, você está vendo o que os outros estão fazendo....

Isso no Facebook?

Facebook, nos sites, eu sempre estou olhando.

Mais quais redes sociais você utiliza? Só o Facebook?

Não. Facebook, WhatsApp o... É... Mais esses dois assim.

E o Instagram?

Instagram, Instagram.

Usa?

Uso Instagram.

Como você utiliza ele para fins profissionais?

Ah, não, o Instagram ainda... Um pouco mais, por exemplo, um lugar que eu acho legal, é... Ou algum que eu acho... Aí eu coloco. Eu ainda... O Instagram eu não tenho usado muito, não tenho usado muito. Até por essa questão de foto aí, falei para você que eu não... Mas Facebook, o WhatsApp, olhar os sites... Fico olhando, procurando novidades, o que estão fazendo, né? É... De diferente. Nichos diferentes. Tem muita coisa.

Então é, basicamente, o Facebook e o WhatsApp que você utiliza? O Instagram esporadicamente?

Esporadicamente.

E outras redes como LinkedIn, Twitter, outras plataformas como o YouTube?

O YouTube eu uso, mas essas outras não.

Usa o YouTube para pesquisar?

Pesquisar.

Mas não tem canal, por exemplo?

Não. Não tenho.

Certo. A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Não, eu acho que não dificulta. É, é... É lógico que o mais jovem é muito mais hábil. Eu não vou competir com um... Criança sabe mais que eu, capaz de saber mais. Mas é o tal negócio. É aquilo que eu falo: A experiência... Se eu pegar, vamos supor, um jovem, que domina a tecnologia e um cara experiente para falar determinado assunto, penso eu que esse mais experiente vai acrescentar muito mais é... Informação, vai acrescentar mais que o jovem, porque ele tem conhecimento. Porque aí, estou escrevendo um assunto e lembro: "Opa, eu lembro de um assunto que eu vivi lá atrás". Eu posso citar, entendeu? Essa experiência, você está entendendo. Então eu vivi aquilo. O jovem não viveu. Não é culpa dele, mas ele não viveu.
Mas você considera que influencia, facilita ou dificulta? A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Acho que influencia.
Por conta dessa questão?
Exatamente.
Quanto mais jovem, mais domínio tem?
É, quanto mais jovem, mais domínio tem da tecnologia, sem dúvida, mais domínio ele tem. Agora, no produto final vê diferença.

Fatores de conflitos

Agora vamos falar um pouco dos fatores de conflito mesmo. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Nunca. Nunca. Eu sempre trabalhei com jornalistas mais experientes que eu e com muitos jovens. Não tenho nenhuma dificuldade, porque eu não tenho vergonha em perguntar. Ah, outra coisa: jornalista não pode ter medo de perguntar. Não pode ter medo de perguntar, porque não domina tudo. Não sabe tudo. Tem que perguntar, tem que ser curioso. "Ah, mas por que isso? Mas como é isso?" Então não domina tudo, mesmo que você seja é... Seja bem informado naquela pauta, você sempre tem muita coisa que você não sabe, entendeu? Então não ter vergonha de perguntar, de falar que não sabe, né? Mas pelo menos você foi buscar. Mas mesmo que não achou nada, pergunta, pergunta. Essa é a função. Repórter é reportar.
Mas nunca teve dificuldade de relacionamento então com outras gerações?
Não, não tive, porque com jovens... Muita coisa eu pergunto: "O que é isso?" E eles perguntam para mim. Eu nunca tive problema em passar, esconder... "Eu sei, eu vou guardar pra mim". Não... Ensino sim, ensino sim, entendeu? E pergunto também. E nessas, nessas tecnologias os jovens, muitas vezes, me ajudaram também. Estava com dificuldade de alguma coisa lá, chamava: "Fulano..." O cara fazia pra mim, entendeu? Não tenho o menor puder ou vergonha de perguntar. "Não sei fazer isso aqui, você faz pra mim? Como eu mando? Como eu faço isso aqui?" Entendeu? A tecnologia....
Como se dava essas relações nas redações?
Eu sempre fui um cara agregador. Eu sempre, quando eu era repórter e depois como chefe, o que eu faço? Eu nunca chamei atenção de um colega meu, subalterno meu, na frente dos outros. Sempre chamei... Comia o rabo dele numa boa assim, com educação, mas firme, mas sempre eu e ele ou eu e ela. E elogiar em pública. Aí você fala: "Ou, boa matéria, hein? Boa matéria", porque já me fizeram... Eu tive um chefe na Excelsior. Ele era o diretor de jornalismo. Ele ouvia a voz da gente entrando na redação e comigo foram várias vezes... Ele ficava ouvindo você entrar no ar. Se ele não gostou, ele chamava na salinha dele: "O

que está acontecendo? Você está com algum problema?" Olha a diferença! "Não, foi cagada mesmo".... Entendeu? Ou se não, quando você chegava de uma bela entrada, uma bela matéria no ar, você entrava na redação, ele saia na porta: "Boa matéria hein, Walter, boa matéria". Porra, bicho, aquilo de dá um ânimo do caramba. Você está entendendo? Você tem o feedback, sabe? Então eu não... É você elogiar em público e chamar atenção em particular. Uma vez eu lembro de uma repórter que estava... Sabe aquela pessoa azeda? Parecia que estava na menopausa. Um dia eu chamei ela numa salinha que tinha lá e perguntei: O que você tem que está assim, nervosa, gástrica? Ela começou a chorar. Aí falou: "Faz tantos dias que eu não vejo a minha mãe". Ela era de uma cidade próxima e eu estava em Prudente. Ela era de Venceslau. "Preciso ver minha mãe". Falei... Pois você... E no final de semana não era folga dela. Era plantão. Eu falei: Você vai então, muda aqui e você vai. Pronto. A menina voltou, gênio manso, abasteceu, sabe? Você tem que entender o lado humano da pessoa. Todo mundo tem problema, né? Você tem que saber, ter jogo de cintura, saber cobrar, mas também saber ser amigo, companheiro. Então, graças a deus, nunca tive problema nem com os mais novos... Procuro sempre ajudar... Graças a Deus. Você vê... No Facebook e posto alguma coisa ou no meu aniversário eu... Meus ex-colegas que foram repórteres meus, do Brasil inteiro.... Você constrói uma amizade.... É isso que vale né, cara?

Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

Ah, sem dúvida, que tem.

Por que? Quais são essas diferenças?

Não, pela própria experiência, né? Não digo nem a posição, porque o jovem também pode ser também um cara compenetrado, ali ciente da profissão. Isso aí eu não vejo. Mas, por exemplo, diferença de informação, entende? Ele vê uma matéria e de repente o novo ele vê essa matéria até um certo ponto, mas aí um cara mais velho: "Se você lembrar isso aqui, tem um caso aqui, né? Você vai enriquecer". Está entendendo? Então essa é a diferença.

Mas eu digo diferença de enxergar o jornalismo. Como um veterano enxerga o jornalista? E um novato?

Ah, o veterano ele é mais CDF, né? Ele é mais é.... O seguinte: Você tem mais compromisso e isso não sou eu que estou dizendo não. Isso é um cara jovem, que era meu editor na revista Mood Life, o Ordilei, que é um cara novo, né? Trinta anos. Ele fala: "Não, um cara mais velho ele tem... Ele tem mais compromisso. Ele tem mais compromisso". Você não vai acompanhar uma matéria porque o tempo acabou, ou você vai deixar de apurar, ouvir mais de uma fonte porque "ah, já tá bom, o cara não deu mais tempo". Você tem mais compromisso com o trabalho. Por exemplo: Você não vai faltar à toa, por qualquer coisa, uma... Eu quantas vezes trabalhei doente? Doente que eu falo... De gripe... Caindo de gripe. Eu só não trabalhei se eu estava quase morta, não dava, estava de cama, em uma gripe feroz, senão eu estava lá, cara, por que? Você tem compromisso. Está entendendo? Então... Porque outro ali não vai cumprir.... Te cobrir da maneira... De repente ele vai ter que fazer a matéria dele, mais duas ou, se você é editor, vai ter que editar a editoria, as páginas dele, mais a tua, você vai sobrecarregar o cara. E ele de repente não está muito familiarizado com a sua editoria, então quer dizer, sabe? Outra: às vezes tem um determinado acontecimento que é da sua editoria, você tem compromisso com aquilo... Pô, sabe? Você tem que estar ali. Então assim... Você não vai faltar de jeito nenhum. Você precisa estar ali, porque aquilo ali é importante, então você precisa estar ali. Então eu acho que o veterano vê o jornalismo mais com seriedade mesmo assim... Mais compromisso.

E o novato? Como ele enxerga o jornalismo?

Ele gosta, ele tem paixão, mas é... Muitos deles quer aprender, pergunta, mas eu não vejo assim ele interessado, por exemplo: "Ó, vai acontecer uma coisa ali, um grande acontecimento". Eu quero estar nessa. Eu não vejo isso. Se ele não for... Eu brigava para estar. Às vezes eu já estava em casa, tinha terminado o meu horário e à tarde acontecia alguma coisa, eu ligava: "Está precisando aí? Você quer que eu vá". Entendeu? Primeiro que era importante... Ou senão o chefe ligava: "Walter, aconteceu isso e aquilo, vem para cá". Não. Eu vou. Agora os caras dizem: "Ah, mas agora não vai dar porque não sei o que". Não! Muitas vezes eu entrava seis horas, mas as vezes tinha greve, bicho, eu entrava uma hora mais cedo, cinco horas da manhã, o carro passava e me pegava, cinco e dez já estava dando boletim no ar, entendeu? Então mesmo lá, por exemplo, em Prudente, no Oeste Notícia, nós pegamos o auge das invasões de terra dos Sem Terra, do MST lá, porque lá é um dos principais núcleos do Paranapanema, Pontal... Pô, a gente tinha os telefones, dava os telefones para todos os líderes sem-terra. De repente eles iam invadir uma terra madrugava, ligava para um repórter nosso, um fotógrafo. O cara pegava, bicho, e ia de madrugada pra lá. Não precisava nem eu falar. O cara já sabia. Já ia. Ele mesmo ligava para o motorista, o motorista já tinha orientação... O cara queria ir, bicho, entendeu? Por que? É o compromisso. E outra: para ele, profissionalmente, fotógrafo por exemplo, nós lá em Prudente, éramos referências no Brasil inteiro. Nós mandamos fotos para o Brasil inteiro e matérias. E depois, quando a grande imprensa descobriu que a gente já estava cansado de escrever sobre os sem-terra, aí a imprensa descobriu, começou a mandar repórteres. Os caras iam lá para a redação para mandar matéria... Escreviam lá nos nossos computadores e mandavam. Nós viramos referência, entendeu? Então... Por que? Porque criei... Nós temos que ter o compromisso com a informação, entendeu? Mas eu nunca falei. Por exemplo, o nego, o cara passava... Não dava tempo de almoçar, mandava um marmitex... Mandava dinheiro, dinheiro para comer. Eu nunca deixei na mão. Agora.... A primeira invasão de terra que teve em São Paulo foi no Jardim Robru, nos anos 80... E a gente teve a informação que a polícia iria, na manhã seguinte, desocupar a área e podia ter violência o caramba. Nós passamos a noite inteirinha lá. Eu fiquei dando boletim a noite inteira, até seis horas da manhã quando chegou a polícia e desocupou a área.... Passamos a noite inteira. Foi uma puta experiência. Então agora não.... Eu só não trabalhava se eu estava quase morto em casa.

E agora, com jornalista mais novos?

Eu não vejo esse compromisso assim tão arraigado.

Você acha que eles enxergam o jornalismo como?

Como uma... Eu acho que é como uma profissão normal. Não, não é como uma profissão normal. Eles veem diferente, mas o comportamento deles não é de um jornalismo... Daquele cara que é... Compromissado. Não, eu não estou pedindo para ele viver 24 horas, não é nada disso, né? Ele tem horário... Mas eu acho que o compromisso tá em querer, por exemplo, eu vejo... Às vezes acontece, mesmo dentro da redação, a TV está ligada, está acontecendo um negócio na tua frente, eu levantava e ia lá ver... Hoje nem olhavam para trás, sabe? Um negócio... Está pegado, todo mundo, sabe? No mínimo a curiosidade de você ver o que está acontecendo, então eu não vejo esse compromisso assim do jovem tão assim... Tem exceções... Não estou falando de todo mundo não. Eu conheço jovem aí que é porreta, o cara é CDF, entendeu. São... Mais....

Mas compromisso, de maneira geral, você não vê de maneira tão forte?

Não...É... Sabe... Sai, quer sair no horário, pá, pá, pá, entendeu?

Você trabalhou com jornalistas mais antigos, né?

Isso.

E quais os pontos positivos da geração de jornalistas anterior à sua? Os pontos positivos e negativos?
Eu acho foi a experiência deles, sabe? A experiência deles assim... De como você se comportar perante um fato, perante uma fonte. É... O profissionalismo, sabe? Agora, tem uma coisa diferente também, que o jornalista antigo, os antigões mesmo, eram mais boêmios, essas coisas. Hoje, da minha geração para cá, o jornalista ele já é mais profissional, não tem mais... Ele até gosta de tomar uma no bar, mas não é mais aquele cara boêmio, que ficava em bar, aquela coisa, entendeu? Não. O cara é mais profissional, né? Hoje... Ele... Até porque, como a notícia virou um produto... Porque antes o cara tinha... O que era? Ele tinha mais tempo, ele ia... Não existia pauteiro, não existia... Todas essas facilidades que foram se agregando ao jornalismo. O cara que ia atrás da notícia. Ele levantava a pauta, então o cara tinha tempo. Ele escrevia, depois ia para o boteco conversar com os amigos, que é legal eu acho, mas é uma coisa mais tranquila. Ele tinha mais tempo. Não tinha aquele: "Olha, tem que fechar, porque vai para o interior". Porque a informação virou um produto, industrial, então tem horário. O jornal tem que chegar no interior. Hoje até... No online, de repente, até tenha mais tempo do cara produzir uma matéria melhor, porque você se não sair agora daqui, pode sair mais tarde, né? Uma boa matéria. Não o factualzão, que está minuto a minuto, mas uma matéria mais trabalhada que o cara tem mais tempo... Mas hoje não... No jornal impresso não.
Mais quais eram pontos positivos dessa geração?
Não, eu acho que é o compromisso assim... A sensibilidade deles, a experiência, sem dúvida.
E os pontos negativos?
Cara, eu não vejo, sinceramente, eu nunca vi ponto negativo não. Eu, pelo menos, só bebida... Eu nunca vi assim, negativo é... Porque todos eles eram compromissados. A diferença era o time, né? Que era mais... Mas o outro lado... Mas a dificuldade depois, quando foi crescendo, mas assim mesmo quando não existia internet, nada disso, que era só telex, então, as dificuldades de se apurar uma matéria exigia muito mais, né? Por exemplo: Quando estourou é a... Ditadura em 31 de março. Os grandes jornais falam da história, né? Por telefone, você fazer um interurbano, tinha que pedir para a telefonista interurbano, demora 4, 5 horas... Para completar interurbano. Então eles foram complementar... Ficavam sabendo poucas informações. Só foram complementar, checar mesmo o que estava acontecendo, as oito horas da noite, você está entendendo? Porque chegou o telex. Então hoje não. Hoje você liga o celular, você fala, tá lá no online, aqui no coisa, o cara está te mandando a informação. Então era no muque. Então o cara precisava ser bom, né? Agora é... É... Não é que ele tinha mais tempo, não, ele tinha que ir no muque, mas ele tinha prazo também, porque tinha que ir para o interior também, mas medida que o jornalismo foi se profissionalizando mais, ele foi virando um produto mesmo de consumo, então essa exigência de tempo, de time, foi aumentando. Então hoje o cara tem que ser ligeiro. Mas eu não vejo assim pontos negativos, não.
Quais os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas?
Ponto positivo... Porque eles estão abertos às novas, às novas é... Nichos de jornalismo.
Como assim?
É. As novas tendências. Eu acho que ele está criando. Ele está... Ele vê que, por exemplo, o jornalismo diário está se afunilando, né? Então ele está se especializando em outras áreas, entendeu? Isso é positivo. Por exemplo: Teve uma época, por exemplo, que era difícil, até os anos 90, era difícil você encontrar jornalistas para jornal impresso. Não tinha. Entre os novos. Muitos não queriam impresso. Ficava pouco e já saia. Queriam ir para TV. TV foi

uma febre, né? Porque queriam trabalhar em TV. E depois, com a entrada do online, ir para o online, entendeu. Então você tinha dificuldade de segurar jornalista, o que era uma pena, porque o jornalismo impresso é a grande escola, né?

Consegue enxergar outros pontos positivos da nova geração?

É essa facilidade com a tecnologia, né? É... Eu acho que é essas duas aí.

E os pontos negativos?

Não vejo muitos estimulados a se informar, ler, ler livros. Vejo é... É que como está muito fácil, você vai no Google e tá, isso aí eu acho que está... Empobrece um pouco o jornalista, né? Ele tem que ter curiosidade dele buscar, você está entendendo? Dele buscar, ele por um pouco dele.

Você está querendo dizer que é uma geração sem curiosidade?

Eu acho que é um pouco, um pouco, não são todos... Um pouco acomodados, né? Até pela facilidade que as redes sociais proporcionam, né?

Consegue ver outros pontos negativos?

Não. Eu acho que eles gostam de fazer jornalismo, tem orgulho disso... Eu vejo eles expondo isso nas redes, do orgulho de ser jornalista, tal. Gostam. Eu acho que se empenham... Eu trabalhei com vários jornalistas jovens. São empenhados, sabe? Mas eu acho que eles têm que dar... Sempre procurar dar um pouco dele, mais dele assim, sabe? Mostrar mesmo... Tem jovem que já mostra, mas ele tem que sempre procurar dar mais dele, botar um negócio diferente dele ali, entendeu? Então eu conheço, eu trabalhei, por exemplo, na revista eu trabalhei com jovens. Isso é maravilhoso. Aprendi muito com eles, até pelo nicho da revista, que é uma coisa ligada mais a questões de moda, enfim... Esses assuntos mais light, mais é.... Que está aí nos blogs, então aprendi muito com eles. E eles aprenderam muito comigo também.

De pontos negativos você mencionou que não tem interesse na leitura, são mais acomodados... Consegue dizer mais algum ponto negativo?

Não, não, não. Eu não vejo tanto assim... Eu acho que eles estão fazendo. Eu acho que eles são mais positivos que negativos. Eu acho que essa busca por novos nichos, sabe? Por coisas diferentes. Eu acho isso legal, uma vez que o jornalismo diário ele está refluindo, né? Então você tem que buscar....

Quais pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas? Nós falamos da anterior, da nova e agora eu quero saber da sua.

Olha, eu vi, sempre eu vi, mesmo jovem... Eu era jovem... É... compromissados, sabe? Compromissado e procuravam pautas. Ah, um defeito que eu acho da nova geração: Eu acho que, sempre guardadas as proporções e tem sempre as exceções, mas eu... Pauta... Não vejo repórter trazer... Difícil um repórter trazer pauta.

Você está falando da nova geração?

É, nova... Da nova geração e da geração intermediária também. Pego um pouco da minha, sabe? É... Você, pô, está na rua, você está vendo, então você fala: vi isso, sabe? Eu sei porque fui pauteiro e fui chefe de reportagem, reunia repórter, bom..."Qual a sugestão?" Não vem, entendeu. "Pô, mas você não viu?" O cara via uma puta coisa diferente e não fala, cara, então essa curiosidade eu acho que o repórter tem que ter. Ele tem que trazer... Em TV já não. Em TV, por exemplo, tem reunião. Eu trabalhei em TV... Tem reunião e todo mundo tem que trazer, dar sugestão de pauta, tal, pelo menos onde eu trabalhei, né? É... trás, mas em jornal eu não via isso. Então o repórter.... Acho que é um defeito ele não trazer. Alguns não, alguns são até chatos... Tem que brigar mesmo, brigar pela pauta, traz e... Mas nego ta vendo a notícia e não fala nada, entendeu. Então é um defeito que eu sempre vi.

Mas é um defeito só da nova geração?
Não. Não só da nova. É de jornalistas.
Mas quais os pontos positivos da sua geração? Você mencionou que são compromissados.
É, são compromissados.
Consegue me dizer outros pontos positivos da sua geração?
É uma geração que procurava se informar mais eu acho.
Procurava e ainda procura?
Hoje, a nova geração?
Não. Estou falando da sua geração.
Ah, não, aí hoje, hoje... Bom, se o cara estiver ainda em atividade, né? Eu acho que ele procura, procura, tenta... Hoje cara está em uma assessoria...
Mas você considera então uma geração mais informada?
Considero. Mais informada, embora sempre tenha aqueles... Eu lembro que na faculdade um professor de técnica de redação, o Emir Nogueira, foi um dos grandes jornalistas da Folha de São Paulo... Foi presidente do sindicato... E ele falava assim: "É imprescindível que o jornalista leia jornal, leia jornal". Aí virou uma colega, que sentava do meu lado: "Mas, professor, tem que ler jornal?" Ele quase teve um troço. Falou: "Espera aí. É obrigação do jornalista". Aí ele falou assim: "Pode crer que ela vai ser a primeira a arrumar emprego". Burrinha, não é? Bicho, o jornalista não lê jornal! Entendeu? Sabe... E não é só não. Você tem que ler livro, sabe? Ontem eu fui na palestra do Josias Souto eu vi vários jovens lá e gostei muito... Meninada... Alguns compraram livros, estavam lá.... Importante, é importante, não pode ficar, sabe? Porque não é sobre o assunto a qual... Você tem que ler um pouco da história para você ter estofo no seu trabalho. Como você vai entender o que está acontecendo agora, se você não entender na Ditadura, na Era Vargas. A Era Vargas foi, sabe? Um divisor de águas. Como é que você... Mesmo jovem, não gostando, você tem um estofo.
Consegue dizer outros pontos positivos da sua geração?
Na nova geração?
Na sua.
Na minha. O duro é o seguinte: tem tanto positivo, quanto negativo. Na minha geração tinha os caras também que não queriam nada com nada. Também não liam, não é verdade? Mas tinha os comprometidos, que liam, que se informavam... É... Que traziam pautas. Eu acho que o mais forte é o compromisso. O compromisso. O profissionalismo.
E os pontos negativos da sua geração?
Negativos... Negativos....Vendo se eu lembro algum.... Felizmente eu sempre, eu tive contato com bons jornalistas. Você acaba ficando só com os exemplos bons, né?
Ai, eu posso pensar e daqui a pouco eu te falo?
Vamos para a próxima então. Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Conflito, conflito, não, mas existe uma certa... É... Hoje já é... Há uma certa crítica de quem é mais experiente pra determinado... Jovens jornalistas em determinadas barbeiragens aí de matéria mal apurada, de... De jornalista, por exemplo, tentando ele ser a notícia, né? Vou te dar um exemplo na área do esporte. Um dia eu vi uma entrevista, um técnico do Vitória, e o repórter é, é...Em vez de ele... Repórter é reportar, fazer pergunta... Não, ele fez um comentário.... Na hora, por exemplo, que ele falou "olha, eu podia pegar um exemplo, tal". Não, ele foi falando: "Olha, mas o Vitória quase não chutou, quase não fez isso, não fez isso e você acha que não sei o que?" Aí o cara virou pra ele e foi grosseiro também, errou. O técnico errou também... Os dois. Mas espera aí: "Então você não assistiu à partida porque

nós chutamos tantas, tivemos um gol anulado, tivemos isso..." Destruiu o cara. Aí o programa... O jornalista mais... É, criticaram a posição do técnico, foi grosseiro, depois ele até pediu desculpas, mas criticaram o repórter. "Tem uns repórteres aí que vão completamente desinformados, vão comentar em vez de fazer a pergunta". Entendeu? Então eu já... Entra criticando o cara, entendeu? Aí sabe... É a mesma coisa com o Maluf. Você chegava nele... Uma coisa que eu aprendi... Eu nunca... Tinha uma denúncia contra ele. Eu nunca cheguei na lata, falar é... O governador, prefeito... "O senhor está sendo denunciado...." Ele me deixava falando sozinho ou me ele me dava uma puta de uma patada ou senão virava as costas e eu ficava sem a matéria, então o que eu fazia? Não só eu. Vários jornalistas. A maioria. Eu estava na inauguração de um viaduto lá... O que a gente fazia? Primeira pergunta era sobre o viaduto? "Quais os benefícios desse viaduto e pá, pá, pá?" Aquela famosa chapa 13, então ele falava, deixava ele falar, ele falava, falava, aí depois eu: "Aliás, governador, como é que o senhor vê o Ministério Público dar uma ação contra o senhor?" Mas você já, você... Já deu aquele anteparo com aquela primeira pergunta, né? Fechou o cara, aí não teve como ele não respondeu. Você está entendendo? Então, se você chega dando cacete, você corre o perigo, com determinado entrevistado, de você perder a matéria. O cara virar as costas para você e não falar, você está entendendo? Então o que está acontecendo hoje é que tem muito repórter é que, em vez dele perguntar, está comentando primeiro, está comentando primeiro e depois perguntando. Não é a função dele.

Mas isso é causa de conflito entre jornalistas?

Não. Não é conflito. Acaba... Essa geração mais experiente, não é que ela vai... Ele não... Mas ela faz uma crítica pontual, mas faz, entendeu? Não que ela vai ficar contra o repórter. Não. É um direito do repórter... Não, mas fala: "Não, ele não foi adequado. Foi afoito". Entendeu? Então... "Não foi essa informação..." É.... "Ele foi, de repente, desinformado".

Você está falando de crítica, né?

De crítica. Que não deixa de ser um conflito.

Por isso eu pergunto: existe conflitos de gerações entre jornalistas?

Eu não vejo. Não vejo. Não vejo.

Por que?

Eu acho que o jornalista, hoje, é... Não existe... Até porque... Não existe mais tanta concorrência, então é.... Todos estão mais ou menos no mesmo barco, né? Então tem as mesmas auguras, né? As mesmas correrias... Então é... O jornalista... O mais antigo procura, eu vejo nos exemplos nos exemplos que eu conheço, procura ajudar, entendeu? Se o repórter mais novo está tendo dificuldade, né? Ele procura... Até porque se ele está no cargo de chefia, ele não vai deixar sair errado. Ele fala: "Não é assim. É assim, assim, assim..." Então eu acho que não está existindo esse.... "Não, pô, tudo....". Não existe isso. O cara pode até fazer a crítica, mas a ponto de haver essa animosidade, não.

Não existe então na sua opinião conflito de gerações.

Não. Eu não... Eu, pelo menos, não vejo.

Então vamos retomar agora aquela pergunta: Quais os pontos negativos da sua geração?

Pontos...Como, veja bem... Minha geração pegou uma época, principalmente na década de 70, época negra, e uma boa parte da década de 80, então o cara que tinha um emprego tinha que se aguentar nele porque senão não encontrava outro. Ou senão o cara tinha dois empregos, três, para se sustentar. E então, para bancar, né? Eu tinha colegas que trabalhava em rádio e tinha três, quatro, assessoria. Fazia assessoria igual um louco, então é....Essa... Ter que trabalhar muito...

Sobrecarga de trabalho?
Sobrecarga de trabalho. Às veze o cara, de repente, não podia se dedicar tanto porque ele tinha uma sobrecarga de trabalho. Saia de um, já ia para o outro. Eu mesmo fui para de um para o outro. Assim... Você saia, tinha que terminar aquele e correr para o outro. Tinha cara que tinha três empregos. Logo que isso gerava uma sobrecarga de trabalho, mas eu não... Eu não... Eu procuro ver, extrair, os pontos positivos de cada geração que eu pude... Eu acho que todos deram contribuição. Alguns estão um pouco mais defasados, mas sempre tinha alguma coisa para ensinar. Você não pode também, né? É lógico que você, você vê uma nova geração.... Então você vem com outra mentalidade, outra... Mas você também não pode menosprezar. Às vezes o cara parou meio no tempo, mas não pode desprezar também. Mas tem aqueles experientes que também acompanharam seu tempo, né?
De negativos então você me apontou a sobrecarga de trabalho. Consegue me dizer outros pontos negativos?
Não, não vejo, não lembro. Não lembro, sinceramente.
Bom, Walter, abordei todas as questões com você. Quer fazer alguma consideração sobre o tema, alguma coisa que você falou no começo, meio ou final e quer complementar? Fique à vontade.
Olha, eu acho o seguinte, eu sempre que dei palestra no final eu falava: "Olha... É... Pode.... A tecnologia, a chegada da internet, ela obrigou.... Porque hoje todo mundo é... Qualquer internauta é jornalista agora.... Se ele está na rua, ele não é jornalista, mas se ele ver um acidente ele joga no WhatsApp, no MSN, né? É... Ele pode, mas eu falo... Todo mundo hoje é meio jornalista, né? Mas ninguém vai conseguir tirar o olho criterioso de um jornalista, saber se aquilo é notícia. Por isso tem um monte de fake aí ou fato meio aparado. O cara joga no ar e não é nada daquilo, né? Pensou que era uma coisa e não era... Mas se for um jornalista ele já vai ver que não é aquilo, né? Vai ter um olhar mais criterioso, então... Que o jornalismo, por mais sob ataque que ele está hoje com essas novas mídias, né? É... Ele vai ter sempre espaço para o bom jornalista, porque o olhar criterioso é dele, do que é notícia ou não, entendeu? Seja em qualquer plataforma, né? Seja num online, seja num blog, seja num Twitter. Qualquer plataforma que ele estiver escrevendo, o olhar dele sempre vai ser outro diferente de um internauta comum, que vai escrever uma coisa e pode até..."Ó: aconteceu um acidente..." Mas ele não vai saber se aquilo é realmente... Se não morreu às vezes ele fala: "Ah, tem um morto lá, né?" Mas não está morto. Então sempre o jornalista vai ter espaço, principalmente o bom jornalista, e se ele domina a tecnologia é ótimo, mas nunca esqueça que o produto dele, a qualidade do produto dele é que vai contar, né? A qualidade do produto dele, senão não adianta. Então é isso que eu sempre falo, né? Então... O jornalista nunca deve perder a curiosidade de sempre querer saber mais, de sempre perguntar, de sempre ouvir todos os lados da informação, né? Ouvir, apurar, não se contentar, né? Oh, leu o texto..."Não, está faltando alguma coisa... Eu vou atrás". Lê, lê e ó: "Posso melhorar esse período aqui, esse trecho, esse parágrafo, posso melhorar". A qualidade da informação, sabe? Elencar certinho. Então isso o jornalista, o jornalismo não pode perder nunca. Essa, essa, esse manual tem que ser respondido sempre, apesar do jornalismo hoje estar... Eu, sinceramente, eu ando meio, bastante amargurado com o caminho que o jornalismo tomou.
É mesmo?
Muito, muito. Hoje nós temos um jornalismo de guerra. Agora é opinião minha. Jornalismo de guerra. Escolheram um lado, que não é um lado que o jornalista deve estar... Ele deve ser plural, estar em todos os lados, ouvir todos os lados, mas principalmente ter compromisso com a liberdade, igualdade, justiça social, justiça, entendeu? Com os menos favorecidos.

Então o que estou vendo hoje, e não é jornalista jovem não, é jornalista antigo, jornalistas experientes, que colocaram seus teclados á disposição... E não do país. Antigamente lá, no Gutemberg, quando o cara se vendia... Colocou a pena, depois a caneta... Hoje é o teclado. A serviço não é do bem comum. Então é triste isso, você ver cara escrevendo ficção. Você lê ficção. Eu, seu quero ler ficção, vou na literatura, que é bem melhor. Então, fazendo ficção, inventando, manipulando a informação com a maior cara de pau. Antes você escrevia uma matéria, você era criterioso, checava bem, e deve checar bem, para não levar um processo, botar uma informação atravessada lá, mal apurada e acabava levando um processo. E levar processo é do jornalista, mas o gostoso é você levar o processo e ganhar o processo. Pior é você ter que garantir o direito de resposta porque você errou, omitiu, você deu uma informação errada, né? Você prejudicar o outro, como foi o caso da Escola Base, né? Até uma mancha. E daí? Você destrói uma pessoa. Você sabe que nós temos esse poder. Você pode tanto levantar uma pessoa, como você pode botar ela lá no... Se quiser. É ou não é verdade? Então eu tenho que ter senso e tal. Seguir o bom e velho, o velho e bom jornalismo.

Entrevistada: Cristina Medeiros

Data: 19/04/2018 | **Duração:** 01:51:11

Veículo representado: Impresso | **Geração representada:** *Baby Boom*

Perfil resumido

Nome completo: Maria Cristina Medeiros Fernandes de Almeida
Idade: 62 anos
Data de nascimento: 07/04/1956
Local de trabalho: Correio do Estado – 28 anos
Função: Editora de Cultura e Veículos
Formação: Jornalismo (Cásper Líbero/1978)
Tempo de carreira no jornalismo: 40 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Maria Cristina Medeiros Fernandes de Almeida
Qual a sua idade?
62 anos, completei no Dia do Jornalista, nasci na mosca.
Dia 7? Sete de abril de?
07 de abril de 1956
Aqui no Correio você é editora?
Sou. Sempre fui.
Entrou como editora?
Sim. Há 28 anos.
Editora do que?
Cultura. Agora eu acumulo Cultura e Veículos. Já editei Brasil e Mundo. Fui editora por 25 ou 26 anos... Vinte e cinco é... Do caderno chamado Galera, que antes era Correio Infantil e depois tornou-se Galera, voltado do público de 0 a 14. É... Escrevi e editei... Em tudo isso é assim: eu escrevo, edito, pagino, faço tudo. É... editei uma página que o jornal tinha de entrevistas especiais, com várias personalidades e que, com a mudança do tamanho do jornal, também resolveram dar um tempo, por enquanto, em função das eleições tal. A página está hibernando.
Mas entrou como?
Editora de Cultura e Variedades.
E hoje acumula...
É. Aí eu editor Veículos... Hoje só Veículos e o Correio B.
Qual a sua formação? Jornalismo mesmo?
Sim, jornalismo mesmo, na faculdade Cásper Líbero. Sou da turma que se formou em 78, portanto esse ano eu faço 40 anos de formada.
Tempo de carreira?
Tempo de carreira eu tenho de setenta... Vamos ver... Oitenta.... De oitenta pra cá.
Desde 1980?
É... Exercendo desde... Se bem que eu já trabalhava antes, mas não... Não tinha diploma... Não... Como é que vou dizer pra você? Eu sempre trabalhei é... Eu trabalhei na Folha de São Paulo... É o seguinte: eu, com 15 anos, resolvi que eu queria trabalhar, então eu

trabalhei oito meses no Diário Popular em uma... Arranjei uma... Mas era na parte de publicidade, de anúncios. Não tinha nada a ver com jornalismo. Foi meu primeiro emprego. Trabalhei oito meses no Diário Popular, que é um jornal que não existe mais em São Paulo.

Primeiro emprego já foi em jornal?

Já. É... Eu vi um anúncio na Folha de São Paulo e... Vi um anúncio na Folha de São Paulo e fui atrás e era no Diário Popular. Trabalhei lá oito meses.

Como comercial?

É, com a parte... Na parte de publicidade, de anúncios, trabalhava com anúncios.

Vendia anúncios?

É... Não era vendia. Eu captava anúncios. Aí em 72 a minha tia, que trabalhava na Folha de São Paulo, me avisou: "Olha, vai ter um teste na Folha de São Paulo, no Departamento de Informações". Só pra você poder entender: hoje existe a internet, que você dá um clique e tem acesso às informações mais diversas que você deseja. Naquela época, a Folha de São Paulo, também para abater o Imposto de Renda... Como empresas tem fundações... Tem... Eles tinham um serviço ao público chamado Folha e Informações. Era um telefone que você ligava, 2206-1622, até hoje tenho na cabeça... Você ligava nesse número e falava assim: "Olha, meu filho precisa de um trabalho de escola..." Tinha famílias que não tinham Barsa... Porque antigamente você tinha que consultar em enciclopédias, na biblioteca... Às vezes a pessoa não tinha acesso a isso, ligava lá e falava: "Ah, ele precisa falar sobre a baleia". Então nós, a pessoa tinha direito a 15 minutos no telefone e a gente falando sobre a baleia. A gente pesquisa em várias coisas. Então eu acho que isso já me abriu assim vários horizontes.

Na verdade, meu sonho... Eu já falava francês... Falava e escrevia francês. Eu tive uma professora no ginásio muito boa e eu percebi que eu tinha facilidade com idiomas... Meu sonho dourado, depois que eu vi em uma revista que ela tinha, era ser oceanógrafa. Eu queria fazer oceanografia e eu falei: "Não, vou começar a trabalhar". Eu emprestei uma bolsa... Mas eu só podia quando eu tivesse há 6 meses dos 18 anos completos, antes disso não. Eu iria para França fazer Oceanografia. Aí eu comecei a trabalhar também pra eu ter eu dinheirinho pra comprar algumas coisas... E eu sou ariana, sou inquieta, sou ligada no mil e duzentos, então eu falei pro meu pai e pra minha mãe: "Eu vou trabalhar".

Eles me deixaram desde que minhas notas continuassem boas. Enfim, aí eu trabalhei no Diário Popular, fiz o teste pra esse Departamento de Informações, eram duas vagas e trinta e tantas pessoas inscritas. Passei. Não foi nada de QI, quem indica, nada. Passei por mérito mesmo, enfim, e fiquei nesse departamento durante um ano e meio, até que a Folha de São Paulo abriu um banco de dados e me convidaram para trabalhar no Banco de Dados. Só que dali eu ficava assim... É... De olho na redação. Eu trabalhava no quinto andar e a redação da Folha de São Paulo era no quarto andar. E como eu tenho facilidade em me comunicar, eu consegui conhecer as pessoas certas, na hora certa, me convidaram pra ir pra redação, então por isso que eu te digo: antes de formar, eu já me familiarizava, eu trabalhava com coisas assim... Eu trabalhava com as notícias internacionais que chegavam pelo telex. Não é como hoje.... Com as agências que passavam as notícias pelo telex, que era um aparelho que você tinha ligado a Embratel. Então eu já fazia coisas pertinentes ao jornalismo e com isso eu fui me familiarizando, gostando, a mosquinha me mordeu e eu resolvi fazer jornalismo, né?

Retomando... No Diário Popular você entrou em que ano?

Eu entrei em começo de 72 e fiquei 8 meses. Em seguida, eu prestei o teste na Folha, nesse departamento chamado Folha e Informações, passei e fiquei. Em 72 eu entrei, em 73 ou 74

eu fui para o Banco de Dados, aí depois eu fiquei um ano e pouco lá e desci... Porque eu sei que desci para a redação em 77 ou 78. Acho que foi 78 que eu desci para redação.

Como foi esse convite? Como aconteceu?

Ah, aconteceu... Eu sempre ficava... Conhecia umas pessoas, eu visitava elas na redação... Jornalistas, repórteres, fotógrafos... Porque eles subiam. Os repórteres eles subiam para o Banco de Dados pra fazer pesquisa, então eu conhecia um ou outro, tal. E um deles falou assim pra mim: "Vai lá falar com o chefe de reportagem, porque ele está precisando de uma pessoa assim... Que assessore ele em algumas coisas pertinentes à redação, porque ele está procurando alguém, tal". Aí eu fui conhecer... Era o Adilson Laranjeira, que hoje é assessor do Paulo Maluf, né? Mas o nosso editor era o Boris Casoy. Aí... É... Aí eu comecei a trabalhar lá. Depois eu...

Como repórter?

Não, não. Como repórter, não. Eu comecei a trabalhar. Assim... Era um pouco da parte administrativa... Só que a parte administrativa que eu fazia era toda ligada a esse recebimento de notícias, entendeu? Era um... Folhas... Eu tinha que ir em cada editoria. Eu também fazia parte de viagens, por exemplo, o pessoal ia viajar e eu que cuidava de tudo.

Era uma secretária de redação?

É, é como se fosse. É... Uma secretária de redação, uma secretária administrativa, né? Não é nada de... Aí apareceram... Eu entrei na faculdade em 75, era época da Ditadura, ainda tinha o AI-5, né? Naquele ano a gente não conseguiu prestar o vestibular na ECA porque os professores estavam exilados, alguns foram presos, enfim. Então o clima era de instabilidade, eu preferi prestar na Cásper Líbero, que era uma coisa que lá estava mais certa assim. Não havia tanta... O foco não era tanto os professores. Tinha alguns, mas não na maioria dos professores da fundação Cásper Líbero. Então eu prestei Cásper Líbero, Fundação Cásper Líbero, também porque eu podia cursar jornalismo de manhã e eu trabalhava à tarde, porque eu queria me sustentar.

Graças a deus meus pais não eram ricos, mas tinham condições de... Eu era caçula, minhas irmãs já estavam casadas, então assim... Nunca me faltou nada, mas eu achava que eu tinha que produzir e me auto sustentar em algumas coisas, já que não colaborava em casa e meus pais não precisavam, enfim, graças a deus. Mas eu, a partir daquele momento, eu mesma comecei a trabalhar e me sustentar, entendeu? Coisas básicas da vida. Enfim, e aí lá na redação eu comecei a me familiarizar, aí um dia me convidaram pra fazer uma matéria da editoria de interior, porque existia a editoria de interior. Eu comecei a fazer algumas coisas na editoria de interior, depois comecei a ajudar...

Isso você ainda estava como estudante de jornalismo?

É, exatamente. Eu já estava assim... Como formada, porque eu tinha me formada já, porque eu tinha me formado em 78 é... Eu acho que foi em 77 ou 78 que eu desci. Eu me formei e aí eu comecei a trabalhar em algumas editorias, escrever algumas coisas, aí eu fui pra geral. Aí eu escrevi algumas coisas em geral, trabalhei na educação também, aí teve a divisão... A Folha resolveu ir pra Agências Folhas, aí nós fomos pra Agências Folhas, então a gente produziu material na Agências Folhas e o que a gente produzia era distribuído para todos os jornais da casa... É... E cada um dava a sua cara. O Notícias Popular era sanguinário, a Folha da Tarde, né? Pegava as informações e dava outro tratamento e Folha de São Paulo outro. E... Então eu fiquei na Folha de São Paulo até 1987. Eu quero de dizer na Folha de São Paulo enquanto jornal, porque enquanto empresa eu continuava. É... Em 87, eles reformularam toda a Folha da Tarde e o Adilson desceu da Folha de São Paulo pra Folha da Tarde, convidou os jornalistas pra trabalhar e me convidou pra editar o caderno de cultura da Folha da Tarde, que agora é o Jornal Agora, né? Aí eu fiquei de 87... Final de 87 até

começo de 90, que foi quando eu pedi demissão, depois de tantos anos... Primeiro porque eu tinha trinta e três, trinta e quatro anos nas costas, tinha um filho de um ano e quatro meses, nunca tinha saído de São Paulo. É... Meu marido nasceu em São Paulo, mas se criou aqui. Minha irmã mais velha já tinha vindo embora pra cá nos anos 60. Meus pais, quando casei, vieram depois de dois anos... Tudo o que eles tinham em São Paulo, que não era muita coisa não, mas assim... Venderam e vieram embora pra cá porque gostaram do clima. Então eu vim porque também queria passar uma temporada assim... Mais perto do meu pai e da minha, que já estavam de idade e mudar. Eu nunca tinha morado fora de São Paulo. Eu era um paulistana... Nasci lá, sou paulistana da Capital, uma paulista convicta, amo aquela cidade, mas com um filho de um ano e quatro meses, eu e meu marido... A gente queria dar uma infância como a que nós tivemos: em casa... Em casa, nós morávamos em um bom apartamento, eu ganhava bem, não me faltava nada, mas eu pense: "Como é que vai ser a infância dessa criança assim?" Apartamento, eu longe dos meus pais, né? Então assim... Tudo isso contribuiu. Foram pontinhos que nós fomos somando e eu já estava assim.... Estava cansada de viver aquilo. Ariano é inquieto assim. Falei: "Ah, quero mudar". E nós resolvemos... Meu marido também trabalhava na Folha de São Paulo, ele é publicitário, trabalhou na Folha de São Paulo um tempo, uns 11 anos mais ou menos, e e foi aí que nós viemos procurar emprego. E meu marido, quando era adolescente, trabalhou aqui na Rádio Canarinho, com o Zé, que é um dos irmãos do seu Antônio João, e ele pegou o telefone... Também não foi nada de quem indica, de nada, de nada... Meu marido pegou o telefone, ligou pra quem... Perguntando pelo Zé Maria, que infelizmente já tinha falecido, e por um acaso do destino quem atendeu o telefone foi o Antônio João, lá na televisão.
E meu marido falou assim: "Olha, minha mulher é jornalista, eu sou publicitário e nós estamos querendo morar em Campo Grande e estamos procurando algum veículo de comunicação pra gente apresentar nossos currículos. Preciso saber com quem eu falo", aí ele falou: "É comigo. Eu sou o dono e estou indo para São Paulo daqui dois dias, gostaria de conhecê-los, porque eu pretendo fazer um caderno de cultura no Correio do Estado, que não tem". E ele foi para lá, olhou meu currículo, gostou. Olhou o currículo do meu marido e gostou e falou: "Vocês estão contratados". E aí eu demorei uns três meses para o seu Frias me dar a minha demissão porque... O dono da Folha. Porque ele me conhecia a muitos anos.... Estava na Folha da Tarde. Mas só que o dono da empresa era ele, seu Otávio Frias, e ele falou pra mim: "Óh, você não vai aguentar". Meu chefe de reportagem também falava: "Olha, você não vai... Essa coisa de natureza, passarinho... Você não é disso, você é do asfalto, selva de pedra e tal, você não vai se acostumar". Eu falei: "Olha, mas em função da infância do meu filho, de qualidade de vida, eu quero ter planta de nova, quero ter quintal, que é uma coisa que eu dou muito valor... Cachorro, minhas orquídeas, tal". Então nós viemos embora, em busca disso e parece que conseguimos. Eu tenho minha casa, eu tenho uma floresta na minha casa, meu pomar, minhas orquídeas, meu cachorro...No dia que eu cheguei aqui eu passei mal. Me levaram para o pronto socorro e eu descobri que estava grávida da minha filha. E mesmo assim eu falo que é uma coisa que eu sempre tenho que agradecer, porque a vida da gente não é só levantar e vir trabalhar. A vida da gente é uma somatória de coisas... Da sua família, dos seus desejos, dos seus sonhos, das suas frustrações, enfim. E aí o seu Antônio João falou: "Pra mim não tem problema nenhum. Eu te conheci, gostei de vocês, vai ser registrado normalmente". Então eu vou ser eternamente grata a ele, porque eu estava grávida, não sabia, mas eu acho que eu nunca decepcionei assim. Claro, não sou perfeita, não sou perfeita... Tento dar o melhor de mim, mas assim... Nunca deixei ele na mão, continuo há 28 anos, me aposentei há dois e continuo trabalhando como se nada tivesse acontecido.

E não pretende parar?
Não, não pretendo, tão cedo não. A não ser que me queiram mais e vou procurar quem me queira e se não, eu vou fazer alguma coisa. Eu não nasci pra ficar assim... Eu adoro cuidar da minha casa. Minha casa é muito bem cuidada. E meu marido... Nós somos uma dupla que se completa. Então na minha casa tudo funciona, eu cozinho bem, ele cozinha bem, eu acho que criei filhos com caráter, encaminhamos os dois... São formados.
Só tem os dois?
Só. Tenho um casal. Era pra ter um terceiro, mas perdi aos 45 anos. Estava grávida, não sabia, enfim, mas perdi. Mas não era pra ser.
E eles são jornalistas?
Não. Meu filho é advogado. Minha filha é química, cosmetóloga, fez mestrado na área de cosmético e tem uma empresa de cosméticos, que era o sonho dela.
Não cogitaram nem fazer nada na comunicação?
A minha filha sempre escreveu muito bem. O meu filho sempre disse que queria ser advogado. Sempre, assim... Ele queria ir para a área do direito, não necessariamente advogado, mas ele queria entra no direito e assim... Andou experimentando algumas coisas, tal, né? Mas ele ama advogar. Essa coisa do serviço público também pra ele... Ele é ariano como eu, então ele gosta de estar sempre em movimento. A minha filha idem. Ela entrou muito cedo na federal, fez cinco anos de química, foi embora pra São Paulo e fez quatro de cosmetologia, fez mestrado. E ela tem 27 anos. E ela vai agora para um doutorado lá em Paris, se deus quiser. Se deus quiser vai dar certo, vai para um doutorado na França.
Vai fazer sanduíche?
Sanduíche. Então, ela vai deixar a empresa dela. Parece-me que vão ela e meu genro, que também é administrador de empresa, fez cosmetologia, fez mestrado também nessa área, porque eles querem é... Ampliar os horizontes na área de cabelo.
Você veio então pra cá na década de 90, né?
Isso. Eu cheguei aqui dia 29 de junho de 1990, Dia de São Pedro, e já comecei a trabalhar.
Desde então, só no Correio? Não passou por nenhuma empresa? Não fez jornada dupla?
Não. Fiz. Fiz jornada dupla. Eu fiquei um ano e meio trabalhando junto com a assessoria de imprensa do Tribunal de Contas do Estado durante um ano e meio, mais ou menos. O meu chefe era o Rui Santana.
Você lembra o ano?
Noventa e seis... Noventa e seis, noventa e sete, aí eu tive que optar porque o jornal é... solicitou o horário maior de trabalho para os editores e como editor ganha pra isso, pra ter esses horários extras, enfim, solicitou que se trabalhasse um número X de horas, que era incompatível eu ficar em outro lugar e que era pra eu escolher. Claro que eu escolhi o jornal, porque eu amo redação. Eu adoro fechamento. Adoro essa pressão. Adoro essa loucura. É o que me instiga. É o que me move. É... Eu venho trabalhar todo dia feliz, com prazer, quem me conhece sabe... Eu sou uma apaixonada pelo o que eu faço. Posso não fazer muito bem, mas sou uma apaixonada, tento dar o meu melhor e fazer aquele jornalismo dentro daquilo que a empresa pede que eu faça. Porque eu acho que todos nós trabalhamos, você trabalhou também em várias empresas, você sabe... Na A, na B, na C, na D... Tem alguém que fala: "É assim, é assado, é isso e aquilo outro", então... Mas eu sempre pude trabalhar com tranquilidade, enfim, dentro de uma linha que eles colocam.
O interessa é que na sua história você já entrou no jornal... Começou lá... Tem alguém da família que é jornalista?

Ninguém. Ninguém. Só minha tia que trabalhava na Folha de São Paulo. Eu tenho uma tia que trabalhou com o seu Frias antes dele ser dono de jornal?

Mas ela era jornalista?

Nada. Ela trabalhava com publicidade. Era... O seu Frias foi bancário, foi banqueiro e ela trabalhou com ele quando ele era bancário, quando ele se tornou bancário... Quando ele comprou a Folha ele carregou algumas pessoas e ela foi uma. Minha tia trabalhou 56 anos na Folha de São Paulo, até ela adquirir um AVC, ficar três anos e oito meses em uma cama, enfim... Mas foi ela que avisou do teste que iria ter e... Aliás, nunca pode assim... Na Folha essa coisa de parente, que não podia trabalhar, tal. Só que ela era irmã da minha mãe, então os nossos sobrenomes não batiam. Mas mesmo assim, nunca... Depois eles ficaram sabendo que a gente era tia e sobrinha... Mas eles sempre comentaram com a gente: "Isso só somou". Nunca tive qualquer problema, porque minha parte era jornalismo e a dela era publicidade. Tinha dia que a gente nem se via, enfim. E ela só me avisou que ia ter o teste, eu fiz e... Né? Foi um teste avaliado por pessoas que não tinha nada a ver assim.... Não me conheciam, não conheciam ela, nem nada. Então só. Mas jornalista mesmo ninguém.

E na maior parte da carreira você exerceu cargo de chefia, né?

Então, no começo não, né? Eu sempre fui repórter, tal, trabalhei como repórter muito tempo.

Dez anos pelo menos?

É, pelo menos... Aí o que acontecia? É assim... Eu sempre ensino meus filhos. Isso é o meu perfil. Eu sempre fiz o meu olhando no do outro, então, por exemplo, quando eu cheguei aqui, o que acontecia? Essa tecnologia de computador tinha mal começado, mas ainda existia o paste-up, a fotomecânica, que eram departamentos imprescindíveis para que o jornal funcionasse. Hoje tudo é automatizado, tudo é computadorizado. Se eu falar pra você o que é um paste-up, você vai falar "o que que é?" Talvez você lembre porque estou na escola, mas existia o revisor, hoje ainda tem, mas é... Então, tem departamentos que não existem mais, por exemplo: o laboratório de fotografia, enfim. Então, tinha a pessoa que era... Que ainda tem hoje. Que é a figura da pessoa que faz a paginação, pra você, enfim, que monta a página... Então com essa coisa do computador, eu como editora, mas mesmo como repórter, eu sempre quis aprender tudo, então eu sabia, sempre soube... Então assim... Escrever, editar, paginar, é comigo mesmo... Eu que monto tudo, eu que faço tudo, eu não utilizo paginador, entendeu? Pra liberar as minhas coisas... Quando era na época da lauda e também na época que você tinha que paginar no papel, com régua, com paifa... Eu que fazia tudo.

Uma curiosidade sua mesmo....

É, uma curiosidade minha. Eu sou assim em tudo. Eu gosto de aprender, tanto é que lá em casa quem troca o chuveiro sou eu, quem conserta o liquidificador e o ferro sou eu, porque o meu pai fazia isso... Teve três mulheres e ensinou pra nós. Então no jornalismo é assim. Eu gosto de aprender tudo. Eu gosto de ir em várias. Só a área que eu não me identifico, não... É política. Não está em mim. Não consigo. Não consigo. Mas se você me colocar para... Agora, entrevistei vários políticos, sei da carreira, tento me atualizar, porque é necessário, enfim, porque a política move tudo, seja a política propriamente dita ou aquela política que você tem que ter de vida. Mas lidar diariamente com esses seres extraterrestres... Ah, não.

Você acha que essa curiosidade que você teve ainda como repórter, de fazer a própria página, de não depender tanto dos outros profissionais, que te levou ao cargo de chefia?

Ah, sim, é...

Colaborou?
Muitíssimo, porque e acho que conhecimento só te leva a um degrau acima, não é verdade? Olha eu... Eu vou dizer uma coisa pra você. Eu sempre tentei agregar com as pessoas com as quais eu trabalhei. É... Até hoje, graças a deus, sou amiga de todo mundo, a não ser que sejam muito falsas, né? Mas acho que ninguém consegue ser todo o tempo. Então nunca, nunca tive problema algum, a não ser só uma vez assim, mas uma coisa que pra mim já é... São águas passadas. Pra mim a pessoa morre, sabe? E justamente porque eu sou uma pessoa assim... Eu tenho toda a humildade do mundo pra falar que eu não sou nada, não sou ninguém, que eu preciso do porteiro, do fotógrafo, do lixeiro. A importância que, talvez, vejam na gente, eu vejo em todo mundo, porque você é uma parte da engrenagem, eu sou. Você está fazendo a sua parte, eu estou fazendo a minha... Não me sinto melhor do que ninguém, tento aprender todos os dias e não tenho essa reserva de mercado. Eu ensino. "Ah, não, vou perder o lugar porque..." Não! Eu sempre ensinei, sempre, sempre, então... Tento me dar bem com todo mundo, fazendo o melhor de mim e assim... Curtir a vida, né? Continuar levando a minha vida, apesar da idade, né? Que muitos dizem... Algumas pessoas há uns anos atrás já tinham me aposentado... Ou eu percebo que assim... Existe às vezes... Você lidando com jovens, né? Então talvez eles olhem e falem: "Nossa, essa pessoa está ultrapassada, a pessoa é isso, a pessoa é aquilo". Mas eu tenho que deixar isso de lado, porque eu sei que existe esse tipo de "ah, olha, o que está fazendo aí? Podia estar em casa descansando. Olha, já se aposentou...." Então as pessoas esquecem que a gente continua tendo sonhos, desejos é... Entendeu? E cada uma na sua. É o não é? Eu faço por onde, então se não me quiserem aqui, vou tentar ali, vou tentar lá... Vou... Mas parar eu não quero.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
O que é ser jornalista pra mim?
É.
É você ser o elo entre o que acontece e quem deseja saber o que está acontecendo. É você ser esse elo. Transmitir é... Com a maior ética, com a maior lisura e com o maior número de informações, um fato, um acontecimento.
Basicamente é isso?
É.
Por que você decidiu ser jornalista?
Eu decidi porque é um universo mágico. Não tem rotina. São muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo. Eu vejo que isso se encaixa no meu perfil. Eu não gosto daquela coisa linear, daquela coisa tranquila. Jornalismo é instigante. Ele faz você pensar... Pensar em diferentes setores ao mesmo tempo. Você ter que ler... E eu gosto disso. Ele mexe com um conteúdo que me atrai.
Você se sente realizada como jornalista?
Muitíssimo. Muitíssimo.
Por que?
Porque dentro daquilo que eu me propus a fazer, eu me debrucei pra fazer, então eu trabalho em lugar... Porque você também tem que condições assim... Para trabalhar. Eu sempre trabalhei em empresas que me deram essas condições. Às vezes não é a ideal. Falta isso, falta aquilo... Ou falta um carro pra você sair na hora ou o fotógrafo já saiu, mas isso é em qualquer lugar, né? Eu me sinto realizada porque eu trabalhei com pessoas com quem eu apostei, enfim, pessoas que me deram esse retorno. É... Porque acompanhei também a evolução da tecnologia e isso foi fantástico. Então eu estou aqui pra dizer que eu trabalhei

com lauda, na máquina de escrever, na máquina elétrica, no computador mais incipiente... Hoje a gente mexe com Indesign e talvez até já tenham outros programas pra jornalismo mais avançados e tal. E a tecnologia te permite, inclusive hoje, no jornalismo: "Não, não quero mais trabalhar pra ninguém. Quero ter algo só meu, né?" Então isso é fantástico.

O que o jornalismo representa na sua vida?

A minha vida. Eu só fiz isso na minha vida. Só trabalhei em jornal. Não com jornalismo só, mas só trabalhei em jornal. Eu não conheço outro universo, mas eu gostaria, você sabe?

É mesmo?

É. Eu gostaria assim... Às vezes eu me pergunto assim: "Você não gostaria de ser alguma outra coisa diferente?" E eu acho que eu daria.... Todo mundo fala, minha filha, muitas pessoas falam... "Você se daria super bem vendendo coisas. É... Atendendo, recepcionando pessoas.... Coisas que lidem com plateia, com..." Você entendeu? Então assim... Com neurolinguística, com essas coisas que eu tenha que trazer atenção, entendeu? Porque eu gosto de falar, mas não gosto e aparecer. Não gosto.

Mas você ainda tem essa vontade?

Então, eu acho que eu seria uma ótima pessoa assim... No comércio, entendeu? Eu acho que eu convenceria a pessoa não no convencer por convencer, mas no convencer assim... Mostrando que realmente aquilo...

No argumento?

É, na argumentação. Eu acho que sim. Eu acho que sim. Eu acho. Mas eu gostaria de fazer assim... Paralelamente. Não largar o que eu faço, entendeu?

Já experimentou alguma vez?

Nunca, nunca, mas eu gostaria assim... Sabe? Ficar 24 horas como vendedora, não sei, uma coisa assim... Eu acho que me daria super bem.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Fidelidade ao emprego?

Isso.

Olha, eu não sei é importante assim, mas é algo que te ajuda, é... Te ajuda assim a ter menos... A ser menos ansioso, digamos. Agora, a gente tem que ter na cabeça que um dia a gente está aqui e amanhã pode não estar. Qualquer um de nós, né? Mas essa... Estabilidade, né?

Fidelidade.

Fidelidade? Então eu confundi com estabilidade. A fidelidade à empresa é importantíssima. Você tem que ser fiel àquilo, à camisa que você veste. Desculpa... Eu entendi era estabilidade, não era fidelidade. Você tem que ser fiel em tudo na sua vida. Com o seu parceiro, com suas convicções, com a empresa que você trabalha. Agora, ser fiel não significa você não ter argumentos para mostrar que eles precisam mudar no A ou no B, entendeu? Porque você tem alguém que te rege ali, mas você pode mostrar que às vezes o caminho nem sempre é aquele. Vai deles aceitarem, né?

Mas você considera importante?

É muito importante.

Quais são os valores profissionais indispensáveis par ao exercício da profissão?

Os valores? Ética acima de tudo, educação, é... Perspicácia, é.... É... O que mais? Vamos ver. Uma pessoa... Uma pessoa tem que estar sempre muito bem atualizada. É... Tem que ser uma pessoa estudiosa e tem que ser, muitas vezes, resiliente, porque eu acho que hoje no mercado você tem que ter uma resiliência assim...

Por que?

Porque o mercado está muito, muito mexido com essa coisa das redes sociais, sabe? Então se você... Porque as redes sociais elas mergulharam também no jornalismo, que você sabe que é fake muitas vezes, o jornalismo mal feito, o jornalismo de interesses, né? Muito mais é... É... Então, se você não pratica a resiliência, você... Explode eu acho. Então você tem que saber praticar isso de vez em quando. É difícil hoje em dia você querer ser uma pessoa séria com nove querendo, fazendo coisas que não tem nada a ver e acabando com o trabalho que você faz sério.

Então resiliência nesse sentido? De manter seu trabalho profissional, enquanto muita gente está fazendo... Vivendo do amadorismo.

É, exatamente.

E resiliência na carreira?

Ah, resiliência na carreira é... Às vezes você tem que ter, né? Você tem que ter, porque às vezes sua posição, seus pensamos são um, da empresa são outros e você tem que saber qual que é a hora de bater de frente, de você deixar aquilo passar, entendeu? Então eu acho que tem que saber. E isso faz com que você consiga dosar a sua carreira. Não é você ser omisso. Não é você ser omisso, mas eu acho que nem tudo a gente tem e deve bater de frente. Você pode com jeitinho, com o tempo, mostrando que se pode fazer diferente. Então tem horas que... É a mesma coisa de uma briga de casal. Na hora da coisa que pega fogo você... Um deles tem que se aquietar, entrar na razão de novo e falar: "Não, vamos retomar isso depois, com os ânimos menos aflorados...." Entendeu? Então essa resiliência acho que ela é necessária na vida. No trabalho também. Mas tudo dosado, né? Eu acho que a hora que você também... Tiver que colocar suas posições, as suas convicções... Mas tudo na vida a gente tem que arcar com as consequências daquilo que a gente faz, né? Eu penso assim... Muitas vezes você... As pessoas elas explodem sem pensar no entorno delas e elas continuam dando cabeçadas, sabe?

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Olha, eu acho que ela é necessária. Eu acho que ela é necessária. Porque em qualquer profissão você tem as peculiaridades dela, então eu acho que tem... Que a universidade tem que ter o curso de jornalismo, tem que se formar. Não vou dizer que um advogado, um artista plástico, um... Não sabe escrever. Não é nada disso. Mas ser familiarizado com uma redação... Quero dizer isso.... Porque hoje há essa...O jornalismo ficou setorizado, então o artista plástico chegar ali e quiser escrever sobre uma... Um artigo, alguma coisa, tudo bem. Mas a informação do dia a dia, essa formação de jornalista, do que você deve fazer, como você deve tratar a informação, eu acho que isso é necessário.

Mas é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Ah, eu acho determinante. Eu acho.

Por que?

Porque tem um universo de coisas que a gente aprende na teoria, que pra colocar na prática as outras profissões não sabem. Não estão familiarizados. É a mesma coisa que eu querer entrar na advocacia ou querer entrar na parte de artes plásticas sem ter feito uma universidade, sem ter conhecido o Renascentismo, O... A fase Barrosa... Então eu acho que cada um no seu quadrado. Eu acho que é necessário.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

De como você tratar uma notícia. É isso? De como você se posicionar diante daquilo sem dar a sua posição, a não ser que seja um editorial, um artigo mesmo de opinião. Mas ele te ensina, na prática, o dia a dia de uma redação, a ética que você deve ter, as coisas básicas

do jornalismo que todo mundo precisa saber. Eu acho essa formação imprescindível. Eu acho... Os livros que você tem que ler, a carreira dos que você tem que conhecer, que lá pra trás foram fundamentais pra construção desse jornalismo que tem... Que formou a história do jornalismo no Brasil, então eu acho que é necessário.

Você consegue elencar valores que essa formação acadêmica traz para o entendimento da profissão?

Valores?

É. Principais valores.

É aqueles que eu te disse. Ética, a informação bem dada, honestidade na informação, que nada mais é do que a ética, né? Acho que é isso.

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?

Não. Informação é um direito do cidadão. É um direito acima de tudo, nossa.

Por que é um direito?

Porque o cidadão, pra ele viver bem, ele tem que estar bem informado e assim... Ele tem direito a saber de tudo, de tudo o que cerca a vida dele, não só dos acontecimentos mais imediatos, mas de tudo o que é feito para que ele esteja inserido na vida, por exemplo: O cidadão tem direito de saber que o SUS acrescentou novos exames pra que ele possa ter acesso. Ele tem direito de saber que ele... Se ele aparecer em uma UBS, vai ter ou não um pediatra pra atender o filho dele. Ele tem direito de saber que na China tem uma pós-graduação em alguma coisa que ele queira fazer e que ele pode pleitear se ele prestar um exame, entendeu? Então com essa globalização eu acho inclusive que é... Os direitos se ampliaram, entendeu? Então é um direito fundamental de cada cidadão ter a informação a seu favor. Eu acho que tem que ter esse tipo de informação.

A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Para escolha do trabalho como?

Do seu trabalho. Para você escolher uma empresa para trabalhar. A projeção dela ou a reputação dela é determinante? A projeção que ela pode te dar ou a reputação dela, o que falam dela...

Olha, a projeção pra mim... Mas a reputação, sim, pra mim é.

Por que?

Porque eu estou falando de mim, né? Do meu perfil. Eu não me alio à porcaria... A... Já dizendo que eu sei que nem todo mundo é perfeito. Nada é perfeito, mas eu acho que você tem que se aliar... No meu caso, eu sempre procurei me aliar a lugares, estar em lugares que... Andem de acordo com aquilo que eu faço na minha vida. Eu sou uma pessoa honesta, eu sou uma pessoa de caráter, sempre tentei traçar a minha vida direitinho, nunca fiz mal pra ninguém, tenho sempre... Sempre tentei tratar os assuntos que apareceram na minha vida de forma ética, correta, ouvindo os dois lados, enfim. Então, eu... Projeção pra mim... Eu não iria atrás disso. Eu sempre primei por essa coisa da reputação. Eu não me aliaria a uma empresa... A não ser assim... Se eu não soubesse, se eu conhecesse o superficial só, achando que ela seria... Eu me retiraria, eu me retiraria. Eu me retiraria.

Por que vai de encontro aos seus valores pessoais?

Vai de encontro. Não ao encontro, hein? Vai de encontro. Você falou bem. Vai de encontro aos meus valores. Exatamente.

Mas a projeção não? Não é determinante?

Não, pra mim não.

Por que não?

Porque eu acho que você pode entrar em um lugar e ajudar a fazer crescer, a se projetar. Você pode ser uma ferramenta pra ajudar esse lugar a se projetar, entendeu? Na minha opinião.

Mas e a projeção que a empresa pode te dar?

Ah, a projeção que a empresa pode me dar? Entendi. Achei assim... Que fosse uma empresa que já tivesse uma projeção.

Não. A projeção que ela pode te dar. O destaque que ela pode te dar.

Não, pra mim não, não sou... A esse ponto. Não.

Por que?

Porque eu não acho que isso é imprescindível na minha carreira assim... Projetar...Ser uma pessoa de projeção. "Óh, o seu nome..." Não. Eu fazendo o meu trabalho bem, ganhando aquilo que eu acordei, entendeu? Eu não preciso ter nada que me faça ter essa projeção toda. Eu nunca me senti assim... Não preciso disso. Pessoalmente não.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?

Ah, é você ter uma família como a que eu tenho, você ter saúde em primeiro lugar, porque eu acho que é... Em primeiro lugar: ter qualidade de vida é você ter saúde, você ter as suas faculdades mentais equilibradas, você poder levantar todo dia e falar "eu consigo andar", "consigo enfrentar a vida", nem que seja assim... Faltar uma perna, ser deficiente visual... Mas você ultrapassar os obstáculos, entendeu? Com uma certa saúde. Fazer o seu trabalho bem feito, você ter um equilíbrio familiar que te proporcione isso, porque eu vou te falar: se eu não tivesse uma retaguarda, eu não conseguiria trabalhar o tanto que eu... Já trabalhei muito mais horas... Muito... Já fiz zilhões de coisas ao mesmo tempo, mas... Já fiz freela, já fiz assessoria assim... Assessorias individualizadas... Já fiz... Então você quer abraçar um monte de coisas, porque você também tem necessidades às vezes financeiras, não é verdade? Então a gente acaba fazendo isso. E se eu não tivesse um marido que compreende a minha profissão, que entende viagem e tudo mais... Se eu tivesse essa retaguarda, esse companheirismo... Os meus filhos... Olha, pra mim isso é qualidade de vida: eu chegar na minha casa e ter minha comidinha quentinha. É eu não dever no supermercado. É eu conseguir viver com tranquilidade. Não sou rica, mas eu tenho assim... Um teto pra eu morar, tenho o meu carro... Pra mim, isso é qualidade de vida. Eu posso viajar às vezes. É... Posso ir em um restaurante às vezes. Adoro cozinhar em casa. Então... Ter a minha hora, ter as minhas árvores, passarinhos... Pra mim, pra nós, na minha casa, nossa qualidade de vida é essa. É eu ter a tranquilidade de vir trabalhar, vir conversar com você, sabendo que tudo está funcionando em casa, que a minha família está bem, que não tem ninguém doente por enquanto, entendeu? Que está todo mundo feliz, que a gente se dá super bem, que eu sou bem resolvida nesse assunto, graças a deus. Tenho irmãs ótimas, cunhados maravilhosos e tudo funciona. Então, eu acho que o ser humano, no frigir dos ovos, ele quer isso. Ele quer essa paz, essa tranquilidade de você poder trabalhar, fazer seu trabalho bem, se estar preocupado... "Meu deus do céu, olha lá em casa está faltando isso, está faltando aquilo. Olha, não consegui, minha casa está uma zona. Olha, é... Não vou ter o dinheiro pra pagar o aluguel do..." Entendeu? Então, a minha qualidade de vida é essa. É você ter amigos, ter pessoas pra rir, pra tocar um violão, pra, enfim.

E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

Ah, mas certamente, desde que você é... Assim... Que você obedeça pelo menos 50% de determinadas coisas, que são imprescindíveis na vida. Bom, isso eu vou te dizer: eu já vi amigos morrerem alcoólatras, com cirrose.

Amigos jornalistas?
Eu já vi amigos jornalistas morrerem de overdose. É.. Também, infelizmente, tive amigas que morreram de câncer. Então, esses que eu te digo que morreram alcoólatras eram pessoas inteligentíssimas, pessoas maravilhosas, é... Tive amigos que, por uma conduta de vida também não muito regrada, morreram de HIV, entendeu? Infelizmente. Mas por que? Porque são decisões que você toma na sua vida, em todos os casos, não estou dizendo só porque era HIV ou porque... Não! Porque a bebida... Porque isso foi em excesso. O excesso de parceiros, de não se cuidar, foi em excesso. Porque a overdose, o nome mesmo está dizendo, foi em excesso... Então, se você dosar tudo na sua vida, você vai ser feliz como jornalista, como advogado, como médico, como tudo, mas tudo você tem que dosar.
Mas então é possível ter qualidade de vida?
Tranquilamente. Eu posso te dizer que eu sou muito feliz. Muito. Com a boca cheia.
Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?
Olha, ele é determinante sim, agora, se eu não me sentir feliz no todo, eu pego a minha mochilinha, ponho nas costas e vou embora, né? Se eu não estiver feliz com o que eu estou fazendo. Agora, eu vou dizer pra você: isso é complicado, porque dependendo de como é a sua vida às vezes você não pode abrir mão daquilo e às vezes também mais vale um na mão do que dois voando. Vou contar uma história pra você: nos anos 90, não, nos anos 80, quiseram criar um jornal lá em São Paulo. Foi um jornal bem pensado, enfim. Convidaram algumas pessoas, de várias redações... Do Estadão, da Folha... E ele foi mal projetado, durou dois meses e fechou. Então, muita gente que ganhava razoavelmente bem na Folha, Estadão, O Globo... Foram para um projeto que eles achavam que ir ser a... panaceia. No fim, durou dois meses, ficou todo mundo chupando o dedo, não voltaram para as suas redações de origem. Então às vezes você tem que pensar muito bem no passo que você vai dar e arcar com as consequências, que é o que eu já te falei. Então às vezes você tem filhos, às vezes você tem compromissos, às vezes você tem um familiar doente... E às vezes você tem que levar em consideração aquele salário, se ele é bom, se ele não é. Mas se você vai ter todo aquele outro aparato em volta em uma outra empresa, então é uma somatória e também é uma decisão que você tem que tomar em um momento, naquele seu momento, entendeu? Então isso é uma coisa muito individualizada, né? E eu acho que faz parte de um momento da sua vida. Tem pessoas que já largaram, por exemplo, um salário, um emprego bom, pra viver um ano sabático. Tem gente que já largou por um salário bem inferior, mas que iria para outro ramo, que a pessoa estava afim de experimentar. Eu acho que na vida tudo é experiência, né?
Mas no seu caso o salário é determinante até que ponto para você permanecer na empresa?
Ele determinante até o ponto que ele me ajuda a eu ter a qualidade de vida que eu quero, então eu continuo. Se ele me dá aquela qualidade de vida que eu quero, né? Se eu estou bem em um lugar, se eu estou me sentindo feliz, se aquele salário condiz com aquilo que eu quero ter fora, pra que mudar? Eu não mudo.
A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?
Olha, minhas necessidades básicas, sim. Mas eu não posso, sinceramente, pensar em fazer uma viagem para o exterior. Por que? Aí... Por isso que eu te digo: isso vai do momento de cada um. No meu momento, não, porque tenho filhos que ainda estão em início de carreira, eu e meu marido a gente ainda subsidia algumas coisas na vida deles, entendeu? Então assim... Eles ganham, mas eles não ganham pra se libertar, entendeu? Então eu sou muito nessa parte... Eu sou muito razão nessa hora. Eu sou uma pessoa muito razão, nessa hora de

falar de dinheiro. Então, eu vivo com o que eu ganho, mesmo porque agora eu tenho uma aposentadoria. Mas você está falando só do salário do jornal? É isso?
Isso.
Sem aposentadoria?
Sem aposentadoria.
Não. Não consigo.
Até porque sua aposentadoria é recente, né?
É, tem dois anos. Exatamente. Mas nossa... É assim algo que está... Aquém daquilo que a gente quer.
E com a aposentadoria?
Com a aposentadoria melhorou um pouco, mas infelizmente ela não acompanha os aumentos que, digamos, acompanham uma empresa privada, então ela já está... Em dois anos ela já se defasou. E olha que eu me aposentei com o integral, porque eu tinha 60 anos de idade e 45 anos de trabalho.
Você falou que tem qualidade de vida e que pode ser orgulhar disso. Mas você acredita que a qualidade de vida que tem é em decorrência do salário que recebe, da sua remuneração, o valor e do cargo que exerce?
Não, porque eu tenho um marido, que também tem salário, então a qualidade de vida que eu tenho soma o meu com o dele, entendeu? Se não fosse isso, se fosse só o meu salário, com meus dois filhos, eu não conseguiria mesmo.
E um repórter, por exemplo... Você acredita que sendo jornalista, em um cargo que não é de chefia, é possível ter qualidade de vida?
Não, não é. Assim... Com tudo que se precisa, pra comprar uma casa, pra você mobiliar, pra você ter... Não. Serve pra comer, pagar um mísero de um aluguel e olhe lá.
Então está relacionado à remuneração?
É. Exatamente.
Como você lida com a pressão do tempo no trabalho? Você já falou um pouco sobre isso, que adora e tal...
Super bem. Eu adoro adrenalina. No meu caso, isso nunca foi problema. Eu gosto da pressão. Eu me dou bem com ela. Ela nunca foi um bicho papão pra mim. Eu aprendi a tomar decisões na hora da pressão. É... Eu administro. Ela é minha aliada.
Você se organizada como? Agenda?
Ah, olha, agenda é pouco. A pressão que eu digo é essa pressão do dia a dia, do imediatismo da notícia, de você ter horário de fechamento e tal, então com isso você vai todos os dias exercitando e ela se torna algo assim... Como uma companheira, entendeu? Então eu não me incomodo, eu me abstraio do barulho da redação. Eu... Olha, eu entro no meu mundo... Eu até melhorei bastante, porque outro dia meu amigo estava na redação: "Cris, cris" e, juro, eu estava lendo alguma coisa, estava prestando tanto atenção... A redação inteira falando... Eu não vi, eu não ouvi ele me chamado e ele: "Cris". Ele senta na minha frente: "Cris, Cris". E eu estava tão absorta ali, entendeu? Que aí ele veio e fez assim... "Caramba, estou te chamando".
Você entra em um estado de suspensão...
É, é... Sabe? Parece que cria uma bolha. Então eu trabalho, eu escrevo, sem o mínimo problema... Eu... Aquilo pra mim é tranquilo, tranquilo.
E sempre foi assim?
Sempre foi assim. Eu não sou estressada, não sou... Olha, pra eu rodar a baiana... Eu sou comunicativa, eu falo alto, tudo isso... Mas não leve isso como... Olha, eu pago mil pra não entrar em uma discussão... Não sou barraqueira... Não sou... Já fui mais ansiosa, já fui mais

ansiosa, mas aos 62 anos de idade eu estou aprendendo a administrar muita coisa. E... Então, já fui muito mais ansiosa. De dormir e sonhar com pauta... Às vezes eu sonho... Sonhar com pauta, sonhar com fechamento, mas nunca disso me fez mal. Eu não tenho gastrite, eu não tenho nada dessas coisas.

Isso que eu vou te perguntar. Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Olha, eu adquiria, talvez, uma labirintite por... Mas é uma coisa assim muito esporádica. Quando eu... Mas o problema sou eu... Eu quero... Eu faço zilhões de coisas ao mesmo tempo e não só aqui na redação. Eu faço em casa, faço na minha vida... Segundo o meu marido, eu quero abraçar o mundo com as mãos em 12 horas, você entendeu? Adoecer todo mundo adoece. A gente fica gripada, mas são coisas que... Agora, a labirintite que eu adquiri eu sei que é de uma somatória de coisas assim... Porque eu sou assim... Então eu aprendi o que? A dosar as minhas coisas. Faço isso, não vou fazer aquilo, não vou abraçar... Vou dosando nos dias da semana. E nunca mais tive.

Nunca ficou afastada por conta de problemas de saúde?

Não. Só fiquei afastada dois meses, na minha licença maternidade, que eu voltei depois com dois meses. Eu não tirei os quatro meses porque eu não quis. Eu morava aqui perto e vinha trabalhar. Porque quando eu cheguei, estava grávida e minha filha nasceu de sete meses na época. Então, eu fiquei pouco tempo trabalhando... Assim, aí eu tive a minha filha, tirei dois meses de licença maternidade e nos outros dois meses eu vinha, fazia alguma coisa, amamentava aqui pertinho, então não me atrapalhou. E uma vez que eu fiquei sete dias porque eu adquiri uma doença contagiosa chamada escarlatina, que é como se fosse uma caxumba, uma coisa assim... Chama escarlatina e você não pode, altamente contagiosa. Fiquei uma semana de cama... Quarenta graus de febre... É proibida as pessoas comer na colher que você comeu... Só! Em 28 anos nada.

Mas em decorrência do trabalho? Problema psicológico, psiquiátrico, ansiedade, depressão?

Nada, nada. Isso aqui só me dá alegria. Só me dá alegria.

Fatores tecnológicos

Vamos falar de tecnologia agora. Você acredita que as novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?

Ah, facilitam, nossa, nossa, e como.

De que forma?

Primeiro: ela te aproxima muito mais rapidamente das coisas. Você consegue as fontes com muito mais facilidade do que na minha época, que você tinha que se deslocar até onde ela estava. Claro, isso continua... O olho no olho é maravilhoso, mas muitas vezes você pode encurtar esse espaço. Hoje dia por meio de um WhatsApp, de um Facebook, você encontrar pessoas e perguntar: "Você conhece?". Principalmente na minha época... "Você conhece alguém assim e assim? Você conhece alguém que é assim? Você conhece?" Entendeu? Então essas tecnologias, mesmo na parte de feitura do jornal.... O papel diminui muito, então o número de árvores diminuiu muito. Acho que a gente tem que pensar logo daí, você entendeu? Tudo é muito mais rápido. Você não tem aquela coisa de você ter escrito e ficar gastando tinta pondo xiszinho em cima da placa que você não quer que saia. Você vai lá... Tudo é mais limpo, mais rápido... Você tem ferramentas que te proporcionam. Essa tecnologia te proporciona ferramentas pra você cortar fotos. Você faz uma página muito mais elaborada, né? Com programas que te facilitem, então é fantástico. Eu sou a favor de que tudo avance, das modernidades. É... Eu detesto parar no tempo, então eu gosto de

acompanhar, eu adoro as redes sociais, eu adoro essas tecnologias... Que venham mais, entendeu? Esse negócio de substituir o ser humano... Vai substituir nada.

Como era antes?

Antes eu chegava na rua, ia para uma mesa que tinha uma máquina de escrever, tinha umas caixinhas com umas laudas.... Essas laudas, pra gente escrever, eram laudas com 20 linhas. Você escrevia nessas 20 linhas, nas outras... Vamos supor que você escrevesse quatro laudas... Você tinha que passar uma cola e colar uma lauda na outra e você tinha que é... Colar uma.... Era um gerenciador. Então, vamos supor: na primeira lauda você colocava um papel que era picotado em três, em três partes... Uma ia para a paginação, uma ia para o paste-up, com as informações... Quem fez a matéria, quantos toques tinha, quantas linhas tinha, quando fez, o título da matéria que você fez, se tinha box, se não tinha, porque isso ficava em uma caixinha e o chefe de reportagem lia uma por uma, entendeu? E ali mesmo já ia consertando alguma coisa até ir pra revisão, e da revisão ia para uma máquina que eles digitavam, que era uma máquina.... Tipo de datiloscopista assim... Era muito louca. Que não era um computador. É... Como se fosse um computador, né? Então era um processo assim... Muito demorado, né? E hoje em dia você não tem mais nada disso, você não tem o papel, você já eliminou toda essa fase do papel. No meu caso aqui a gente escreve, o editor já olha, eu já ponho na página. Eu, por exemplo, eu tenho uma repórter só, a Cássia, então... Já tive mais pessoas na minha editoria, mas estou só com a Cássia, então... Porque as reações foram se enxugando, né? Então, por exemplo, eu falo: "Cássia, eu pensei em nessa pauta assim... Então vamos fazer assim, assim, assado". Então eu mesma já pego a página, eu já vou pondo a foto, já vou bolando, já fala pra ela quanto que eu quero que ela escreva, eu já vou adiantando, você entendeu? O meu expediente. É isso aí.

Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Ah, muito bem. Nenhuma, nunca tive. Ao contrário, eu sempre ensino.

Conseguiu se adaptar bem?

Muitíssimo. Sempre tive a maior dificuldade.

Mas você fez algum curso ou foi na prática?

Nada. Foi na prática. Manda ver....

Curiosidade...

É. Lá na Folha sim. Era o PageMaker, tal... Que eu acho que é ultrapassado. "Licerre, me perdoa viu, Licerre, o dia que você for ler..." Não deixa o Licerre ler isso aí. Ou Licérre, né? Como vocês chamam, né? Licérre. Não deixa o Márcio ver isso porque ele vai lá em casa e... Ele é amigo de casa. Então, amigo, não sei... Mas eu acho o PageMaker ultrapassado, né? Então... Eu gosto de tudo o que é novo. A única coisa que eu não gostei, que eu vou dizer pra você... Não gostei! Foi o Iphone. Eu gosto de Android. Não gosto do Iphone.

Por que?

Não me adaptei no jeito dele assim... E não suporto o Windows 10. Não suporto o Windows 10. O Windows 10 é... deus me livre. O Windows 7 é mil vezes melhor pra trabalhar no jornalismo. No Windows 10 ninguém merece! Eu tenho Asus, meu laptop, que era o Windows 7, e pra mim é o melhor Windows que tem, é o mais fácil de você trabalhar. Esse Windows 10 é

uma caca. E, enfim, ele não colabora com a sua agilidade, entendeu? E eu sou muito ágil.

Por que ele tem janelas, né?

É, é... Eu não gosto, não gosto. Mas no mais assim... Nossa! Eu adoro. Que venha mais coisas.

De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?

Em tudo, desde a hora que eu preciso achar, por exemplo... Já aconteceu muitas vezes de eu não achar a pessoa por telefone, precisar falar pra pauta... E geralmente a gente faz matérias de comportamento.... São sempre mais, mais de uma fonte... São três, quatro pessoas que a gente tem que conversar... Você não acha pelo telefone, mas você vai no WhatsApp da pessoa, deixa um recado e a pessoa te responde ali, porque às vezes está em uma reunião, ela não pode falar, não é verdade? Então... Pela rede social mesmo. Então isso veio pra acrescentar. No meu caso, estou falando de mim, da editoria que eu trabalho, só veio acrescentar.

Quais as habilidades profissionais do jornalistas valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?

É ele ser plural, né? É ele jogar nas 20.

Como assim?

Jogar nas 20 significa você ter... No time certo. Você saber mexer com tecnologia, você ter idioma, ter curso de mestrado, pós-graduação, você ter títulos... Isso eu acho que não é só no jornalismo, né?

Ser um profissional multitarefa?

Exatamente. Ser uma pessoa esperta, ser uma pessoa antenada e uma pessoa que goste... Que goste dessa correria, entendeu? E dessa pluralidade que eu sempre falo que o jornalismo proporciona pra gente, de você escrever um dia sobre isso, um dia sobre aquilo, de você correr trás das coisas e fazer tudo ao mesmo tempo agora.

Como você utiliza as redes sociais no seu dia a dia no seu fazer jornalístico?

Eu utilizo todos os dias. Por que? Porque às vezes no Facebook aparece uma pauta, pelo WhatsApp você conhece pessoas, também encontra fontes. É... Nossa... Elas fazem parte do meu dia a dia. Eu chego, eu abro... Agora, eu não fico batendo papo, nem... Né? Não fico perdendo tempo. Mas às vezes bato papo pra saber de coisas que me levam a pautas.

No Facebook, por exemplo?

No Facebook, no WhatsApp, é... No que... No Instagram. Nossa... Olho Instagram assim... Já me deu altas pautas. Já, já descobrimos pessoas através do Instagram, entendeu, fazendo coisas assim... Aí a gente entra em contato. Eu entro em contato.

E quais redes você utiliza? Facebook, Instagram...

Facebook, Instagram, WhatsApp, o Telegram... Não é todo mundo que tem Telegram, né?

YouTube, Twitter...

Ah, então, o Twitter... No início eu fui do Twitter, só que daí não se encaixou no meu perfil. Eu não consigo usar 140, 120 palavras pra... Sabe? Mas ele me serviu pra uma coisa determinante assim na.... Copa do Brasil, quando a Copa veio para o Brasil, ele foi determinante para uma novela que eu comecei a escrever e a Samsung me ouviu e me deu uma televisão nova. Porque eu comprei uma televisão nova, não consegui ver a Copa na televisão nova, ninguém me dava bola e eu comecei a escrever a novela da Samsung, aí eu consegui ser atendida.

Foi um SAC 2.0?

Exatamente. Foi. Logo no início do Twitter. Não era no início, mas estava nos primórdios do Twitter. Mas eu depois eu me desencantei com aquilo. Não gostei muito.

Agora aumentou, parece que está em 280 caracteres.

Então, eu nem sei, porque eu...

O YouTube você consegue utilizar também?

Costumo. Uso o YouTube, blogs, nossa eu... Papo de Mãe... Eu gosto da Mariana Kotcho. Enfim, blogs dos meus amigos, do Ricardo Kotcho, o pai dela, jornalistas que trabalharam comigo e... Também na medida do possível que dá, né? Eu gosto de fofoca, essas coisas aí

da fofoca, gosto de saber... Muito de coisa de natureza, de saúde, porque eu amo coisas sobre saúde...

A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Olha, como eu vou dizer isso pra você? No meu caso, não influencia... Não... Como é que é?

Influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Ah, eu acho que ela influencia no domínio. Eu acho, porque não é possível você ter experiência em outras coisas e não... A tendência é sempre você ir dominando o que vem, não é verdade? A não ser que você tenha ficado muito alienado no começo, porque eu acho assim: tem pessoas que se alienaram. Não quiseram ir para computador, não quiseram ir para o celular. Então quando você... A idade ela só facilita mediante você ter acompanhado a evolução das coisas, porque se você chegou em uma certa idade e não acompanhou, ela dificulta. Você concorda?

Então isso depende da pessoa?

É, depende da pessoa.

Do interesse pessoal?

É, eu acho. Por exemplo: eu tenho uma irmã que ama computador, mas ela detesta falar no Facebook... WhatsApp... Ela tem, mas ela usa só... Ela não gosta. Ela gosta de ir no computador faze pesquisas e não sei o que, mas esse negócio de ficar no WhatsApp e ficar no Facebook, ela não.... Ela tem 74 anos... Ela não gosta, entendeu? Essa intimidade, essa coisa... Ela não gosta desse tipo de funcionamento. Ela acha que é uma invasão de privacidade, na opinião dela. Então... E é uma pessoa super estudiosa, antenada, lutadora, né? Se aposentou já, viaja pelo mundo, fala inglês, fala espanhol, está na universidade, aprendeu a tocar flauta, agora está aprendendo a tocar piano... Mas ela fala assim: "Não gosto". Então assim... O WhatsApp pra ela é uma coisa de necessidade de informação. "Estou bem ou vou pra onde, como vocês estão e tal", você entendeu? Mas essa coisa de rede social, YouTube, Facebook, nada disso. O WhatsApp pra ela é para o estritamente necessário. Nós temos um grupo na família e eu acho que ela só olha, ela nem comenta nada. Ela acha isso um absurdo, o Facebook... Uma invasão total. Mas tudo bem. Eu respeito. Por que? Porque ela veio de uma geração que foi criada de um jeito, né? Eu, tudo bem que eu tenho 62 anos, mas eu sempre trabalhei em jornal. A mente da gente é uma mente que já foi... Pelo menos a gente tentou se preparar pra ser uma mente mais aberta. Eu não, eu adoro tudo isso.

Mas para você os jovens dominam mais a tecnologia que os mais velhos?

Certamente, certamente. Os neurônios deles são diferentes, né? Já estão... O tico e o teco ainda estão ali assim.... Isso é fisiológico. Eu acho que não tem como você, né? Então, talvez a gente domine, mas mais lentamente. Não que a seja incapaz, mas tudo é um pouco mais lento, porque vocês vão perceber, você pode gravar isso um dia... Você vai chegar na minha idade, e muito mais, e você vai falar assim: "Agora eu entendo o que aquela velha falava", porque eu entendo o que a minha mãe... Porque muitas coisas a gente falava: "Ah, mãe..." Meu filho mesmo fala: "Ih, mãe, parece aquelas velhas..." Ele fala pra mim. E ele fala: "Mãe, eu falo brincando porque eu sei que vai chegar lá na frente"... Então hoje eu sinto que muita coisa fisiologicamente está diferente, entendeu? Por mais que eu faça exercício... Assim, eu acho que eu tenho um shape de... Com todo respeito, não tô querendo falar nada... É que as pessoas "nossa, nossa". Pra mim isso também é indiferente. Eu amo a idade que eu tenho, não tenho o menor problema de falar dela, mesmo porque eu me sinto com 25 anos. Eu tenho 62, mas eu me sinto com vinte e cinco, trinta. Eu me sinto mais do que isso. Eu tenho disposição muito mais do que muito jovem aí que tá lá... Que eu sei que

é próprio dá, né? Mas fisiologicamente é inevitável. Eu não tenho mais hormônios femininos. Meu marido não tem mais hormônios masculinos. Eu não faço reposição. Sou contra reposição hormonal, por uma série de coisas que ela pode te dar, então eu prefiro não ter algumas coisas, do que ter outras piores, no meu caso. Fiz várias matérias sobre saúde, entendo disso até certo ponto, enfim, então é uma coisa que eu... Então, muita coisa vai surgindo por causa disso, porque o seu corpo vai mudando. Então é inevitável... Os jovens tudo é muito mais rápido, mas não que a gente tenha incapacidade. É uma coisa fisiológica. É mais lento, mas não é incapaz.

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Eu não. Eu não. E eu sinto que, nossa, ao contrário... Não me sinto. Pode perguntar pra Tainá. Se tem alguém que brinca aqui, que pega amizade com todo mundo, que... Eu não tenho dificuldade com nada.
Mas como se dá essas relações? Com acontece?
Então, eu acho assim olha... Dificuldade de relacionamento eu não tenho. Chamada para uma ou outra coisa que se faz, eu sempre sou, mas é claro, é inevitável, que os grupos se formem. Eles não vão fazer um churrasco, uma coisa lá... Primeiro que eu não como carne vermelha... Mas eles não vão fazer um negócio assim lá... "Ah, vou chamar a Cris porque"..... Entendeu? Talvez porque os interesses sejam outros, claro, e eu entendo perfeitamente, mas isso eu tenho que certeza... Se um dia eu fizer alguma coisa, e achar que é uma coisa relevante, eu vou chamar a galera que eu... Por exemplo: eu trabalho com a Cássia, que tem a idade da minha filha. O Jones trabalha do meu lado.
Ela tem quantos anos?
A Cássia tem 27.
É sua repórter, né?
É. E tem a idade da minha filha. Eu ensino um monte de coisas. Eles sabem. Aqui na redação... Por exemplo: eu virei a mãezona de todo mundo. Já aconteceu assim de gente se sentir mal.... "Pelo amor de deus, chama a Cris porque a Cris vai saber..." Eu soube contornar com tranquilidade, fui lá... "Calma, gente, calma. Ela está gritando de dor, mas calma". Então, nessa hora, eu... Eu me centro e, né? Então eu converso com eles sobre tudo. Eu sei que às vezes até eu me torno uma chata, porque a experiência, acima de tudo, ela fala, né? Por si só. Então, por exemplo, outro dia estava ensinando uma coisa pro Jones, entendeu? "Entendeu, Jones? É assim, assim e assado". Por que? Porque eu sou mais experiente, então a minha obrigação, eu me sinto nessa obrigação... De cuidar... Eu cuidado deles, sabe? Não me sinto... Não tenho qualquer dificuldade.
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Ah, sim, eu acho que sim, porque a gente já passou por muito mais coisas, né? A gente tem referências diferentes, então é inevitável que... Então... É... Como eu vou te dar um exemplo?
Como o veterano enxerga?
O veterano enxerga uma coisa, que o jovem, quando chega da faculdade, ele chega com referências muitas vezes equivocadas do dia a dia, entendeu? E isso eu já vi muito. Chega com aquele ufanismo, né? De ser revolucionário, de ser isso, de ser aquilo, pelo qual eu já passei também. Então a gente vê que a coisa é mais embaixo, que muita coisa que a gente achava lá, que a gente aprendeu lá, na prática é outra. Que no dia a dia, conforme a empresa que você trabalha, conforme as pessoas com as quais você trabalha, então é... É... A nossa

visão é diferente, principalmente porque nós já acumulamos experiências em vários, em vários setores do jornalismo, seja no setor administrativo, seja no setor é... Propriamente dito de produção de, de.... Matérias, né? Entendeu? Então nós temos muito mais bagagem acumulada é... Pela experiência da idade... Que nos dá esse aval, de às vezes chegar e falar assim: "Olha, não é bem assim. O que você acha?" E eu tento sempre conversar. Eu nunca imponho nada, nunca... Eu sempre tento conversar: "Oh, o que você acha?"

Mas como que o veterano enxerga a profissão? Talvez como um sacerdócio, um emprego comum... É nesse sentido...

Ah, é nesse sentido? Hum.

Como ele enxerga o jornalismo, o ofício dele, e como o novato também enxerga?

Ah, então eu acho que... Eu vejo como um sacerdócio mesmo, como você disse. E os mais jovens ainda não, ainda não, porque falta experiência para que isso ocorra.

Você acredita que eles vão enxergar, como o passar do tempo, como um sacerdócio?

Ah, pra quem, pra quem gosta mesmo disso, sim, porque eu conheço pessoas que fizeram jornalismo e estão jornalistas, mas por conta do que ganham, por conta de algumas insatisfações já querem pular fora.

Estão, mas não são na essência?

Não, não... É, na essência não são. Eu não me vejo em outra coisa, mas eu não estou dizendo que isso é certo também. Eu não estou dizendo que eles estão errados, porque, meu amigo, muitas vezes a vida te leva a fazer coisas em decorrência de outras que você vive e sua profissão não é tudo, né? Vinte e quatro horas, entendeu? A profissão não é. Então, por exemplo, pra mim foi um sacerdócio porque eu construí assim, eu me senti bem assim, mesmo nem sempre ganhando bem como eu gostaria, ganhando ou acontecendo tudo o que eu gostaria, mas eu me sinto é... Fazendo parte desse universo. Eu não me vejo fora disso, porque eu amo.

Você é jornalista 24 horas por dia?

Ah, eu sou, eu sou. Vinte e quatro horas por dia. Eu já fui trabalhar com o meu carro, eu trabalho sábado e domingo, se for preciso. Eu viajo e troco por folga, eu... Não tem problema, porque eu amo o jornalismo. Eu amo jornalismo.

E a nova geração?

Então, a nova geração ainda não teve toda essa experiência ainda, de ter essa experiência em vários setores, pra saber se ela que isso mesmo. Porque, eu penso assim é a mesma coisa que você é um adolescente. Pra você decidir que profissão você vai seguir é muito difícil, e quando você mergulha nela você pode ter uma frustração lá na frente, por que não? Eu já vivi tanta gente pular fora e falar: "Nossa, eu ia ser médico. Me descobri nas artes visuais". Foi fazer artes visuais. Então eu acho que essa nova geração ela vem com tudo, porque afinal de contas ela escolheu aquilo, mergulhou naquilo... Dentro desse pouquinho que ela começou a fazer, eu acho que ela... É ali que vai se decidir daqui uns anos... Por que você me disse assim: essa nova geração. Tem pessoas que já sabem. Estão certas disso. Tem pessoas que ainda tem dúvida, então eu não posso generalizar assim, né? Pra mim, foi um... Eu também fui assim. No começo você começa a trabalhar, faz aqui, faz ali, mas você fala: "Meu Deus, será que é isso mesmo? Olha a hora que eu cheguei. Nossa, fiquei no fechamento, olha só..." Quando o Tancredo morreu, meu deus, nós dormimos no jornal, oito, nove dias. Estendemos colchão lá, estava, nem ia para casa, tal... Por que? Porque não existia internet, não existia nada disso. Era um telefone ligado com o Incor, com o Instituto do Coração, e a cada minuto chegava informação, então você tinha que ficar de plantão. Você não sábado, você não tem domingo. Eu vejo muitas, algumas, muitos parece que é... Mas eu vejo muito jornalista falar assim: "Não aguento mais, vou pular fora. Eu quero ter

sábado, domingo, feriado". E qual que é o problema? Eu tenho uma filha de uma amicíssima minha, que não vem ao caso o nome, que quando começou na carreira, falou: "Cris, quero fazer um teste aí e tal". Falei: "Pois não. Olha, o teste é assim e assim, você vem fazer, você vai trabalhar assim, assim e assim". "Ah, mas eu não posso trabalhar sábado, porque eu tenho que ir na igreja fazer... Você sabe que eu faço..." Eu falei: "Minha querida, eu sinto muito, mas vai dar. Tem plantão, nã, nã, nã". Ela não quis jornal diário, aí ela foi ver TV. Ela pegou TV porque ela se identificou e teve que largar o que ela fazia no sábado. Trabalha na TV até hoje. Entendeu? Está lá, está crescendo, tal... O sonho dela é ir para uma TV maior, a Morena, né? Enfim... E... Então, tudo isso acontece. A vida não é essa coisa é... Fixa, né? Então tudo na sua vida eu acho que é uma somatória, inclusive influencia na sua profissão, então eu acho que eles dizerem que é sacerdócio agora, é muito cedo.

Tem que passar por essas experiências...

Ah, eu acho. Eu acho. É fundamental. É fundamental. Faz parte do amadurecimento da gente. É como você. Você concorda? Você estava lá, você fez um monte de coisa e você falou: "Não, eu estou inquieto. Eu quero fazer um mestrado. Eu quero..." Pronto. Você pulou. De repente no meio desse mestrado você descobre alguma coisa que vai te levar para... Quem sabe?

Você trabalhou com jornalistas de uma geração anterior à sua, né?

Opa.

E quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?

Os negativos eram: muito cigarro, muita bebida, muita bebida, muito pileque. É... Mas foram pessoas que mudaram o sistema, né? Então, assim, pessoas que também a gente se refere... O Chateaubriand... Pessoas que fundaram empresas jornalísticas e que... Mudaram a vida de pessoas, né? O jornal eu acho que ele muda também as pessoas pra melhor, ou às vezes pra pior, né?

Esses são os pontos positivos que você considera?

É, exatamente, são. São. São pessoas que foram referências pra mim. Professores jornalistas, né? Que até hoje ele trabalha na Folha...Torquato Neto, Torquato, Gaudêncio Torquato... É... Emílio Nogueira, que foi meu professor de português na universidade e quem eu idolatro porque, não sou 100%, mas modéstia à parte, entendeu? Meu português, minha pontuação, minha... Meu texto é um texto limpo, assim... Agradeço... Porque só tive ótimas referências... Cláudio Abramo, Perseu Abramo, né? Odon Pereira, o próprio Boris Casoy.

E quais os pontos positivos e negativos da nova geração?

Ah, eles têm a jovialidade, o gás. Ele tem novas ideias. São antenados com coisas que é... Às vezes a gente não percebe porque são grupos mais novos, vivem com pessoas mais novas, tem contato com o dia a dia do que acontece com as pessoas mais novas. É diferente do meu grupo etário, embora eu não procure isso, mas é normal. A minha vida toma um outro rumo, então eu acho isso muito salutar, ter esse contato com esses jovens, com o que eles pensam, porque vocês são o futuro mesmo, não posso negar. Agora, eu estou descendo a ladeira já. Tenho, no máximo, o que? Uns 20 anos de....

Que isso...

Não, mas é verdade. Eu falei isso outro dia pra minha filha e ela ficou... Apavorada, mas é a realidade. A gente tem que ser realista. Então eu já estou passando o que eu tenho pra eles. Não é muito, mas dei um teto pra cada um. Eu e o meu marido estamos passando em vida, pra não ter inventário, pra não... Então, e a gente tem que ser, sabe por que? Eu vi que meu pai foi assim e foi muito pra nós. Porque iria acontecer uma hora ou outra. Aconteceu

quando ele tinha 90 anos. Ninguém precisou fazer inventário de nada, entendeu? Foi uma passagem tranquila. Ele não deixou dívida pra ninguém, que é o que eu quero também não deixar. Então é... É... Esse pessoal que está chegando traz o frescor, né? Traz o idealismo, que eu nem sei.... É... Se é salutar, porque às vezes a pessoa cai, entra na realidade e leva aquele choque. Mas é fantástico. Eu acho fantástico assim... Conhecer pessoas novas. Eu gosto de conhecer pessoas, não importa se ela tem 80, se ela tem 20, se ela tem 15, se.... Esses estudantes.

Mas você consegue elencar pontos positivos? Você falou em jovialidade, frescor...

Sim... Novidades, porque o jornalismo também ele é mutante. Então você vê novas tecnologias que eles trazem, novas referências de como abordar, não é verdade? Essas referências novas de blogs, de você... A informação ela não precisa ser aquela coisa assim... Estática ou... Você pode dar uma informação com uma imagem, então não é só a palavra, não é verdade? Então é... É... Eu acho que esses jovens assim eles trazem consigo as referências de todas as mudanças que estão ocorrendo e nos fazem aprender também. Eu acho isso ótimo, porque nem sempre a gente consegue estar nesse grupo de pessoas aprendendo isso, não é verdade?

E os pontos negativos?

Os pontos negativos é que eu acho que eles precisam ouvir mais as pessoas com mais experiência algumas vezes, entendeu? Não achar que isso é... É... Prepotência de quem... Estou falando no meu caso, porque é a mim que você está analisando. Então assim... Não achar que é prepotência minha eu querer falar: "Olha, é assim, é assado". É... Mesmo porque eu tenho mais experiência na empresa que eu trabalho. A gente não pode fugir disso. Às vezes querem falar alguma coisa ou fazer alguma coisa, que foge àquela linha colocada.

Linha editorial.

É, a linha editorial. Exatamente. Então... Essa semana mesmo ocorreu em uma matéria que a Cássia estava escrevendo e eu falei: "Isso aqui não pode, por causa disso, disso e disso". "Ah, mas é uma informação a mais". Eu falei assim: "Eu concordo que é uma informação a mais, só que neste contexto específico essa informação vai conflituar com a informação principal que a gente está dando e que eu sei que não vão gostar". E aí ela entendeu. Aí eu expliquei o que era, que aqui não vem ao caso, mas eu expliquei: "Olha, é por causa disso, disso, disso". Não é simplesmente falar "não pode". Eu expliquei pra ela aí ela falou: "Agora eu entendi".

E acatou?

É. Exatamente. E é o meu papel é esse. Como editora o meu papel é esse. Eu tenho que ser um filtro, você concorda? Eu sou o filtro, né? Agora, filtro não significa que é um filtro ruim. É um filtro pra melhorar, né? E, muitas vezes, pra recolocar no trilho.

Consegue me dizer outros pontos negativos dessa nova geração?

Olha, em outros tempos eu até diria imediatismo, mas hoje imediatismo às vezes até ajuda. Não... Eu não vejo... Talvez é... Isso... Isso não é um ponto negativo... É... Talvez essa coisa assim deles olharem também a profissão não só... Não vou só trabalhar. Eu vou fazer outras coisas, vou produzir outras coisas.... Mas isso está certo. Eu... Eu... Assim, não é que eu não faria como eu fiz. Não é nada disso. Eu entrei, me entreguei e não me arrependo de um nada, mas é... Eu acho que você também tem que pensar em outras coisas... Assim... Da sua vida, sabe? Não deixar algumas coisas de lado em função das 24 horas fora do jornalismo.

Consegue elencar mais pontos positivos ou negativos?

Não, não, não... De negativo não tem nada. Só esse. Talvez essa coisa de ouvir mais, sabe? Ouvir mais. Ler mais. Mas o restante.... E judiar menos da saúde eu acho.

Por que?
Porque tem profissionais que judiam da saúde eu percebo.
De que forma? Bebendo?
É. Bebendo... Bebendo, principalmente.
Mas esse negócio parece que está no sangue do...
Então, essa história do sangue não me convence. Não está. Está no desequilíbrio emocional da pessoa e eu já vi vários.
Isso está associado à profissão, você acredita?
Não. Não está associado à profissão. Está associado à pessoa mesmo. Infelizmente a depressão hoje é uma doença que acomete muita gente. Muita gente não se trata, né? E outras patologias aí, que às vezes a pessoa ignora. Problemas familiares.... Então, a pessoa é aquilo que ela vivenciou, não é verdade? Então ela se junta a um grupo cuja tendência é se juntar pra beber e ela não sabe a hora de parar de beber. Então isso me entristece um pouco, porque aí vem aquele velho discurso: "Ah, ela é velha... Olha..." Você vai perguntar: "Você bebe?" Não, não bebo, mas eu não sou uma radical. Eu bebo na minha casa. Se eu sair e não estiver dirigindo, eu bebo uma cervejinha, mas eu nunca deixei isso me tirar do meu centro de equilíbrio. Então eu acho que tudo que é feito bem dosado... E eu vejo que tem jovens que não estão dosando isso e infelizmente. Eu fico muito triste. Essas pessoas sabem que eu fico, porque eu já falei, entendeu? Porque eu já vi.. Eu já perdi amigos assim... Não queria que isso acontecesse de novo. Já perdi amigo do meu lado, você entendeu? De um infarto fulminante por... Beber. Bêbado, de não conseguir escrever matéria, da gente ter que escrever matéria pra pessoa e tal, mas eram outros tempos, entendeu? Fumando muito, droga, essas coisas, né? Então, como você vai falar pra pessoa dosar bebida? E bebida é uma coisa que vicia, que, né? Então eu vejo que essas pessoas perdem muito... Os jovens eles perdem a paciência, perdem o controle muitas vezes... É... Dizer que em redes sociais perdem aquele centro de equilíbrio, sabe? Então eu acho que isso é um pouco negativo sim. Tudo é muito aflorado. Você diz aquilo no calor da coisa e depois se arrepende. Então eu acho que esses jovens deveriam dosar um pouco mais as coisas antes de falar, de fazer, né? É só esse o lado negativo que eu vejo em algumas pessoas. É muito triste.
E quais os pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas?
Ah, era uma geração sonhadora. Uma geração também que sonhou com o melhor, que conseguiu fazer parte da democracia instalada também com as Diretas Já. Fez parte de vários movimentos importantes e soube perpetuar outros que tinham iniciado, né? E.. Mulheres que ingressaram na carreira. Eu acho isso fantástico. Muitas mulheres na minha classe. É... Tinha a Diel, tinha Celina Araújo que fez o TV Mulher. Então....
Como era ser jornalista e mulher nessa geração?
Essa geração foi uma geração que se impôs, colocou o seu valor, então... E, enfim... Então eu acho que nós fomos assim.. Heróis e heroínas, né? Mas o ponto negativo é que eu acho que a gente tinha que, sei lá, assim... Cuidar mais do corpo, sabe? Foi uma geração muito rebelde e rebelde que muitos se enveredaram por esse caminho que eu já te falei. A única coisa que me entristeceu, né? Mas de pessoas guerreiras, de... Aqueles que realmente decidiram ser jornalistas e abraçar a coisa, né? Foram pessoas que abraçaram as 24 horas que eu te falei. É uma geração... Muitos ficaram assim... Pararam no tempo. Outros continuaram, como em qualquer profissão, mas eu acho que nós fomos pioneiros em desbravar o mundo, em querer ir pra fora.... Foi uma geração gostosa, que lançou bastante livro, colaborou com a literatura, né? Nessa área... Já formou professores muito bons...
Consegue elencar mais pontos positivos ou negativos?
Não. É por aí.

Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Conflito de gerações? Ah, eu acho que conflito de gerações vai ter sempre. Vai, né? Mas não é um conflito... E que bom que tem esse conflito, né? Senão vira uma pasmaceira, uma monotonia... Tem. Eu acho que existe um conflito salutar, né? Conflito salutar. Nada...
Como assim?
Ah, é... Assim... O que um vivenciou, o que um vivencia é... As posições políticas, as posições de cada um... Acho que esse conflito sempre vai ter e, no jornalismo, essa necessidade de... Às vezes de você utilizar no jornalismo propriamente dito, no dia a dia, né? É como eu te falei. Esse conflito de você chegar com novidades que o mais antigo nem sempre aceita e com as coisas, experiências que os mais antigos têm, que os novos nem sempre aceitam também. E que bom que existe conflito, mas um conflito salutar, né?
Por que você acha positivo?
Eu acho porque acrescenta. Eu acho que todo mundo aprende com todo mundo. É só você parar para analisar, não é verdade? Então eu vou te falar algumas coisas, você vai parar pra analisar e falar: "Não, a Cris estava certa nisso. Não, a Cris... Que besteira! Que velha chata, tal... Viajou..." E eu vou falar: "Olha.... É... Esse.... "Como é o seu nome?
Elvis, pode me chamar de Elvis.
Elvis? Ah, te chamando de... Ah, que legal, Elvis. Então... Aí, Elvis, eu vou falar: "Nossa, olha o Elvis, que maravilha tudo isso que ele fez... Olha as perguntas que ele me fez. Eu nunca tinha pensando nisso na vida". Nossa! Você me acrescentou com seu sorriso, com sua presença....
Obrigado!
Com seu trabalho... E eu espero ter colaborado assim... Minimamente.
Colaborou muito. Você falou então que existem conflitos e esse conflito é salutar...
São salutar... É, eu acho.
Mas você acredita que esses conflitos são de que natureza? Pessoal, profissional, tecnológica, de gênero? Existem conflitos dessas naturezas?
Olha, de gênero?
Já enfrentou algum conflito de gênero, por ser uma mulher?
Não. Nunca enfrentei, ao contrário....
Ser mulher e estar em posição de chefia... Nunca teve nenhum problema?
Não, não...
Sempre foi respeitada?
Sempre fui respeitada, graças a deus nunca tive esse tipo de problema. Pessoalmente nunca, nunca, nunca... Por ser baixinha... Por ser... Olha, estou cagando e andando pra esse tipo de coisa... Idade, tamanho... Nunca me... Mas assim... Conflitos de, de... Talvez de ideias, né? É... É... Principalmente essas animosidades de época política. Isso existe. Isso existe, mas nunca perdi uma amizade por causa disso. Nunca senti que isso tenha interferido... Não... Assim, de velho com novo...
Conflito por conta da idade? Nunca sofreu ou presenciou?
Não, sofrer não sofri, mas eu sinto que existe uma coisa natural de seleção de grupos. Isso eu sei que tem, entendeu? Eu sinto isso, percebo isso, mas isso não me deixa infeliz. Eu não forço uma participação. Não quero forçar uma participação e não acho que eles estejam errados, porque é uma seleção natural, entendeu? E não me sinto discriminada porque... Ao contrário, por exemplo: tenho amigas da geração nova, que tiveram filhos, fui convidada pra ser madrinha, convidada pra festa criança, coisa que outras pessoas... Você entendeu? Faço parte de um grupo de discussão de coisas pertinentes a... Então não me sinto excluída.
Com a nova geração...

É, com a nova geração. Não me sinto excluída, entendeu? Não tenho esse tipo de problema de relacionamento. Eu sou uma pessoa feliz.

Conflito pessoal, profissional, de idade....

Profissional, de idade, profissional... Não, ao contrário. Quando uma... Você pode perguntar pra cada um que chegou nessa redação dessa geração nova. Eu faço questão de eu me apresentar, falar que estou às ordens. Já ensinei várias coisas pra todo mundo... Pode perguntar pra Tavani, pra Natália... Cada um que chega eu faço questão de falar: "Estou às ordens. Posso te ensinar fazer isso, isso, isso".

Você acredita que nunca sofreu esse conflito?

Não. Aparentemente não. Nunca...

E você associa isso ao cargo de chefia que exerce?

Não, não, nunca sofri.

E por que acha que isso nunca ocorreu com você?

Porque eu nunca me posicionei... Claro, eu sempre fui chefe, mas nunca fiquei... Nunca fiz questão de deixar isso claro, 100%, vinte e quatro horas por dia. Eu tento dialogar, entendeu? As decisões como chefe eu sempre tomei, mas eu sempre mantive o diálogo em todas as esferas, o respeito, entendeu? Mas não vou dizer que não tenha acontecido. Aconteceu uma vez, há muitos anos atrás. Eu levei 12 anos pra dizer pra pessoa aquilo que ao longo de 12 anos eu fui formando a minha opinião sobre ela, mas eu relevava, porque era uma pessoa doente, se dizia doente que... Sempre assim... Se achava a patinho feio e tal. Só que o dia que eu vi essa pessoa destratar outras... Naquele dia ela me pegou num, acho que num único dia de eu virada na minha vida. Então eu tive que dar uma lição de moral. Aí, sim, aí eu....

Rodou a baiana...

É... Com educação. Não rodei baiana gritando, nada, mas eu dei o recado. E a redação toda...

Aplaudiu?

É, porque, né? Já estava engasgada.

12 anos, né?

É, foram 12 trabalhando com isso, aí não deu mais. Aí eu cheguei lá e falei assim: "Ou ela ou eu". Tive que falar, porque....

Mas o que aconteceu? Ocorreu. Mas aconteceu por qual motivo? Não precisa entrar em detalhes. Foi por motivo pessoal, profissional, de idade?

Não, eu não... Porque a pessoa... Motivo profissional. Não... A idade até que equivale assim... É uns anos mais nova. Uns cinco, seis anos mais nova eu acho.

Então é do seu grupo etário.

É... Sim, mais ou menos, mas é... Você entendeu? A pessoa se acha maior que tudo e todos. Então eu apenas coloquei ela no lugar dela e ficou insustentável trabalhar. Então assim... Eu coloquei "ou ela ou eu, não de demitir, nada disso, mas falar: "Não trabalho mais com essa pessoa. Não trabalho mais". Não falar assim: "Ou ela ou eu... Manda ela embora..." Não. Não cheguei a esse ponto. Eu falei: "Olha, na editoria, ou fica ela ou fico eu". E aí fiquei eu. E depois a pessoa mostrou que.... Foi uma pessoa que precisou de tratamento assim... Só que o tratamento era até certo ponto, porque o resto todo era... Sabe? Nariz empinado mesmo, até hoje é assim. Até hoje é assim. Até hoje se acha o suprassumo, enfim, mas ó: águas passadas, não quero nem... Ishi! Pra mim morre. Pra mim morre, porque assim... Não faço bem, não faço mal... Não existe. Só. Mas nunca mais tive problema de nada, graças a deus.

Cristina, eu terminei todas as perguntas. Você quer fazer alguma consideração sobre o tema e o que foi abordado?
Olha, eu fico muito feliz que você tenha tido esse *insight*, né? Inédito de fazer essa pesquisa. Me sinto privilegiada. Me desculpe se fui muito prolixa, devaneei de mais. Quero te parabenizar. Espero que você tenha todo o sucesso do mundo e consiga tirar alguma coisa que valha a pena disso tudo, né? É.. Eu só te digo uma coisa: nessa vida a gente está aqui para ser minimamente feliz, né? Naquilo que a gente escolheu, então é... E eu te digo: sem dedicação a tudo que a gente faz na vida, nada dá certo. Ontem mesmo estava falando para o meu filho: "Calma, meu filho, calma.... Porque ele estava desgostoso com algumas coisas e eu falei: olha, alto-astral acima de tudo". O alto-astral, boa energia traz ótima energias e você vai ter a clareza suficiente pra decidir se você faz o A, vai no caminho B ou vai no caminho C. E ele falou assim: "Eu vou pra casa pra colocar minha cabeça em ordem" e eu falei: "Faça isso". Porque ele é advogado e ele absorve tudo o que é de problemas, geralmente, né? E aí à noite ele estava assim... Falou: "Mãe, obrigado, olha foi ótimo". Às vezes a gente precisa disso. Então é isso aí, meu amigo: dedicação. É o que você está fazendo agora, largar isso lindíssimo, e vou continuar aqui no meu dia a dia, me dedicando, naquilo que eu escolhi fazer e a hora que não me quiserem mais...

Entrevistado: Arlindo Florentino

Data: 16/04/2018 | **Duração:** 01:34:27

Veículo representado: Online **| Geração representada:** *Baby Boom*

Perfil resumido

Nome completo: Arlindo Ramão Florentino
Idade: 61 anos
Data de nascimento: 05/09/1956
Local de trabalho: Jornal Mídiamax (último emprego) – Sem vínculo atual
Função: Repórter na editoria de polícia (último cargo)
Formação: Torneiro Mecânico (Senai/1970) e Pedagogia (FUCMAT/1976)
Tempo de carreira no jornalismo: 41 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Arlindo Ramão Florentino
Você está com quantos anos?
61.
Qual sua data de nascimento?
05/09/1979.
Local do último emprego foi o Mídiamax, né?
Aham.
Atualmente você não está trabalhando?
Estou aposentado.
No Mídiamax você era repórter?
Repórter.
De qual editoria?
Polícia.
Você estava me falando da sua formação... Você tem alguma formação superior?
Eu fiz pedagogia.
Onde?
Hoje é FUCMAT, né? Aliás, hoje é UCDB. Antes era FUCMAT.
Mas você concluiu?
Não. No último ano eu parei.
Isso foi quando?
Em 1976.
Depois você chegou a fazer outro curso?
Não, não. Além disso eu sou torneiro mecânico, né? Eu fiz esse curso no Senai.
Curso técnico. Isso?
Em 1970.
E você atuou como torneiro mecânico?
Não. Eu fiz o curso dois anos, tenho a formação de dois anos, fiz o curso completo, me formei, mas nunca trabalhei.
E como pedagogo você chegou a atuar?
Não. Fazia estágio alguma coisa assim...

Chegou a dar aula?
Não.
Era monitor?
É. Pedagogia era para você administrar escola, então era mais técnico, não era para ser formado professor, então na minha época quem fazia pedagogia eram aqueles professores antigos que queriam ser diretos. Muitos, inclusive tiveram dois secretários de educação aqui do município, que estudaram comigo.
Você tem quanto tempo de carreira no jornalismo?
41.
Quarenta e um anos. Você começou em?
77.
1977... Como você foi isso? Como você começou?
Comecei no rádio mais ou menos assim por acaso. Eu era mensageiro do Hotel Campo Grande. Carregava mala no hotel Campo Grande e aí, por um motivo ou outro, não deu certo, e eu acabei pedindo demissão. A minha irmã era namorada de um cunhado do diretor da rádio.
Qual rádio?
Rádio Educação Rural. Aí ela.... "Ó, o fulano lá parece que está precisando de alguém para trabalhar". Cheguei l: "Quem que é o senhor fulano?" "Eu". "Sou irmão da fulana. Falaram que estão precisando de alguém para trabalhar aqui". "Você já entrevistou alguém?" "Não!" "Você já redigiu alguma coisa?" "Também não!" "Então faz o seguinte: pega o gravador aqui, vai lá no campo do Comercial e me traz notícia".
Assim?
Assim. Eu nem sabia onde era o campo do Comercial.
E nem o que era notícia?
É. Basicamente isso. Era torcedor, né? Aí peguei um ônibus, fui na Vila Olímpica tal e aí comecei.
Esse foi o seu teste?
É. Esse foi o teste. E aí aos poucos fui evoluindo, né? E naquela época tinha a edição, acho que até hoje tem. Por exemplo: o repórter vai no local, faz a entrevista, cortam a voz do repórter, o âncora faz a pergunta e aparece a voz do entrevistado. Então eu falava para os meus amigos que trabalha na rádio e ninguém acreditava, porque ninguém acreditava porque ninguém ouvia a minha voz, então era tipo gozação, né? Mais daí aos poucos fui ganhando espaço, ganhando espaço, até que....
Você entrou na Rádio Rural em 77 já como repórter?
Não. Como aprendiz, né? Mas assim... Como tinha pouca gente, então eles me pegaram, ia fazer entrevista, não aparecia minha voz mesmo, só aparecia a resposta do entrevistado, então eles pegavam o aproveitável e faziam um programa em cima daquilo.
Mas na prática você atuava como repórter?
É. Como repórter.
E você ocupou outros cargos?
Sim. Eu comecei como repórter, aí era repórter de treino, aí passei a repórter de jogos, acompanhar os jogos ao vivo, as transmissões esportivas. Aí passei a narrador esportivo. Até hoje sou narrador esportivo. Não faço mais rádio, mas tenho essa como narrador esportivo.
Você ficou lá quanto tempo?
Na Educação Rural eu fiquei seis anos. Nesse meio tempo eu comecei no Diário da Serra, no jornal impresso.

Foi quando isso?
Em 79, 80.
1976 na Rádio Educação Rural, né? Aí 79, 80....
No Diário da Serra. Aí 82 na TV Campo Grande. Aí eu saí da Educação Rural em 82.
Ah, então você se dividia entre esses três empregos?
Exato.
E como era essa rotina?
De manhã, à tarde no jornal e.... De manhã na TV, à tarde no jornal e à noite no rádio.
Três períodos ocupados...
Três períodos ocupados. E gostava, hein?
E no Diário da Serra você era o que? Repórter?
Repórter. Repórter esportivo.
Também esportivo...
A maior parte da minha carreira eu fui eu fui repórter esportivo.
Na TV Campo Grande...
Eu entrei com repórter esportivo, para fazer o programa Jogo Aberto, aí depois, quando terminou o programa de esportes eu fui para o geral. Cheguei inclusive a apresentar jornal.
Ah, é? Na rádio então você ficou de 76 a 82.
Na Educação Rural, mas daí da Educação Rural eu passei para a Rádio Cultura, que era do grupo da TV Campo Grande.
É. Eu ia te perguntar o motivo da saída. Foi porque você mudou? Oportunidade de emprego melhor?
Foi porque eu mudei. Exato.
Em 82, qual era a Rádio?
Rádio Cultura, que era do mesmo grupo da TV Campo Grande, que era do grupo Correio do Estado.
Mas você ficava na rádio de lá e na TV?
Na rádio, TV e no Diário da Serra.
No Diário da Serra você ocupou qual cargo?
Eu fui repórter e quando eu saí, depois de 3 anos, eu saí como editor. Editor de esportes.
Você entrou em 82. Em 85 você saiu?
84.
E qual foi o motivo da saída?
Proposta do Correio do Estado.
Você foi para o Correio do Estado quando?
Em 84.
Com qual cargo?
Comecei como repórter esportivo e aí, com o tempo, cheguei a editor. Editor de esporte.
Você ficou quando tempo lá no Correio?
28 anos.
Foi a maior experiência....
É. Foi o maior tempo.
28 anos. Você saiu quando de lá?
Saí há 6, 8 anos. Saí de lá e fui para o Mídiamax.
No Mídiamax você lembra o ano que entrou?
Não lembro. Eu fiquei quatro anos lá. 2014? Acho que foi em 2013. Foi 2013. É.
E você continuou como repórter de esporte?
Não. Aí eu entrei como... Para fazer polícia.

Foi sua primeira experiência como repórter de polícia?
Repórter policial. Aliás, os 28 anos de repórter esportivo apagaram e nasceu o repórter policial. Eu me identifiquei.
Sério?
Sério.
Você se identificou como repórter policial?
Mas é. Rapaz, como eu gostei, hein?
Por que?
Porque assim... principalmente pela, vou usar até uma palavra, não sei se existe... Regressão. A regressão do esporte, porque o esporte teve um auge, quando eu trabalhava tinha Operário, Comercial. Operário foi o terceiro colocado do Campeonato Brasileiro foi... Em 77, né? Disputou o torneio na Coréia. E a gente acompanhava, então teve o auge, aí de repente foi regredindo, regredindo, regredindo, e hoje o esporte não tem aquela, aquele glamour que teve.
No esporte regional?
É. Esporte regional.
Você está falando de futebol...
Esporte de uma forma geral.
Mas você cobria esportes de forma geral?
É. Eu cobria. Aliás, o que tinha. Teve vôlei, tivemos aí Copav, Copagás, grandes times de voleibol que disputaram Campeonato Brasileiro, atletas individuais que disputaram a Olimpíada... Tem alguns atletas daqui, mas hoje não tem ninguém aqui.... Falar assim: "Ah, fulano de tal representa o Mato Grosso do Sul". Não tem. Então. E além disso eu saí do jornal impresso e fui para o online e a celeridade é bem maior.
A velocidade...
É. O jornal impresso você trabalha hoje para ver o resultado amanhã, quando o jornal vai para a banca, que circula, e o online não. Você põe a matéria hoje no ar e ali mesmo, dali 2, 3 minutos você vê se teve muitos acessos, se a matéria está sendo bem lida ou não. Então isso aí também ajudou e outra coisa que eu gostei muito da polícia foi a... Eu tive facilidade de me identificar com o setor, então eu fiz amizades com delegados, policiais, sabe? Então, fiz muitas fontes nesse pouco tempo e isso aí me ajudou muito.
Mas qual principal dificuldade que você sentiu? Sentiu alguma dificuldade na mudança do impresso, onde ficou 28 anos, para o online?
Não, tanto é que, por exemplo, quando eu fui fazer a...
Quando o seu Carlos me chamou para trabalhar no Mídiamax, nós fizemos um acordo. Ele falou assim: "Ó, vamos fazer o seguinte: você fica 20 dias aqui e se você achar que você se adaptou, tudo bem, você continua. Mas se a gente achar que você não se adaptou, então a gente para por aqui. Tudo bem?" Uma semana ele me chamou e nós fizemos o contrato, então não precisou dos 20 dias.
Mas você teve algum tipo de dificuldade de adaptação?
Não, não, porque assim... Eu já tinha... Eu fazia a rádio e TV é... Programas de esporte. Então quando eu chegava nas delegacias, delegado e polícias já me conheciam do esporte, sabe? "Ah, você é o rapaz que... Eu conhecia você do esporte e tá, tá, tá. E ali já me abria espaço.
Foi criando uma amizade com as fontes...
É. Exato. Isso abriu muito caminho.
Eu digo da parte tecnológica mesmo, de operação, do jeito de postar notícias, inserir no sistema....

Não, porque eu fui preparado, né? Teve uma preparação prévia para isso.
Ah, teve?
Teve.
Fizeram um curso?
É. Basicamente isso.
Te ensinaram o sistema, como funcionava...
É. Ensinaram.
E o texto não teve diferença na estrutura?
Não, não, aí não teve. Eu costumo dizer que o rádio é a principal escola do jornalismo, principalmente porque eu conheci os três: rádio, TV impresso e online. O rádio, pelo menos na... quando eu trabalhei, você precisava ter improviso, precisava ter imediatismo, então isso aí te dava condições. Quando você chegava no impresso para fazer a matéria você já tinha como fazer, então isso aí te dava... O rádio dava uma escola muito, muito grande, para o jornalismo.
Vamos recapitular um pouco da sua história...76 você entrou na Rádio Educação Rural e você saiu, né?
É.... Foi em 77.
Não foi em 76?
Não. 77.
Aí você saiu em?
Fiquei 6 anos lá. Em 82 eu fui para a TV Campo Grande.
E foi quando você saiu de lá?
Foi.
Ah, ta. Então você ficou lá de 77 a 82 e saiu por uma proposta....
Melhor, que foi para a TV Campo Grande.
E nesse tempo você ficou no Diário da Serra também....
É. Aí fiquei no Diário da Serra.
E você ficou no Diário da Serra de que ano a que ano?
Três anos no Diário da Serra. Entrei em 84 e fiquei até...81?
84 a?
Não. 84 eu entrei no Correio.
Aham. E no Diário?
No Diário eu fiquei 3 anos, então foi em 81.
81 a 84. De 81 a 1984 no Diário.... E aí você saiu do Diário por que?
Fui para o Correio pela proposta, porque eu já estava na TV Campo Grande e Rádio Cultura, então nada mais natural que me levarem também para o Correio do Estado, que era do mesmo grupo.
E você saiu do Correio por que? Qual foi o motivo?
Demissão.
E qual foi a justificativa?
Depois de 28 anos, era muito caro para empresa.
Eles alegaram isso?
Alegaram isso, porque eu era um dos funcionários mais antigos, então aí o salário vai subindo, aí tem os encargos.... Então é preferível demitir alguém que tem um salário razoavelmente alto e contratar três pelo mesmo valor.
E dava?
Mais ou menos isso.
Aí você então você recebeu uma proposta para ir para o Mídiamax.

Recebi a proposta do Mídiamax.
Para ser repórter de polícia, uma coisa que você nunca tinha feito...
Exato. Não, eu recebi a proposta para ir para o Mídiamax, quando eu aceitei a proposta do Mídiamax, quando já tinha acertado o contrato tal, tal, tal, aí o editor me procurou e falou: "Você toparia fazer polícia?" Tô aqui. Vamos embora, né?
Aí acabou gostando....
É costumo dizer que foi uma reinvenção porque eu já... com 58 anos mais ou menos. Seria... Foi um recomeço de carreira, né?
E você aproveitou o máximo que pode... Gostou, se identificou....
Gostei, me identifiquei, aprendi muito.
E qual foi motivo da saída do Mídiamax?
É. Até hoje estou tentando entender.
Mas o que te justificaram? Você foi demitido....
Fui. É. "Passa no RH. Você não tem mais o perfil da empresa". Foi mais ou menos isso.
Quem disse isso?
O editor. "A direção chegou a conclusão de que você não tem mais o perfil da empresa". Fazer o que?
E o RH justificou mais alguma coisa?
Não, não.
Você chegou a falar com o proprietário?
Não, não.
E ele foi o seu padrinho de casamento...
Foi meu padrinho de casamento.
E ele não te deu nenhuma explicação?
Nenhuma justificativa. Nada.
Você também não foi atrás?
Não.
Por que?
Eu acho assim que ele, independentemente de ser padrinho de casamento, ele é empresário, então ele sabe o que faz... O que compensa para a empresa dele. E eu, como funcionário, tenho que acatar as decisões, então nada que argumentar, que questionar, porque ele deve ter as razões dele.
Mas o que você achou da decisão?
Bom, a grosso modo, sacanagem, né? Primeiro que foi uma coisa inesperada. Cheguei para trabalhar, trabalhei o dia todo, o expediente todo e quando chegou no final do expediente me chamaram para falar isso. Seria mais decente na hora que eu chegasse para trabalhar...Ó... Pelo menos eu não trabalharia mais naquele dia, né?
E aí você me falou lá no começo que agora está aposentado... Aposentado por uma decisão assim, resolvi parar, ou porque você aposentou mesmo pelo INSS?
Não, pelo tempo de serviço e pela idade eu entrei com pedido de aposentadoria no INSS e, mesmo trabalhando no Mídiamax, eu já tinha aposentadoria, então, agora com essa decisão de me demitirem do Mídiamax, eu resolvi dar um tempo pra mim. Então, se surgir uma boa oportunidade eu entro... tô no mercado, mas se não surgir nada eu fico curtindo.
E o que você acha? Que vai aparecer oportunidades? Está indo atrás?
Não, na realidade eu preferi não ir atrás. Eu preferi sossegar. Se aparecer um convite, aí eu estudo, né? Porque eu acredito que pelo tempo de serviço que eu tenho, pela idade que eu tenho, eu me considero em condições de optar, de ter opções, se essa proposta é boa pra mim, se não é e tal. E graças a deus eu tenho condições para isso. Tem muita gente que

parou, que está em uma situação, que não tem condições. Mas eu, graças a deus, eu tenho essa condição de poder escolher ou de poder optar em não trabalhar.
Mas você não cogita, você, voltar a procurar? Só se surgir um convite?
É. Só se surgir um convite. Ir de redação em redação entregar currículo tal, essa coisa eu já acho que não faz mais meu perfil não.
Por conta da experiência que você já tem?
Exato.
Você saiu de lá tem um mês?
É, um, dois meses.
O que você tem feito nesse tempo? Porque você tinha uma rotina de ir para redação...
Bom, você está vendo minha casa... Grama cortada. O terreno é grande. Então tem que aparar a grama, cuidar do jardim e minha esposa ela é vendedora autônoma e eu acabo auxiliando ela, levando, servindo de... acompanhando. Então levo para cá, levo para lá, tal, então isso toma meu tempo. Eu não fico parado em casa. Acompanho minha esposa.
Mas sente falta da rotina na redação?
Ah, sim, isso eu sinto, porque está no sangue, né? Depois de tanto tempo você sente falta, mas agora tem um detalhe também, uma coisa que... Enquanto eu estava trabalhando era quase um vício acompanhar noticiário.
Pela televisão só?
Pela televisão, pelo rádio, impresso, assim... onde tinha notícia eu procurava estar ali, mas hoje eu não tenho mais essa preocupação.
Hoje qual é seu lazer?
Cuidar da casa, acompanhar minha esposa. Eu tenho o tempo tomado por isso. Então, por exemplo: quando eu estava trabalhando era sagrado eu assistir o Jornal Nacional. Então hoje eu já não me importa tanto assistir o Jornal Nacional. De uma forma ou de outra as principais notícias eu vou saber, mas acompanhar o jornal rigorosamente, do começo ao fim, não tem mais.

Bom, o tempo de permanência em cada uma dessa empresas você já me deu, né? O maior tempo que você ficou foi mesmo no Correio, né?
No Correio. Na TV Campo Grande eu fiquei 14 anos.
Quatorze anos? Você saiu de lá quando? Você entrou em 82.
Foi assim: eu entrei em 82. Em 83 eu saí para ir para a Rádio Difusora. Fiquei um ano na Rádio Difusora. Aí, em 84, eu voltei para a TV. Aí de 84 foram 14 anos.
Então você teve uma passagem pela Difusora?
Isso mesmo. Eu trabalhei na Educação Rural, na Cultura, na Difusora, na AM Capital, então rádio praticamente eu trabalhei em todas.
Tem mais nessa lista?
Não. Freelas para Rádio Globo, alguma coisa assim...
Mas a maior parte da sua carreira foi no impresso, no Correio do Estado?
No Correio do Estado.
Em segundo lugar na TV?
Na TV.
Mas na TV como repórter?
Como repórter, apresentador. Repórter e apresentador.
Você apresentava o que?
Eu apresentava um programa de esportes, um boletim da Taça Canarinho e, eventualmente, também o jornal.

O jornal da TV Campo Grande?
Era o TJMS.
Você apresentou algumas edições?
Sim.
Entendi. E funções que você ocupou foram essas então: repórter, comentarista esportivo...
Narrador esportivo.
Comentarista também?
Comentarista também. A... Editor, repórter, editor. E na TV, repórter, apresentador.... Repórter e apresentador... E narrador também da TV.
Em qual cargo você permaneceu mais tempo?
Editor de esportes no Correio do Estado.
Que você entrou em 82, né?
É.
E quanto tempo depois você se tornou editor?
Ah, uns 8 anos depois.
Aí você ficou até sair?
É.
Bom, essa é uma parte mais tranquila, mais relacionada....
Se essa foi tranquila, imagina o resto...
É.... mais relacionada ao seu perfil, só para entender mais ou menos sua trajetória, por isso eu te falei que com profissionais mais experientes a entrevista tem demorado mais... Justamente por isso, porque eu tento traçar uma linha cronológica.

Valores profissionais

Agora vou entrar em algumas questões relacionadas aos seus valores profissionais, então eu preciso que você tente pelo menos me responder todas as perguntas, mas se não souber pode ficar bem à vontade também. E a primeira delas é: O que é ser jornalista para você?
O que é ser jornalista... Bom, deixa eu tentar resumir o que é ser jornalista. Ser jornalista, pra mim, é primeiro ser o porta-voz de uma comunidade, porque através de suas matérias a opinião pública é conhecida, então você acaba sendo um porta voz. E... Ser jornalista é uma coisa que mexe com você, que mexe com suas emoções, que deixa você sensível, então, por exemplo, o jornalismo pra mim é minha vida. São quarenta e um anos. É uma vida toda dedicada ao jornalismo, né? Então falar em jornalismo é falar da minha vida.
E por que você decidiu ser jornalista?
Primeiro porque eu gostei da experiência. Comecei no rádio, aí foi para o jornal impresso e, com o tempo, eu fui me adaptando, fui gostando cada vez mais e assim... A cada dia era uma novidade, cada dia era... Não tinha rotina. O jornalismo não tem rotina. Então isso aí também me cativou. Eu, por exemplo, não gosto de pescaria, porque pescaria é aquela monotonia de você ficar esperando o peixe no anzol, né? E meu negócio é ir atrás do peixe, então eu não gosto da monotonia. E isso aí o jornalismo me proporcionou.
Mas você começou fazendo pedagogia, né?
Exato.
E não pensou em terminar depois?
Não, porque era o jornalismo que eu queria fazer. Então, pra você ter uma ideia, quando eu era moleque, pessoa jogava bola na rua e eu narrava a pelada da molecada na rua. Quando eu estudava ensino médio, tinha partida de futebol de salão na escola, eu pegava o

microfone do alto falante da escola e narrava o jogo. Então acho que já era para acontecer algo.

Vem desde a infância...

É. Exato. É.

Tanto que você foi tirar o DRT depois, né?

Exato.

Você lembra quanto tempo depois?

Acho que foi 20 anos depois.

Mas foi por uma exigência da empresa?

Sim, porque.... Exigência do mercado, né? Porque quando eu comecei não tinha faculdade jornalismo. Aí a gente teve... O José Sarney assumiu a presidência e ele assinou um decreto que quem tivesse terminado tempo de jornalismo poderia solicitar o DRT. E, através dessa brecha na legislação, eu consegui meu DRT, e a partir daí que veio a faculdade de jornalismo, tal e aí passou a ser obrigatório.

Você se sente realizado com jornalista?

Totalmente.

Por que?

Porque eu acho que eu fiz tudo como jornalista. Eu fiz tudo, desde enchente, partida de futebol em campo de terra, no Morenão, no Morumbi, no Maracanã, até a visita do Papa. Então eu acho que fiz tudo. Então eu me sinto realizado como jornalista.

Por cobrir momentos históricos?

Exato. Assim, de viver. Eu nunca saí de Campo Grande com jornalista. Sempre trabalhei aqui, então eu acompanhei a evolução da cidade. Isso é uma coisa gratificante.

E o que o jornalismo representa na sua vida?

É aquilo que eu já falei, né? Representa tudo. É a minha vida. O que eu tenho eu devo praticamente ao jornalismo. Assim... Muita gente fala: "Ah, jornalismo paga pouco... O salário de jornalista é baixo? É! Mas se você souber fazer o seu pé... A sua poupança, segurar um pouco, chega uns 41 depois você consegue ter alguma coisa.

Você aprendeu jornalismo na prática, né?

Exato.

Qual foi a principal dificuldade que você enfrentou? Como você conseguiu contornar essa situação para se tornar um jornalista profissional?

Eu acho que dificuldade eu não tive justamente por isso, porque eu já comecei na prática. Eu acho que o acadêmico, o acadêmico encontra dificuldade porque ele não tem prática. Ele tem a parte do conhecimento teórico. Quando ele vai a campo ele encontra certa dificuldade. Por que? Porque é justamente a prática que falta. Então, falar que alguém sai pronto da faculdade, eu acredito que não sai, porque ele vai ter que ter uma prática para conseguir ser um bom jornalista. Eu acho que eu já fiz o processo inverso. Eu comecei pela prática, então por isso que eu acredito que não tive dificuldade.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Eu acredito que sim. Muita gente fala que é puxar saco, é babar ovo é alguma coisa assim, mas eu acredito que você tendo essa fidelidade, você vestindo a camisa da empresa, eu acho que você consegue primeiro... Ser respeitado. Você respeitando o local do seu trabalho, você é respeitado também, então eu acredito que é essa troca. Então eu acredito que tendo essa fidelidade ajuda. É importante.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Bom, é o que todo mundo fala, né? A tal da ética, né? Mas eu tenho uma certa restrição em relação a isso, pode até parecer meio estranho, mas eu falo.... O que eu sempre disse é o o

seguinte, que a ética depende da opinião do meu patrão. Se eu quero continuar empregado eu tenho que seguir o que o meu patrão fala, o que meu padrão determina, e não aquilo que eu quero. É como dizia o filósofo, simpaticíssimo, Antônio João Hugo Rodrigues: "Quer fazer a sua notícia? Então tenha o seu jornal! Enquanto você tiver aqui, você vai fazer aquilo que eu quero".

O filósofo simpaticíssimo é o dono do Correio do Estado.

Dono do Correio do Estado. E tenho, aliás, uma experiência muito boa no começo da minha carreira.

Você disse um valor, que é a ética, mas você consegue enxergar outros valores indispensáveis para o exercício da profissão?

Uma coisa que eu não sei nem se chega a ser um valor é a humildade. Eu acho que você sendo humilde, em todos os campos tanto você indo numa favela fazer uma entrevista, tanto quanto ir em uma Assembleia Legislativa, você mantendo a humildade eu acho que você consegue se dá bem na carreira.

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Eu acredito que sim. As vezes pode se pensar que a faculdade de jornalismo não faz o jornalista. Tem muita gente que pensa dessa forma. Mas eu acredito que a formação acadêmica é importante. É importante porque você tem a noção, coisa que eu não tive, então eu comecei, peguei a coisa bruta. Eu tive que ir na cara e na coragem sem saber o "que, quem, quando, onde por que". Então eu fiz na prática isso. Eu não sabia o que era lead, não sabia o que era nariz de cera, não sabia... Então, a coisa técnica eu não sabia. Eu fazia, mas sem saber os nomes que a faculdade dá.

Então você considera importante...

Considero importante pelo conhecimento, pela formação, mas é aquilo que eu falei desde o começo: o que faz o jornalista é a prática. O jornalista não sai pronto da faculdade.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão? Você não frequentou uma universidade, mas quais os principais valores que você considera?

Eu acredito que é o conhecimento, o conhecimento técnico da profissão, então eu não posso falar em outros conceitos porque eu não tive lá, mas eu acho que o conhecimento é tudo.

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?

Não. A informação é um direito. O cidadão tem o direito. Na democracia que nós vivemos, o cidadão tem o direito de receber a informação. Eu vivi os dois lados. Eu vivi a ditadura e a abertura política, né? Então eu sei exatamente como acontecia na época da Ditadura lá. Então lá a informação era cerceada. Informava-se aquilo que o governo queria. Hoje não. A informação está com liberdade total. E eu acho que é isso que é importante. Se nós não tivéssemos liberdade de informação, não teríamos tantos políticos presos hoje, coisa que anteriormente não acontecia. E se prendiam, ninguém sabia. Então eu acho que a informação é um direito.

A projeção ou reputação de uma empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Isso sem sombra de dúvida. Por exemplo: eu vou colocar nomes.... Hoje até que nem tanto pelas condições, tal. Mas quando eu comecei a trabalhar, o sonho de todo mundo era trabalhar no Correio do Estado, porque era a empresa melhor estruturado, era o melhor jornal, ta. Então existe essa situação e você é um profissional que quer ter uma melhor condição de trabalho, então é evidente que você vai escolher um Correio do Estado, que é bem estruturado, do que um jornal de bairro, vamos colocar assim. Então, claro que a estrutura da empresa jornalística influi na escolha.

Você está falando de reputação ou projeção? São coisas diferentes.
É. Eu acho que é muito mais a reputação, porque a projeção você só vai ver depois que você está lá dentro. Então a reputação da empresa eu acho que é o atrativo para você querer trabalhar, porque a projeção você vai conhecer depois que você está lá dentro.
Mas a projeção, depois, é importante depois que você conhece?
Ah, sim. Depois que você e vê que, vamos colocar assim, TV Morena e TV Guanandi, assim vamos colocar, nominando. É claro que a preferência vai ser pela TV Morena, que tem uma maior projeção, que tem uma maior visibilidade... Então, do que TV Educativa, vamos colocar mais... Então eu acredito que, se for para escolher, vamos escolher TV Morena que tem maior repercussão.
É um dos seus critérios de escolha se receber propostas?
Seria, seria.
Avaliar a projeção e reputação....
Avaliar a projeção e reputação, porque é aquilo que eu te falei: hoje eu me considero em condição de escolher, porque se eu não tivesse condição eu escolheria a primeiro que aparecesse.
Quando você diz que tem condição de escolher, está se referindo a condição financeira?
Exatamente. Eu não... Desculpando a modéstia... De eu não precisar. Precisar de dinheiro todo mundo precisa, né? Mas eu tenho condições hoje de não trabalhar, mas se não aparecer seria para satisfação própria e evidentemente em um local de projeção. Seria mais importante para satisfação pessoal.

Valores pessoais

Agora vamos continuar falando de valores, mas pessoais. O que é qualidade de vida para você?
Qualidade de vida é isso que eu estou vivendo hoje. É isso que eu estou vivendo hoje. É você trabalhar 41 anos, ralar e chegar numa situação dessa e ter condições de receber você na varanda de casa, tendo uma visão dessa, um jardim e tal, uma casa bem estruturada, graças a deus, e a condição financeira de poder sobreviver. Não... É sobreviver. Não ter uma vida de luxúria e tal. É aquela condição básica para você viver. Isso é qualidade de vida. E viajar. Ter condições de viajar também.
Você viaja bastante?
Ah, sempre que possível. No mínimo uma vez por ano. Chegamos na semana passada da Costa do Sauipe.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista, Arlindo?
Enquanto eu acho difícil, mas depois eu acredito que tem condições. Você enquanto jornalista você não tem condição de vida porque é a correria do dia a dia. É plantão... Você não tem condições de sair num domingo com a sua família e ir para uma churrascaria, a não ser que seja sua folga, mas no dia a dia você não tem. Eu pelo menos, nesses 41 anos, dificilmente um domingo com a minha família, porque era plantão, era transmissão esportiva, era.... Então dificilmente eu tinha essa condição e hoje...
Nesses 41 anos você não teve qualidade de vida?
Basicamente não, basicamente não, porque eu acho que qualidade de vida é isso também. É você poder acompanhar sua família, viver com a sua família e eu praticamente não tive essa condição.
Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?

Eu acho que é fundamental o salário, porque o salário é o que te sustenta, né? Então se você tem um salário baixo, você tem que procurar uma opção melhor, então salário o salário é determinante. Aí vai depender da sua qualidade de ter mercado para você, aí é uma questão pessoal sua. Se você é um bom profissional, você tem condições de buscar melhoria do seu salário. E para buscar melhoria do seu salário, é trocando de empresa.

É a única forma que você enxerga?

Sim, porque atualmente é difícil uma empresa ter uma situação de você.... A não ser no meu caso, que fiquei 28 anos no Correio do Estado, que foi aumentando meu salário gradativamente, então, mas hoje em dia é difícil. É difícil até alguém ficar 28 anos em uma empresa. Depois de 4, 5 anos eles já dão um jeito de demitir o funcionário porque já fica muito caro para a empresa.

Mas é determinante até que ponto para você continuar em uma empresa?

É determinante até você ter condições de sobreviver com aquele salário, porque você não tendo condições mais de sobreviver, tem que buscar uma outra opção, ou mudar de profissão, ou mudar de empresa. Aí é uma coisa sua, pessoal, particular.

A remuneração que você recebia como jornalista era satisfatória para atender suas necessidades?

Não. É assim... Eu acredito que nunca... Principalmente com jornalismo, nunca o salário é aquilo que você considera merecedor, então eu vou colocar nomes, situações... No Correio do Estado, depois de 28 anos, era satisfatória, era uma condição boa, mas depois que saí de lá, vim para o Mídiamax, então eu sempre esperava que me chamassem e: "Ó, a partir de hoje você vai receber tanto a mais no seu salário pelo desempenho que você está tendo", mas nunca tive isso.

Você falou do Correio do Estado. Mas era satisfatório só depois de 28 anos?

Foi gradativo. Depois que, por exemplo, eu assumi a editoria, então com a editoria você tinha o salário, o salário base, o salário de editor, você tinha hora extra, você tinha anuênio, então são vários penduricalhos que faziam você ter um bom salário. Então hoje, por exemplo, o anuênio, o anuênio, pouca gente passa dos 5, 6 anos em uma empresa, então não teria muito anuênio. Então, no meu caso, com 28 anos, esse anuênio foi considerável, ajudou muito.

Mas no último emprego seu salário atendia suas necessidades básicas?

Não, não. Se eu não fosse, não tivesse já com o salário de aposentado não supriria as minhas necessidades.

Só supriu porque você já tinha quando estava lá...

Exato.

Como você lida, ou lidava, com a pressão do tempo no trabalho? Porque o jornalismo tem suas próprias demandas, rotina...

Eu me adaptei bem a isso. Eu sentia que alguns companheiros se estressavam com a obrigatoriedade de entregar determinado trabalho em determinado tempo, mas felizmente a experiência, o tempo de trabalho, me deu condição de trabalhar bem com isso, então não tive dificuldade, então eu sempre quis... Sempre que me pediam determinada matéria para determinado tempo, era cumprido esse tempo.

Mas em razão da sua experiência...

Exatamente.

Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Não. Nunca.

Desenvolveu alguma doença?

Não. Eu acredito que não. Tive um AVC, mas acho que não foi por isso não.

E você atribui a que?
Acho que não foi a pressão do jornalismo não. Acho que foi a idade mesmo, uma coisa assim dessas. Do jornalismo em si mesmo, nunca tive nenhum problema.
Você teve o AVC com que idade, Arlindo?
Agora, com 60 anos.
Não atribui isso ao jornalismo?
Não.
E durante a carreira você não teve nenhum problema de saúde relacionado à profissão? Estafa...
Não, não. Aliás, para mim, o jornalismo sempre foi uma terapia, pra mim sempre... O fato de eu estar no jornalismo pra mim era salutar demais.

Fatores tecnológicos

Arlindo, agora vamos falar sobre tecnologia, fatores tecnológicos. Você acredita que as novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Facilitam e muito, aliás eu tive facilidade em me adaptar em virtude da tecnologia, porque quando eu trabalhava era máquina de datilografia, você tinha que escrever hoje para ler amanhã, sabe? Então... O jornal, o impresso. Você fazia a matéria hoje e tinha o resultado. No online hoje você faz a notícia e dali 5 minutos você já tem o resultado se teve boa repercussão ou não, como é que foi. E a celeridade... Antigamente, por exemplo, tinha o telex, que você gravava uma matéria para mandar para outra cidade, para alguma coisa hoje... Hoje você, pelo celular, você já tem imediato.... WhatsApp Facebook... Essas ferramentas facilitaram demais. Foto, foto você tinha que revelar o filme, escolher a melhor pose. Hoje você também, pela internet, você tem isso aí de imediato.
Então você considera que facilita?
Facilita e muito.
Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Não. Eu me adaptei muito.
Como que foi esse processo para você?
Foi um aprendizado, né? Eu tive... Eu vinha dos hábitos do jornal impresso e já no jornal impresso eu conheci a tecnologia. Teve uma evolução. Primeiro, por exemplo, O Correio do Estado foi o primeiro jornal impresso colorido do Mato Grosso total. Então, para chegar a esse ponto também teve uma adaptação e eu estava, então eu acompanhei todo esse processo. Então de lá eu vim acompanhando a evolução, né? Tinha o telex, fax, foto, telefoto, que era um processo totalmente arcaico. Você mandava uma foto para o Rio, saia de lá cinco horas e chegava aqui revelada dez horas da noite pelo processo de radiofoto que existia. Então era muito complicado e eu, graças a deus me adaptei muito bem.
Você pegou então toda a transição da datilografia para o computador e depois a implantação da internet...
Exato. Outra... Aliás, às vezes a gente critica, mas o simpaticíssimo, elegantíssimo editor do Correio do Estado... a gente... ele falou:" Semana que vem nós vamos implantar o computador na redação..." Certo. Aí nós saímos em uma noite de quarta-feira com uma máquina de datilografia. Terminamos a edição do jornal na máquina de datilografia. Quando nós chegamos na quinta-feira estava computador o computado no lugar. Não teve o processo ensinamento, curso, pra você se adaptar. Foi no tapa. "O computador está aí e você se vira que amanhã vai ter que ter jornal".
E o que aconteceu? O que você fez? Como foi?

Ué! Tive que ir me adaptando. Olhava o que o colega que sabia um pouquinho mais fazia, fazia no meu aqui e.... Vamos embora. No dia seguinte a edição atrasou? Atrasou! Mas saiu. E assim a gente foi se adaptando.

Na prática.

Na prática.

De que a maneira interfere no seu trabalho como jornalista, considerando sua última experiência e as anteriores, claro.

A tecnologia é....Acho que ela interferia assim, por exemplo, uma experiência que eu também não contei. Nessa época de rádio eu trabalhei também na rádio CBN, que era a Difusora, tal. Trabalhei na rádio CBN. Então a rádio CBN me antecipou o que seria o online, porque a rádio CBN era o jornalismo... Rádio CBN, 24 horas de notícias e tal. A gente até tinha o slogan: "CBN, rádio que troca notícia, que toca".

Que toca notícia...

Era que troca notícia, então a rádio CBN já me deu esse imediatismo. Você ia fazer a cobertura de tal evento, você de lá entrava ao vivo no caso e fazia essa cobertura. Agora você falou....

De que maneira a tecnologia interferia no seu trabalho.

Interferia da seguinte forma: Você, por exemplo, vai numa delegacia, faz uma matéria não tão agradável aos policiais, vamos colocar assim, faz uma matéria não tão simpática aos policiais. Quando você chega na outra delegacia ali eles já estão sabendo da matéria que você fez, então se eles te receberiam de uma certa forma, se eles te receberiam de uma forma simpática, eles já mudam a forma de tratar uma matéria, porque você fez uma matéria falando dos companheiros lá, então essa situação, em todos os sentidos, principalmente esses movimentos de Sem Terra. Você faz uma matéria com determinado teor jornalístico, criticando esse ponto, quando você chega no outro ponto lá eles já estão sabendo, já tem a repercussão lá. Então essa tecnologia, do imediatismo, isso aí de certa forma interferia, porque você, se você conseguiria uma determinada informação lá no outro lado, lá já estava fechado, porque eles já estavam sabendo que você fez a matéria que não eram tão simpática a eles.

Você está falando de diferença do online e impresso? Porque o impresso sai no outro dia, então você não tinha esse problema?

Exatamente. Não tinha esse problema, porque você falava com o delegado aqui, ele dava a opinião, você escrevia, você ia no outro delegado, ele dava a opinião, você escrevia. Somente no outro dia que saí a opinião dos dois. Poderia ser até conflitante, mas só no outro dia e não no mesmo dia.

Entendi. Então esse era um dos pontos que interferia no seu trabalho.

Exato.

E de maneira prática mesmo, no dia a dia, no relacionamento com os colegas mesmo, de trocar informações... Interferia também?

Ah, sim, interferia, porque apesar de existirem empresas concorrentes, existem amigos que trabalham nessas empresas concorrentes. Então, no meu caso, por exemplo, muitas vezes chegamos a trocar informações. "Fulano de tal morreu. Você tem o nome? Não. Ah, eu tenho, tal". Então fazia essa troca... Então... e o WhatsApp funcionando. "Ah, foi encontrado o corpo. O corpo foi encontrado... Tá... Onde é o endereço... Tá em tal lugar e tal". Então essa tecnologia ajudava no dia a dia.

Quais as habilidades profissionais do jornalista que são valorizados pelo mercado de trabalho atualmente?

Atualmente... Primeiro: pontualidade, habilidade de trabalho com as ferramentas... Ferramentas técnicas de informática WhatsApp, de foto, a preparação técnica que você tem que ter, além da preparação como jornalista, você tem que ter o conhecimento técnico, então isso aí te abre muitas portas, te abre mercado. Então você tendo um conhecimento básico da parte técnica também ajuda.

Essas são as principais? Pontualidade e habilidades com essas ferramentas? Você quis dizer tecnologia?

Exatamente.

Você citou o WhatsApp....

Facebook... É, porque você pode ser até um bom jornalista, mas se você não tem habilidades com essas ferramentas, você tá fora do mercado.

Você consegue lembrar de outras ferramentas?

Não. Basicamente isso. Você tendo essa condição.... É aquilo que eu falei. Primeiro você tem que ser um bom jornalista pra você ter o mercado, mas além do bom jornalista precisa ter essas ferramentas.

Pontualidade você se refere ao horário mesmo?

Exatamente. E hoje em dia a gente não é, né? Hoje em dia tem muita gente que não tem essa questão. Por exemplo: marca uma coletiva para as às 9h. Tem jornalista que chega 9h40. Você está saindo da coletiva e tem colega chegando, então eu acho que isso aí é... prejudica o profissional.

São essas duas que você consegue enxergar como habilidades que são valorizados... Consegue ver mais alguma? Apontar mais alguma?

Não chega a ser habilidade, mas é aquela que a gente falou, né? A fidelidade. Acho que você mostrando que você tem a fidelidade de onde você está trabalhando, acredito também que é uma boa. Outro veículo que quer te contratar fala: "Ó, fulano sempre foi correto na determinada empresa, então acho que ele merecia uma chance, tal". Então acho que essa fidelidade ajuda também.

Fidelidade emprego, à empresa.

É. A empresa.

Como você utilizada as redes sociais nos seu fazer jornalístico?

Com fontes... As fontes, hoje em dia o WhatsApp é uma ferramenta indispensável. No meu caso, por exemplo, no meu caso tinha delegado, agente de polícia, até o agente funerário está no meu WhatsApp, porque na hora que ia pegar um corpo ele já me ligava: "Estou indo em tal lugar assim, assim, pegar um corpo". Então até isso aí ajuda, então isso aí é fundamental.

Mais no contato com as fontes então.

Exato.

Mas você também buscava pautas no Facebook, por exemplo, ou falava com essas fontes pelo Facebook, pelas redes sociais?

Ah, sim, sim, porque determinado assunto comentado no Facebook, aí você vai apurando melhor que acontecimento é aquele. Às vezes alguém posta lá: "Triste porque fulano de tal morreu ou porque fulano de tal desapareceu", então você vai querer saber o que é aquilo através do Facebook. Já serve como pauta. Isso aí já é uma forma... você liga para a pessoa, entra em contato... "O que aconteceu? Eu vi no seu Facebook que está acontecendo algum problema". Então aí já... Hoje uma... Essa questão da rede social.... Certo dia encontraram um cadáver lá no Nova Lima... Só exemplificando... Encontraram um cadáver no Nova Lima, aí delegado, todo mundo da perícia fez lá o levantamento e ninguém sabia quem era. Estamos vindo para a redação eu recebo uma mensagem de voz: "Arlindo, você não me

conhece. Meu nome é fulana de tal e quem me deu o seu contato foi um policial do Nova Lima que te conhece. É... O meu irmão despareceu a tanto tempo, a tantos dias ele está desaparecido e eu gostaria que você me ajudasse a encontrá-lo, aí vem aquele, o click, né? "Seu irmão estava com que roupa? Ah, estava com uma camisa do Corinthians e com uma bermuda azul". Eu já estava com a foto do cara: estava com a camisa do Corinthians e bermuda azul. "Ah, daqui a pouco te dou uma resposta e tal, tal, tal". Peguei o telefone e liguei para o delegado: "Doutor, resolvi seu caso. Como assim? Pega esse telefone aqui e liga que é a irmã do falecido lá. Você está brincando e não sei o que!" Ligou e era a irmã dele.

Acabou fazendo o trabalho da polícia?

Exato.

Então influencia diretamente?

Ah, totalmente, totalmente,

Quais redes sociais você usa?

É mais o WhatsApp.

Facebook não?

É difícil.

Para contato com fonte?

Para contato com fonte não. Muito mais para conhecimento de pauta, agora para manter contato eu prefiro o contato direto, porque ali é mais individualizado, né? A conversa...

Instagram, você tem?

Não. Eu tenho Instagram, mas não serve como...

Você não usa isso profissionalmente

Não. Profissionalmente não.

Youtube, LinkedIn, Twitter...

Não, não, eu basicamente... Meu conhecimento mais WhatsApp.

Você acredita que a idade do jornalista, facilita, dificulta ou influencia o domínio da tecnologia?

A idade? Acho que aí depende do interesse, né? Eu acho... Eu, por exemplo, tenho interesse em cada vez conhecer mais, então quando surge uma coisa nova eu quero saber como funciona. Se não tem quem me ensina, eu desmonto para chegar num... Para tentar montar depois e funcionar, então sou fuçador

Mas você não tem, por exemplo, Instagram e essas outras redes... Twitter... É....

Não. Não tenho. Basicamente....

E nunca teve interesse?

Não, porque isso me supria, possivelmente se eu voltar para o mercado e for necessário eu vou ter que... Eu me interessarei em conhecer, saber.

Então você acredita que a idade facilita, dificulta ou influencia no domínio da tecnologia?

Eu acho que... Rapaz, é aquilo que eu falei: interesse. Eu tenho interesse. Acho que tem muita gente da minha geração que fala: "Eu não vou entrar nisso aí não. Não conheço e tal, não sei o que...

É relativo?

É relativo. Depende de cada pessoa. Pra mim ajuda muito. Acho que... Eu gosto da tecnologia.

Basicamente você usa o WhatsApp, né?

É.

Certo.

Fatores de conflitos

Você sente ou sentia dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Não. Não senti porque eu assim... Eu tenho que falar na primeira pessoa, né? Porque alguns companheiros já na minha faixa são mais contidos, são mais introspectivos, né? Eu sou mais expansivo. Então se eles não vinham até mim eu ia até eles, então eu sempre me dei bem com os novatos, então... E assim... Sempre procurei ajudar. Às vezes alguém tinha dificuldade e tal, vinha me perguntar alguma coisa para esclarecer e eu sempre estive pronto. Isso aí ajudava no relacionamento. Como eu sempre gostei de buscar coisas novas, tecnologias, sempre tive interesse de perguntar "para que ser isso, para que serve isso", então isso aí me ajudava, então nunca tive dificuldade de relacionamento.
E a recíproca era a mesma?
A mesma. Bom pelo menos, se não tem falsidade nisso aí, eu considero que o pessoal lidava bem. A gente se dava bem.
Existem diferenças na forma como jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Sim.
Por que? E quais são essas diferenças?
A diferença, no meu, outra vez, no meu caso. A gente quando é mais experiente, a gente é mais objetivo para dar a informação e os mais novos buscam sempre uma polêmica. Querem sempre algo novo em um fato. O fato é aquele, mas os mais novos sempre buscam alguma novidade naquele fato, né?
Você falou em polêmica. Está se referindo ao sensacionalismo?
Nem tanto, talvez a ansiedade de buscar informações diferentes, sabe? Então eu sempre vi isso nos mais novos. Então "o fulano de tal morreu". O delegado daqui a pouco vai falar do que ele morreu, qual foi o crime, mas os mais novos já queriam antecipar o delegado, então é essa ansiedade de ter a informação mais rápida e a informação primeiro. Mas isso nem sempre funciona, né? Nem sempre funciona.
Por que?
Porque às vezes a informação apressada é informação errada, algumas vezes. Como eu estava falando... Um exemplo claro: Certo fugiu um preso da penitenciária e o diretor da penitenciária, dando uma entrevista, falou que o preso tinha contado com ajuda da Teresa, aí a repórter a mais nova, a novata, perguntou: "E essa Teresa, já foi presa?" Tereza é a corda que eles usam, né? Sabe? Então essa ansiedade às vezes prejudica.
Eu não sabia que Teresa era a corda não.
Teresa é a corda de lençol que eles fazem e jogam para fugir.
E ela queria saber se a Teresa foi presa?
É.
E entenderam? Os mais novos entenderam essa situação ou ficaram tentando saber quem era a Teresa?
Aí todo mundo riu, né? Principalmente a entrevistada. "Ali a Teresa ali, a corda jogada no chão".
Então você acredita que eles são mais afoitos.
Ah, sim, afoitos.
Mas assim... Na forma como enxergam a profissão, o jornalismo....
Mas isso aí não quer dizer nada, porque essa mesma repórter era diretora de jornalismo de uma faculdade. É, então, acho que aprendeu, para chegar até lá...

Você falou em diferenças no dia, mas como um jornalista veterano enxerga a profissão? E um novato?
Eu acho que existem. Conversando com determinados colegas dava para sentir, por exemplo, os mais antigos eles são jornalistas. São jornalistas. Os mais novos estão jornalistas, porque se tiver uma outra oportunidade ele vai aquilo e vai partir para outra, então é eu sentia isso.
Os mais antigos não?
Não. Os mais antigos, como eu falei, eles são jornalistas. Eles começaram jornalistas, viveram jornalistas e vão ser jornalistas.
É o seu caso?
É o meu caso. E os mais jovens eles estão, então se houver uma outra oportunidade, em algum outro campo, ele vai abandonar o jornalismo e vai para outro campo. Então os mais antigos tinham mais raiz no jornalismo, mais enraizados, o que eu não sinto hoje nos mais jovens.
Quando você fala que eles tinham mais raiz, está querendo dizer o que?
Que vivem mais o jornalismo. É aquilo que eu falei: eles começaram jornalistas, ficaram jornalistas e vão ser jornalistas. Os mais antigos. Esses são jornalistas. Os que estão começando agora estão jornalistas por que? Porque eles estão visando o mercado de trabalho. Tem uma profissão de jornalismo... Tem uma profissão de jornalista. Eu sou jornalista, mas se o shopping me der melhor condição eu vou para o shopping.
Melhor condição financeira?
Exato. Eu acho que hoje o jovem, de forma geral, busca essa condição financeira, enquanto os mais antigos buscavam aquela coisa de ser jornalista. Não sei se ficou claro...
Uma paixão? Vocação?
Exato. É. Seria mais isso. Os mais antigos são vocacionados, tem a vocação, e os mais novos tem a opção... Não seria a opção... Entram em uma faculdade, fizeram a faculdade de jornalismo, se formaram, tem a profissão, mas não é assim... A gente tem o coração de jornalista e eu sinto que os mais jovens não têm essa. "Ah, se pintar uma outra coisa melhor eu vou pegar essa coisa melhor".
E por que você acha que isso ocorre?
É... Eu acho que pela globalização, vou colocar assim... Palavra tão antiga, mas eu acho que é isso, pela oportunidade de vida, condição de vida, porque hoje as pessoas buscam aquilo que você falou desde o começo, a condição de vida, a qualidade de vida. Para ter a qualidade de vida tem que ter uma boa remuneração e o jornalismo às vezes não dá essa remuneração.
E ser vocacionado ou não ser vocacionado, como você estava colocando, você considera isso negativo ou positivo... Não ser um jornalista raiz, como você colocou?
Eu acho negativo.
Por que?
Porque você não teria, por exemplo, eu gosto... Dou exemplo, meu exemplo, assim... Vou te dar um exemplo prático. Eu terminei um plantão no jornal, num sábado... Saí do jornal cinco horas da tarde. Entrei as sete da manhã, sai as cinco da tarde, tá. Cheguei em casa, tomei meu banho, tal, fiquei com a minha esposa. Nove horas da noite, num sábado, já era minha folga, um comandante de pelotão me ligou: "Arlindo, estou com uma ocorrência aqui, ta, ta, ta, ta, ta, ta... Você não quer vir aqui?" Saí daqui, falei com minha esposa e ela falou: "Eu vou com você". Fomos nós dois lá no pelotão, peguei a matéria... Por que? É uma coisa minha, eu gosto de ser jornalista, eu gosto de ter a informação, então fui lá, peguei a informação e passei pro jornal. Então eu acredito que um mais jovem não faria

isso: "Não é meu horário. Acabou o meu horário, tal, não sei o que. Não vou". Mas eu, eu gosto.

Você nunca teve essa preocupação de extrapolar seu horário para i atrás da notícia?

Não, porque é uma coisa minha. Eu gosto, eu gosto de ser jornalista, de estar na informação, então se o cara me deu essa oportunidade, de me dar essa informação... Então ele me ligou para dar essa informação pra mim, porque se a intenção desse fosse dar a informação para o jornal, ele ligaria para a redação do jornal, mas ele ligou pra mim.

Então você não se sente prejudicado...

Não, muito pelo contrário. Eu me sinto valorizado, me sinto valorizado e por essa valorização eu dei a retribuição. O cara me chamou e eu fui lá. Não é puxa saco dá da redação. Não. É uma coisa minha. Ser jornalista eu acho que é isso.

Mesmo saindo da sua casa na folga, no seu carro, gastando a sua gasolina?

Exatamente. Depois eu vou ver se a empresa vai me pagar ou não, mas eu fiz a minha parte. Eu como jornalista, eu acho que jornalista é isso. Então o mais jovem, o acadêmico, aquele que sai da faculdade, acho que não faria isso. Tenho quase a certeza que não faria isso. "Não, não é meu horário". Quantas vezes colegas de outros sites eu comentava: "Oh, vi uma matéria no seu jornal assim e tal..." "Ah eu estava de folga e nem li o jornal, nem vi o jornal e tal". Então, pra mim, não é isso ser jornalista. Jornalista é você estar acompanhando toda a situação.

É ser jornalista 24 horas?

Exatamente. Eu acho isso. É essa a diferença. Os mais antigos são jornalistas 24 horas, independente da carga horária, e os mais jovens não. São jornalistas naquele período. É outra lição que eu tive como simpático e educadíssimo editor do Correio do Estado. Eu vou abrir um parêntese e falar porque eu falo isso: Eu trabalhava na Educação Rural em 77 e em 78, 79, um amigo que trabalhava na rádio também e trabalhava no Correio falou: "Arlindo, por que você não vai lá fazer um teste?". Eu já estudava pedagogia, não sei o que... Fui lá. Aí comecei a cobrir os treinos, tal, tal, tal, determinado dia o simpaticíssimo editor me chamou... Na época era lauda, né? Papel.... Com a lauda na mão: "Arlindo, você que escreveu essa matéria aqui? Matéria do treino do comercial?" "Foi. Eu que escrevi." "E ninguém te ajudou? Você fez sozinho?" "Fiz sozinho, sim, ninguém me ajudou". "Ainda bem, porque essa aqui tá uma bosta. Não seve pra porra nenhuma. Serve só para limpar minha mesa e jogar no lixo". Fez assim. Minha primeira experiência no jornal impresso.

Primeira matéria?

Primeira experiência, depois de 15 dias que ele me chamou para perguntar que matéria era aquele.

E como você reagiu?

Saí de lá, fui para o Diário da Serra, fiquei três anos no Diário da Serra, fui editor do Diário da Serra, quando me liga: "'Arlindo, o Antônio João, do Correio do Estado, quer falar com você, quer fazer uma proposta para você". "Pra mim?". Fui lá! "Antônio João, você pediu para chamar o editor do Diário da Serra". "É você que está editando o Diário da Serra?" "Se ele me contratou é porque ele gostou do meu trabalho, né?" "Porra, é você que está editando o Diário da Serra. Porra! Está bom e tal, não sei o que". Sabe? Então aí inverteu os valores, né?

Você estava falando de diferenças entre veteranos e novatos. Você trabalhou, como editor, com repórteres mais novos? Como era essa relação?

Era uma relação de amizade. Não era uma relação de chefe e subalterno, sabe? Eu sempre fiz questão disso. Aquilo que eu falei desde o começo... Era humildade. Eu sempre tive humildade geral, tanto entrevistando, tal, e como chefe, eu nunca fui aquele chefe: "Faz

isso, faz aquilo, faz aquilo". Tanto é que, por exemplo, quarta-feira tinha Campeonato Brasileiro e você tinha que ficar no jornal até meia noite, então eu ficava, não colocava repórter. Não que eu não tivesse confiança, mas eu achava que eu já ganhava para aquilo, então eu dispensava o repórter e ficava para fazer o plantão. E sempre foi dessa forma.

Mas teve problemas como repórter que não queria cobrir porque não era o horário dele, não era o dia dele?

Não, não, por essa cumplicidade, vamos colocar assim, por essa parceria, sempre que eu pedia alguma coisa assim, sempre faziam.

Mantinha uma relação de amizade?

Sim, sempre foi assim. Amizade e respeito, né? Eu sou editor, você é repórter, mas....

E quando você mudou de posição, foi para o Mídiamax se tornou repórter e aí você era comandado pelo editor, né?

É aquilo. A humildade. Eu tive a humildade de receber ensinamentos, receber ordens, receber, né? Então... "Vai lá fazer esse..." entre aspas, né? Vamos supor que acontecesse... "Vai lá fazer o batizado da boneca, o batizado da boneca da Cecília, da Maria Cecília e Rodolfo, vamos supor... Vai ter o batizado da boneca da Cecília lá, então eu iria sem problema nenhum, sabe? Então, tipo assim... O que mandavam eu fazer, eu fazia, independente da importância da matéria, e isso aí ajudou a eu ganhar respeito. Então eu tinha esse respeito do Mídiamax porque, embora eu tivesse 40 anos de jornalista, de profissão, eu sempre obedeci. Se estou como repórter eu tenho que obedecer ao editor.

Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior a sua? Você chegou a trabalhar com jornalistas de uma geração anterior a sua?

Ah, sim, com... Trabalhei com Joaquim do Leite Neto, um dos mais antigos do rádio, Mario Mendonça, bastante antigo.... Fauzi Anízio, era comentários... Todos falecidos já. Eram tudo velho... Então essa foi minha escola. Eles foram meus professores e era completamente diferente o posicionamento desses profissionais. Eram pessoas já experientes, que gostavam de ensinar os mais novos. Se eles viam interesse aí mais ainda eles se interessavam em ensinar, então eu tive uma boa escola.

Mas quais os pontos positivos dessa geração?

Ah, a experiência, né? A experiência e o conhecimento, porque até mesmo, por exemplo, na escola, o ensino da minha geração, que tinha Latim, que tinha o OSPB, que tinha essas matérias que hoje não tem, dá uma formação pra gente, uma melhor formação, então, por exemplo, se eu vou ensinar uma gramática para alguém eu vou ensinar como é raiz daquela palavra, eu sei como é a raiz daquela palavra, porque forma essa palavra assim, porque veio do Latim, porque formou tal coisa, então são conhecimentos que hoje não se tem essa preocupação, mas que anteriormente tinha. Então foi um aprendizado acadêmico sem estar em uma acadêmica, sem estar em uma universidade.

E os pontos negativos dessa geração de jornalistas?

Eles não tinham a preocupação em evoluir, então é, é, a geração era acomodada. Então se você quisesse aprender mais, evoluir mais, você tinha que faze por conta própria. Então eles narravam futebol do jeito deles, eles escreviam a matéria do jeito deles, mas aí, por exemplo, implantaram o microfone sem fio. "Eu não vou trabalhar com microfone sem fio porque eu não sei como é que mexe nisso", sabe? Então era mais ou menos assim. A máquina de escrever... A máquina de escrever... Veio a máquina elétrica, datilografia, máquina elétrica. Os mais antigos... "Eu não vou mexer isso aí não porque pode me dar choque. Prefiro continuar com a minha máquina antiga. Então é mais ou menos isso: a não preocupação de evoluir tecnicamente.

Eram mais resistentes à mudança.

Exato. Era mais resistente à mudança, então... E já eram pessoas de idade, essa geração que foi. Então a gente que começou naquela época teve essa dificuldade, então se você quisesse evoluir, evoluía por conta própria.

E quais os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas?

Ah... Positivo... Assim é... Positivo e negativo ao mesmo tempo. A nova geração é pilhada, né? Aquela coisa assim... Quer, quer tudo antes até do fato acontecer já quer dar a notícia, então é pilhada, então também... É positivo e negativo... Aquilo que eu já te falei, que você pode dar uma informação errada, então quantas vezes já mataram o Wilson Barbosa Martins antes dele morrer? É. Tem essa situação. Então, a... os pontos positivos acho que é aquilo... A rapidez de buscar informação, que sempre tem, que chega às vezes a ser negativo, porque com a preocupação de buscar informação mais rápida, não tem aquela preocupação de aprofundar essa informação.

Consegue ver mais pontos positivos ou negativos?

Bom, negativo é, também, aquilo que eu falei, a falta da raiz, vou usar esse termo. Da falta da paixão, do coração, sabe? O fato de estar jornalista e não ser jornalista, eu vejo... Não é generalizando, mas dá para perceber isso em alguns que a gente conhece.

Tem mais algum ponto positivo ou negativo que você consegue enxergar?

Não. Basicamente esses.

E quais os pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas?

Bom, negativos, era a dificuldade de chegar a informação. Então, por exemplo, eu cheguei a pegar resultado de loteria esportiva no rádio, porque não tinha internet, nada, então eu tinha que ir num canto onde o rádio pegava bem e ficar ouvindo. Esse é um ponto negativo: a falta de condição técnica. E positivo... É aquela preocupação em informar, preocupação em dar a informação total. Você tinha preocupação em fazer com que o cliente, vamos colocar assim, tivesse boa informação. Hoje, com a celeridade da coisa, é mais superficial. No nosso caso é mais profunda, é mais.... A preocupação de fazer mais...

Então você acredita que o ponto negativo era a dificuldade de acesso à informação?

Exatamente.

Consegue enxergar outros pontos positivos ou negativos da sua geração?

Ponto da minha geração, no caso, por exemplo, que peguei a época da Ditadura, era o fechamento, né? Você não tinha acesso à informação. A informação oficial de governo, exército, você não tinha. Tinha o que eles queriam liberar, então essa dificuldade a gente sentiu, então isso aí você não tinha fontes. Hoje, não. Hoje, o positivo hoje é que você consegue fazer fontes de delegados, coronel, tal, tal e em qualquer local tem alguém que te passa a informação. Antes não existia isso.

E os pontos positivos da sua geração? Consegue lembrar mais algum?

Ah, pontos positivos... São coisinhas bestas, por exemplo, jornalista não pagava para entrar em clube, não pagava para entrar em cinema, não pagava... Você tinha carteirinha de jornalista e pronto. Você tinha acesso liberado. Não importava se você ia fazer matéria ou se não ia, então essa coisa, né? Do jornalista ser visto como isso, né? Era sempre um convidado especial. Você chegava com a carteirinha de jornalista no clube e entrava.

Hoje não?

Hoje, já pensam que você vai fazer jabá, né? Antes você tinha acesso a vários locais por ser jornalista e hoje não tem isso. O positivo era isso. Era o glamour. O jornalista era visto como... Como eu vou colocar isso aí? O jornalista tinha determinada importância para a sociedade. O jornalista tinha uma posição diferenciada na sociedade, vamos colocar assim. Hoje não. O jornalista hoje é um trabalhador comum. Mas antes não. O jornalista era visto como uma certa personalidade.

E isso você considera um ponto positivo?
É, é positivo porque facilitava as coisas para você. Não chega nem a ser no aspecto profissão, mas no aspecto pessoal, da convivência.
Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Rapaz, depende muito. No meu caso não, porque sempre convivi bem, mas tem amigos meus que... No Facebook, aonde... rede social qualquer ou coisa que valha assim... Você vê que ele dá opinião e os outros dão opinião, existem certos conflitos. Esse tipo de relacionamento existe, mas no meu caso não.
Mas em um contexto geral, avaliando todo o cenário, você acredita que existe conflito de gerações entre jornalistas?
Não, não, não. É caso. Um caso esporádico sim, mas no geral não.
E nesses casos esporádicos esses conflitos acontecem por qual motivo?
É conflito de opinião. Aquela coisa do jornalista antigo achar que é o certo e que os mais novos não sabem nada. Tem essa... Tem essa mentalidade em alguns, então eu conheço alguns que tem essa mentalidade, de achar que é o certo e que ele sabe tudo e que os mais jovens não sabem nada. E aí quando tem essa discussão tem esse conflito.
Você diria que é um conflito de ordem pessoal, profissional ou tecnológica?
Não. Pessoal. É pessoal, porque é aquilo que eu falei: o mais antigo acha que é isso, o mais acha que é aquilo e eles nunca... O mais novo pode até ceder um pouco, mas o mais antigo não cede nunca. Acha que ele sempre está certo. Então é questão pessoal.
E você já presenciou esse tipo de conflito nas redações.
Já, já.
Me dá um exemplo?
Ham... Como é que seria.... Redação.
Como eles acontecem na prática?
Bom, de uma forma em na redação... Quando é companheiro de trabalho às vezes até é de forma subjetiva., porque às vezes um companheiro mais antigo critica a matéria do mais novo. O mais novo não aceita essa crítica. O mais velho sempre acha que está com a razão, então existe esse tipo de conflito. Os mais antigos a maioria sempre acha que tá certo, que a opinião dele é a que vale, que a técnica que ele utiliza para fazer determinada matéria é a que vale e o novato ainda não sabe nada, está muito novo. Então em virtude disso tem... Tem esses conflitos. O mais novo cede, mas o mais antigo dificilmente cede. Sempre mantém essa posição mais radical.
E isso prejudica o andamento do trabalho, a harmonia?
Ah, sim, já senti que depois de determinada discussão o clima na redação muda, né? Até voltar ao normal já passou algum tempo e já se perdeu alguma coisa desse período, então interfere, interfere muito.
Então considerando essa última pergunta, se existem conflitos, você acredita que existem, mas eles são esporádicos. É isso?
É. Esporádicos e de forma velada. Não é uma forma mais incisiva. É aquele mais antigo que acha que a matéria do fulano de tal, mais novo, não está de acordo, e aí essas opiniões vão se acirrando cada vez mais até chegar a um conflito. E isso aí atrapalha o ambiente.
Já presenciou brigas, demissões por conta de conflitos assim?
Já. Não chegaram a demissão, mas já presenciei que quase chegou a vias de fato em uma redação.
É mesmo?
É.
Por discussão de um achar que...

É. De um achar que a matéria do outro, que a matéria que um fez não era o correto e aí discussão foi indo, foi indo e quase chegou às vias de fato.
Você na posição de editor, com seus repórteres, nunca aconteceu?
Não, não, não, eu sempre fui de camaradagem.
E qual a melhor forma de lidar com essa situação?
Os dois cederam, né? Nem eu sou tão certo, nem você é tão errado. Então eu acho que chegando a essa situação, então você chega a um consenso. Nunca ser radical na opinião. Você tem que ter uma... Ser maleável. A radicalidade não leva a nada.
Arlindo, de todas as questões a gente já terminou. Já falei de tudo. É bem longo, né? Você quer fazer alguma consideração sobre tudo o que falei, alguma coisa que você não mencionou, que eu perguntei e ficou lá atrás? Alguma consideração mesmo sobre o tema?
Não. Eu acho que o trabalho, esse conflito de gerações, sempre vai ter. Sempre vai ter. Sempre o mais antigo quer sempre ter mais razão que o mais novo, então vai depender da condição individual de cada um, então é aquilo que eu falei na última pergunta: tem que ser maleável, não pode ser radical, principalmente no jornalismo, porque nunca a informação é aquela, é só aquela. Sempre vai ter umas reflexões, sempre vai ter uma repercussão, alguma coisa a mais. Então sempre é bom deixar um espaço pra prosseguir na informação. Nunca radicalizar. Achar que é essa informação e ponto. Então esse conflito de geração sempre vai existir. Eu acredito que não chega ao ponto de vias de fato, que não foi caso de conflito de gerações inclusive, né? Que aí foi quase pessoas da mesma idade. Foi divergência de opinião. Não conflito de geração. Mas eu acredito que, embora sempre tenha, vai existir esse conflito, havendo um consenso chega-se a uma solução que agrade a todos.

D – Entrevistas da Geração X

Transcrições das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração X

Entrevistado: Celso Bejarano

Data: 24/04/18 | **Duração:** 02:16:16

Veículo representado: Online **| Geração representada:** X

Perfil resumido

Nome completo: Celso Bejarano Junior
Idade: 53
Data de nascimento: 02/05/1965
Local de trabalho: Topmidia News – 4 meses
Função: Repórter
Formação: Letras (FUCMAT/1988)
Tempo de carreira no jornalismo: 27 anos

Perfil completo

Celso Bejarano Junior.... Você está com quantos anos, Celso?
53.
E qual a sua data de nascimento?
02/05/1965.
Você está trabalhando só no TopMídia atualmente?
É... Eu faço freela, mas ultimamente vem...
Só aqui?
É.
E aqui você está como repórter?
Repórter.
De alguma editoria específica?
Assim... Geral assim... Não tem nenhuma específica.
Mas tem alguma que você faz mais?
Eu gosto da linha é... Vamos lá... Justiça. É... Eu trabalho mais na linha investigação, mas estou tô cobrindo muito material do Poder Judiciário, Ministério Público, é... Justiça Federal, entendeu?
Qual a sua formação? Formou em jornalismo mesmo?
Aham. Eu sou formado. Não, olha, vamos lá. Quando o jornalismo chegou aqui, era 1989. Eu era formado... Eu tinha Letras.
Letras? Foi a primeira graduação?
É.
É. E daí....
Mas você fez Letras onde?
FUCMAT.
Aqui mesmo. A que é a atual UCDB.
É, é. E daí eu comecei em algumas universidades, parei e tal, e naquele período o sindicato fez uma grande... Fez um, digamos assim, um grande levantamento. E na época teve alguns jornalistas que tiveram é, é... Como eu posso falar? Eles ganharam um título de jornalista.

Aham. Um registro.
E um registro. Nessa época eu fui beneficiado.
Era o DRT, né?
É. Eu ganhei. Depois disso, andei estudando jornalismo, cheguei até a concluir numa universidade particular, mas foi um negócio bem comprado. Comprado que eu digo assim... Não estudei direito, entendeu?
Mas concluiu?
É, mas vamos deixar Letras, que é minha maior... Meu trunfo.
É mesmo? Mas letras você fez em que ano e terminou em que ano?
Nossa, vamos lá, cara. Letras o ano é 1988.
Não tinha nem nascido.
É...
E você terminou em?
91.
Jornalismo você não quer colocou? Porque acho interessante a formação.
Tá, é... Não, mas você coloca que eu tenho registro de jornalista, conquistado no ano de 1992.
DRT em 92.
Isso.
Tá, mas a formação em jornalismo foi onde? A faculdade?
Então, cara, vamos deixar pra lá... Porque... É...
Você considera que você é formado em Letras.
Isso.
Tá. Tranquilo.
Quanto tempo você tem de carreira?
Ah, sim, aí vamos colocar lá... 1991, 2001, 2011, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18... Está indo para 27 anos.
Desde 91?
É, dentro de redação de jornal.
Por que? Antes você...
Não, eu era redator publicitário.
Isso que eu vou te perguntar... Você lembra em quantas empresas trabalhou, quais funções ocupou e porque você saiu delas? Tentar traçar uma linha cronológica mesmo.
Mas dentro do jornalismo?
Do jornalismo. Da comunicação, já que você trabalhou primeiro como redator publicitário, pra fazer uma linha cronológica.
Primeiro como redator... Tá. Primeiro foi redator publicitário. Ok.
Isso foi em que ano?
Aí vamos colocar de 88 a 90, tá?
E foi onde?
Eu trabalhei na Arte e Traço, que é uma agência de publicidade.
Aqui em Campo Grande mesmo?
Isso. E depois trabalhei por... Por conta, né? Era autônomo.
Autônomo você ficou de que ano a que ano?
Eu fiquei um ano depois da...
Então foi de 90 a 91?
Isso.

Mas também como redator publicitário?
Isso.
E depois?
Aí o jornalismo, aí eu caí dentro da redação, no jornal Diário da Serra.
Todo mundo passou pelo Diário da Serra, né?
Todo mundo.
Diário da Serra... E você era repórter?
Era repórter e lá eu, além de repórter, eu fui até editor.
Mas depois de quanto tempo?
Ah, vamos colocar aí... Três anos depois eu era editor.
E você saiu do Diário quando?
Eu saí do Diário em 1995.
1995. Vou voltar um pouquinho. De 88 a 90 foi redator publicitário... E você saiu por qual motivo? Para atuar como autônomo ou foi uma demissão? O que aconteceu?
Foi para agir como autônomo mesmo. Foi uma vontade própria.
E de autônomo você foi para o jornal...Recebeu convite?
Foi. Fui convidado pra trabalhar no jornal Diário da Serra.
Aí você ficou lá até 95...
Até 95.
E saiu por qual motivo?
Aí foi pelo seguinte... O jornal foi vendido à época, então aí foi outra... Outra administração, outra linha editorial, então daí que eu deixei.
E você foi para onde?
Daí aí eu fui.. Eu fui trabalhar na Rádio CBN.
Lembra o ano?
Cara, foi assim colado, de 95, 96 e 97.
95 a 97 você ficou lá...
Aham.
E era repórter?
Era. Eu era repórter e também, igual o Diário, fui também editor.
No Diário da Serra, você era editor do que?
Eu era editor de Cidades.... Eu fui repórter de Cidades e editor de Cidades.
E na CBN?
Na Rede CBN... Maior parte, 80%, fui repórter.
Cobria alguma editoria específica?
Política.
Quando você se tornou editor, era editor do que?
Aí eu era editor é.... Geral. Você pode colocar geral. Eu não era o editor-chefe, mas era o....
Subeditor?
O subeditor... É, pode ser. Ou editor-adjunto.
Você ficou até 97 e saiu por qual motivo?
Eu recebi uma proposta pra ir pro Mato Grosso, porque aí é uma coisa... É... Que... Eu não sei como você vai colocar aí... Que quando eu estava no Diário da Serra, eu também era correspondendo de uma agência que era do Correio Braz'iliense. O dono do Correio... Do Diário da Serra era o Correio Braziliense, que era o jornal associado no país. Assis Chateaubriand, né? Então existia uma agência... Bom, mas você pode colocar que nessa época eu também escrevia para o Correio Braziliense, que tinha uma agência que distribuía

minhas matérias para o país. O Correio Braziliense tinha uma agência feita Agência Folha, por exemplo.
Você fazia esse trabalho paralelo, na época do Diário...
Isso. É. No Diário.
Mas pegou o período da CBN também?
Da CBN? Também. Peguei. Peguei. Tanto é que tem matérias minhas publicadas enquanto eu trabalhava na CBN.
Então nesse período você escrevia para o Correio Braziliense.
É.
Em alguma editoria específica também?
Olha, é... Pra eles era nacional, né? Um país. Era o que rolava aqui, mas eu vou te falar quais eram os assuntos. Muitos que eu... A gente abordava muito do... Duas frentes que eu atuava: questão indígena e questão sem-terra.
A maior parte das matérias você fez em torno desses assuntos?
É. E crime organizado na fronteira.
Você ficou por quanto tempo escrevendo para o Correio Braziliense?
Olha, para o Correio Braziliense, vamos colocar aí até 1998.
Começou junto com o Diário da Serra?
É, mas no Diário da Serra você coloca aí de 92 em diante. 92.
92 a 98, mais ou menos.
Isso, isso.
Ah, um ano depois de você entrar no Diário da Serra.
É.
E como surgiu esse convite?
O convite foi o seguinte: como o Diário da Serra era uma espécie de sucursal do Correio Braziliense, os editores olhavam muito o que rolava aqui, então as matérias é... Que tinha... Que eles achavam que tinha repercussão nacional, questão indígena, crime organizado, sem-terra, era eu que atuava nelas, então....
Era um correspondente.
É... Eles sempre me... Agência chamava Meridional. Lembrei, tá? Meridional, que era uma agência do Correio Braziliense. Ela foi extinta. Então... A escolha foi assim... Tanto é que teve um repórter que também ele dá um grande salto da... Da carreira dele... Que ele trabalhava comigo... Rubens Valente. Você já ouviu falar?
Sim, claro.
No Diário da Serra já passou Hudson Correa, que trabalha... Repórter especial da Revista Época... Então essa galera saiu dali, né?
Aham.
Então foi isso. Tá... Nós estamos em 98, né?
98. E você já tinha saído da CBN. Você saiu em 97... Por quê?
CBN foi quebra financeira mesmo. É... Atraso de salário, né? E foi aí que eu revolvi a optar em ser jornalista freela ou correspondendo... Quando eu trabalhava pra Meridional, sempre que surgiu algumas outras coisas... Tipo assim: esporadicamente eu escrevi pra outras jornais. Por exemplo, eu escrevi para o Jornal do Brasil por um período, cheguei a ir pra São Paulo, porque fui convidado a trabalhar lá.
Mas nesta época?
É. Em 98.
A partir de 98...
É.

Mas aí a Meridional fechou?
A Meridional fecha.
Mas foi nessa época?
É.
Ah, ta. Então você saiu por conta disso.
Isso.
Aí a partir de 98 você foi para São Paulo.
Não. Assim... Eu era um freela, tá? E foi... É.... 99. Não. Peraí. Deixa eu só lembrar, porque teve duas escapadas aí. Eu fui trabalhar em Dourados, porque eu fui fazer uma grande pesquisa nas aldeias, então eu fiquei seis meses fazendo pesquisa na aldeia e quando eu estava na aldeia eu trabalhei em um jornal chamado Diário do MS lá. Ainda existe esse jornal. É... 1998. Diário do MS... E foi o último ano que trabalhei no Correio Braziliense, então eu fazia essas duas coisas. Lá em Dourados, né?
De 98 a ?
Eu acho que não passou disso. Foi em 98 só.
Logo que você saiu então, que você parou de escrever pra Meridional.
É. Isso.
E você ficou no Diário do MS pouquíssimo tempo então?
Vamos colocar 6 meses, né?
Aí depois você se tornou freelancer?
É... Ali eu já era freelancer. O lance de ter os seis meses na empresa, era como é hoje, mas eu depois eu te explico... Era questão... A gente precisava ter uma segurança financeira. E o freelancer demorava muito pra receber, né? Então tá. Em 1999 é... Eu fui trabalhar... Fui trabalhar em Rondonópolis.
Jornal também?
Diário de Cuiabá. Continuo freelancer, tá?
Paralelamente...
Paralelamente, sempre freelancer.
Escrevia é... Só... Eu escrevia em períodos intercalados para o jornal O Globo e pro Jornal do Brasil. 1999.
Você era repórter também no Diário de Cuiabá?
Era. Era o correspondente, né? No ano de 2000 eu fui trabalhar na TVE, aí eu era uma espécie de chefe de reportagem.
Voltou...
É.
No Diário de Cuiabá você exerceu cargo de chefia também?
Não. Era correspondente em Rondonópolis.
Aí na TVE, em 2000, chefe de reportagem.
É.
E você ficou lá por quanto tempo?
Pouquíssimo tempo. E aí o que aconteceu? Eu devo ter ficado 8 meses mais ou menos... Eu trabalhava com a Ângela. Aí eu recebo um convite... E como eu não deixava de ser correspondente.
Achei que Ângela tivesse passado por lá bem antes.
Então, aí que eu estou assim... Pode ser que eu tenho me enganado no 99. Foi no ano que o Zeca assume. Por isso eu estava fazendo a conta. O Zeca deixa o governo em 2006... 6,5,4,3,2,1.... É. Eu acho que errei. Eu entro na TVE EM 1999. Desculpa.
99. Ah, errou por um ano.

É.
Você ficou no Diário de Cuiabá pouco tempo também...
Pouco tempo, mas depois você vai notar que eu volto. Eu tenho muito tempo... Aí...
TVE. Chefe de reportagem.
É. E a Ângela já era minha chefe, hein?
Ah, ela foi sua chefe?
Já. Aí é o seguinte: quando eu deixo a TVE, eu vou para São Paulo porque eu recebi uma proposta de emprego para o Jornal do Brasil. Eu fiquei 20 dias lá. Olha a desgraça que vou eu te contar. O cara que me convida ele foi demitido. Olha que merda. E lá eu ia ser... Eu ia trabalhar na sucursal de São Paulo. O JB era do Rio. Aí o que acontece? O cara foi demitido, quer dizer, a equipe dele toda foi demitida.
Toda?
É. E eu estava... Cara, o que eu vou fazer aqui. E aí acabei vindo embora, mas foi legal porque eu fiz contatos. Você vai perceber o porquê o contato. Em 2001, entrei na Folha de São Paulo.
Ah, você não chegou a voltar...
Não. Porque eu fui... A gente fala Folha de São Paulo, mas é assim... Agência Folha, né? Porque a Agência Folha que publica... Aí eu fiquei... Aí eu fiz um concurso e passei lá.... E voltei para ser correspondente na região centro-oeste.
Mas você ficou lá de 2001 até?
Não. Lá eu fiquei pouco tempo. Eu fiquei dois meses. Aí eu volto para Campo Grande, que era a base da... Aqui era o escritório da Agência Folha.
Mas dois meses como repórter?
É.
Em algum editoria específica?
Cobria tudo lá assim.
Geral.
Geral.
Aí você voltou para Campo Grande?
Campo Grande.
Para ser correspondente deles?
É. Da Agência Folha. Aí beleza...
Isso foi em 2001...
2001. Assim.. No início do ano. E eu não fiquei muito tempo também na Agência Folha. Eu fiquei na Agência Folha até julho de 2002. Aí você pergunta: por que eu saí? É uma questão bem particular assim... tipo... Eu vou explicar pra você o porquê. Na realidade eu estava cansado de escrever sobre índio e sem-terra. Estava cansado, né?
Você escreveu bastante tempo sobre isso, né?
Muito tempo sobre isso. Aí o que acontece? Eu fiz, comecei a insistir na... Tipo... Me manda pra outro lugar, que seja Fortaleza, Amapá, alguma lugar. Eu queria sair daqui. Queria sair daqui. Nesse mesmo tempo eu comecei a fazer... Eu tive muitos contatos em Cuiabá, porque eu estava sempre em Cuiabá. Aí o que acontece? Eu arranjei um emprego em Cuiabá, no Jornal Gazeta... Jornal A Gazeta.
Isso foi em? 2002?
É. Eu entro em julho de 2002. Julho... Agosto de 2002.
Jornal A Gazeta?
A Gazeta.
Repórter também?

Aí não. Eu era editor de Cidades.
Já foi como editor de Cidades?
É. Aí já tinha o status de Folha de São Paulo. Uma coisa muito babaca, né? Porque eu não sei ser editor. Eu só gosto de ser repórter.
É mesmo?
É. Não é que eu não sei. Eu acho assim... Que eu nasci pra ser repórter. E quando você quer estragar um repórter você faz dele um editor, né? Você quer estragar um editor mesmo? Faz dele um repórter. Tenta inverter a coisa, né? Tem gente que tem natureza de ser editor? Vou colocar um exemplo? Marta. Marta Ferreira. Ela tem o perfil. Às vezes ela tenta ser repórter, mas não dá pra você... Não dá.
Eu entrevistei ela. E ela sempre acaba voltando...
Né? Exatamente... Então tá. Agora...
Isso foi agosto de 2002. Jornal A Gazeta. Estava como editor de Cidades.
Cidades. Ficou por quanto tempo lá?
Aí que está. Sete meses.
E por que você saiu?
Fui demitido aí.
Qual foi a justificativa?
A justificativa, na realidade, foi insubordinação. Tipo... É... Eu... Assim... Brigava por uma pauta, não dava certo, não sei o que... Eu meio que forcei a minha saída de lá, tanto é que no dia seguinte eu fui trabalhar no Diário de Cuiabá.
Dia seguinte?
É.
Então foi em 2002 mesmo. E em qual cargo? Editor também?
Repórter especial.
E você fazia que tipo de matéria?
Matérias investigativas.
Ficou lá por quanto tempo?
Também não fiquei por muito tempo, porque lá eles não pagavam em dia. E morando a 900 quilômetros da sua mãe, da sua família, foi duro. Eu logo saí de lá. Eu devo ter ficado lá 4 meses. Agora você vai ver... Jornal impresso... Eu saio de lá e entro no jornal Folha do Estado.
Folha do Estado é de onde?
Cuiabá.
Tudo em 2002. Então você mudou três vezes...
É... Eu acho que em janeiro de 2003 eu entro. [...] Foi aí que eu fiz uma grande história. Eu acho que a minha história...
Está aí?
Taí. É, tem muita coisa aí, porque aí nós começamos a fazer muita matéria de crime organizado. O chefe da organização criminosa matou o dono do nosso jornal. Sávio Brandão.... O bicheiro João Arcanjo. Foi aí.
E como ficou o clima?
Nossa! Teve de tudo.
Ameaça...
Ameaça, proteção policial, um monte de coisa... Tá. Aí eu saiu daí...
Mas lá você ficou como repórter especial?
Não. Eu era editor adjunto. Chefe. Assim... Tipo: existia o editor-chefão e eu era o sub. Eu era editor... Tá. Aí eu fico até dezembro de 2004, tá? Aí o que acontece? Eu volto pra

Campo Grande por questão familiar e fico 1 ano no jornal O Estado. Estadinho. Em 2005 inteiro. Tá.
Como repórter? Editor?
Repórter especial.
Você fazia que tipo de matéria?
Investigativa. Tá. 2006 eu retorno pra Cuiabá e de lá eu vou até dezembro de 2007.
Você retorno para Cuiabá em qual jornal?
MídiaNews.
Era agência, jornal impresso, online?
Online. Igual o Mídiamax.
Esses outros todos eram impressos?
É. Agora foi a primeira vez que eu entrei no online. Aí eu era chefe.
Editor-chefe.
Editor-chefe. Aí eu fiquei... Era 2006 aí?
Dezembro de 2007.
Foi, tá? Aí eu volto para Campo Grande.
Tá. Vamos voltar um pouquinho. No O Estado você ficou em 2005 o tempo inteiro como repórter especial, fazendo matérias investigativas, e você saiu porque recebeu esse convite?
Recebi o convite.
Aí decidiu retornar?
Retornar.
Aí de Cuiabá, voltando para Campo Grande depois do Mídianews, foi por qual motivo? Pessoal?
Motivo pessoal e foi um período que... 2008 até novembro eu fui dar aula. Aí voltei à Letras, né? Eu fui dar aula para o Ensino Médio. Fui dar aula.
Onde você deu aula?
Eu era professor substituto então... Eu dei aulas em várias escolas aqui. Como era substituto, era assim... Meu nome estava nas escolas... Então o professor lá "eu preciso de uma semana, eu preciso de 10 dias...." Então eu...
Estadual?
Estadual. Todas estaduais.
Professor de português?
Aham.
Quanto tempo?
Foram 10 meses.
Você já tinha atuado antes como professor de português?
Já.
Estágio ou deu aula mesmo?
Além de estágio... Não, sempre na condição de substituto assim... Não substituto concursado. Você é o professo eu ia lá e dava três dias de aula pra você, quatro dias pra outro, entendeu? Então era esporádico, porém em escolas diferentes. Eu sempre estava dando aula.
Isso antes de entrar no jornalismo, né?
Também... Mas é porque.....
Ah, você entendeu essa parte, né? Mas eu digo antes de você atuar como jornalista.
Muito pouco, mas assim era...
Como acadêmico? Chegou a estagiar?

Era. Era mais estágio e também eu... Como professor mesmo é só na condição de substituto. Eu nunca quis entrar nas escolas como professor titular.
Você ficou 10 meses então nessa rotina?
É. Nessa rotina.
Mas foi por vontade própria? Por que você decidiu ser professor naquele momento?
Não. Necessidade financeira.
Falou... "Bom, eu dou aula, então vou..."
É. Vou lá.
Aí você ficou até 2009?
É. 2008... Até novembro. Aí eu entro para o jornalismo online, que eu entrei no Mídiamax.
No Mídiamax então... Foi em novembro de 2008 que você entrou?
É. E aí eu saio de lá...
Repórter lá?
Especial.
E você fazia que tipo de matéria?
Mais da linha investigativa também.
Sua carreira foi pautada...
Foi. Aí eu fico lá até... Vamos colocar outubro de 2011. Em janeiro de 2012, eu entro no Correio do Estado, na editoria de Cidades, sempre que possível mais nas matérias investigativas quando tinha.
Repórter?
Repórter.
Repórter especial?
Era... Eu atuava como... É... Eu atuava como repórter especial, mas lá para os caras me compensarem financeiramente, eles me deram uma subeditoria. Eu era repórter e depois fui subeditor de Cidades.
Quando tempo depois?
Ah, foi um ano. Um ano depois.
Você saiu do Mídiamax porque recebeu convite do Correio?
Não. Eu vou te falar realmente... Porque eu comecei a ser processado é... E pelo Jogo do Bicho e, né? E o jornal estava em uma linha estranha. Por exemplo, cara... Eu tinha que chegar lá no jornal e fazer matéria pro André Puccinelli. E o repórter... Por um tempo você aguenta isso... Passando isso aí, tinha que passar pra outro. E eu acabei desgostando do jornalismo que eu estava fazendo.
Insatisfação.
Isso. Insatisfação.... Eu deixei o jornal. Foi por isso
Você pediu demissão?
Pedi demissão. Eu volto lá. Você vai ver como eu volto lá. Aí eu entrei no Correio do Estado e fiquei quatro anos e meio. Aí eu fico lá... 12,13,14,15... Eu saio do Correio em julho de... Não. Em maio de 2016.
Por qual motivo?
Demissão. Isso daí eu vou te confidenciar o que fui. Eu fiz uma matéria falando que o procurador chefe do Ministério Público, Humberto Brites, seria um dos investigados pela Polícia Federal. O dono do jornal não gostou e me demitiu. Foi só por isso.
E ele deu essa justificativa?
Não. Ele deixou a entender... Avisou algumas pessoas, que me disseram. "Olha, foi por causa daquela matéria, mas nunca oficial alguém disse".
Mas oficialmente qual foi a justificativa?

Não teve. Eu fiquei de férias, voltei e fui demitido. Por que eu fui demitido? Porque quando eu volto, eu fico 15 dias trabalhando e nesse período eu fiz essa matéria do Ministério Público. Passou uma semana e e fui demitido.
Isso foi em maio de 2016.
É... Eu sai em maio de 2016.
E você foi pra onde?
Julho de 2016 a julho de 2017 eu fico no Mídiamax.
Voltou.
Aham.
Era outra situação, você conversou?
Era uma situação melhor... Era...
Tinha mudado a chefia de reportagem?
Tinha. Tinha mudado a estrutura, né? Organizacional. Então estava funcionando mais ou menos como uma grande empresa. Mais ou menos. Ok. Aí eu fico até julho de 2017.
Você voltou como repórter?
Repórter. Sempre repórter.
Aham. Fazia as mesmas matérias?
As mesmas matérias. Por que eu saí? Eu consegui um emprego... Assim... Uma promessa de emprego em Brasília e queria ir embora pra Brasília.
Nunca tinha morado lá?
Não. Só feito matérias, né? Mas foi um desastre. Eu não cheguei a ficar lá 15 dias.
Você chegou a ir?
Fui. Pedi demissão e fui.
E qual era a proposta? Pra onde?
Não, a proposta era a seguinte... O que eu estava imaginando? Eu ia procurar um emprego... O emprego que eu queria mesmo era Intercept Brasil, El País, alguma coisa nesse sentido. Quando eu cheguei lá, as pessoas com as quais eu conversei eles pediram um tempo.... "Olha, mas você está morando aqui?" Tipo...."Ou você é um aventureiro e amanhã você vem embora?" Sabe? Essas coisas... Mas assim... Eu peguei e ao invés de esperar, eu me apavorei... Tipo... Começou... Eu ia entrar em uma empresa, numa agência que cuidava de uma conta do SUS e não de certo, uma porque eu nem cheguei a pegar a empreitada porque eu nunca fiz assessoria de imprensa. E comecei a ficar sem grana, tal... Acabei desistindo.
Quinze dias?
Quinze dias.
Mas o convite foi pra essa agência?
Seria. Pra essa agência.
AÍ você não esperar chamar e tal.
Não.
Voltou. Voltou pra Campo Grande?
Voltei pra Campo Grande.
Isso foi em 2017 ainda, né?
É. Aí em agosto eu já estava aqui, né? É... Olha...
Mas você desistiu porque você nunca fez assessoria?
Eu queria pressa, sabe? Eu queria... Eu estava... Na realidade eu fiquei muito afoito em Brasília, porque eu fui lá pra morar em... Eu não tinha onde morar, então eu estava morando em hotel. Diária de hotel... R$ 110,00, R$ 120,00. Entendeu? Aí bateu um desespero. Teve algumas outras promessas, sabe? Mas essas promessas era a seguinte: eu tinha que esperar. Eu poderia até é... Feito propostas aqui ser correspondente do Mídiamax, correspondente de

coisas daqui, de Cuiabá, né? Que eu comecei a fazer os contatos. Estava indo bem, mas eu fiquei com medo de ficar sem grana, passar fome, umas coisas assim. E rolou uma depressão muito grande, né? Porque além de tudo aí eu sou depressivo. Se você... Você vai... Você também vai ser um depressivo. Nessa profissão não como... [...] Aí o que acontece. Na minha volta, aí foi um período muito triste. Foi que aí eu fiquei muito depressivo... Eu fui morar até... Você conhece o Ítalo Milhomem?

Sim.

Fui morar na casa do Ítalo. Eu fiquei agosto, setembro, outro, novembro, dezembro, janeiro... Fevereiro! Sete meses desempregado, sem querer fazer mais nada.

Sem vontade?

Nenhuma.

De agosto de 2017 a fevereiro de 2018... Entrou em um processo depressivo...

Mas você atribui isso à experiência que você teve em Brasília, que tentou essa mudança...

Foi isso. Exatamente. Foi por isso.

Mas você chegou a receber propostas nesse período?

Nesse período? Eu tinha muitas assim... Ligava, por exemplo... Nesse tempo todo... Por exemplo, hoje... Eu sou credenciado hoje a escrever matéria pra Folha de São Paulo e UOL, mas eu não tinha nenhuma vontade. Foi mal. Muito mal. Achei que ia morrer. Pensei em suicídio.... Muitas coisas assim... Eu acho que foi o seguinte: depois dessa... É... Quando você vê eu saindo de Campo Grande, indo pra Cuiabá, Cuiabá-Campo Grande, eu queria é... Uma zona de conforto, mas não assim... Ganhar bem e ficar tranquilo. Não. É... Eu sempre fugi da linha editorial de onde eu trabalhei, entendeu? Tipo assim... Uma coisa impossível. Não existe mais isso. Ou você monta um blog, ou você caça alguma coisa, né? E as pautas começaram a desinteressar... Tipo: "Ah, vamos investir em uma matéria de meio-ambiente...." "Não.... Pra que? Vamos investir em uma matéria de índio, vamos investir em crime organizado na fronteira..." "Isso aí exige investimento..." E fui isso, né?

Você vai se desinteressando pela rotina, pela linha editorial do veículo?

Exatamente.

E sempre vai saindo por esses motivos assim...

Sempre foi por esses motivos. Nada além disso. A questão da Folha de São Paulo tudo bem... [...] Mas assim... O meu meio já não dava. Eu queria novos desafios. Eu acho que o jornalista ele tem que ser isso, né? Você não vai ficar no jornal 30 anos... Não pode.

Esses temas que você trabalhou, sem-terra, índio e tal, você escolheu seguir esse caminho ou foi acontecendo? Era uma vontade?

As coisas foram acontecendo e quando aconteceram eu gostei. Ficou eu... Eu achei interessante, porque era um desafio grande. Era um desafio além... Era um desafio pessoal, desafio jornalístico. É... Nossa... Construir... Tipo assim... Parece que a cada matéria que eu fazia, eu melhorava como jornalista, entendeu? Então não sei se você já se deparou com uns assuntos assim. Parece que você começa a entender como funciona, né? E, por exemplo, a questão indígena, o desprezo pela causa, sem-terra, o desprezo, fronteira, o desprezo. O reflexo disso aí é um país chamado Brasil, porque aí vem a questão política, questão financeira, porque tem muito bandido que ele não tem ideia da vida que ele perdeu por conta de algumas situações. Econômicas, por exemplo.

O investigativo que você fez foi relacionado a esses temas?

Também. Também. Eu já fiz matéria investiga que... A investiga é a seguinte... Até vendo no Diário Oficial, você faz uma matéria investigativa, né? Desde que você pesquise 300 Diário Oficial. Eu já achei matéria tendo que pesquisar 300 Diário Oficial. Tipo assim: era

uma licitação, que ligava uma outra licitação, que durava 8 anos, né? Mas por que essa empresa sempre ganhava, sempre ganhava? E por que? Você vai fazendo um cruzamento de dados e você vai ver se eram as mesmas pessoas que aprovavam, desde o processo licitatório até a liberação da verba.

Um trabalhão.

Muito, muito. Hoje é muito mais... Não é que é mais fácil, mas é mais acessível, né? Hoje você, nos teclados aqui, você já busca uma coisa, outra. Antes eu teria que anotar na caneta, colocar no caderninho, depois fazer cruzamentos, pesquisas....

Então de agosto de 2017 até fevereiro de 2018 você ficou esse período desempregado...

Profunda depressão.

Fez tratamento?

Tentei. Desisti, porque quando você está em uma situação dessa, você se isola ao invés de você buscar seus amigos. E eu estava num problema tão ruim, tão ruim, que a única pegada que eu teria era a minha mãe, que tem 76 anos de idade e meu irmão, que é pior que eu na questão da depressão. Então eu me recolhi mesmo. As pessoas não entendiam muito... "Oh, o que você está fazendo?" Às vezes eu até mentia: "viajei". Viajei porra nenhuma. Estava em casa. Vamos lá.

E aí, a partir de fevereiro de 2018, o que aconteceu depois?

Aí eu fui convidado pelo Vinícius, que é um amigo.

Em março que você veio?

É. Final de fevereiro.

Você já estava melhor?

Ainda estou em processo de recuperação, né? Mas assim eu vejo... Engraçado... O trabalho é o remédio, né? Engraçado isso. A gente nota isso... 53 anos de idade... Que o remédio era o trabalho. Mas é claro que não é isso. Coisa da minha cabeça. Mas pelo menos quando eu estou em uma redação parece que eu estou em um ambiente que seria o meu hospital, né?

Ocupa sua mente.

Exato.

Aí é o que você falou lá no início, né? Você é repórter e faz mais matérias relacionadas à justiça, poder público e tal... Mas é geral também?

Geral.

Você está fazendo alguma outra atividade como freelancer? Continua escrevendo pro UOL, Folha?

Não... Por que eu não estou escrevendo? Agora por questão de tempo, por questão de tempo, mas é um ano que promete muito. Eu devo fazer muito freelancer, porque é um ano eleitoral.

Ah, sim, para campanha e tal.

Isso. Eu fico imaginando que a disputa daqui... É... Quando eu tô aqui é... Nos dois pleito eu cobri Mato Grosso e Campo Grande... Cuiabá e Campo Grande, entendeu? Então aí rola bastante freela.

Depois, na decupagem, vou ver certinho, mas de cabeça você sabe me dizer o cargo que você ficou mais tempo? Se foi como repórter ou editor? Porque você teve essas variações.

Foram em duas ocasiões, que é no Correio do Estado... Foram quatro anos e meio, né? E no Diário da Serra, que foi 91,92,93,94,95. Foi o limite quatro anos e meio.

Isso de repórter ou editor?

Ah, ta...

Eu digo assim.... Em toda a sua carreira, você ficou mais tempo como editor ou repórter?
Repórter. Quatro anos e meio no Correio do Estado...
E na maior parte também em impresso?
A maior parte.
Teve uma passagem pela TV muito rápida... E o online, pra você, foi novidade a partir daquele primeiro emprego....
Mídianews.
E como foi essa mudança do impresso para o online?
Ah, olha só: quando... Lá no Diário da Serra, em 1991, final, início de 92, era a transição da máquina de datilografia para o computador. Houve uma resistência muito grande da redação. Os mais jovens loucos pra pegar um computador, porque não aguentavam mais a máquina. Muitos deles tinham até um computador, mas o jornal não tinha, então... Eu fui um dos que tentou resistir no início?
Por que?
Porque parecia que havia uma identidade com a máquina de datilografia. Parecia.
Uma identidade do jornalista.
É. Do jornalista, que ia desde o teclado, o som, desde o som a você pegar na lauda, no papel. Mas logo que percebi que eu estava atrasado, estava ultrapassado e logo.... Quando eu percebi a agilidade e a facilidade que era o computador, lógico, nunca mais quis ver a máquina de escrever.
Mas eu falo sobre à mudança do impresso para o online. A sua primeira experiência.
Ah, ta. Cara, foi muito difícil. Sabe por que? Porque o online é... Eu tive... Eu errei muitas vezes, porque às vezes eu ficava pensando em como concluir aquele material. "Como concluir? Calma! Eu preciso ouvir fulano, ciclano e beltrano". E no online, enquanto eu pensava, daria para eu fazer 10 vezes o que eu estava pensando. Tipo: o acidente... "Quantas pessoas morreram? Olha, lá no Mato Grosso aconteceu... Teve... 8 pessoas morreram num acidente lá". Eu ficava preocupada em colocar os nomes das vítimas e não escrever que tinham 8 pessoa mortas, entendeu? Tipo... "Poxa, mas aí eu vou dar uma matéria incompleta?" E eu fui... Assim que eu fui aprendendo.
Por conta do imediatismo do online....
Exatamente.
Você tinha que soltar em doses homeopáticas. É isso que você está querendo dizer?
Exatamente. É isso que eu quero dizer. Então eu tive esses problemas. Tipo: matérias que eu devia soltar 8h, eu soltava uma hora depois, por conta do zelo é... De dados na matéria.
Que é uma coisa do impresso, né?
Que é uma coisa do impresso. Por exemplo: o jornal... O impresso amanhã ela tem que ser uma matéria bem melhor que a minha hoje. Se eu fosse a mesma pessoa que fosse escreve no online e no impresso... O online era um fato hoje e eu tinha que fechar um jornal com um fato que pode ser o de amanhã. Mais ou menos nessa linha, entendeu?
Hoje a gente lê muito o online. Quando você está no impresso, você lê muito o online e começa a perceber.... Você só vai fazer uma edição impressa melhor que o online se você perceber os erros do online. Você percebe.
Erro de apuração mesmo?
Erro de apuração ou erro de encaminhamento da matéria. Gancho.
Entendi. Mas e a parte tecnológica... Adaptação... Como foi esse processo? Por que o online tem um sistema pra você colocar matéria, subir foto e tal...
Nossa, olha, apanhei muito.

Vou até abordar isso mais pra frente.
Mas apanhei muito, pelo seguinte: É... Jornalista do impresso, à época, é... Te falei... Era teclado aqui, uma lauda aqui. Pronto. Quando eu fui fazer a matéria eu tinha de editar aquilo: título, espaço, foto, gráfico... É... Então mudou tudo. Eu apanhei muito. Eu precisei assim de uma transição de, sei lá, uns dois meses que eu ficava....
Você fala da chegada do computador na redação nessa época. Mas eu falo da sua mudança do impresso para o online.
Olha, a grande dificuldade que eu tive do impresso para o online, além de tudo, da questão tecnológica... A linguagem. A linguagem. Porque o texto do online... Às vezes as pessoas tentam escrever a mesma, mas não é a mesma coisa... Cada um tem uma linguagem, assim como tem o rádio, assim como tem a televisão, então o imediatismo ali, você tem que ser sucinto ao máximo. Tipo, o cara leu, sei lá, leu 10 linhas e entendeu. Entendeu.
São textos mais concisos?
Concisos. Sucintos ao... O... Conteúdo. E o impresso você tem como, digamos assim, não é brincar com o texto [...] Às vezes a gente fala, mas assim... Fazer mais comparativos, buscar um assunto que foi parecido e colocar num box. É... Então há muitas diferenças, embora hoje... Eu não vou saber esse linguajar... Até o sindicato vai fazer um curso. É bom você fazer, pra garotos jovens, que é... Depois eu vou te lembrar... Você entra na matéria... Não é uma simples matéria. É uma edição que você recorre... Tem foto, tem vídeo, tem... É gráficos...
Tem um nome pra isso, né? Longa reportagem [long form], uma coisa assim...
Exatamente, exatamente. Isso aí vai se assemelhar ao que? Ao jornal impresso, que a gente fazia.
Engraçado. Volta, né?
Volta. Exatamente. Eu adorei essa ideia.
É um material multimídia, que mistura fotos e tal...
Mas eu não sei se eu te respondi. Assim... Foi um grande choque eu sair do impresso e esbarrar pela primeira vez no online, porque o online não era uma novidade pra mim não. Era pros jovens também, entendeu? Pros jovens. Às vezes é... Aqueles textos desse tamanho, né? Só não dava pra rasgar, porque tinha que quebrar lá, né? Porque não dava... "Não, isso aí não tem sentido você escrever tudo isso".
O editor?
Exatamente. "A não ser que você vai fazer uma matéria especial, aí a gente faz até uma propaganda disso. Olha, domingo, na edição de amanhã". Então às vezes eu sempre esbarrava nisso e levei um tempo, um tempo... Tanto é que teve um período que eu desisti. Primeiro: exigia mais produção minha. Tanto é que lá no ano de 2005, eu nem coloquei aí, fiquei 15 dias no Campo Grande News, antes de entrar no O Estado, né? Foram 15 dias. Não. Eu saio do O Estado em Dezembro e fiquei 15 dias de janeiro no Campo Grande News. Por que eu sai de lá? Era a Maristela, que era a editora e eu trabalhava uma menina que hoje trabalha numa assessoria de agronegócio. Tinha na parede lá: "fulano de tal, quantas matérias, fulano de tal, quantas matérias..."
Pra fazer por dia?
É... Por dia. Fernanda Mathias. Fernanda Mathias ela é um trator. Tipo assim: 20 matérias e eu estava na terceira, entendeu? Tipo: "o que eu vou fazer aqui?" Entendeu? Essas questões me assustaram. Me assustaram e muito.
A velocidade...
A velocidade. As fontes dela. Ela já sabia muito rápido aonde ligar. Tipo assim... Vamos lá, uma cotação de soja... Ela já sabia o nome e sobrenome do cara que ela ia ligar muito

rápido. Quando você está no impresso, você escolhe o melhor. Tipo assim: eu sei que existe fulano, mas existe o beltrano, existe... Tem tempo de até você ler. Aí você tem de... No online você não tem muito tempo. Vamos lá hoje... Hoje. "Ah, aconteceu alguma coisa ligada a uma regra nova no... Código Penal, ou alguma coisa assim. Ligo no André Borges. É bem mais fácil, né? Ele vai falar pra você: "me dá o teu e-mail". Ele já te responde, né? Não sei se esse é o remédio ideal pro jornalismo, porque aí essa ponte vai ser a mesma do Mídiamax, a mesma do Top, então o leitor não vai ter muita opção não.

Mas você ficou assustado então com essa velocidade?

A velocidade.

E o que você tinha que fazer, né? As atividades do dia.

Exatamente. E engraçado é que os chefes não estavam preocupados com isso. Era eu que estava preocupado. Tipo assim... Não estavam preocupados entre aspas, porque a minha missão lá era semelhante a de um jornal impresso. "Calma aí, você vai nas matérias especiais..." Mas não dá hoje em dia... A coisa é bem dinâmica, que eu trabalhando contigo, sentando do lado, você fazer 10 matérias e eu fazer só uma... Eu não vejo... Não é justo. Vai chegar uma hora que você não vai.... "Porra, Celso, me ajuda aí meu".

Mas você saiu por conta desse motivo?

Foi. Do Campo Grande News foi.

Mas depois que você pegou o ritmo conseguiu fazer assim?

Consegui. Hoje eu consigo, por exemplo, cobrir o.... O repórter vai... Dois repórteres... Um na Câmara e o outro na Assembleia... Eu consigo seguir essa velocidade de pegar três de um, três de outro.

Da rua, né?

Da rua. "Ah, parou aí, continua minha matéria..." Eu tô nesse ritmo.

Já se adaptou.

Mas você viu que demorou. Muito.

Vamos falar disso lá na frente. Você falou bem no comecinho sobre ser repórter e ser editor, né?

Sim. Ser repórter e ser editor. Eu sempre acredito que uma vez repórter, sempre repórter. Uma vez editor, sempre editor. Porque é o seguinte: o repórter ele não precisa ter a regra que o editor tem. Tipo: o editor, quando ele dá uma matéria... Eu sou seu editor, você vai fazer a reportagem, a mania do editor... Ele já está com o título na cabeça dele. Ele já está com o gancho na cabeça dele. Agora é você que o dono da matéria. Você pode virar aquilo lá de ponta cabeça, entendeu? E acontece muito de editor convencer você de que você deve ir naquela linha. "Não, mas eu vi outra coisa..." "Não". Então cabe ao editor fazer isso aí, porque daí ele está próximo da linha editorial do dono ou dele mesmo, mas as maiores censuras que acontecem nos jornais não é... Não são os donos dos jornais. Chama-se autocensura. É o editor com suas ideologias, né?

Ou autocensura do próprio repórter, né? Você enxerga isso também?

Exatamente. O repórter. Quer ver a desgraça do repórter é quando ele cerceia ele mesmo, né? Tipo... "Ah, mas é difícil você falar mal do Marquinhos aqui". Um bom repórter faz. Um bom repórter. Você tem maneiras de escrever uma matéria, já que você está brigando com a censura, você tem meios de você driblar a censura. E isso é ser um bom repórter. Ao longo de um tempo você vai descobrir isso aí, entendeu?

E você gosta de ser repórter.

Só repórter. Ah, eu consigo ser editor? Consigo, mas assim... Eu não me sinto bem. Não me sinto bem.

Por que? Tem que mexer no material?

Primeiro... Eu não gostaria de mexer no teu texto. Não é a minha praia. Se eu mexer no seu texto, eu estou mexendo na sua digital de repórter. Não dá. Não dá. Tipo assim: eu vou colocar a minha digital num trabalho que não é meu. Foi você que enxergou aquilo lá... É aquela velha história: "ah, porque o texto..." Não. Eu sempre pautei pelo seguinte: o assunto... Como uma reportagem é construída? 90% é transpiração. Apurar. 10% é o texto, porque no texto aí um pode ajudar o outro, mas a apuração foi sua. E o que vale mais? Qual é a vida de uma reportagem? É uma apuração.

É o olhar, né?

Exatamente.

"Ah, o abre aspas...." É o repórter que vai ver. Eu não vou inventar. Tem editor que inventa. E é a pior coisa. Ele tenta piorar. Ele piora. Entendeu?

Valores profissionais

Bom, essa parte aqui é mais do seu perfil, pra eu entender um pouco da sua história mesmo. Vamos falar agora dos seus valores profissionais. O que é ser jornalista pra você?

O que é ser jornalista... Olha, vamos começar assim... É... Numa explicação besta. Eu sempre quis acreditar é... Ser o porta-voz da comunidade. Ser porta-voz da sociedade. Tentar construir alguma coisa que mais se aproxime do justo. Isso é ser repórter.

Isso é ser jornalista?

Isso é ser jornalista.

Basicamente é isso?

É isso.

Por que você decidiu ser jornalista?

Olha só, foi uma história, nossa, muito bacana, coisa de criança. Aos 5 anos de idade foi quando eu aprendi a ler e os meus parentes, parentes da minhã mãe principalmente, eles eram todos agricultores. Agricultores. Embora com potencial econômico, eles não sabiam ler. Não sabiam ler e nem escrever. Então aos 5 anos de idade eu estava na minha casa, então eles vinham pra minha casa, dormir lá, ir no banco, depois iam embora. E eles compravam jornais e revistas e eles queriam saber o que estava acontecendo na cidade e mandavam eu ler. Então eu começava a ler e aquelas pessoas ao redor. Eu fico imaginando. Cara, que merda que era. Eu gaguejando, mas eles ali, ouvindo, ouvindo. E aí eu comecei a ver a importância naquilo. "Por que eu estou lendo e eles estão..." Às vezes eu lia, mas não entendia o que eu estava lendo e isso foi começando a forçar a entender porque eles queriam me ouvir e com o tempo, ainda criança, eu percebi que alguém estava conversando com eles. Não era eu, mas era alguma outra pessoa. E eu comecei a entrar num mundo parafuso, que eu falei: "Cara, um dia eu vou entrar dentro desse jornal, como entra uma foto, como entra uma foto". Aí eu comecei a pensar que a foto era como o Willian Bonner que estava falando na televisão. Tipo, naquela época lá eu imaginava isso. E aí eu notei a preocupação do meu pai, no final da tarde, de ouvir notícia no rádio, então aí eu comecei a perceber que a notícia era tudo. A notícia, a notícia, a notícia. E aí eu percebi... "Cara, que bonito, que isso?" E aí comecei a estudar e comecei a perceber que a gente via o mundo por meio dos jornais e das revistas e da televisão. E vi a importância dos jornalistas e aí, claro, "vou ser um jornalista".

Isso com que idade?

Ah, 5, 6 anos. Aí quando eu tinha 12 anos eu já era um jornalista assim... Claro. Eu ficava noticiando pra meninada a importância que era ouvir, por exemplo, num jogo de futebol [...] os caras atentavam aos gols e eu queria ver as histórias dos jogadores, porque isso aí

era um programa esportivo que era formado por jornalistas que falavam. Acompanhei também algumas, tipo, 1977, por exemplo eu acho.... Foi a morte de um dos papas. Em que na escola foi dada folga....Não... Dispensaram os alunos e eu queria ouvir o rádio. Eu queria saber porque o cara morreu. Eu acho que foi em 77 também, eu acho, que morreu o grande Elvis Presley, então lá eu tinha 12 anos. Então a minha vida teve muito a ver com jornalismo. Tipo, eu queria ser jornalista pra... Eu achava assim que sendo jornalista eu ia ser muito mais parte da vida. Por isso que eu sou jornalista.

Mas aí você foi fazer Letras, né?

Porque não tinha jornalismo. Não tinha. Jornalismo quando chega aqui [...] Aí o que acontece? Pensei em ir pra... Teve um amigo que foi pra estudar na Unicamp, na época. Mas assim... Eu era muito jovem quando terminei o segundo... O Ensino Médio. Eu tinha 15 anos.

Você nasceu aqui mesmo?

É. Nasci aqui. Minha família é de... Meu pai é brasiguaio, que é paraguaio mesmo. Ele nasceu no Paraguai o meu pai. Minha mãe é do Sul. Então... E aí eu não tinha como ir. Não tinha. Por questões financeiras, né? E eu... O grande sonho de todos era medicina na época, né? Tanto que na medicina tinha 44 vagas. Eu quase entrei na universidade com 16 anos de idade, porque eu fiquei em quadragésimo quarto. Por duas. Hoje eu estaria num... Por que quantos desistem e vão fazer em outro lugar? Então... E nesse período o que eu fazia? Foi aí que eu comecei a lidar com comunicação, porque eu vou parar lá numa agência de publicidade. Eu começava a fazer textos, começava a fazer poesia, não tinha...

Você foi para a agência de publicidade antes mesmo de entrar na universidade?

É.

Em 88... Não. Quando estava entrando. Estava no comecinho ali.

É, é. E eu... Isso por conta da minha afinidade com a produção das palavras.

Mas foi você que procurou? Como foi isso?

Não, eu que procurei.

Você queria um contato com essa área de comunicação?

Exatamente.

Mas você não quis procurar jornal de imediato?

Não, eu procurei o jornal, mas o que restou pra mim, e eu até trabalhei em alguns deles, era na digitação, né? Que antigamente chamava fotocompositor, que existia o teclado, você fazia e aí você tirava um rolo lá de dentro, ia e revelava como se fosse fotografia. Ali saia o texto, né? Foi mais ou menos assim.

Mas não tem ninguém na família que é jornalista?

Comunicador? Não. Não.

Não foi uma influencia da família assim... De profissão. O pai, a mãe, tio... Nada.

Não.Não. E uma outra coisa que influenciou muito, e aí tem um pouco a ver com a família, foi uma questão bem particular: a Ditadura Militar. A Ditadura Militar eu tive metade da minha família assim... Era todos do exército. E eles eram da Ditadura. O meu pai não. Então aqui em Campo Grande, por exemplo, era assim... Mais ou menos assim: O Bejarano que prendia os comunistas, batia nos comunistas. Ok. Os comunistas eles eram os melhores e em maior número de engenheiros. Meu pai trabalhava na construção civil. Meu pai... Quando os comunistas descobriram que tinha Bejarano trabalhando na construção, ele era demitido. Por que ele era demitido? Porque eles apanhavam do Bejarano irmão do meu pai. Meu pai acabou sendo vítima da ditadura sem ter nada a ver com o militarismo.

E isso te motivou?

Motivou, porque logo, logo eu estava panfletando cotra a ditadura. Eu tava enfrentando polícia até contra a ditadura, então... E aonde que era minha força? Eu falei: "nunca vou ser militar, nunca vou ser nada, mas eu posso ter a arma, que vai ser os meus textos".

A comunicação.

A comunicação.

Você se sente realizado hoje como jornalista?

Olha, tem... É... Eu sempre atrapalho quando vou falar... Elverson, Elverson....

Pode me chamar de Elvis.

Elvis, eu vou te falar o seguinte: eu tive três filhos. Um filho que fez que fez 17 anos ontem, eu tenho um filho de 32 anos e um filho de 31. Eu sou avô de 3 netos. Dois filhos é filho de uma mãe e um de outra. Pelo jornalismo eu não assisti o crescimento dos meus filhos. Isso aí é a minha maior dor, sabe? Eu não vi eles... Os meus filhos não entendiam porque eu não brigava por eles e, sim, por causas. Tipo assim: "Por que causa do jornalismo? Você vai ganhar dinheiro com isso? Não vai ganhar dinheiro. Você nunca vai ficar rico com isso". Sabe? Foi uma vida assim. Quando penso nisso, dá vontade até de chorar, tipo assim: cara, porra, se eu fosse um simples trabalhador, um caixa de supermercado... Mas eu garanto que o caixa do supermercado cuidou muito melhor do filho dele do que eu. Mas logo eu me recomponho e acho que o meu trabalho foi importante. E acho que se tivesse que fazer tudo eu ia fazer a mesma coisa, entendeu? Tipo: eu como eu. Mas aí quando eu transfiro pros meus filhos... Mas a bagagem que eles tem cultural, aí eu sou metido, sabe? Tipo assim... Ah, eles devem ter se espelhado em mim sim. Mas não é bem assim....

Eles fazem o que?

Não, hoje, por exemplo, o meu filho mais velho, ele é formado em advocacia, mas não atua na área. Ele trabalha em uma empresa, ganha bem, então Ok. Mas o jeito dele ver a vida é diferente, porque ele é bem informado. Ele sabe como funcionam as conjecturas políticas, né? Isso aí ele via eu conversar com ele. Tipo: as músicas que eu gostava, eu brigava pra ele gostar da música nacional, gostava do rauzito na época, gostava do... Chico Buarque, né? Ele não passa vergonha quanto a si, mas gosta de música sertaneja. A desgraça é essa total. Mas tudo bem. O meu filho que tem 17 anos ele é muito cabeça. Claro, é tem lá as suas vontades financeiras, né? Consumista que não sei o que e tal, mas ele sabe diferenciar o certo e o errado. Pra mim já é importante. Tipo: quando ele vê uma política... Por exemplo, STF na área... "Olha, esse STF pode estar influenciando na política nacional de uma forma errada", porque ele compreende isso. Isso aí foi o único patrimônio que eu pude dar pra eles. Foi nessa questão.

Conhecimento.

Conhecimento.

Mas você se sente realizado como jornalista?

Sinto. Sinto.

Por conta disso. Têm os porém...

Tem os, porém... Embora eu ainda acho que tenho muita coisa pra fazer, que não vou conseguir fazer, mas assim... É a vontade de você é... Fazer outra coisa melhor, outra coisa melhor, outra coisa melhor... É nisso que eu me realizo.

Mas deixar de ser jornalista você não pensa?

Não. Jamais.

O que o jornalismo representa na sua vida?

Olha, o que o jornalismo representa na minha vida? Eu acho que a minha vida é o jornalismo. Tudo. Tudo. Tudo. Tudo. Tudo. É... As passagens ruins da minha vida eu tive

com o jornalismo. Meu pai, por exemplo, chamado Celso Bejarano, olha só... Essa foi cruel... Ele morreu no corredor do HU. Eu tinha um amigo chamado Cadu Bortolot, que era assessor de imprensa do HU. Você não tem ideia da pressão que eu recebi pra eu falar com o Cadu, pro Cadu tentar arrumar um ambiente melhor pro meu pai além do corredor. Eu não fiz isso. Não sei se hoje eu não faria, mas pegou no meu período *hard*, que eu achava... Você já pensou? Eu vou estar tirando a vaga de alguém por conta de uma amizade que eu tenho? Eu não achava isso justo. Eu achava que todo o sistema estava errado, que todos... Tinha de ter quartos para todos. Enfim, meu pai morreu no corredor, eu fui cobrado por anos por meus irmãos por eu não ter dado conforto pro meu pai, de ao menos ele ter morrido com dignidade. E a minha defesa é a seguinte: não tinha... Eu acho que o ambiente ali não fez a diferente. O que fez matar ele era o que... Era a enfermidade que ele tinha. Então, nunca quis usar o benefício... Porque tem muitos jornalistas que se beneficiam da profissão, desde pra entrar no clube, pra entrar no bar, dar a carteirada... Eu acho isso uma imbecilidade terrível, porque nós somos todos iguais, né? Ficou essa história do meu pai e eu fico meio entristecido com isso, não por eu não ter feito nada, mas por ele ter morrido daquele jeito, entendeu? É, mas ele me explicou muito bem, morrendo, que eu devia ter tomado os meus cuidados, tipo assim, se eu não me cuidar e... Financeiramente, eu posso morrer no corredor da Santa Casa, do HU, da UPA e de qualquer lugar, né? Isso aí já foge um pouco.

Mas então o jornalismo representa tudo pra você?

Tudo. O jornalismo é... Ele sobrepõe coisas divinas assim. É... Religião, espiritualidade. O jornalismo ele me fez eu crer no que eu vejo. O jornalismo não tem zebra. Não tem. Se você vai lá na Assembleia Legislativa e você vai com atenção é... Entendendo como funciona, você pode jogar na loteria: "olha, quem vai ser o presidente da Assembleia Legislativa, vai ser fulano de tal", entendeu? E se tiver esquemas, você vai explicar na sua reportagem que tem esquemas, então não tem coisas do além. Não tem coisas do além. São coisas de gente. São coisas, né? Do mau, do bom, do ruim, de qualquer forma o jornalismo ele me colocou o pé no chão, sabe? Não te digo que... Eu vivo de sonhos, claro, a gente sonha, sonha, sonha, mas assim... Se você estiver muito ligado no que estou falando, no jornalismo que eu acredito, a vida é tão previsível, mas tão previsível, a questão matemática da coisa é muito previsível, entendeu?

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Não. Não.

Por que?

A fidelidade ao emprego primeiro que [...] Eu acho assim: sempre vai existir o patrão e sempre vai ter o empregado. O patrão ele sempre vai manter assim... O poço. Entre patrão e empregado sempre vai ter a diferença é... Social, né? Você vai prestar pra ele enquanto você produzir. Se você não produzir você não presta mais, porque existem outros empregados. A questão é uma fidelidade ao seu emprego. Não ao seu patrão. A fidelidade é assim... Tipo: Ah, eu preciso trabalhar, preciso trabalhar, eu tenho de cumprir horário, eu tenho de cumprir regras, aí tudo bem. Agora achar que o patrão vai resolver a sua vida...

Fidelidade ao emprego, no sentindo de permanecer longos anos em uma empresa, você não considera importante?

Não. Não é importante porque você acaba perdendo muita coisa no seu crescimento profissional. Muito, muito, muito, muito, muito, né? Tanto é que você deixou o... Você é um excelente repórter.

Obrigado.

Você deixou. Você está fazendo mestrado. Por quê? Porque o próximo emprego seu, vai ter que sem bem melhor do que o anterior, né?
Deus te ouça.
Ou então você vai virar um docente, né?
Quem sabe.
Você te cara de docente.
Você acha? Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?
Valores indispensáveis? Cara, dedicação é um deles, né? Dedicação, empenho. Não vou falar fidelidade, porque eu fui contra a questão da fidelidade, mas... Mais ou menos essa linha, né? Você se dedicar ao que você faz. É uma?
Consegue dizer outros valores indispensáveis?
O principal deles, né? Honestidade. É um valor? Honestidade. Imparcialidade. É isso.
Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
Muito. Muito, muito, muito, muito. Formação acadêmica... Por que é o seguinte: a formação acadêmica, além de necessária, ela... A estrutura acadêmica ela te faz melhor. A estrutura acadêmica ela te ascende sempre, porque se você é... Vem de uma formação acadêmica, você não quer se estacionar. Você quer dá aqueles outros pulos, sempre, então isso tem tudo a ver com profissão, tudo a ver com jornalismo, por exemplo, porque não adianta você ir fazer matéria só de polícia e esquecer... Daqui dez anos continua fazendo a mesma matéria de polícia. Não. Eu acho que dá pra você fazer matéria de polícia sem ser a mesma coisa, entendeu?
Mas a formação acadêmica na área, em jornalismo, ela é determinante para a qualidade do trabalho?
Pra qualidade do trabalho. Isso é.
Por que?
Porque é o seguinte: quando você tem a formação acadêmica, você é... Você tem várias frentes, porque você trabalha com interpretação, você trabalha com tecnologia, você trabalha com gente, você trabalha com um conjunto de... Quer dizer... São vários fatores. E aonde que a gente acha a ferramenta? Nós ficamos armados pra enfrentar tudo isso aonde? É nas cadeiras de universidade, por isso a formação acadêmica é importante, porque não adianta, se você não tiver essa base, eu creio que você está super despreparado e não consegue fundamentar o que está fazendo.
Mas você fez Letras...
Sim, mas aí que eu te digo. Eu assisti muitas aulas de jornalismo, muitas, eu cumpri semestres... É... Eu já fui examinador de banca. É... Então, mas é muito tempo. Também 30 anos.
Você tem experiência.
Exatamente.
Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão? A gente falou sobre os valores, né? Mas agora é sobre os valores que a formação acadêmica traz.
Nossa. Dá uma dica aí. Uma resposta assim... Só pra eu completar.
Quais são os principais valores que a faculdade ensina? Que o curso de jornalismo ensina pra você entender a profissão? Quais os principais valores que ele te proporciona?

Por exemplo... A faculdade, por exemplo, ela diz, pelo menos na faculdade, qual é a missão do jornalismo, a missão do jornalista. Ele sabe, por exemplo, o que o jornalista não deve fazer enquanto jornalista, enquanto profissional. É, por exemplo, assim como o político... O político corrupto. O jornalismo corrupto nós estamos tropeçando na rua, nas redações, até nas faculdades, né? Você vê professores de universidade que nunca entraram numa redação de jornal. Eu tenho pena desses jornalistas que são formados por eles. Por que? Porque o alô que ele vai dar pro estudante, vai ter impacto, digamos... Qual vai ser o impacto? Não vai ser um impacto... Vai ser um impacto teórico. De prática não vai ter nada. Tipo assim: Se é... O... Seu editor te induzir a fazer alguma coisa errada, eu acho que um professor que não passou por uma redação, não vai saber trabalhar uma disciplina dessa. Já o que trabalho em uma redação vai entender isso, mas assim... O valor que tem... É... Eu acho que ele sabe é... Poderia te dizer.... Que ele define qual realmente, de fato, é a missão do jornalista.
O principal valor que a formação traz para o profissional sobre o entendimento da profissão....
É.
Você consegue elencar outros valores que a formação acadêmica traz?
Além de te ensinar, né? Como você deve agir... Essa é uma.
Você está falando de ética?
É. Não caberia aí?
Sim. É um valor.
É um valor. O principal deles inclusive. A questão, a postura ética, né? É... Eu não saberia te dizer assim... Elencar muitas coisas, mas se a partir da questão ética, ela vai chamar outros é... Outros tópicos, tipo... A questão ética... Fazer o seu trabalho correto, entender o que você está fazendo, interpretar o que, qual é a sua pauta, nessa linha assim...
Basicamente.
Aham.
Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
Puta merda! Essa é foda hein? Repete aí.
Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
Então. Eu ficaria com a primeira opção aí, tá?
Um direito do cidadão.
Um direito do cidadão.
Por que você considera que é um direito do cidadão?
Olha, porque eu acho que todos que buscam um mundo democrático, um mundo mais justo, eu acho que todos deveriam ser iguais diante de alguma coisa, então daí eu imagino que é um direito, né?
Não é uma mercadoria?
Não.
A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?
Putz! É.
Por que?
Porque... Vamos lá. Eu vou te falar mais ou menos na prática, vamos ver se vai valer, por exemplo, quando um repórter novo, se ele me pergunta assim: "Celso, por onde eu devo começar?" "Celso, olha, fui convidado pra trabalhar no Correio do Estado, jornal impresso, o que você acha?" Eu falo: "Vá". "Ah, mas por quê? La diz que é tao". "Não. É o maior jornal impresso do estado, ok? Você tem que entender como funciona aquela máquina lá, sabe?" Por exemplo, você vai lá, você vai pegar um telefone e você vai receber pauta da rua, você vai ligar e falar que é do Correio do Estado, pronto... Todo mundo vai te atender.

Em um site pequeno às vezes... "O que? Você está falando da onde?" Você começa a ver a importância que é empresa e a importância que é o jornalista. Às vezes os caras, grandes fontes, eles dão muito mais atenção à TV Morena do que qualquer outra coisa aqui em Campo Grande. Ah, e passar por lá é importante? É importe, porque vai te dar bagagem profissional. Não estou dizendo pra você morrer lá, mas eu acho que você conhecer essa estrutura, e depois atuar em uma pequena, você vai entender como é que funciona o jornalismo.
Você está falando de reputação ou projeção?
Projeção.
De onde ela pode te levar?
Exatamente.
Então você considera projeção importante?
Isso.
E a reputação? A fama da empresa?
Se isso é importante?
Importante pra escolha do trabalho.
Ah, é importantíssimo. Importantíssimo.
Por que?
Porque? "Olha, você foi convidado pra trabalhar na Revista Piauí aqui, vamos lá..." É uma revista certa, do ponto de vista da esquerda brasileira, também tem disso no mundo, né?
Uma situação hipotética, né? Você não recebeu esse convite? Ou recebeu?
Não, mas assim... Iria de... Cegamente, por achar que é o... Órgão de comunicação que se aproxima é... Da igualdade, da justiça e do que deve ser feito no jornalismo. Aí você é convidado aqui em Campo Grande pra trabalhar no... Boca do Povo... Você sabe que o dono é condenado, que o dono é... Achaca. O cara faz um monte de coisa, então o jornalista, se ele puder ficar um pouquinho mais desempregado, não encara isso aí, devido à má reputação que tem. Então daí a importância.

Valores pessoais

Agora vamos falar dos seus valores pessoais. O que é qualidade de vida pra você?
Qualidade de vida? Pra mim, Celso, né?
Aham.
Qualidade de vida já há um bom tempo que eu sempre prego isso aos alunos. Qualidade de vida... Bom, saúde, aquela questão básica, né? Você não ter... É... Qualidade de vida é você ir ao cinema assistir um bom filme, você ir em uma banca de revista comprar uma boa obra. Qualidade de vida é você poder fazer suas viagens, não viagens comerciais, mas umas viagens que você queira, lugares que você gostaria... É... Qualidade de vida é você viver minimamente bem com coisas que não exigem tanto dinheiro. Pra mim, por exemplo, eu adoro domingo quando eu posso ir, por exemplo, numa banca de revista, tomo um café e compro um livro. Volto pra minha casa, tenho uma assinatura de televisão, assisto um bom programa... Qualidade de vida pra mim... Mas isso aí sou eu. É muito mais que isso. Mas do ponto de vista do jornalista aqui velho é esse.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
No limite. No limite. Tipo, é... Se eu tivesse hoje três filhos pequenos não daria, né? Eu teria que estar trabalhando 18 horas por dia, ou seja, não... No mínimo em dois empregos, né? É isso. É muito difícil, mas a galera de hoje, o jornalista de hoje é diferente do jornalista de ontem. O jornalista de hoje ele já vem da classe média. É difícil você encontrar um jornalista hoje que vem da periferia. É difícil. Eu não sei, você é jovem, não sei se você

enxerga, né? Você, por exemplo, é classe média, entendeu? É o nível do jornalista é o seu. Não há muito o que se fazer, não tem como o jornalista sair lá da periferia e querer ser jornalista do jeito que o mercado está agora. É muito difícil, porque o mercado exige dinheiro rápido. O mercado exige umas coisas assim que outras profissões te propiciam. O jornalismo, né? O salário do jornalista aqui em Campo Grande eu creio que, vamos lá... Gira em torno de R$ 2 mil, R$ 1.500,00, R$ 2 mil, pra quem está começando, né? Isso é impossível para um médico que... Um veterinário o um advogado. Eles não ganham isso. Eles ganham três vezes mais, né? E o jornalista de hoje são muito mais ambiciosos. Bom, bom... Ambiciosos que é... "Oh, eu quero passar o meus 30 anos e estar lá na Europa, dar uma viajada" ou né? Fazer mestrado e ganhar muito dinheiro. Não é assim? Então eu acho assim: é difícil hoje o jornalista manter-se com qualidade de vida ganhando o salário que ele ganha. No meu caso, há um diferencial. Já tenho 53 anos, já tive uma vida aí de altos e baixos, já ganhei bem, já ganhei, né? Já houve períodos que eu ganhava, vamos lá, hoje... Dez salários mínimos. Quantos custaria? Dez salários mínimos...

Novecentos e alguma coisa?

Daria R$ 9 mil. Um jornalista hoje ganhando R$ 9 mil está muito bom, muito bom. Ninguém ganha R$ 10 mil aqui.

Você disse que é possível [ter qualidade de vida] no limite. Está querendo dizer o que?

No limite é o seguinte: você tem de contar o dinheiro, você tem que ser quase um economista pra administrar o seu dinheiro, né?

Aí é possível ter qualidade de vida?

É possível. É possível.

Hoje você considera que tem qualidade vida?

Não, hoje não, porque olha só... É... Eu vivo... Hoje eu não tenho estabilidade imobiliária, por exemplo. Eu não tenho uma casa própria, então ora eu moro em uma pousada, ora eu moro num hotel, ora eu vou pra casa da minha mãe. Depende do meu instante financeiro, né? Eu não estou casado. Eu sou separado, então eu não tenho essa estabilidade, então, no meu caso, financeiro não vivo bem. Eu vivo no meu limite.

Mas já teve qualidade de vida em outros períodos?

Já, já.

Mas isso está associado diretamente ao salário? Ao que você recebia.

Ao salário. É, exatamente. Por exemplo: quando eu trabalhava na folha de São Paulo, por exemplo... Quando eu trabalhava, por exemplo, em Cuiabá, eu tinha um bom salário. Eles pagavam pra mim a minha moradia. Eu só pegava o dinheiro pra comprar comida e roupa... É...

Então você tinha qualidade de vida...

Tinha. Eu estava no melhor boteco final de semana.

Até que ponto o salário é determinante pra sua permanência na empresa?

Olha, é um assunto que, nossa, ele pega a gente, né, cara? Porque o salário hoje... As pessoas, né? As pessoas com... É... Ativas, né? As pessoas normais que querem se casar, constituir família, pessoas normais... Jornalista nem sempre, né? Jornalista hoje está aqui, amanhã ele quer ir embora e tá, mas assim... É tudo. O dinheiro é foda. O salário. É... Hoje, se te derem três propostas de trabalho, eu garanto que você vai pensar muito mais forte em quem deu mais dinheiro. Não deveria ser assim. Deveria ser assim, aonde eu me sentir melhor, mas o mundo econômico hoje te empurra pro melhor salário.

Mas pra você, até que ponto ele é determinante pra permanência na empresa?

Olha, eu acho que ele vai durar enquanto você é... Não é sobreviver... É... Enquanto você manter firme o propósito de ser jornalista, entendeu? A partir do momento em que você

achar que aquele dinheiro não está valendo a pena, se suas pautas não estão emplacando, eu acho que deixa de ser determinante.
Até o momento que você consegue ter uma projeção na empresa?
Exatamente. É.
A remuneração que você hoje é satisfatória para atender suas necessidades?
Não. Não. Aqui, por exemplo, eu ganho R$ 2.500,00 e ganho uma ajuda de custo que não tem valor. Tipo assim: "ah, final do mês eu te dou R$ 1.500,00", aí R$ 4 mil. Mas nem sempre é assim. Pode ser R$ 1.000,00, pode ser R$ 500,00 ou pode ser R$ 3.000,00. Assim.... Oscila diante do faturamento da empresa. Foi por isso que eu aceitei, tipo...
Mas não é fixo?
Não, não, mas assim... É metade do que eu gostaria de ganhar. Metade.
Mas atende suas necessidades?
Por enquanto sim.
As básicas?
Exatamente. Transporte, comida e roupa.
Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?
A pressão do tempo, aí sim, aí vale muito a experiência, entendeu? Mas a pressão do tempo é estafante, tipo, é, por exemplo, eu entro 9h, saio às 14h, é... Eu não tenho uma linha de produção definida, mas eu sei que eu tenho que produzir determinada coisa, né? Nunca.... É... A questão do tempo eu ainda critico muito essa questão do tempo, mas eu vejo que não tem como fugir disso. Não tem como. Mas que é estafante é.
Mas como você lida? Tenta se organizar com certa antecedência? Usa agenda? Alguma coisa assim?
Eu penso na pauta, às vezes, quando eu tô indo embora eu reservo tipo... Quarenta minutos, meia hora, pra pauta do dia seguinte. É uma fórmula que eu achei de manter vivo é... A minha produção... Tipo assim: amanhã eu vou fazer isso, isso e isso. Aí chega amanhã eu falo depois de amanhã, depois que eu termino o meu trabalho de hoje. Assim que eu administro o meu tempo.
Você sempre tenta se organizar para o dia seguinte. Agendando entrevistas, por exemplo?
Exatamente. Agendando entrevistas, assuntos....
Pautando o outro dia.
Aham.
Entendi. Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
Muitas vezes. Muitas vezes.
A gente tinha falado disso lá no início.... O que você já teve? O que aconteceu? Fala um pouco sobre isso.
Olha, a questão da depressão foi uma, né? É... Cara, eu tenho uma doença, eu sou diagnosticado com uma doença... Sempre que eu falo eu esqueço dela... É.... Tá, mas eu vou lembrar. Mas, olha, eu vou te falar o que eu tive por conta do jornalismo, diagnosticado, que o médico me disse: tive paralisia facial. Nervosismo. Eu tive um aneurisma. E constante essa oscilação de humor, oscilação de humor... Não é ficar agressivo e ficar... Não, não. Oscilação é você chegar aqui e estar feliz com uma pauta, tá... E no meio dela você perder o tesão. Isso aí é um estágio ruim da depressão.
Bipolaridade?
Bipolaridade. Entendeu?
Isso é um... É, é... Principalmente... Porque o jovem, o jornalista jovem, hoje é... Os pais dele, que é jovem, assim, tipo da minha idade, no caso... De ver um outro momento e hoje

eles sabem cuidar melhor os filhos, tipo assim... Quando você sente um sintoma, as pessoas da sua idade percebem rápido e você vai buscar ajuda médica rápido. E quando mais curto o tempo de você buscar o médico, melhor é. Então é... Todas as doenças que eu peguei ela tem a ver com a minha profissão. Todas. Frustração, pauta, aí entra a questão econômica, dinheiro, entra a questão de relação dentro do...

Interpessoal.

É. E mais ainda, né, cara, as pessoas que trabalham com jornalismo elas são muito mais estressantes. Elas são muito mais loucas. Não é normal como você trabalhar num ambiente de banco, por exemplo, numa loja... Muito diferente o cara que trabalha na loja, no banco ou em outro lugar. Você vê... Eles vivem mais em grupo. Fulano de tal convida fulano de tal pra ir almoçar na casa dele ou... O jornalista já é meio... Introspecto. A não ser que você conheceu o teu amigo jornalista no ensino fundamental, no médio ou é namorada, namorada, beleza, ok. Mas de resto, cada qual pro seu caminho.

Então você teve aneurisma, paralisia facial, depressão... Conseguiu lembrar a outra que você foi diagnosticado?

Ah, não, é... Eu sou um paciente bipolar.

Bipolaridade. Transtorno de bipolaridade.

É. Tenho.

E tudo associado à profissão?

Todos, assim... Segundo os médicos que me atendeu.

E isso desde quando? Como você começou a desenvolver esses sintomas?

As primeiras, assim... Os primeiros sintomas aconteceram... Bom, eu tenho 30 anos de profissão quase... É... Quando eu tinha uns 12 anos de profissão. Começou aí.

Você era editor na época?

Era. Era editor. Vou colocar anos 2000.

Começou com o que?

A depressão. A... De querer se isolar. Essa foi uma questão que eu já sentia é... É... Que era um efeito da profissão, do trabalho.

E o aneurisma?

O aneurisma foi no ano de... Bom, o aneurisma... Mas em 2005 eu tive a paralisia facial e o aneurisma foi no ano de...

Você estava na redação quando começou?

Foi. Eu estava em Cuiabá, na redação. Dois mil e... É... 2006. Começou na redação, eu fiquei desesperado e vim embora pra Campo Grande. Peguei um avião e vim embora. Cheguei aqui...

Conseguiu reverter.

Por sorte, porque tem gente que nunca mais volta. A... Agora a do aneurisma foi em 2013.

Estava na redação também? Teve sintomas na redação?

Tava na redação, senti fortes dores de cabeça, fortes dores de cabeça e um dia fui pra casa e não consegui mais... Aí tive que... Fui parar lá naquele hospital... Na José Antônio lá... El Kadri.

Fez alguma cirurgia?

Não, não cheguei a ficar... Fiz um tratamento muito duro, mas eu fiquei 7 dias desenganado, né?

Internado?

É. Não, eu fiquei um mês afastado. E teve um desgraçado de um jornalista... Chama Edir Viegas. Já ouviu falar?

Já.

Ele ligou pra mim e disse assim... Eu estava lá com o celular, né? "O, Celso, é verdade que quando a gente vai morrer a gente acredita até em Deus?" Não é um filho da puta?
Por que? Você é ateu?
É... Aí foi a pergunta... Se eu falasse a resposta ele ia descobrir que... Né? "Acredito".
Aí ele iria descobrir.... Mas diabetes, colesterol...
Diabético.
Diabético?
Diabético.
E por conta de hábitos alimentares relacionados à profissão? Você associa também?
Profissão, nossa, profissão, porque quando... Eu trabalhei muito com a questão indígena, sem-terra, então eu ia muito pro campo. Já passei 10 dias num lugar onde a comida era totalmente irregular. Mato Grosso, cara, Mato Grosso de uma cidade pra outra é 1.000 quilômetros, entendeu? Mil.
E aí você contraiu alguma doença?
Não, ali... Tipo assim.... "Almocei hoje será? Não. Comi uma coxinha lá, putz, mas já tá tarde". E aí toma uma...
Até hoje ocorre?
Não, hoje...
Consegue administrar?
Hoje eu consigo. Hoje eu consigo.
Você já teve problemas graves de saúde - aneurisma, paralisia facial, depressão, transtorno bipolar - e você continua jornalista.
Continua.
Nunca parou pra pensar sobre a sua saúde, qualidade de vida?
Várias vezes. Várias vezes. Várias. Mas eu continuei.
E por que você decidiu continuar mesmo sabendo que é isso o que provoca? A rotina, né? A profissão provoca...
É, eu, sei lá, eu fico me definindo às vezes, né? O que fazer se eu não tiver jornalista? "Ah, existem outros setores, tal". Não. Eu acho que eu morreria mais rápido.
Se você fosse pra uma outra área?
É.
Então o jornalismo, pra você, é um sacerdócio?
É. É uma... Sei lá... Não saberia, mas é um... É, digamos assim, vamos falar poeticamente, é meu respiro.
Sua vida.
Vida.

Fatores tecnológicos

Vamos falar agora sobre tecnologia. Você acredita que as novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Facilitam, mas e um risco, né? Tipo assim, quando você pega uma reportagem, onde você quer fazer uma pesquisa, e hoje com o tal do fake, às vezes você vai em umas fontes que não são totalmente confiáveis, mas acaba comprando aquela ideia e embute tudo na sua matéria, então tem esse lado prejudicial, mas se a gente tiver bem atento é muito legal. Eu acho que o avanço tecnológico ajuda muito.
E facilita de que forma?

Facilita nessas questões de você... Ah, se você trabalha com matérias que exigem estatística, que exigem comparações, que exigem situações semelhantes... A tecnologia te ajuda.

Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Ainda tenho dificuldade pelo seguinte: que hoje, com o avanço, quando eu... Eu percebo que tem colegas que tem outros recursos, né? Eu estava vendo... Outro dia eu estava fazendo uma pesquisa de uma doença, por exemplo, ele me ensinou um site onde só tem artigos universitários, por exemplo. São aqueles que realmente você deve confiar porque ele teve uma avaliação, ele virou doutor defendendo aquela ideia, então eu não conhecia e agora conheço. Então todos os dias é um processo. Você tem que ficar ali sempre ligado, se renovando.

Mas você tem certa dificuldade?

Tenho.

Dificuldade em que?

Eu acho que é o seguinte: a tecnologia, eu não sei porque, eu associo muito a idade. É igual falar inglês. Se você colocar um garoto de 5 anos pra falar inglês e um cara de 45 anos de idade, o menininho vai aprender bem primeiro. E a tecnologia ela tem uma cara de juventude. Eu não sei porque eu tenho essa... Mas claro que eu preciso quebrar esses tabus, entendeu? Tipo assim: eu acho que você se dá muito bem no seu Facebook [...] jogando foto pra lá e que não sei o que e tal. E eu tenho uma dificuldade nisso, às vezes por não achar necessidade naquilo. Mas é por isso... Mas assim... Tenho grandes dificuldades.

Você falou que a tecnologia facilita, mas também prejudica?

Não é que prejudica. Você tem de estar, você tem que dominar a tecnologia. Você tem de saber as suas escolhas.

Mas até que ponto ela facilita?

Na agilidade. Na agilidade a tecnologia.

E quando ela se torna prejudicial?

Quando a gente não sabe pesquisar assim... Eu acho que... Quando você não sabe lidar com várias situações, com várias informações, sem saber colher a que deveria, a correta.

Hoje você considera que lida bem?

Lido bem, mas eu não... A ferramenta tecnologia que me dá... Que eu ainda tenho problema, entendeu?

Ferramenta como assim?

É... Tipo assim, vamos lá... É, eu não conheço a programação. Eu não sei como às vezes... Vamos lá... Dentro da tua matéria você precisa colocar um gráfico. Eu não sei. Eu tenho de recorrer a algum outro profissional. Isso é muito chato. Ninguém quer te ajudar.

É mesmo? Você enfrenta essa dificuldade?

É, nossa.

Mas isso desde sempre quando teve essa mudança?

Não, hoje a garota eles são... É... São... Eles tem paciência curta. Ainda vejo isso.

Você evita?

Evito. Eu procuro aprender e fazer mal, mais ou menos, do que recorrer.

De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista? Na prática mesmo.

A tecnologia ela vem desde aqui, né?

O celular.

Desde o celular, até eu ir embora, que é o aplicativo do Uber, né? Tudo tem a ver com nós, né? Ah, eu, digamos assim, sou um mediano em tudo. Em tudo, né? Ao nosso terminal de computador, à pauta, tudo passa por aqui. Sem a tecnologia não tem mais como a gente...
Mas ela interfere de que forma? Você agenda entrevistas pelo Whats? Comigo foi pelo Whats...
Isso.
Mas com as fontes também?
Eu converso, às vezes, com entrevistado pelo Whats, então ele é uma ferramenta mais que importante pra mim, porque às vezes... Eu já conversei com pessoas fundamentais na minha matéria que estavam em uma reunião. E ele jamais sairia de lá.
Então você usa o Whats, por exemplo, pra entrevista... Usa e-mail, Facebook?
O Facebook em menos escala. Bem menos escala, mas assim... O WhatsApp... Por que? Aí eu te digo: mais tecnologia ainda. Eu tenho amigos, por exemplo, pra agir na questão da investigação... Policiais federais, que ele ele fala que a... O rastreamento em WhatsApp é quase zero. A não ser que você tome o meu celular, né? Mas você, lá do outro lugar, você não lê o que eu estou escrevendo, assim como você faz um grampo telefônico, né? Então o WhatsApp. Então é fundamental isso aqui. E o Facebook eu não busco porque existe mais facilidade de eu ser captado por terceiros.
Porque você faz muitas matérias investigativas, né?
Aham.
Quais as habilidades profissionais do jornalistas valorizadas atualmente pelo mercado de trabalho?
É...
Quais as habilidades profissionais do jornalistas valorizadas atualmente pelo mercado de trabalho?
Idioma, por exemplo, você ter domínio. Além do português, você tem de ter, no mínimo, um inglês. Inglês, espanhol. Isso aí ele valoriza e muito. A questão de você... Um hábil na questão tecnológica, entendeu? Eu acho que são primordiais assim.
São as principais habilidades?
São.
Consegue enxergar mais alguma habilidade valorizada pelo mercado hoje?
O mercado hoje... Bom, e aí a questão da habilitação é... É o que você está fazendo hoje. É muito importante hoje, o mercado dá muito valor, às questões das especializações, né?Além de ser jornalista, você é um mestre jornalista. Isso aí também, inclui e vale e muito.
Formação continuada.
Exatamente. Formação continuada.
Consegue me dizer outras habilidade que o mercado valoriza atualmente?
Olha, eu acho assim... A questão curricular também, né? Eu acho que o histórico profissional ele conta muito, muito, muito, né? Tipo assim... Se você é um jornalista premiado, por exemplo, é... Isso vale muito.... É... Que linha, que linha de reportagem você gosta, você se identifica, que operações você já trabalhou... Então é uma questão curricular.
Você estava falando da tecnologia, que ela facilita e deu alguns exemplos. Como era antes? Você que acompanhou essa evolução... Hoje você tem contato com as fontes pelo WhatsApp, e-mail, Facebook, embora você não usa muito, né? Mas como era antes?
Bom, pra começo de conversa, era uma dificuldade que já tinha no telefone, né? Era difícil. Não tinha celular, por exemplo. Você tinha que falar cara a cara e você tinha que confiar muito em fontes que conversavam com você. Ah, uma fonte que estava na reunião do

Ministério Público com o deputado denunciado". Às vezes você tinha que confiar naquela conversa que ele teve e falava assim: "você gravou? Não, mas eu tenho certeza". E só a certeza. Então você tinha de ter um conhecimento assim, uma confiança em alguém que estava te passando aquela informação. É... E até o transporte, por exemplo. Você saia do Diário da Serra pra ir fazer matéria, então saia 8 repórteres dentro de uma Kombi, então cada um ficava em um lugar. Tipo: um na Santa Casa, um no Ministério Público, um lá na Moreninha, outro na Coophavila II e aí depois você ia buscando todos. Era um negócio de doido. Às vezes esqueciam o repórter lá. Já fui esquecido já, por exemplo, de ligar do orelhão, né? E... A... O antes assim era... Você tinha de ler muito, você tinha de ir mesmo na fonte. "Ah, você precisa de fazer uma pesquisa no Tribunal Regional Eleitoral". Você tinha de ir lá e ler um a um quem que deu a contribuição de campanha.... É... Ler, copiar, ler, copiar, ler copiar....

Consultar documentos.

Documentos. Muitos consultas. Muitas, né? Documentos. Histórico é... Você ia fazer uma matéria, por exemplo... Que doença mais matou ano passado na Santa Casa? Às vezes você ia no IML, que tinha é... Que indicava a causa morte... Assim, de cada dez, três não tinham causa. Aí você fala: "Pô, mas que falta de informação". Não. Não é falta de informação. É uma pauta. Tem gente que morre aqui e não sabe do que. E às vezes não era falta... Os caras sabiam, mas não detectavam. "Ah, o cara morreu de aneurisma... Ah, mas ele estava com dor de cabeça... Mas nós não chegamos a essa conclusão". E não chegava à conclusão. Mas era muito mais falta de equipamento tecnológico da medicina, do que qualquer outra coisa. Mas você notou que hoje, por exemplo, com teclados eu já descubro isso, mas antes não. Eu teria que ir lá e fazer uma checagem documento que levava, no mínimo, um dia inteiro.

O repórter ia a campo com mais frequência.

Com mais frequência, ate pra pegar boletim de ocorrência, que hoje você entra no SIGO. Você entra no SIGO e está tudo lá à sua disposição. Antes tinha, vamos lá, 10 jornalistas que chegavam ao mesmo tempo na delegacia e aí estava aquela pilha lá de boletins escritos à mão. Às vezes você não entendia a letra e às vezes o repórter malandro, chegava primeiro e pra esconder o furo que ele tinha, ele escondia o boletim.

Na pilha?

Não. Às vezes ele escondia em outro lugar. Às vezes combinava com o delegado.

É mesmo?

É mesmo. Tem um vivo ainda.

E os aparatos tecnológicos na redação? Você pegou a época da datilografia, né?

Os aparatos na redação eram, ao invés do e-mail, né? Era telex, telex. Você chegou a pegar o telex?

Não.

Claro que não. É... Fax.

Fax eu sei. Telex eu não faço ideia.

O Telex era assim: um cara, lá em São Paulo, ele digitava a matéria, digitava e uma máquina aqui batia sozinha. Era como se uma pessoa estivesse lá.

Um fantasminha.

Um fantasminha. Então eu peguei esse período. A fotografia era... A fotografia era assim... A encrenca era a mesma, entendeu? Tipos de dificuldade... Hoje num clique, que às vezes durava dias....

Primeiro teve a informatização, né? Com a chegada do computador. Mas depois que veio a internet mesmo. Foi outro processo de adaptação?

Outro processo. E não é muito distante, não? A internet...

95, né?
Noventa e cinco. Noventa e cinco. Aí, pras pessoas se ligares, levaram 5 anos ainda. Tipo, tinha jornalista que se interessavam, outros não entendiam. Se chegava um jovem cheio de pauta... "Você viu aquilo, aquilo?" Tava tudo na internet, estava tudo ali.
E você, como foi esse processo?
Ainda bem que eu trabalhei com umas pessoas espertas, viu? Hudson Correa e Rubens Valente, que além de gostar disso, eles gostavam de cinema e tal, né? Então cinema mostrava um pouco da evolução, então eu sempre estava junto com eles e não tive problemas assim da questão da internet. Não tive problema.
Mas você teve que fazer curso ou foi tudo na prática, aprendendo com colegas?
Não, eu fiz cursos. Se fosse na prática não dava, né?
Você fez curso de informática?
Informática, né? Não é igual a um curso de datilografia. Até hoje tem jornalista que bate com dois dedos assim, porque hoje não existem mais cursos.
Você se enxerga como um profissional multitarefa ou não vê mudanças na rotina? Porque antes as redações eram dividas em funções, né? Você fazia matéria, tinha quem editava, revisava e tal. Hoje....
Por muito eu resisti a isso. Vamos colocar aí, lá em 95, a chegada... 91... 1992 foi que eu vi o primeiro celular na redação. Foi no Diário da Serra. É... Aí começaram a fotografar aqui ó, né? Às vezes eu pegava um freelance e o cara falava assim ó: "Fotografa aí". E eu falava: "Não. Eu não sou fotógrafo. Eu sou repórter. Tem repórter fotográfico".
Falava?
Falava. Resisti muito. Fazia o cara às vezes, com boa vontade, ele ligava, eu dava... "Óh, tem um fotógrafo, tal, o telefone dele é esse". "Mas você não sabe fotografar?" "Eu sei, mas não sei. Não é a minha profissão. Eu só vou estar tomando o emprego do fotógrafo".
Você resistiu então?
Muito, muito. Hoje, qualquer um clica, só que é uma merda, né?
Hoje você faz essas funções assim?
Não, assim, tipo, muito... Assim, se está só eu, fotografo, mas assim... Na redação cada qual no seu quadrado.
Você faz a função de repórter?
Repórter. Mas tem repórter que dirige, fotografa, segura...
Faz café...
Faz café.
Como você utiliza as redes sociais no seu dia a dia como jornalista? Aliás, quais redes que você utiliza? Facebook eu sei que sim...
Facebook, WhatsApp, grupos assim... Eu tenho um grupo de escritor...
No Facebook?
No Facebook e no Zap. É... Jornalistas investigativos... Eu passo por lá sempre e... Algumas outras sociedades assim... Advogados, que tem a ver com o meu meio, né?
Mas plataformas digitais, você usa quais? Facebook, Instagram, Linkedin, Twitter...
Não, bem... Facebook, o Zap, nada mais que isso.
Instagram, Twitter, Linkedin, Blogger
Não. Eu leio muito, mas não uso.
Não tem?
Não tenho.
A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Dificulta.

Por que?
Eu acho que... Você está falando a questão da...
Tecnologia.
Tecnologia... Parece que ela favorece mais aos mais jovens, porque... Por uma série de fatores, até porque o... Quem é mais jovem, além de achar que aprende mais rápido, é... A idade do jornalista, quando ele chega aos 40 anos de idade, ele se sente cansado pra aprender alguma coisa e a tecnologia ela... Na segunda é outra, no outro mês já é outra... Ele vai ter uma dia a dia, uma frequência naquilo ali... Aquilo ali é muito cansativo.
Então você acha que dificulta?
Dificulta.

Fatores de conflitos

Vamos falar um pouco sobre o encontro das gerações mesmo. Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Não. Mas isso aí, graças a o que? É.. Graças a família. Família que eu digo... Eu tenho um filho da sua idade, então eu tenho facilidade em conversar contigo, logo os meus companheiros de redação é... Eu não vou ter muitas dificuldades, então nessa questão... É... Não tenho... Não.
Dificuldade...
Ainda não. Não.
Nunca teve?
Não.
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Tem. Muitas.
Por que?
Muitas, porque o veterano, isso eu vou colocar mundo no meu mundinho... É.. O jornalismo... Bom, o jornalista que eu gosto... Do jornalismo que eu gosto, o jornalista, quando ele faz uma boa matéria, é como se ele fizesse um golaço. Um gol. De sair vibrando mesmo. Hoje, os jornalistas não tem muito essa emoção. Eu acho eles pouco emotivos, os jornalistas de hoje, com as coisas que ele faz. Ele acha tudo natural, assim... Eu acho que a emoção deve estar no meio do jornalismo, porque isso te dá vontade de ter outras emoções, ver outras emoções. E a emoção é fazer uma matéria boa, pra mim, entendeu?
Mas como o veterano enxerga o jornalismo? Como você percebe isso? Você, como veterano?
Olha, como eu enxergo o jornalismo? É duro isso, sabe?
Enxerga a profissão, na verdade.
É. Elvis, o jornalista veterano ele enxerga o jornalismo como uma profissão bem mais seria do que... Bem mais séria, bem mais comprometedora com o nosso cotidiano, do que o jornalista jovem, porque o jornalista jovem, como todas as pessoas jovens, ainda elas... É... Trabalham com a possibilidade erros e não se preocupa muito com isso. Já o veterano, se ele está bem engajado no jornalismo, ele tem noção de que, por exemplo, no jornalismo você não pode errar, como não pode errar um médico, porque o erro de uma informação ele é muito, mas muito, ele compromete muito, talvez a carreira de um profissional liberal, de um profissional engenheiro a um político, né? Os jovens eles não tem muito esse zelo, ainda... É por isso que tem os editores, né? Pra frear muita coisa, porque aí vem a questão do digital, dos sites, que eles acham que escrever uma coisa e 10 minutos apagar e consertar e escrever de novo está bom. Não. Eu acho que o comprometimento com o jornalismo eu

acho que ele exige uma seriedade bem maior. Os jornalista jovens, ao menos os que eu conheci, eles ainda não entenderam a importância do que é o jornalismo, entendeu? Você está lidando com uma coisa que é muito séria, que é a informação.
E eles enxergam a profissão como?
Às vezes eles tentam comparar com outras profissões, tipo assim, não sabem valorizar o meio que eles exploram, que é a informação. Uma informação é muito mais importante do que vender um sapato, por exemplo, embora, olha... Nunca querer comprar uma coisa, mas assim... A, digamos que... A importância da informação ela norteia decisões, né? Você coloca uma notícia, se você colocar uma notícia furada, você pode mexer em mercado financeiro, você pode mexer... Se você falar assim: "olha, teve 20 mortes de H1N1 aqui em Campo Grande", a cidade fica em polvorosa, entendeu? É... Ter essa noção... O jornalista ele... Aí que há uma diferença do jornalista veterano para o jornalista jovem... É saber a importância do instrumento de trabalho dele, que é a informação.
Vamos falar depois, mais um pouco, sobre jornalistas novatos. Você trabalhou com jornalistas mais antigos que você? Mais experientes?
Já, já e mais jovens.
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
Eu acho que o jornalista... Bom, eu vejo... A maioria é no mundo que eu vivo, também não vai valer todas... O jornalismo anterior à mim eles gostavam de fazer matérias com profundidade. Bem claro. Eles gostavam da matéria com mais profundidade.
Isso era um ponto positivo?
Era um ponto positivo, então, ok. Passada a minha geração, essa profundidade reduziu, entendeu?
Você me disse um ponto positivo. Consegue elencar outros dessa geração anterior à sua?
Havia mais valorização a ele mesmo. O jornalista era mais valorizado. Isso era um ponto positivo. Valorizado. "Eu sou jornalista". Tipo assim, na nossa família, vamos lá, nós somos pai e filho, é... Você tem mais dois irmãos. Um formou-se em medicina, o outro em veterinária e você é o jornalista. Nas famílias comuns, quem vai ganhar mais valor? É o médico, depois o veterinário e depois o jornalista?
Agora, né?
Hoje. O jornalista não. O jornalista do passado, antes de mim, ele parece que tinha uma obrigatoriedade de entender mais que as outras pessoas. Não que isso eu acho que é justo ou não, mas assim, quando você imaginava jornalista.... "Putz, aquele cara lá deve saber isso". "Aquele cara lá deve saber isso". O jornalista lia muito mais que hoje. Lia com qualidade. É o que eu acho. Isso das pessoas com as quais eu convivi.
Pontos positivos...
Pontos positivos.
E os pontos negativos dessa geração?
Ah, eles eram muito quadrados, assim... Hoje o jornalismo é mais audacioso, mais audacioso. Quando eu digo audacioso é que você vê jornalistas de... Principiante... Não tem vergonha, não tem cerimônia nenhuma. Eles entram aonde eles são designados a ir, perguntam mais, é... Tem dessas também. Eu vejo jornalistas topetudos hoje, encarando situações adversas, né? Que antigamente havia um certo receio a tudo isso, né? Que era meio que "ah, vou estar invadindo privacidade".
Consegue elencar outros pontos negativos?
Negativos do passado?
Do passado.

Cara, eles cuidavam muito menos deles, tanto é que todos morreram, quase todos, por situação física.
Saúde...
Saúde. Muito descuido com a saúde, tendência ao alcoolismo.
Tem mais algum ponto?
Não. Está bom.,
De jornalistas da nova geração: quais os pontos positivos e negativos?
Os positivos são esses que você está mostrando agora: vocês estão muito mais interessados em estudar mais, aprender mais. Isso é ótimo. É... Subir mais, entendeu? É... Se tornar bem presente na sociedade, comprar carro, comprar casa, uma coisa que o jornalista não tinha muito disso, né? Se acomodava. Hoje não. Esse é um ponto positivo do jornalista, que eles estão mais audaciosos financeiramente, né?
Consegue enxergar outros pontos positivos?
Estudar mais, né? Eu te falei, né? Não. Tá bom.
Pontos negativos.
O negativo é o seguinte: são extremos, né? Tipo, assim, como há em todas as profissões, tem os interessados, interessadíssimos em crescer, mas assim, tem as suas limitações assim, de tentar se estacionar. Por exemplo, hoje eu vejo jovem jornalista, com 30 anos, que entrou aos 24, fazia editoria de polícia e continua na editoria de polícia. Lá no Campo Grande News tem, lá no Mídiamax tem, lá no Correio do Estado tem o resto da vida, então é meio que acha que o jornalismo é repartição pública, entendeu? Meio que chega lá 7h e se um dia ele precisar chegar 6h, mas vai sair mais cedo, ele já... "não, isso não existe na minha vida". E eu acho que o jornalista ele é um pouco diferencial porque é o nome do jornalista que vai ali. Não é o nome do Campo Grande News, mais ou menos isso.
Consegue me dizer outros pontos negativos dessa nova geração?
Da nova geração. Eles deviam ter mais, não tem muito, orgulho do jornalismo. Orgulho. Às vezes o jornalista também eles... "Ah, não vou ficar aqui nessa não. Vou fazer um concurso público" e ele está com um canhão na mão, que é uma grande profissão. É a melhor profissão, a profissão mais bonita do mundo, que é ser jornalista.
Quais os pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas?
Da minha geração. Nossa senhora. Nós ficamos na metade, entendeu? Tipo assim, na minha geração, no caso, foi... Terminou a Ditadura. A Ditadura ela termina lá em 85, né? É... O jornalismo viveu um grande momento a partir de 1985, que é uma coisa que eles tiveram de rebuscar, que eles não faziam desde 1960... E quatro, por exemplo. Esse foi um lado positivo, que todos tiveram que correr atrás do perdido, né? E logo que eles estão no meio dessa história, vem a evolução da tecnologia, o surgimento da internet, né? Eles tiveram de se virar nos 30 pra sobreviver. E quem sobreviveu se deu bem, está aí achando que o jornalismo ainda vai fazer efeito no mundo.
Você acredita nisso?
Eu acredito nisso. Eu me escolho. É meu elenco ele. Eu como [....]
Consegue dizer outros pontos positivos da sua geração?
Ah, os outros pontos positivos são o seguinte, cara, que embora é... Embora você vê que teve um período que quase que caiu a exigência de ser jornalista. É... Teve até uma decisão... Ainda assim sobreviveram, as faculdade estão aí e a gente sabe que se não estudar pra ser jornalista, nunca vai ser jornalista, graças ao mercado que está aí. É o mercado que... É que mostra, que mantém viva essa profissão e vai...
Tem outros pontos positivos?
Não, não.

E os pontos negativos da sua geração?
Pontos negativos da minha geração foi... Assim como foi grande o desafio de você buscar o tempo perdido da Ditadura, de se encontrar com a evolução tecnológica, foi um período também onde aconteceu muita corrupção envolvendo jornalistas. Muitas corrupções. Muitos jornalistas que acabaram se desviando da profissão, viraram políticos, é... Muitos jornalistas que trabalhavam para políticos corruptos. Eu acho que esse foi o lado ruim, porque muitos jornalistas tiveram que escrever umas histórias que, se contadas de outro jeito, poderia ter sido bem melhor.
Mais pontos negativos?
Não, tá bom.
Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Se existe, olha, é.... O jornalista do passado acha que o jornalismo que ele fazia era bem melhor do que o de hoje. E eu não posso acreditar nisso porque o jornalismo, se bem feito, ele vai varar as gerações. Não tem como você dizer que o jornalista veterano era melhor que o atual. Não deveria ter conflitos. Há um conflito devido ao mercado. Por que? Porque o novo jornalista, ele é contratado, por exemplo, por X. E um com experiência, te diria por Y. O novo está sendo substituído pelo veterano pela metade do preço. Eu acho que isso aí é um grande conflito que é mais... Que fica muito na minha cabeça isso. Mas eu acho isso aí um lance que, embora natural, eu acho que isso atrapalha o mercado, mais ou menos isso.
Então existe esse conflito?
É.
Mas é conflito entre jornalistas?
Não entre jornalistas. É questão de mercado mesmo assim, é... É conversas que tive já, por exemplo, pra ser contratado em uma empresa, tipo... O dono da empresa falou assim: "Olha, esse trabalho que você propõe, ele pode ser feito por dois e ainda sobra dinheiro". Devido ao mercado. Mercado. Cobra menor preço. O jovem jornalista cobrar menor.
Mas então é um conflito de mercado? Mas existe conflito entre jornalistas você não vê?
Não. Não vejo. Não vejo.
Você acha que tanto os novatos, quanto os mais antigos e os da sua geração, eles são harmônicos...
Harmônicos. Graças à profissão, né? Eu acho que o jornalista, quando ele está antenado, ele acaba numa mesma vibe.
Todas as gerações?
Aham.
Bom, Celso, as perguntas são essas. Você tem alguma consideração a fazer sobre o assunto, sobre o que eu falei ou alguma que eu falei e você não abordou?
Não, eu acho o seguinte. Elvis, é o seguinte: o jornalista ele é... Eu acho que ser jornalista é... Ele tem que, sei lá... Ele tem que tá... No interior dele o gostar pelo jornalismo. Tudo bem que hoje tem muita gente que é médico e não gostaria de ser médico, que é jogador e não gostaria de ser jogador, é professor... Mas o mercado acaba empurrado... Empurrado ao... A determinadas áreas. O jornalista eu acho que ele tem um pouco de ator, de jogador de futebol, de... É... Ele precisa da questão... Ele tem de amar realmente o que ele quer. E a partir desse momento que você muito do que você faz, acredita no que você faz, todas as questões que você coloca aí, você consegue.. É... Você consegue superar, tipo: a idade versus a tecnologia... O conflito de idade é... Evolução. A questão é... Linha editorial... Se você tem do seu lado a sua ansiedade pra fazer um bom trabalho, beleza, você toca bem.

Você falou sobre esse conflito e eu ainda não entendi muito bem. O conflito de mercado, né? Mas isso não gera conflito entre jornalistas... Assim: o dono contratar dois no lugar de um, por exemplo... Não entendi.
Não, porque... Não... É o seguinte... É... Por exemplo, é... Um jornalista que tem 5 anos de profissão e está lá no mercado. O preço dele é bem menor do que o jornalista que tem 15 anos, por exemplo, né? Eu acho isso é... Igual plano de carreira. Eu acho natural o mais velho ganhar um pouco mais, mas não por ele ser mais velho. Quando ele é mais experiente, a produção dele é melhor, entendeu? Que é uma coisa tão natural, que aquele jovem, que tinha 5 anos de profissão, quando ele chegar aos 15, ele também vai pensar a mesma coisa. Então é uma questão... Não sei se soube me expressão... É um entendimento de mercado. O entendimento do dono do jornal, por exemplo, que é ele que tinha de mudar esse raciocínio. Tipo, eu acho, por exemplo, é... Quando o jornalista se forma, por exemplo, ele é o novato. A TV Morena, por exemplo, quem são os produtores deles? Produtor. Aquele cara da produção. São jovens. Tinha que ser o contrário. Os velhos que tinham que estar lá. E o jovem estar na rua. Repórter. E lá eles fazem o contrário, daí que fazem o jornal que eles fazem.
Certo. Celso, muito obrigado pela atenção e pela paciência, principalmente.

Entrevistada: Rosana Siqueira

Data: 01/05/18 | **Duração:** 01:36:16

Veículo representado: Impresso **| Geração representada:** X

Perfil resumido

Nome completo: Rosana Aparecida Monte Siqueira Teixeira
Idade: 47 anos
Data de nascimento: 26/11/1970
Local de trabalho: Correio do Estado – 23 anos
Função: Editora de Economia e Rural
Formação: Jornalismo (UEL/1992)
Tempo de carreira no jornalismo: 27 anos

Perfil completo

Você assina Rosana Siqueira, né?
Só. É que eu tenho 5 nomes, então...
Vou até colocar aqui. É Rosana...?
Aparecida Monte Siqueira Teixeira [...]
Siqueira Teixeira?
É.
Nossa, é grande mesmo...
É porque é nome composto. Aí é o sobrenome da minha mãe, sobrenome do meu pai e do meu marido [...]
Rosana, você está com quantos anos?
Estou com 47
Qual a sua data de nascimento?
Minha data de nascimento é 26/11/70.
Aqui no Correio do Estado você é editora de?
Economia.
Economia. Só de Economia?
E Rural. Faz um ano que eu tive que assumir.
Rural há 1 ano?
É.
Mas na Economia você está há quanto tempo?
Na Economia?
Aham.
Dois mil e? Três eu acho.
Dois mil e três. Sua formação é em jornalismo mesmo?
Sim. Eu sou formada pela UEL no ano de 1992.
UEL?
Universidade Estadual de Londrina.
Você nasceu lá?
Eu sou paranaense. Sou de Primeiro de Maio, mas eu vim pra Maracaju com 7 anos de idade, aí com 16... 17 anos fui pra Londrina fazer faculdade.
Ah, sim, e em Londrina você começou quando a faculdade?

88 eu entrei. Em julho de 88.
Quanto tempo você tem de carreira mesmo? Vinte e...?
Formei em 92... São... Eu já trabalhava um ano antes. 91...
Ainda estudando?
É... Eu fiz [...] estágio, né? Naquela época era tranquilo. Você fazia estágio tranquilamente, então é... 27, 27 anos, né?
Vinte e sete anos. Desde 91.
91 praticamente, né? [...] 27 anos.
Aqui no Correio do Estado você está desde?
95. Entrei em 5 de janeiro de 95.
Você lembra em quantas empresas você passou?
Bastante. Eu comecei é... Eu fico em Londrina pra... Eu conheci minha primeira chefe num... Trabalhava de estagiária no IAPAR, que é o Instituto Agronômico do Paraná, então comecei a minha carreira na área rural. Eu era estagiária da IAPAR, né? Aí lá eu conheci a Rosane, que ela era assessora da Coagro. É uma cooperativa agrícola dos anos 80, 70 [...] Então eu vim pra cá em novembro de 92, pra trabalhar na Coagro como auxiliar da assessora de imprensa.
Em novembro de?
92.
Auxiliar da assessora de imprensa.
É. Eu comecei como... [....] de imprensa já. Eles faziam o jornal de, eram 8 páginas, mensal, né? Pra cooperativa, então assim todas as unidades, das assembleias, das tecnologias... Na época tinha abatedouro, tinha um monte de coisa. Daí, de lá... Eu fiquei lá... 92 até 93. Noventa e três eu conheci o Maranhão Viegas [...] Daí eu vim pra Macrovídeo aqui, e a gente fazia dois programas independentes. Chamava "A Hora do Boi" e "A Hora do Produtor". Era de... [...] Acho que de dois minutos cada. Era um tipo é... Rapidinho, né? Tipo, né? Com cotações, materinhas curtas, né? No intervalo do meio dia, entre o jornal é... Local, né? Era TV Campo Grande, então foi o primeiro...
Era da TV Campo Grande?
Não. A gente vendia o programa pra TV Campo Grande.
Ah tah.
Eu trabalhava na Produtora.
Na Macrovídeo.
Isso. Na Macrovídeo eu fiquei muitos anos... 93... Porque naquela época a gente podia ter dois, até três empregos.
Mas então você começou como estagiária lá no Paraná...
Não, na Coagro.... Ah, sim, comecei no IAPAR em 91.
Isso foi em que ano?
91.
Então você ainda era acadêmica.
Eu era acadêmica, no último ano parece.
E você ficou lá até?
Até 92.
Aí você saiu porque você veio pra Campo Grande?
Sim. Eu formei em julho. Em novembro eu vim pra cá.
Foi em 92 mesmo, né?
Foi.
Pra ser auxiliar de imprensa, né? Da assessora de imprensa.

É, na verdade eu fiquei lá pra... Formei em julho, mas eu continuei estudando porque estava esperando um concurso da Embrapa [...], tanto que... Desde a época da faculdade eu sempre gostei dessa área rural, então é... Eu estava... Eu já tinha feito... O meu trabalho, o meu TCC, foi dentro de Embrapa, lá de soja, sobre agricultura bioecológica. Foi sobre sobre vespinha da soja, lagarta é... Suco de lagarta que você passava na soja pra matar bicho, então assim, até o nosso projeto ele foi pra Eco 92 na época.
Então em 92 você entrou [na Coagro] em Campo Grande e ficou até...?
Na Coagro eu fiquei até 93.
Que aí você foi pra Macro...
Aí eu fui pra Macro.
Mas você recebeu um convite ou você quis sair?
Não, é porque eu recebi o convite, né? E era melhor. Eu vi uma possibilidade melhor, de melhora, né?
Na Macro você ficou até?
Ah, na Macro eu fiquei acho que até noventa e sete... Não. 96. Aí a Márcia comprou a TV Guanandi. Eu fui pra TV Guanandi fazer um programa chamado "Painel de Negócios". "A Hora do Boi" ficou uns 4 anos no ar mais ou menos. "A Hora do Boi" e "A Hora do Produtor", até quem apresentava era o [...]. Ele era do Grupo Acaba. E o Bosco era o nosso chefe, então assim... Eu tinha acúmulo de... Só que concomitante eu fui pra Guanandi... Eu trabalhava de manhã na Guanandi. Em 95 é... Eu vim pra cá, porque a dona Márcia me indicou pro Antônio João.
Você foi pra Guanandi em que ano? 95 também.
Ah, Guanandi foi 95 também, quando ela comprou a Guanandi. E nesse ano eu entrei aqui também, porque assim...
A dona Márcia era a proprietária da Macro...
É... Esposa do Antônio João. Ela é proprietária até hoje.
Os cargos que você ocupou... O primeiro foi como estagiária, né?
Foi estagiária...
Você continuo como estagiária lá, até sair..
Como estagiária, até sair, daí de lá eu passei pra cá... Eu era produtora do programa.
Aham. Não. Aí você foi pra Coagro e ficou auxiliar...
Auxiliar da assessora.
Até sair?
Até sair.
Tá. Aí na Macro você...
Na Macro eu era produtora. Fui produtora de TV, né?
Aí na TV Guanandi....
[...] Eu escrevia também... Então era editora. Produtora e editora, mas editora de texto, né? Nunca fiz... Eu não ia pra ilha, pra montar o programa. Era só fazer a parte de texto.
E na TV Guanandi foi qual cargo?
Na TV Guanandi aí eu já fiz produção, edição, né? Também, né? Mas aí eu nunca fui pra ilha. Sempre tinha alguém, né? Eu tive essa experiência de TV, mas em texto.
Produção e edição. Não chegou a fazer reportagem?
Sim. Também.
Reportagem?
Sim. Também.
Apresentou também?
Não, apresentar não, mas reportagem eu fazia.

Ah, ta. Aí no Correio do Estado você veio como repórter?
Vim como repórter na Economia.
Já de Economia?
Já. Mas aí foi uma luta, porque quando eu cheguei aqui a dona Ester queria eu trabalhasse... Na época era a Denise [...], que foi uma pessoa muito esclarecida na área de... Aqui no impresso... Aí eu falei pra dona Ester que eu queria... Não, que eu queria trabalhar com [...] Tipo assim.... Peitei e falei "não, eu não quero trabalhar com [...]. Eu quero ir pra Economia. Na época era o Maurício Hugo, que foi grande mestre. Ele estava precisando de gente na Economia. Porque antigamente...
Maurício Hugo era o editor?
Era. Era o editor. Antigamente, trabalhava praticamente sozinho, você entende? Essa coisa de ter repórter nas editorias era [...] assim... Era uma coisa... Tinha pouquíssimos repórteres. Então assim... Muitas vezes, igual economia é.. Esportes. Era só quem editava e fazia a matéria. Não existia essa coisa, essa figura... Esse monte de repórter. Não era. As redações não eram assim. O editor fazia tudo. A gente era multitarefa.
Nossa. Aí no Correio você entrou como repórter e depois de quanto tempo virou editora?
Eu entrei em 95? Fui virar editora em dois mil e? 2002, 2003. Foi quando o Maurício partiu pra.... Pro caderno dele de... E foi isso. Ou foi antes? Acho que foi por aí, no início de 2000 mais ou menos. Eu tô vendo ele partir para o caderno rural.
Aí você assumiu...
É. Ele era o caderno rural, mas uma coisa maior, daí eu assumi.
Você fez algum outro trabalho nesse meio tempo? Freela?
Sim, sim... Não... Eu sempre... Eu fui assessora da.... Do Conselho Regional de Medicina Veterinária por 5 anos... Não, 4 anos. E fui assessora do IAGRO por 2 anos só. Assessora assim... É...
No de veterinária foi por quanto tempo?
Quatro. Conselho Regional de Veterinária.
Você entrou quando lá?
Foi em 98 mais ou menos. Fiquei até 2002, daí 2002 eu fui pra IAGRO, porque de manhã eu estava na IAGRO e à tarde eu estava aqui, você entende? É que antes de eu assumir a editoria. Como repórter eu tinha essa facilidade. A gente podia ter um monte de emprego. E assim, eu fui em um monte de congresso, fazia freela...Congresso Panamericano de Veterinária... Eu sempre fiz muitas coisas na área rural, né? Eu fui também assessora do Sinduscon, que é o Sindicato da Industria e Construção, de 95 até 97.
Lá no IAGRO você entrou em 2002 e saiu em?
2002 e saí dois mil e...? Quatro.
Aí você fez esses congressos, né?
Fiz congresso... Direito também eu também fiz vários freela. Eu fiz Expogrande.... Nossa, eu fiz muitas coisas assim... Fiz jornais pro Conselho de Psicologia. E naquela época eles faziam muito jornal. Como eu tinha experiência do impresso, eu montei muito jornal, então o Conselho de Psicologia, é... Conselho de Veterinária... A [...] Então assim... Eu tive uma carreira bem intensa nessa área rural.
E sempre paralela ao emprego?
Sim.
Antes de assumir a editoria?
Antes de assumir a editoria, porque quando eu assumi a editoria, daí eu tive que... Parei com todas as outras...

Mas mudou a sua carga horária?
Não. É... Muda... A carga horária.... Porque na verdade assim... Hoje, são 5 horas, mais 2 horas pré-fixadas, né? Aí você fica... E tem uma coisa dentro da empresa, que você não... É um cargo de confiança, então você é mais demandada. Então quando eu assumi a editoria que eu tive... Praticamente eu parei com quase todos esses...
Esses freelas, né?
É. Acho que só o Conselho de Veterinária que eu mantive.
Sua carreira, no geral, pelo que observei, girou em torno de economia e rural?
Sim. Eu sou uma pessoa... Minha formação é de economia e rural. Nunca trabalhei em outra área.
E foi uma escolha?
Foi, foi. Eu queria ser veterinária, na verdade, aí eu não passei, fiquei extremamente frustrada, aí eu falei "vou fazer alguma coisa, né?" Aí eu lembro que eu conheci o Ascanio, que era professor aqui na UCDB [...] Cursinho na UCDB lá... Lá no Dom Bosco. Aí ele falou pra mim: "Ah, porque você não tenta alguma coisa na área de humanas, né? Direito [...], jornalismo, publicidade... Porque eu gostava de desenhar. Mas aí [...] em Londrina, eu queria fazer aquele "Vestibatur", né? Que eles falavam na época, tanto que o secretário de saúde, o Marcelo Vilela, né? Foi comigo. Vilela era... Também estudava lá. Fazia cursinho comigo. Ele foi prestar medicina. Não sei nem se passou na época.... Acho que passou aqui depois... Aí é... A gente passeava, a gente ia passear, curtir, né? Era em julho, aí eu fui pra lá... Eu estava cansada de cursinho, porque, na verdade, a minha formação... Eu fui criada em Maracaju. Eu sou formado em Técnico em Contabilidade pelo segundo grau. Aí naquela época não tinha assim... Pra você fazer cursinho, tinha que ir pra Dourados. Eu pegava... Eu fiz cursinho lá. Todo dia eu pegava o ônibus pra ir pro cursinho e voltava, né? Minha mãe queria que eu fizesse direito. Na época era a Socigran ainda. O meu pai queria que eu fizesse Ciências da Computação.
Cada um uma coisa...
É, naquela época era a grande aposta. E eu tinha um primo que estudava na USP, então isso aí em 87 era um... Um *must* assim, que você podia, né? Eu adorava veterinária, porque meu tio sempre foi criador, teve fazenda, então eu adorava cavalo. A primeira matéria que eu fiz na minha vida foi sobre criação de cavalo [...]. E assim.. Então foi uma carreira inteira, uma vida inteira de... Nessa área.
Você não conseguiu na veterinária, então achou uma forma de falar sobre isso...
Achei uma forma... Pra mim, o jornalismo foi um caminho pra... Pra assim... Pra ajudar minha frustração de não ter trabalhado na área veterinária, então assim, eu sempre acompanhei, desde a época do meu estágio, eu ia pro campo com agrônomo, com veterinário, então assim... Eu sempre acompanhei esse meio rural com muita tranquilidade assim... Então... E eu acabei me especializando nisso...
Porque você já tinha uma certa propriedade, né?
É... A economia veio depois. Gente, eu lutei por anos pra entrar no MS Rural. O Osmar nunca me aceitou lá. Verdade. Eu falo que foi a maior frustração da minha vida, porque o MS Rural era o máximo que podia ter época de....
Na TV Morena, né?
É... Nossa, eu tentei muito. Mas assim... Gordinha, baixinha, não era bonita também, então assim, né? [...] Na porta. Não era assim é... Como é que fala? Na frente da câmera não é aquela coisa boa, bonita de ver, né? E antigamente tinha muito disso. Era mais do que hoje. Hoje eu vejo já há mais essa diversidade. Na minha época não. Na minha época [...] se você era bonita, te contratavam na TV. Se você fosse gorda, fosse muito baixinho assim... Gordo

ou com a cara muito espinhuda, nariz torto, não tinha vez. Eu tinha um amigo meu... Melhor amigo meu.... O melhor jornalista que eu conheci de TV ele era muito feio. Nariz dele era muito feio, tinha aquele queixo Noel Rosa, sabe? Ele nunca conseguiu fazer carreira. Ele hoje... Ele é um jornalista esportivo, de rádio, fenomenal, em Santos. Só que o sonho dele era fazer carreira na TV. É por causa da aparência... Porque hoje ele já fez [...] toda a mandíbula, fez o nariz, mas mesmo assim, sabe? [....] Tem umas coisas na TV cruel.
E você, desde o estágio, procurou essa área [rural]. Isso foi muito claro pra você desde o início...
Foi, foi, eu sempre fui muito determinada assim com o que eu queria, né? Aí depois que eu entrei, que eu... Eu tinha vindo de pais professores, né? Meu pai e minha mãe foram... Meu pai é professor de português e inglês e a minha mãe é coordenadora pedagógica. Trabalhava com magistério. E minha falava: "Como jornalista você vai ganhar tão mal quanto professora". Sempre foi assim. Em casa foi assim uma frustração, porque ninguém queria. Eu segui a carreira independente. E como a faculdade era paga... Era grátis, então assim foi uma saída, né? Porque nós somos em três irmãos. Família simples, né? Aí eu estava esperando muito essa possibilidade, quando eu formei, de ficar em Londrina, mas aí meu pai [...] Então eu tive que vir pra criar meus irmãos, assim... Eu pra minha irmã são 5 anos. Eu pro meu irmão são 9 anos de diferença. Então eu vim trabalhar, aceitei esse emprego ganhando pouco, é... Pra poder minha mãe a sustentar, porque eles tinham que estudar. Meu pai já não tinha mais condições, então assim... Eu vim muito frustrada. Já foi uma frustração, que eu queria faculdade... Daí eu vim mais frustrada em voltar pra Campo Grande. Eu não queria voltar pra cá de jeito nenhum. Quando eu saí de Maracaju eu falei "eu não volto mais", tanto que eu nunca mais voltei pra Maracaju.
Você trabalhou registrada em 5 empresas, né?
Cinco. Eu tenho 5 registros na carteira.
Fora os freelas, fora....
Fora esses celetistas, né? Tipo, o Conselho de Veterinária era por fora, tinha umas coisas assim, mas em carteira são... Primeiro foi o Coagro, depois a Macrovídeo, depois Correio do Estado, Guanandi... Será que são só esses?
Como estagiária não foi na carteira?
Foi, foi.
Então é estagiária, a Coagro, Macrovídeo, Guanandi e Correio, né?
É.
E os outros foram todos contratados?
Todos contratos.
Mais ou menos quantos?
Nossa, mais de 10. [...] Eu trabalhei em vários meios.
E o tempo de permanência em cada um desses empregos? Aqui no Correio é o maior tempo?
Foi, foi. Aqui e na Macro e Guanandi, que era da mesma empresa também, que foram 8 anos.
Na Macro você ficou de 93 a 96, né?
É. Mas depois, na Guanandi, fiquei até 98 mais ou menos.
Aí na Guanandi foram 3 anos, mas o maior tempo foi aqui mesmo...
É, é.
E as saídas sempre foi porque você tinha uma oportunidade melhor e foi abraçando de um emprego para o outro...

Sim, e foi uma coisa meio natural assim que foi acontecendo. Então tive muita sorte na minha carreira, porque quando eu comecei era pouquíssimas jornalistas formados. O meu registro é número 08.
08? É daqui?
É. Ou seja, eram pouquíssimas pessoas formadas. Registro profissional, né? Jornalista profissional. Que tinha muita gente que conseguiu, mas era aquele provisório, né? Era aquele por...
Por tempo de serviço?
Por tempo de serviço.
DRT, né?
É, é.
Bom, isso aqui é mais um perfil seu pra eu entender um pouco a sua trajetória... Essa linha cronológica. E agora vamos falar dos seus valores profissionais e aí você vai poder explorar um pouco mais sobre isso.
Aham.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
Acho que ser jornalista é viver mundos que não te pertencem. Experiências assim que você, entre vários personagens, conhece um monte de histórias que você talvez, sendo uma pessoa comum, em outra profissão, você nunca teria acesso. A mundos assim, extremamente interessantes. E mundos cruéis também, coisas é... Pesadas às vezes, sabe? Mas eu acho assim... O que mais me proporcionou foi assim um enriquecimento cultural fenomenal. Foi isso que o jornalismo me proporcionou. E também assim, é... Aplacar algumas coisas que eu desejei muito assim... Por estar no jornalismo rural. Eu quis ser veterinária e eu convivi com o mundo veterinário. Eu vi muitas coisas, sem enfiar a mão na massa, com agrônoma, com economista, com empresária. Então assim... Viver outros mundo através da escrita. Eu acho que isso foi uma coisa que o jornalismo me propiciou.
No seu caso, você viveu um mundo que você desejava, né?
Que eu desejava, ou seja, foi um meio de eu não me frustrar por eu não ter seguido uma carreira. E segui uma carreira correlata e descobri que eu gostava muito, como eu gosto muito ainda hoje do que eu faço, por mais assim... Por tudo assim, por tudo o que eu já passei, eu ainda gosto muito do que eu faço.
Você já falou um pouco sobre isso, mas você decidiu ser jornalista por quê?
Meio que uma necessidade, porque eu estava cansada mesmo de fazer cursinho. Eu fui tentar... Foi uma tentativa, entende? Porque os meus pais sempre me deram muita liberdade, né? Foi meio uma tentativa de ver o que eu gostaria, porque assim como os jovens de hoje, gente... 17 anos é muito cedo pra você escolher o que vai ser da vida. Hoje vocês tem essa possibilidade aos 21, aos 20, mais... Né? A maioria, né? Hoje em dia eu vejo assim... Pessoas mais velhas, ou então mudam. Na minha época isso não era uma opção. Você pegava uma carreira e você seguia, então assim era muito complicado você escolher. Você tinha obrigatoriedade de escolher por causa do vestibular. Não era igual o Enem, que você faz e conforme sua pontuação vai sendo direcionado. "Ah, eu quero medicina...", mas você vê que... Não. O vestibular você já ia, você tinha aquilo, você tinha que colocar a tua opção, então isso era bem complicado eu acho... Na época assim... Então assim, é muito cedo pra você decidir o que você quer ser.
E você tentou quantas vezes veterinária?

Veterinária eu tentei quatro vezes. E computação, que meu pai queria, tentei duas e foi só o que eu fiz de vestibular, daí eu já parti para...

Fazer jornalismo...

É porque eu achei muito, muito desgastante, e eu sabia, porque eu acho assim... No fundo a gente sabe, eu não sei... Sempre fui muito assim. Eu sabia quais eram as minhas habilidades. Sempre tive muito claro isso. "Isso eu sei fazer, isso vou conseguir fazer. Isso aqui não".

E você percebia uma habilidade para escrita?

Pra escrita, é... O inglês, que eu tinha muita facilidade, pelo meu pai ser professor, tanto assim... Que eu falo inglês, eu falo francês, eu gosto, né? Fiz cursos assim, adicionais na vida, por minha conta, desde a época de faculdade, né? Então assim... Porque eu gostaria, né? De falar por interesse mesmo, né? Mas eram habilidades que eu tinha e eu, tipo assim... Geografia, história, literatura eu lia muito, sempre muito li, gostei de ler, sempre gostei de ler, então eu assim eu vi que eu tinha... Por exemplo, eu era péssima em matemática. Não sabia o que era [...] Nossa, eu fiquei chocada quando cheguei aqui, me senti uma anta, uma besta quadrada... "O que eu estou fazendo aqui?"

Mas depois que você fez jornalismo, que adquiriu mais experiência, não tentou voltar para veterinária? Tentou de novo? Não pensou nisso?

Não, porque a profissão acabou me dando... Eu acabei ficando satisfeita com a minha profissão. E eu acho que isso é muito da natureza de cada um. Eu percebo que eu sou assim de uma natureza mais tranquila. Sabe quando você aceita aquilo na tua vida? Aí a gente é mais feliz eu acho, então foi o que aconteceu comigo.

E você se sente realizada como jornalista?

Eu me sinto. Eu acho assim, eu acho que a profissão piorou muito e assim... Eu tenho muita pena dos jovens jornalistas, alguns, só que assim....

Por que?

Porque assim, eu acho que as condições de trabalho estão muito ruins. Eu acho que a internet proporcionou assim, um avanço tremendo na nossa profissão, mas também é... Uma desconstrução da profissão. Por que? Porque assim... Se tem uma coisa que eu vou falar da nossa... A Cris deve ter falado dos mais antigos... A gente é... Ia pra rua, a gente via gente, a gente conhecia histórias... Hoje eu acho muito complicado essa coisa da... A internet traz muitas, muitas ferramentas, só que assim... É, trouxe um afastamento do repórter das pessoas. Eu falo que se hoje fosse fazer um estudo seria dessa coisa, desse distanciamento do repórter com as fontes.

Do repórter ficar só na redação?

Não, ficar só na redação, usar o WhatsApp, usar o direct... Você não olha pra cara da pessoa, você não sabe a reação que ela está tendo quando você pergunta. E isso é muito ruim. Eu acho que o jornalismo ele é lido no rosto da pessoa. Eu acho muito ruim. Eu acho que foi um atraso muito grande na vida da reportagem você... Esse afastamento.

Que a tecnologia....

A tecnologia afastou você da vida real, até o jornalista. A gente ia lá... [...] Olha, cansei... Ah, não, minto, eu esqueci de te falar... Primeiro emprego meu... Trabalhei um mês só, foi no Diário da Serra. O primeiro impresso que eu trabalhei. Junto com a Coagro, eu consegui um emprego no Diário da Serra como repórter de Cidades. Depois de um mês eu fui demitida pelo Nélio Brandão por incompetência. Só que esse um mês foi um aprendizado assim... Tremendo na minha vida. Porque foi o único período que eu trabalhei em Cidades.

E ele justificou?

Não, eu era ruim mesmo. Eu tinha acabo de sair da faculdade e estava muito crua, né? Eu já tinha... Queria uma outra coisa, então eu não me dedicava também, só que assim... Eu lembro desse barranco do Anhanduí aí, perto da Ernesto Geisel, onde é o shopping ali... Norte Sul... Quando chovia, eu fui cobrir lá uma vez... Famílias que os barracos estavam desabando e caiam dentro daquele córrego, então a gente foi lá ajudar catar panela... Sabe assim? Você não ficava com... Entrevistando. Não dava tempo. Então assim.. Eu lembro que eu fiquei catando panela, a gente segurando o fogão, eu e o Saul, que é o fotógrafo do Estado. A gente... Atolava a Kombi e a gente ia empurrando.... E assim... Ajudando a família, botando a família na Kombi. Eles não tinham aonde ficar. Caia todo o barraco deles. Eles não tinham, sabe? Não tinha assistência, então assim, essas coisas que eu falo, que assim...

Você agia mais como uma voluntária nessas situações?

A profissão ela tinha mais disso, desse contato...

Humano...

Humano mesmo, né? Não só de ajudar, mas assim, de conhecer, de se envolver com aquela problemática, com a questão mais social. Eu acho que o jornalismo ele se afastou muito da questão social. E eu acho que a tecnologia ajudou muito nisso.

Mas você se sente realizada apesar...

Sim, me sinto realizada, mas o que eu acho mais triste dessa nova geração é isso, porque assim... É, eu acho que a gente se frustra muito com a vida da gente por não conhecer realidades de outras pessoas. É meio egoísta? É. Mas assim... A gente é mais feliz quando a gente vê o outro mais fudido, você está entendendo? É isso... Daí fala: "meu Deus, minha vida não é tão ruim".

Você se sente realizada pelas experiências que o jornalismo te proporcionou?

Sim, eu me sinto realizada, eu acho assim, que me ajudou a ser uma pessoa com a visão bem mais ampla, de vida mesmo, sabe? Mesmo estando em uma área que poder uma área, sabe? Como fala? É... Mais burguesa, né? Porque é economia, mais distante, mas não é... A problema também é a mesma, né? O Rural... A... Estando no jornal há tanto tempo convivendo... Eu trabalhei um período no site também. Eu ajudei a montar o site do Correio. Eu saí do impresso e fiquei no Correio por dois anos, aí é... Mas assim... O que eu acho... O que o jornalismo me deu foi isso... Foi essa pluralidade de experiências, porque assim, o que eu acho triste hoje, da nossa geração, é que essa tecnologia causou um distanciamento. Você vive em coletivas. Coletiva não é uma noção do jornalismo de rua.

Que é o contato,olho no olho....

É, assim... Eu vejo que a nova geração pra ir pra rua, pra fazer uma passeata, pra fazer alguma coisa assim com bairro, às vezes passa na frente da casa de uma pessoa e não bate lá pra saber, assim... Essa visão mais crítica que eu que a nova geração está perdendo.

E o que o jornalismo representa na sua vida?

Ah, o jornalismo assim, eu acho que foi uma... Um aprendizado, um aprendizado de... De experiência... Uma coisa assim, como eu tinha te falado, essa coisa de inúmeros universos. E é minha vida assim. É meu... Eu sou extremamente *workaholic*. Eu nunca reclamei de trabalhar fim de semana, nem feriado, nossa, imagina 23 anos dentro de uma redação. E só... Sempre trabalhei em jornal impresso. Jornal diário. Então assim... O [....] nunca existiu pra mim... Feriado assim... Hoje em dia que a gente faz essa coisa de compensação, mas na época.. A gente chegou a trabalhar, quando eu comecei, às vezes a gente trabalhava 12 horas.

E isso te incomodava?

Não. Nunca me incomodou.

Você gostava...
Eu gostava, mas assim.. Era jovem, aí você tem que... Capacidade física, né? Hoje assim, é muito mais puxado, sabe, às vezes quando eu tenho que fazer um plantão ou quando acontece alguma coisa que estende, né? E o site ele te consome muito. Eu trabalhei dois anos com isso, quando a gente começou, que a gente montou... Eu e o Fausto a gente montou o site. Foi extenuante, porque eu chegava em casa, tinha uma filha pequena e eu chegava lá e de lá eu tinha que alimentar o site dez horas, onze horas da noite, com jogo, sabe? Então assim... Isso aí foi massacrante. O site ele consome. É muito massacrante.
Então você se considera uma *workaholic* mesmo?
Eu sou. Eu sou uma *workaholic*. Mas assim, eu sou uma pessoa realizada por isso, porque eu defini na minha vida o que eu queria, economia e rural, e eu consegui. Então assim, eu me sinto realizada, por mais assim... Que a questão financeira seja muito ruim. O que eu ganho é muito baixo porque eu trabalho com [...] assim... E olha assim aqui no jornal ainda tem um padrão dentro dos... Da imprensa do estado, bom. O jornal paga em dia, o jornal paga os seus direitos, por mais que seja... Você sabe disso. Você trabalhou em vários órgãos, então assim... O Correio e a Morena ainda são, no nível salarial, os que são melhores [...] e é muito baixo. Muito baixo. Então assim... Semana passada foi uma discussão aqui por da crise de gerações, que ficou muito explícita... Quando a gente ganhou 3% de aumento e R$ 15,00 no vale-alimentação. Aí assim, nós, que somos dinossauros, né? Aí uma das pessoas aí chamou a gente de dinossauro na... No grupo de editores. Isso aí acabou em uma celeuma.
Sério?
As pessoa chamou assim... Claro, revoltado também pela frustração, porque 3% no salário dessa pessoa não significa quase nada. Ela desabafou. Que alguns dinossauros ganhavam mega-salários... Eu e todo mundo, a gente mostra você, porque antigamente a gente tinha anuênio cada ano [...] Só que aí, há uns 6 anos, isso parou, então assim... Aí teve o fim das horas [...], muita perda, muitas perdas dentro da profissão. A gente tinha hora extra, que era pago, a gente anuênio aqui dentro da empresa, né? Daí gerou um conflito entre as gerações. E como a maioria hoje é mais nova, são repórteres mais novos, a juventude, nós somos... Praticamente é a Cris, eu, Tiago, Adilson.. São quatro dinossauros, a gente que tem mais de 20, aí tem a Daniela, tem o Eduardo, são poucos que são mais antigos, mais de 15 anos. A maioria é gente nova e essa juventude está chegando. A empresa tem que se preparar.
E eles ficaram revoltados com o que?
Revoltados, com essa, assim... Achando que a gente tinha aceitado esse salário.
Só 3%.
É. Só que assim, a gente, por conhecer a empresa e saber... Depois do passaralho do ano passado, de ver tantos amigos sendo demitidos, esse ano a gente falou: "oh, vamos pedir então..." Porque eles pediram 10%. A empresa deu 3%. A gente pediu 7%. A empresa voltou a dar 3%. Aí teve uma [...] que assim, né? Tipo assim... "Que absurdo". Como se a gente tivesse culpa. Por quê? Porque aqui sempre foi muito feudal. Os donos... Os diretores, que se perpetuaram muitos anos, os chefes de redação, que decidiam as propostas e os editores assinavam. Era uma coisa meio que de cima pra baixo, sempre foi, e eu sempre fui contra, tanto que uma vez só a gente foi pra dissídio aqui. E nós perdemos, então ficou uma coisa assim... E agora com a Silvia, que tava no ano passado, o Eduardo, o [...] que... A nova geração que....
Uma relação mais vertical, né? De cima pra baixo.

Sim. É uma coisa bem vertical, então assim... Por muitos anos isso. Por muitos anos. E quando a Silvia entrou e a Milena elas fizeram uma mudança, tipo assim... Uma coisa que é muito correta. Colocou todo mundo pra opinar...

Silvia e Milena são quem?

A Silvia. Silvia Frias, que veio da TV Morena. E a Milena [...], que saiu...

São editoras?

Eram chefes de redação. Chefe de redação. Foram as mais jovens que a gente teve. Os outros era o [...], Nery, todo mundo já da velha guarda. Então, aí causou um raxa, só que esse ano o pessoal... Houve o terror dos que queriam ir pelo sindicato, que é sempre o sindicato que homologa, só que até as nossas antigas diretoriais, vinha o pessoal aqui dentro, homologava, mas assim... "Você aceitam? Aceito". Não havia assembleia, não tinha nada isso, então assim... Sempre foi um conflito de geração muito grande aqui dentro, por quê? E essa nova geração está correta, eles... Pra lutar por melhoria. A gente está velho, no fim de carreira, você entende? Então esse é um conflito muito grande que eu vejo aqui dentro da redação, nesse ponto. Esse é um conflito muito grande, na questão do que lutar dentro da empresa. É maior luta. É a luta salarial por melhores direitos, porque houve uma perda muito grande, isso aí é...

Vocês já entendem como funciona a empresa e aí, pelo que estou entendendo,não costumam bater de frente...

É, não, porque a gente foi criado assim, sabe aquela coisa? E do temor!

Da demissão...

Da demissão, porque nós já somos velhos assim, né? Envelhecidos. E por mercado é uma coisa muita complicada, né? Agora a juventude não. A juventude eu acho que está muito certa em questionar, só que a empresa não está preparada pra essa nova geração. Eles estão trocando profissionais, mas não estão preparados para negociar.

Então eles [os mais novos] queriam que vocês brigassem...

Não, aí tipo assim, aí ficou aquele coisa assim... E muito de nós não tem culpa, né? A gente acabou aceitando também a proposta, só que assim... Eu vi que aí houve uma ruptura muito grande. E a gente está até convivendo numa animosidade geral aqui.. Não sei é porque [...] hoje. Tem um bom relacionamento. Há o respeito, daí houve um desrespeito, e aí a gente se sentiu afetado porque [...] E nós não temos megas-salários, só que eles não estão errados de brigar, porque assim, eles acham pouco isso e talvez pelo sindicato, só que infelizmente...

Eles queriam 10%...

Eles queriam 10%... A reforma trabalhista botou a gente em uma situação muito ruim, porque o temor nosso agora é perder direitos do acordo coletivo que nós fizemos. Você sabe que hoje pode acabar. Pode chegar aqui e falar: "Não, você não vai ter mais 5 horas. Você vai trabalhar 8 horas". Isso pode acontecer. Isso a gente tentou... Eu, por ser da economia, por conhecer isso daí, a gente tentou colocar o [...] O próprio sindicato, que a [...] estão sabendo disso aí, mas muita gente se [...] Achou que a gente... Foi [...], que a gente não lutou. Então assim, a maior dificuldade que eu vejo hoje na redação... Agora sim, agora aceitaram, vai ser isso aí [...]

Mas a redação ficou separada?

De certa maneira sim. [...] Nossa, ficou, isso daí deu diferença, uma... Tipo assim, uma cisão.

O que o jornalismo representa na sua vida?

Eu acho que uma realização pessoal mesmo, sabe? Eu acho que [...] tudo que eu tenho, né? Até do ponto de vista pessoal, esse enriquecimento cultural, como a minha vida financeira, né? Foi o único sustento que eu tirei sempre da minha. Só que assim, eu penso que antes

havia mais facilidades. Hoje o meu ganho caiu bastante, né? Principalmente depois que eu tive a minha filha, porque daí você vê.... Porque antes, quando você é solteiro, né? [...] o jornalismo [...], então assim [....] esse enriquecimento cultural, né? Essa realização. Eu acho que sou uma pessoa realizada, apesar de todos os percalços.

Fidelidade ao emprego é importante para carreira do jornalista?

Eu acho que sim. Eu sempre fui uma pessoa que assim, eu sempre fui fiel à empresa que eu trabalho, por mais que eu tenha as dificuldade, e não me arrependo, né? Assim... É tipo uns questionários como eu te falei. Porque quando você sai da faculdade você tem uma, muita ideologia, né? Você acredita assim... Você tem muitas ideias, até de uma pureza, que a gente vai perdendo. A gente perde essa pureza. O caminho ele é tão cascalhento, que você vai perdendo, você vai vendo sabe o que? É "dinheiro na mão, calcinha no chão?" É desse jeito. Então assim... Meu marido e meu pai uma vez: "Vocês fazem o trabalho sujo pros chefes..." Mas assim, eu tenho muito orgulho de todo esse meu... Minha carreira, eu nunca ter aceitado uma bola, um jabá que eu falo assim: "Olha, você vai, tipo assim... Coloca essa matéria pra mim, faz assim, que eu vou te beneficiar aqui e ali". Nem em dinheiro, nem em favor, você entende? Favores grandes, você entende, Elverson? Não é favorzinho e dinheirinho, como eu conheço muitos colegas dessa minha geração que fizeram. E que é uma coisa muito normal. Não havia essa... Essa ética, que eu vejo em muitos profissionais jovens. Porque assim... E... Eu acho que sim, que há. [....] Eu vi muita gente enriquecer por causa disso. Jornalistas que ficaram ricos. Como que um jornalista fica rica, meu amigo? A não ser se você trabalhou na Globo ou no [....] Eu vejo jornalistas jornalistas em altos cargos de assessoria, ganhando [...] Mas assim, eu conheço a história deles, tudo o que eles fizeram, então assim eu, graças a Deus esse tempo todo da minha vida eu sempre deitei a cabeça tranquilamente na cama e assim... Eu olho pra minha filha e não tenho vergonha de tipo assim, de ensinar valores pra minha filha, porque eu acho que eu teria vergonha de fazer umas maquinações que eu já vi sendo feita. [...] Até mesmo hoje existe muito [....] tudo o que você pode imaginar, Elverson, de tudo, de tudo. Negociatas assim... Descaradas.

Quando eu digo ser fiel à empresa eu falo sobre permanecer na empresa por um longo tempo...

Isso, mas permanecer fazendo o seu trabalho, nada além do seu trabalho, você está entendendo? Não tem que se sujar nesse limbo. Não só aqui, mas assim, em várias empresas [....]

Ser fiel, de não trocar de emprego mesmo, de receber uma proposta melhor e...

Não. Eu acho que isso é importante. Eu recebi boas propostas assim durante a minha carreira aqui. Foi na época da Gazeta Mercantil. Me chamaram para ser editora, só que assim, e eu agradeço, só que eu acabo... Acabei que eu não... Eu passei em dois concursos, eu tinha um concurso na IAGRO, na época que eu trabalhei lá eu trabalhei como concursada, mas eu abandonei, porque era R$ 800,00 que eu ganhava. Foi quando apareceu a editoria aqui e eu iria ganhar mais, então assim, algumas trocas eu talvez me arrependa, porque talvez eu não precisaria ter largado o meu concurso pra ficar só aqui. Só que na época eu achei assim, que estava muito cansada, então assim... Tem algumas coisas que eu me arrependo nesse sentido assim, entende? Não ter insistido, né?

Mas você é fiel a empresa?

Mas eu sou fiel.

Acredita que isso é importante?

Sim, eu sou fiel à empresa e sou fiel ao jornalismo de credibilidade. Eu acredito disso. Eu trabalho com número. O número é muito complicado você maquiar ele. É muito... Você pode mudar o gancho [....] Em vez de ser um gancho negativo, pode ser positivo, isso daí

todo balanço tem, todo dado tem, está entendendo? [...] Então tem vários números que você pode trabalhar.

Mas porque você acredita que a fidelidade é importante?

Ah, eu acho porque assim... É uma relação de... Que você... Que ajuda a ganhar... Que tem uma reciprocidade essa fidelização com a empresa. Então assim, eu vejo por tudo que eu passei aqui dentro, de ter a confiança da tua chefia também... Igual é.... Quando houve essa troca, o Antônio João me tirou da minha editoria de economia, estava na editoria [...] há 15 anos e... Queria me demitir. A dona Ester ela segurou. Por que? Porque assim... Sempre que me deu o serviço eu cumpri. Eu nunca deixei na mão. E aqui na fidelidade ela vale ouro aqui dentro. Fidelidade que eu falo é você ter... Você ser ponta firme com a empresa. [...] E ela tem muito isso com a gente, comigo, principalmente com os mais velhos, isso para eles aqui... Isso é uma filosofia que vem do seu Barbosa, que eu aprendi muito com o seu Barbosa, tipo assim... [...]

Seu Barbosa era quem?

Era o pai do Antônio João. É o fundado do jornal. E ela era muito assim.

Então você percebe que fidelidade é um troca que tem muito valor

É uma troca. Tem, ainda tem muito valor, sabe? Muito valor assim, da chefia saber que pode contar com você. Então ele te ajudar em época de muita necessidade, tipo assim, às vezes de um atendimento para o seu filho, ou quando você está doente. Já aconteceu comigo. Quando meu pai morrer... Você entende assim? Então assim... Eu tenho essa gratidão com a empresa porque assim... Eu consegui ser fiel a empresa e recebi em troca. Mas muita gente não, como várias historias que eu já te falei. Então assim, vai de cada um, vai de cada pessoa, de cada personalidade também. É porque, como eu te falei, eu sempre tive essa personalidade mais tranquila com relação à empresa, né? Então assim... Eu acho assim... Pra mim sempre valeu, por quê? Porque a empresa, de alguma maneira ela deu essa fidelidade. [...] E eu me decepcionei. Uma época que eu quase saí, foi porque me tiraram da editoria. Eu fui chamada de obsoleta. Foi logo que eu tive a minha filha, então assim, eu estava muito sensível. [....] Tive que fazer terapia, fiquei muito mal.

Mas quem te tirou?

O Antônio João, porque assim... Aqui é muito de paixão. Ele é muito passional. Sempre foi. Só que assim... Essa coisa do xingamento, essa figura que todo mundo conhece, essa figura caricata, hoje é um vovozinho você entende? Um senhor, então assim.... E eu acostumei. Porque assim, sabe? Você é talhado na pele, você está entendendo? Eu entrei aqui... E o que eu aprendi de jornalismo foi aqui dentro, então assim [...] A gente acaba sendo, tipo assim... A gente foi talhado assim, os mais velhos, a gente aprendeu a escrever assim, como o Lucimar Couto que foi, sabe assim? Cria dele. Então assim... É uma outra escola. Era muito diferente. A gente não tinha tempo pra ficar reclamando e assim... E a gente aceitava esse tipo de relação de patrão com empregado. Quer dizer, tudo isso... Hoje já mudou muito, por quê? Essa é uma geração que está muito certa. Essa nova geração não aceita mais esse tipo de assédio. A gente não sabia nem o que era assédio. E havia o assédio sexual... O assédio moral sempre existiu. Sempre existiu.

Sexual também?

Ah, é claro, ué, tô falando... Nem sempre a gente foi assim... A gente foi jovem. Sim, sexual, de vim... Sabe assim? Às vezes político, quando você faz a entrevista vir passando a mão, tipo assim, botando a mão na sua perna, né? Isso aí existiu a vida inteira. É que a gente assim... Por isso eu falo... A minha geração, por exemplo, a gente se esquivava [...] Até porque assim... Eu sempre convivi no meio de homens. Os meus entrevistados a maioria eram homens, os ambientes que eu ia... Às vezes eu num ambiente e tinha 10

peões... Só eu de jornalista. Só que assim, eu vejo assim... É... Que eu tinha uma postura. Eu sempre me fiz respeitar, mas aconteceu às vezes de ter assédio dentro da redação e mais pelos chefes do que as tuas fontes, você está entendendo? Já, já teve. [...] Aqui tem um monte de história. Hoje em dia eu acho que mudou muito, muito. Aqui dentro da redação isso é uma coisa quase que extirpada, mas antigamente... Às vezes o cara [...] sabe? Dá aquela encostada... Eu vi na minha frente, vi, passar mão no peito, sabe? [...] Só que assim, eu falo... Existiam profissionais e profissionais, sabe? Não... Não ter sororidade. Não é isso. Mas assim... Algumas mulheres galgaram cargos altos utilizando-se disso, desse poder sexual. Tem, tem, isso também tem...

Rosana, quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Eu acho que é a ética, sua capacidade de senso crítico, eu acho que é muito importante, entende? Eu acho que essa é.... Fidelidade aos seus princípios também, sabe? Aquilo que você acredita... E assim... Vou conseguir isso fazer isso? Eu acho que você tem questionar sempre, porque assim... Tem que ter muita firmeza assim... Dependendo do tipo de coisa que te pedem. Só que sempre tem a contra-informação... Eu acho que sempre [...] Você não pode escrever um texto.... Você pode fazer uma foto... Você pode fazer uma legenda, você está entendendo? Então assim, eu em vinte, vinte e sete anos... Eu nunca tive um processo. Meu chefe fala que isso [...] que todo jornalista tem que ter um monte de processo. Eu não sei... Eu discordo. Eu acho que a gente tem que jogar muito limpo. Então nunca ninguém veio aqui falar assim: "Olha, é mentira o que você escreveu". Eu já fui ameaçada de morte, mas por causa de indicador econômico de boi. [...] O preço de boi dava morte. Teve uma vez que o cara veio aqui dentro. O porteiro acho que era entrevistado... Veio aqui e queria botar um caminhão de boi aqui. Falou: "Você vai pagar o que você colocou aqui... O indicador econômico seu... Que o preço da arroba é esse aqui". Eu falei: "Senhor, isso é [...] do governo do estado". "Não, não me interessa... Toma cuidado" [...] Então você imagina.... Isso há muito anos, mas era desse jeito. Então assim, a gente era ameaçado de morte sim.

Então os valores indispensáveis que você diz é ser fiel mesmo...

Ser fiel aos teus princípios e assim... Manter a tua credibilidade, sabe? Ter assim o respeito assim... O respeito das pessoas e o respeito por si próprio que eu acho isso muito importante.

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Com certeza. Olha... Porque assim, se não fosse minhas aulas de sociologia, minhas aulas de sociologia, imagina... Eu saí de Maracaju e não sabia quem era Marx. Não tinha a mínima noção. Não tinha noção. Fui ver [...] Fui ver os grandes comunicadores... Eu fui ver Simone de Beavouir, coisas assim indispensáveis pra tua formação social, pra tua formação intelectual. E isso, tipo assim, de fazer você pensar. Tem gente que não pensa Muitas vezes a pessoa não pensa no que está acontecendo. De ver um [...] De você poder enxergar essas questão social. Então eu acho que isso me ajudou a ver. Ver a... Ver as outras pessoas, humanas, sabe? Eu acho... E assim... As aulas da formação... As aulas de telejornalismo... As aulas que você tem de fotografia... Pra mim foi muito importante, você entende? Nessa minha formação... Mas principalmente as matérias, as matérias filosóficas, as matérias sociais, a semiologia que eu achei assim... Achei uma disciplina maravilhosa, sabe? Que te ajuda a ter uma compreensão fenomenal do processo de comunicação, então assim eu acho que é indispensável.

E quais são os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

Eu acho que é a questão ética. É a mais importante. Se bem que assim... Faz tantos anos que eu estou longe que eu não sei quais... O que na grade... O que se estuda hoje na grade da faculdade de jornalismo. Eu não sei. Eu acredito que ética deve existir, né? A ética, legislação do jornalismo, eu acho que isso é uma das coisas mais importantes, mais importantes. Eu acho que a parte sociológica, de você entender as população, você entender o social como ele opera, eu acho que isso é muito importante, te ajuda bastante na tua formação, na tua compreensão, né? Do problema que existe, tipo assim... Viver outras realidades além da sua [...] Tipo assim: Não, peraí, tem isso aqui, mas deixa eu ver alguém que possa ter alguma coisa pra acrescentar ou pra discordar disso que... Tipo assim, você entender que não [...] nada é absoluto dentro do jornalismo. Nada, nada é absoluto. Sempre tem uma segunda, uma terceira opinião, então eu acho assim... Eu acho que dentro da grade eu acho essas matérias bem importantes. É... Nesse tempo todo acompanhando muita gente jovem que entra pra tentar emprego ou que eu já acompanhei... A questão da produção de texto. Eu acho assim... Que há uma decadência na leitura dessa nova geração. Eu vejo pela minha filha. Eu tenho uma dificuldade de fazer ela ler...

Ela tem quantos anos?

Ela tem 8 anos. Ela está na quarta série, mas agora começou a fazer interpretação de texto. E é uma luta. Às vezes eu quero ler mais. E eles acham que só ouvir é suficiente. E não é. [...] Não é ouvindo que você vai escrever direito. Precisa ver as letras. As letras tem que ser vistas. E você vê... Eu tenho uma filha de 8 anos, que eu estou tentando fazer entender. Então assim... Porque a gente recebe aqui [...] A gente vai fazer teste... É muito triste, Elverson, ver erros assim primários, de gente que já está no mercado, sabe? De concordância, de grafia... Coisa horrorosa, então assim... Eu acho que dentro da formação é... Essa parte da redação, da produção de texto, da literatura, eu acho que eles tinham que ler mais na própria faculdade de jornalismo. Na época eu lembro que a gente lia muito. Muito. Era assim, volumes e volumes que tinha... Pra cada disciplina pelo menos dois, três livros por semana. Era uma coisa assim absurda. Hoje eu já não sei... Hoje eu vejo que tem muito assim... Tudo é resenhas... [....] Isso eu acho muito complicado, mas eu não sei também. Eu tenho acompanhado pouco. Eu já fui muito em faculdades, né? Mas mais pra dar palestras, né? Eu nunca tentei carreira acadêmica, nunca nem [...]

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?

A informação é um direito do cidadão, mas se tornou mercadoria bem comercial hoje em dia [...].

Por que?

Ah, eu acho que sim. Eu acho que há uma mistura do jornalismo e da publicidade hoje em dia, principalmente na internet. Eu acho assim... Você não sabe mais... Igual essas fake news ou então textos de produtos... Você acha que é uma reportagem e quando você vê está lendo um produto novo. Não há uma é... É muito sutil. Só que assim... Pra você enxergar é bem complicado. Eu acho que [...]

O jornalista consegue enxergar, mas para o grande público...

A gente... Não, muito do grande público não. [...] Principalmente de fake news. Por que? Porque a pessoa só vai naquele... Ou naquele mesmo site... Ela não procura ver em outros.... E, gente, o que é esse Google? Você está entendendo? Eu tenho medo. Eu tenho medo, você sabia? Eu tenho muito medo. [...] George Orwell já falava, né? O Grande Irmão não era uma... É isso. Eu acho impressionante você está entendendo? Como se aquilo fosse a verdade universal. É o que está no Google. Isso eu tô vendo... Igual a minha filha... "Vou olhar no Google". [...] Então assim, deixou-se de acreditar nas pessoas, pra você acreditar nas máquinas, então assim: de onde vem essas fontes todas? Então assim... É uma coisa

impressionante. Muita gente entra, olha, fala... Eu vejo assim. Não se replica matérias falsas. Coisas de saúde, que você sabe que não são. Pra beber óleo de cocô... Sabe? A puta que pariu. Sabe assim? É impressionante. Então assim.. Virou uma coisa de comércio mesmo. Eu acho que isso aí também [...] de um jeito. Agora, é um direito. Só que o cidadão fica perdido. Em quem acreditar?

A projeção de uma reputação ou reputação de uma empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Ah, com certeza.

Por que?

Ah, porque eu acho assim... Você pode sentir mais segurança, né? Eu acredito que isso dá mais segurança pra você. Você vai ver se tem uma boa reputação, né? Se bem que hoje em dia eu não sei, né? Porque na verdade a gente está atrás da grana, né? [...] Eu assim... Pra mim é uma coisa que sempre, sempre, ela teve peso, assim... A reputação de uma empresa.

E a projeção que ela pode ter dar?

Não. No meu caso não, porque na verdade quem quer projeção não vai trabalhar em uma empresa, né? Vai trabalhar assim... Em mídia social, assim... Você vai ser blogueiro, você vai trabalhar na TV, porque assim... Eu não acho que... Em impresso até... Porque a gente só conseguiu colocar o nome da gente na matéria depois de muitos anos, sabia? Por muitos anos a gente não assinava matéria aqui. Eu trabalhei aqui acho que pelo menos uns 10 anos da minha vida e nunca assinei matéria.

Por que?

Porque não era... Era uma coisa da empresa.

Não podia assinar?

Pra não aumentar a tua vaidade, pra não ter a vaidade.

Mas e o direito autoral?

Isso que eu falo pra você... Essa coisa do direito autoral foram assim que evoluíram a partir dos anos... Porque na minha época não era, está entendendo? Mas assim [...] jornalista responsável... Isso não existia. Ninguém cobrava isso. A gente não tinha esse direito. Hoje eu acho que é um avanço inacreditável. Então por isso eu falo... Se eu tivesse vindo por projeção... A projeção... Não tinha projeção nenhuma, né?

Nossa. Eu não sabia disso.

Nós, os editores, só depois de muitos anos. Isso a Cris deve ter falado para você.

Não.

Não falou? Demorou muitos anos pra gente assinar matéria ou botar o nome lá na contracapa. Esses dias estavam reclamando até do expediente que estava errado do Correio. Aí alguém me falou: "Ah, não, acho melhor tirar o nome de todo mundo". Aí eu falei: "como assim, gente?" "Ah, mas na matéria já vai o nome". Falei: "Não, o expediente é muito importante. Faz a pessoa se sentir parte da empresa". Você está entendendo? [...]

Então vocês não assinavam para não aumentar a vaidade, pra você não se achar?

Não era só aqui não. Todos os jornais. Pra você não ficar se achando... Essa matéria aqui... Tinha isso.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?

Ah, qualidade de vida pra mim é poder ficar com a minha filha, andar de bicicleta com a minha filha, poder ir pra minha aula de Flamenco, que eu sou sempre empolgada, ficar duas horas em paz, sem ninguém apitando, sabe? Porque Whatsapp acaba com nossa vida de jornalista.

Mas então qualidade de vida é ter um tempo para você?
Exatamente. Pra minha família, porque é complicado. [...] Deixa eu te mostrar aqui [...] Eu tenho quatro grupos só aqui dentro. Quatro.
E como você lida com tudo isso?
Então [...] abstraio.... Tipo agora, estou falando com você e está rodando... Na Duque de Caxias acabou de acontecer um incêndio [...]
É possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
Olha, eu acho que é, porque eu comecei assim, né? Abstrair um pouco, porque eu tive muito surto de cansaço. Surtei várias vezes assim de cansaço, de estresse, aí eu comecei a entender... Depois de uma certa idade também, Elverson, você passa a ver assim que... Às vezes você dá conta de um determinado tanto de coisa. A partir daí, meu filho, não dá. A gente não consegue abraçar o mundo. E com essa coisa da internet, das redes sociais, dessa... Do Whatsapp... É tudo tão instantâneo, tem um volume tão grande de informação, que você engolir tudo você explode. Você não consegue lidar. Você tem que filtrar. Eu falo sempre... Eu tenho dois repórteres, né? O subeditor, que é o Eduardo, e a Daniela. E a Daniela é muito ansiosa, a que é minha repórter... Uma ótima repórter, só que ela assim... Ela é muito organizada, ela é muito determinada, então ela fica cuidando tudo, tudo. É Diário Oficial, Diário do Município, Diário da União... É site... Eu falo: "minha amiga, vamos ver o que é prioridade". Pra gente filtrar, porque você precisa filtrar.
Mas é possível ter qualidade de vida?
É. O que eu faço, por exemplo? Eu saio daqui 19h mais ou menos. De manhã [...] desde às 8h da manhã eu já estou trabalhando lá em casa. Ela me passa todos as pautas... Eu já deixo a pauta... Hoje, por exemplo, eu já deixo a pauta pra amanhã. Pautas adiantadas... O que eu estou pensando em fazer. Amanhã de manhã ela chega e vê o que tem de factual, então de manhã a gente está conversando a manhã inteira, então enquanto isso eu estou fazendo a tarefa com a minha família, limpando casa, fazendo almoço, pra 12h estar aqui. Antes de meio dia estar aqui, eu levo minha filha na escola e venho, pra 12h30... Então até 12h30 a gente senta e conversa. Meia hora de conversa, troca as ideia, aí o que acontece? Fico até às 19h praticamente, né? Fecho a edição, já deixo a pauta do dia seguinte. Saio daqui, dou meia hora, dou meia hora... Porque como eu fecho uma hora antes de ir embora, aí o pessoal da revisão já me ligou, já tiraram as dúvidas que eles tinham que tirar, os editores-chefes também, e dou mais uma meia hora... Deixo alto, tipo assim, que eu posso anotar... Uma meia hora na minha casa. Depois disso eu deixo [o celular] no canto. Aí eu vou fazer a minha caminhada, aí eu vou cuidar a jantar da minha filha, fazer alguma coisa com ela, você entende? Vou dar uma arrumada na casa, preparar alguma coisa e ficar com a minha família. Foi a única maneira que eu encontrei. Eu tenho Flamenco, que eu faço duas vezes por semana, terça e quinta. Eu esqueço. Eu largo lá e pronto. Se cair o mundo, se explodir... Eu preciso desse tempo. Igual, eu estava de folga no fim de semana. Eu fiquei os dois praticamente sem me preocupar. Nem olho o grupo do jornal. Eu vou ver outras coisas, porque assim... A gente tem que [...] desligar, porque senão a gente não consegue. A gente surta de estresse. Só que assim... Eu aprendi isso com o tempo, porque eu também nunca fui irresponsável de ficar assim... "Ah, meu deus, e se eu não der conta?" Às vezes não dá tempo. E às vezes você caga, porque às vezes você tem que cagar pauta. Aqui, quem mantém a redação é a... A editora de Cidades e Economia. A gente se reveza em manchete, então praticamente todos os dias, um dia, um dia não pelo menos... Eu tenho que ter manchete. Isso é uma coisa que já vem há muitos anos, então assim... É uma pressão gigantesca em cima da minha editoria. Pra você ter ideia, na semana passada, duas vezes eu

falei sobre a seca que estava atrapalhando a colheita da soja. Nós temos três chefes. O Antônio João, a dona Ester e o Marcos, que é o [....]
O Marcos é?
Marcos Rodrigues. É o sobrinho dele. É o diretor administrativo. [...]
Mas você acredita que é possível ter qualidade de vida se organizando então?
Se organizando, mas assim... E tento muita assim... Noção de prioridade, porque senão você não consegue, como jornalista, como editor. É muito... Porque é muita informação. É muita coisa pra filtrar. Você tem que tirar. O que eu faço? Eu me dou esse tempo. E graças a deus isso nunca afetou o meu trabalho, mas você não pode deixar rabo. Você não pode deixar rabo nenhum. E o que acontece? Passo esse meu período sabático, oi... Deixa eu olhar lá de novo, né? Pra ver se não passou nada [...]
Até que ponto o salário é determinante para sua permanência na empresa?
Ah, é muito determinante, com certeza. Com certeza.
Mas até que ponto?
Sei lá, 70%, né? Pra mim foi muito determinante assim, por muito tempo. Hoje em dia eu já não sei, porque hoje em dia eu sinto... Eu fico meio cansada assim. Só que eu sei que na atual circunstância dificilmente eu iria conseguir outro salário que eu ganho, igual a esse que eu ganho aqui, pelo tempo que eu tenho, você entende? Então pra mim não é... Eu pedi demissão e ela não me deu, nesse período que foi o pior aí, que foi quando eu saí da editoria e fiquei [...] Eu pedi demissão. Ela falou pra mim que não. Negou. Falou: "Olha, se você quiser..." Ela não aceitou a minha demissão, aí eu voltei, mas... Porque eu tive meu trabalho questionado, sabe? Na qualidade. Isso é uma coisa que eu nunca admiti. Eu tenho esse... Não sou nada modesta. Nunca fui. E isso me ajudou a sobreviver na minha profissão. Eu sei da minha capacidade. E não só na minha profissão. Na minha vida, eu como pessoa, você entende, Elverson? Porque se a gente não acreditar no que você é defender essa persona, ninguém vai acreditar. Você... Porque assim, eu sempre fui gorda, baixinha, família que não era rica, eu tive que sair de uma cidade que era nada, nada. Do mundo eu sei que eu não sabia nada [...] Daí fui. Fui, fiz minha faculdade, tipo assim... Eu lutava sozinha e sempre tive que projetar uma imagem e manter. Não, tipo assim, deixar de ser o que você é, porque eu sempre fui muito transparente, só que assim eu mantenho muito é... Essa... Eu sou firme naquilo que eu sou e defendo a minha personalidade.
A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender as suas necessidades?
Não, não. Antes de ter filho, sim. Hoje em dia... Eu acho que a gente está sofrendo muita defasagem de reposição de salário. Esse ano a gente viu isso. A gente não tem ganho real, entende, Elverson? [...] E eu acho que eu não ganho, porque eu tenho duas editorias. Isso é ilegal. Isso não é legal. Você sabe disso.... Se eles tivessem... É que hoje as coisas mudaram muito, mas eu sou editora de economia. Meu contrato é para ser editora de economia. Hoje eu estou com duas editorias. Eu faço diariamente duas páginas. Já cheguei a fazer três, com uma pessoa só, então assim... Isso aí, mas aí o que acontece? O... O Rural eu faço quatro páginas digital, que era do Maurício. Ano passado, quando ele foi demitido... Chegou e falou: "A partir de hoje, você vai cuidar". Então assim... Não é "você quer". Eu não ganho nem um real por isso. Nem um real.
Mas o que você recebe hoje atende suas necessidades básicas?
Básicas atende, atende, mas assim... Porque eu tenho o meu anuênio, que é uma coisa que ficou incorporado na minha profissão, né? E que me ajudou a ganhar um pouco a mais praticamente pelo tempo que eu tenho. Era 2% ao ano até... Foi até... 5 anos atrás, daí acabou, daí conseguiram tirar. Hora extra de repórter também tiraram, então foi um monte de coisa, sabe?

Então esses adicionais...
Me ajudam. E me ajudam a não ter, né? Porque... Essa questão... O serviço de uma hora para cá é tudo [...] Por isso que eu acho que na verdade assim.... É... Quando você tem dois empregos... Eu acho que deveria ter, mas assim como [...] tem duas editorias, que foram colocadas.
Você comentou um pouco sobre isso, mas como você lida com a pressão do tempo no trabalho?
Depende, porque assim... Eu sou muito... Apesar desse jeito assim, eu sou muito organizada, então eu já começo tudo... De manhã eu já começo a pensar o que...Por conhecer muito já o estilo dos chefes aqui, o que pode agradar por esse tempo que eu tenho aqui... Sabendo já que tipo de pauta pode agradar, eu vou jogando meio direcionado. Mas assim o que me deixa muito... O maior problema meu que eu vejo assim que há uma afunilamento é das 16h30 até às 18h, que é o horário que eu estou fechando. Se vier demanda nesse horário, aí me desestabiliza.. Se tem uma coisa... 17h você está com tudo preparado e derrubarem pauta.
E acontece, né?
Muito por questões políticas. Política ela tem uma influência muito forte aqui, inclusive em Economia.
Mas então você lida com essa pressão tentando se antecipar?
Sim, tentando me antecipar. Tentando antecipar algo que a chefia vai querer, você está entendendo?
Por estar há tanto tempo aqui você já conhece um pouco do...
E isso [...] Porque eu sou uma pessoa assim... Se ele me der uma tarefa, eu vou dar conta daquilo. Nunca eu deixei, nenhum dia, nesse tempo que estou aqui, eu deixei de entregar um pauta. Eu dou um jeito. Eu dou um jeito [...] Eu crio, eu faço... Eu me viro... Eu assim... Tenho muita fonte, sabe assim? Eu sou muito insistente. Eu não aceito não, eu fico incomodando, incomodando a pessoa, sabe? Eu sou chata. Incomodo, incomodo. E eu falo: jornalista tem que ser chato. Ele não é uma pessoa [...] A figura do jornalista, eu falo para os meus repórteres: "insiste. Você não entendeu? Liga de novo. Olha, não entendi" [...] Ainda mais em economia. Já é uma área chata, complicada, como é que o leitor vai entender se você não entendeu? Como vai conseguir passar isso, né?
Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
Já. Já adoeci. É... Quando eu estava grávida de oito meses eu tive um envelhecimento de placenta por causa de pressão. Seu Antônio João ia direto nas reuniões de pauta... Eu comecei a ter... Tipo... Eu tinha que sair antes da... Do tempo, né? Barriga deste tamanho [...] Às vezes ele gritava, xingava.... Aquilo foi me fazendo mal. Então eu tive envelhecimento de placenta, sabe?
Ele participava das reuniões de pauta?
Sim, participa ainda. Agora que ele está afastado...
E ele se alterava...
Sempre. Hoje em dia que ele está mestre dos magos, bonzinho, mas...
E você ficou afastada por quanto tempo?
Não, mas eu só fiquei pra maternidade, quatro meses, né?
Mas você associa esse problema que teve à profissão?
Sim, sim... A minha médica também na época. Foi a pressão. E era assim... Mais recentemente, no ano passado, quando teve essa demissão em massa, eu meio que tive um surto de nervoso. Gritei na reunião de pauta, perdi a compostura... Chorei. [...] Porque começou muita briga. Essa época de reajuste de salário, é muito ruim aqui, muito difícil. É

um processo muito, né? A gente acaba se envolvendo e tal, mas é porque foi muito forte esse episódio dos 15 aí, demitidos, sabe? Foi muito pesado. Da minha editoria ficou só eu e a Daniela. Foram duas demitidas. Foi a Renata, que entrou agora, que é a chefe, e a Paula...
Mas você teve alguma consequência psicológica? Fez algum tratamento psiquiátrico?
Não, não. Agora... Esses dias agora... Que eu descobri que tenho pressão alta e esto fazendo tratamento.
E você associa isso ao emprego também?
Também, também, também... À pressão. Depressão eu nunca tive.
Síndrome do pânico...
Não, não.
Teve algum outro problema de saúde que você lembra?
Não, não.
Teve mais problema na gravidez...
Isso. E agora a pressão alta.
E o surto que você teve com as demissões...
É, é.
Mas por causadas desses surtos, você chegou a ficar afastada algum dia?
Não, não, foram dois dias que eu fiquei. Estava muito emocionalmente... Fiquei muito abalada, né? Daí eu voltei.
Ah, você ficou fora dois dias?
Aham, mas também eu tinha parado de fumar e quando eu parei de fumar, tomei BUP daí, aí eu comecei a tomar [...] Mas foi tudo junto. Eu lembro que foi nesse período.
Tem problema com bebida?
Não. Não. Já tive, já tive assim [...] Mas quando era mais jovem, né? Eu parei porque meu marido não bebe muito, entende?
Você tinha problema com bebida por conta do serviço também?
Sim, nossa, com certeza. Quando eu era mais nova, bebi muito e assim como eu, um monte de jornalistas. Teve muitos que [...] É uma profissão que tem bastante eu acho. Ainda tem. Alcoolismo, sabe? Assim, pra gente o happy hour.... O Happy Hour era quase uma instituição. Saia daqui já ia organizar... Todo dia, todo dia tinha a gente bebia. Tinha uma turma que saia da redação e bebia todo dia, né? Mas isso tem, sei lá, uns 10 anos.
Hoje já é mais tranquilo...
Não, hoje já é bem mais tranquilo.

Fatores tecnológicos

Agora vamos falar sobre tecnologia. [...] As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Eu acredito que sim, né? Elas te dão mais rapidez, né? Um acesso a um número bem mais amplo de fontes, de uma forma bem mais rápida. Mas ao mesmo tempo é aquilo que eu já tinha te falado: ela deixa o jornalismo muito mais tecnificado... Assim, sem dar emoção, que é uma coisa que a gente sempre buscou em reportagem, pelo menos na minha escola de formação, né? Eu acho assim... O texto que não emociona... Se bem que na Economia isso é meio difícil, né? Mas eu falo... Algum... Texto assim de reportagem, tipo assim, na área de Cidades, texto que não mostra só aquela coisa muito insípida, sabe? Mas assim... Eu acho que a facilidade é assim... O acesso às fontes, a dados de produtividade, por exemplo, na minha área, relatórios, os balancetes... Você acha tudo. Se você for um bom fuçador, você acha tudo. Facebook, por exemplo, descobre coisas da pessoa, entende? "Ah, a pessoa não tem". Você dá um jeito. Então assim.. Dá um jeito... Stalkeia.

E você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Não, eu acho que sim. Eu sou dessa geração que passou a fita cassete pro CD, pro... Como é que fala aquele? Tem aquele compridinho... O Ipad.. Depois foi é... O Spotify... Então assim, eu vi tudo dessa nova tecnologia, praticamente teve tudo... Eu sou da época da fita cassete e hoje a gente já está aí nas plataformas que você baixa, né? Os Deezer da vida, esses negócios... Torrent. Minha filha que usa... Então assim, eu acredito que eu manipule bem por isso, porque a minha geração assim... Se adaptou e a gente está conseguindo acompanhar.
Viveu essas transformações...
É, é... A gente pegou o passado e a gente sabe do passado. E do futuro a gente está acompanhando.
Então você lida bem?
Eu lido bem.
Não tem dificuldade...
Não.
De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?
Ah, eu acho assim, é... Que há um problema muito sério com questão de furo. A tecnologia ela faz com que todo mundo divida as informações. Muito. E eu sou de um tempo que o diferencial do jornalista era a diferença... Era o furo. Era você ter uma informação exclusiva. E essa coisa, dessa proliferação de redes, cada vez é mais difícil você ter dados exclusivos. É um tal de "pautas e fontes". Eu tenho pavor. Eu não participou desses... De alguns grupos, sabe? Porque assim... É acho que o furo...
Pautas e fontes é um grupo?
É, é, que tem no WhatsApp, que todo mundo usou.... "Ah, porque tal assessor..." Eu acho assim... É muita banalização, porque você precisa... A única coisa que diferencia o teu trabalho é a exclusividade. Ainda é. [...] Eu falo: "vocês tem que entender o furo..." Não é assim... "Ai, [...] você me ajuda?" Eu acho isso o fim da picada. Eu sou daqueles... Não passo telefone de fonte. "Ah, a Rosana é egoísta". Eu fui criada assim. A minha formação de jornalismo é essa. Se eu puder... Que é uma coisa que eu sei que não vai me prejudicar, tudo bem, mas eu não vou mais nunca... Eu falo parara os meus repórteres: "se ficar o povo rodando vocês, vocês dão uma disfarçada, finge que vão no banheiro, porque..." Está todo mundo lá... A fonte vai... Pegou e... Já vai. Ou então assim... Vê que está todo mundo ali, você já dá aquela disfarçada e depois você volta. Por que? Porque assim... Banalizou demais. Eu acho que essas... Essa coisas de [...] banalizou demais o jornalismo e fez uma coisa padronizada. Todo mundo faz a mesma coisa.
Então a tecnologia interfere dessa maneira?
Na padronização da informação.
Quais são as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
Ah, eu acho que um bom texto é imprescindível. Um texto limpo, um texto bem finalizado, sabe? Capacidade que ele tem de fontes e apuração, né? A rapidez. A rapidez assim... Acho que nesse mercado atual é tudo, né? Rapidez, né? Eu acho que os principais são é esses. É um bom texto, a rapidez e a [...] manter fontes também, porque eu acho isso muito importante.
Domínio da tecnologia também?
Não sei, porque hoje em dia a gente tem tanto suporte, que assim... Muita... Eu vejo uma pessoa que [...] Mas eu acho que nada sobrepõe um bom texto, sabe?
É o principal para você?

Na minha visão, é. Pra jornalista é. "Ah, mas eu sou um ótimo... Não sei o que digital". "Eu texto é horrível, meu filho, não adianta. Não vai ficar aqui, não vai ficar em Campo Grande News, não vai ficar na TV". Se a pessoa é muito... "Meu Deus... Ah, eu mexo com tudo, eu monto eu faço..." "Mas seu texto é triste..."

O texto é a essência?

É a essência. Eu acho que o texto é a essência. Texto é a essência do jornalista.

Como você utiliza as redes sociais no seu dia a dia como jornalista?

Nossa, é assim... É pauta pelo WhatsApp... É entrevista pelo WhatsApp. Entrevista por Facebook. É... Foto que eu recebo por Facebook. Eu quase não uso mais o e-mail. É muito mais rápido, você entende? o WhatsApp... Fazer matéria pelo WhatsApp.

E você utiliza quais redes? Facebook...

Facebook, WhtasApp, direct de Instagram pra foto, é... Aquele, como é aquele de foto? O Flikr a gente usa bastante. OneDrive...

Flikr, OneDrive...

É... São esses mais que eu uso.

Tumbrl, Linkedin, Twitter, Youtube...?

Não, não, não... Porque Youtube mesmo pra mim não... Youtube, Linkedin também... Isso aí não.

Twitter?

Twitter também não.

Blog?

Não.

Basicamente então é o Whats, Facebook e Instagram?

É.

E utiliza bem?

É, bem. E alguns sites de economia, né? Porque pra gente não tem é... Também são ferramentas muito boas. Sites de economia tem um monte que eu utilizo mesmo... Específico de economia.

A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Eu acho que é indiferente, porque eu conheço jornalistas que [...] manja mais de tecnologia do que eu, que monta coisas e... Usam... Fazem stories, sabe assim? Que está lá no campo fazendo... Tem um monte de coisa nessa área. Dão palestras, sabe? Ou então discutem alguma coisa... "Ah, porque o dólar baixou por..." Postam lá vídeos, sabe? Então assim... Eu acho que independente. Sinceramente... Porque hoje em dia o mundo está tão... Não é só a juventude. A juventude tem mais facilidade eu acho, mas eu conheço gente mais velha também que domina essas redes como ninguém.

Então depende da vontade?

Da vontade.

O interesse pessoal...

É exatamente, que a pessoa é aberta, né?

Aham... Às novas tecnologias... E você conhece jovens que dominam ou não dominam?

Também, também... Tem os jovens que dominam e tem os jovens que não está nem aí. Conheço... Tem gente que não tem nem perfil. É gente nova, tipo, de 20 anos [...]

Fatores de conflitos

Nós vamos para a última parte, tá? Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?

Não. Eu não sinto.

Como se dá essas relações e por que você não sente dificuldade?
Eu não sei. Eu tento estar sempre me atualizando, né? Desde linguagem até o que tem de tecnologia, o que interessa... E o fato de ter filho eu acho que isso... E as crianças estão cada mais... Então assim... Eu consigo discutir... Minha filha é [...] igual a mim, sabe? Acompanha todos esses Youtubers da vida, né? Tudo quanto é meio que surge, novo, de filme, porque eu sou [...] eu gosto muito de... cultura, então ela [...] Então assim, eu não sinto dificuldade de me relacionar, né? Com essa nova geração, né? Eu sou muito aberta, falo muita bobagem assim. Sou muito besteirenta, então acho que isso também... Eu sou muito extrovertida, então assim... Eu não...
Tem um bom relacionamento...
Tenho um bom relacionamento.
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Com certeza.
Por que?
Aliás, essa questão do furo é uma das coisas que eu mais percebo. Pra essa nova geração, o importante é ter a informação, não ter a informação privilegiada. [...] "Todo mundo vai dar também, então [...] para o meu coleguinha". Isso aí eu falo, eu se fosse fazer mestrado, acho que isso seria meu tema, esse abandono da exclusividade, do furo jornalístico. [...] Eles não tem assim... Eu percebo nessa nova geração que pra eles isso aí [...] O importante é não perder a informação. "Ah, eu não conseguir pegar. Amigo, me passa?" Sabe as "miguxas?" "Ai, miguxo, passa pra mim". Gente, eu falo: "pelo amor de deus, minha gente". Eu falo "se aqui alguém trocar a informação com a miguxa, não fica não". Não fica. Eu sou muito radical, porque eu acho o fim da picada e eu sei que tem um monte, Elverson, assim... Eu acho que... Pra que, gente? A profissão de vocês, o que vai diferenciar, eu falo isso todo dia, é esse material exclusivo. E outra coisa: na nossa profissão... Eu tô no impresso... O que eu vou ganhar com relação aos meus concorrentes? São meus concorrentes... É o site.
Que dá antes...
Dá antes. Só que assim, não necessariamente, mas uma das coisas que eu mais me orgulho dentro da minha editoria é dar furo. É furar site. Eu sei que eu tenho um trabalho lascado. O Campo Grande News, que hoje é um dos meios que eu mais respeito na área de economia... Respeito muito, até porque quem está lá é o Oswaldo, que era o amor da minha vida.
Trabalhou aqui, né?
Não, o Oswaldo é um jornalista brilhantíssimo. Eu falei pra Marta: "Marta, cuida com amor", porque assim, eu quase morri quando o Oswaldo saiu da minha editoria. Eu falei: "Oswaldo, não vai", eu falei pra ele. "Ah, mas eu vou ser promovido?" Eu falei: "Não sei, mas morrer ali". [...] Mata o talento, você entende? Aqui essa mexida às vezes mata todos os talentos... Enfim, mas...
Mas como um jornalista veterano vê a profissão? Ele enxerga a profissão...
Eu não sei, eu acho assim... Eu vejo assim, é... Muita comparação... Eu vejo assim alguns colegas mais acomodados, sabe? Se bem que eles devem ter uma idade mais avançada que a minha... Eu falo assim, da minha geração, né? Mas assim [...] Eles não vão conseguir mudar muitas coisas, então já é aquela geração também "ah, vamos fazer como todo mundo".
São mais conformados?
É. Mais conformados. Há uma conformação, uma conformidade assim dessa geração minha, né? Tipo, "ah, a gente está indo já pra aposentadoria quase", sabe? Então assim... Deixa essa nova geração chegar. Cansaço. Eu vejo muito cansaço.

Eles enxergam a profissão....
É, de uma forma mais cansada eu percebo assim. Pelo menos é isso [...] Eu vejo muito isso, sabe? Uma certa acomodação.
Não tem mais aquela paixão?
Não. E até eu às vezes. A gente já começa assim... Até essa discussão salarial foi uma coisa bem clara isso, que a gente está tipo, do declínio pra baixo, você está entendendo? É. Ou que já... "Ah, vou ficar brigando por quê?" Então assim... Eu lembro com relação à [...] "Ah, ta, tem que fazer isso, tem que ir atrás... Ta bom...." Tipo... Não tem aquela paixão mais, né? Eu que isso que isso vocês vão perdendo a mão, sabe? Eu [...]
E os novatos, como eles enxergam a profissão?
Ah, eu não sei, eu vejo assim... Eu acho que aqui no jornal, por ser... Também há um certo conformismo da nova geração, assim... Uma... Eu acho que tá muito, ta muito... Teve uma paradeira, sabe? E um conformismo assim de... Com relação às condições, você entende? De trabalho... Com relação ao próprio futuro da profissão, então a impressão que eu tenho é que estão deixando levar.
Também?
Também. Aqui dentro do jornal, você entende?
Mas de forma geral, como você observa no geral, como os novatos e os veteranos enxergam a profissão?
Acho que estão muito, estão muito desanimados assim. Eu acho que o jornalismo... Infelizmente essa coisa da desvalorização profissional, salarial, sabe, Elvis? Assim, tá sendo uma baque muito grande. Eu não sei que maneira a profissão pode se reerguer, sabia? Porque a gente vive pela paixão e eu não tenho visto muita paixão, sabe? Na nossa classe.
Nem pelos veteranos e nem pelos novatos?
É.
Tudo no mesmo barco...
É. A falta de paixão, sabe? Aquele sangue no olho, dá uma vontade, sabe? De descobrir coisa nova... É uma coisa assim... Meio uma catarse, sabe? Não é só dos antigos. Dos novos também.
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua? Você conviveu com jornalistas mais antigos?
Sim, eu acho que é essa capacidade de ter foco [...] São pessoas que ouviam, são pessoas que paravam... Muita gente tem aquela imagem negativa do cafezinho. "Ah, fulano toma cafezinho com ciclano..." Não, gente, na época deles isso aí era uma forma de conseguir matéria. Na minha época eu saia... Às vezes a Kombi deixava a gente lá no centro da cidade e eu ia andar no comércio, conversar, ficar conversando... A gente não tinha pauta. Eu saia sem pauta. Sabe aquela coisa da pauta formatada, bonitinha, igual você hoje? É uma coisa [...] mais nova. Antigamente você ia buscar a pauta, você ia pra rua. A pauta estava na rua. Pauta... Às vezes eu ia e andava no Parque dos Poderes, pelas secretarias lá de economia procurar pauta. Batia palma: "Oh, fulano, e aí fulano, vim aqui te ver, vamos tomar um café, bater um papo. O que você tem de novidade?" [...] "Oh, aqui é fulana, do jornal, o que o senhor tem de novidade aí?" Não tinha release, eram poucos releases, não existia a figura... Até assessora de imprensa era muito pouco.
E os pontos negativos da geração mais antiga, anterior à sua?
Eu acho essa, essa... Havia muita negociata, muita de troca de favor, era aquele jornalismo assim muito... Sabe? Da malandragem. Tinha muito isso, antes da minha geração. Era muito informal.
Amador?

É. Uma forma amadora assim. Eu acho que tinha muito disso, né? É... Tinha já o comparativo, de procurar, só que assim, eles é, é... Como posso dizer? Havia muito dessa troca de favor mesmo, sabe?

Que é o que você falou lá no começo... E os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas? Que você também convive...

É... Eu acho assim, essa capacidade de lidar com as tecnologias, eu acho isso uma coisa legal deles, que eles tem, né? De descobrir coisas assim num... Né? Uma rapidez muito impressionante, de guardar informação com muita rapidez, eles guardam também. É muito fácil. Eu vejo assim... Você passa uma pauta, se você der tudo bem certinho, eles vão lá e eles trazem, sabe assim? Conseguem ter essa rapidez de trazer, né? Essa coisa de concisão. Eles são muitos concisos, sabe? É... O que mais poderia dizer? E uma facilidade para se adaptar a ambientes, eles tem. Eu vejo pelo Fregatto, que é dessa nova geração e é assim... Eu acho impressionante. Impressionante a capacidade de se adaptar e... Sabe? Mas [...] Texto muito bom. Um texto bom. Isso aí não é de geração. Isso aí é de ser jornalista. Um texto maravilhoso. Qualquer um que tenha um texto bom, vai se adaptar em qualquer... Qualquer tarefa, eu vejo assim. Primeiro texto que ele fez já eu falei [...] "Seu texto está muito bem feito". E é legal assim o frescor que eles tem, uma visão uma visão assim um pouco... Tipo assim, de não ter essa visão deturpada que os antigos tem.

E os pontos negativos?

É... Essa falta de... Como é que fala? De fidelização. Não tem fidelidade ao emprego. Eles não estão nem aí. Tipo assim, eles [...] Não sei se isso é negativo também, mas ele não tem assim... Esse comprometimento. Eles estão aqui, mas se aparecer [...] Assim... Não há um comprometimento com a empresa, com a profissão. Às vezes eles estão aqui, mas "ah, mas se aparecer uma coisa melhor, eu vou embora", sabe? "To indo..." [...] É um desprendimento, entendeu? Uma coisa natural dessa nova geração. Não é só dos jornalistas, eu acho que é essa geração mesmo, sabe? Eles são muito desprendidos assim, de uma maneira que eles não estão... Tipo "deixo aqui e tchau". Não tem assim um amor, né? Tão nem aí, tchau.

Mais algum ponto negativo?

Ah, é... Porque assim... Você não consegue... Não sei se você consegue fazer uma carreira sólida tendo essa... Esse descaso assim...

Pular de galho em galho, é isso?

É, é, né? Eu vejo muito isso assim... Acho que o ponto mais negativo, né? E esse marasmo, que eles estão assim. Muitos saem meio num marasmo, sabe assim? Aquela coisa tipo "tô nem aí". E também não sei se é do jornalismo, porque, gente, eu vejo gente... Eu tenho muitas vizinhas com filhos adolescentes, em outros tipos de faculdade, e é um problema da geração, né? [....] Eu não sei o que passa na cabeça [...], se eles estão preocupados com alguma coisa, então... Porque sabe? Você vê o tanto de gente... Depressão que tem, né? Eles tem uma cobrança, mas uma cobrança diferente da nossa, que se cobra muito mais. A competição já está acirrada eu acho... Pra essa nova geração. Eles nasceram competindo, competindo, competindo, competindo... E por isso que eu acho que eles ficam assim, tipo, não se prendem também, porque você tem que, né? Eles já nascem com essa desvantagem, de não ter mercado de trabalho, então por isso assim... Por isso que pulam tanto [...] Eu vejo assim, pela rotatividade [...] Eu vejo pelas outras redações. É uma rotatividade fenomenal. A gente não... A gente pensava. Mesmo solteira a gente tinha um certo cuidado assim... "Não, mas, é... Até de estabilidade". É que a visão de estabilidade deles é muito diferente da nossa. Eu acho que eles querem mais qualidade de vida, coisa que a minha geração já abriu muito a mão pra trabalhar ideal de trabalho.

E quais os pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas?
Eu acho que... Positivo é assim... Que a gente não tinha medo de tentar, né? Um povo que se jogava mesmo. A gente se jogava, a gente ia atrás. Eu acho que é essa coisa de ser pessoas assim... Confiáveis. A maioria da minha geração eu vejo assim... São pessoas que estão, né? Tem isso assim... Mais estabilizados [...] Mesmo assim alguns que mudam, mas assim... Todo mundo... Vê uma Ângela, vê uma Marta, que é da minha geração, né? Uma Inara, uma Daniela Ota... Você vê... É bem a minha geração, né? São praticamente a minha geração. Então todo mundo é meio assim [...] estabilizadinho, né? Aquela vidinha que, bem ou mal, mas estão ali. É... Os pontos negativos é essa necessidade de abraçar o mundo e de ser *workaholic*, sabe? Isso é muito negativo assim da minha geração... A gente se... Sabe assim? Se esforça, se esforça, se joga na pedra mesmo até sangrar, porque todos os que eu conheço da minha geração são assim. Até tua fadiga mental... Abrir mão da qualidade de vida... Deixou de estudar. Muitos deixaram de estudar. Tipo assim, não houve uma... Muito assim... Não fizeram um aperfeiçoamento, tipo assim, eu falo da vida acadêmica, né? Ficaram ali, então assim... Nesse comodismo. É um comodismo de certa maneira. É um comodismo intelectual, você entende?
Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Ah, existe, eu acho que existe, eu acho que ta ficando isso mais claro ainda, aqui dentro mesmo na semana passada foi um exemplo disso aí. Acho que existe sim, porque eu acho que essa nova geração acha a gente acomodada. Tipo assim: "Eu não vou ter uma vida igual a deles", sabe? "Morrendo ali, com pressão alta... Eu não. Eu vou", né? Tipo assim, acha o modo que a gente faz jornalismo antiquado, né? Isso é uma coisa que vai haver sempre, sempre, né? Então assim... Eles, com certeza, eles devem ver a gente dessa maneira assim, como pessoas acomodadas e que fazem esquemas, você entende? Porque existia muito disso. Ou puxa saco de chefe, por isso que a gente está há tanto tempo na nossa profissão. E não é necessariamente isso, sabe? Tem gente que está aí por competência. Não é porque puxa saco de chefe. Eu mesma tive embates assim... Violentíssimos aqui... Por várias vezes, então assim, é duro quando vem a pessoa... A nova geração, que fala assim: "Ah, você é um dinossauro. Você está aí porque você puxa saco", sabe assim?
Mas esses conflitos são de que ordem? Pessoal, profissional, tecnológica, de gênero?
Não... Profissional, profissional. Não é nem pessoal, porque o relacionamento pessoal... Antigamente, que ninguém [...] muito intenso entre os colegas. Hoje em dia não. Hoje em dia é cada um na sua. [...] Porque a gente tinha pessoa assim... É [...] todo mundo sair beber, saia fazer churrasco, sabe assim? As empresas eram assim. Hoje em dia não. Hoje em dia cada um cuida da sua vida.
Mas então o conflito é de ordem profissional?
Profissional.
De como enxerga a profissão...
Sim, exatamente.
Hierarquia...
É, é dessa maneira.
Entendi. Bom, eu terminei todas as perguntas. [...]Agradeço de antemão sua participação e disponibilidade. Você quer fazer alguma consideração sobre o assunto, o tema, completar alguma coisa?
Não, não, porque assim, às vezes eu sou meio confusa nas colocações, você entende? Eu sou melhor escrevendo, então não sei se ficou claro para você.
Fico sim. Você quer fazer alguma observação?

Não, só acho assim, que eu sou uma... Um exemplo... Pessoal falava.. Ah, um exemplo que deu certo... Não sei se me considero assim... Mas assim, não sou tão frustrada... Sou na média, entende? Porque eu sou assim uma pessoa muito otimista, sabe, Elvis? Eu nunca deixei isso... Muitas coisas me abalar, porque eu acho que a gente... Se na tua profissão você não está feliz, você todo o direito de se mudar. Eu, graças a deus, eu fui feliz na minha profissão. Eu acho que fui feliz, sabe? Eu sou exemplo de uma profissional feliz. Eu sou feliz, não me arrependo de nada, né? Talvez assim, de ter saído do meu concurso, sim, porque eu poderia ter um ganho maior hoje, né? E antigamente a gente podia ter dois empregos. Hoje... Principalmente porque o salário sempre foi muito ruim [...] Só que hoje não. Hoje como tem pouca oferta, mal tem como manter o nosso, né? E assim, me entristece assim, porque é uma profissão apaixonante, né? Me entristece ver essa situação, né? Em que a profissão chegou. E eu acho muito importante um trabalho assim, pra mostrar justamente as frustrações... Porque eu acho que é muito mais um trabalho de psicologia do que de jornalismo... Isso já devem ter te falado isso, porque vai muito mais pelo lado psicológico da gente, porque assim, dificilmente alguém para para te ouvir... "O que você acha? Ah, foda-se, não acho nada". A gente não tem tempo, está percebendo? É uma falta de tempo generalizada, então é isso... Eu acho muito importante por isso, pra gente poder, né? É um desabafo mesmo, porque não é uma coisa que a gente faz, que a gente faz no dia a dia, né? Muito difícil.
Rosana, obrigado, você já está convidada para a minha defesa.

Entrevistado: Joel Silva

Data: 02/04/2018 | **Duração:** 01:33:07

Veículo representado: Rádio **| Geração representada:** X

Perfil resumido

Nome completo: Joel Almeida da Silva
Idade: 46 anos
Data de nascimento: 14/06/1971
Local de trabalho: Capital FM – 4 anos
Função: Apresentador
Formação: Jornalismo (Uniderp/2010)
Tempo de carreira no jornalismo: 08 anos (desde a formação em jornalismo)

Perfil completo

Você só usa Joel Silva, né?
É.
Joel Almeida da Silva. A data de hoje é 02/04... Joel, você tem quantos anos?
46.
46 anos. Qual a sua data de nascimento?
14/06/1971.
Hoje você está atuando só no rádio?
Eu sou concursado na TV Educativa e cedido... Na verdade eu faço.... Não precisaria, né? Mas eu faço esporte lá. Eu sou jornalista esportivo, na verdade, então eu faço só o futebol lá.
Na FM...
104,7. FM Educativa.
Jornalista esportivo...
É. E faço jornalismo político na Capital FM.
Na FM 104, né? E jornalismo político, né?
Político, né? Programa político. Talk Show eu acho, na Capital FM.
Na Capital FM...
É... Não enquadraria como jornalismo político porque não é só política que eu faço, né? Entrevistas de saúde e tudo mais, mas é mais focado em política porque é o que sempre está em alta, né?
E a aí a assessoria, né? A consultoria que você diz.
É. Eu faço a consultoria para o deputado Elizeu Dionízio, Deputado Federal, e tenho algumas equipes com outras pessoas, mas aí eu não faço diretamente.
Essa consultoria ela difere, você estava falando, da assessoria...
Ela diferente da assessoria pelo seguinte: que os outros assessores não fiquem chateados, mas eu acho que o assessor faz release, bate foto, né? E eu faço um aconselhamento. "O deputado vai mudar de partido, o que você acha disso?" "Eu acho que tal, tal". É... Um aliado político me pergunta se aquilo ali é legal, quem é o cara... Eu levanto o histórico da pessoa, pra saber se a gente pode caminhar junto ou não, né? Recentemente, recentemente mesmo, hoje ele deixa o PSDB e vai para o PSB aí a gente conversa sobre as pessoas que podem pegar o partido, monta plano de governo pra ele, então...

É como um conselheiro?
Mais ou menos. Um consultor eu diria.
Um consultor em comunicação.
É. Não só em comunicação, aí que está o negócio.
Consultor político.
Político. É. Por isso que eu não coloco como assessoria política.
É, porque assessoria se volta mais às estratégias de comunicação, né?
E atender aos veículos que querem saber dele, né? E eu não.
Mas você também faz esse trabalho? Atende os veículos? Faz release?
Também atendo. Na verdade assim... Tem mais duas pessoas que eu delego para elas fazerem, mas se eu for junto eu faço a foto, faço o texto, eu cuido das redes sociais. Eu prefiro eu fazer as fotos, porque as redes sociais eu cuido na hora. Eu não faço as fotos e volto para o escritório. Eu fiz a foto, a máquina joga para o... Eu já coloco: estou agora num evento tal, tal, e não sei o que. E eu tenho as aspas dele e já coloco aspas sempre e está pronto, então...
E você está com ele há quanto tempo?
Ah, devo estar com ele há 2 anos pra 3.
Na TV Educativa desde quanto?
TV Educativa eu sou do concurso de 2002. Eu sou concursado como operador de áudio. Não sou concursado como jornalista não. Já exerci a função de coordenador de jornalismo e de gerente de rádio também.
Mas pelo concurso é operador de áudio?
É, mas nunca exerci. Eu cheguei e já fui para cuidar do rádio.
Como jornalista esportivo?
É. Lá eu fui jornalista esportivo, lá apresentei programa político, lá apresentei programa musical, então sempre na...
Mas hoje está como jornalista esportivo?
É.
E desde 2012? Desde quando você entrou?
Desde que eu entrei.
Na Capital FM é jornalismo político?
Jornalismo político. Vou para o quarto ano na Capital. Antes eu era da UCDB.
Mas na Capital você está desde 2014?
Eu entrei no começo de 14, exatamente.
E lá você é locutor ou... Qual a sua função específica lá?
Lá eu sou o âncora do programa, do Capital Meio Dia, que é um programa terceirizado. Eu não sou funcionário de lá. O programa é meu lá. Independente.
Então hoje você se divide em todas essas atividades?
É.
E qual a sua rotina? De manhã está onde? A tarde está onde?
Então... O deputado fica aqui de quinta a segunda, então na sexta-feira eu venho para cá de manhã, fecho meu programa junto com minha equipe pela internet e saio daqui onze horas, chego lá onze e meia, aí dou um rápido conversada como entrevistado e entro no ar meio dia. Uma hora termina o meu programa. Tem uma, uma... Quase sempre uma reunião com o dono da rádio, de uma a uma e meia... Sempre alguma coisa da pauta que foi, da pauta que pode ser e aí venho para cá de novo, chego a essa hora.
Super corrido.

É. Hoje, por exemplo, eu atrasei porque o deputado está se desfiliando do partido, eu passei nos dois diretórios para deixar a carta de desfiliação dele, que não é um serviço de comunicação.

Já é consultoria, né?

É. E aqui o que eu vou fazer? Agora vou monitorar... Esqueci de abrir... Mas agora vou monitorar as redes sociais dele, que eu peguei com doze mil, doze mil participações aqui e estou com quarenta e quatro agora. A página dele é essa aqui.. Cuido das duas páginas. Ele tem a página pessoal, né? E a parlamentar.

E você cuida das duas?

Das duas. Da Pessoal e da parlamentar. Quando é algum assunto muito pessoal no inbox eu printo e mando pra ele ou eu mesmo respondo, porque tem a....

Você tem essa liberdade....

É. Aqui o alcance está em quarenta e quatro mil. Quando peguei estava com doze. Em três ou quatro meses a gente conseguiu aumentar.

Qual a sua formação acadêmica?

Jornalismo.

Quando você formou? E onde?

Na Uniderp. Não vou lembrar o ano. Foi em 2002... Porque eu brinco com o Eduardo Romero, que é de uma turma na frente. Nós demoramos 8 anos, né? Então 2002, 3, 4, 5, 6, 7... 8. 2007. Não. Oito eu parei e voltei... 8... 2010.

2010?

2010.

Mas concluiu?

Conclui. Eu parei dois anos e depois voltei.

Tem alguma outra graduação ou só jornalismo?

Eu tenho uma pós-graduação não terminada em jornalismo político na Estácio de Sá. Na primeira turma de jornalismo político de pós em política. Fiz eu, a Graziele Machado...

E quanto tempo você fez?

Eram dois anos e eu acho que fiz oito meses, alguma coisa. Eu achei que estava meio batido assim. Tipo...

Você já dominava o assunto?

É. É. Tanto que no período que eu não terminei, que eu não tinha concluído jornalismo na Uniderp, era o professor Oswaldo Ribeiro que dava aula de rádio-jornalismo na Estácio. E eu que dava aula praticamente, né? Na Estácio. Por que eu já tinha a coisa do rádio e aí ele só.... Tocava.

Jornalismo então você formou em 2010...

2010.

Mas e tempo de carreira?

Então. Tempo de rádio ou tempo de jornalismo?

De jornalismo.

Então... Você, você... Aí que está o problema. Quando eu entrei no rádio, eu entrei para ser operador de áudio. O que faz um operador de áudio? É o cara que solta as matérias, as reportagens e o outro só fala. Começar a falar eu comecei a falar em 2008.

Mas quando você entrou... Isso foi quando?

Eu entrei em 2002 na Rádio Educativa, mas antes eu trabalhei na Rádio Educação Rural com o B de Paula. Antes com o Picarelli, na Rádio Cultura. Eu comecei no rádio em 86, com 14 anos, só que eu não falava. Eu montava matérias.

Então desde 86, no rádio.

Isso.
Mas que você começou a falar...
Deve ter sido 2008, por conta da faculdade, que eu acreditava que eu conseguiria falar e tal.
Mas então de carreira é desde 86 que você considera?
Tem que ser. Eu considero.
Consegue lembrar em quantas empresas você já passou?
De rádio? Comunicação?
Aham.
Então, são duas situações. Eu trabalhei como... Como comunicação de uma empresa de refrigerante, que á Frutilla, foi comunicação também. Isso foi em 2006. Um ano que eu fiquei fora do rádio eu fiz essa comunicação na Frutilla, logo que...
Era da assessoria?
Eu era da comunicação. Era o cara da comunicação. O cara da comunicação fazia o que? Desde carregar as promotoras para vender guaraná a fazer os releases, as fotos, postar no site e tal. Então era assim. Comunicação. Fiquei um ano fora. As empresas que eu passei de comunicação são: Rádio Independente de Aquidauana, Rádio FM América de Aquidauana, aí eu vim para a Rádio Cultura de Campo Grande, aí da Rádio Cultura eu fui para a Rádio Educação Rural... Se falar ainda. Aí da Rádio Educação Rural eu passei no concurso da Rádio Educativa... Sem falar... E aí, como eu vou dizer? Comprei? É... Fiz um contrato com a Rádio UCDB, aonde eu tocaria o jornalismo lá, aí mandavam eu falar... Aí eu comecei a falar. Aí lá eu comecei a falar na Rádio UCDB. Depois da Rádio UCDB eu fui para a.... A rádio me contratou, né? A Rádio Capital me contratou e eu fui pra Rádio Capital.
Depois da Rádio Capital você voltou para a TV Educativa?
Não. Foi paralelamente. Eu nunca me afastei da Educativa, por causa do concurso. Eu nunca deixei de cumprir atividades lá.
E da Rádio Educativo aí você passou então para a assessoria, né?
Na Educativa, depois de entrar na Educativo, eu fui para a UCDB... Continuava na Educativa... E agora para a Rádio Capital. Então hoje eu exerço as três funções: Rádio Capital, Rádio Educativa e Assessoria? Como é que pode estar indo trabalhar na Rádio Educativa? Você vai me perguntar. O futebol é feito quarta a noite, quinta a noite, domingo e sábado. Então a minha carga horária no governo é cumprida nesses horários aí.
Você consegue lembrar as datas? A rádio lá de Aquidauana...
Em Aquidauana, na Rádio Independente, eu entrei em 1986.
Que foi quando você começou mesmo na comunicação, né? Que você era operador?
É. Fiquei lá até 1988. De 88 a 89, um ano só, eu fiquei na FM América, e aí vim pra cá. E devo ter entrado na Rádio Cultura em 92. Mil novecentos e noventa e dois.
Ficou até?
Fiquei na Cultura até o ano que eu casei. Fiquei lá até 1994.
Depois você foi para a Rádio Educação Rural?
Não. Aí foi um período de desempregado que eu fiquei fora do veículo.
De 92 a 94?
Fora do microfone.
Você entrou em 92 na Rádio Cultura e saiu em 94?
Isso.
E aí você ficou esse tempo desempregado, de 94 a?
94 a 98. Cinco, seis, sete, oito... Nossa! Tudo isso!
E você o que nesse período?

Nesse período eu fui tesoureiro do Bordon, do frigorífico. Fui tesoureiro do frigorífico. Trabalhei na comunicação da Frutilla e fui, pasmem senhores, fui auxiliar de uma professora de culinária.
Auxiliar de uma professora de culinária?
É. Tinha uma empresa chamada Forno e Freezer, que vendia microondas e dava aula. E eu era auxiliar da mulher. Não aprendi a cozinhar nada.
Você passou então pela assessoria da Frutilla em 2006?
Isso. Não. Da Frutilla foi em 96.
Tinha me dito em 2006.
Então eu errei.
96
É, quando entro em 2002 na Educativa para tudo, porque aí eu entro como concursado, né?
Depois desse período que você trabalhou em outras atividades, você conseguiu voltar para a Rádio Educação Rural?
Foi. E aí saí da da Educação Rural por conta do concurso.
A Educação Rural você entrou então em 96.
Noventa e seis. É.
E saiu para o concurso que você assumiu em?
Em 2002.
Bom, acho que conseguimos traçar uma linha do tempo.
É, que também não é fácil não. Faz horas.
É. Tem muita coisa, né? Você consegue lembrar os motivos dessas saídas?
Todos.
O que foi na...
Rádio Independente de Aquidauana: meu sonho era trabalhar na FM. A Rádio Independente era AM, inaugurou a FM, aí eu quis ir para FM. FM praticamente era o topo, né? Em Aquidauana, como operador de áudio que nunca iria falar, porque não tinha voz pra falar. Pra falar eu achava que tinha que ter aquela voz... Como não tinha então.. "Nunca vai dar". Aí eu queria vir para Campo Grande, pra ser operador de áudio do Picarelli, na Rádio Cultura. Vim e fiz... E entrei. Porque eu saí da Rádio Cultura? Porque eu casei e minha mulher trabalhava lá também.
Mas antes disso teve a Rádio América...
Não. Foi esse um ano. A FM América.
Ah, ta. É que teve a de Aquidauana...
São duas de Aquidauana. A Independente e a América.
Aham, mas porque você saiu da Independente?
Porque eu passei num teste para FM.
Que era a América?
É... E a Independente era uma AM.
Entendi.
Então eu quis ir para a FM.
Ah, sim, aí depois você veio para cá porque queria trabalhar com o Picarelli.
É. Mudei para cá por causa disso.
E por que com o Picarelli?
Porque lá em Aquidauana a gente não tinha muito acesso a... Era um clima diferente. Não tinha internet, não existia internet. Então o que eu tinha de comunicação, de referência em comunicação, era TV Globo ou era o SBT. E no SBT tinha um cara que fazia uma

programa de TV e Rádio, que era o Picarelli, então eu queria sair do interior e vir pra Capital. Vindo pra Capital eu queria conhecer o que era, teoricamente, a referência.
Entendi. Aí depois você teve esse período que você ficou desempregado...
Não. Eu saí da AM e fui para o Picarelli.
Não. Depois do Picarelli...
Por que eu sai do Picarelli? Por que eu saí da Cultura?
É. Isso.
Porque a minha mulher trabalhava lá e eu ia casar com ela. Eu entendia que, trabalhando no mesmo lugar com uma pessoa, qualquer... Entreveiro que ela tivesse com alguém eu pra cima do cara, da pessoa, ou vice e versa, aí eu saí pra ficar desempregado, pra procurar outra atividade.
No caso, você trabalhava com a sua esposa?
É.
Mas ela é jornalista?
Não era na época. Na época ela era produtora do Picarelli.
Ah, entendi.
Hoje ela é.
Mas você saiu por conta disso, ficou esse período fora...
Aham, aí Frutilla, Bordon...
Por que você saiu da Frutilla? Vamos focar nas empresa de comunicação.
Na Frutilla me mandaram embora. Os caras não gostaram do serviço, acharam que não estava legal, fizeram um corte e eu estava dentro. Até foi eu... Uso esse exemplo. O cara que me chamou do RH falou assim... Eu achei que era brincadeira dele... Depois eu encontrei com ele por baixo eu por cima... Aí ele falou assim: "Joel, nós estamos é..." Ele usou esse termo... "Nós estamos decolando e você foi degolado". Eu falei: "Tá, mas o que você quer dizer com isso?" "Não, que você não interessa mais pra empresa". E era um cara que eu conversa com ele, eu batia papo... Ele me chamou e me mandou embora simplesmente.
Aí depois teve a Rádio Educação Rural...
Foi.
E você saiu por que?
Porque eu passei no concurso.
Na Rádio da UCDB você saiu por qual motivo?
Na Rádio UCDB eu fazia de manhã lá, no período da manhã, aqui em Campo Grande, o programa referência no radiojornalismo... Chegou agora a Globo e chegou a CBN... Antes disso... E é ainda, na minha opinião, é um programa chamado Tribuna Livre. Quando eu vou pra Radio UCDB eu entro em um programa que começa a bater no Tribuna Livre. A audiência minha era maior, tanto que o Tribuna Livre, ao invés de começar às 7h, ele passou a começar 6h45, porque eu comecei um modelo diferente de rádio. Comecei um modelo em que o rádio não era mais o... "Em Campo Grande são sete horas e quinze minutos. Sete e quinze. O governador disse que não sei o que, não sei o que. Fulano de tal disse que não sei das quantas, não sei o que". "Eu comecei com um programa que falava: "Óh, estamos chegando aqui no programa de rádio agora pra saber como é que está questão do prefeito..."
Linguagem mais informal?
Mudou. Linguagem informal, que depois veio a ser, não por mim, evidentemente, mas que passou na televisão também. Na Globo o cara fazia sentadinho. Hoje ele levanta e vai conversar com a Maju... Então a gente, no rádio, meio que começou isso aqui. E aí esse

programa começou a tomar a audiência do Tribuna. Aí o dono da Rádio Capital me chamou. Aliás, antes disso, o Tribuna que começava junto comigo às 7h da manhã, passou a começar quinze para às 7h, pra tentar pegar essa minha audiência. Não deu mesmo assim, aí o dono da rádio me chamou. Falou: "Ah, você não quer vir pra cá trabalhar com a gente? Você mata dois programas. Você para de me enche o saco às 7h e a gente abre um campo meio dia, porque a Rádio Cidade tem um programa e a Capital não tem".

A audiência te....

A audiência me levou. Aí eu chego com a Rádio Cidade tendo, no horário, 7% de audiência, eu chego, já estreio com 12%. Aí hoje, a pesquisa saiu hoje, exatamente hoje, não foi publicada ainda, mas quando você for falar vai ter sido, e eu estou com 25% de audiência contra os mesmos 7%, 8% da Rádio Cidade.

A concorrência então viu o potencial e acabou te levando.

É. Acabou me levando pra lá. O contrato que eu tenho é um contrato diferenciado com a Rádio hoje, né? Hoje eu não sou contratado da rádio. Eu tenho um contrato de locação do horário. Metade do que eu faturo é da rádio e metade do rádio fatura é meio a meio, neste horário.

A sua carreira na comunicação começou desde 86. Você tinha quantos anos na época?

14.

E como você entrou?

Essa parte é ruim, porque eu ouvia a rádio em Aquidauana e lá não tocava Menudo e eu queria saber porque é que não tocava Menudo, certo? Aí o cara falou: "Porque aqui não tem o disco". Falei: "Tá, mas seu comprar o disco e levar aí vai tocar". Ai o cara falou: "Se você trouxer o disco aqui, vai tocar". Aí eu ia lá levar o disco. Aí eu ia lá, chegava pra tocar o disco, tocava o disco, eu ia embora. Aí como eu ia quase todo dia, porque todo dia tinha que tocar Menudo (...) aí o cara falou: "Você não quer trabalhar aqui e atender telefone?" Eu falei: "Ah, eu quero atender telefone". Ele falou: "Então beleza. Não tem como te pagar, mas a gente tem contrato com uma loja (...) e lá você pega umas duas camisetas por semana, para pra você..." Falei: "tá ótimo". E aí eu comecei a atender o telefone pra rádio em troca das camisetas e ia olhar o cara tocar música. Falei: "Queria aprender esse negócio". O cara falou: "Vai aprender, sem compromisso nenhum". Aí aprendi e me colocaram na música e eu virei operador de áudio.

Você nasceu lá?

Eu nasci em Aquidauana.

Valores profissionais

Agora vou entrar em uma parte sobre seus valores profissionais, então tem algumas perguntas e eu preciso que você responda todas elas. Se não souber, aí me fala. A primeira delas é: O que é ser jornalista para você, Joel?

Cara, é uma pergunta bastante complexa, né? O que é ser? O que eu esperava ser? Hoje, pra mim, o que é ser, é você conseguir... E eu faço muito diferente. Eu acho que hoje é você conseguir informar da maneira mais isenta, mas... É muito complexa essa pergunta. O que é ser jornalista? Eu vou dizer: É informar da maneira mais isenta possível. Beleza. Quantos você conhece? Na boa? Não sei. Eu procuro fazer isso. Até quando você faz isso? Até a hora que o dono do veículo falar que isso não pode ser feito. Eu acho que trabalho hoje no lugar mais possível de de se fazer isso. Hoje eu levo programa a todo mundo. Eu falo sobre todos os assuntos. Hoje, por exemplo, eu critiquei o Tribunal de Justiça, que na minha opinião faz um desserviço quando diz: "O fulano de tal teve as suas contas bloqueadas". Amanhã desbloqueou. Ah, peraí, você bloqueou, você causou um prejuízo político

monstruoso e hoje é mentirinha? Meu comentário foi em cima exatamente disso, então pra mim o que é o jornalismo? É fazer isso. É poder mostrar que as coisas não só da maneira como o Tribunal de Justiça quer, como Ministério Público quer, como o partido tal quer, como o governador quer. É mostrar como... Resumindo? Jornalismo, hoje, é mostrar a verdade. É possível de fazer? Não. Você faz isso? Me aproximo do máximo. E se alguém disser que você não pode fazer por esse ou por "N" motivos? Eu acato. Eu dou um migué, entendeu? Eu procuro dar o tiro no mais longe possível, que é para fazer o maior estrago. Se eu tiver que voltar amanhã e retaliar, pelo menos o cara fala: "Ah, mas ele falou lá que era verdade". Hoje tá... Alguém mandou falar...

E por que você decidiu ser jornalista?

Então, na verdade, eu não decidi ser jornalista. Eu decidi que eu deveria fazer comunicação. Não existe um curso... O curso chama comunicação. Mas não tem um curso de comunicação. O curso é jornalismo ou publicidade, né?

Comunicação Social, com habilitação em jornalismo.

E a outra habilitação é no que? Em publicidade? Não tem. Só tem as duas.

Tem em publicidade também.

Então, mas o que a gente fala é a comunicação social, que é o jornalismo, então assim para poder retratar o que acontece, é o jornalismo, né? E quando eu me aproximo daquilo que eu estava fazendo, que é o rádio, que é a comunicação, o curso mais próximo do que eu queria fazer, era o jornalismo.

Mas você decidiu fazer por uma exigência do sindicato que estava em cima de profissionais que não eram formados ou por vontade pessoa?

Não. Nunca me preocupou o sindicato. Nunca me preocupou a maneira como é feito. Nunca me preocupou é... Assim... Pode ser até de certa forma errada, mas eu nunca me preocupei com a maneira com que as pessoas conduziam. Eu não sei... Tanto que quando eu montei o primeiro projeto de conceber o jornalismo que eu acho que deveria ser no rádio, é... A pessoas que era responsável por isso dentro do governo à época, pegou o meu projeto, falou que eu poderia fazer como teste durante um mês. Eu fiz, juntou todo mundo com a gravação que eu fiz durante esse mês... Juntou todo mundo dentro do auditório da TV... Eu falo TV, mas é TV e rádio... TV Educativa.... E aí ele reproduziu isso como exemplo do que não era para ser feito, que aquilo que eu estava fazendo não era jornalismo. Jornalismo era uma coisa mais séria. Aquilo não era maneira de entrar na casa das pessoas, porque eu fazia com... Na forma de deboche e tudo mais, aí acho que uns seis meses depois essa pessoa saiu, montou a rádio dele e fez o primeiro programa desse jeito. Daí você diz assim: Mas roubou a tua ideia? Não. Eu acho que era uma tendência que vinha e eu descobri antes. E assim como várias outras tendências... Não é que eu descobri antes. Sempre ouvi rádio de fora, jornalismo de fora.... Hoje não mais, porque a gente tem a Globo e CBN aqui, né? Mas eu sempre ouvia a Bandeirantes, a Jovem Pan, e sempre procurei trazer isso.

Mas você decidiu ser jornalista então para complementar o que você já fazia?

É.

Era a formação mais próxima...

É. E como eu estava na mesa de áudio, fazendo rádio e eu via que muito do que eu queria, do que eu acho que deveria ser passados, os jornalistas, que na verdade são locutores, apresentadores, âncoras, não conseguiam fazer, eu falei: "pô, então vou buscar especialização. Vou pra faculdade pra poder vim mais que os caras, né?". E aí vim fazendo o que eu queria fazer. Só que meus espaços são sempre independentes. Eu procuro espaço independente.

Você se sente realizado como jornalista?

Como jornalista?
Porque você é jornalista.
Sim. Como jornalista, hoje, eu acho... Rapaz, é a primeira vez que vou falar isso. Mas eu acho que já deu. Eu já... Já tô... Meu programa hoje tem duas pessoas apresentando comigo, o Silvio Mori e Anahi Gurgel. Eu sempre apresentei sozinho. Por que estou apresentando com duas pessoas hoje? Porque eu tô afim de passar o bastão para essas pessoas e deixar... Eu quero ser apenas um comentarista, alguém que, o programa ta rodando, e eu venho, vou dar minha opinião. Tô deixando isso já... Eu preparo a minha saída do radiojornalismo.
É mesmo? Por que?
Porque eu acho que já deu. O que eu queria como radiojornalista? Como jornalista? É... Eu nunca vou trabalhar aí... Vou pegar as referências, tá? Eu não vou trabalhar na TV Globo, na TV Morena, certo?
Por que?
Eu sou concursado no estado e eu não vou me submeter a aguentar o tipo de coisa que precisa fazer. A uma rotina de um chefe de redação falar: "Ah, você vai..." Não vou! Tchau! Não vai dar dar. Já coloquei na minha cabeça que eu não vou. Eu não vou trabalhar no... Peguei a referência da TV. Eu não vou trabalhar no Correio do Estado? Por que? Eu não vou acordar 5h da manhã, no domingo, pra ir cumprir plantão mais. Eu sou concursado da TV, do governo do estado, certo? E os programas independentes que eu tenho, financeiramente eles me fazer... Me suprem as necessidade, entendeu? Eu tenho uma única filha, que faz odonto, que nunca quis saber de jornalismo, que nunca sequer perguntou pra mim como é entrevistar o Lula, que é uma das perguntas que eu mais respondo: Como é entrevistar o Lula, né? Eu cismei um dia que iria entrevistar o Lula. Mandei minha produção entrar em contato com o Lula e ele entrou em contato com a gente (...) no final do ano passado, né? Já havia entrevistado, sei lá, acho que todo mundo que eu queria entrevistar. Ah, você sentiria emocionado hoje de entrevistar o Temer? Não. Eu acho que o Lula é maior que o Temer na história.
Já entrevistou o Temer?
Só entrevista é... Com o Lula eu fiz a entrevista no programa inteiro. O Temer eu fiz perguntas com todo mundo, coletiva e tal, não parei pra entrevistar. Não sei se eu teria... Eu acho que a história vai passar e o Lula vai ter uma página. O Temer deve ter alguns parágrafos. Então é como se eu já tivesse..... Sabe o cara que já jogou na Seleção Brasileira? Eu acho que sou esse cara. Eu quero partir para um programa de entretenimento, de musical, de ouvir pessoas, talvez só no domingo e tal e cumprir esse papel, de consultor, assessor, sei lá o que.
Mas você se sente realizado como jornalista?
No radiojornalismo sim. Como jornalista sim.
Por ter passado por essas experiências?
É. Hoje eu trabalho com dois bons jornalistas que me veem como referência, então meu sonho o que era? Era isso. Era que as pessoas falassem: Poxa, que legal... E assim.. Às vezes eu estou perguntando aqui, ou fazendo um editorial, e a minha visão periférica está aqui na Anahi e tá no Silvio Mori. Então é isso. Ah, mas por que você quer parar? Porque a rotina já me quebrou. Meu programa é do meio dia a uma. Você sabe o que é um programa do meio dia a uma? É você não almoçar. É você não... Não viajar, porque é de segunda à sexta, né? "Ah, tem um evento em Brasília". Não posso, porque sou eu que apresento. Então quando eu coloco esses dois e vejo que está rodando, eu acho que (...) Ah, quero parar amanhã? Não. O que você acha que você deve ter? Eu acho que devo ir até

dezembro? Aí eu quero almoçar, eu quero acordar com uma rotina normal. Quer ir para o escritório? Talvez, mas que seja meu. Não dá, não quero mais.
Por que? A rotina que tem hoje você não considera normal?
Não. Dez e meia... Dez e meia. Vai começar o programa daqui a pouco e não sei o que... E edito...
Você estava falando da sua rotina.
É, então... É... Não tenho almoço, não tenho.... Porque é bem no meio do dia. E eu não vou para o horário da manhã, porque eu estou na rádio que é líder de audiência hoje, certo? Se eu for para uma outra rádio, vai ser uma rádio que vai ter que começar tudo... A construir... Num horário que é consolidado pela Rádio Capital com as pessoas que eu gosto, eu conheço. Não vou entrar numa guerra.
Então, pelo que estou entendendo, você quer parar por conta da rotina, mas sente realizado porque já passou por várias coisas dentro da profissão...
É, acho que dá para eu fazer isso... A política me fascinou bastante. Eu quero entrar nessa parte de consultoria mesmo, de montar as pregações e trabalhar isso aí. O *hard news* me cansou.
E o que o jornalismo representa na sua vida?
Então, aí você vai falar: "Que contradição". Se vai falar que representa tudo e você quer parar, né? Mas foi... Tudo, né? Eu faço... Eu vi o jornalismo 24 horas por dia. Eu, antes de dormir, eu coloco nos programas do YouTube pra saber o que teve no G1, na Globo News, o que teve na Band News, os programas esportivos tudo.... Eu durmo ouvindo debate e acordo e já ligo de novo. Então o que o jornalismo representa? Representa tudo. Mas você quer (...) Eu quero consumir jornalismo. Não quero vender jornalismo mais. Pra mim é importante? É. O meu entretenimento é jornalismo. Domingo, você quer assistir o que? Vou no YouTube procurar a queda do voo da Tam, que eu não me lembro direito como foi. Ah, poxa, quero ouvir a caixa preta, quero não sei o que. Ta, beleza. Não é só isso. Eu me lembrei da Copa de 94. Como é que foi mesmo? Poxa, eu vou procurar no YouTube aqui e... Então eu consumo informação direto.
Então representa tudo para você?
Tudo.
Você já passo por várias empresas...
Sempre no rádio.
Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?
Ao emprego? Ao prefixo? Ao veículo?
Ao emprego. Ao veículo.
É. Eu acho que é super importante.
Por que você considera importante?
Olha, eu acho que a fidelidade, a relação de confiança e de fidelidade, eu acho que ela é importante em todos os aspectos. Eu tenho um time de futebol. Só um. Não tenho dois. Eu sou casado com a mesma pessoa há 25 anos. Eu, embora seja duas rádios, uma é por conta de concurso, é uma emissora pública, é uma emissora educativa, né? E eu da Rádio Capital.... Por exemplo, recebi um convite agora que a CBN está fazendo uma roda de jornalistas. Eu não vou, porque eu sou da Capital. As minhas opiniões, no Face, no blog, eu procuro tomar cuidado se elas não vão contra o veículo que estou, mesmo não tendo esse pedido. Então assim... A fidelidade do jornalismo eu acho que é tudo. Se tiver um furo jornalístico, por exemplo, eu vou levar para lá, entendeu?
Então você considera importante?

Eu acho que é super importante. Não trabalharia que não é fiel ao veículo, embora a minha repórter trabalha no Campo Grande News e o meu repórter no outro site também. Mas é um site. Não é uma rádio.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Ah, os valores profissionais... Eu acho que a gente tem que ter verdade em tudo, sabe? Não dá para você... Tem uma propaganda da Folha de São Paulo, antiga, que vai dizendo: "Este homem elevou o PIB de um país. Este homem colocou o país em primeiro... Até montar o rosto do Hitler". Aí a Folha fala: "É possível dizer um monte de mentiras só com a verdade, uma coisa assim". Eu acho que não. Eu acho que a verdade tem que ser dita mesmo. Não construiria a imagem de um político, por exemplo, que eu não acreditasse, entendeu? Não abriria o rádio com uma manchete que fosse pra dar audiência pra: "Ah, mas era isso?" Não. Tanto que as minhas perguntas, com os meus entrevistados, vão direto ao assunto. "Deputado, você vai ou não ser candidato a reeleição?" Não é por último. Não gosto dos enrolados, porque eu acho que posso prender de outra forma, entendeu? Então pra mim... Os meus valores são principalmente esse: verdade. Não tem mentira, nem atalhos para isso. A verdade, a fidelidade ao veículo que você está, ouvir sempre os dois lados, tanto que eu não vou fazer uma... Vai ter uma caminhada para prisão do Lula ou coisa assim, aí pediram pra ir lá... As pessoas querem convidar para caminhada e pediram pra ir as que querem defender o Lula. Antes eu faria o seguinte: vou levar os dois e ouvir os dois. Eu acho que não, que vai dar uma briga e acaba não ouvindo ninguém neste caso, porque seriam propagandas de eventos, então não sei... Neste caso, pode ser meio contraditório com a questão de ouvir os dois lados, né? Mas no caso deste é melhor não ouvir ninguém.

Então os principais valores que você considera são? Verdade, fidelidade...

E o... Levar a sério, né? O profissionalismo. Fazer o melhor possível sempre.

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Então, eu acho que... Pra mim foi. Eu poderia estar no mesmo lugar. Aliás, aliás, é... O meu concurso é um concurso de cargo técnico, não é um concurso acadêmico. Não é um concurso... Não é nem de terceiro grau. É só de operador de áudio. Aonde eu estou hoje eu estaria sem a faculdade, só que me ensinou muita coisa. Então é meio contraditório isso eu dizer assim... Se é determinante? Não. O Sérgio Cruz, que você vai entrevistar, por exemplo, não é formado em jornalismo e pra mim é um cara das opiniões mais fortes que tem. Foi dono de jornal impresso. É dono de site. Ele é a pauta política do estado hoje. Por outro lado, tem profissionais que eu vejo que se tivessem passados por uma formação acadêmico, por mais falta de caráter que tem, alguma coisa teria aprendido, né? E a gente vê que não é. Então eu acho que não é determinante. É muito da pessoa eu acho, mas só que aí eu vou na contramão, né? Você operaria com um médico que não...? Não! Se não tem diploma? Eu não! Entendeu? Então eu acho que tem que ter. Tem que ter diploma.

Mas é determinante para a qualidade?

Para a qualidade não.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

Sobre o entendimento da profissão? Eu vou me lembrar do meu professor de... Não de ética, mas de teoria da comunicação, o Jacir Zanatta, que inclusive foi responsável por eu ter quase desistido do curso nos primeiros... Na primeira semana.

É mesmo?

É. Quase desisti por conta dele.

Por que?

Porque eu venho de formação adventista e eu não estudaria na sexta-feira à noite. Aí eu falei para ele, expliquei e ele falou: "Não tem problema, desde que eu te passe seis livros por semana e segunda-feira eu cobre eles ou não". Aí eu topei o desafio, aprendi a ler demais, né? Li muito. E ele nunca pediu um livro daquele. Mas dava para ter desisto no meio. Pô, eu li o "O universo numa casca de noz", do Stephen Hawking. Pelo amor de Deus, pra que eu vou ler Física Quântica? Mais li. Nem tinha nada a ver. Então eu acho que... A pergunta é?
Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?
Isso de ter que estudar, de ter que estar antenado. Acho os principais valores são esses, de ter que estar antenado, de ser ético. Acho que a ética se aprende na academia sim. Você aprende, porque fica muito aquilo na, na... Aquilo é embutido, né? Embora eu acho que o curso tinha que ter dois anos, mas eu acho que coloca muito...
Você acha que tinha que ter dois anos?
Acho que tinha que ter dois anos.
Por que?
No meu caso, um monte de aula eu já sabia fazer, né? Eu acho que a maioria das situações. Ou ele tinha que ser... E assim... O curso hoje... Por que tinha que ter dois anos? Dois anos intensos. Você não tem uma grade cheia hoje quase nenhum dia. Pelo menos na Uniderp eu não tinha. Eu tinha duas aulas na sexta-feira. Eu tinha intervalos durante a semana, de quatro aulas, três aulas. Eu acho que dois anos, com aula começando às 18h, e terminando às 22h40, era legal. E com uma sérias de matéria que pra mim... Eram cursos técnicos. Eu não deveria ter aprendido Corel na faculdade. Eu já sabia.
Mas você diz isso não é porque já vem de uma experiência em redação?
Então, mas eu acho que tem que ter alguns pré-requisitos? "Você vai entrar na faculdade?" "Vou". "Você fez é..." Não sei qual o nome que se dá hoje. Na minha época era informática básica. "Vamos lá... Você sabe usar o Corel, sabe usar..." "Não, não sei". "Então você vai aprender lá. Paga teu curso e vem". Como pré-requisito. Porque na faculdade você não aprende isso. Você não aprende editar. Hoje não é nem o PageMaker mais que edita.
Indesign.
É. Mas o PageMaker, por exemplo... Eu ia lá para faculdade, na sexta-feira à noite e tinha um professor para... A Uniderp estava de vento em polpa naquela época.... Pra 20. Você não aprendi ali. Você tinha que pagar um curso fora, mas aquilo preenchia a sua grade e levava pra frente, né? O tempo todo. Está entendendo? Então são vários cursos que eu acho que não eram necessários. Fotografia, por exemplo, você aprende fotografia na faculdade? É difícil. Eu acho que você tinha que ter uma noção básica disso, mas é uma opinião.
Informação é um direito do cidadão ou mercadoria e produto jornalístico?
Informação... Poxa, essa pergunta é complicada, hein? Nunca tinha pensado por esse prisma. Acho que são as duas coisas, mas tem que escolher uma? Não, eu acho que é um direito do cidadão.
Não. Você dizer o que pensa.
Não. É um direito do cidadão. A informação é um direito seu. Até hoje e assim... Eu me contradizo, se a palavra existe, muito com relação a quando o Ministério Público diz: "O Joel Silva é suspeito de tal coisa". Isso é uma informação. Eu sou suspeito de tal coisa. Lá na ponta o cara entende assim... Que eu sou culpado disso. Amanhã o mesmo Ministério Público me inocenta, certo? Quem é que paga esse preço? A informação é um direito daquela pessoa ter? Ela teve a informação, só que ninguém repara esse dano, então eu entro nessa contradição quando eu fico bravo com o Ministério Público ou com o Tribunal de

Justiça, que diz: "Nelsinho tem seus bens bloqueados". "Pô, é bandido, não voto nele". Amanhã: "Os bens de Nelsinho são liberados porque ele provocou que não sei o que". Você vê como é que é esquisito? Eu não tive a informação? Será que não dava pra ter guardado essa informação até ela ser apurada mesmo? Então... A informação é um direito. É um direito.

A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

É.

Por que?

Da empresa que eu vou trabalhar?

Sim.

É. Com certeza. Eu trabalho na Rádio Capital. Quando eu fui na Rádio Capital eu sabia que era uma Rádio que me dava liberdade, que é uma rádio que não faz corredor. O que é corredor? É quando você entrevista um deputado, você tem que levar lá na sala do dono para ele pedir alguma coisa. Eu não trabalho com isso. E são poucos os veículos que não trabalham assim. Se você está em determinado jornal e você vai entrevistar um político grande, você tem que levar ele na sala do chefe, você ter uma disfarçada e sair, porque o cara vai pedir alguma coisa pra ele. Então, pra eu trabalhar em um lugar, eu preciso saber se esse lugar é assim ou não. Eu não trabalho em um lugar que seja dessa forma. "Ah, porque você é bom?" Não, porque eu tenho meu concurso também, né? Vai saber se eu não tivesse o concurso, como é que seria a minha vida. Todas as seguranças que eu tenho, a ética e tal, talvez, talvez, fossem diferentes se eu tivesse que trabalhar de qualquer forma naquele veículo. Como eu posso dizer: "não, eu sou independente..." Muito fácil pra mim, né? Final do mês, no dia primeiro do mês, eu tenho o pagamento na minha conta. Se eu brigar com o mundo, eu tenho o concurso. Agora, e o outro jornalista? O cara que trabalha no jornal Diário do Pantanal, pegar o jornal que já morreu... Se o teu chefe mandar você entrevistar o cara e depois levar na sala dele, você vai levar na sala dele, você precisa daquele emprego. Então, pra mim, uma pergunta direcionada, pra mim é importante.

É determinante?

É determinante. Eu não trabalho aonde eu não confio, onde eu não tenho confiança.

Você falou de reputação. Mas e projeção? O alcance que essa empresa pode te dar. É determinante para a escolha do trabalho?

É uma outra situação. O que é...Você diz pra mim? (...)

Pra você.

Pra mim não. Pra mim é determinante ela ser uma empresa ética. Se ela vai me projetar de uma maneira positiva pra mim, mas usando meios que não são legais, eu não quero. "Você quer ir pra Globo e apresentar o BBB?" "Não. Não gosto. Acho porcaria. Não quero". Eu quero apresentar o Globo Esporte, entendeu?

Então a projeção pra você não é determinante. A reputação sim.

A reputação sim.

Valores pessoais

Joel, o que é qualidade de vida para você?

Qualidade de vida. Sabe que um dia eu já me perguntei isso? Pra mim, eu sou meio avesso a um monte de coisa, né? Eu gosto de estar no campo de futebol tomando chuva na hora que estou transmitindo o jogo, mas se for em num conflito dos sem-terra, por exemplo, nem pensar, porque tem muita poeira, muita... Então qualidade de vida pra mim hoje é poder acordar na hora que eu quero, poder assistir aos programas que eu quero e não... E evidentemente ganhar bem, né? Ter uma remuneração boa, que me permita a ter umas...

Hoje, segunda-feira, tomar chope com os amigos e amanhã não precisar acordar 4h da manhã. É... Não me preocupar se tem uma conta vencendo e eu vou ter dinheiro ou não. Qualidade de vida pra mim hoje é ter uma condição financeira boa e estar bem fisicamente, de saúde e tal.

E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?

É possível, uma coisa que eu brinco sempre, que todo mundo que você vai entrevistar fala assim: "Deixe um conselho"... O cara "não, não mexe com jornalismo não", tanto que minha filha não faz porque ela não quis. Eu acho que o bom jornalista ganha bem, se coloca em ótimas situações, mas depende muito da postura. A gente tem muitos jornalistas que falam assim: "Pô, fulano é um bom jornalista, mas você vê né, cara? Não tem um emprego bom, mas também bebe pra caramba". Os caras não respeitam aquele cara, entendeu? Então é possível sim. Eu me dou ao respeito. Se o meu chefe faz uma festa e tem bebida a rodo eu não sou o cara que vai cair. Sou o cara que vai (...) lá, tomar a minha... Meu vinho ou minha cerveja, o que quiser ou que eu tenha, mas sem ser alguém que não se valoriza. Você tem que se valorizar, né? Para poder ter essa... Então é possível, sim, tanto que você tem bons jornalistas que ganham bem no rádio e tem quebrado no rádio. Você tem gente que apresenta programas na TV e que não são bem financeiramente como o cara que tem o jornal dele impresso e menor. Mas é possível, sim.

Você acredita que isso está relacionado ao cargo que esse jornalista exerce?

Não. Eu acredito que está relacionado muito à postura, porque o cargo você conquista com a postura que você tem.

Como assim postura?

Vou pegar o exemplo da rádio, da rádio que eu tô. Eu vou entrevistar o deputado fulano de tal. Eu entrevisto com ética, com transparência, a entrevista fica boa. Beleza. O dono do veículo acha que aquilo lá esta legal, tá valendo. Amanhã tem uma chance de você ter um programa seu, que você vai dar, por conta da sua postura. Amanhã tem uma chance de você ir... Já fui convidado e não aceitei... De você ser o chefe de redação, por causa da sua postura, do jeito que você vai... Você está tendo projeção, está ganhando mais, está galgando degraus, né? Se você é um cara com o mesmo talento, mas é um cara de porta de boteco, é um cara que o deputado está lá e você fala pra ele: "Óh, deputado, não tem como você me arrumar tal coisa aqui?" O dono da rádio sabe, te barra, você não sobe, não cresce. É postura sua. A mesma coisa na televisão. Se você não se veste legal, se você não faz a barba, se você é... É a sua conduta que te faz crescer. Mais do que o talento? Mais do que o talento, porque nós temos pessoas hoje com boa postura, com inteligência emocional, em situações melhores do que aquele gênio que não se porta bem, que não se coloca bem.

Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?

Então, tem que fazer duas análises, né? Que é aquilo que eu falo desde o começo. Tenho o concurso? Tenho. Por conta do concurso o salário não é tão determinante, mas a primeira coisa determinante é a credibilidade dessa empresa, certo? O salário ele é determinante pra eu ficar se ele me satisfazer. Ele só não é o número um por conta disso. Se a empresa não é uma empresa boa e ela me paga um excelente salário, não vou ficar nela. Mas entre... Se tiver igualdade de condições eu vou para a que me paga mais, com certeza, desde que ela não fira nenhuma das minhas convicções.

É determinante então você receber uma proposta melhor?

Se eu recebesse uma proposta melhor hoje, do que eu tenho lá, mesmo que seja.. Estou dizendo pra você "ah, eu já tenho o que queria e tal, tal..." Eu acho que ia rever isso aí. Então é determinante deste ponto é sim.

A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?

Hoje é, com certeza. Eu posso dizer pra você que eu olho para os outros salários e falo: "poxa, eu acho que o que eu ganho é o que eu posso ter". Se eu posso ganhar mais? Posso, se eu é... Trocar algumas coisas, sim. Se eu ficar duas horas na rádio. Eu só fico uma, né? Eu posso ganhar mais lá, só que aí já impacta na minha qualidade de vida, né? Essa correria que eu tenho, ela é uma correria programada e não é nada que eu faça que eu não queira fazer. Eu posso, por exemplo, deixar de assessorar, de... O deputado, por exemplo. De dar essa consultoria para ele e na rádio ganhar um pouco mais, só que daí eu fico preso só à rádio. Hoje eu posso sair daqui e ficar só lá, então assim... Num lugar só você não consegue isso daí.

Você considera que tem qualidade de vida?

Ah, considero que eu tenho o que eu queria ter. Hoje eu sou satisfeito com o que eu tenho. Ah, você parou de querer mais? Não. Nunca, né? Mas hoje eu acho que me satisfaz. Se eu tivesse que estar em algum lugar eu queria estar no meu lugar.

Mas no início você disse que está querendo parar justamente por conta da rotina.

É, mas isso não impacta tipo... Eu não vou ficar parado, né? Eu não vou parar. É o que eu falei: eu quero programa musical, que vai me deixar mais leve e tudo mais, entendeu? Não parar e nem o que... Tanto que eu digo.... Se eu tivesse uma proposta melhor? Eu reveria e continuaria tocando.

Então você quer parar não porque não tem qualidade de vida?

É, não, não, não. Porque eu acho que os objetivos no radiojornalismo eles chegaram. Quem sabe um programa de TV. Por que não? Que programa você quer? Programa esportivo, programa musical. Eu fiz um projeto de um programa de Rock'n Roll, que é o que eu gosto de fazer, e que na hora só não foi aprovado por questões políticas, mas estava pronto. Gravei na Morada dos Baís, foi uma banda de rock, tal, tal. Que é o que eu gosto de fazer. Nem parece, né? Porque eu gosto é de rock, é de blues, sou fã do Doors e tudo mais.

Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?

Isso vai na contramão um pouco na questão da qualidade de vida. A única coisa que me tira a qualidade de vida, a única que me irrita, que me chateia, que me faz querer parar, se for parar, é a questão do tempo. É... Do tempo no jornal, de você querer ir para uma entrevista e ter que ir para o boco comercial 12h20 e para o outro bloco 12h40 e cinco para uma você tem que estar preocupado em... É estressante. É o tempo... No que eu faço ele me estressa. Essa parte técnica do tempo. Não o meu tempo, mas o tempo de... A rotina da uma hora ali, pra fazer aquilo tudo em uma hora, pra seguir o cronograma, isso me mata, a ponto de ter dias de eu terminar realmente esgotado e falar: "putz, vou pra casa hoje porque não aguento fazer nada".

E como você lida com essa pressão?

Muito mal. Isso acaba com o meu humor aí nós vamos para a parte da não-qualidade de vida. Isso acaba com meu humor. Isso me deixa mal-humorado. Detesto. A entrevista ter que terminar e eu achar que não era hora ainda e agora a Rádio Capital é do sistema Globo de rádio também... É uma pressão na questão do horário também. É a única coisa que acaba com o meu... Talvez seja essa a... Porque eu não tinha pensado nisso, mas talvez eu queira parar por causa disso, porque daí eu vou para um programa musical, que não tem essa pressão do horário, né? De ter que encaixar um boletim de quatro minutos ao 12h12, porque ao 12h16 tem que ir para o intervalo para 12h20... Isso me arrebenta.

Você lida então se adaptando?

Chutando. Não me adapto nunca não. Sempre... O rádio sempre teve horário. As minhas brigas sempre foram com horário. Detesto ter que cumprir isso dentro, porque eu já me cobro demais. É... Você marcou comigo. Eu falei vou estar tal hora e aí eu tinha que passar

em dois lugares. Já fico louco, já não está certo pra mim. Quer dizer, marquei tal hora, tenho que estar tal hora, entendeu? E o rádio... Além de eu ser assim, o rádio me obriga a ser assim. É uma pressão a mais. Eu tenho a pressão comigo, eu tenho um produtora que fica... "Eu sei", da vontade de falar no ar: "Eu sei que tal hora tem que... Se eu não for é porque o cara não acabou de falar ainda. Não posso cortar o cara". Então ela me altera bastante. Meu humor cai a zero.

Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Já, já.

O que aconteceu com você?

Eu já... Por conta do trabalho como jornalista, eu já peguei uma pneumonia por cobrir time de futebol na chuva, depois no ar-condicionado. Já estafei, aquele negócio de pressão, de você falar: "poxa, eu preciso de dois dias" e o médico falar: "Se você não for dois dias para casa, você está morto". Em época de eleição, quando estava montado os horários políticos. Eu também faço programas políticos, né? Programa de rádio... Quase toda eleição eu monto programa de rádio. Já montei para o PMDB, pro PT, pro PSDB (...) Programa de rádio. E a pressão de entregar na hora, de ter que terminar e eu ganho peso. Eu fico sem comer e ganho peso. Eu como errado demais. Se eu estou na correria é pão com mortadela, com não sei o que e tal. Então a pressão me faz mal.

Já adoeceu?

Já, já adoeci. Aliás, adoeço acho que de uma a duas vezes por ano. Me faz mal isso. Talvez a minha qualidade de vida não seja tão boa quanto eu falei, pensando por esse lado.

Fatores tecnológicos

Vamos entrar agora em algumas questões sobre fatores tecnológicos. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?

Total. Eu cheguei na redação da rádio... Da Rádio Educativa e estava todo mundo parado. Falei: "o que foi, gente?" "Ah, estamos sem internet". Falei: "Nossa, mas como assim, mas tem telefone para ligar para o pronto-socorro, saber como é que está". "Ah, mas ninguém faz isso mais". "Ué, mas se não tem internet, tem que fazer". Então hoje é fácil, né? Hoje a gente marca uma entrevista... Se você falasse pra mim "a entrevista é por..." Até achei que fosse pelo WhatsApp. Eu respondo. Você não precisa sair de casa e faz, né? Aliás você poderia fazer isso, se você não estivesse se cobrando e querendo que o teu trabalho fosse bem feito, não é? Eu posso entrevistar gente por telefone hoje. A minha entrevista com o Lula foi por vídeo. Olha só: o rádio entrevistou por vídeo. Porque o meu programa ele é transmitido pelo Facebook e pelo YouTube.

A live, né?

Não. É a live e é o programa do YouTube também, que são cinco câmeras. São cinco câmeras no meu programa. Então o rádio, antigamente, o cara falava assim: "pô, a tua voz é..." Hoje não. "Pô, você é o Joel, né?". Então assim... Os caras já conhecem a gente por foto do Facebook. Marcar uma entrevista hoje é super fácil. Coloca aqui ó: "Assessoria do Bolsonaro". "Eu queria falar com o Bolsonaro". Pode ir dormir. Daqui a pouco chega a resposta ou amanhã... Um dia chega: "Ó, tal, tal". Beleza então. Você não precisa do telefone. "Eu queria falar com o Bolsonaro. Assessoria do Bolsonaro...." Você vai aqui e pronto... Já era.

Então você considera que facilita?

Facilita. Eu não estou em um evento agora e o cara manda foto por e-mail.

Mas até que ponto?

Que facilita?

É.
Totalmente. Agora, fica... Se você me perguntar a qualidade que isso vai ter depois, aí depende do profissional. Eu, se pudesse estar lá, eu estaria lá. Então, pra mim, ela facilita, porque eu uso como... A mais. Não deixo de ir no local porque alguém vai mandar as fotos pra mim pelo WhatsApp. Mas às vezes eu estou em um outro fato, em outro evento, e esse vai chegar até mim. Então ele facilita quando você quer dar qualidade para o seu serviço. Mas quando você não quer aí te prejudica, porque você vai ficar em casa, só recebendo fotos, sem estar vivendo o momento. Eu trabalho com postagens no Face de uma determinada pessoa... Se eu não estiver no momento, eu não sei o que ele está sentindo ali. Então eu tenho que estar lá. Só que também lá a tecnologia me ajuda. Por que? Eu uso uma câmera fotográfica que joga para o wi-fi e para o celular. Já posto aqui mesmo. Então ajuda. Pra mim, mais ajuda do que qualquer coisa.
Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Olha, se eu não fosse um cara metido a besta, eu falava que sou o cara que eu conheço que mais utiliza bem a tecnologia. Como eu sou um cara muito humilde, eu acho que uso mais ou menos. Ah, eu uso muito bem. Nessa mochila aí eu tenho material para eu gravar o vídeo, para eu fazer um vídeo seu se você quiser. Eu paro aqui, coloco aqui... Quero dar minha opinião sobre tal coisa: "Olha, eu acho que a política no Mato Grosso do Sul, tal, tal..." Pego o vídeo, jogo aqui, publico e tal. Aí eu tenho um gravador de voz também, que eu posso fazer o áudio pra gravar, pra uma chamada: "Nessa quarta-feira, na Rádio Capital, teremos tal, tal, tal". Venho aqui, trilho tudo, monto no notebook que está aí também, se eu não quiser usar aqui, então... Então eu uso todos os recursos: o áudio, o vídeo, o impresso... Se eu tiver que fazer um texto, eu paro e posto ali, já mando, porque tem um wi-fi deste telefone aqui que é bom para caramba. É um 4G da Vivo e tal... Então eu uso. Isso eu uso.
Então você considera que utiliza bem.
Pra caramba.
De que maneira a tecnologia ela interfere no seu trabalho como jornalista?
De que maneira interfere? Interfere de várias maneiras. Interfere positivamente, interfere negativamente, porque às vezes eu tenho que cuidar da.... Porque eu sou dois na verdade, né? Eu tenho que cuidar de mim, da minha imagem como jornalista de.... De opinião.... Um produto... E de mais alguma outra pessoa. Então às vezes me atrapalha por conta disso, né? Eu tô aqui fazendo uma coisa, mas tem que cuidar outra e tal, tal, tal....
De outra pessoa, que você diz, é do deputado?
Do deputado Elizeu nesse caso, especificamente. Já fiz de outras pessoas também. Já fiz de um estadual e tal. Hoje só ele. Só que eu tenho que cuidar da minha rede também, que a minha rede também é para (....), então... Por que eu falo que utilizo bem? Porque está aqui ó: esta é a rede do Joel, certo? O Joel tem mais de 5 mil amigos, tem o Joel, Joel, e tem o Joel também, que o Joel página dele. Que aí tem o outro Joel aqui. Esse é o casa, de boa...
O pessoal.
É. E esse é o Joel jornalista, que embora seja roqueiro pra caramba, aqui ele dá uma mostrada que ele também é um cara... Aqui está mais no meu programa, certo? Certo. Porém eu tenho que cuidar também do Elizeu, que já tem cinco pessoas interagindo e eu não respondi. E esse é o Elizeu pessoa, aqui ó... Família, igreja, não sei o que... E tem o Elizeu deputado, que o cara mais sério (...) trabalho parlamentar, que é... Então assim... Ajuda e atrapalha.
Mas de que ela interfere no seu trabalho? A tecnologia.
Como ela interfere?
É.

Positivamente ou negativamente? Ela interfere acho que positivamente, porque eu acho que consigo fazer tudo por conta da tecnologia. Se não tivesse a tecnologia, eu não.. Eu teria que ficar em um lugar só. Hoje, por exemplo, eu tô aqui pra te atender. Como eu sei que o deputado não me avisou, mas está lá no PSB, eu estaria lá com o meu celular. Como eu tinha marcado aqui, eu consigo atender lá estando aqui. Então interfere dessa forma. Eu consigo estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Entendi. Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?

Acho que a... Do jornalista?

Aham.

As habilidades?

Profissionais que o mercado valoriza atualmente.

Acho que... Então... Eu acho que hoje mais valorizado é você saber fazer as redes sociais de alguém, a sua, até para você se vender, se mostrar, você tem que ter uma rede social boa. Você tem que estar antenado com essa questão da mídia social, de saber gerar likes, de saber interagir e depois que fatalmente, se você está no Campo Grande News, você vai ter que mexer com as redes sociais do Campo Grande News. Eu acho que familiaridade com a rede social é uma das que você mais tem que ter hoje. O resto, as outras habilidades, eu acho que tem que saber tudo. Você tem que ser fotógrafo, tem que ter bom texto, tem que ter uma boa... Um bom relacionamento com as pessoas. Eu hoje não contrataria alguém... Pô, o cara é gênio, mas ele não consegue chegar no horário. Ah, mas o cara é gênio... Só que se ele não gosta de agir em equipe, eu prefiro um cara nota 7, mas que consiga resolver tudo isso.

Você está falando de um profissional multitarefa?

Eu acho que hoje ele tem que ser. Eu acho que o profissional, hoje, ele tem que ter mochila. Ele não pode ser um profissional só com notebook. Então se ele puder estar com a máquina fotográfica, com notebook, com microfone, com tudo, tem que ser... Eu hoje.. Tanto que quando... Foi uma coisa que eu meio que inventei também. O laboratório de rádio da UCDB... Você fez na federal, né? O jornalismo.

UCDB. O mestrado eu faço na federal.

UCDB? O laboratório de... Me desminta se não for. Você não podia encostar nos equipamentos, porque tinha uma técnico de equipamento. Quando o Gerson Martins queria montar o laboratório de rádio e queria que eu fosse técnico de rádio, e não professor.... Técnico de rádio na Estácio, porque ele ajudou o Labcom lá e tal, ele queria que fosse da Estácio igual. Eu falei: "eu vou, desde que o aluno possa sentar, aprender a editar no Sound Foge, no Vegas que eu quero ensinar o cara a fazer, não o cara olhando ali. Ele vai sentar aqui e aprender cortar, aprender marcar, control x, control e..." Entendeu? Aí ele falou: "não, então beleza". Então é... Por isso eu acho que profissional tem que saber. Quando eu montei o time de jornalismo da Rádio Educativo, as três repórteres aprenderam a editar, a programar no programa do rádio.... Então elas aprendiam a entrevistar o cara, tirar o som, jogar no computador, editar, cadastrar e tá pronto. Então pra mim o profissional hoje ele tem que ser multi. O fotógrafo não existe mais pra mim. Eu não contrataria um fotógrafo.

Sério?

"Você tira foto? "Tiro!" "Boa?" "Boa!" "Deixa eu ver. Pô, legal. Tem texto? "Ah..." "Então perae..." Acho que o único cara que ainda tá, que eu não extinguiria, é o motorista, porque você precisa... Tá no texto, tá no telefone, tá não sei o que, então alguém tem que dirigir pra você, mas fora isso... Cinegrafista? É, tem que ser, ainda, mas se a gente puder inventar um

veículo que o cara vai falando aqui pra ele mesmo eu já ia nesse aí. O cara tem que ser multitarefa.

Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico? Você falou um pouco sobre isso, mas gostaria que retomasse.

Como eu utilizo? As minhas?

As redes sociais no seu dia a dia como jornalista, no seu fazer jornalístico mesmo.

Eu procuro tirar o melhor possível. Eu posto todos os dias uma frase de... De... Não é autoajuda. Não gosto desse negócio... Mas positiva.

Motivação?

Motivação. Aí vou para um vídeo ou para uma opinião mais forte em texto a respeito de um tema. Quase sempre é um tema relacionado à política ou ao futebol, mas então eu coloco um vídeo e aí durante o dia vou replicando notícias de sites, porque eu gosto de postar e alguém vir debater comigo, alguém achar que está errado e eu achar que não, e a gente vai. Eu utilizo quase que diretamente. Minha atrapalha um pouco o fato de ter que atender uma outra pessoa, que é uma coisa que agora ficou mais... Mais... Está me consumindo um pouco mais de tempo.

Você utiliza então para faze seu marketing pessoal?

É. Não sei se chamaria marketing pessoal. Eu gosto de provocar o debate.

Pra gerar debate e interação então?7

Para gerar debate. É. E utilizo o Twitter, o Face e o Instagram.

Como você utiliza cada um deles? O Instagram, por exemplo, que é mais foto e tal.

É, o Instagram é, é... Tem gente que usa a mesma coisa no mesmo... No mesmo... Postou uma coisa, posta em todos. Eu acho... O Instagram, por exemplo, se eu vou fazer... Vou em um evento que está lá... A maioria das fotos é Instagram. Eu acho que valoriza as fotos com textos curtos, né? Quando dá para você jogar o link de alguma outra coisa, de alguma matéria, eu também utilizo, mas utilizo bem diferenciado. O Facebook, pra mim, ele é mais texto. Ele chama mais pro debate e o Instagram mostra mais. Ele vai a foto, teu texto tá ali, ele não gera debate, mas ele gera acesso também. Às vezes eu digo no meu Facebook tal coisa, mas uso mais a parte visual do Instagram e a parte de informação do Face.

E o Twitter?

O Twitter, sim, esse replica, tanto que ele está ligado direto. Eu quase nem uso o Twitter. Só o Twitter, como a maioria das pessoas usam. A maioria dos jornalistas usam o Twitter como forma de provocar, né? Eu acho que Mato Grosso do Sul não chegou nesse... Não sei porque, porque isso é muito velho no Brasil... Usar o Twitter, né? Tanto que o jornalista, agora me fugiu o nome... Um dos principais... Parou com... Foi cuidar só de blog... Noblat. Ricardo Noblat usou muito Twitter para promover o blog dele. Twitter lá (...) você caia no blog do Noblat. E ele virou um blogueiro, acho que um dos primeiros, por conta do Twitter. O Twitter jogava pro blog. Eu gosto mais do visual do Face. Eu gosto mais, tanto que eu faço duas publicações. A publicação no Face profissional e a do pessoal. Mas também coloco linkezinho pra você ir pro outro e o Twitter vem só pra puxar isso, só pra fazer a propaganda disso aí.

Mas você busca pautas nas redes sociais também?

Busco, busco bastante. Busco bastante. Chega até mim bastante, né? Na timeline eu vou vendo la... "Ah, fulano está debatendo sobre Síndrome de Down e tal..." "Mas por que?" "Porque é dia da..." Legal. Aí eu já printo, jogo pra minha produção, falo: "Gurizada, oh, vê aí se a gente consegue alguém pra falar sobre Síndrome de Down, porque o Dia da Síndrome de Down é hoje, tal, tal". E vou indo... Aí paro (...) quando tô lá de novo ta é... "Fonoaudiólogo não sei o que". "Olha, gente, que legal..." Então a pauta chegou por ali. Eu

uso menos o e-mail meu, abro bem pouco, deveria abrir mais... O meu bem pouco não é bem pouco.... O meu é umas quatro vezes de manhã, umas quatro a tarde, mas bem menos... Então sugestão de pauta que chega pra mim pelo e-mail talvez eu não veja tanto quanto as que eu pego no... No Face.

Usa o Whats também?

Bastante, tanto que eu falei pra você. Vou abrir aqui porque... O Whats constantemente e assim... Eu tenho problemas, né? Aqui eu não sei o que é. Como é um grupo, eu preciso fazer isso aqui pra sair o azulzinho daqui pelo amor de Deus. Aqui também.... Então eu tenho que sair porque senão eu fico louco, entendeu?

Senão acaba respondendo o negócio de um no outro...

É, então fico aqui, preocupado. Se alguém pediu o contato de alguma coisa... "Tem o contato? "Tenho" Então, vou fazer... Você é uma exceção... Eu estaria falado contigo e respondendo as pessoas, mas eu não estou.

A idade do jornalista ela influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Ah, ela facilita. Ela facilita.

Por que?

Então, são vários porquês, né? Se o cara é mais novo, ele absorve mais coisas. Eu vejo pessoas da minha idade, pessoas mais novas que eu... Tenho 46... Vejo pessoas de 40 que falam: "Não vou mexer com isso aqui não. Olha... Como é que você vive com o WhatsAPP, que não sei o que?" Já o jovem não tem nenhuma restrição. Ele acha que consegue dominar tudo e vai. Então.. E não é tão difícil. Então assim... Eu tenho pessoas da minha geração que simplesmente, eu acho que pela idade, não querem interagir com tudo, não querem... Tem restrição, por exemplo, ao Instagram, né? Tem... Aceitam o Face de melhor forma, de uma maneira melhor, mas tem muita restrição por conta da idade. Acha que está velho. "Ah, tô velho pra mexer com rede social". E não está.

Mas acha que a idade facilita? Quanto mais novo, mais habilidade tem?

Mai habilidade tem. É um HD mais vazio, né?

Por outro lado, você tem 46 anos e diz que domina muito bem...

Não acho que domino bem. Eu acho que uso... Eu poderia dominar mais, se fosse mais novo. O HD... Eu trato a gente como um HD... A nossa mente. Parede que o HD do mais jovem ele é mais vazio um pouco. Ele absorve mais coisa, embora tem pessoas que tem mais habilidade com números, mais habilidades com guardar datas, né? E aí tudo, né? Marcam fisionomia. Eu só (...) o seu nome inteiro, eu vou chamar te chamar brincando daqui dois anos pelo seu nome inteiro, entendeu? Quando o pessoal fala: "Ah, qual o nome do Sócrates, que jogava no Corinthians em 82?" É Sócrates Brasileiro de Sampaio de Souza Vieira de Oliveira. A Fórmula 1, que eu gostava, o cara escreve lá: Patreze. Eu sei que é o Ricardo Patreze. O Senna, sei que é o Ayrton Senna. (...) Aí o cara: "Pô, o Boutsen". Thierry Boutsen. Agora como eu lembro que o cara chamava Thierry. O cara nem era famosa. Se você pegar o Grid da Fórmula 1 de 82 eu vou te falar todo mundo. Devo errar uns quatro nomes. O resto eu falo o nome completo. Mas é uma habilidade com nome que eu tenho... De pessoas, entendeu? Então assim.. Muita gente eu.... Eu brinco e falo... "Mas como você sabe meu nome todo?" Tem uma repórter minha, Maristela Cantadori. (...) "O, Maristela Torres Cantadori?" "Como você sabe o Torres?" "Porque eu vi na... Eu vi dez pessoas ali e guardei o nome das dez, o nome completo, entendeu? Mas eu posso te olhar e não saber quem você é, entendeu?

Guardar fisionomia...

Terrível. Tanto que quem trabalha comigo já chega e fala: "Oh, fulano de tal, você falou com ele aquele dia, tal e tal lugar. É o Flávio". Aí eu falo: "O Flávio Afonso de...?" "É esse mesmo".

Mas é uma habilidade que você tem com nomes. Não se aplica exatamente à tecnologia... Você acha que poderia ser...

Poderia, poderia, poderia. Eu poderia até criar um cadastro aqui, com nome, com foto... Eu poderia desenvolver um aplicativo, por que não?

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?

Não. Só da minha geração.

Por que?

Porque no jornalismo existe muita inveja. Existe muito... Eu sou de difícil relacionamento, né? Eu falo muito... "Não, porque eu sou bom em tal coisa". Só que eu falo isso muito mais brincando e por uma necessidade de autoafirmação, do que por qualquer outra coisa, entendeu? Então assim... Às vezes eu já brinquei com pessoas que o cara ficou chateado e eu falei: "mas por que? Será que foi com o que eu falei que...?" E eu posso estar aqui... O Edir Viegas, um cara da minha geração, que eu brinco sempre, né? E eu falo assim: "não, eu sou melhor que você em tal coisa, pô, para". Sempre o cara fala: "Não, o melhor sou eu". E a gente... Mas tem gente que... "Palhaço esse cara, hein?" Entendeu? Então da minha geração eu acho que tem um pouco mais de dificuldade. Às vezes eu chego na rádio e falo... Porque a rádio é assim... O corredor da rádio ele termina na rádio. Ele tem o site Página Brazil aqui, no mesmo corredor, e tem o departamento de vendas ali e o departamento de jornalismo também da rádio... No mesmo corredor. E as vezes eu falo: "poxa, eu não falei com o cara, porque eu cheguei apurado e tal". E esse cara acha que eu sou um babaca, porque eu passei e não falei com ele.

Esse cara é da sua geração?

É. O mais novo está nem aí, né? Eu chego lá brinco, bato na orelha do cara e tal, tal. E com homens a minha dificuldade é maior ainda, tanto que as minhas equipes eu sempre trabalhei com... Mais com mulheres.

É mesmo? Por que sente dificuldade com homens?

(...) Eu não gosto de homem não. Eu acho um... Um troço muito desajeitado. É muito, sei lá... Compete demais, sabe? Mulher não...Se você trabalha... Tinha quatro jornalistas na minha equipe da TVE e às vezes tinha uma que falava: "Ah, eu não vou..." Eu falava: "Quer saber? Vai pra casa. Vai... Volta amanhã". Porque eu sabia que.... A mulher ela cumpre. Se ela está ali, ela está 100% ali. Ela vai te entregar a matéria das duas as duas. Se você deu três pautas, ela vai cumprir as três. Se uma não der ela vai te explicar porque. O homem te enrola, dá nó, sai mais cedo pra ir pro boteco. Se a mulher ligar por conta do filho doente, você fala pra ela: "Não precisa vir. Cuida do seu filho". Porque amanhã ela vai dobrar o trampo. A mulher é mais comprometida com a coisa do que o homem. Homem é muito competitivo. Homem não gosta de outro homem. É aquela coisa do galo no galinheiro. O homem é muito... "O outro não, porque..." E mulher não. Entre elas, elas se pegam, né? Mas eu eu me relacionar com elas, beleza. Talvez se eu fosse mulher eu preferia trabalhar com homens, mas eu prefiro trabalhar com as mulheres.

Mas então você sente dificuldade de relacionamento com a sua geração...

Com a minha geração.

E essa dificuldade é por qual motivo?

Eu acho que é por competição. Os caras não gostam de eu ter chegado... Eu comecei tarde. Os caras: "Pô..." Quem era o Joel há 10 anos? Ninguém. "Então como ele quer saber de política agora? Não, de jeito nenhum. Lima o cara". Então sempre foi assim. E eu, paralelamente, eu chego chutando a porta também. Aprendi rápido porque...

Mas você acha que essa dificuldade é pessoal?

Acho que (...) é, acho que é pessoal.

Ou é profissional?

Não. Porque se você perguntar pras pessoas da minha geração ao meu respeito, 200 vai falar mal: "arrogante, chato, não atende a gente quando precisa". Da profissão, tá?

E com os mais jovens você não tem esse problema?

Não, porque o... O Silvio mesmo, né? É louco pra falar em rádio. "Ah, bicho, toca aí, vai falar..." "Mas você deixa?" "Deixo ué, pô". Entendeu? Bem tranquilo. Adoro dar oportunidade. Às vezes eu até peco nisso, aí chega um cara lá e, pô, não fala nada. Eu, pra mim, todo mundo sabe falar no rádio, entendeu? E se for mais novo eu deixo por conta.

Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

Existe. O veterano ele vê muito como... "Não quero que entre ninguém. Isso aqui... Ou não quero que entra ninguém pra ser melhor que eu, ou se ele gosta da pessoa: Não, isso aqui não dá dinheiro. Larga mão disso aqui". O veterano, pra mim, ele é muito frustrado, sabe? Ele não conseguiu as coisas que ele queria. O novato não. O novato sempre que acha, que dá pra ele aprender. Ele quer aprender mais. Ele quer... Ele escuta. Não sei se você deu sorte com (...) Mas ele te escuta, ele aceita os teus conselhos... Eu acho que o... O veterano ele já é muito desgostoso. É frustrado, pra mim. A maioria dos veteranos são frustrados.

Você está falando de veterano de uma geração anterior à sua ou da sua geração? Você é um veterano.

É, mas aí eu estou falando de uma geração anterior a minha, né? Eu sou veterano de idade, mas não sou de jornalismo, né? Talvez isso me coloca...

Mas você trabalha desde 86?

Sim, mas como operador de áudio. Os operadores de áudio acabaram, né? Não existe mais.

Então você não se considera um veterano?

Não, tanto, eu tô até... Eu até estranho algumas... Algumas maneiras de tratar. Senhor é uma coisa que eu não consigo me ver, né? Porque meu pai... Mas daí eu paro pra olhar e minha filha tem 19. Ela tem amigas e tem namorado que me chama de senhor. E quando eu tinha 19, o cara da minha idade vira senhor. Então tô naquele conflito aí.

Você se considera um novato?

Na profissão, sim. Na profissão... No jornalismo, sim. Eu estranho quando eu vou entrevistar, por exemplo, o Pucinelli... O respeito que ele tem, porque ele me ouviu e ele bate o olho e não é num guri, mas paralelamente eu estou fazendo a primeira entrevista com ele, entendeu? Ou a segunda, que seja... O Sérgio Cruz já fez 20, já dividiu parlamento com o cara.

Você se considera um novato porque você formou em 2010? A partir da formação?

Porque a partir dali eu me.... A partir dali eu me vi como jornalista. Antes eu não me via como jornalista.

Você se via como?

Me via como operador de áudio, como radialista, tanto que hoje quando alguém vai e fala: "Pô, você é um dos radialistas que eu mais admiro", eu falo: "tudo bem, beleza, não se sinta ofendido, mas eu não sou radialista. Sou jornalista".

Então foi a partir da formação que você passou a se considerar jornalista profissional....
É, a partir da... Nem da formação, mas a partir do relacionamento acadêmico, aí eu me considerei jornalista. Aí é como se eu tivesse nascido ali. Aí eu me senti à vontade pra perguntar, eu me senti à vontade pra falar no microfone, entendeu? Eu passei a me ouvir. Antes eu gravava uma coisa e não me ouvia. Não queria ouvir a minha voz. Aí eu passei a me ouvir, a... Eu me senti inserido em um contexto que eu mesmo me inseri.
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
Os positivos... Os positivos é que os caras sabiam ir atrás das coisas, não dependiam da tecnologia... É... Eles precisavam (sic) mais... Consequentemente eles davam mais valor ao emprego, a prestar o bom serviço, né? Então assim... Era diferente. Esse é o ponto positivo dos jornalistas da velha guarda. É o... A apuração e a preocupação com a credibilidade, com um nome um pouco também, em não entregar nada sem terminar. Se eu fizer isso aqui eu assinei. Hoje eu acho que não tem tanto isso, né? Hoje você tem que entregar rápido mesmo. Vai faltar informação... Depois eu ponho. E vai indo e depois você não põe se ninguém cobrar, né? Qualquer eu vou lá e hoje retificam a informação lá, né? Acréscimo não sei do que... Colocam lá. Então assim... A geração mais nova não se preocupa tanto com isso quanto deveria, de modo geral.
E os pontos negativos dessa geração?
Os negativos de como era ser ou deles agora?
Deles agora.
A resistência às novas tecnologias. A resistência a ouvir o mais novo. Você acha que o cara está saindo da faculdade, não tem ideia e o cara tem. Você acha que ele não pode dividir bancada com você e ele pode. Você acha que ele não pode ser melhor e ele pode. Pode ser melhor que você. Então você não ouve tanto. Se você ouvisse mais... O ponto negativo é esse. É a falta de aceitação com essa galera que está entrando aí.
E os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas? Você já havia comentando um pouco.
Da nova?
Aham.
O positivo da nova a gente falou.... Que é saber absorver as novas tecnologias. É ter mais facilidade com isso. É o ponto positivo. O negativo acho que cai na mesma... É falta de, de, de... Não é responsabilidade, mas a fala de... Tá, de responsabilidade em algumas coisas. O cara mais novo ele publica e vai embora. Publiquei, tal, pá, beleza, está lá. O cara: "Já saiu? Tá no site?" "Tá". Então não tem problema. Qualquer coisa vão comer o rabo do meu editor. Não é o meu mesmo, entendeu? Se o editor chegar pra mim amanhã eu vou... Ele é mais irresponsável. Que isso não me gere nenhum problema com a nova geração...
Não... É a sua opinião.
... Mas eu acho ela meio irresponsável, que é bom, que é positivo também, porque ela inova mais, ela mete a cara... Então tá, então vou publicar mesmo... Tem isso também. Tem o não publicar por conta do que... E tem o que não tem problema. Se o cara quiser vir pra cima, que venha, estou pronto. Isso é positivo.
E quais os pontos positivos e negativos da sua geração?
Então, mas essa pergunta não é a primeira?
Não. Falei da geração anterior à sua, a nova e agora a sua.
Você sabe que eu sou confuso. Eu vivo um drama, né? Dessa minha geração, né? Porque tem eu, eu e tem eu jornalista, né?
Como assim?

Uai! Tem o eu na faculdade, que eu deveria estar com 22, mas estava com quase trinta e poucos... Então assim... Da minha geração de jornalismo... Ponto negativo? Eu não sei. Fica confuso, porque eu não sei em qual dessas duas gerações eu me enquadro, quais dessas duas gerações que eu me enquadro. Eu sou novo ou sou velho? Eu sou velho de idade e sou novo na profissão. Um cara com 8 anos de jornalismo ele não é um cara velho. Você tem quantos anos de jornalismo?

Seis.

Você tem a minha idade no jornalismo, entendeu? No jornalismo. É... Praticamente a minha idade...

Sete eu acho...

Nós somos contemporâneos no jornalismo. Nós nos lembramos das Torres Gêmeas...

Então você se considera pertencente à minha geração?

Eu acho que sim. Qual o fato mais... Estou devolvendo a pergunta, mas só essa, tá? Qual o fato mais importante da sua geração de jornalistas?

A queda do *World Trad Center*.

Pois é. A minha também. Deveria a ser a Guerra do Golfo.

Você fala em fato mundial...

É.

Aham.

A Guerra do Golfo eu assisti como espectador... Irresponsável. Explode mesmo, não sei o que... Hoje não. Hoje eu queria saber quantos quilômetros está a tropa dos Estados Unidos pra chegar aqui, entendeu?

Você se sente pertencente a essa geração?

Eu acho que sou pertencente a essa geração.

Já que você se sente pertencente a essa geração, quais os pontos positivos e negativos dela?

Os pontos positivos são que a gente tem muito acesso às informações. É mais fácil a gente buscá-las, né? E os pontos negativos é que a gente ficou preguiçoso. Hoje você é... Não consegui ir, estou aqui no plantão da... Rádio Educativa, né? No rádio eu tô lá, procurando na internet o jogo do Corinthians e Vasco... Mas peraí... Eu vou colocar aqui no tempo real do G1, que vai me dar uma resposta um minuto depois. Mas vai dar uma resposta pro ouvinte, né? Só que antes não. Antes eu queria estar sabendo bem na hora do gol. (...) Gol no Rio de Janeiro. Gol do Flamengo e não sei das quantas". Hoje eu falo assim... Daqui a pouco está na internet, ninguém ouviu mesmo, eu dou essa informação pro público depois. Então assim... O acesso à informação hoje, a maneira como nós buscamos (...) ele é positivo e negativo ao mesmo tempo. Ele é positivo porque você tem ele. Se você no tempo real de qualquer evento, do Oscar, da Olimpíada, você tem esse acesso, certo? Por isso ele positivo. Só que, por outro lado, você vai comer um sanduíche e na hora que você chega o resultado está ali. Isso não está certo. Você tinha que estar buscando o tempo real e a gente não busca o tempo real.

Então você vê essa relação como positiva e negativa... Com a tecnologia. Consegue pensar em outras coisas positivas e outras coisas negativas?

Quase tudo é... Relacionado a tecnologia. Nossa logística hoje... Se eu quiser fazer o meu programa hoje daqui por telefone eu faço. Isso é tecnologia. Eu posso ligar pra rádio, com o roteiro em mãos aqui, a câmara do computador e estou lá.

E isso é positivo?

Então, isso é positivo, desde que eu não faça disso uma rotina. Tem pessoas que podem se acomodar nisso daí, entendeu? Por isso é positivo e negativo. Então o que positivo hoje? A

tecnologia. O que é negativo? A mesma coisa. A maneira como a gente encara isso hoje... Apurar notícias hoje, você consegue apurar por telefone e consegue apurar lá. Se você apurar por telefone... "Como é que está aí?" "Tá, tá, fumaça e tal". "Conversei agora à tarde com o bombeiro fulano de tal e ele disse que realmente lá estava lá assim e assim...." "Estou aqui no local do evento, onde vejo que a fumaça realmente..." A informação chegou do mesmo jeito. Usei a tecnologia da mesma forma, mas posso usar pra ser um folgado ou posso ser usar pra ser o cara que dá o furo. Mas também não sou um folgado... Eu poderia estar a metros de uma outra pauta, que eu vou conseguir cobrir as duas. Tecnologia? Tecnologia.

Então você considera a tecnologia negativa e positiva.

É.

Consegue pensar em mais alguma coisa de ponto negativo ou positivo?

Na verdade o que eu falei foi logística, né?

É. Logística.

Que é a tecnologia ajudou, então pra mim é a tecnologia.

Existe conflito de gerações entre jornalistas?

Conflito de gerações? Como seria isso? Se as gerações se conflitam... Acho que existe.

Por que?

Existe conflito de gerações, porque o mais velho acha que sabe tudo, viveu tudo, ele esteve lá. O mais novo... Rapaz, eu já ouvi coisas assim... É... De, de... De gente desqualificando o cara porque ele é velho, porque é... A mente é fechada. Do novo, pra esse cara mais velho... Então acho que existe sim. Existe conflito.

E o contrário, já viu também?

Já também... "Porque esse moleque não sabe nada. Nunca esteve dentro de um, de um conflito numa... Numa penitenciária, por exemplo. Como é que quer falar de tal coisa?" Cara, conflito penitenciário talvez você vá uma vez na vida só, né? "Nunca foi preso por um sem-terra e quer saber mais que eu que fui?" Pera aí, mas você foi uma vez, né? O cara pode ter uma outra situação, então assim.... O... Acho que mais da parte do mais velho... Do mais novo também, que olha pro cara e fala: "Pô, esse cara daí, qual que é, né? No tempo dele era da máquina de escrever" Entendeu? Então acho que existe.

E esses conflitos são de que ordem? Você consegue enxergar? Profissional, pessoal, tecnológica...?

Eu acho que mais profissional, mais disso mesmo, né? Mais profissional. Pessoal... Acho que isolado, entendeu? Acho que é mais conflito de ordem profissional, de achar que sabe fazer mais por ser mais velho, ou vice e versa.

Por ter mais experiência profissional?

É, por ter mais experiência, é, é. E o jovem porque acha que o cara é ultrapassado, que no tempo dele era de um jeito e hoje não é mais. Eu acho que tinha que ter um meio termo. Eu acho que as gerações poderiam trabalhar juntas. Eu gostaria muito de ter uma referência. Eu não tenho uma referência hoje. Quem que é o meu jornalista referência hoje? Se eu tiver que entrevistar um cara hoje, pode ser que eu entreviste o Picarelli, que na realidade não é um cara que foi lá, que apurou, que montou, que veio, que escreveu. É apresentador de TV e de rádio. Quem que é o meu jornalista referência hoje?

Não tem?

Não tenho. É o William Waak? Né? Não tenho o cara que seja o meu referência hoje, entendeu? Eu gostaria de ser referência pras pessoas. Por que? Eu sei fazer uma... Se você perguntar pra mim: "Joel, quem que é o cara hoje, no rádio, que sabe fazer uma radio-reportagem?" Eu te falo: "Não tem". Eu quando comecei o programa de rádio lá, eu peguei

o modelo da TV, falei para as meninas: "Olha, vamos fazer assim... Vocês vão ligar, gravar o cara, fazer cabeça, passagem e assinatura". "Pô, mas vamos fazer um boletim então?" "Ah, o nome disso é boletim? Então é boletim. Vamos fazer um boletim e tal, tal". Hoje você não tem quem faça isso. O jornalista vai... O cara do site vai lá cobrir a posse do governador, ele vai escrever, pegar uma aspa do governador... Pronto. Certo? Certo. E o cara que vai montar isso pra rádio? Você viu alguém fazer isso na radio? Não. O cara fala: "Estive lá hoje (...) o governador disse o seguinte: o governador entra falando". Não era... "O governador disse que as pontes não sei o que..." "As pontes não sei das quantas..." Não tem uma sequência, não tem uma matéria... Um jornalista que foi cobrir um incêndio falando no rádio. Não tem. Minha referência hoje? O Cabral? Gosto do Cabral pra caramba. Talvez seja ele.

Entendi. Joel, eu terminei todas as perguntas. Agradeço a sua paciência e disposição para me responder...

É claro que claro não ficou, né? Porque eu sou um cara muito prolixo, né?

(...) Você quer fazer alguma consideração sobre o tema? Complementar alguma coisa sobre o que eu te perguntei ou que você pensou depois sobre esse assunto?

Não eu acho... Eu acho que é isso. Como eu tô sempre falando constantemente, eu nunca tenho esse negócio de "queria falar alguma coisa". Se a pessoa me (...) Se eu abrir o microfone aqui 10 minutos, eu falo 10 minutos. (...) A minha vida é um constante programa parece... Então nunca fica nada pra trás, né? De falar alguma coisa.

Entendi.

Entrevistada: Flavia Vicunã

Data: 28/03/2018 | **Duração:** 01:13:39

Veículo representado: Televisão **| Geração representada:** X

Perfil resumido

Nome completo: Flavia Vicunã Pereira
Idade: 45
Data de nascimento: 31/05/1972
Local de trabalho: TV Guanandi (Interativa) – 8 anos
Função: Editora e Apresentadora do Programa TPM (Tudo Para Mulher)
Formação: Jornalismo (Uniderp/2013)
Tempo de carreira no jornalismo: 24 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Flavia Vicunã Pereira, que esse enezinho tem som de NH.
Pereira..
É..
Você tem quantos anos?
45
Qual a data de nascimento?
31/05/72
Está na TV Guanandi há quanto tempo?
Agora, dessa última estada, 8 anos.
Dessa última estada? Por que? Você já passou antes?
Três vezes!
Quanto tempo nessas três vezes?
Então... É.... Bem no comecinho da carreira, nem tinha me formado ainda, era o que? 90, 95 mais ou menos, eu trabalhei lá. Eu acho que eu devo ter ficado um ano mais ou menos, um ano e pouco.
Ai você saiu...
Ai eu saí, fui para o Rio, aí quando eu voltei, aí eu voltei pra TV de novo, mas isso já era o que? Quando que eu entrei na TV, nessa época? Aí já devia ser 90, 98, por aí mais ou menos.
Aí você saiu de novo?
Aí eu sai de novo.
Mas você ficou quanto tempo dessa vez?
Aí dessa outra vez eu fiquei um tempinho a mais. Eu cheguei... Eu saí pra fazer uma campanha, acho que eu sai em 2000. Fiquei mais ou menos uns 3 anos, eu acho, dessa segunda vez, e aí voltei agora que já tô esse tempão, oito anos.
E você saiu nessas vezes por qual motivo? Você lembra?
Olha, a primeira vez que eu saí, eu estava bem no comecinho da minha carreira, eu nem tinha faculdade, nada, e eu fui para o Rio. Eu me casei com um jornalista e fui para o Rio. Até a mãe dele é super famosa, não sei nem de que geração dessas aí que ela é. Paula Saldanha.

É jornalista?
Super. Foi TV Globo...Eles têm uma produtora lá no Rio. Aí, tá.. E ele na época fazia imagem subaquática, era editor e tal... Bem novinho. Aí a gente casou e foi para o Rio. Lá eu trabalhei um pouco na produtora, mas aí passei dois anos e meio e voltei, né? E quando eu voltei, fiquei um tempinho, fiz uma assessoria e já voltei para a TV Guanandi.
E saiu por que?
E sai... Fui fazer campanha. Fui fazer campanha do Andre Puccinelli. Era uma puta grana e aí né? A gente fica enlouquecida. Nunca tanto dinheiro na minha vida. Primeira campanha que fui fazer.
Hoje você está na função de apresentadora e editora?
E editora... Eu produzo também, mas eu acho que essas funções definem bem.
Apresentadora, editora e produtora?
E produtora.... É.
Produtora Executiva?
Aham.
Você formou na Federal?
Não. Eu formei na Uniderp. Eu sou da primeira turma da Uniderp.
Em que ano?
Eu formei em 2003 ou 2004.
2003 e 2004?
É.
Não lembra?
Não lembro se é 3 ou 4
E tempo de carreira?
Mas eu acho que é 2013...
Mas você atuava antes da formação?
Já, já. Eu comecei em 94. O primeiro lugar onde eu trabalhei é... Onde hoje é a Record, era a Manchete. Também entrei do nada assim...
Como foi?
Eu tinha uma amiga que trabalhava lá, que também não era jornalista, fazia produção, né? Porque nesse período as pessoas... Tinham muitos jornalistas sem diploma, né? Pessoas que tinham.... Que conheciam profissão e tal, desenvolviam e aí trabalhavam nos veículos. E eu tinha uma amiga que trabalhava na manchete e rolou uma vaga. E eu naquela época sem profissão nenhuma... Eu era secretária, recepcionista... Era os trabalhos que eu fazia. E muito novinha. E aí surgiu essa vaga e ela falou: "Olha, vem aqui fazer um teste". Era uma vaga de apresentadora do jornal da Manchete. Eu falei: "Mas você é louca".
O principal jornal da casa...
É, é. O principal jornal da casa. "Você é louca. Não sei fazer isso". Tipo assim, aquilo pra mim era surreal, né? "Não. Vem. Vai dar certo, não sei o que, aquela coisa". E na época o editor-chefe era o Pastel. Antonio Carlos Azambuja. Ele já morreu inclusive. Da geração dos mortos aí. Mas era um cara muito legal. Ele foi muito competente. Aí ela falou: "Vem fazer o teste tal". Eu lembro que eu me preparei, naquela coisa completamente amadora, eu assisti a Sandra Annenberg no Jornal Nacional e olhava no espelho e aí lia um jornal impresso, né? O que estava escrito no jornal impresso, me olhando no espelho pra ver se tava bom, perguntava pra minha mãe... Aquela coisa. Peguei um terninho, né? Um blazerzinho e me vesti de apresentadora. Quase uma fantasia, né? Então era muito mais assim... Aí era uma coisa meio que de artista, né? Eu não tinha uma noção do que era profissão. Eu não tinha referência nenhuma.

Mas você assistia jornais essa época? Você se imaginava ou foi só uma proposta que surgiu e...
Não, eu não tinha.. Não. Foi uma oportunidade de emprego. Foi exatamente isso. Eu era tão imatura e despreparada, né? Porque eu nem fazia faculdade, nem nada, que eu não via aquilo como uma... Uma possibilidade. No primeiro momento assim... Como uma possibilidade de carreira e tal. Isso foi aos poucos. Na hora que a minha amiga falou eu vi uma possibilidade de emprego, literalmente, né? De ganhar um pouco mais.
E como que foi o teste?
Bom, daí eu me preparei dessa maneira que eu te falei, fui para o teste e cheguei lá e tinha um TP, que era uma coisa que eu nunca tinha visto na minha vida. Minha amiga já tinha me falado: "Calma, que você vai ter um negócio pra ler".
Mas ela não apresentava não?
Não. Ela só fazia produção. Ela só fazia produção... E aí eu fui com a cara e a coragem. Li, gaguejei um pouco. Na época, eu fiz um teste junto com a Flávia Lemgruber, que já fazia faculdade na Federal. E aí o que aconteceu? O Pastel me escolheu. "É essa menina aí que eu quero". E aí eu fiquei, sem saber o que iria ser da minha vida. E ele falou: "Olha, vamos fazer o seguinte: não vamos começar apresentando é.. Tem uma repórter que saiu de férias e você já vai para reportagem.
E você sem noção alguma.
Sem noção alguma da profissão, de como é que se fazia um texto. Eu lembro assim... Porque o que é que acontece? Eu conversei com as pessoas da redação, porque quando a gente é nova a gente é muito descolada, né? Conversei com as pessoas da redação, principalmente com a minha amiga que estava ali me apoiando: "O que que eu faço?" "Não, vai lá, pega todas as informações, anota, entrevista as pessoas". E eu fui morrendo de medo. Eu lembro que a minha primeira passagem, né? Que é aquele momento que a gente aparece na reportagem, eu gravei, sei lá, umas 30 vezes, porque eu não conseguia. E eu tive um cinegrafista muito legal... Porque eu queria desistir, né? Porque eu falei: "Gente, eu não sei fazer isso". Eu realmente não sabia. E o o cara falou: "Não, a gente vai fazer. Você vai dar conta. A gente só vai sair daqui depois que você fizer, nem que estiver de noite". E ele teve a maior paciência e eu consegui fazer. Era a inauguração do Hospital Evangélico. É... Olha o tempo, né? E aí tinha muita gente, então aquele constrangimento, porque é uma coisa totalmente diferente. É uma profissão diferente, né? Que te exige assim uma...
Te deslumbrou no início?
Não, porque era um desafio. Eu fiquei muito feliz assim, mas tensa ao mesmo tempo. Eu tinha muita coisa pra aprender, né? Eu não tinha como me deslumbrar porque eu não sabia fazer, então assim... A minha preocupação era muito maior em dar conta daquilo, do que mostrar pra alguém. Era pra mim mesma na verdade, né? Eu tinha que... Porque que era uma oportunidade, porque o que que aconteceu? Quando eu cheguei e vi a redação, os cargos todos que tinham, aí eu entendi que aquilo podia se uma carreira e que existia um faculdade e que eu podia, realmente, ser igual a menina na TV que eu via, porque era uma coisa que não passava pela minha cabeça, nunca passou. Talvez ser artista, de novela, mas a do jornal não, entendeu? Era um universo à parte.
Mas acabou gostando?
Eu achei muito legal e aí o que eu descobri? Eu tinha uma facilidade com a comunicação. Eu conseguia conversar com as pessoas, eu conseguia entender os assuntos, né? Evidente que eu dei meus foras, fiz perguntas ridículas e toda aquela coisa de foca. E eu foca, foca foca mesmo, né? Então assim... Tudo o que eu aprendi na verdade eu acho... Eu que a minha grande escola não foi a academia não. Foi a rua. Foi a prática. Foram as minhas

fontes. Foram os colegas que eu olhava, porque durante muito tempo eu ia para as coletivas e eu não fazia perguntas. Eu só ficava com meu microfone lá ouvindo, porque eu não tinha nem capacidade realmente, porque eu não sabia como formular aquilo, e eu não tinha coragem, né? Então assim... Eu precisei desse tempo e tal e a minha academia foi na rua.

E depois de quando você foi para a faculdade?

Então, aí eu fiquei... Aí da TV Manchete é... A Débora Andrade, que agora está lá em Brasília, uma outra jornalista também, fazia um programa parecido com o que eu faço hoje, que se chamava "Caderno 2". E ela me viu fazendo matéria... E eu já conseguia fazer uma matéria completa e tal. No primeiro foram só notas cobertas, né? Depois que foi virando uma matéria... Ela falou: "Quem que é essa menina?" Porque as pessoas todas se conheciam e eu caí de paraquedas do nada, né? "Quem que é essa menina? De onde ela é? É da Federal? Porque na época só tinha Federal, né? "Não. Não é". Não, mas essa menina é muito boa. Ela não pode ficar aí. Vamos trazer ela pra cá". Ela era muito descolada.

Ela era de onde?

Ela era da Guanandi na época. E aí ela me chamou pra conversar: "Você tá afim de vim?" E na época eu ganhava muito mal. A Manchete pagava muito mal. Era um lugar horrível pra se trabalhar. A gente assinava documento em branco. Era uma coisa assim... Todo pagamento você assinava um documento em branco, sem saber o que que era. E aí eles te pagavam X na carteira, um X fora. Era bem, bem complicado. Não tinha nenhum tipo de fiscalização. E aí a Guanandi, na época, era uma emissora que estava em condições muito melhores. Eles faziam muita coisa, tinha um monte de programa. Era super legal. Então era uma oportunidade. Falei "Caraca, eu vou. Certeza. Quando que você quer que eu venha?" E fui pra fazer o Caderno 2.

Apresentar?

Não. Fazer matéria, reportagem. Do Caderno 2, o pessoal do jornalismo me chamou: "Óh, vamos fazer jornalismo também". Aí eu comecei a fazer... Eu fazia o Caderno 2 e fazia matérias para o jornalismo na casa. E aí que eu comecei... Aí a coisa ficando um pouquinho, né? Eu fui desenvolvendo. Aí esse tempo que eu te falei, eu passei um ano, um ano e pouco....

E na Manchete?

Não. Na Manchete foram só 2 meses.

Dois meses?

Dois meses e aí já me chamaram para a Guanandi. Eu acho que assim... A minha vontade era tanta, era uma coisa de garra, né? Porque assim... Você imagina uma oportunidade dessa pra uma pessoa que não... É o que eu to te falando: eu vislumbrei um mundo, uma vida nova, né? Então aquilo me deu muita, muita energia, muita força, né?

Mas então você passou pela reportagem, produção e foi para apresentação? Você teve essas funções?

Na verdade, na Record, na Manchete na época, eu fiquei só reportagem. Eu devo ter apresentado um ou dois jornais só. Eu não fui pra apresentação. Fiquei só na reportagem, porque o Pastel gostou e eu fui ficando na reportagem. Aí eu já fui pra Guanandi também na reportagem, aí comecei a fazer o jornalismo e o entretenimento, né? No entretenimento eu me sai muito bem, porque também era uma coisa que era solta e tal. E eu gostei muito de fazer, mas o jornalismo foi me encantando. Fiz algumas coisas especiais assim... Alguns jornais especiais... Eu apresentei, mas logo fui ter essa vivência no Rio. No Rio eu não trabalhei em nenhum lugar. Eu fiz alguns trabalhos com o meu marido mesmo. Também deixei essa coisa da comunicação. Continuava editando...

Na linha do tempo então, as empresas que você trabalhou foram a Manchete, depois a Guanandi nessas passagens que você tá até hoje? Ou você passou em alguma outra empresa?
Olha, eu passei. Eu trabalhei na no SBT. Quando eu saí Guanandi pela segunda vez, pra fazer campanha... Quando eu terminei a campanha eu fui trabalhar no SBT. Na época era TV Campo Grande ainda, né? Aí eu fiquei um tempo lá, vai ser dois mil e pouquinho, não vou saber precisar para você, 2002.
Lembra quanto tempo?
Eu passei uns anos lá. Eu acho que eu fiquei uns 3 anos. Aí lá eu apresentei jornal, lá eu fiz reportagem, é... Eu não lembro se pegou um pedaço da minha faculdade. Eu acho que pegou um pedaço da minha faculdade lá no SBT.
Porque sua faculdade você começou quando estava na Guanandi?
Eu comecei quando estava na Guanandi. Na época houve uma varredura assim... As pessoas queriam... Tipo... Uma caça aos jornalistas sem diploma.
Uma varredura por parte de quem? Do sindicato?
Do sindicato, sindicato... Na época eu acho que era a Maristela Brunetto e o Wilson Solera. Era essa galera que era do sindicato. E aí eles fizeram essa caça às bruxas ai, né? Que era o pessoal que não tinha DRT. E eu não tinha DRT, porque eu tinha só aquele tempo antes que eu fui para o Rio fiquei, né? Mas aí a dona da emissora falou: "Olha, o meu pessoal"... Tinha eu, tinha a Vânia Galceran, tinha o Osvaldo Nóbrega... Todo mundo sem diploma. Aí na época a Márcia Rodrigues falou: "Olha, o meu pessoal vai fazer faculdade, mas eu não vou mandar ninguém embora. Eu quero todo mundo, entendeu?" E nós fomos fazer faculdade realmente.
Depois de quanto tempo atuando?
Então, 94 que eu comecei... Eu entrei na faculdade em 99, foi quando meu pai morreu. Em 99 eu entrei na faculdade.
Você entrou por exigência do sindicato. Mas se o sindicato não exigisse você teria feito?
Olha, talvez não tivesse feito por uma questão financeira, porque eu já comecei minha carreira como mãe, é... Eu não tinha condição de fazer uma Federal, porque eu não tive uma formação muito legal. Sempre estudei em escola pública. Eu cheguei a tentar Federal. Não consegui passar. Então o que me deu possibilidade foi a escola privada, né? Foi a faculdade privada que eu consegui entrar, né? Então por questões financeiras talvez eu não fizesse, mas na época coincidiu de ter FIES... Quando é para dar certo, dá certo, né? E eu entrei. Eu até me nunca tinha feito faculdade por conta disso, por uma questão econômica. A minha situação econômica não permitia. Eu sempre fui de família pobre, entendeu? Sempre tive que trabalhar para sustentar. Com 17 anos já tinha filho, então a faculdade era uma coisa que ficava, sabe? Em um plano muito distante. Meus pais não têm faculdade, então quer dizer: eu não tinha isso como uma coisa importante. Importante era trabalhar e se sustentar, né? Era o conceito de família que eu tinha por que a gente aprende com a família, né?

Valores profissionais

Eu vou retomar essa questão da formação um pouco mais pra frente. Agora vou falar dos valores profissionais, então começo perguntando: O que é ser jornalista para você?
Olha, o que é ser jornalista? Eu acho que assim, uma das coisas que eu vejo, porque eu entrei nessa profissão sem saber o que era, né? E quando eu descobri. Na verdade, levou um tempo pra eu descobrir o que era, até porque eu comecei de uma maneira, né? Eu comecei

mais como uma atriz do que como, né? Porque assim... Minha preocupação era: "meu deus, eu tenho que ficar bem aqui na tela, né?" Eu comecei imitando a Sandra Annenberg em vez de ler textos, né? De ler livros, enfim. Então assim... Eu acho que o jornalista ele... Acima de tudo, tem que ser humano. Eu acho que essa é a principal característica desse profissional, sabe? É uma coisa que.... Porque a gente lida com tudo. Eu acho que a minha profissão me deu uma vastidão tão grande de... De possibilidades. Eu pude ver o mundo. Acho que jornalismo me deu essa possibilidade de ver o mundo, que era uma coisa que eu não tinha dentro do meu meio social, cultural, né? A bagagem cultural mesmo que eu tinha não me dava isso, né? Eu era uma pessoa que eu não lia, que eu não... Então assim... E não foi através de livros mesmo. Foram através de contato com pessoas, né? De você poder entender como o mundo funciona, né? Então eu acho que o papel do jornalista ele é muito sério. Ele é muito profundo. Eu não consigo ver o jornalista muitas vezes como a maioria das pessoas coloca e como a gente ouve na academia, né? Que você tem que ser isento, que você... Não é assim! Eu acho que tem que ter alma, senão você não faz, entendeu? Então assim... Eu acho que é... Que não pode ser um profissional frio, por exemplo. Eu acho que não cabe. Eu acho que não funciona.

Ser jornalista então seria ser humano?

Ser humano. Eu acho que é aquela pessoa que consegue olhar e se comover. É aquela pessoa que consegue olhar e se colocar naquele lugar, pra que ela conseguiu entender o que ela precisa contar, o que elas precisam, entendeu? O que aquela situação exige, né? Porque a gente leva muitos apelos da sociedade, de tudo, né? Conta histórias bonitas também, mas eu acho que se você não tiver sensibilidade, se você não consegue trocar... Você não é só um espectador. Você tem que trocar, senão você não vai conseguir contar sua história direito nunca, entendeu? Você tem que estar lá. Você tem que tá no lugar daquela pessoa. Você não está olhando ela. Você está lá, entendeu? Então essa história que eu ouvi depois que eu comecei a amadurecer, da isenção, da ética, do não sei o que... Pra mim ela tem limites, entendeu? Eu acho que a característica mais importante desse profissional é essa: você precisa ser muito humano e muito presente.

Você disse no início que a profissão surgiu na sua vida como oportunidade de emprego. Mas por que você decidiu permanecer nela? Porque você decidiu ser jornalista?

Ah, então, num primeiro momento é isso, né? Porque assim... Aquilo ali era... "É daqui que eu vou conseguir sustentar minha família, que eu vou conseguir crescer, que e eu vou conseguir comprar minha casa, que eu vou conseguir comprar meu carro..." Aquele sonho de pobre, né? De classe média baixa. Mas eu acho que eu fiquei completamente encantada com tudo isso que eu te falei, com essa profissão linda que te permite é.... Ter contato com todo tipo de gente. Eu fui ter contato com pessoas que eu nunca imaginei que eu teria, né? A gente conversa com todo tipo de profissional, do mais simples ao mais elevado. Você vai a lugares que você nunca iria. Então acho que assim... Essa vastidão de conhecimento e de possibilidades, né? Ela me encantou. Jornalismo é apaixonante e eu fiquei apaixonada pela profissão, não tenho dúvida. E eu sempre achei a minha profissão muito fácil.

Por que?

Eu não acho assim tipo.... A minha profissão nunca foi um fardo. Ela sempre foi divertida. Eu sempre achei o jornalismo divertido. Ele ficou pesado pra mim com o passar dos anos, porque eu acho que a gente vai ficando pesado, né? Mas quando eu era muito jovem e não levava muito para minha casa aquelas dores, eu achava aquilo incrível. Cada dia uma coisa diferente, cada dia uma história diferente. Aquilo era uma aventura, né? O jornalismo era uma grande aventura, que eu não ia ter nunca dentro de um escritório, dentro de uma outra

de uma outra coisa que eu já tinha experimentado, né? De umas profissões mais... De uns trabalhos, vamos dizer assim, não são nem profissões, mas trabalhos mais convencionais, né? Então assim.... Aquilo era uma grande aventura e eu tenho certeza que foi isso que me manteve. Essa minha facilidade, essa tranquilidade com a comunicação.

E você se sente realizada como jornalista?

Não. O jornalismo, com o passar do tempo, lógico, fui amadurecendo, e tudo aquilo que parecia que era a coisa mais maravilhosa do mundo, e que iria mudar minha vida, não foi nada daquilo. Era mais uma profissão, né? Era apenas uma profissão que poderia me levar vários lugares. E o que eu consegui com a minha profissão não é nem de longe é... Uma realização de um sonho. Hoje, mais madura, eu acho que eu devia ter feito arquitetura, por exemplo.

Verdade?

Eu acho que eu deveria ter feito arquitetura. Eu sou absolutamente encantada com a questão da ocupação dos espaços, das cores, das formas. Eu sou enlouquecida com arquitetura. E aí eu não tenho mais coragem pra faculdade.

Mas essa decepção pelo jornalismo foi por qual motivo? O que aconteceu?

Então, chegou um determinado momento, acho que dê bastante anos de trabalho, em que eu comecei a ver uma parte pequena do jornalismo. Essa coisa grandiosa toda, essa aventura, isso está muito ligado a uma falta de maturidade, né? A uma falta de vivência. Há um romantismo que a gente coloca nas coisas quando a gente começa. Com o passar do tempo, com a idade, com a maturidade, com a minha experiência, eu fui vendo é... Coisas tristes no jornalismo, coisas feias.

Por exemplo?

Por exemplo, você ter que fazer uma matéria onde o mais importante é uma manchete forte, sabe? E não realmente preservar, de repente, a dor das pessoas, ou preservar mesmo a imagem das pessoas. Você ter tratamento diferente.... E tem! Tratamento diferente pra determinada fonte, pro bandido, pro promotor... Você percebe essas coisas, né? E isso é muito ruim. O jogo da política é uma coisa muito, muito complicada, sabe? E tudo isso vai te decepcionando e assim... Aquela coisa de "nossa, eu vou fazer essa matéria e vou ajudar essa comunidade", aí você vê que você não ajudou, que você foi lá e... Teve um tempo na minha vida que eu falava: "Cara, isso aqui é só fofoca. A gente só faz fofoca".

Está falando de sensacionalismo?

Não de sensacionalismo. Eu acho que as coisas às vezes elas são tão rasas... Qual é o objetivo daquilo, entendeu? Às eu vou, eu pego uma história, eu trago ela para cá e eu posso comprometer completamente a vida de uma pessoa ou de uma comunidade e pronto. E eu vou embora, eu vou pegar outra pauta e vou fazer outra coisa. E também o meu editor também não tem responsabilidade nenhuma com relação a isso. E às vezes não é só porque... Não é só o sensacionalismo, mas é o tratamento que se dá, entendeu? Por uma coisa pequena ou para uma coisa grande. Eu sofria muito, sofri muito com as coisas pequenas. Eu achava injusto a forma que se tratava as coisas menores, entende? Falta de respeito com fonte, até na questão da preservação mesmo do que se diz, sabe? Lógico que é uma coisa que você como jornalista, você pode decidir, né? Se você vai fazer o uso ou não. Mas de repente numa coletiva, numa outra situação, você não tem como decidir. O seu editor vai querer e você vai ter que usar, né? Então essas coisas foram me frustrando. O sentido do meu trabalho, entendeu?

Foi perdendo?

Foi perdendo, foi perdendo o sentido. Eu olhava para aquilo e: "tá, tudo bem, mas eu fiz essa matéria e aí? E aonde eu vou com isso?" Lógico que existiram coisas legais, coisas que

tiveram resultados, que tiveram uma repercussão, que outros colegas fizeram e que nós fizemos várias matérias e que acompanhamos até o final e que, realmente, a partir do trabalho jornalístico teve um resultado positivo e que é legal, né? Mas na maioria das vezes não tem. No dia a dia não tem. Você vai lá, você é.... O que eu te falei... Você acaba... Você é um fofoqueiro. Você vai lá, você conta aquela história e fica por isso mesmo e acabou.

Hoje você vê o jornalista como um fofoqueiro?

Não, o que eu tô te falando é uma sensação que eu tive, que me desencantou, mas eu não vejo como fofoqueiro, mas eu vejo muita irresponsabilidade.

Apesar disso, você se sente realizada na profissão? O que ela representa na sua vida?

Eu não me sinto realizada com a profissão. Eu acho que hoje eu... Por incrível que pareça, olha que loucura, a gente saiu lá do comecinho, onde a minha profissão era a oportunidade de um emprego melhor, e hoje eu tento, eu busco é... Uma segunda alternativa de trabalho, de profissão. Eu quero ter uma segunda profissão. Eu ainda não deixei o jornalismo completamente, primeiro porque é isso que eu te falei: nunca foi pesado e continua não sendo. É um trabalho que eu faço, que eu levanto todos os dias e que eu dou conta dele, assim... Muito tranquilamente? né? Não é uma coisa que eu, "ai, meu Deus", que eu tenho que me descabelar, que eu tenho que sofrer demais, que eu tenho que... Não. É uma coisa que eu faço com muita tranquilidade, com muita facilidade, mas continua sendo uma alternativa de trabalho e de sobrevivência. É da onde eu tiro o meu dinheiro pra sobreviver, pra pagar minhas contas, porque é o que eu sei fazer. Eu aprendi, né? E hoje realmente eu posso dizer que eu sei fazer, né? Isso é uma coisa que difere lá de quando eu comecei, mas você perguntar o que é o jornalismo na minha vida hoje... Eu não tenho mais a pretensão de ocupar o espaço de uma grande jornalista, que descobre coisas e que tem um impacto na sociedade. Não. Hoje o jornalismo na minha vida cumpre a função de ser um trabalho e de ser o meu sustento, a minha fonte de renda, porque eu já busco uma alternativa de fazer uma outra coisa.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira de jornalista?

Fidelidade? O que seria fidelidade?

Permanecer longos anos numa empresa

Olha, não, eu não acredito que seja não. Eu acredito que a gente amadurece muito com as com as mudanças. Eu acho que é necessário. Você tem outros desafios. Pelo menos pra mim isso funciona, sabe? Eu acho que eu tive mais crescimento com as mudanças do que nos momentos que eu fiquei mais tempo. As mudanças me trouxeram mais convivência com outros colegas, outras formas de trabalho.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão? Indispensáveis? Eu acho que é.... Você tem que ter... Tô tentando achar a palavra aqui,... É... Apesar da gente falar que a gente não... Eu já te falei isso antes, né´? Que a gente não julga... Não.... Não toma partido... Não foi essa palavra que usei... Que a gente tem que ser isento, né? Mas eu acho que os seus valores são importantes. Eu não consigo imaginar, por exemplo, um jornalista que seja um cara desonesto, que seja um estelionatário, que tenha, sabe? Eu acho que ele tem ele tem que trazer essa coisa da honestidade, porque ele vai trabalhar com a verdade, né? Então eu acho que precisar ser uma pessoa séria, precisa ser uma pessoa honesta, ela tem que ter uma vida... Não tô falando, claro, da vida pessoal, mas eu acho que ela tem que ser uma vida assertiva. Jornalista tem que ter isso na vida dele, né? Ele tem que ser baseado em valores eu acho que legais assim... Valores corretos. Acho que é ética que estou falando talvez. Acho que eu estou falando de ética.

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
E eu acho que ajuda muito. Eu trabalhei sem esse alicerce é acadêmico e trabalhei com. Eu acho que eu trouxe muita coisa da academia que me ajudou, inclusive essas coisas que eu tô colocando aqui para você, que a academia me fez pensar e me trouxe leituras, enfim, que é a questão da ética, o teu compromisso, né? O que é realmente aquele trabalho. Eu acho que você ir para academia é importante, você ter contato com pessoas que vão te fazer refletir. Você.... Eu acho super importante a academia.
Mas é determinante para a qualidade de trabalho?
Determinante? É tão... Não gosto de nada assim que determina. Eu acho tudo relativo, mas talvez sim. Eu acho que pode... Eu acho que para.... Se você pensar em um trabalho de qualidade, eu acho que é determinante.
Por que? Você considera que quem não tem uma formação acadêmica não consegue desenvolver um trabalho de qualidade no jornalismo?
Não, não considero. Mas você fala... Quando você fala em formação acadêmica, você está falando em formação acadêmica de jornalista?
De jornalista.
Mas se ela tiver uma outra formação acadêmica vale?
Não.
Só formação de jornalista? Não. Eu acho que se for... Porque eu tô falando dessa questão intelectual... Eu eu acho que a academia é importante.
Mas a formação acadêmica em jornalismo é determinante?
Não, não é determinante. Não é determinante.
E por que?
Eu acho porque tem dessas outras coisas... Eu acho que intelectualmente é importante qualquer formação acadêmica para um jornalista, entendeu? Mas o que vai qualificar o trabalho dele não é isso. São outras coisas.
São o que?
A gente volta na questão da ética, na questão da humanidade, na questão daquela pessoa que consegue, realmente, se colocar no lugar do outro para trazer essa informação, para trazer essa notícia. É... O compromisso que ela tem com o que vai acontecer depois daquela informação que ela está levando, então eu acho que tem outras coisas. Mas, lógico, você tem que saber escrever bem. Então acho que uma formação acadêmica é importante, mas a formação jornalística acadêmica não é determinante.
O que você falou tem relação com valores pessoais? Da pessoa ser honesta, íntegra?
Valores pessoais, porque eu acho que os nossos valores pessoais eles vão refletir diretamente no trabalho de jornalista, porque a gente faz um trabalho completamente humano. Não tem como.
E quais são os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão? Formação acadêmica em jornalismo.
Eu acho que é a questão ética mesmo. E o que mais teve peso para mim, porque era uma coisa que, como eu não tinha formação acadêmica nenhuma, eu não tinha noção. Então pra mim isso foi muito importante. Foi aonde eu ouvi falar sobre isso e eu consegui entender o que era realmente, entendeu? É acho que basicamente é isso.
Serio o principal valor?
O principal valor.
Mas você consegue elencar outros valores?
Dentro da academia?

Dentro da academia.
Eu acho que a questão filosófica também. É uma coisa que a gente não tem se você não vai para academia e eu acho que isso te faz pensar dessa maneira mais... É... Mais ampla, né? A gente precisa ter essa cabeça que vai para todos os lugares, que pensa em todas as possibilidades, né? Então eu acho que são dois pontos bem importantes.
A informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
Puta que pariu, hein?
O que você considera? A informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
É um direito, mas ele também é um produto jornalístico. Acho que a gente.... É aquilo que eu te falei, da questão das coisas que entristecem, né? Há muita manipulação, as coisas não são ditas na integridade, às vezes só uma parte, então ele vira um produto, porque é feito dentro de uma caixinha, né? Se está numa caixinha, também vira um produto.
A projeção ou reputação de uma empresa é determinante na escolha do trabalho?
Sim. A reputação da empresa?
Sim, a reputação ou a projeção que a empresa pode proporcionar. É determinante para escolha do trabalho?
Você fala assim, na hora que eu vou escolher? Eu quero trabalhar aqui ou ali? Olha, já foi. Já foi. Já foi. Já foi uma coisa que que tinha muito peso, né? "Ah, eu quero trabalhar na empresa tal, porque eu posso chegar ao cargo tal e aqui a visibilidade é muito maior". É disso que você está falando, né?
Sim.
Mas hoje, por exemplo, eu valorizo mais a minha qualidade de vida, então outras coisas vão ser consideradas, né? Esse ambiente de trabalho, pra mim, é mais importante.

Valores pessoais

Você tocou no assunto da próxima pergunta: O que é qualidade de vida para você?
Puta merda! Eu tô buscando ainda. Qualidade de vida... Essa profissão é uma profissão que deixa a gente muito doido, né? Ela é muito acelerada e eu acho que se você não tiver cuidado e, dependendo do seu temperamento também, você perde completamente... As redações são insanas, né? Zero de qualidade de vida. Então qualidade de vida, eu acho que assim... A gente está falando do jornalismo ou você ta falando do geral?
Qualidade de vida geral. O que é qualidade de vida para você?
Ah, qualidade de vida pra mim é ter tempo pra tudo. É poder fazer tudo. É poder estar com a minha família. É praticar os esportes que eu gosto. É poder não fazer nada, ficar à atoa, sabe.? Vários nadas. Viajar, tipo assim... Eu nunca fui: "Ah, eu jornalista 24 horas". Eu acho isso insano, entendeu? Não sei quem que inventou isso! Porque eu acho que isso vai prejudicar. Ninguém vai ficar bem assim. Como é que eu vou ser humano, que a primeira coisa que eu te falei, se eu não vivenciar as experiências com a minha família, com a minha comunidade, com o meu trabalho, com tudo? Entendeu? Não tem... Eu vou ser um chato de galocha. E eu vou ter uma cabeça que eu só vou ver uma coisa o tempo inteiro, então eu não posso. Está errado essa história de eu sou.... Tudo bem, você pode ser um cara atento, você... Mas para! Tem hora que tem que desligar um pouquinho sim. A gente... Eu tenho essa coisa de querer estar com a natureza, de querer desconectar pra poder conectar. Eu acho importante, senão tem hora que a cabeça falha.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
A cobrança é muito grande. Eu acho que talvez esse seja um dos motivos que eu não... Que eu cansei da redação, que eu quis sair da redação do diário e tal. Hoje eu faço um programa

ao vivo, que às vezes me estressa, mas é mais leve porque eu não tenho um monte de gente para lidar, né? São só eu ali, a produção... É bem mais tranquilo.
Mas você muito tempo no *hard news* também, né?
Muito, muito tempo, e era uma coisa que eu ficava desesperada também, cansada daquilo. É meio pirante e eu acho... Não acho saudável. Eu realmente acho que tem muitos colegas assim... Com zero qualidade de vida.
Mas você acha que é possível ter qualidade de vida?
Acho que é possível, mas você vai ter que abrir mão, principalmente de dinheiro. A gente ganha mal, pra caramba. Então se você... Pra você ter qualidade de vida, você vai ter que trabalhar menos, porque tem... Você tem que ter o espaço para outras coisas, né? Aquilo do trabalhar 24 horas, de ser jornalista 24 horas não dá. Então eu acho que... Tem alguns colegas que consegue, mas não na redação, né? É o povo está fazendo assessoria, fazendo outras coisas, mas quem tá na redação realmente é... Sofre um pouquinho mais. Mas dá pra ter sim. Tem gente que consegue se organizar e fazer seu esporte e fazer suas coisas.
Mas na sua opinião seria trabalhando menos?
Trabalhando menos. Eu vejo os colegas que trabalham os dois períodos às vezes até trabalham em casa também, e eu considero... Não sei, posso estar equivocada, mas que falta qualidade de vida para eles. Não consigo ver isso como qualidade de vida. Só trabalhar.
Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?
Até o ponto que eu precisar dele. Se eu pudesse não precisar mais de salário eu já nem estava mais em empresa nenhuma.
Até o ponto que você precisa de salário?
Até o ponto que eu preciso de salário para minha sobrevivência entendeu? É...Volto pra questão da sobrevivência. Ela me persegue, né? Quando é que eu vou deixar de ser pobre? O dia que eu deixar de ser jornalista? Não, eu acho assim... Na permanência na empresa, por exemplo, eu acho eu acho que um salário... Hoje, por exemplo, eu acho que um salário muito baixo seria determinante, degradante. Eu não aceitaria fazer o meu trabalho por um, não vou determinar um X aqui para você, mas a gente tem uma média... E não trabalharia, com tudo isso que eu já vivi na minha carreira, por um menos X, entendeu? Então eu acho que talvez.... Agora teto pode me dar bastante aí que eu tô...
A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?
Não, não é satisfatória. É, atende as minhas necessidades básicas, mas é aquela coisa: sempre tem conta que entra no sorteio, né? Que fica pro outro mês... Não... Longe mesmo. Eu vivo na agonia de pensar o que é uma outra fonte, como é que eu vou gerar mais renda pra poder ter mais qualidade de vida, que aí vêm as outras coisas, que é o viajar, que é ter mais conforto, que é cuidar de mim, né?
Como você lida com essa pressão do tempo no dia a dia?
Então, eu tive a sorte sempre de ser muito rápida. Então, né? Sempre chegava com texto pronto. Isso foi uma característica minha que facilitavam um pouco as coisas, mas a gente tem essa pressão, principalmente eu que sempre fiz televisão. Era uma coisa que a gente tem que chegar e botar no ar. Sempre era para o jornal e tal, então assim é... Isso é uma coisa muito, muito maluca, essa coisa do tempo. Eu tive essa facilidade. É o que eu falo para você,: nunca foi uma coisa difícil pra mim. Eu sempre consegui fazer, mas eu acho que é uma coisa tensa o tempo inteiro... A redação.
Mas como que você lida com essa pressão? O que você faz para poder contornar ela?
Simplesmente lida. Não tem uma forma de contornar. O que você precisa fazer é dar conta do seu trabalho, né? Não existe uma forma de contornar. Eu acho que uma das coisas que eu sempre fiz é não entrar muito na pilha do mau humor. Eu sempre tentei ser uma pessoa

bem-humorada, brincar com os meus colegas. Sempre quando eu tinha oportunidade de relaxar um pouquinho eu relaxava, porque é da minha natureza, porque os colegas mais tensos têm úlcera, fumam para caramba, toma café o dia inteiro, fazem essas coisas... Então a minha válvula de escape era outra. É fazer palhaçada, é brincar, é... entendeu? É por aí. Mas eu acho que assim... Não tem muito como lidar. Se você tem uma pressão, você só consegue se livrar dela se você der conta do trabalho. Então é isso que você faz. Foi isso que eu sempre fiz. Tentei resolver.

Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?

Já, já adoeci, já adoeci de não conseguir lidar. Teve uma época que assim... Eu não queria... Eu... Sorte que eu tinha uma editora muito querida, mas assim... Eu não queria fazer matéria de polícia. Eu não queria ir pra delegacia, porque eu não queria saber de crime. Se chegasse na segunda-feira e tivesse um estupro, sabe? Aquela coisa do peso mesmo... Eu acho que é uma... Meio que.... Adoeci sim. Eu acho que isso é uma coisa natural. Eu já vi outros colegas reclamando disso, de ser difícil ter que lidar com essas mazelas todas, né?

Mas que tipo de enfermidade você desenvolveu? Porque você mencionou os colegas... Úlcera...

Ah, não, a minha psicológica sempre. É... Sempre aquela coisa de...Gera um certo pânico, né? Quando sabe? É... Aceleramento cardíaco, muita tristeza, você fica deprimido, né? Você não quer ir trabalhar, então assim... Eu nunca... Nunca cheguei a adoecer de não ir trabalhar, não ir trabalhar assim... Passar tempo sem poder trabalhar por conta de uma doença. Faz uma falta ou outra por um dia mais difícil, né? Mas nunca fiquei afastada do trabalho, no caso do jornalismo, da redação, por conta... Por conta disso. Mas eu já sofri. Era uma doença, né?

Fatores tecnológicos

Vamos falar um pouco sobre tecnologia. Você acha que as novas tecnologias facilitam fazer jornalístico?

Ai, agora eu vou ter que ficar... Falar que nem véia, né? Facilita... Agora eu sou da geração intermediária, gente. O que acontece? Eu acho que facilita, mas ela também empobreceu um pouco.

Por que?

Porque eu acho que a gente tinha... Eu não sei, deve ser meu olhar romântico para profissão, né? Porque eu acho que a gente tinha uma forma de fazer jornalismo, quando não tinha internet.... Eu sou da época que não tinha internet, não tinha nem computador, gente. Era máquina de escrever daquelas que o dedo ficava enfiado lá dentro assim... Prendia! Mas naquela época, o que acontece? Você realmente... Você buscava essa informação e você trazia coisas muito diferentes para redação, porque nós somos diferentes, né? Então a gente pode ir para o mesmo lugar e trazer coisas completamente diferentes, né? Assim... Dois jornalistas no mesmo lugar...

O olhar, né?

O olhar é completamente diferente. Então eu acho que isso se perdeu muito, porque a gente vê um monte da mesma coisa. E a gente tinha uma variedade de notícia. A gente brigava pelo tal do furo, porque a gente realmente dava furo um no outro, porque eu conseguia coisas que você... Não sei se isso.. Eu acho que a tecnologia facilitou. As coisas são muito rápidas, as pessoas têm acesso à informação de forma muito mais rápida, todo mundo virou um pouco jornalista, porque todo mundo tem informação e passa informação pra frente, né? Mas assim... Eu gostava muito daquele jeito. Eu acho que a gente apurava melhor. As coisas eram muito apuradas. Não tinha essa de alguém falou, mandou uma foto, que eu não sei e, pronto, eu publiquei. Não tinha. Você apurava. Eu voltava e falava: "Não. Não é nada

daquilo. Não era um incêndio, entendeu? Não era. Era uma fumacinha da panela da mulher". E hoje vira um incêndio. Até que alguém descubra que não é um incêndio já saiu na internet, todo mundo já publicou, né? E não era assim, né?

Mas você acha então que facilita, mas tem esse...

Facilita, mas traz prejuízo. Tem alguns prejuízos. Eu acho que a gente perdeu, principalmente na apuração. Hoje em dia a apuração é muito mal feita, na minha opinião.

Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Ain, não, eu tenho, né? Eu uso tudo, mas assim é... Eu acho... São poucas as pessoas que passam é... pras outras gerações e conseguem acompanhar tudo. E eu não sou diferente de ninguém. Muitas coisas que eu vejo já minha filha dominando, por exemplo, eu... Sabe? Tenho um pouco de receio daquilo. Eu olho com uma, né? Como é que eu vou te falar? Com uma certa dificuldade mesmo, né? Eu não me considero uma pessoa super tecnológica, que acompanhei tudo, não.

De que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?

Ai, total, né? Eu trabalho em televisão, então assim... É... Tudo é importante ali pra mim. A tecnologia é fundamental. Ela interfere na qualidade do meu trabalho hoje, né? Imagem, áudio, é... A rapidez com que eu faço as coisas é... Por exemplo: tudo a gente faz pelo WhatsApp, né? Todos os arquivos, todas as fotos, até vídeos a gente recebe, então assim... Ela interfere muito. Ela deu muito mais agilidade... Muita coisa eu não faria se não fosse essa tecnologia. Seria diferente aí... Aí eu perco, né? Aí eu ia perder, mas aí a gente está falando é.. Da tecnologia dando uma... Eu tô falando mais de qualidade técnica até, do que... Do que da informação, ta? Do que da qualidade da informação.

Você passou por vários períodos de mudanças tecnológicas... Da datilografia para o computador, do gravador...

Da internet...

Da internet... Como você enfrentou essas mudanças? Como se adaptou a elas? Como foi esse processo? Foi fácil? Foi difícil?

Então, foi assim... Na verdade, quando eu comecei era... Era a máquina de datilografia mesmo, quando... A primeira, as primeiras redações, que foram na Manchete e na Guanandi, era máquina de escrever, e aí já tava entrando computador; tava entrando no computador e tava entrando no celular. Era só os deputados tinham, mas gente tinha um na redação... Tijolão. E aí a gente tava começando a usar isso. Eu cheguei a usar ficha no orelhão pra falar na redação... Tudo isso... A gente usou Bip... Eu passei por tudo isso, entendeu?

Bip?

Usamos Bip... Todo mundo tinha Bip. Tocava Bip. Era redação...

Fax?

Usamos Fax, usamos tudo... Tudo... Olha a cara dele, gente...

Mas entravam em contato com as fontes pelo orelhão?

Pelo orelhão, todo mundo, ninguém tinha celular.

Mas tinha um orelhão perto da redação?

Não. O que acontecia? A gente tinha o telefone... A redação tinha os telefones fixos. Não existiam celulares. Nos lugares que a gente ia haviam os telefones fixos. Se eu tivesse no meio de algum lugar público, por exemplo, né? E eu não tivesse um telefone, eu tinha que usar o orelhão mais próximo. E em todos os lugares tinha um orelhão. Os orelhões eram a cada esquina tinha um.

Era o celular da vez...

Era celular, então você carregava ficha, depois passou pra cartão, e a gente ligava pra redação.
Como foi sua adaptação da máquina de escrever para o computador e o uso da internet? Porque a máquina de escrever tinha aquilo de você escrever e não errar, né? Pra você não ter que refazer... Ou não? Refazia várias vezes também?
Não. A gente usava já Errorex, essas coisas, entendeu?
O que era Errorex?
É uma... A gente tinha uma...Tipo uma tintinha, que você passava.
Tipo o corretivo?
Tipo um corretivo. É.
Era a tecnologia da época?
Era a tecnologia da época**,** mas muitas vezes tinha que jogar fora. A gente usava... Como é que fala? Hoje tirar cópia não era um negócio assim... Então a gente fazia pauta com um monte de... Como chama aquilo? Nem sei mais o nome.
Carbono?
Carbono. Pra sair tudo... Pra bater tudo de uma vez.
Usava mimeógrafo também?
Não, não, mimeógrafo não peguei. Só na minha escola de primário, né? Dá licença. Também não força, porque esse é do povo que morreu já, tá? Eu sou do povo que tá vivo ainda... Intermediária, intermediária.
Entendi, entendi.
Mas a gente fazia isso para facilitar, entendeu? Porque cópia também era um negócio meio caro na época.
Mas era o celular-tijolão... Usou então o....
O orelhão... Usamos fax, né? A gente recebia as coisas... A gente tinha rádio dentro da redação, porque a polícia a gente acompanhava... Não tinha internet, então você tinha que acompanhar dentro da redação pelo rádio. A gente tinha uma... Conectava com o rádio da polícia, no rádio escuta e a gente ouvia ali o que estava acontecendo pra gente poder chegar junto.
E a apuração então era totalmente na rua?
Totalmente na rua. "Vai pra Santa Casa saber o que está acontecendo lá. Vai pra governadoria saber o que tá acontecendo lá".
Não dava nem para ligar porque quase não tinha telefone?
Não. A gente ligava. A produção fazia essa ponte. A produção ligava muito. A produção vivia no telefone. A produção não ficava digitando o tempo inteiro agora... Era só no telefone. Era o nosso computador. Era o telefone. Então, o que acontecia? A gente tinha muita fonte. Os produtores, os jornalistas tinham o tal do caderno de fonte, né? Que na minha época a gente tinha. A gente tinha muita fonte. Por que o que acontecia? Eu tenho... As fontes é que ficavam passando: "Ó, tá acontecendo tal coisa aqui". Você tinha que ter alguém que te ligasse. E a pessoa tinha que te ligar mesmo.
Tinha que ter fonte?
Você tinha que ter fonte, senão você não ia saber, e essas fontes era uma coisa muito valiosa, porque ela passava só pra, não é mais hoje... Eu botei na internet.
Que divulga em tudo...
É... Era só pra você, então isso era uma coisa... O jornalista que tinha fonte ele era o cara, entendeu?
Facilitava o furo.

Ele facilitava o furo, ele tinha as melhores notícias, ele apurava melhor, ele sempre sabia primeiro, entendeu? Era o cara. A gente tinha desde a funerária até na padaria você tinha fonte, todo mundo... Taxista era fonte legal, esses caras eram... Sabe assim? E era... E o negócio era por telefone. "Ah, me liga a cobrar". Tinha essa coisa. "Pode me ligar a cobrar". Na redação a gente recebia muita ligação a cobrar.

Uma relação pessoal também às vezes?

As pessoas ligavam da comunidade como eles mandam e-mail, como eles mandam WhatsApp. Eles ligavam lá do orelhão: "Oh, aqui no meu bairro tá não sei o que..." Né? Era desse jeito.

Quais as habilidades profissionais do jornalista que são valorizadas pelo mercado de trabalho hoje? Pensando em todo esse processo, nessa evolução, nessas fases... Quais as habilidades profissionais que você considera que são valorizadas atualmente?

Que são valorizados pelo mercado, né? Não é por mim. Eu acho que essa questão da tecnologia é uma coisa que é muito, muito importante, tipo... A pessoa tem que saber fazer tudo, sabe? Assim... Tecnologicamente ela tem que saber fazer tudo. É legal você saber trabalhar... Toda a estrutura... Por exemplo, eu nunca trabalhei em um site. Eu não sei como é. Nunca trabalhei no online, né? Mas eu acho que isso é uma coisa que meio que natural quando você... Pra quem.... Eu não procurei mais emprego. Há 8 anos eu tô na mesma empresa, né? Então acho que se você vai, por exemplo, arrumar um emprego de assessoria, as pessoas querem saber se você dá conta de... De trabalhar com essa tecnologia, se você faz sozinho, né? É uma coisa... O online é um treco que ganhou um peso muito grande.

Quando você fala em lidar com as novas tecnologias, seria o que? As novas mídias? internet?

Tudo, né? Desde você saber alimentar um site e saber trabalhar com a rede social, tudo isso eu acho que é importante. Rede social então, ganhou um peso imenso. E nem todo mundo sabe mexer. As pessoas sabem mexer, mas elas não têm... Eu acho que o conhecimento ele tem valor. Uma pessoa que chega e consegue te explicar como é que você vai fazer a sua rede social... Um jornalista que consegue te dar isso é uma informação... É uma coisa importante.

Lidar com a tecnologia é uma das habilidades que você considera que é valorizada hoje?

Muito, muito valorizada.

Tem outra?

Ah, daí vem todas as básicas. Eu acho que você tem.... Saber escrever é fundamental para um jornalista, independente de, né? Você tem que.... É... É que eu não sei....

A principal seria a tecnologia?

É. A principal seria a tecnologia.

E dos jornalistas outras gerações? Quais eram as habilidades profissionais valorizadas na sua época, por exemplo?

A gente fazia teste. Você tinha que ser bom no que você se propunha a fazer. Você tinha que ter um texto bom. Você tinha que ser rápido, sabe? Todas essas coisas elas tinham um peso.

Mas era o que? O texto era mais valorizado?

O texto. Eu acho que o texto era mais valorizado. Se você sabia apurar uma notícia e se você sabia escrever bem. Ah, eu acho que imagem também é uma coisa que pesa muito hoje, viu?

Imagem?

Imagem. Eu acho que pesa.
Você fala em apresentação pessoal?
É. Imagem. Eu acho que as pessoas elas... Na minha época você podia ir totalmente bicho-grilo é... Para uma entrevista de emprego em uma redação. Era muito mais tranquilo isso. A gente andava de sandalinha de couro e não sei o que. Agora eu acho que isso mudou muito. A gente tem que ir, sim.... Colocar um saltinho, um blazer... Eu acho que isso faz muita diferença. Eu acho que essa coisa da imagem é um negócio que mudou, até porque a gente se expõe muito mais. Naquela época, né?
Era mais contido.
É.
Como você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalístico?
Para o meu trabalho.
Seu trabalho.
Eu não tenho nenhum tipo de estratégia assim... Não tenho nada muito definido com relação a isso, até porque eu acho que é um pouquinho daquilo que eu te falei: a gente não tem... Acompanhou até certo ponto. Mas eu uso as redes sociais, sim, pra divulgar o meu trabalho, mais como uma forma de divulgação mesmo, pra dar mais alcance para aquilo que eu estou fazendo.
E para pesquisar pautas, essas coisas, também influencia para conseguir notícias?
Ah,a rede social? Não tinha chegado aí. Sim. Muito, muito. Eu pesquiso muito na rede social. Eu tiro muita pauta da rede social. Muita, muita, muita, todos os dias.
Antes você tinha que ir pra rua? Antes eu tinha que ir pra rua, eu tinha que conhecer as pessoas. Eu tinha que... Muitas pautas chegavam até mim e muita coisa... Hoje em dia as pessoas não trazem mais pauta como elas traziam, né? Mudou....Chegava muita pauta na redação. Muita. Hoje em dia eu acho que mudou muito isso. A gente vai atrás mesmo dessa forma aí. A rede social é um pauteiro gigantesco.
A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
É relativo, né? Mas eu acho que, de uma maneira geral, tem um pouco daquilo que eu te falei: a gente acompanha, mas eu acho que a cada geração há uma dificuldade para estar completamente ali. Eu estive completamente lá na minha redação de máquina de escrever. Quem está completamente na redação que é muito mais tecnológica é essa geração agora. Eu tenho certeza disso.
Mas facilita, dificulta ou influencia? Isso é relativo?
Isso é relativo. Eu acho que cada um tem uma habilidade. Eu vi colegas, por exemplo, que não se adaptaram de jeito nenhum com as mudanças tecnológicas e ficaram, entendeu? Outros que estão aí trabalhando normalmente, sem nenhum tipo de bloqueio... Gente que está mais ou menos, então eu acho que a idade é relativa. Eu acho que tem a ver com o indivíduo, entendeu? Daquilo que até eu me proponho a fazer também, né?

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Eu, na verdade, não tenho dificuldade de relacionamento. Isso é uma coisa pessoal, tá? Mas eu percebo uma separação natural assim, sabe? Eu acho que... O que acontece? Aí tem gente que vai falar: "Não, mas eu sou editora, eu tenho 50 anos e tem gente aqui, de 20, que a gente sai, toma cerveja... É lógico! É chefe! É relação de chefe! Vai sair mesmo! É uma relação que está muito mais ligada a interesse do que a afinidade. Afinidade é outra coisa, entendeu? Então eu acho que é uma separação natural. Não tem como. Eu acho que tem uma separação natural.

Mas uma separação natural que tem a ver com a idade?
Tem a ver com a idade. Na minha época... Véia, né? A gente tinha uma admiração muito grande pelos mais velhos e a gente busca muito estar perto deles porque como a gente tinha... A gente não tinha essa falsa noção de poder, porque a gente não tinha acesso à informação... Quem que dava a informação pra gente? O cara que conversava com a gente e que era velho. Que tinha experiência... Ela não estava lá na internet, pra eu ir lá e pesquisar no Google e achar que eu sabia. Então eu precisava respeitar aquele cara, precisava ser amiga daquele cara lá mais velho que eu, de 50 anos, pra eu poder entender a minha profissão, pra eu poder crescer, pra eu poder aprender. Hoje não tem mais isso. Então o cara de 20 anos ele só vai ter essa relação com o cara de 50 a medida que ele precisar, que for o chefe dele, senão ele nem sabe quem é. Ele nem está aí. É um velho. Eu percebo isso claramente. Por que? Porque eu acho que essa tecnologia, essa informação 24 horas à disposição e um mundo que você quiser sem você precisar falar com ninguém, te dá uma falsa sensação de que você não precisa, entendeu?
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Um veterano e um novato?
É.
Ah, com certeza.
Por que?
Ué. Começo da nossa conversa... Aquele encantamento, né? Todo... E depois quando você realmente sabe o caminho das pedras, o que é verdadeiro, o que está só na fantasia, enfim... Eu acho que tem uma distância enorme. Algumas coisas a gente não perde, outras coisas a gente ganha, mas é... Tem uma diferença.
Mas como o veterano enxerga? E como o novato enxerga?
Ai assim... Depende do que você quer exatamente, porque... Enxerga o que? A profissão?
A profissão. Como um veterano enxerga a profissão? E como um novato enxerga a profissão? Como você observa isso de maneira geral?
Então... Eu não consigo te responder isso, até porque faz tempo é.. Que eu não tenho... Não convivo mais nesse ambiente de redação. O meu contato diário com jornalistas é pouco. Eu tenho contato com assessoria de imprensa.... É muito mais do que com colegas.
Mas considerando suas experiências.
Se eu fosse falar do novato, e eu tivesse falando dessa geração agora, eu acho que eles são bastante equivocados com relação à profissão. É... Eu volto a falar nessa sensação de poder. Eu vejo hoje essa gurizada com essa sensação de poder, quando começa a profissão, muito equivocada. Eles têm uma ideia de conhecimento equivocada. Então eu acho que eles olham pra profissão com uma certa soberba. Não sei se estou falando bobagem, porque tem profissionais mais maduros que também, né? Pelo... Por muito conhecimento também acham que estão em um patamar de poder. Mas, enfim, eu acho que a maturidade dos veteranos faz você olhar para a profissão de um jeito diferente e isso ainda, na minha opinião, vai ser muito pessoal, porque eu posso ter ido para um caminho e meu coloca ter ido para o outro e as pessoas que estão chegando também. Vai depender das ideologias que elas carregam e tal.
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
Positivos e negativos anterior à minha?
Você conviveu com jornalistas mais antigos...
Então, a gente admirava eles. A gente admirava demais. Eles eram assim nossos mestres realmente.

Mas admirava por que? Quais eram os pontos positivos?
Porque eu acho que eles eram mais... Como é que vou te falar? Talvez mais idealistas mesmo. Eles eram indignados. Existia uma indignação nesses profissionais que eu não vejo mais hoje. Eu vejo as pessoas tratarem o jornalismo de uma maneira muito... Tudo é normal. É tudo muito banal. E havia uma indignação nas coisas. Esses jornalistas anteriores à mim, havia mais ainda do que na minha, entendeu? Então eles eram os caras que gritavam, eles falavam alto, eles eram, sabe? Eles tinham um envolvimento naquilo que era muito bonito de ver.
E os pontos negativos dessa geração anterior à sua?
Pontos negativos? Bebida vale?
Vale.
Então, essa galera era uma galera acho que mais maluca assim, sabe? Eles bebiam pra caramba. Eram boêmios, mas eu acho que rendia tão boas conversas também, boas reflexões, sabe? É... Eu acho que era um outro momento. É difícil eu conseguir apontar os pontos negativos trazendo isso pra eu você, quando eu falo que eles eram os nossos mestres, então a gente achava que eles eram o máximo, então é complicado. Mas talvez também tivesse um pouquinho de soberba. Acho que todo mundo que sabe mais acaba tendo.
Quando fala em bebida, você fala em um descuido com a qualidade de vida também?
É, também, eles eram pessoas muito... É... Mas isso eu já acho que tem a ver com esse caminho que o jornalismo toma... Que você falou da qualidade de vida e que eu te falei: viver 24 horas do jornalismo. Esses velhos viviam 24 horas do jornalismo. E eles bebiam, e eles viravam, então era uma vida meio... Que eu acho que comprometia. Eu tenho dois chefes que eu lembro que eles caiam na bancada.
Apresentando jornal?
Dois ex-chefes, que já morreram os dois.
Caiam de bêbados? No meio do jornal?
De bêbados, no meio do jornal. Hoje é uma coisa que seria inadmissível, né? E naquela época, no outro dia o cara apresentava normal. Então acho que tinha isso.
E os pontos positivos e negativos da nova geração?
Tão difícil, né? Perguntinha horrorosa.
É para promover a reflexão.
Promover a reflexão, né? Então, eu acho que assim... Apesar de ter falado mal da nova geração, eu acho a nova geração inteligente também. Eu acho que eles têm uma capacidade também de... Percepção, de circular em tudo... E talvez porque tenha muita informação mesmo, desde sempre, mesmo antes de entrar na faculdade, começar a trabalhar e tudo. Eu acho que eles têm um dinamismo legal dessa nova geração assim, sabe? Que eu acho que foi a tecnologia que trouxe mesmo, mas eu acho eles imaturos. Na minha opinião é uma geração muito folgada. É... Muito... É tudo muito fácil. Então eu sinto uma falta de garra, uma falta de determinação assim, sabe? E acho eles imaturos. Eu acho que a gente era muito maduro pra idade. Isso seria um ponto negativo.
E da sua geração, quais são os pontos positivos e negativos?
Da minha geração? Eu acho tao perto assim da geração ali, que a gente falou que eram os mestres e tal, né? Mas eu acho que a gente... Eu vou voltar a insistir na garra. Acho que era uma galera que tinha mais garra, que tinha uma paixão assim, sabe? Pelo trabalho. Acho que isso fazia a gente... Porque era difícil. Trabalho era difícil. Era um negócio que a gente tinha que dar um jeito de fazer e acontecer. A coisa não acontecia assim. Você tinha que se movimentar mesmo e tal, e tinha que ir atrás, que fazer a sua lista de fontes, né? Enfim,

construir aquilo. Eu acho que a gente construía muito mais essa profissão, então acho que a gente tinha mais garra e... Mais paixão. Talvez eu tenha tido mais paixão e hoje não tenha mais, por isso estou falando isso, mas é o que eu via na minha geração. E pontos negativos? Não tinha. Minha geração é perfeita. Não consigo. Eu sou muito positiva. Não consigo ver coisa negativa na minha geração. O que a minha geração tinha de negativo? Sei lá... A gente fazia tanta festa. Era tão legal. A gente era tão, tão unidão assim...

Não consegue então...

Não consigo achar não. Não consigo lembrar. Não vou falar mal da minha categoria.

Existe conflito de gerações entre jornalistas?

Existe. É aquilo que a gente falou. Acho que anteriormente a gente tocou nesse assunto, né? Eu acho que a gente não se mistura muito. Natural. Acho que é natural. Acho que não é só entre jornalistas. Acho que você vai encontrar isso entre médicos. Médicos recém-formados e médicos mais antigos, entendeu? Eles aprenderam de jeitos diferentes, como a gente está colocando aqui, então eles vão ter conceitos diferentes, eles vão ter jeitos de olhar para aquilo diferentes. As coisas vão mudando, então há conflito. Eu acho que...

E esses conflitos, na sua opinião, são de que ordem? Pessoa, profissional, tecnológica?

De todas. Eu acho que tem a tecnológica, quando há uma diferença muito grande. Eu acho que a tecnológica aparece, porque a gente já andou muito e a gente tem bastante jornalistas nas redações das gerações mais antigas ainda e... Você falou tecnológica?

Falei pessoal, profissional e tecnológica.

Você tocou em um ponto. Eu acho que hoje a gente tem muitos problemas de ordem pessoas dentro das redações. As pessoas têm muita dificuldade pra se relacionar. Isso é uma coisa que eu sinto assim.

E por que você acha que existe?

Eu acho que é natural do tempo que a gente vive, entendeu? Eu acho que é um problema não do jornalista. Talvez isso aconteça em muitos outros lugares, mas como o nosso ambiente de trabalho é um ambiente tenso, essas coisas elas afloram muito mais.

Tem a ver com diferença de idade?

Não necessariamente. Eu acho que a convivência, de uma maneira geral, é difícil e a diferença de idade torna... Às vezes sim, em alguns momentos, isso ainda é mais difícil, porque há uma diferença de educação, de tudo aí, né?

Você considera que existem conflitos de ordem profissional relacionado a hierarquia, por exemplo?

Mas assim... Você está querendo que eu coloque isso o que? Que peso eu dou pra isso?

Você disse que há conflito de gerações e eu perguntei se esses conflitos são de ordem profissional, pessoal ou tecnológica. Aí você mencionou pessoal...

Tecnológico e pessoal, né?

É. E o profissional? De relacionamento, às vezes, entre chefe e o subordinado, por exemplo.

Então, eu acho que acontece, mas eu não colocaria... Eu não tenho como mensurar isso aí se acontece, se é uma coisa que a gente pode colocar como um problema, sabe? Fazer um...

Mas com base na sua experiência, consegue enxergar?

Ah, eu vi vários conflitos, de hierarquia e tudo. Sim, eu acho que o jornalista por si ele é um sujeitinho muito é... Briguento, né? Então os conflitos de chefes eles são super normais. Eu acho isso, você acha aquilo e a gente.... A gente... É da nossa... É do nosso ambiente de trabalho essa discussão, então eu acho que acontece sim.

Quer fazer alguma consideração?

Eu não aguento mais falar. Pode ser? Eu já falo todo dia. Já chega?

Entrevistada: Marta Ferreira

Data: 03/04/2018 | **Duração:** 01:42:02

Veículo representado: Online **| Geração representada:** X

Perfil resumido

Nome completo: Marta Ferreira de Jesus
Idade: 45
Data de nascimento: 03/10/1972
Local de trabalho: Campo Grande News (várias passagens)
Função: Redatora-Chefe
Formação: Jornalismo (UFMS/1996)
Tempo de carreira no jornalismo: 22 anos

Perfil completo

Marta, você está com quantos anos?
45
E qual sua data de nascimento?
03/10/72
Aqui você está como editora, né?
Aham. É redatora-chefe.
Redatora-chefe. Você formou quando lá na federal?
96. Quarta turma
Você chegou a fazer outro curso depois? Pós? Alguma coisa assim?
Fiz uma pós em mídia online, nos primórdios do jornalismo virtual, que eu uso até hoje muita coisa dela.
Foi quando?
2001, eu acho
Onde?
Uniderp.
Chegou a concluir?
Conclui.
Curso superior, você tem outro ou começou?
Não,não... Ah comecei, mas antes de fazer jornalismo, isso nem conta. Comecei Educação Física e Administração. Administração eu fiz 6 meses e, na verdade, eu uso o conteúdo de la até hoje.
É mesmo? Lá na federal?
Uso. Não. Na UCDB. A FUCMAT também. Uso, uso, as aulas de filosofia... Eu fiz filosofia duas vezes.
Duas vezes?
Eu fiz na federal e fiz na...
Ah é, no jornalismo e em administração..
É, é, eu podia ter, ter.. Mas como eu fiquei devendo a FUCMAT eu não peguei meus créditos de lá. É, eu fiz filosofia duas vezes, a disciplina, é... Me deu essa esquerdopata aqui. Fiz marketing, que me ajuda muito até hoje.
Ah, legal, e Educação Física você fez aonde?

Ah, uma semana, foi uma semana, na Federal. Eu comecei os dois, diz que ia levar os dois... Mas eu tenho uma amiga que fez, na mesma época. Formou nos dois.
Você tem quanto tempo de carreira?
95... Vinte e dois.
Desde 95...
Vinte e dois. Vinte e três, né?
Você começou antes de entrar na faculdade?
Não. Eu formei em 96.
Você formou em 96...
É, eu comecei no último ano.
Ah, tá
Estava pra terminar. Fui uma das últimas da minha turma, inclusive.
Então você tem 23 anos de carreira?
É, aham.
E você lembra em quantas empresas você já trabalhou e quais foram elas?
É extensa a lista. A primeira empresa foi a VBC.
Como?
VBC, uma produtora de vídeo.
VBC?
VBC, V de vaca, um produtora de vídeo... De lá eu fui para o Diário da Serra. Tive uma passagem muito breve na Guanandi. É... CBN, é... Folha do Povo, TVE, Campo Grande News... Teve um TVE e Folha do Povo aí invertido aí, mas eu acho que não...
Tá.
Assim... Eu saí da Folha do Povo, fui pra TVE, voltei [...] Da TVE voltei pra Folha do Povo. Foi Campo Grande News, TV Morena.... Eu falei que eu tive uma passagem na Guanandi?
Falou.
Bem breve, mas teve, é... Campo Grande News, TV Morena, campanha eleitoral, do... Delcídio. Fui para ganhar uma merreca... Depois Jornal O Estado?
Teve a Sato, não teve? A Sato não. A Contexto.
Ah, sim, a Contexto, foi uma época que... É que estou indo na cronologia. É... Jornal O Estado, Campo Grande News, campanha do Ruiter... Jornal O Estado foi depois da campanha do Ruiter, na verdade.
Jornal O Estado...
É, Jornal O Estado, campanha do... Aí depois... Jornal O Estado, depois da campanha do Ruiter, né? Não! Eu já embalei tudo a ordem aí, mas depois foi pra.. Eu tenho meu currículo. Se você quiser depois eu te mando, que nele está...
Tá.
... Contexto, aí foi Jornal O Estado. É isso. Contexto, Jornal O Estado. É Campo Grande News, Contexto, Jornal O Estado.
Aham.
Campo Grande News de novo. É.... TV Morena brevemente, 45 dias só pra eu fazer.. Prefeitura de Campo Grande. É, tem mais uma empresa lá traz que faltou. Prefeitura de Campo Grande... Depois da prefeitura o que eu fiz, gente? Mídiamax... Campo Grande News e no meio aí tem o Mídia Nova, lá perto da campanha do Ruiter, depois da campanha do Ruiter, foi isso.
Aham. E depois?

É, aí tem os *freelas,* que não da pra contar, né? Eu já fiz até uma revista de coluna social de Sidrolândia.
Coluna Social?
É, na verdade eu editava a revista. Vinha o material pronto, ruim, ruim, ruim...
Você não trabalhou no Diário da Serra também?
Trabalhei, lá atras, depois da VBC.
Ah é, depois da VBC, verdade.
Acho que foi o emprego que eu fiquei mais tempo seguido.
É, isso que eu ia te perguntar: você lembra quando que você entrou? Quanto tempo você ficou em cada um deles?
Em cada um não, mas assim...
A média de permanência.
Oh, o que eu fiquei mais tempo foi no...No Diário da Serra, que foram mais de 3 anos; na TV Morena foram 3 anos quase...
Na primeira passagem?
Na primeira passagem. Segunda foi só um *freela*. O Campo Grande News, juntando tudo, acho que da uns 8, 9 anos.Teve uma temporada de 3, uma de 4 e 2... Dá uns 8, 9 anos, juntados todas assim..
Mídiamax?
2 anos.
Prefeitura?
Seis meses, aí quando eu soube que ele ia cair eu vazei. Mentira. Foi coincidência.
Jornal O Estado?
Seis meses em uma, 6 meses na outra. Foram duas vezes. Uma vez em 2006 e uma vez em 2013.
Na VBC, você lembra?
VBC eu acho que eu fiquei uns 6 meses também.
Guanandi, na primeira vez?
90 dias.
CBN?
CBN uns 8 meses.
Folha do Povo?
3 anos mais ou menos.
TVE?
Um ano.
A campanha demorou o que? Três meses?
É. Quatro meses. Uma eu morei em Corumbá. A primeira. Não... A segunda. Dois mil e oito.
Aí Campo Grande News, juntando 8, 9 anos... Mídia Nova, é esse que você falou?
1 ano.
Revista? Essa que você fez?
A, nossa, quase 1 ano também.
E os cargos que você exerceu? Lembra o que você já foi?
É... Repórter, editora de TV, produtora de TV, produtora de rádio, assessora de imprensa, chefe de redação, tanto na assessoria de imprensa como na...
Assessoria ou jornal, né?

É. Na prefeitura eu era chefe de redação. É isso.... Editora de economia, editora de jornal impresso também, de Economia, de Cidades. Já escrevi coluna de futebol, já escrevi coluna de...
Já foi colunista também?
Já. Coluna de futebol, coluna de... Durante a copa. Coluna de... Crônica? Não sei como pode dizer...
Cotidiano?
É, de cotidiano. Isso.
Mas em nesses cargos todos que você exerceu, qual o maior tempo você ficou em um deles assim?
Especificamente?
Você consegue lembrar mais ou menos quanto tempo você ficou como repórter, editora...?
Então, é que são varias temporadas. Por exemplo: no Diário da Serra, eu fiquei menos de um ano como repórter, aí já pra edição. Na Folha do Povo eu já cheguei como editora. Assim, na carreira o maior tempo é na edição. Edição de vídeo e chefia de reportagem.
Edição de?
Edição, de editoria ou de...
Aham, mas como chefe de redação?
Não.
Ah ta, então é como editora mesmo?
É.
Maior tempo de serviço completo?
Não, maior tempo é como chefe de redação. É, maior tempo é como chefe de redação.
Chefe de redação foi quanto tempo?
Cara, eu acho que juntando tudo da minha carreira, deve ser uns 15 anos, como... Em cargo de chefia. O resto... Porque assim, teve intervalos, né? No Mídiamax...
Como repórter você ficou quanto tempo?
Juntando uns 5 anos.
Cinco anos.
Cinco, seis anos.
E a maior parte então foi em cargo de chefia...
Maior parte em cargo de chefia, seja de editora ou de chefe de reportagem, porque assim... No Diário da Serra, eu fiquei 1 ano, mais ou menos, como repórter e já virei editora.
Ah, então você começou como repórter...
Repórter.
Mas assim... O início da sua carreira, em cargo de chefia, foi no Diário da Serra?
Foi.
E como que foi isso? Como aconteceu?
Foi uma surpresa assim... Assim, foi aquelas coisas que você, que as circunstâncias te levam. Eu sempre fui muito curiosa assim, como repórter. Sempre fui muito curiosa, que é uma uma característica positiva do jornalista, né? Ser curioso. E aí eu sempre queria diagramar. Diagramava as matérias, né? Desenhava a página, junto com um diagramador. Eu não fazia... E assim... Eu orientava e o diagramador assim... Desenhava a página conforme eu queria, conforme a gente queria... O jornalista. E quem fazia isso era o editor, mas eu queria fazer as minhas páginas. Eu queria acompanhar e aí fui fazendo assim... "Ah, deixa tal matéria..." Fazia uma matéria de página inteira, era muito comum isso em jornal, e eu falava: "ah, então deixa eu desenhar a página". Aí ia lá e desenhava a página. Aí, tá... Aí

um dia o meu editor ficou doente e aí.. Pegaram uma turma... Eram muitas pessoas jovens assim, né? Como é até hoje, né? O jornalismo é feito de gente muito jovem. Aí, "Ah, a Marta sabe desenhar a página, porque ela está acostumada". A diagramadora falou isso. "Marta sabe desenhar a página, porque ela está acostumada". "Ah, então você fecha hoje". E aí fechei esse dia e assim.... A chefia viu que eu tinha condições de fechar, e aí eu assim... Eu eu tinha uma condição de liderança, que acho que é uma outra... E aí foi assim. Quando precisou de um editor... E aí eu fui para repórter de Economia. Eu era repórter de Cidades. Aí me mudaram para repórter de Economia. Não sei. O Antonio João cismou que eu tinha que ser repórter de Economia. Eu de principio odiei a mudança, mas depois eu adorei. Descobri um outro mundo, porque eu achava que eu não sabia fazer conta... E hoje as pessoas pedem para fazer conta de percentagem... Aí fui para a economia, o editor... Ele fez uma mudança na redação geral e eu subi para editoria. E aí, a partir daí, nunca mais assim... A maioria das vezes eu ocupei cargo de liderança. É, mas também tive retornos para reportagem, porque é... Já pode explicar? Não sei.

Pode.

Porque a chefia ela é muito cansativa, né? Do ponto de vista físico, do ponto de vista emocional, é... E aí como eu tive várias trocas nesse período, nem sempre você volta no cargo de chefia, e nem sempre eu quis voltar no cargo de chefia. Durante... Muitas vezes eu quis ficar na reportagem, porque é onde você exerce o ofício com um pouco mais de de paz, no sentido... É mais cansativo fisicamente, a gente vai pra rua, a rua é mais cansativo e tal... E você ganha menos, então... Eu, em algumas oportunidades, eu já quis ficar na reportagem pra ter um pouco mais de paz espiritual, mas acaba que as circunstâncias me levam pra chefia.

Você passou por um monte de empresas. Fica até difícil traçar, né? A linha... E aí você falou o tempo médio de permanência. Agora eu queria saber o motivo dessas saídas, de cada uma delas. Você consegue lembrar?

De cada uma eu não sei.

Mais ou menos...

Mas mais ou menos eu consigo. O Campo Grande News...

Tenta ir pela ordem...

Tá. O Diário da Serra fechou.

A VBC?

A VBC foi por uma oportunidade, porque eu queria assim... Eu comecei num programa que não era jornalismo. Era entretenimento. Era um programa que chupava os videoclipes nacionais e tinha os apresentadores locais engraçadinhos e tal, então era uma tentativa de fazer um MTV local, era isso, a referência era MTV. A gente copiava os clipes, botava uma logo em cima da logo deles, era bem piratão assim... Mas é... E era de uma produtora e passava na Guanandi, mas não era jornalismo. Era entretenimento. Eu queria jornalismo e assim... Meus amigos, meus colegas, falavam: "Marta, você tem que estar no jornal". Porque eu, eu... Escrevia relativamente bem, era curiosa, enfim... Aí uma amiga minha falou do Diário da Serra e eu fui uma das últimas da minha turma, apesar das pessoas elogiarem o meu texto, tal... Eu era muito tímida, incrivelmente, pode parecer que não, mas era. Eu achava que eu não dava conta. E ela falou: "Não, vai no Diário, eles estão precisando". Aí eu fui lá fiz um teste, o Celso Bejarano olhou minha matéria do... Projétil. Eu levei o jornal dá...

O Celso era o editor?

Era, o Celso era um dos editores. Ele olhou e falou assim: "É, mais ou menos, né?" Hoje em dia eu brinco, que a gente é amigo, eu brinco com ele, né? E eu não fiquei dessa vez Aí na

segunda vez eu fui fazer um teste, eu lembro que quando o Alex Fraga era editor, e eu toda bonitona assim... "Ah, queria fazer cultura", e ele: "Hum, hum". Achava que era a cult, né? Aí me botou para fazer Cidades, mas eu fui indo bem, e aí assim... Eu lembro que uma das primeiras matérias que eu fiz, foi sobre o uso de cinto de segurança, da lei da lei local que obrigava a usar cintos de segurança. E... Deslanchou. Fui fazer Cidades, depois fazer Economia.

Mas então você saiu da VBC por que você queria fazer jornalismo?

Não, eu saí porque eu queria fazer o jornalismo.

E no Diário da Serra?

Saí porque fechou.

Simples.

Eu ficaria naquele emprego a minha vida toda.

Sério?

Foi o emprego que eu mais tive...

Por que você ficaria lá?

Porque era um ambiente muito bom. Mas assim, ficaria não sei, né? A gente fala hipoteticamente, mas assim, eu gostava de trabalhar lá. Eu ia trabalhar com ideias na cabeça... Era muito começo da profissão. Assim, era muito empolgante, então... Era uma empresa boa, você tinha boas condições de trabalho. Era do grupo Correio do Estado na época. E assim, é um empregador, do ponto de vista trabalhista, que cumpre e que paga o plano de saúde, que te dá uma cesta... Dava uma cesta básica, então assim.... Era um empregador... O salário não era ruim, Ganhava comparativamente melhor do que eu ganho hoje, apesar do cargo de chefia. Se eu fizer uma comparação ao longo dos anos, o salário perdeu muito, então assim, eu era muito jovem, num emprego que eu achava bacana, que não me ocupava o dia todo. No começo ocupava. No começo eu entrava 8h horas e saia às 19h, depois eu passei a entrar à tarde e aí era tranquilo assim. Eu trabalhava à tarde, eu tinha, era... Eu sempre fui uma pessoa de ser muito agregadora assim. Eu sempre fiz muitos amigos aonde eu trabalho. É uma qualidade e um defeito de certa forma. Mas assim, então eu gostava muito desse lugar e eu... Eu fiquei muito triste quando ele fechou. E assim, a conversa de quando ele fechou é que uma parte da equipe ia para o Correio, e de fato foi, e uma parte ia fazer uma revista semanal. Eu fiquei pra essa revista semanal, só que isso nunca existiu. A turma que ficou pra essa revista semanal foi demitida.

Foi um projeto, só que não saiu do papel...

Não, foi uma migué na nossa cabeça, né? É isso.

Entendi.

E aí eu fui demitida e eu chorei na época. Achei que eu não ia conseguir outro emprego. Eu fiquei muito. Foi bem, bem triste assim... Ver um projeto que a gente acreditava fechar. E eu saí por isso. Depois, eu pra CPN e saí...

Pra Guanandi, pra Guanandi.

É, mas na Guanandi foi durante esse intervalo aí do...Eu trabalhava, eu trabalhava nos dois lugares. A Guanandi foi uma experiência que o editor da... Queria me contratar pra produção, mas de repente a gente viu que ele não tinha dinheiro mais, aí mandaram embora. Então assim, nem mandar embora, ficou no contrato de experiência. Foi muito rápido.

Mas assim, você saiu do Diário da Serra e já chamaram pra Guanandi?

Não. Foi durante o Diário da Serra.

Ah, durante?

Eu trabalhava de manhãzinha na Guanandi, almoçava na padoca e ia para o Diário da Serra. Era essa vida.

Entendi. E aí você ficou 90 dias lá, saiu porque foi um contrato de experiência... E a CBN?
A CBN foi logo que o Diário da Serra fechou. Eles me chamaram pra ser produtora e eu sai para ir para Folha, que era um projeto novo, e porque a CBN também tinha problema de atraso de salário. E aí tinha o projeto novo da Folha do Povo, que era um jornal, que era o que eu gostava de fazer mesmo.
Impresso.
Impresso. Eu fui pro jornal, que é também um outro projeto que foi muito, muito bom assim, também gostava muito de trabalhar lá.
E por que você saiu de lá?
Porque não se atrasa salário.
A história se repetiu...
É, assim, primeiro eu fui para a TVE porque o convite salarial era muito bom, perto do que eu ganhava lá. Aí eu voltei, porque a TVE não me fazia feliz e porque teve um redução salarial, é... Daí eu voltei, aí ela começou atrasar salário. E no mesmo tempo que ela começou a atrasar salário, o Campo Grande News começou a crescer e não tinha chefia de redação. E o Lucimar me chamou pra ser a primeira chefe de redação do Campo Grande News, em 2012.
E você já exercia cargo de chefia, né?
Já, na Folha do Povo eu era editora de Cidade e de Economia, dos dois.
Na TVE também?
Na TVE eu era chefe de reportagem.
NA CBN?
Na CBN era produtora, não tinha cargo de chefia.
E no Campo Grande News o Lucimar te chamou em que ano?
2012.
Bem no início.
Bem no início. O jornal começou em 99, no terceiro ano mais ou menos. Ele começou a sentir... Ele ficava na redação, mas ele... A parte institucional começou ocupar demais ele. E aí ele me chamou e falou: "Olha, eu preciso de uma chefe de reportagem. Pensei em você". E assim, não era nem a grana que era tanta. Era uma grana normal, mas era o desafio assim. Eu enxerguei... Já tinha feita essa pós-graduação. É que eu fiz a pós-graduação na época que eu estava na TVE. Eu acho que eu tinha meio que terminado recente assim, e aí eu enxerguei um desafio mesmo, de chefiar uma redação, um troço novo. Eu não sei se eu fui: "ah, a internet é o futuro". Eu não sei se tinha esse pensamento, mas eu sabia que era um troço novo.
E como que o primeiro impacto? Como foi atuar em um veículo novo?
Foi muito tranquilo, de verdade assim... Eu não estranhei. Eu nunca estranhei o veículo. E olha que no começo eu resisti ao computador. Eu tinha "ah, não quero, não quero"
É mesmo? Mas por que? Fazia na máquina?
Ninguém nem acredita. Não, o computador eu digo a internet, não é o computador. Eu nunca trabalhei na máquina, só armava na universidade. Não era a máquina, era essa coisa do "aí, vai ficar conversando pelo computador?" Tinha uma estranheza, mas na verdade era a estranheza da ignorância, né? Não sabia usar. Eu tive essa estranheza com o computador, tive essa estranheza com todas as novidades virtuais, que acho que quem era da geração mais antiga no começo... Mas eu também logo me adapto. É... Então foi o desafio assim. Aí por que que eu saí do Campo Grande News nessa primeira chefia? Poque eu brigava muito.
Com os repórteres?

Com o Lucimar. Não, nunca é a redação. É com ele mesmo. Era muito difícil assim. Mas é um trampo difícil também liderar equipe. Não pode dizer que só ele que cansa. A relação com ele era muito conturbada, isso não precisa...

Não. É interessante. Por que vocês brigavam assim? De maneira geral? Quais eram as divergências?

Ah, cobrança em um tom acima do natural e diferença de pensamentos sobre abordagens. Mas a gente briga mais pela cobrança no tom fora da educação, do que pela diferença de abordagem.

Você fala no passado e no presente, por quê? Continua?

É, continua. Continua. Mudou pouco coisa, mudou alguma coisa, a gente fica mais velho e tal, né? Antes a gente é mais atrevido... Sim, mudou.Mas é aí... Assim, é basicamente por diferenças, por cobrança num tom fora do educado, por assim dizer, e diferença na visão do que é noticia... No nome também... E assim, bate pelos compromissos que toda empresa tem... Editoriais. Às vezes dá uns embates por isso.

Mas quando você entrou aqui e foi trabalhar em um veiculo novo, você lembra a principal dificuldade de adaptação que você teve? Por que você se adaptou rápido, mas teve alguma dificuldade? Ou não teve?

Era a... É a pressa, né? Era a pressa de colocar as coisas no ar. Essa é a dificuldade até hoje.

Atualização em tempo real.

É, atualização em tempo real. Assim, isso mudou muito, a gente pode falar mais depois. Isso mudou muito. O jornal hoje ele tem pressa, ele quer ser ágil, mas ele não tem mais a mesma pressa de antes. As matérias são maiores [...], a gente não tem a necessidade de colocar primeiro que o concorrente, porque a gente quer colocar mais bem feito... Essa visão, graças a Deus, mudou. No começo era isso. A gente ficava muito louco pra botar as coisas no ar.

Pra furar?

Pra furar, pra dar pro leitor a impressão de que a gente estava realmente em tempo real. O tempo real, no principio, é o que mais te assusta.

Mas lidar com a tecnologia...

Não, não, porque o veículo é o mesmo, né? Você escreve... A única diferença é que você tem que se adaptar ao sisteminha pra por no ar, mas eu não... Não tenho, retenho...

A estrutura textual é a mesma?

Não, não retenho, eu não retenho dificuldade de me adaptar à estrutura é.... À tecnologia em si.

Aí você foi para a TV Morena e lá você ficou 3 anos.

Três anos.

Fazia o que lá?

Eu comecei fazendo produção, como produtora. É... Fiz edição de reportagem e aí fui pra chefia de reportagem...

Mas foi rápido essa mudança assim?

Ah, fiquei 3 anos lá. Acho no primeiro ano eu já estava na chefia de reportagem. Acho, não tenho certeza, porque daí depois eu subi eu fechei um MS2, e fechei o Bom Dia, então assim... Eu fiz chefia... Produção, edição, chefia de reportagem, edição, editora-chefe num jornal e do outro. O outro eu acho que eu cobri férias, mas eu fechei o Bom dia.. O MS2 e o Bom Dia.

E por que você saiu?

Por que eu estava insatisfeita.

Com?

Com o padrão. Padrão de trabalho de uma empresa grande como a Globo. Ele te massacra muito. Assim, ela te cobra a sua vida. E algumas pessoas tem estrutura pra isso e outras não tem. Eu, na época, não tinha mais. Eu não aguentava, é... Assim, o engessamento da produção numa empresa grande, como a Morena, é muito grande. E tinha umas coisas assim, que hoje eu acho que não acontece mais, mas tinha umas coisas de exploração do trabalhador, que me deixava muito mal, que era eu ter que... Quando eu saí eu estava na chefia de reportagem de novo. É eu ter que falar para um cara, que é motorista, que ele vai fazer 10 horas de trabalho por dia. "Não, fala para fulano, pronto e acabou". Essa tarefa me cabia. E eu achava isso muito injusto, porque eu via que os meninos estavam muito cansados. Era uma coisinha assim, mas era uma coisa que me incomodava.

Por que você se colocava na posição deles?

É, é, é... Eu assim... Meu histórico é de ter uma posição mais à esquerda nesse sentido e e aquilo me incomodava a ponto de eu ficar com vergonha de falar pra eles, que eles iriam ter que dobrar um dia, que eles já tinham trabalhado das 6h às... Ao meio dia... Eles vão ter que trabalhar outro dia carregando equipamento. Essa era uma das coisas assim, mas em geral era o... Assim... Essa coisa com padronizada de grande empresa, que é uma cultura especifica, que eu achava muito engessada, e aquilo me incomodava.

Um jeito único, talvez, de fazer?

É, é... É tudo muito padronizado. Por exemplo, você não consegue fazer uma matéria de decisão judicial, porque você não tem imagem. Eu falava: "gente, mas a gente conta a história de outro jeito". É muito engessado assim. Hoje em dia até tem caminhos mais abertos, mas na época... Eu, pra mim, eu achava muito engessado.

O padrão Globo?

É, o padrão Globo em si, e essa coisa de...

Que todas as praças tem que seguir...

É. E é um jeito de fazer o jornalismo, que é muito especifico da TV Globo. E aquilo... Eu não me enquadrei naquilo. Me enquadrei durante dois anos e pouco, com sofrimento, no ultimo ano com muito sofrimento, e aí eu preferi sair. "Ah, porque você voltou anos depois?" Porque o mercado é ruim e chega uma hora que você precisa trabalhar. E aí você não tem como ficar escolhendo muito, né?

Você foi para a campanha depois? Do Delcídio?

Não, é, da TV Morena, eu voltei para o News, para reportagem.

Ah, você voltou para o News?

É, porque tem as várias passagens do News, que estão inseridas no meio.

Mas você voltou para o News em? Você entrou em 2002 aí...

2004.

Aham, como chefe de redação?

Não, como repórter. Foi numa dessas tentativas aí de "vou ficar só na reportagem".

E deu certo?

Dá certo por um tempo. As minhas saídas do News, quando eu estava na reportagem, nunca foram por problema com empresa. Sempre foram assim: "ah, eu vou fazer uma campanha pra ganhar uma grana". Tanto que quando eu... Acho que foi na... Eu saí pra fazer campanha do Delcídio, depois que eu voltei... Tanto que foi assim, eu tentei até combinar com Lucimar e falar: "olha, eu vou sair só porque eu quero ganhar uma grana, mas da pra voltar depois?" Mas ele... Ele é meio manhoso, né? Aí ele falou: "Não, se tiver vaga você volta, se não tiver, você não volta".

Isso foi em 2004... Você ficou quanto tempo?

Eu acho que fiquei até... De 2004 a 2006.

Como repórter?
É.
Você falou assim as suas saídas do News, como repórter, foi porque você...
Geralmente porque eu queria assim... Quando eu estava como repórter, geralmente porque apareceu alguma oportunidade de ganhar um pouco mais. Uma campanha... Nunca foi porque, "ah..." Porque é assim... É muito difícil trabalhar aqui. É difícil na reportagem também, mas eu acho mais difícil... A minha experiencia mostra que é mais difícil trabalhar na chefia, então assim, normalmente na chefia... Porque eu não dava conta mais. Teve uma vez que ele me demitiu, teve uma, assim... Ele me demitiu porque eu não quis pedir uma desculpa também, né? Porque eu não quis implorar por causa do emprego, em tese. Mas em geral, quando... Nas saídas, quando eu estava na reportagem, é porque... Teve uma vez que eu estava aqui e estava na TV Morena, aí estava muito cansativo. E o emprego lá me pagava muito mais, aí eu falei: Ah, eu vou ficar só lá". Então assim, quando eu estava na reportagem aqui, eu sempre saí por alguma opção melhor pra minha vida assim, não porque eu tivesse brigado, não por alguma confusão...
Mas isso na reportagem. E na chefia?
Na chefia, todas as vezes foi por atrito que eu saí.
Com o Lucimar.
É.
E por aqueles motivos você já tinha dito?
É, isso, isso isso...
Você repetiu em todas?
Sim.
Depois do News você foi pra a campanha do Delcídio, né? E aí você saiu porque terminou a campanha...
É, saí porque terminou a campanha.
AÍ você passou pelo... Você voltou para o Campo Grande News?
Não. Acho que fui O Estado.
Ah é, Jornal O Estado, que você ficou 6 meses.
Três nessa, agora que eu lembrei. Fiquei só pra experiencia.
Repórter?
Como editora, de várias coisas, Cidades, Economia, é...Eu cheguei a ir de artes... Oh, o absurdo... Artes, Rural e Economia.
Ao mesmo tempo?
Aham, ganhando o mesmo salário
Nossa...
Que não era o melhor salário de editor.
E você saiu por?
Porque a gente, quando eu comecei a trabalhar..."Oh, você vai ganhar tanto, mas daqui a 3 meses a gente revê o seu salário, tá?" Falei: Beleza, ok, caí no conto da carochinha". Dali 3 meses... "Não, se quiser é isso mesmo". Falei: "então não quero".
Aí você voltou para o Campo Grande News.
Pra cá, voltei pra cá.
Em? Isso foi?
2007.
2007. E saiu por quê?
Campanha do Ruiter.
Ah, saiu por conta da campanha?

Saí pra ganhar...
Mas aí você voltou como repórter?
Voltei como repórter.,
E ficou o tempo todo como repórter?
Aham, sim, sim. Saí para... Porque era uma campanha que me pagou bem assim, aí não tive como resistir.
Era o que? Não precisa falar em valor, mas era...
O triplo.
Isso mensal?
É.
Quanto tempo de campanha? Quatro meses, né?
Quatro meses.
Aí você saiu porque terminou a campanha e foi para Contexto?
Não, eu fui pra Mídia Nova.
Ah, então era aqui que você tinha confundido.
Aham, foi pra Mídia Nova.
E lá você ficou quanto tempo?
1 ano.
Qual era a sua função?
Acho que era redator publicitário.
Redator publicitária? Um função diferente...
Uhum.
E você saiu por quê?
Porque eu queria fazer jornalismo.
Não era publicidade...
É, não era publicidade.
Você fazia campanha? Redação de campanha?
Fazia anúncio, fazia roteiro de TV, fazia... Eu acho que essa passagem me ajuda aqui, inclusive, me ajuda a abrir o olhar pro... Fiz anúncio, roteiro de TV, atendimento de imprensa... Era um pouco de tudo.
E aí você não se identificou?
Não, não, é assim... Fiquei um ano, mas chegou uma hora que o jornalismo faz falta assim...Você começa a sentir faltar.
E depois você foi para a...? Contexto?
Voltei para cá.
Gente, aí voltou para o Campo Grande News... E isso foi em que ano?
2009, né? 2010.
E como chefe de redação?
Não. Repórter também.
E ficou até quando?
Fiquei até... Acho que 2013... Fiquei como repórter... Aí a gente mudou até... Porque foi nessa que a gente mudou para cá. Estava tranquilo e feliz minha vida de repórter, aí a Ângela saiu da chefia, estava de féria viajando... A Ângela saiu da chefia, aí assumiu o Edimir, e aí eu estava na redação, trabalhando como repórter e em um dado momento eu comecei a assumir as funções de lideranças, que deveriam ser... Que as pessoas não confiavam nele e elas vinham em mim. A Ângela estava cuidando do Lado B, tava em outro projeto, e as pessoas ia em mim, iam em, em mim... Aí chegou uma hora que eu subi e falei: "o, Lucimar, não está dando certo". Parece uma coisa de traíra, né? Mas é que

assim... A gente tem uma liberdade de anos de convivência, apesar da gente brigar muito. Falei: "não está dando certo, se você quiser..." Ele falou assim: "Você cuida pra mim?" Porque ele não estava gostando também e aí ele trocou a chefia. Demitiu o Edimir e eu subi para a chefia e fiquei até 2013, quando... Ficou insustentável de novo.
E aí você já estava no cargo de chefia...
Já.
Aí você saiu e foi para? Contexto?
Daí eu saí e fui para a Contexto.
Na Contexto ficou quanto tempo?
6 meses.
6 meses. E você fazia o que?
Era redator publicitário também. Era parecido com o que eu fazia na Mídia Nova.
E você saiu por?
Saí por grana.
Foi para O Estado?
Fui para O Estado. O Estado me pagava mais. Eu trabalhava o dia todo na Contexto... Saí por grana e pelo bichinho do jornalismo também, mas foi essencialmente grana. Eu ficaria mais tempo, se o salário fosse equivalente.
Lá você ficou pouco, né?
Fiquei pouco. Seis meses. Fiquei o tempo de receber o seguro desemprego.
Na Contexto ou no O Estado?
Na Contexto.
Na Contexto.
No O Estado também eu fiquei pouco.
6 meses?
É
Mas no O Estado você já estava como editora?
Já, já...
De?
Cidades
Cidades...E você saiu de lá por quê?
Atraso salarial. Estava insustentável. Gostava do trabalho, gostava da equipe, não tinha assim.... Não gostava de trabalhar todo domingo, mas ok. É... Atraso salarial. O salário atrasava muito assim...
Aí você voltou para o Campo Grande News?
Aí eu voltei...
Que foi em... 2013?
14 eu acho.
2014...
É...
Aí aqui você ficou até?
Fiquei 8 meses.
Cargo de chefia também?
Era, era um subeditor, no caso.
Subeditor. Aí você saiu?
Porque o Lucimar me mandou embora.
E ele justificou?

Ah, teve uma... Assim... Foi uma discussão idiota. Eu fiz uma postagem no Facebook... É uma situação idiota... Hoje eu olho e falo: "gente". Na verdade começou por que eu...
É, foi assim: eu fiz uma postagem no Facebook no horário de expediente. Uma frase, uma frase. Ele leu e mandou para mim um e-mail com a minha postagem, falando: "Horário de expediente". E ele não estava contente com o meu trabalho. Ele achava que eu deveria escrever mais, só que eu tinha que... Assim, houve um desencontro entre o que ele esperava de mim, o que eu estava oferecendo e assim... É, houve um desencontro entre o que ele esperava de mim, o que eu estava oferecendo, e juntou que ele começou me monitorar nas redes sociais.

Sua vida pessoal?

Não... Assim, enquanto eu estava... Minha vida aqui, nas assim... Todo mundo usa rede social no trabalho, né? E na época uma das minhas discussões foi essa. É... O... Tinha um plantonista da noite, que ficava na rede social o tempo todo, falando mal do jornal, inclusive, reclamando da TV a cabo que tinha. Falei: "essa pessoa você não puniu. Por que você vai me punir?" Enfim, era uma encrenca que começou por causa de uma postagem no Facebook, aí eu fui lá e bloqueei ele. Não foi nada inteligente emocionalmente, né? Fui la e bloqueei ele. Aí ele me ligou e falou: "Marta, você me bloqueou?" Falei: Bloqueei". Por que? "Por que você não é meu amigo. E vou ter na minha rede social só quem for meu amigo".

Você é meu chefe...

É. "Bloqueou o Samuel também?" "Bloqueei. Vocês ficam me vigiando" Ai ele me chamou pra subir. Aí eu olhei pra Priscila na época, né? E falei: "ele vai me mandar embora". Aí foi exatamente isso o que aconteceu, porque ele me chamou e ele queria que eu, que eu tipo falasse: "Ah, vocês estão certo. Eu sou errada mesmo". E não é o meu perfil. Eu não sou assim. Falei: "não, Lucimar, eu não vou implorar por esse emprego. Se você quiser fazer isso, faça o que você quiser. Não acho justo que você me monitore. Você me cobra muito mais do que o próprio editor-chefe do jornal. Eu não acho justo que o cara da noite fique lá na rede social falando mal do jornal. E eu escrevi uma frase e você está me cobrando desse jeito. Eu não acho justo e pronto". "Ah, então vou te mandar embora". E mandou.

Aí você foi para a TV Morena? 45 dias...

Eu fiz na verdade 45 dias lá. Foi uma experiencia de... E aí abriu uma promessa de ficar, e na época eu estava muito perdida, então assim... Ah, é um emprego bom. É um emprego bom.

Mas você entrou como produtora?

Como produtora.

Aham... Por 45 dias?

É, fiquei 45 dias. Foi só uma experiencia de transição por assim dizer

Mas você saiu por qual motivo?

Acabou. Eles... Primeira havia uma conversa de que eu iria ficar. E nessa época eu queria muito ficar porque era uma tábua de salvação assim. É um emprego que você sabe que é bom, que vai te pagar um pouco melhor no mercado, que tem um bom plano de saúde. E aí eu fiquei bem chateada assim... Tinha tinha acabado de ser demitida daqui, e aí...

Ficou pouco tempo lá...

É, mexeu muito... Eu engordei pra caralho! Não gosto nem de lembrar.

Mas aí eles não...

Não, não renovaram. Estava no contrato de experiência, aqueles contratos temporários. Aí assim, numa sexta feira, ele vem e: "não, não precisa mais vir segunda". Falei... Foi bem assim.

Gente...
É, foi bem esquisito. E logo depois as pessoas: "Marta, a gente não está entendendo..." Assim, a própria equipe não entendeu. Falei: "Ah, mas já foi..." Mas eu superei. Aí de lá... Aí a prefeitura me chamou e era... Eu só fui porque era uma grana boa também. A grana manda muito, né?
E saiu?
Ah, eu saí da da Morena...
Não. Da prefeitura.
Ah, da prefeitura? Hum... Insatisfação com a natureza do trabalho e com aquela administração. Era uma administração muito esquisita. Olarte. Assim, as coisas que eu vi lá dentro começaram a me incomodar muito, tipo, coisas no gabinete, situações assim... Da política, que eu não tenho estômago pra suportar. E aí eu saí. Uma semana depois ele caiu.
Nossa! E você que pediu pra sair?
Eu que pedi pra sair. Uma semana depois ele caiu, foi muito...
Aí você foi para o Mídiamax?

Eu fui pro Mídiamax, porque eu estava com a porta fechada aqui, porque nesse intervalo eu entrei com uma ação, porque foi muito traumática a minha demissão aqui, assim... No dia a Ângela foi em casa... O Lucimar percebeu que ele exagerou. A Ângela foi em casa, perguntou se eu não queria reverter a situação... Se eu tivesse um pouquinho mais de inteligência emocional, é... Eu teria falado: "Não, então me dá um tempinho, deixa eu me recuperar e aí eu volto". Porque aqui é um lugar que eu sei que eu consigo desenvolver o trabalho que eu gosto mais, mas na época eu estava muito magoada, me sentindo muito assim... Eu acho que eu não sou igual a todo mundo e acho que isso faz a gente crescer, né? Você saber que você não é igual a todo mundo. E ele me tratou pior do que todo mundo, então me senti muito magoada, muito, aí eu entrei com uma ação judicial, então assim... Isso bloqueou uma porta, então eu fui para o Mídiamax, primeiro porque eles me ofereceram um salário que era igual o daqui, sem cargo de chefia, mas na prática eu tinha um cargo de coordenação, uma função de coordenação.
Na carteira era repórter?
Na carteira era repórter, mas o trabalho... Eu coordenava a produção à tarde. [...] E à medida que eu fui ganhando... E aí já fala o motivo da [....] A medida que eu fui ganhando liderança sobre a equipe, ele foi me podando. Isso foi muito nítido. Ele foi me podando, me podando. Nunca meu trabalho estava bom, nunca estava fazendo o que a empresa queria. E assim... Confesso, sem falsa modéstia, que isso nunca acontece comigo de... A não ser essa fase com o Lucimar aqui, que era uma função nova, que ele não sabia direito o que ele queria da função e aí ele queria que eu escrevesse, mas ao mesmo tempo eu tinha que pautar todo mundo, ler o material de todo mundo... Eu nunca passei por isso assim, de "ah, a gente não está gostando do seu trabalho". E lá havia muito isso, mas não era porque não estava gostando. Era porque queria me minar a liderança.
Ah, entendi.
E aí foi, foi... O ambiente foi ficando ruim pra mim.
Você entrou lá quando?
Acho que foi agosto de 2016. 2016?
E saiu em?
Em maio de... Não... Agosto de 2015. Maio de 2017. Junho de 2017.
Junho.
Eu vim direto de lá para cá.

Você que pediu?
Eu que pedi.
Pra vir pra cá?
Tive um prejuízo da porra.
Sério?
Paguei um aviso, perdi acho que uns R$ 4 mil e pouco.
Mas aí você voltou pra cá, já tinha feito as pazes...
Ah, a Ângela intermediou, né? Foi assim... O Waldemar veio do Mídia pra lá quando eu vim pra cá. Quando eu fui pra lá, o Waldemar veio pra cá. Ficou um tempinho só a gente trabalhando junto. E aí o Waldemar cansou, de tudo isso que eu já falei aí, porque nessas minhas idas e vindas aqui do Campo Grande News passaram vários chefes. Todos saíram porque cansaram. Ninguém saiu porque foi mandado... Só o Edimir que saiu porque, mas porque o Lucimar... Ele não tinha condição [...] Chegou uma hora que eu falei: "Gente, eu não vou continuar fazendo o trabalho dele sem ganhar". Foi mais ou menos isso. Aí a Ângela ligou... Teve um fim de semana, que a gente fez uma festa do Mídiamax e que foi [...] Teve uma festa, que a gente fez na casa do Guilherme Cavalcante ainda e que não foi convidada toda a redação, porque as pessoas convidavam só... Só quem elas tinham afinidade, mas essa festa provocou uma celeuma, até porque a gente, muitos maduros, usou uma hashtag que chamava assim: arraiá dos escolhidinhos. E aí emplacou um climão naquela redação. E eu não queria voltar para aquela redação...
Porque nem todo mundo era escolhidinho...
Nem todo mundo era escolhidinho. E ficou um climão naquela redação. Eu não queria voltar para aquele lugar, porque já tinha acontecido várias coisas lá. Tem um tal de... Tem uma salinha tipo essa, só que ela é menor, não sei se você já foi lá...
Já...
Você trabalhou lá, né? Já te levaram nessa salinha lá debaixo?
Eu sei que tem um porão.
É.
Não. No porão eu nunca desci.
Então, ele tem mania de levar as pessoas pra conversar nesse porão e é mais de uma hora. [...] Eu nunca tive nenhum embate direto com ele. Durante um ano e meio eu trabalhei bem lá assim, relativamente bem, até assim... A gente adquirir o sentido de equipe mesmo e aí quando a gente assim... Adquiriu o sentimento de equipe, que ele começou a se sentir prejudicado por mim [...] Enfim... É... Teve essa festa e eu não queria voltar e era feriadão. E eu falava: "Gente, eu tenho que voltar para aquele lugar..." Já estava procurando outra coisa. Já tinha ido fazer uma entrevista no MPF, só que assim... Eu precisava de uma coisa que me pagasse....
O equivalente...
Pelo menos o equivalente. E é muito difícil. Você ganhar mais de R$ 3 mil nessa profissão é... E R$ 3 mil pra mim não dá, não... Não funciona. É... Aí eu fui lá... Estava resignada que eu ia ter que voltar do feriadão. A Ângela me liga. Eu já sabia que o Waldemar tinha saído. Eu até já tinha ensaiado uma tentativa de aproximação, mas pra mim a porta estava fechada aqui, por causa da ação... Eu tinha desistido da ação já, enfim... Mas aí a Ângela me ligou e falou... "Marta, eu preciso saber se você quer pra eu convencer o Lucimar". Falei: "Ah, se você convencer ele, quero". Aí ela falou: "Mas você sabe que você vai ter que mudar um pouco ele também... E a gente vai ter que se ajudar pra suportar o Lucimar, porque ele não vai mudar muito, né?" Aí eu falei: "Ah, tá bom". Estava louca pra sair de lá e o lugar que, apesar de... Que mais me sinto confortável é aqui. Aí ele me chamou e eu voltei.

Em 2017, né? Lembra o mês?
Junho.
Ah, logo que você saiu de lá... Você só trocou.
É, eu saí de lá pra vir pra cá.
Você falou também que teve uma passagem pela revista de coluna social de Sidrolândia. Ficou lá um ano e saiu por quê? Fazia por aqui?
Ah, não, fazia aqui. A menina levava o material na minha casa, eu editava e entregava pra ela editava os arquivos. E ela me pagava o valor e eu assinava a revista.
E por que você parou de fazer?
Ah, eu acho que a revista acabou.
Ah, entendi.
Eu acho que a revista acabou.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
A pergunta mais difícil, né, amigo? É, eu.. Eu nunca... Na verdade eu não consigo ter uma definição própria, mas assim, pra mim, começou com gostar de escrever, gostar de escrever e ter uma devolutiva das pessoas de que o meu texto era um texto acima do que a media escrevia... De professores de ensino médio, de segundo grau na época, que é... "Você devia fazer alguma coisa que se escreve", e da curiosidade, então assim... Eu acho que duas coisas muito importantes para o jornalista são: ser curioso e gostar de escrever. E aí a curiosidade te leva a gostar de escrever boas histórias, e aí a gente vai... Quando você estuda ou quando... Tem pessoas que mesmo não estudando para ser jornalistas elas adquiriram isso. Você passa a ter um senso do que é a função social da profissão, e aí é um caminho sem volta assim, mesmo que a gente leve várias porradas no dia a dia, você tem aquele senso, tanto de contar a historia, quanto de, através dela, provocar algum tipo de mudança, mesmo que seja mínima. Mesmo que seja a solução em um problema pequeno do meu entrevistado, ou que seja assim... Que 10% das pessoas que lêem o seu texto, que a partir daquilo entendam um situação de uma forma um pouco melhor, então assim, a gente acaba querendo ser uma formiguinha da transformação, é... Na vida das pessoas.
Isso é ser jornalista para você?
Sim, sim.
E por que você decidiu ser jornalista?
Então, na verdade eu fui levada a ser por essa coisa de gostar escrever. Na verdade eu comecei a fazer outro curso, comecei a fazer dois cursos. Eu passei no vestibular, no mesmo ano, na federal e na FUCMAT na época, que hoje é a UCDB. Eu passei pra educação física na federal porque eu tinha... Eu gostava muito de esporte, minha família toda gostava, meus irmãos já faziam, então assim... Eu não sabia direito o que eu queria fazer, achava que eu não passava em um curso mais concorrido, porque tinha um uma... Vinha de escola pública, onde você tem uma auto-estima é... Baixa. E aí eu achava que não passava num curso mais difícil e fiz pra educação física, que não era um curso com um concorrência tão alta. Passei, passei super bem, e passei pra administração na FUCMAT, que era um curso bem genérico assim, né? Você faz pra ver o que dá na vida. Eu tinha trabalhado em banco e era uma das áreas que cabe trabalhar em banco. Pensei em fazer concurso, aquela coisa toda. E fiz 6 meses. A educação física eu abandonei logo de cara, é... E fiz 6 meses da administração. Eu não conseguia pagar mais. No meio assim, no primeiro semestre, eu percebi que eu não ia conseguir pagar. Não existiam os financiamentos que hoje existem. Era muito difícil pagar um curso particular, é... Aí eu parei e falei: "não,

preciso passar realmente numa federal". Parei no meio do ano e fiquei estudando em casa, sozinha. E ainda no curso, surgiu um Projetil, que é o jornal-laboratório da federal, e eu li aquilo. Li uma matéria que, se não me engano, era sobre pistolagem na fronteira, e aquilo me encantou assim... De alguma forma aquilo me encantou, e aí veio na memória a lembrança dos professores falando que eu escrevia bem. Falei: "tai, é isso ai que eu vou fazer" e foi esse estalo.

Você sente realizada como jornalista?

Eu me sinto assim... Eu me sinto... Considerando é... Que eu venho de uma... De escola pública, de uma família é... Que não tem nenhuma é... Como que eu posso dizer? Tradição de trabalhador nessa área, que é uma área de formação de opinião. Eu a única jornalista da minha família toda. Na verdade tenho uma prima agora, mais recente assim... Uma prima em segundo grau. É...Eu me sinto porque assim, quando eu, quando... A vida da gente é muito comparação, né? Quando eu comparo com os objetivos que eu tinha quando criança, que pra talvez terminar o segundo grau e olhe lá, e hoje eu vejo que eu tenho uma profissão, que sou reconhecida nessa profissão, e que às vezes eu choro por essa profissão, mas que no outro dia, quando eu consigo, sei lá, derrubar uma licitação fraudulenta... Já aconteceu isso na minha carreira, é... Derrubar ou dar um furo que seja, que é um sentimento de vaidade meio besta, mas a gente tem, ou lê um texto, e vê que as pessoas gostaram do que eu escrevi, fazer um relato como eu fiz esse tempo, há pouco tempo, da minha experiência na fila da biometria... E fazer um relato que as pessoas falem: "Nossa, gostei de ver como você contou aquilo". Assim, mexe um pouco com a sua vaidade e mexe também com a sua realização profissional. E também de ser assim... Sem falsa modéstia, referência dos meus colegas, a ponto de presidir um sindicato. Eu me sinto realizada sim. Claro que tem muitas decepções. Seria mentira dizer que não. A gente ganha mal, a gente trabalha muito, a gente não cuida da saúde, é... A gente vive patinando nessa questão, mas eu me sinto realizada sim.

E o que que o jornalismo representa na sua vida?

Um terço da minha vida pra mais, pelo menos, eu dedico a ele. Na verdade, é mais. Na verdade hoje eu vivo muito pra ele. É ele e minha família. É, então, ele... Eu não consigo imaginar a minha vida sem essa profissão. Assim, eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa. Eu já tentei, porque ela, como eu disse, é uma profissão que, ainda mais hoje em dia que a gente é muito questionado, todo mundo se sente dono da informação, e até deve ser mesmo. Assim, a formação é um meio público. As pessoas são donas dela, mas o nosso trabalho que, teoricamente, antes era glamourizado, ele hoje é muito questionado e de uma forma negativa, pejorativa e tudo mais. Então... Eu me perdi na pegunta...

O que que o jornalismo representa na sua vida?

É, então assim, ele, apesar de tudo isso, representa o meu oficio. É assim... A pessoa nasce para o que ela é, já diria um filósofo aí, que eu não lembro se é Nietzsche, o que que é... E eu acho que eu nasci.... Hoje eu acho que eu nasci para isso, assim, profissionalmente eu nasci para isso. Eu não consigo dissociar a pessoa, é... Nos outros aspectos da vida, porque o jornalismo está em todos eles. Tudo o que eu lido no dia a dia... Aqui eu tô num consultório médico dando essa entrevista... Aqui eu posso achar uma pauta. Então assim, é.. A vida da gente ela é passível de ser noticia e eu faço isso. Então assim... É parte de mim integral.

É um fusão de pessoal e profissional?

É um fusão de pessoal e profissional, assim... Em alguns aspectos é ruim e de outro me faz ser a profissional que eu sou.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Olha, se eu for olhar pela minha carreira...é...não, por que eu nunca fui uma pessoa extremamente fiel a um trabalho só. [...] Eu acho que assim, pode ser importante, dependendo do que você quer para sua vida, se você quer estabilidade. Mas eu não acho que é essencial assim... Eu... Eu acho que... E hoje isso mudou em relação a.. Até qualquer tipo de trabalhador, né? Antigamente trocar de emprego era sujar a carteira. Hoje em dia não é. Hoje em dia é... Às vezes buscar novos desafios ou não se sujeitar à algumas situações só pra não trocar de emprego. Então assim, eu acho que depende, é claro, se você quer estabilidade e quer é... Um foco, crescer dentro de uma empresa em tese. Aqui não se cresce muito porque as empresas são pequenas, né? Se cresce num TV Morena, mas tem um topo também, né? Mas para empregos desse tipo é, realmente, a fidelidade é importante, porque você perde oportunidades se você não ficar. Mas eu acho que você constrói tanta coisa diferente num... Como ser humano... Eu, por exemplo, uma das coisas que eu sempre, que eu acho que é muito positivo de passar por vários lugares, é a experiencia humana que eu tenho. Eu tenho uma experiencia humana gigante, assim... Eu tenho amigos em todos os lugares, todo o tipo de amigo, porque eu trabalhei em vários lugares. E cada lugar me traz uma pessoa para o bem, algumas para mal, mas cada lugar me traz muita gente. E eu acho que eu cresço até com o profissional com essa experiencia humana maior.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

A gente fala muito em ética, né? E eu acho que é a ética pessoal mesmo, assim. Às vezes eu fico vendo é... A ética dos políticos, que é nenhuma, e eu fico falando assim... Eu acho muito absurdo isso. Eu não conseguiria, por exemplo, ser tão traíra como os políticos são. Eu acho que eu não conseguiria assim. Meu estômago não aguenta. Então eu acho que são valores do dia a dia da gente mesmo assim. Não tem um valor específico para o jornalista. É o valor do ser humano, que é do respeito ao outro, que é do cuidado com o outro, que é de pensar, é da empatia, que é de não fazer com o seu leitor o que você não gostaria que fizessem com você, basicamente assim. Mas assim... Se colocar no lugar do outro. Acho que os valores que a gente tem que preservar são os valores que a gente tem que preservar na nossa vida mesmo, assim, de ser honesto. Honesto no sentido... Não só de... Da não corrupção, porque a gente fala em honestidade e lê muito isso da corrupção. É assim, de ter uma conversa franca com quem você está entrevistando. Às vezes não é possível, às vezes usa recursos que a gente... Depois que volta para redação, a gente fala: "putz, isso não foi legal". Mas assim, o fato de você pensar que isso não foi legal é um valor também. O arrependimento é um valor, assim, "ah, putz, isso eu deveria ter feito de outra forma". Então assim, eu acho que a ética do jornalista, que é aonde ele coloca os seus valores, é a ética da pessoa, assim. É a ética do cidadão.

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Eu acho que ela é determinante para a qualidade do trabalho, é... Não só... Não apenas... Não a formação na área, mas é preciso uma formação.... É... Que você tenha... Que você seja uma pessoa formada, não necessariamente nas técnicas de jornalismo, é isso que eu sempre digo. Eu não defendo que você faça exatamente o curso de jornalismo pra aprender técnica de jornalismo, que eu acho que isso se aprende muito fácil na prática, e quem tem talento então... Aprende rapidíssimo. Mas você precisa de bagagem, de estofo, pra não abusar das oportunidades que a profissão te dá e que não dá para a maioria das pessoas. Por exemplo, uma pequena proximidade que a gente tem do poder. A pessoa pra ela exagerar nisso é... Tem gente que acha é policia, né? Tem gente que não entende que a gente não é policia. A gente é só jornalista, então assim, eu acho que a bagagem, o estofo que uma

formação superior te dá, ele te permite ser um profissional que vá compreender que aquilo la não é você. Você não é a policia. Você é alguém que está relatando e que você tem que ficar de fora. Então assim, eu acho que a formação de ensino superior é importante, mas não é exatamente o jornalismo, mas assim, eu... A tendência do mercado, graças a deus, é contratar profissionais formados, porque dá muito menos trabalho.

É importante, mas é determinante para a qualidade do trabalho?

Não, não, não é determinante para a qualidade do trabalho. Tem muita gente que não é formada e que tem um trabalho de tanta qualidade... Que é formada em historia, que seja, e que tem um trabalho... Eu conheço... Um dos melhores jornalistas que eu conheço, ele é formado em história.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

Valores... Eu acho que, É... Não sei se eu consigo falar em valores, mas é... Está relacionado ao que eu respondia antes. Ela te ajuda a ter uma compreensão de mundo, que te permite respeitar diferenças, que é uma coisa que eu acho que o jornalista precisa saber muito. Te permite compreender diferenças e te permite é... Ter... Falei estofo lá atrás, né? Ter condições de relatar algo para as pessoas compreenderem. Te dá o caminha pra explicar para o seu leitor o que está acontecendo, porque você... Porque o leitor ele percebe quando você não entende nada do que você está falando e ele não acredita em você. Ele não acredita. E quando você tem é... Referências históricas e... Referências é... Históricas, referências sociológicas, referências antropológicas, você escreve com convicção, porque você sabe o que você está escrevendo. E você trata as pessoas de uma forma diferente também. O tratamento das pessoas, por exemplo, quando eu estudei movimentos sociais... Eu não lido com movimento social como se fosse bandidagem. Eu lido com movimento social como um representante de um processo história e de um processo antropológico, que seja, então assim, é... Eu não vou tratar como bandido. Certamente o meu texto não vai criminalizar aquilo. Então assim, a formação acadêmica me dá condições de ser uma jornalista mais completa.

Essa referências antropológicas, sociológicas... Elas são valores? Você considera valores?

Considero. Considero que elas me garantem os valores que a ética jornalista permite, que a isenção, a tentativa da isenção. A isenção completa é muito difícil. É um mito. Mas a gente percebe o mito. E quanto mais bem formado eu sou, mais condições eu tenho de desenvolver a minha técnica para perseguir esse mito.

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?

Eu acho que é um direito do cidadão, mas que só... Que a gente só consegue oferecer ao cidadão se ele... Se ele tiver é... Financiamento pra que seja oferecido. Então essa é a grande questão hoje em dia: o capital. É o capital que financia a produção de informação e quanto mais independente... Quanto mais o capital for diversificado, mais a informação vai ser plural, que é um direito do cidadão.

A projeção ou a reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Deveria ser. Eu pelo menos penso assim, é... Na projeção, na... Nas duas coisas. [...] Eu não quero trabalhar em uma empresa picareta, embora a gente trabalhe às vezes, porque a gente precisa. Mas eu observo assim... E a projeção também, dependendo do seu nível de vaidade. Eu já larguei um emprego em uma empresa de projeção porque não me fazia feliz, mas a gente pensa. E aí também, novamente, vai depender do tipo de coisa que você quer para a sua vida.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?
É você ter um trabalho que não te adoeça, porque eu tô pegando muito nisso, porque eu acho que nosso trabalho adoece muito a gente. E isso afeta nossa qualidade de vida, porque assim... Embora eu ache que jornalista, seja jornalista 24 horas, é... Você tem que ter um intervalo de descanso e você tem que ter outras atividades na tua vida que não seja só a profissional. E eu acho que eu peco muito nisso, porque eu acabo vivendo muito o meu trabalho. E isso me faz engordar, me faz é... Não cuidar da minha saúde respiratória, porque jornalista tem muito problema respiratório. Não sei se é porque a gente vive no ar condicionado e sai do ar condicionado e... Talvez outros trabalhadores também tenham, mas eu só consigo falar da nossa realidade, então assim, é... Eu tô respondendo pensando na profissão, né? Porque tem aspectos da vida pessoal, também, que interferem na qualidade de vida.
Não, eu quero saber sobre qualidade de vida de forma geral. O que que é ter qualidade de vida para você?
Tá. É você ter um trabalho que te satisfaça minimamente, que você não acorde pensando: "poxa, eu tenho que ir para aquele trabalho". É você ter uma harmonia com a sua... É assim, viver numa casa que te dá paz, que você chegue em casa, você está feliz de estar em casa. Da mesma forma que não é legal sair para o trabalho pensando "poxa, eu tenho que ir para aquele trabalho", não é legal você ir pra a casa pensando "poxa, eu vou ter que ir para aquela casa, vai ter aquele problema pra eu resolver, vai ter aquele..." E assim, e você ter momentos de lazer, momentos de silêncio com você mesmo, mas também momentos de harmonia com seus amigos, de diversão, então assim, são... Acho que é um tripé, né? É a casa, a família e um pouco da rua. E esse tripé ele tem que estar harmonioso pra você ter qualidade de vida. Eu acho que é a harmonia nesse tripé. É viver bem no seu trabalho, que ele te faça... Te dê um nível de satisfação a ponto de você é... Ter vontade de trabalhar. Não ir trabalhar só para receber o salário no fim do mês... E isso infelizmente acontece muito.... É você ter vontade também de voltar pra casa, mas ter respiros fora de casa, que seja com relacionamento amoroso, que seja com seus amigos, que seja viajando, é assim... A harmonia nesse tripé: casa, trabalho e mundo.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
Entendi. É difícil, mas é possível sim. É possível ter qualidade de vida em qualquer trabalho, desde que a gente se dedique a isso e a gente saiba é... Que as nossas escolhas ou as circunstâncias, nos levem a ter limites. Por exemplo, no caso do jornalista, às vezes eu acho que é difícil a gente se impor limites. "Tal coisa eu não aceito em nome do jornalismo, porque eu tenho uma vida pra preservar também". Então assim, eu acho que é possível, desde que a gente consiga impor esses limites da sanidade mental, porque a gente adoece muito mentalmente eu acho. E isso reflete no corpo, mas é mentalmente. Assim, eu, por exemplo falando da minha vida pessoal, eu tenho a questão do peso, que é muito reflexo da minha ansiedade com o trabalho, do meu estresse com o trabalho, então assim, é possível ter qualidade de vida? Dois anos atrás eu estava super bem fazendo jornalismo, mas eu tinha um horário menor, então assim... São limites que a gente se estabelece, que a gente se impõe, perdão, pra assegurar a qualidade de vida, mas ela é possível sim.
Mas como se estabelece esses limites se as empresas têm suas próprias regras, demandas...?
Então, é um limite pessoal assim. Dependendo, você vai até ter que mudar de emprego. Assim, é por isso que eu já mudei tanto. É para buscar esse negócio aí assim. É pra buscar essa tal da qualidade de vida que eu já mudei tanto. Hoje eu acho que ela está afetada.

Assim, embora eu esteja profissionalmente, é...Bem assim, eu gosto muito do trabalho que eu faço. Tem dias que eu não quero ir, é fato, mas eu gosto em geral assim. Eu gosto, eu tenho satisfações, eu tenho é... Alegrias profissionais assim... No nosso, pro nosso tamanho, né? Eu escolhi ficar em Campo Grande. A vida me levou a ficar aqui, então a gente tem um mercado menor, então as nossas alegrias talvez são um pouco diferente de um grande mercado, assim, as realizações. Mas elas existem, e... É o seu limite pessoal de assim: "eu não vou trabalhar dez horas por dia, porque eu sei que se eu trabalhar dez horas por dia vai me fazer mal", aí eu vou ter que fazer um sacrifício salarial. Eu já fiz isso algumas vezes na minha vida, de ganhar menos pra poder é... Ter mais... Ter qualidade de vida.

E hoje você considera que tem?

Não, eu acho que a minha qualidade de vida está afetada hoje e eu estou trabalhando para tentar recuperar isso. Por exemplo, eu vinha saindo sempre depois das 19h. De uns dias pra cá, assim, de algum tempo para cá, eu passei mal, tive muito dor, eu acho que eu tive uma infecção, que não sei o que é exatamente; eu sei que eu engordei bastante, assim, em relação a um ano e meio, é... Eu estou em um limite de falar: ou eu me adapto para que o meu dia permita outras coisas além do trabalho, ou eu vou acabar saindo desse trabalho. Eu estou bem nesse limite assim. Eu acho que eu não vou sair. Eu acho que eu vou ter que me adaptar para ter uma prática esportiva, que, alem de fazer bem para o corpo, faz bem para a cabeça. Então assim, eu estou bem nesse limite da qualidade de vida aí, que é de se estabelecer limites, de ligar menos no celular, de deixar o celular mais longe em casa, para ter descanso. O celular, eu, eu, uma coisa que ultimamente eu estou deixando ele mais longe de mim, nas minhas folgas, porque senão você pira, e isso no meu caso reflete diretamente no corpo, porque... No peso.

Até que ponto o salário é determinante para a sua permanência na empresa?

Infelizmente, ele é muito determinante hoje. Por exemplo, eu vou assim... Eu sempre estou falando no meu... É, eu mudei de emprego porque eu também não estava feliz, mas na hora de escolher um novo eu tive que me restringir às opções que tinha, que eu sabia que me pagariam de mesma coisa pra mais do que eu ganhava antes. E são poucos os empregos aqui em Campo Grande que te pagam razoável, então assim, você já restringe um monte de trabalho. Talvez fossem legais, que talvez você tivesse mais qualidade de vida, mas não pagam as suas contas, né? E aí você ter a sua qualidade de vida afetada por outra coisa, né? Mas às vezes possível fazer. Eu acho que eu já fiz sacrifício nesse sentido, de assim... Eu trabalhei um tempo razoável na TV Morena. Razoável assim... Trabalhei uns 3 anos lá, é... Eu tinha cargo de chefia bom, eu tinha um salario razoável, mas aquilo não me fazia bem, e assim, eu optei, foi uma decisão própria, sair de lá e... Galgar, procurar outros trabalhos que me fazia melhor. Então assim, eu poderia estar ganhando, por exemplo, mais, mas em um trabalho que não me fazia bem, que me machucava por dentro.

Mas até que ponto é determinante para a permanência na empresa?

É, eu não consigo fazer uma escala, mas é determinante sim, você pensa... Eu hoje penso...100 vezes antes de tomar uma decisão mais... Assim, mais na loucura, porque eu sei que eu não vou ganhar igual em outros lugares. É muito determinante.... Numa escala de...?

É, até que ponto que é determinante para você permanecer lá ou sair.

Então é...Em uma escala de zero a dez? É 8. Assim, pra você entender o nível. Nivelar.

A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender as suas necessidades?

Não, não é satisfatória. Eu acho que poderia ser... Merecia mais, mas é mais do que eu ganharia em vários outros lugares.

E isso é por conta do seu cargo?

É, por conta do cargo

Mas atende as suas necessidades básicas?
Atente, atende, atende as básicas. Não atende os luxos.
Você falou que poderia ser melhor. Quanto? O dobro o...?
Ah, uns 30% já ficaria achando que está suficiente.
Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?
Eu acho que lido bem assim. Eu sempre trabalhei muito, é... Eu trabalhei... O online ele tem um diferença dos outros assim, que diminuiu ao longo dos anos, graças a deus assim, a instantaneidade. A gente aprendeu muito com as cagadas, né? E aí hoje a instantaneidade ela existe, mas a gente deu uma freada, uma leve freada nela pra não cometer, não falar que um colchão amarrado no cachorro é um corpo, é... Eu acho que eu lido bem. Com a questão do tempo eu lido bem. Eu não lido bem com as cobranças, é...Absurdas assim, que às vezes ocorre. E eu não lido bem, às vezes, com a diferença do desempenho entre as pessoas. Assim, uma pessoa muito mais ágil.. Eu sou muito ágil, acho eu, e aí às vezes eu não lido bem com outra pessoa que não é tão ágil, aí isso me estressa um pouco, então não é o tempo em si. É o tempo do outro.
Mas você lida com a pressão de que forma? Organizando agenda?
Tentando me organizar. Tentando me antecipar à cobrança. Eu á sei que isso aqui vai dar cobrança? Eu tento priorizar isso aí. Nem sempre eu tenho sucesso, mas eu tento. É me organizando, é anotando, é tendo um agenda do dia, uma agenda do mês. Eu tenho uma agenda do dia, que é tudo o que eu vou fazer no dia assim... Eu anoto. E eu tenho uma agenda do mês, que eu peço para todo mundo me ajudar a anotar as coisas que vão acontecer pra eu não ser pega de surpresa.
As pautas...
É. A gente é pego de surpresa, mas eu tento. É organização, que você tenta ter pra produzir com, com mais... Para se antecipar às crises.
Já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
Ah, já, com certeza.
O que você teve?
Ah, eu já tive, eu tenho... Rinite, é... Enxaqueca, diarreia. Eu tenho muito diarreia e eu acho que é emocional, é... Enxaqueca, diarreia, rinite, a questão do peso... Eu hoje eu tenho... Sou classificada como diabética. Minha glicose é... O comecinho da diabetes. Tem médico que acha que não é até, mas eu prefiro me tratar como sendo, porque acho que é mais honesto assim. Eu tomo uma medicação e tal, e eu acho isso tudo é reflexo do trabalho.
Questões emocionais, psicológicas também?
Sim, sim, a minha enxaqueca ela é... Ela é decorrente de estreasse emocional. A minha diarreia é decorrente... Eu tenho diarreia quando eu passo muita raiva.
Já ficou afastada por conta de doença?
Já, já, assim... Pra fazer... Um dia que eu tive uma diarreia mais forte, é... Quando eu fiz cirurgia, porque aí são coisas que eu acho que... É estilo de vida, né? não sei apontar o quanto... Eu u tenho nódulo de mama, eu tenho... Já tirei mioma de útero, essas coisas... Mas aí eu não sei se em relação com trabalho, não consigo pontuar, se é relação, relacionado ao trabalho ou se é relacionado ao estilo de vida, ao fato de eu não ter tido filho. Isso tudo influencia, a questão hormonal e tal.
Tratamento com psiquiatra ou psicólogo você já fez?
Não, não, não. Já fiz na fisioterapia com psicólogo.
Mas por conta do trabalho?
Um conjunto, porque eu não consigo dissociar. Porque na época que eu fiz, eu procurei, principalmente por que eu estava em uma situação, vivendo uma situação de luto familiar.

Foi quando meu pai adoeceu e acabou falecendo, assim. Nesse período eu precisei mesmo, assim, de um suporte pra dar conta desse, porque assim... Porque era o trabalho, era convivência com o hospital, então eu acho que são dois fatores... Mas eu falava muito do trabalho na terapia. Falava muito. Falava muito do chefe.

Fatores tecnológicos

As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
É um forma de dois gumes, né? Ao mesmo tempo que facilita, dificulta porque é, a... A velocidade da noticia é maior, a cobrança é maior, a exposição é maior, a possibilidade das pessoas te xingarem é maior, então assim... Trouxe... Facilita, assim, o recurso está muito mais à mão, mas ao mesmo tempo também dificulta porque é... A pressão do leitor é maior, a pressão da noticia é maior assim, assim, de você correr atrás assim... Essa questão da pressão do tempo el foi ampliada e o alcance de tudo o que você faz é muito maior, então você tem que... Você tem que prever assim... A cagada que você produz vai gerar na vida da pessoa. Algumas coisas a gente não faz mais, porque você já sabe que aquilo vai gerar uma zica tão grande, que não compensa fazer. Desse ponto de vista eu acho até que é positivo, né? Porque a gente pensa um pouco mais em razão do estrago que pode vir em forma de...
O que, por exemplo?
Ah, acidente de transito. Eu não faço mais acidente besta, dando nome, dando placa, dando essas coisas... Porque eu sei que o cara vai entrar com um processo, vai falar que não era bem aquilo, e aí aquilo da uma zica, é... Menino desaparecido, adolescente desaparecido... A gente fazia muito assim. À medida que tem rede social, que tem... Que as informações são compartilhadas em Whatsapp e vira, e vira um rastro de pólvora, né? Você nunca mais pega. A gente não faz mais, assim, não boto mais que a guria está desaparecida, porque eu já sei... Assim, a menos que a gente tem, tem um... Um bom senso aí. Um *feeling*. Quando é uma criança que é vítima de violência, claro, você tem que fazer, mas quando são esses desaparecimentos que é nítido que não é e que você só vai expor aquela adolescente... Tem muitos casos aí, que você vê que se faz, e depois só vira chacota, né? Quando você sabe que aquilo só vai virar uma chacota pra a pessoa e lá na frente ela vai entrar na justiça e ganhar o processo com razão, eu não faço mais, porque eu sei que não é... Jornalisticamente eu não vou ter ganho nenhum. Talvez tenha umas leituras e tal, mas eu não faço. A gente não faz mais, porque o cidadão já aprendeu que ele pode entrar na justiça e ganhar o processo.
Você falou que a tecnologia facilita, mas tem os poréns e tal... Facilita e dificulta. Mas como que era antes?
A gente, por exemplo: Eu não recebia foto pelo Whatsapp, então tinha que esperar o fotografo chegar, baixar... Eu não recebia um documento pelo.... Uma decisão do juiz pelo Whatsapp. Eu tinha, ou que ir lá ler, ou que... Que me enfiar nas afirmações do advogado dele. Então assim, hoje em dia eu tenho possibilidade de ler o documento e fazer a leitura.
Na íntegra...
Na íntegra e fazer a leitura e assim... Quando alguém te conta, ela te conta o que chama atenção pra ela. Quando você lê, você tem uns meandros ali que você pega. Então assim... Antes, às vezes, muita coisa a gente fazia a partir da entrevista de alguém. Agora não. Você olha o documento. Isso é uma facilidade incrível, a rapidez de transmissão, a rapidez de falar com... De poder ter acesso ao Whatsapp do prefeito. O prefeito a gente falava com ele quando ele atendia o telefone ou quando ele estava em um evento publico. Hoje em dia ela fala com a gente pelo Whatsapp. Claro que tem hora que ele não quer responder e ele não responde, mas a gente tem esse acesso.

Um canal...
É, tem um canal.
Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Não, eu acho que eu lido bem assim.
E o que você utiliza de tecnologia no seu trabalho?
Celular, computador... Os programas de computador... Básicos assim. Eu não tenho uso avançado. Por exemplo, eu não edito foto, porque tem um profissional que faz isso. Mas assim, porque eu tô num cargo de chefia que me permite demandar, mas se precisar eu vou lá e aprendo e uso. Assim, eu acho que tenho facilidade com a tecnologia até o ponto que eu preciso dela, mas como eu tenho um cargo de chefia e algumas coisas eu não chego nem a botar a mão, eu demando. Mas para demandar eu preciso saber que eu tenho aquele recurso, né? Aí tem os recursos que a gente usa, de edição, de vídeo, edição de foto, é... De fazer infográfico... Assim, de demandar pra que as pessoas produzam isso.
Mas você dominar esses recursos...
Todos não.
Os básicos...
Os básicos.
Mas básico seria o que? Word...
Word, é... Um editor de foto, é... O próprio sistema do jornal, que é um recurso tecnológico. Dentro dele você tem várias funções, é... O e-mail... Usar as várias possibilidades que o e-mail te dá. Te dá uma agenda de possibilidades, te dá um... Eu uso pouco, mas eu uso. Assim, eu sei que eu posso usar. É.. Usar um excel é... Eu uso excel, aí eu uso online, eu nem uso o do computador, porque o online eu já guardo as minhas coisas lá mesmo. É... arquivar as coisas na nuvem, é... Eu faço isso...
Mas o editor de foto você usa mais para cortar?
É, para cortar... Pra... Se precisar borrar, mas normalmente eu peço pra outra pessoa, porque eu demando.
Você já respondeu um pouco dessa pergunta na anterior, mas de que maneira a tecnologia interfere no seu trabalho como jornalista?
Ela interfere me impondo é... Uma pressão externa que às vezes é difícil de lidar assim. É difícil de lidar com o fato de a pessoa conseguir rastrear você, pegar seu face.. Isso é a tecnologia que possibilitou às pessoas. Por exemplo, a gente fez uma matéria de um delegado é... Que brigou no transito e tal... Eu tenho certeza que ele tem a possibilidade de ir lá e me stalkear e saber o que ele quiser da minha vida, embora eu tente restringir os meu dados, mas a gente está exposto assim. As pessoas fazem isso é... Pegam o nome do repórter que escreveu e vão la, stalkeiam... E elas conseguem fazer campanha de difamação, hoje, a partir do seu nome. Isso é um recurso que a tecnologia permitiu e que coloca a gente muito exposto... Os policiais fazem isso.
Você já sofreu alguma campanha de difamação?
Já, já, já.
Por conta de matéria?
Por conta de... Posicionamento pessoal. Nem matéria. Posicionamento pessoal no Facebook. Tem um perfil de Facebook, que é de gente muito... De um cara muito aficionado por policia e que acha que a polícia pode matar, que a polícia pode... E aí uma vez eu questionei uma... Várias mortes seguidas de pessoas pela policia. E eles pegaram meu nome, foram lá, fizeram post me ofendendo. Várias pessoas me falaram: "Você já viu isso? Já viu? É uma campanha de difamação, né? E a gente está sujeito a ela todo dia.
Então interfere diretamente?

Interfere, sim, interfere no seu humor, interfere no seu receio de fazer as coisas. Assim, a gente pensa, eu falo: "putz, eu vou fazer isso? E aí nego vai fazer campanha contra mim na internet". Só que assim, chega uma hora que você toca um foda-se, mas interfere.

Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?

Atualmente é ser multitarefa. É ser multitarefa. O profissional mais valorizado hoje é o que consegue ser multitarefa, porque as empresas querem que um profissional só às vezes faça o trabalho de três. Fotografe... Quatro, né? Fotografar, filmar, escrever... Vamos botar aqui? Fotografar, filmar, escrever, editar, diagramar, é... Dirigir o carro... Então assim, não é o que acho que é uma... Que deve ter mais valor, mas é, pro mercado hoje é esse profissional multitarefa.

Mas você considera positivo ou negativo?

Considero negativo, porque é uma precarização, né? Assim, sou presidente do sindicato, de um sindicato, e eu defendo que as pessoas tenham um trabalho e que as pessoas sejam valorizadas em suas habilidades, em suas melhores habilidades, é... Então não é legal que uma pessoa só ocupe a vaga de 3, 4, ou é... Faça a tarefa de 3, 4. O ideal seria que as especialidades fossem respeitadas, primeiro pra ter mais emprego, e segundo para que as pessoas desenvolvam melhor as suas habilidades pessoais.

Como você utiliza as redes sociais no seu dia a dia como jornalista?

Ah, o tempo todo, o tempo todo. Assim, eu sou muito conectada nas redes sociais, é... E assim, eu faço uma coluna de bastidor. E uso, por exemplo, pra coluna de bastidor, por que tem coisa que não vale pauta... Mas pra pauta. Ontem a matéria mais lida do jornal de hoje, eu recebi via rede social, que é o padre que... Que fala que tudo bem beber e que o feio é cuidar da vida do outro. Isso foi a rede social que me trouxe essa pauta.

Facebook?

Não. Isso foi o Whatsapp.

Whatsapp...

Whatsapp. Alguém me mandou: "Olha, você viu esse padre aqui?" E... Mas para falar com o padre, onde eu consegui? No Facebook Eu mandei um face pra ele, vi que ele estava verdinho, e a gente ia na igreja, mas enfim... Eu falei: "não, pera aí, Ângela, peraí que eu vou falar com o padre". Ele me respondeu, me deu o telefone e, através disso, a gente entrevistou ele rapidão.

E você faz entrevista por Whatsapp?

Faço, por Whatspp, faço por... Por Facebook, faço... É... Eu não uso muito, como é o nome daquele lá?

Instagram?

Instagram pra pauta... Menos... Mas uso também. Uso também. Sempre que eu queria falar com um jogador de futebol, o único contato que eu tinha com ele o Instagram. Mandei uma mensagem no Instagram, perguntei aonde ele estava e a gente ligou pra ele aonde ele estava.

Procura pauta no Facebook também?

Procuto, o tempo todo, o tempo todo...

Além do Facebook, quais outras plataformas você utiliza?

Facebook, Instagram, Twitter. O Twitter eu acompanho muito pra... Saber assim... Que assuntos são relevantes. Assim... O Twitter, no Brasil, a gente usa menos ele, né? Embora ele seja uma rede bem interessante para conteúdo, mas eu acompanho quando tem grandes eventos. Eu vou lá no Twitter saber o que está acontecendo, o que as pessoas estão falando.

Quando eu tô muito ruim de pauta, eu vou la no Twitter para saber quais os assuntos que estão bombando.
Nos *Trendigs Topics*?
É, a partir disso eu consigo, às vezes, me conectar com o que está sendo falado assim.
Lembra de outras plataformas que você usa?
Não... Posso estar deixando passar, mas eu uso basicamente o Facebook, Whatsapp, Instagram, é...Twitter.
Youtube?
Youtube.
Linkedin, que é a rede profissional...
Não. Linkedin muito pouco. E o próprio Google, pra stalkear as pessoas.
A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Eu acho... Olha, as pessoas muito mais assim... É que nossa profissão é uma profissão que não, que não aceita muito velho no dia a dia, né? Velho entre aspas assim. Você conhece poucos jornalistas acima dos 60. Então assim, a idade é um fator limitador porque é a novidade, né? Tipo, uma criança lida muito melhor com celular do que eu. Ela é um limitador, mas não é nada também de outro mundo. A gente aprende. Assim, você bota a pessoa mais velha ou você bota alguém para auxiliar, mas ela é um limitador, sim.
Mas ela facilita, dificulta ou...?
Ela dificulta.
Dificulta?
Aham.

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Não. Nem uma pra frente nem pra baixo
Como são essas relações? Como se estabelecem?
A gente é... A gente...
Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Não. Eu sinto diferença assim é... Eu não sinto dificuldade de relacionamento. Eu acho que eu lido bem, tanto com os mais velhos, quanto os mais jovens. Agora assim, a gente tem diferença de.... Como eu posso dizer? Até assim... De dedicação de algumas pessoas, mas assim, não é no sentido de que "ah", elas são..." Tem gente que encara como preguiça. Eu não encaro como preguiça. É que as gerações lidam com a profissão de uma forma diferente, assim. Mas isso não é só pro o jornalismo. Isso é pro trabalhador. Se o trabalhador mais jovem, hoje, o emprego não é a vida dele, então ele não... Ele se sacrifica menos pelo emprego e eu acho isso positivo. Não acho isso ruim não. Assim, eu consigo acho que enxergar que as pessoas tem... Embora eu tenha atitude diferentes, porque eu fui educada diferente, eu não vejo isso como...
Negativo...
Não é necessariamente negativo. Às vezes me incomoda, às vezes me irrita, porque ali no dia a dia você gostaria que a pessoa tivesse a mesma dedicação que você tem, no sentido de assim... A gente morre um pouco pelo trabalho, é... Porque assim que a gente foi ensinado lá atrás, que o trabalho era, que eu não podia... Apesar de eu trocar muito de emprego, mas em todos os meus eu me dedico muito assim, e... Mas não é mais assim. As pessoas não vivem para trabalhar mais. O trabalho é parte da vida delas, mas não é a vida delas. Então eu sinto essa diferença na moçada mais nova assim. Eles têm um, tipo, eles querem viajar mais, então eles... Por exemplo, lá no jornal eu converso muito... Trocam mais pra poder viajar, e às vezes isso atrapalha a rotina nossa. Mas é uma coisa assim, que ele estabeleceu

que a vida dele não vai ser só trabalhar, "então eu não vou me sacrificar pelo trabalho". Assim hoje é... Tem umas diferenças de formação mesmo assim. A formação hoje, em alguns aspectos, ela... A gente que é mais velho, que é de uma geração... Eu tô no meio assim, né? De uma geração mais velha é... A gente acha que as pessoas leem menos, que as pessoas não conhecem alguns fatos históricos por que é... Mas eu vejo tudo isso como defeito de formação. Eu não vejo como defeito da pessoa. Então eu acho que eu consigo lidar tentando trazer ele mais pra perto de mim, tanto quem é mais velho, que tem um jeito diferente também, que já acha que a minha geração é pior que a dele, quanto com quem é mais novo, e às vezes a gente acha que a gente é melhor assim. E quem é mais novo acha: "Não, eu sou que sou melhor". Então assim, tem esses choques de geração, mas eu acho que... Porque a pergunta foi sobre o meu relacionamento... Eu acho que eu consigo lidar bem. Às vezes a gente adota um tom e aí você se policia de... No tom de "ai, no meu tempo era assim..." Um tom saudosista. Mas eu acho que ainda consigo lidar bem.

Você até comentou um pouco sobre isso... Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

Existe, existe, existe isso... É... Assim, existe a diferença, por exemplo, a gente era muito mais romântico. A gente era muito mais romântico. "Ai, vamos mudar o mundo". É porque o mundo era... Eu pelo menos me formei numa época em que era uma época de redemocratização.

Como são os veteranos?

A gente, é assim... Eu sinto que a gente era uma coisa assim de não ter horário de trabalhar, de qualquer hora do dia você é jornalista, de... Ir com seu próprio carro. Hoje em dia as pessoas vão com seu próprio carro é... Mas assim, para coisas que está empreendendo. Aí é legal. Mas ninguém quer dirigir mais o próprio carro pra fazer pauta pro jornal. E eu acho que está certo. Não acho que está errado não. Mas é uma diferença que eu vejo assim, de... Eu acho as pessoas menos apaixonadas pela profissão.

Agora, né?

É, é, porque a profissão decepciona muitos ou porque o jeito de ver a vida mudou. Eu não acho que essa diferença é do jornalismo. Eu acho que essa diferença é da juventude de hoje, que ela tem outros valores, como eu disse lá a questão de o trabalho não ser tudo. Às vezes o cara quer parar de trabalhar e fazer outra coisa na vida. Muito mais gente sai do jornalismo pra empreender hoje, que era uma coisa que a minha geração não fazia. A gente assim... Eu virei jornalista, vou ser jornalista a minha vida inteira. Só isso que eu sei fazer... Assim, porque ai, era uma coisa de sacerdócio. Eu não vejo mais muito essa coisa do sacerdócio. Eu vejo em poucas pessoas e eu não estou dizendo que isso é ruim ou é bom, mas é uma diferença assim. Eu não vejo tanto o apego. O apego ao valor da profissão, à função social. Eu vejo assim... Algumas pessoas ainda tem, uns romantiquinhos, mas são poucos.

Mas no geral, os novatos enxergam como?

Enxergam como... Eu não sei como eles enxergam. Eu sei que enxergam diferente, mas assim, eu vejo que eles, assim... Eles caíram nessa profissão, mas eles saem dela a hora que aparecer alguma coisa diferente. E muitos assim... Chegam nela só por vaidade ainda. Isso acontece, desde que a TV existe e agora é a Internet, né? A internet atrai muitos pela vaidade de aparecer na internet. E eu vejo que os veteranos era muito uma coisa da função social.

Você falou que pegou a época da redemocratização...

Aham, é... A gente queria contar as coisas que a ditadura não deixou a gente contar. A gente queria denunciar. A gente queria... Existe esse perfil ainda hoje, mas ele é muito menor.

Muita gente quer simplesmente contar coisa boa, por exemplo. A gente não gostava de fazer notícia boa. Hoje em dia as pessoas querem contar coisas boas, as pessoas querem... As pessoas não acham feio fazer publicidade, no próprio jornalismo fazer... Shownarlismo. As pessoas não acham feio. E a gente achava feio. A gente tinha vergonha. Era uma coisa inconcebível. A publicidade era inimiga do jornalismo. E as pessoas hoje tem uma compreensão de que as coisas são meio interligadas assim... Que o conteúdo jornalístico também é um conteúdo que pode ser vendido. Esse olhar está melhorando um pouquinho assim. Jornalista ainda saí da faculdade querendo ser empregado, mas isso já esta mudando muito. Tem gente que não se sujeita a ser empregado. E a nossa geração romântica: "Não, tudo bem ser empregado".

Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior a sua? Você conviveu com jornalistas mais antigos...

Sim... Convivi. Eu acho que essa paixão, por exemplo, que eles tinham, era uma coisa positiva, bonita de ver, sabe?

Mas era uma paixão presente na geração anterior e na sua?

É, mas a deles eu acho que era até mais assim. É gente que... Que dormia na redação se deixasse. Eu acho bonito assim. Acho que eles foram desbravadores, aqui principalmente, mas é... Hoje... Poucos... Porque a idade já tirou muitos da redação, assim, né? Mas eu acho que eles tinham uma paixão que era bonita de ver.

Consegue ver mais pontos positivos além desse?

Nesse momento não.

E negativos?

Eu acho que... Que assim... Os negativos são os mesmos da sociedade toda, assim. A gente errava muito no sentido do respeito ao cidadão mesmo assim, né? A gente errava muito, a gente assim.... Eu digo a gente como ser humano. O ser humano errava muito nos direitos individuais e houve uma melhora muito grande de conquistas, como a Constituição de 88, que trouxe várias coisas novas. Assim, a profissão foi tendo limites que ela não tinha antes, que infelizmente agora estão sendo questionadas porque a gente está em uma onda conservadora absurda assim. Mas eu acho que era ruim isso assim, algumas coisas, tipo chegar na delegacia e dar pescotapa em bandido. Acontecia isso antes. Hoje em dia isso é impensável, então eram aspectos negativos, mas que eu acho que era um... Reflexo de um tempo. Sensacionalismo ou apelação... Eu não gosto de falar sensacionalismo porque eu acho que a noticia ela é sensacionalista, mas ela é... Não é porque ela é sensacionalista que ela é apelativa. Mas eram uns apelos assim... Eu cheguei a pegar essas coisas de tapa em bandido em delegacia, que eu acho um troço absurdo assim. Então acho que... E às vezes assim... Errava-se muito por desconhecimento mesmo e por um desenvolvimento da sociedade que está tendo ao longo dos anos e que agora eu vejo que está em riso.

E os pontos positivos e negativos da nova geração?

Eu acho que a falta de paixão e de idealismo é uma coisa que atrapalha, mas eu estou falando do meu ponto de vista, porque a minha geração ainda está no meio desse caminho, né? E ao mesmo tempo eu acho que o desprendimento é uma coisa positiva, do ponto de vista da gente ter mais jornalista querendo se tornar empreendedores e não se sujeitar à regras, à coisas absurdas que o mercado impõe.

Consegue ver mais pontos positivo ou negativos?

Outros?

Outros? Da nova geração?

Não, nesse momento não, não.

E da sua geração jornalistas, quais os pontos positivos e negativos?

A minha geração é um misto das coisas, né? A gente tem, por exemplo, um ponto positivo que eu acho que é a profissionalização. A gente é uma geração que se profissionalizou mais, que estudou um pouco mais, que conhece mais lei, que sabe ler um processo, entendeu? Então assim... Isso eu acho um ponto bastante positivo. E o negativo talvez seja alguns resquícios ainda daquelas coisas que eu disse, né?
Da geração anterior?
É, é, uns resquícios lá. E a gente também está, assim, a gente talvez seja a que mais patinou, porque a gente está num limbo, né? Não está nem em uma, nem em outra, então a gente está um pouco lá e um pouco cá.
Mas você consegue lembrar de outros pontos positivos? Citar outros pontos positivos ou negativos?
Não,não, porque eu teria que pensar mais menino.
Ta.
Se quiser que eu complemente...
Eu quero. Se você quiser me mandar depois não tem problema. Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Existe, existe, existe. Existiu um muito forte na minha entrada no jornalismo, porque a minha foi quando o diploma é... Começou a ser cobrado aqui. E os não diplomados eles eram... Eles viam a gente como forasteiro assim. A gente... Existia um tom de assim, uma... Um questionamento dos professores. "Ah, seu professorzinho da faculdade não te ensinou isso, não?" Existia muito isso assim. Era muito forte. A gente foi muito... Alguns adotaram a gente, mas muitos... A gente sofreu, de certa forma, o preconceito. E existe hoje um choque de geração nesse sentido aí, que quem é... A Ângela... Vou até citar um nome, mas depois você até, não sei... A Ângela ela fala muito disso, que a molecada hoje não quer nada com nada. E assim, eu acho que não é que não quer nada com nada. É que quer coisas diferentes. E existe isso, assim, da gente falar: "ah, no nosso tempo é que era bom". A gente se pega falando isso. Eu me pego falando isso. Eu me pego falando isso, que é uma coisa que a nostalgia traz para todo mundo. A gente sempre acha que a nossa época é a época melhor, né? É... Tem uma coisa que aconteceu muito, que era proximidade com a fonte. É... E existe isso ainda hoje em dia, mas eu acho que estabelece-se mais uma relação de respeito assim. O jornalista não é amigo da fonte. Eu pelo menos acho que não é.
Isso você está falando de antes ou depois?
Antes, antes.
E hoje você vê...
Eu vejo que existe uma barreira maior entre a fonte e as pessoas. Não que não existam vários colegas que sejam... Que ultrapassem essa barreira. Tipo assim, eu acho que essa é uma qualidade que a minha geração trouxe, de estabelecer um limite.
E a nova você esta dizendo que não tem esse limite?
Não, estou falando da antiga, perdão. Antigamente era muito bagunçado a relação fonte com... Era muito promíscua.
Ah, muito próxima a relação?
É, muito promiscua. A gente acha que um ponto positivo da minha geração é estabelecer um pouco esse limite assim.
Ah, entendi. É isso. As perguntas são essas. Obrigado...
Mas tem alguma outra parte ainda?
Não. Acabou.

E – Entrevistas da Geração Y

Transcrições das entrevistas realizadas com os cinco informantes da Geração Y

Entrevistada: Liziane Berrocal

Data: 29/03/2018 | **Duração:** 01:35:12

Veículo representado: Online **| Geração representada:** Y

Perfil resumido

Nome completo: Liziane Carla Furlan Berrocal
Idade: 37 anos
Data de nascimento: 03/09/1980
Local de trabalho: Top Mídia News
Função: Repórter e Gerente de Novos Projetos
Formação: Jornalismo (UCDB/2006)
Tempo de carreira no jornalismo: 12 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Liziane Carla Furlan Berrocal.
Você tem quantos anos?
37.
Qual sua data de nascimento?
03/09/1980.
Você está só no Top Mídia?
Não. Estou estou no Top Mídia, eu faço, presto consultoria na área de redes sociais, marketing digital e marketing político. Não só para políticos, como também para pessoas particulares: restaurantes, salão de beleza...
No Top Mídia você está como editora?
Não, eu sou repórter e gerente de novos projetos agora. E, sim, desenvolvo as duas funções.
Quando você formou?
Formei em 2006.
Na UCDB?
UCDB.
Mas você começou a fazer direito em?
2013, na FCG.
Por que você decidiu fazer direito?
Porque era o sonho da minha mãe e eu ainda não sabia que a minha mãe iria ficar doente. Eu fazia Enem todo ano com os meus sobrinhos para incentivar eles a fazerem o Enem, incentivar o meu marido também a fazer o Enem. Eu fazia todo ano com eles. E aí eu tirei uma nota muito boa e consegui uma bolsa completa, uma bolsa integral, num programa de bolsa e aí eu fui fazer.
Mas você fez pensando em complementar a sua formação?
Não, eu fiz pensando em advogar. O que eu quero é advogar. Posteriormente eu quero advogar e ser jornalista com o sustento da advocacia.

Ah, você pretende continuar no jornalismo e não ficar só na advocacia?

Sim.

Entendi.

No jornalismo, você tem quanto tempo de carreira?
Doze anos. Se contar um ano anterior da faculdade dá 14, né? Os outros dois anos anteriores assim, como os estágios e essas coisas.
Você sabe em quantas empresas você já passou?
Elvis, eu sei certinho as que eu passei como profissional, mas eu faço muito voluntariado para instituições sem fins lucrativos, né? Então as empresas que eu já passei foi assessoria de imprensa de dois vereadores, que é Câmara Municipal. Nesse vai e vem aí são dez anos de Câmara. É... Midiamax, Jornal O Estado... Antônio João.
Jornal O Estado e Correio?
Não. Correio eu só fiz freela. Antônio João é assessoria. Assessoria política e assessoria partidária, de partido político.
E agora o Top Mídia?
Não, aí eu sai do Antônio João, voltei para a Câmara e o Jornal O Estado. Lá eu fui editora de política, editora-chefe de online e fiz a formação da TV. Quando eu fui demitida de lá, eu sai, voltei para a Câmera e fui para o Jornal de Domingo, o JD1. Fiquei como editora no JD1 alguns meses e fui para o Top. Então eu sei certinho.
Então pelas contas aqui, duas assessorias 2, 3...
Não, faltou um ai que é o Banco Mundial. Fiquei dois anos no projeto do Banco Mundial.
Assessoria?

Assessoria de imprensa.

E você sabe mais ou menos o tempo de permanência em cada uma dessas empresas?

O tempo que eu fiquei mais foi com o Antônio João, que eu fiquei 4 anos e meio. O [...] Rio Formoso foram três anos. Foi logo no começo da minha carreira. É... Bernal foi um ano. Jornalismo mesmo de redação, que é o mais que eu fiquei, né? Que dá ali...
Os doze anos?
É, dá os doze anos, entre idas e vindas. É porque, Elvis, eu sempre tive dois empregos, entendeu? Nunca fiquei em um emprego só. Só no GF (?') que eu fiquei, que lá eu trabalhava cinco horas e ganhava acima do piso.
Mas no Jornal O Estado, você ficou quanto tempo?
A primeira vez eu fiquei 8 meses e a segunda vez um ano.
No Antônio João foram 4. E com as assessorias dos vereadores?
Ah, com o Chiquinho mesmo também foram cinco anos, né? Tipo, eu nunca saí dele . Eu sempre tive dois empregos. Quando eu estava com o Antônio João, eu estava com o Chiquinho também. E quando eu tava no O Estado eu estava com o Chiquinho também.
E no Midiamax?
Não, no Midiamax eu fiquei sozinha. Lá no Midiamax eu fiquei sozinha.
Mas quanto tempo? Um ano?
Pauleira. Foi a época Zeca do PT. Época do embate Zeca do PT e André Puccinelli.
Mas e as funções que você já desempenhou no jornalismo?
Repórter. Eu fui repórter, editora e repórter especial. E repórter investigativo. Além desses daí, eu prefiro não falar o nome dos veículos, porém eu faço matérias a cada quinze dias, fechando um jornal semanário na cidade, onde eu faço, no mínimo, seis matérias autorais e

ganho por matéria. E é um freela, que eu tenho já faz mais de um ano. E esse lugar aí eu trabalho de casa mesmo. Vou lá uma vez por semana, sento fecho pauta com ele e aí eu entrego pauta e ele me paga e acabou. Já vai para um ano e meio isso daí. Desde sempre também. Outro que me contratou grávida e aí, assim, a maioria das matérias é ligada ao cunho político. Me contratam muito para fazer freela de matéria de cunho político sem assinatura.

A sua carreira girou em torno em torno do jornalismo político? A maior parte do tempo?

A maior parte do tempo.

E você lembra os motivos das saídas dessas empresas?

Lembro.

Você pode falar?

O único lugar que eu fui demitida por brigar, por brigar, foi do Jornal O Estado, em 2016. O restante eu sempre sair para ganhar mais.

Sempre foi troca de emprego?

É, sempre foi troca de emprego. A primeira vez que eu saí de uma assessoria e fui para o Projeto Rio Formoso eu fui para ganhar o triplo. E era um projeto do Banco Mundial. Participei de uma seleção com 400 currículos, 40 entrevistas e eu fui o segundo lugar. O primeiro lugar desistiu, aí foi quando eu morei em Bonito dois anos e meio. [...] Então, assim, foi sempre para ganhar a mais.

Mas a única vez que teve atrito...

Atrito para demissão foi no Jornal O Estado, que era a segunda vez que eu trabalhava lá.

E qual foi a justificativa?

A justificativa é o meu temperamento. É o meu temperamento. Eu sou uma pessoa que tem uma opinião forte. Sou muito agregadora, mas, assim, a guerra de egos dentro do jornalismo ela é fortíssima. E essa guerra de egos acabou me causando prejuízos, porque eu estava com problema de uma redação dividida, onde o chefe de redação [...] ele não teve tino para lidar. E uma coisa que eu tenho muito que lidar muito nas redações, por eu ter uma posição de liderança muito forte, é com o machismo.

Sério?

Sim. No começo da minha carreira, eu enfrentava por conta da obesidade. Depois que eu emagreci é porque eu estava me achando porque eu emagreci. Então, assim, é muito difícil. Porque assim: te zoam porque você é muito gorda, aí você emagrece e te zoam porque você quer ser metida a machona. Porque você é... O machismo é muito gritante dentro das redações. Se você for ver, as mulheres e homossexuais eles geralmente são relegados a editorias subalternas, como.... Subalternas que eu falo é assim... Cultura, como se cultura fosse menos difícil de fazer, e Cidades, né? "Aí, vai lá fazer polícia", porque a jornalista de polícia ela tem que ser bonitinha, gostosinha pro delegado e policial dá atenção. Se você for perceber, 90% dos jornalistas de polícia são assim.

Nem tinha reparado.

Mas puxa na sua memória as que começaram. Eu posso até citar nomes, espero que você não coloque. Mas assim [...] se você for ver, 90% fazem isso.

Isso dá um problema de pesquisa...

É, o machismo dentro do ambiente jornalístico ele é muito forte. Aí você vai na editoria de cultura ou são os homossexuais ou são as mulheres. Você nunca vê um cara super hétero, né? Vamos usar esse termo assim... Na editoria de Cultura. Mas você vê isso na editoria de Economia e na editoria de Esporte. E na editoria de Polícia, cadê as mulheres? Outro dia eu fui numa entrevista coletiva com o Odilon, é que é um pré-candidato ao Governo aqui do

Estado, eu cheguei lá tinha 16 homens e só eu de mulher. Eu pedi para o Cadu, pro assessor, eu falei: "Faz um foto". E não tinha chegado todos os homens ali. Logo que eu saí, que nós tiramos essa foto, chegaram mais quatro pessoas. Quatro homens. Só estava eu de mulher ali. Assim, quando você não percebe, vai indo. A hora que você se percebe... Aquele ambiente começa a ficar opressor, né? Só que ao mesmo tempo, você percebe que você tem uma estrutura maior também pra você entrevistar. Você tem um tino pra você entrevista, e aí você fala assim: "Porra, eu sou um mulherão da porra".

Você acha que o olhar é diferente?

O olhar é diferente. É indiscutível que o olhar é diferente. Eu penei muito para ter respeito dentro do jornalismo de política enquanto mulher, porque eu não era bonitinha e não era homem. Então assim, é muito difícil você trabalhar isso. Você vê muitas mulheres na assessoria dos políticos, mas na editoria, no jornalismo investigativo, você não tem. [...] Então assim, [...] as mulheres, geralmente, elas são relegadas a essas funções. Aí você não vai ver um mulher é.... Tipo, na editoria de Cidades é quase tudo mulher. Aí você pega a editoria de Esportes, ai são os caras, né? Como se só os caras entendessem de... Esse foi um problema que eu tive no jornal O Estado. Chegou um momento da minha trajetória dentro de jornal O Estado onde eu era tão multimídia, tão assim multitarefa para fazer as minhas coisas, que chegou um dia que eu assinei matéria em todos os cadernos - Política, Esportes, Cultura, Cidades e Polícia -, porque eu tenho muita agilidade para escrever e tenho muita fonte e, tipo, a fonte está falando comigo e eu escrevo duas, três matérias ao mesmo tempo, pegando e colocando; vou pegando e vou colocando. E eu sou muito legalista. Por fazer a faculdade de direito, eu sempre fui muito legalista. Eu não admito colocar o suspeito como culpado. Eu não admito colocar nome do estuprador. Não é para proteger o estuprador. É para proteger a vítima. Eu não admito qualquer erro que possa identificar uma vítima de abuso sexual, de estupro. E não admito desinformação. Por exemplo, assim: condenado por pedofilia. Ninguém é condenado por pedofilia, porque o crime de pedofilia não existe. Existe o crime de estupro, de abuso sexual, de estupro de vulnerável. Pedofilia, como crime, não existe. Não existe essa denominação.

Mas isso foi o direito que ampliou a sua visão? Ou você já tinha essa visão?

Eu já tinha essa visão, porque eu sempre fui militante dos Direitos Humanos. Desde os meus 16, 17 anos, eu sou militante dos Direitos Humanos. E isso me deu um leque muito amplo do que é direito, do que é a questão social e, principalmente, a questão social da informação. A informação ela salva vidas, então eu tenho muito isso comigo. Já que é um jornalismo que eu falo muito isso, que é o jornalismo social. É... O jornalismo ele tem que ser um fator social na vida das pessoas. Quando eu coloco uma informação errada é complicado, porque, por exemplo assim, as pessoas me chamam muito no WhatsApp, nos grupos que eu participo de mães, mães especiais, essas coisas, pra falar assim: "Nossa, você sabe se amanhã, vai abrir o comércio? Amanhã vai abrir banco? Porque o Estado hoje não está funcionando. Quinta-feira santa, né? Mas e o banco, vai abrir? A Lotérica vai abrir?" "Olha, vai abrir..." Então assim, a responsabilidade do jornalismo ela é muito grande, desde as pequenas coisas, que dirá as maiores.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?

Essa pergunta não é fácil. Ser jornalista, pra mim, é o que me move. É a minha vida. Eu achei que quando eu... Eu sempre tive sonho de ser mãe e desde muito pequena eu falava para o meu pai que eu ia escrever, eu ia ser escritora. Eu achava que ser escritora era você escrever em jornal, porque eu comecei a ler eu tinha 3 anos. Eu fui alfabetizada muito cedo

e aí quando eu tinha cinco anos eu já lia a Folha de São Paulo com o meu pai. E ele assinava a Folha para mim com oito anos. Eu ganhava livros, essas coisas assim, com oito anos. Ganhei muito concurso de redação, muita coisa e tal, então assim... Mas fui uma adolescente muito rebelde, fugi da escola e tive que fazer supletivo pra ir para o segundo grau. Então a minha primeira formação não foi jornalismo. Foi pedagogia.

Você formou em pedagogia?

Eu dei aula, fiz UNESP. Fiz Pedagogia. "Ah, por que tudo muito rápido?" Porque assim, eu fiz supletivo, né? O meu terceiro grau foi de Telecurso. E aí eu tirei cem... Mil no Enem naquela época... Cem, né? Naquela época. E aí assim, quando aconteceu tudo o que aconteceu, eu fui pro...

Você fez pedagogia onde?

Na UNESP.

Você não formou?

Não.

Fez quanto tempo de pedagogia?

Dois anos.

Mas atuou?

Não, eu atuava antes, né? Eu sempre dei aula, né? Até para universidade já dei aula. Dei aula de Metodologia Científica.

Em Campo Grande?

Não. Lá em Bonito. Lá era mais difícil de ter professor, né?

Você estava falando de jornalismo. O que que é ser jornalista para você?

Então assim, eu achava que quando eu tivesse a bebê, que quando eu engravidasse, o jornalismo ficaria relegado ao segundo, terceiro plano. Na minha cabeça era isso, né? E eu falava assim: “não, ser mãe vai suplantar tudo”. E eu transformei a maternidade em jornalismo. Eu abro o olho, os meus olhos eles, eles só enxergam pautas. Assim, parece que tudo que eu enxergo, tudo que eu olho, é pauta. Hoje eu estava entrando dentro da Americanas para cortar caminho e buscar o vestido de aniversário de 1 ano dela, e aí eu comecei a olhar as gôndolas e a olhar os preços, de tanto por tanto, ai já pensei... Falei: "vou tirar uma foto, já vou fazer uma matéria, já paro já entrevisto alguém”. No meu dia a dia eu não preciso estar trabalhando. Eu abro o olho eu vejo pauta. Eu vou na benzedeira, eu transformo em pauta. Eu tô fazendo aniversário de 1 ano dela, eu transformo em pauta. Não é só pauta de economia, por exemplo, o quanto você gasta, mas você tem aquela parte social, a parte do comportamento, a parte da economia. A parte de tudo que faz o aniversário de um ano a roda girar. É muita coisa.

Mas o que é, para você, ser jornalista?

Para mim, é o que me move.

E por que você decidiu ser jornalista?

Então, não decidi também. Eu comecei a faculdade de pedagogia em Marília. E eu estava usando muita droga lá...

Estava com o que?

Usando muita droga. Nossa, eu estava... Eu prestava de terça a domingo. Segunda eu descansava. E aí minha mãe ficou sabendo e foi la me buscar, me deu um cacete e falou: "Você vai estudar!" E ai foi lá na UCDB. E ela queria que eu fizesse direito. E eu falei: "não vou fazer". Aí eu queria estudar a noite e ela falou: "Você não vai estudar à noite". E eu já tinha 22 anos. “Você não vai estudar à noite”. "Eu vou estudar à noite. “Você não vai. Quem manda em você sou eu”. Falei: "então eu vou estudar de manha, então tá, então eu vou fazer comunicação social. “Ah, então você faz publicidade". E eu: “não, eu não vou

fazer publicidade. Vou fazer jornalismo".
E por que?
Porque eu queria contrariar a minha mãe.
Ah, então, na verdade, o motivo foi esse.
É, o motivo foi esse, porque quando eu era pequena eu falava que iria ser escritora de jornal e juíza de direito. E quando eu entrei para o jornalismo eu percebi que... Na faculdade de pedagogia, eu já fazia trabalho pra fora para os outros. Então eu já escrevia profissionalmente para os outros. Na faculdade de jornalismo, eu percebi que era aquilo. Era quilo que eu queria fazer. Aí teve uma época lá, que teve uma mudança muito bacana, que a gente reformulou o "Em Foco" e o professor me colocou para ser a editora do jornal. Aí também teve uma revista que a gente fez. A nossa se chamou 14 Bis, que eu era a editora da revista também. E você tinha que aprender a lidar com todos os conflitos. Então eu lembro que a primeira vez que eu fui fazer um jornal e consegui a manchete, então eu descobri o gosto da manchete no jornal, na faculdade já. Eu lembro até hoje que eram as clinicas é... Que se negavam a atender convênios médicos. Falavam que não tinha vaga. E é um problema infame que perdura até hoje.
Você falou que fez jornalismo para contrariar a sua mãe, mas acabou gostando?
Não, é a minha vida.
Se apaixonou...
Me apaixonei.
Você se sente realizada como jornalista?
Sim.
E por que?
Porque eu já vi vidas transformadas por meio das minhas matérias. Ah, eu tenho histórias muito bacanas que eu acompanho até hoje, de pessoas que se transformaram. O personagem do meu livro reportagem é meu amigo, é amigo da minha família até hoje, conhece minha filha, conhece meu marido e eu conheço todo mundo...

O seu livro reportagem é sobre o que?
Meu livro reportagem foi uma ligação errada que caiu na minha casa. Era de dentro do presidio. Eu comecei a conversar com ele e chamei ele para escrever um livro comigo sobre criminalidade. Esse rapaz ele tem 38 anos hoje, ele tem três filhos, a mulher dele e tudo. Depois eu me afeiçoei com a família, com todo mundo, e aí ele... Um dia ele falou para mim assim: "ah, você teve a coragem de pular o muro da academia", né? E pular o muro da academia é uma expressão que o Caco Barcellos usava e que o Alvino de Souza Sá, que é psicólogo do sistema penitenciário de São Paulo, usava também. Que é ir no jornalismo gonzo, o jornalismo marginal. Então assim, eu já me vesti de catadora de lixo. Quando eu fui fazer o livro eu não fui fui como jornalista. Eu fui como visita. Comprei uma carteirinha da mão do agente penitenciário. Eu entrei lá dentro junto com a mãe e com a esposa dele, abaixei lá na frente do espelho, revista íntima, igual todo mundo, carreguei as comida. Passei por todo aquele processo sem ninguém saber que eu era jornalista.
Então você se sente realizada?
Eu me sinto realizada. Essa pessoa eu acompanho até hoje.Tem a Marina. A Marina ela é irmã da Mariana, que apanhou do Giroto. A Marina, o pai dela um dia ligou na redação do Midiamax, em 2010, desesperado, que não tinha o remédio pro câncer dela no Regional, para ela fazer o ciclo da quimioterapia. E o ciclo da quimioterapia, parou você tem que recomeçar. Você pode estar a penúltima sessão. Parou, você tem que recomeçar todas aquelas outras dez doses. São acho que doze, dependendo do ciclo, ou oito. E aí ele ligou desesperado e foi aí que eu me descobri jornalista investigativa também, porque foi aí que

começou a ser descoberta a Máfia do Câncer, que só virou aquilo que virou depois Fantástico. Eu fiz uma pesquisa, fiz pesquisa no Diário Oficial... Naquela época o Governo não nos atendia. Quem me atendia lá dentro era só o Waldemar Ozano. O restante não me atendia. O Guilherme não me atendia. Ninguém me entendia naquela porra, porque eu era muito briguenta. Eu tinha passado pela Uragano, eu tinha feito o inferno na vida do Governo, e aí eu falei assim: "mas como que vocês não tem o remédio se está licitado?" "Ai, o laboratório não entregou..." Eu sou muito fã de automobilismo e o piloto que eu sou fã, ele corre com o patrocínio de laboratório, que justamente casou de ser o laboratório que tinha ganhado a licitação, que era a Eurofarma. Eu conhecendo o automobilismo, consegui... Tinha o telefone da assessoria da Eurofarma, liguei para a assessora da equipe. Essa assessora da equipe me passou o contato da Eurofarma e falou: "não, está tudo ok".

Uma coisa se conectou à outra?

Foi. Uma coisa foi se ligando à outra. E aí eu percebi que eu poderia fazer essas ligações com todas as outras matérias que eu quisesse. E ai eu liguei lá e falei assim: "olha, a Eurofarma..." Aí dali a pouco, deu umas quatro horas depois, naquele mesmo dia, foi uma matéria que eu comecei de manhã e fui indo, indo... O pai da Marina me ligou e falou assim: "a minha filha tá com... Acabaram de ligar para ela ir amanhã fazer o ciclo, para ir lá amanhã tomar o remédio". Eles dizem que eles arrumaram e tal, não sei o que. Então assim, a partir dali eu comecei a ver que o jornalismo poderia, também, transformar vidas. Ai teve a Ritinha, que ela entrou para uma cirurgia muito simples dentro do HU e saiu de lá completamente é... em estado vegetativo. Eu nunca mais vim, mas é uma pessoa que eu guardo muito. E tem o último caso, que eu tô acompanhando, que é o João Gabriel. O João Gabriel tem 4 anos. Ele nasceu com autismo e deficiência auditiva e paralisia cerebral. Ele estava sem remédio, sem leite, sem nada, e a gente começou a fazer matéria. E ele precisava do implante coclear. E aí nesse negócio de fazer matéria, fazer matéria, um empresário veio pagou as passagens, o outro pagou Unimed dele, o outro ajudou, ajudou. Ele fez o implante coclear e vai fazer a próxima cirurgia agora para finalizar o implante agora no começo de abril.

Com todas essas experiências que você viveu, o que que o jornalismo representa na sua vida?

Transformação social. É só um grãozinho de areia, mas transforma. Eu não vou mudar o mundo, mas eu também não vou deixar o mundo me mudar. Eu posso mudar o mundo de alguém com o meu jornalismo. Basta uso de boa vontade, tanto assim que tem dias que é meia-noite, uma hora da manhã, tem gente que me liga porque o posto tá cheio. É... Ou manda whats. Eu acordo de manhã e o que mais tem é imagem de posto de saúde cheio, porque esse jornalismo social ele transforma. É uma via de transformação social, porque você dá voz para as pessoas.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Eu acredito em fidelidade à fonte.

Ao emprego não?

Ao emprego não, porque o empregador ele te descarta. Eu aprendi isso, a duras penas. Quando você não prestar mais...

Depois de quanto tempo?

É... Na minha demissão do estadinho. Na minha demissão do estadinho eu aprendi isso. Porque o filho do dono conversou comigo 8 horas da manhã, falou pra mim que tava tudo bem e 9 horas da manhã o RH me chamou. O RH me chamou e demitiu. E eu achei isso a demonstração mais ridícula de desonestidade e falta de hombridade dos donos do jornal. E tive a oportunidade de falar recentemente para o dono do jornal, inclusive. É isso que

diferencia as pessoas e como as pessoas vão ter um relacionamento posterior comigo. É... Não existe fidelidade ao emprego. Eu fui exonerada grávida pela chefe de gabinete do vereador que eu ajudei a eleger. Duas vezes. Então assim, não existe. Eu acredito em fidelidade à fonte, porque aonde eu vou minhas fontes estão comigo. Eu tenho fontes que me acompanham desde o inicio da carreira.

Independente do local...

Independente do local.

Quais são os valores profissionais indispensáveis no exercício da profissão?

Empatia, ética do marceneiro, empatia de novo, ética do jornalista e sigilo.

Por que empatia, ética do marceneiro, do jornalista e sigilo?

Empatia porque o jornalismo que eu escrevo eu tenho que me colocar no lugar do outro. Eu não vou conseguir escrever sobre alguém que sofreu preconceito se eu não me colocar sentido a dor daquela pessoa. Como que eu vou escrever sobre uma mãe que chora o filho que morreu dentro de uma rebelião de presidio se o meu olhar for "bem feito, foi só mais um"? Como que eu vou escrever sobre um caso de homofobia se meu olhar for de desprezo? Então eu acho que empatia é isso dai. É você não querer para você aquilo que tá acontecendo para o outro, ou dar para o outro aquilo que você quer para você. Quando alguém me liga precisando de uma matéria social, de leite ou de caixão ou de...

De caixão?

É, eu estou com um caso assim e não consegui mexer ainda porque estou emocionalmente instável...

Por conta da morte do seu pai...

É... Então alguém liga e fala assim: "mas não tem nem Dipirona no posto". Porque eu tenho como ir no posto e comprar um coletor de urina de R$ 4,00, mas tem gente que não tem. [...] A ética que eu falo do marceneiro é porque a gente aprende na faculdade, né? Da ética do marceneiro. Não importa o que você é, se você é marceneiro, jornalista, médico... A ética é intrínseca. Ela tem que estar com você. Aí eu falei empatia de novo...

Ah, não... você falou a ética do jornalista...

Não, eu falei empatia de novo. A empatia de novo, porque de novo você tem que colocar nos outros acima até da sua ética. Acima até da sua ética, porque às vezes você pode salvar uma vida. Quando eu prefiro ligar para um secretário de saúde e resolver um problema ao invés de fazer uma matéria, eu estou me colocando acima da minha ética.

Porque você poderia explorar aquele assunto...

Eu poderia explorar. Ou quando alguém me liga, o bebê nasceu de seis meses e morreu. Os pais não tinham R$ 500 para pagar uma caixa da pax. Eles me ligaram e eu falei com a prefeitura. "Ai, me manda um email". Eu falei: "você não tá entendendo. Eu não quero fazer matéria. Eu quero resolver". Quinze minutos depois o pai me ligou, estava com problema resolvido e eu não fiz a matéria, porque cliques eu posso ter; a minha ética jornalistica foi ferida, porque o certo era eu ir, fazer a matéria e eles que se resolvessem, mas naquele momento eu não queria isso. É empatia. Aí vem a ética do jornalista, que é você colocar os vários lados. Por que eu falo isso? Eu tenho as minhas preferências politicas e os meus agrados políticos. Sou uma apaixonada por um cara que muita gente odeia, que é o André Puccinelli. É ser advogada do diabo. Vender sushi é muito fácil, vender açaí é muito fácil. Vender pauta LGBT é muito fácil, pauta de saúde é muito fácil. Eu quero ver você defender político, você vender vereador, governador. Aí é foda. Aí você se fode. E eu sei fazer isso muito bem. Você tem que humanizar as pessoas. Aquela pessoa antes dela ser um político ele é um ser humano. Ele é um pai, um filho, um avô, alguma coisa, mas as ações politicas dele influenciam dentro de uma cidade, de um estado,

município, dentro de uma secretaria, dentro de alguma coisa. Então, a ética do jornalista pra mim tá aí. Eu tenho que fazer. Quando eu escrevi a prisão do André, eu escrevi a prisão do André com meu coração doendo. Eu escrevia prisão do André e depois eu liguei para a assessoria dele. "Cara, como que o André está? E remédio, não sei o que e tal..." Quando eu vi um vídeo dele dentro da prisão, aquilo me fez chorar porque eu tenho afetividade por ele, mas eu escrevi a matéria e furando todo mundo. Então assim, a ética do jornalismo etá aí. É a busca da inexistente imparcialidade. Não sou imparcial. Se eu puder escrever uma matéria boa de quem eu gosto, eu vou escrever. Mas a minha ética de jornalista diz que se eu tiver que escrever uma matéria ruim sobre a pessoa eu não tenho o que fazer, como já aconteceu.

E o sigilo?

O sigilo é o mais importante. Eu trabalho com servidores, com pessoas que ligam para falar sobre fraude em licitação, falcatrua, furto, peculato, é... Nomeações de fantasmas, é... Gente que não vai trabalhar, que vai trabalhar duas, três vezes por semana, mas não bate o ponto por que é apaniguado de alguém. Gente que paga para furar fila da cirurgia. Parou essa palhaçada por causa de uma matéria, graças a deus. Eu trabalho com gente que mora lá no bairro e que vê uma criança que sofre abuso sexual ou abuso psicológico, abuso físico, e ela não pode aparecer porque ela tem medo do vizinho matar o filho dela, porque ela tem medo daquilo. O sigilo ele é importantíssimo nisso. As pessoas têm que confiar que você vai fazer uma matéria e não vai colocar a sua fonte em risco.

Mas quando você não coloca a sua fonte em risco, às vezes você se coloca em risco como profissional...

O jornalismo me dá proteção.

De que forma?

Por isso que é muito importante eu estar no veículo para minha proteção jurídica e proteção pessoal. A proteção jurídica do veículo ela é muito importante pra mim, mas a proteção pessoal que o jornalismo me dá ela é muito pessoal. Já me perguntaram se eu tinha medo de morrer. Eu já fui arrastada pelo braço por deputado, eu já fui xingada de vagabunda, de puta, por comandante da polícia, eu já fui arrastada de dentro da governadoria pelo segurança do Governador, eu já fui vítima de fake news, eu já fui vitima de mentira, vitima de montagem... É... de agressão.

Já foi ameaçada de morte?

Já, em um caso de pedofilia.

E compensa esse esforço todo para proteger a fonte quando você fica na frente?

Compensa. [...]

Liziane, formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Sim.

Por que?

Eu vou é... Eu não acredito da formação acadêmica por si só, porque eu tive professores que estão fora do mercado faz 50 mil anos e se acham uó. E cito nomes: [...] é um completo imbecil. É um energúmeno. Não sabe nada de jornalismo e está dando aula de jornalismo, tá? Eu tive jornalismo regional com um cara que era da TV Morena, [...], que era de fora, morava em São Paulo e me deu jornalismo regional. Só que não foi essa formação acadêmica que me deu. Eu tive Doutrina Social Cristã na UCDB e Cultura Teológica na UCDB. E me ensinou muito. Eu tive História da Arte na UCDB. E me ensinou muito. Análise semiótica. Semiótica ensinou muito. Eu tive aula com uma professora [...] que muita gente abominava por ela ser publicitária, e ela me ensinou mais do que alguns jornalistas. É... O jornalismo é uma área de humanas, só que a ciência, a humanas, é uma

parte da ciência. Eu acredito que na questão de construção textual, jornalismo é 80% talento e 20% formação, por isso que temos tão péssimo jornalistas no mercado. Muitos não tem talento. Não tem mesmo. Eu não sou modesta. Eu sou humilde. Eu sou boa pra caralho no que eu faço. Eu escrevo muito bem. Às vezes eu posso tá conversando com você, tocar o telefone e ser algum furo. Eu vou sentar ali e vou escrever [...], porque isso é o negócio que está em mim. Ele está em mim. Então assim, acredito na formação acadêmica para melhorar a parte que você tem a questão de ouvir vários lados. Isso academia ensina muito bem. O jornalista, sem formação ele não tem isso, pelo menos os que eu conheço. O jornalismo opinativo ele é muito mais frequente, na minha visão, em quem não tem formação. Ele é muito mais frequente, então por isso que eu acredito na academia como um fator determinante para qualidade também. E a questão de você, na academia, você, por obrigatoriedade, ter que ler e escrever. Então isso também te modula um pouco mais.

Mas a formação acadêmica ela é determinante para a qualidade? Você acredita nisso?
Não. Talento é determinante para a qualidade. A formação acadêmica ajuda a moldar, mas eu não acredito em jornalismo, hoje, sem a formação acadêmica.
Por que?

Olha, vamos dizer que essas aulas que muita gente não dava valor e aulas de técnicas jornalísticas, de técnicas de redação, essas coisas, ajudou muito, muito mesmo, na construção textual. Nós temos hoje um Ensino Médio, um Ensino Fundamental, muito capenga. O meu já foi diferente do seu, que foi diferente do Ciro, que foi diferente do da Flavinha, que foi diferente da Jack, das outras pessoas, da Lynara, desse pessoal. É, eu fiz ensino médio em 95. Você fez ensino médio quando?
2004...
Dez anos depois. A qualidade só vem despencando. O Ensino Fundamental eu fiz lá em 90, 91, 92... A qualidade só vem despencando, então a academia, a formação acadêmica, ela acaba suprindo uma necessidade que vem vindo de épocas. Que vem se antecedendo na queda da qualidade, entendeu? Então assim... E também nós estamos em uma era em que a leitura ela é muito só a cabecinha. É muito muito vaga. Ela tem a profundidade de um pires. E a academia, querendo não, ela te obriga a ouvir aquela babaquice do [...] que você tem que ler cem livros por ano. Cem livros o cacete! Porque não adianta você ler cem livros por ano... Eu li Sartre, eu li Herman Hersi, eu li Bukowski eu tinha 14, 15, 16 anos. Hoje eu fico jogando Candy Crush. Eu quero que se foda essas coisas, entendeu? Eu acho Machado Assis um porre, apesar de ter toda beleza. Eu prefiro Manoel de Barros no Crianceiras e Vinícius de Moraes no YouTube, porque eu também acompanhei o meu tempo. Eu tenho uma filha de 11 meses. Eu tenho que acompanhar meu tempo. Mas a academia ela vai te obrigar a ser acadêmico.
E isso é bom?
Isso é determinante. Isso é bom.
Quais os principais valores que a formação acadêmica traz ao profissional sobre o entendimento da profissão?

Os principais valores, eu aprendi na academia, a não matar o coleguinha, eu aprendi que manda quem pode, obedece quem tem juízo e aprendi que grandes idiotas podem estar em grandes posições, apesar de serem grandes idiotas.

Os principais valores que a formação...
Pra mim foi isso. Não, agora de coisa boa eu aprendi a ética do marceneiro, eu aprendi dentro da faculdade. É... Você ter uma turma de jornalismo é muito bom. O espírito de

equipe é muito bom, porque uma redação é um inferno e ali dentro tá abraçado com os capetas. Então assim, você lidar com pessoas é necessário, lidar com opiniões. E a faculdade de humanas tem muita treta, muita discussão, então isso eu aprendi bastante ali, porque eu era uma pessoa muito mais impositiva do que eu sou hoje. Então aquilo foi quatro anos tentando me moldar, então esse valor de respeitar a opinião do outro, de respeitar o espaço, não tem um nome para isso. É, não tem. É respeito. Respeito às divergências, respeito a tudo, o respeito ao próximo também. Eu tive muito isso na UCDB. A UCDB ela tem uma formação católica, então eu acho que foi um diferencial pra mim. É mais humano lá, então para mim foi um diferencial. Questão de humanidade também é um valor muito forte, muito forte, na UCDB.

Informação é um direito do cidadão ou produto/mercadoria jornalística?

Os dois. Informação é direito, mas a informação ela não vai a lugar nenhum por si só. E para você produzir você gasta e para você gastar você precisa vender. Ela é um direito. Você tem direito à informação, mas você tem que buscar. E se você quer receber ela de graça, de alguma forma você vai ter que pagar, porque não existe almoço grátis. Ela é um direito seu, mas você vai ter que aprender a buscar, entendeu? Mas se você não for buscar, como muita gente recebe hoje de graça no próprio WhatsApp, tá ali a informação. [...] Essa informação ela tem que ser produzida por alguém e isso dá gasto. Como você vai fazer?

Então ela é um direito do cidadão, mas também é um produto?

É um produto e um serviço. O que que você vai fazer? Como você vai produzir? Ó aqui ó, energia, internet, tudo, tudo vai grana.

A projeção ou reputação de uma empresa ela é determinante para a escolha de um trabalho?

Hoje sim.

Por que?

Sim, sempre foi, hoje não. Sempre foi. A gente sabe que tem alguns veículos que são chamados achacadores... Nenhum deles... Não existe virgem na zona, tá? Esse puteiro não tem virgem. Se tiver virgem, ela não está de boa intenção. Veículo vive de... É... A informação é um produto e esse produto tem que ser pago, então alguém vai ter que pagar. Geralmente é governo, mídia e empresas, né? Então a reputação da empresa é do tipo assim: a gente sabe que tem algumas empresas que são mais fominhas, hoje eu tenho essa noção, e outras que são menos. Aí também a gente tem a reputação da empresa que paga certinho, a que paga mais ou menos em dia, a que atrasa e a que fode com a coisa toda. Então é, sim, um fator determinante. Se alguém vem e fala para mim assim: “Eu vou trabalhar em determinado” ... “Ah, eu recebi uma proposta para determinado lugar”, eu hoje falo: "não vai". [...] "Ah, eu tô precisando trabalhar”. "Fulana, olha eu até tenho onde tem uma vaga, mas a pessoa é louca. Você topa? Paga bem, paga em dia, mas é louca. Você vai ficar no máximo seis meses pra você se recolocar no mercado". Ou: "Ó, paga é pouco, mas é bacana o ambiente, você pode ficar um tempo para se recolocar no mercado”. Então assim, hoje eu tenho essa noção, porque a reputação não é só se é de achacadores, não é só se o patrão grita no ouvido do editor, do jornalista. Reputação é se paga direito, se registra e paga, se deposita o FGTS, porque eu já trabalhei em empresas que não depositava o FGTS; se paga as horas extras ou faz você trabalhar fora do horário e depois não quer cumprir com você. Então tudo isso pra mim engloba reputação. A gente sabe, por exemplo, que tem jornal aqui no estado que para você trabalhar só se você for foca ou se você colocar o juro do seu cartão de crédito junto com o abono de salário ali para você poder trabalhar, porque você não vai receber em dia.

E a projeção?

Ah, a projeção é tudo. Eu saí de um jornal, porque o outro iria me projetar mais. O que fez o diferencial de eu sair do Jornal de Domingo, onde o trabalho era super mais light, super relax, para ir para o Top Mídia, foi o que me ofereceram. Eles me ofereceram salário... O dono do jornal anterior queria cobrir o salário, só que além disso eles me ofereceram uma coluna, oportunidade de crescimento e campanha de outdoor.
Então é determinante para você a projeção?
Foi determinante. A projeção é determinante, porém eu não iria para a TV Morena.
Por que?
Porque lá eu iria ser só mais uma.
A reputação dela te diz isso?
Isso.

Valores pessoais

Liziane, o que é qualidade de vida para você?
É o que eu vivo hoje.
E o que você vive hoje?
Hoje, se eu quiser trabalhar no sábado ou no domingo, se eu precisar trabalhar no sábado, no domingo, eu vou trabalhar, mas se eu precisar levantar e levar minha filha para o médico ou ficar aqui trabalhando na minha casa com ela, eu vou ficar. Se eu vou precisar sair para socorrer minha irmã eu vou, se eu precisar qualquer coisa que eu vou fazer, que eu precisar, eu vou fazer.
Nem sempre foi assim?
Não.
Você já enfrentou...
Não, já teve vez de eu trabalhar plantão à noite, que era até onze horas da noite no domingo, sozinha, já teve vez... Ó, a pior fase foi Jornal O Estado, mas eu falo que foi culpa minha, porque eu entrava às 7 horas da manhã e sair a 9h30, 10 horas da noite. Eu deixei aquilo tomar conta de mim. Meu casamento quase foi pras cucuia, a minha vida acadêmica de direito quase... Foi para as cucuias, porque eu acabei perdendo a minha bolsa porque eu tive muita reprovação. E aquilo não era qualidade de vida. Eu estava muito bem profissionalmente e ganhava muito bem, mas sofria muito com a falta de estar com a família, com a falta de estar com as pessoas. Eu só tinha uma folga por semana e às vezes naquela folga estava gravando, trabalhando, fazendo as coisas. Então assim, hoje eu falo pra você que eu tenho qualidade de vida.
É possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
É. O... Não. Não. Não é todo mundo que alcança, Elvis, eu vou ser bem sincera com você. Eu me sinto uma privilegiada na história toda. Eu tenho um bom salário, eu tenho clientes que me pagam para me ter como consultora... Lógico que eu construí uma carreira. Mas assim... Eu acho que depende muito da gente não mergulhar muito profundamente nesse ambiente, porque ele é viciante. Ele é um vício e você sabe do que eu tô falando. E eu aprendi que o ócio pode ser muito produtivo.
Mas você acredita que não é possível ter qualidade de vida como jornalista?
Ah não, com o salário que tem não, a não ser que você more com o pai e com a mãe. Agora se você for pai de família, desculpa, não dá. Eu estou em um patamar que os outros não estão. Eu... Não vai sair aí meu nome não, né?
Vai.
Vai? Então não vou falar não. Mas tem mês que eu consigo tirar bem, pagar bem minhas contas, ainda pegar todo mundo da família e levar para o restaurante e gastar quinhentão.

Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?
Até o ponto que afeta a minha saúde mental.
Como assim?
Foi que aconteceu comigo. A minha case de bostice no jornalismo é o jornal Estadinho. Aquilo estava afetando a minha saúde mental. Ele [marido] está aqui e não me deixa mentir. Eu chorava todos os dias, mas eu era tão apaixonada pelo meu projeto de TV que eu não me permitia sair. Eu ganhava sete mil, mas eu não tinha saúde mental. Eu chegava e tremia.
A remuneração que você recebe é satisfatória para atender suas necessidades?
Não, porque se eu for pegar só a remuneração do lugar que eu sou registrada, não. Se eu for juntar de todos os meus clientes, sim. Agora, se eu for pegar...
E quantos clientes você atende?
Hoje eu estou com cinco, mas um é permuta. Faço muita permuta, né? Por ser uma... Hoje estar em um outro patamar, eu faço muita permuta. É... Eu não pago salão, eu não pago... Geralmente não restaurante, não pago cinema, porque eu ganho voucher, eu ganho ingresso, ganho essas coisas assim. Lazer, a maioria dos meus lazeres eu não pago. É... Eu tenho quatro... Hoje eu estou com cinco clientes fixos. Peraí, deixa eu ver... É o Top Midia... No Top eu tenho duas funções, então eu posso contar como dois, que é redes sociais e reportagem. Aí eu tenho as duas consultorias, três consultorias... São sete clientes no total, contanto com o Top Mídia.
Então contando com o seu emprego fixo e com os outros clientes que você atende, é satisfatório, mas só o emprego fixo não...
Só o emprego fixo, é acima da média. É acima da média, mas eu me acostumei com um padrão que não é muito condizente com a nossa vidinha de jornalista, não.
Como que você lida com a pressão do tempo no trabalho?
Não lido. Hoje em dia eu já não lido mais.
Mas já lidou....
Já, era é terrível, deadline é horrível. Mas assim, como eu estou no online, é uma coisa mais hard, né? Mais hard. E eu gosto. Eu vou ser bem sincera: eu trabalho melhor sob pressão, por isso que eu não ligo. Se tiver pressão, véi... Se meu editor me liga assim agora e fala: “Cara, eu preciso de um 'Na Lata' agora”, aonde eu estou, aonde eu estiver, eu escrevo ali na hora.
Pelo que eu entendo, a pressão do tempo para você não é uma pressão...
Nossa, é o tesão. O tesão da minha vida é o tempo. É o furo. É o correr. É o "eu preciso colocar isso aqui no ar, eu não vou levar furo". Ou "eu preciso entregar essa pauta ou a Prefeitura não me respondeu eu vou colocar assim, ai a Assessoria de Comunicação da Prefeitura não me respondeu". Não me interessa se eu mandei um e-mail há duas horas e a Prefeitura o tempo deles é outro. Depois eu faço outro.
Você já adoeceu por conta do seu trabalho como jornalista?
Já.
O que que aconteceu?
Foi no jornal O Estado. Eu sofri muito assédio moral e lá eu descobri a maldade. Eu demorei muito para descobrir a maldade.
Mas o que que você desenvolveu?
Eu desenvolvi crises. Não, na verdade começou lá atrás, na faculdade, né? Quando eu sofri assédio. Eu sofri um estupro no começo da carreira por parte de um dono de jornal, que já morreu, graças a Deus, bem feito. E aí... Assassinado, inclusive. E aí isso daí me acarretou muita coisa, muitos problemas: Síndrome do Pânico; eu fiquei muito tempo, assim, ano sem

trabalhar. Teve uma lacuna de um ano na minha carreira e... Isso foi com o tempo melhorando e tinha os desgastes. Mas eu sou muito intensa, né? Então assim, o adoecer na minha, pra mim, é muito de mim também, tipo, de chorar. É... Eu acho incrível que eu choro com um atropelamento e não dou conta de chorar com as corrupções, que tipo: "Aff, nossa mais um". Entendeu? Mas assim, é... Que eu adoeci mesmo foi por conta de... A pressão... O período que eu fiquei pior, pra mim, foi... Deixa eu ver... Na Câmara. Cassação do Bernal.

O que que aconteceu com você?

Ai, eu chegava na Câmara e as pernas tremiam. Minha mãe que ia me levar ou ele [o marido] ia me levar e aí assim... Eu começava a suar frio, eu tremia, eu tinha muito medo de perder a cabeça, de perder a razão e bater em alguém. Eu tive que tomar medicamento. Eu tomo medicamento até hoje. Então hoje tá relax porque a venlafaxina é é vida, né? Mas assim, na Câmara foi terrível. Na época da cassação do Bernal, pra mim, eu falo: se eu aprendi a lidar com a crise, foi ali. Ali foi tenso. A gente literalmente apanhava.

Fatores tecnológicos

Liziane, você acha que as novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?

Sim, e muito.

Por que?

Na era do online principalmente. É... Da agilidade que você tem que ter. Você... A transformação, a rapid... Agilidade que você manda uma informação para a redação, que alguém vai escrever, que você já manda as fotos, já manda o vídeo, manda tudo, é muito melhor. Inclusive pro impresso, porque assim, você está lá, alguém já vai escrevendo, já tá editando a página... Eu fecho o jornal sem sair de casa, com o editor, com o diagramador.

Home office...

Home office. Nossa, tecnologia é tudo. As minhas fontes é... Entram comigo em contato pelo WhatsApp. O tempo todo, por exemplo, assim: "Ah, onde você pegou meu telefone?". "Eu peguei no outdoor", ou "ah, eu tava num lugar, no posto de saúde e passaram pra mim, e aí a gente resolveu fazer, eu resolvi te ligar porque me falaram que você é jornalista". E, tipo, é muito, muito massa, porque "aí eu to no posto de saúde", "cara, eu não conseguir aí agora", "ah, mas você me ajuda?" ... "Não, eu te ajudo", "então eu te ajudo", "então vem aqui" e ai você lá e ai você pega e já manda para a Prefeitura a foto, já manda tudo e eles não tem o que fazer, porque aquilo ali tá ali, e você está mostrando que aquilo ali está ali, entendeu? E não tem como mais você desmentir. Então, é tudo muito rápido e a resolução também vem rápida na maioria das vezes.

Então facilita?

Ah, nossa, mudou a minha vida perto do que eu fiz lá em 2005, 2004 e do que eu faço hoje, vixe...

E você consegue utilizar bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Não, super bem. Eu, graças a deus, não tenho dificuldade com isso aí não. Isso daí faz parte da minha vida. É 24 horas.

Você já respondeu um pouco, mas de que maneira a tecnologia ela interfere no seu trabalho como jornalista? No dia a dia mesmo, de forma prática?

Interfere para o bem ou para o mal? Bom, pro mal é porque eu fico ligada o tempo todo, né? Às vezes eu até deixo minha família de lado para atender fonte, ou porque liga ou porque liga no WhatsApp, ou porque manda ou porque eles querem resposta pronta, né? E pro bem é porque a quantidade de informações e de construção de pauta, de construção de notícia, ela vem chegando para mim de uma forma muito mais rápida do que antigamente.

Então assim, é... Interfere no sentido de que ela é muito presente, muito frequente e eu tenho que saber dosar. A culpa é minha. Não é da tecnologia.
Certo. Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
Valorizada mesmo eu acho que fonte e texto. Fonte em primeiro lugar.
Por que fonte e texto?
Porque você, se você tiver um bom texto, você pode ir pra uma subeditoria e dali você auxiliar na construção textual das outras pessoas. Se você tiver boas fontes... Às vezes você pode não construir bons textos, mas ter boas fontes.
E isso ajuda muito?
Isso ajuda muito. Ter conhecimento é muito bom. Não precisa ser o cara da funerária, né? Mas...
São duas qualidades então?
É, texto e fonte.
Você consegue falar mais alguma ou são as principais?
Olha, eu acho que essas são as principais e, assim, falar mais alguma hoje seria agilidade. Seria agilidade, né? Agilidade, tipo, a nossa profissão é muito desvalorizada, né, Elvis? Por exemplo, assim, eu... É muito difícil eu pedir para alguém da redação, o editor de foto, editar uma foto e colocar para mim. Eu sou muito completa, mas eu sei que 80, 90% da redação que eu trabalho não é assim.
Neste ponto, o domínio da tecnologia seria uma das habilidades valorizadas?
O domínio da tecnologia é uma habilidade. Eu sei subir o vídeo no Youtube, eu edito os meus próprios vídeos, eu coloco a logo da empresa...
Mas é uma habilidade valorizada pelo mercado na sua opinião?
No meu caso é. Na minha opinião é. Na minha opinião é...
Então está junto com o texto, com fonte...
E o domínio da tecnologia, porque aí você é um profissional mais completo, né? Você tem texto, fonte e domínio daquilo que você está fazendo, é um profissional mais complicado. Você chega na frente... Você vai ser editor e não sabe editar o Pagemaker ou I*ndesign*?
Como que você utiliza as redes sociais no seu trabalho, no seu fazer jornalístico?
Pra tudo, para caçar pauta, para fazer relacionamento com fontes, para estabelecer novos relacionamento com fontes e para divulgar o meu trabalho jornalístico.
Quando você fala em redes sociais você está falando do que? Facebook?
Facebook, Insta, é... o Whats. Ele não é uma rede social, mas acaba se transformando por causa dos grupos, né? Então você acaba... Aquilo ali acaba sendo uma rede. É... Hoje eu até tenho um perfil no Linkedin, mas eu quase não uso. Eu uso mais para buscar informações de artigos essas coisas. Eu gosto bastante. Ali tem umas coisas mais inteligente. O Twitter já usei mais. Já usei mais o Twitter. Mas o Insta e o Face hoje, para mim, o Face é um público mais C, D e E. E o Insta é um público mais A, B.
Você já tem essa observação.
Já.
Mas você utiliza redes sociais desde a época do Orkut? Ou não?
Desde a época do Mirc.
Para o trabalho? Do Mirc?
Pro trabalho, desde o Orkut. Eu já caçava pauta lá no Mirc, ICQ essas coisas, eu já estava... Mensager. E que não era rede social ainda. A primeira foi o Orkut, né? Rede social, neste formato, foi Orkut. Mas, meo, Bate Papo da UOL...
Você buscava fonte lá?

Lá, por quê não? Eu já fiz trabalho com garotas de programa buscando no bate-papo da UOL. Ou, você quer ver uma coisa... Você quer falar com presidiário? Você quer fazer uma pauta sobre presidiário? Ouve o programa "Amor Sem Fim", cara, 'a maioria dos caras que dá número lá é tudo presida. Tá tudo na "faculdade" lá no Noroeste.

Sério?

Sério. Aí você manda mensagem e os cara vão te responder. Se você der sorte, você vai conversar com alguém que está dentro do presídio. É assim que a vida funciona.

E você já fez matéria assim?

Já. Já, você pega e busca, porque o celular funciona melhor lá dentro do que aqui fora, né? E aí assim, você sabe o que que é interessante? Por exemplo, outro dia assim veio no meu inbox, uma moça: "eu sou enfermeira tal e tá acontecendo isso, isso, no hospital tal", que é do Governo, né? Ela: "olha, mas por favor, eu sou nova aqui, eu isso, eu aquilo, eu aquilo outro"... Aí assim, tudo você tem que usar a seu favor, cara, você tem que estar ali. Até o programinha do Lucas lá, com aquela voz de locutor de motel dele, um monte de presidiário e presidiária dão o telefone ali.

Nossa... A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Ela influencia. Eu estou sentindo isso agora.

Por que?

Eu trabalho numa redação muito jovem, onde é bem fácil lidar com as novas tecnologias, com as coisas. A gente tem um publicitário dentro da redação para as redes sociais, pra ajudar, pra facilitar. Eu tenho dois estagiários que são super novinhos, então eles me trazem coisas novas. E é... Eu tenho tudo isso. Aí na minha consultoria são pessoas mais velhas que tem é... Quarenta anos de jornalismo. Que você vai falar alguma coisa, a pessoa... Aí você percebe que a pessoa não tem que aquele domínio, mas por ela ser de um cargo maior ela contrata quem tem. Mas, ao mesmo tempo você vê que ela não se interessa, então ela acaba ficando um pouco obsoleta. Aí eu já tenho um outro diferencial que é o caso, por exemplo, do Antônio João, que é um cara que desde o princípio das redes sociais ele chamou eu e uma outra pessoa e pediu que a gente ensinasse. E ele está aprendendo a usar. Cada inovação que vem, ele vem e aprende. Agora a gente vai introduzir as lives, a gente vai introduzir coisas diferenciadas, patrocínios de postagens para que ele aprenda, para que ele também possa fazer, porque quando não é o período eleitoral, ou alguma coisa, ele continua fazendo do jeitinho dele. Aí quando vem o período eleitoral ou quando ele quer alguma ação, alguma coisa...

Ele tem quantos anos?

62. 63.

Você acredita que a idade ela influência?

Ela influência muito. Ela influencia, sim. Influencia. E muitas vezes eu acho até que dificulta, porque o cara até acha bonito falar assim: "Ah, eu sou da época da prensa", né? "Eu cobri quando Rondon veio fazer a agrimensura daqui". Ai, mano, é bonito, tá, legal. Só que, velho, nós estamos na época... Eu sou da época que a Folha de São Paulo chegava aqui no outro dia, mas eu não posso viver naquela época. Não posso. Eu tô nessa época agora.

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?

Não. Não sinto, porque eu tive pai velho, mais velho, né? Minha mãe... Meu pai não era ligado nas tecnologias. Minha mãe já foi, já se ligou, já se antenou, então eu vivi as duas coisas, por isso que eu volto lá na empatia. Tem que saber... Eu não posso querer que um

Laureano Secundo, um Guilherme Filho, é... Uma Cristina Medeiros, tá? Um Antônio João, um Lucimar Couto, tenha a mesma noção que eu, inclusive de valores morais e valores de algumas coisas, para pauta, para essas coisas, que eu tenho. E também não posso querer que os meninos que estão começando agora, que estão recém-formados... Esses dias eu peguei uma menina de 22 anos e dei uma catracada nela. Fiquei observando, observando, observando, aí eu tive oportunidade e falei pra ela: "Não deixa isso te estragar. Você está com nariz empinado demais. Seja mais foca e menos tubarão". Eu ouvi isso de um cara [...] que eu detesto, mas assim... Eu ouvi isso e guardo para a minha vida. Eu também guardo as coisas boas de quem eu não gosto. E assim, as gerações elas vêm para nos ensinar, então eu não posso, tipo, desrespeitar a história de um Guilherme Filho, de um Arlindo Florentino. Eu não posso desrespeitar essas histórias de um cara, tipo... A gente tem o Ciro, a gente tem o Yafuso. Eu não posso desrespeitar essas histórias, entendeu? Eu preciso aprender com elas. E também não posso parar no tempo deles. Eu preciso aprender com os meninos que estão chegando agora, com as meninas que estão chegando agora. Eles têm outras experiencias para me ensinar, outras vibes, tipo, é... Outras pautas que você pode aprender com eles. Você tem que estar o tempo... Por isso que eu não vejo esse conflito de geração.

Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

Super, nossa, você sai da faculdade de jornalismo achando que você vai mudar o mundo. Aí você descobre que você não vai mudar o mundo com salário de R$ 1.200. Imagina, né? A ânsia, a gana... O que eu escrevia, o que eu fazia, metia as caras em 2008, e o que eu meto as caras hoje em 2010.... Nunca. O que eu metia as caras em 2006 e o que eu meto as caras hoje, mas nunca. Isso eu ouvi esses dias de um superveterano. Ele falou comigo. Falou assim: "Você era uma pessoa um tanto quanto hostil". Falei: "hostil?" Ele falou: "era, mas hoje... Não, mas não era hostil... Não, é normal na sua idade, naquela fase, você ser mais arrojado, mais hostil, mais isso..." "Ah, eu quero escrever"... Hoje não. Eu pego um processo, eu leio, vejo, para não tomar processo também, porque eu tomo muito processo, né? E tal, aí você pega, destrincha, você busca mais pautas exclusivas pra você poder se debruçar em cima dela e trabalhar aquilo com um texto mais gostoso, um texto mais prazeroso, um texto mais cheio de vida.

Isso você está falando do veterano. E o novato?

Olha, eu sou muito triste que a nova geração que está saindo 12 anos depois. Cara, a gente está pensando em fazer um curso de jornalismo político, porque não tem jornalismo político. É... Essas gurizadas saem daí de dentro achando que eles vão fazer jornalismo em redes sociais. E é muito mais que isso. Eles não têm texto, não tem profundidade. E, talvez, eles vão pegar isso, mas na minha época a gente já tinha um pouquinho mais de profundidade, até pelos temas de TCC, até pelas coisas assim, sabe? Existe muito aquela coisa de tipo, é... Hoje você não precisa falar: "Ah, vou virar apresentador de TV". É:"Ah, vou virar youtuber, né?" Já me falaram: "Por que você não faz um canal do Youtube?" Ah, saí fora! Não tenho paciência. Lógico, é uma rede que eu uso bastante, mas eu não tenho. Eu não dou conta. E acham que tem muito glamour em uma profissão que ela é muito mais social do que glamourosa. É muito mais social do que você ser glamouroso. Você não vai ficar falando... A não ser que você vai ser lá do site Ego... Não tem mais nem o Ego, né? Meu sonho era trabalhar no Ego, cara.

Sério?

Porra, você vai ganhar dinheiro para ficar escrevendo sobre Priscila Pires.

Fabíola Reipert, né?

É... E aquilo é uma praga, aquilo é uma peste, mas eu acho um máximo. Você sabe o que

eu... Eu nas minhas horas vagas eu leio. Você sabe o que que eu leio? Fofoca. Jornalismo de fofoca. Minha revista preferida era a Contigo!, que era só fofoca. Então hoje eu entro, eu vou ver se o Big Brother, eu vou ler sobre quem terminou com quem. Eu só não leio do Neymar porque eu não gosto dele, mas eu leio os resumo das novelas, eu leio a Vera Fischer depois que fez o tratamento e voltando, o Fábio Assunção que ficou muito mais velho e tal. Eu leio essas coisas. O Alexandre Borges, depois do escândalo do travesti que ele encontrou na festa ele vai... O meu lazer é jornalismo de fofoca, porque a gente não pode fazer.

Quais são os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?

Ponto positivo, eu acho que é a qualidade de apuração, porque o tempo era... Ele era menos assim, impositivo, então a qualidade de apuração do jornalista, dos outros jornalistas, a calma na apuração, ele é um ponto positivo. O romantismo. É, o romantismo do jornalismo anterior ele me encanta muito. É... Outro ponto positivo que eu vejo é o amor pelo jornalismo, o amor pela informação. O amor pela informação ele é muito necessário até para você levar informação com qualidade, então eu acho que é um ponto positivo. Ponto negativo que eu vejo é a questão das novas tecnologias, né? É mais difícil para você lidar. O fato de muitos não terem a formação acadêmica e o cansaço. Perdeu o romantismo também ao mesmo tempo em que tem aquela "Ah, no meu tempo"... E você fica sonhando com aquele tempo. Eu tenho muitos amigos que são mais velhos e que falam assim: "Nossa, eu quero que se foda". Ou isso aqui: "Cara, não, para Liziane, você ainda fica insistindo nisso". Então, essa desesperança é um ponto negativo.

Domínio da tecnologia você pontuou como ponto negativo. Por quê?

Porque muitos não tem não o, Elvis. Finge que tem, mas não tem. Na hora que você vai lidar é difícil. Hora que você vai lidar é difícil. Mas, cara, eu trabalho com um cara chamado Celso Bejarano. Celso está aprendendo a usar o Whats agora direitinho e tá no Face também. Agora ele também tá no Face. E aí você olha o Celso assim... Ele escreve cheio de pontos ali no Whats, tudo trocado. Aí você pega um texto do Celso, cara, o texto do Celso é a coisa mais linda de se ler.

Ele está com quantos anos?

O Celso tem 50. Celso nunca foi assessor de imprensa, porque para ele jornalismo é redação. E aí eu to tendo uma experiência com é... O Guilherme Filho, que é um cara que vai pra uma viagem, ele chega e só vai mandar release no outro dia. Eu já quero fazer o release ali na hora. E aí eu falei um dia... Eu fiquei observando, porque eu não tenho tanta conversa como eu tenho com o Celso. E aí eu to tendo essa experiência de ver... [...] muito mais calma, muito mais tranquila para isso.

O Guilherme está com quantos anos?

61... Acho que é 40 só e jornalismo. O Celso tem trinta e pouco de jornalismo. Celso tem também assim, né? Celso já foi editor da Folha, já foi e tal, e o Guilherme começou com 20, 21, uma coisa assim. Então assim, essas pessoas elas me ensinam muito, elas me ensinam muito, mas, ao mesmo tempo falta de agilidade delas com tecnologia às vezes me dá uma vontade assim de dar uns tapinhas pra ver se pega no tranco. Ou eu quero sentar e falar: "Não, deixa que eu faço, né? Ou "Me dá aqui e tal..." Então assim, tem isso também.

E os pontos positivos e negativos da nova geração?

Ah, é o texto. A profundidade do texto e da apuração. Você tem que ficar falando toda hora...

Isso é ponto negativo...

Ponto negativo. Ah, o texto**,** tem que ficar falando. Assim, eu não vou citar nomes, mas tem colegas de redação que eu não gosto de passar texto, de passar pauta, porque o texto não

fica da maneira como eu queria; que o texto não fica,,, Fica o texto faltando informação, porque assim... Comunicação. Não é "eu sou responsável pelo que eu falo e você é responsável pelo que você entende". “Ah, eu sou responsável pelo que eu falo e não pelo que você entende...” Não, senhor, você é responsável pelo que o seu leitor vai entender do que você está escrevendo. E essa nova geração ela tem uma dificuldade muito grande nisso daí. O egoísmo dessa nova geração em se fazer entender é um problema para o jornalismo futuro. É uma geração egoísta. “Ah, eu entendi e o leitor que se dane”. Não é assim não. Não é assim não. A gente... A qualidade da informação ela é um diferencial em tudo nisso aí. Você não pode aceitar isso. Não pode.

E os pontos positivos?

O ponto positivo, olha, vou ser bem sincera, tá bem difícil de achar com essa nova geração que tá saindo aí. Nova geração que você diz assim: Dez anos depois da minha? Essas que estão os foca, que eu tô pegando agora? Aí, cara, alegria né? A alegria deles é... Eu vou falar então a alegria deles como um ponto positivo. E o domínio das novas tecnologias é um ponto positivo. O domínio das novas tecnologias é um ponto positivo. Só que assim, a criatividade é muito baixa, a qualidade de texto é muito baixa. Professores, pelo amor de Deus, ouçam isso por Jesus Cristo, porque senão a gente vai ter uma geração de imbecis aí a... Assim, assim, levantamento essas coisas... Mas eles têm uma alegria, né? E o domínio... O que eu acho que deveria ser é aliar as novas tecnologias que a gente tem, muita informação, e transformar isso em algo entendível. Eu preciso que o leitor me entenda, que o meu telespectador me entenda, que o meu ouvinte me entenda, porque eu não acho que a rádio vai acabar, eu não acho que o jornal impresso vai acabar... Não acho. Não tenho isso. Nem que o online é o espaço sem fim também, porque senão você cansa o seu leitor, mas você tem que se fazer entender. Essa nova geração tem uma dificuldade nisso, de não se faz entender. E tem domínio das novas tecnologias como ponto positivo. Então, a nova geração tem que vir e ouvir mais a intermediária. E ouvir mais a antiga. Mano, eu não vou sentar com o Ciro e vou ficar falando. Eu quero ouvir.

E da sua geração ponto positivo e negativo?

O ponto positivo da minha geração é que a gente pegou a transição das novas tecnologias. A gente pegou a transcrição, então para nós foi muito mais fácil se adaptar. É muito mais bacana. Tinha mais impresso e aí o online estava nascendo, as máquinas fotográficas com disquete, que você guardava só seis fotos, ainda estavam nascendo. Eu no meio da faculdade já tinha uma máquina digital, já tinha uma filmadora digital naquela época. Então assim, eu peguei aquela transição da analógica pro digital, então eu acho que esse é um ponto muito positivo e também ao mesmo tempo em que você tinha obrigação de ler mais. Eu sou da época que você fazia o vestibular. Hoje, você não faz mais o vestibular. Pagou, passou, dependendo do lugar. E tem o Enem, mas assim, na maioria dos casos, numa particular. Na minha época você tinha que fazer o vestibular até para a particular. Então, você tinha que ter leitura, e tal e tal... Então, essa geração a gente teve essa transição de sorte. Porque é muito mais fácil, Elvis, quando você passa na transição, do que quando você tá lá na antiga geração e tem que se transformar em algo ou você tá lá atrás e tem que transformar aqui, entendeu? Então é muito mais fácil. Aí outra que... Agora, o ponto negativo é o mito da imparcialidade. A minha geração ainda vive esse mito da imparcialidade. Eu não acredito. É um mito. E o sonho, aquela coisa sonhadinha do jornalismo [...] romantinha.... Assim, do tipo, é bom e é ruim. É bom e é ruim, tanto... Eu falo no sentido de que muita gente da minha turma, 30% da minha turma, mudou de profissão. Não. Mais. Quarenta por cento da minha turma mudou de profissão.

E por que que você acha que isso aconteceu?
É questão salarial. Salário. A desvalorização da profissão. E a minha geração pegou a transição: precisa do diploma, não precisa de diploma. Nós pegamos a fase do Gilmar Mendes falando que o cozinheiro e o jornalista não precisavam de diploma, tanto que esses dias estavam discutindo sobre Gilmar Mendes e o ranço permanece até hoje. A vontade de dar na cara do João Plenário lá, o Gilmar Mendes parece o João Plenário, permanece até hoje. Não mudou.
Com base em tudo isso no que você me disse, você acredita que existe conflito de gerações entre os jornalistas?
Sim.
Por que?
A gente percebe isso quando a gente saí do... Quando vem um jornalista da velha guarda e você vê esse conflito mais forte, né? “Não, mas eu tenho...”;“Não, tem que ser rápido”; “Não, mas eu tenho que apurar aqui..." Então assim, é muito difícil você ver o jornalista da velha guarda no hardcore, no hardnews ali, na porrada. Muito difícil. Tipo, você pega um Celso, um Arlindo, são para aquelas matérias mais elaboradas, mais pá e pá, entendeu? É mais difícil. Isso eu estou falando é no jornalismo online. No impresso, você vê o conflito de gerações, porque a profundidade de apuração da nova geração é muito difícil perto daqueles que já estão ali há mais tempo, então você tem que moldar. Na TV e no rádio, eu acho que isso talvez exista menos. Eu não tenho experiência de TV, TV, TV. Só TV online. De produção. essas coisas. eu não tenho, mas eu acho que talvez exista mais pela questão da agilidade. O jornalista acaba dando esse conflito, né? Do que é pauta, o que não é pauta. Às vezes o jovem enxerga uma coisa que é pauta e aquela geração: “Ah, isso não é pauta”. Que nem assim, você vai pegar para uns caras, tipo os caras mais antigos assim, você vai falar... "Mas isso não é pauta. Que é isso esse tal de LGBT, uma mastectomia, alguma coisa, num cara" Ele vai falar porque na geração dele isso não existia. Isso era abominável, isso era aberração. E de repente pra gente já é pauta. Você vai falar de é... Hoje, o que que tá em alta aí... Os youtubers... Você vai fazer uma matéria sobre os youtubers e o cara vai falar assim: Mas o que que é isso? Isso é profissão? Blogueira é profissão? Você quer... Cara, ow tem blogueira que ganha 50 milhões por ano. É profissão. Cara, se dedica só àquilo. E essa nova geração tem essa visão de mundo, que não tem... Por isso que eu falo que a nossa transição foi muito boa pra gente. Acho que você deve ter percebido isso com essas pessoas mais velhas que você entrevistou.
Mas esses conflitos que você se refere são de ordem tecnológica, pessoal, profissional?
Ah, não, junta tudo, né? Porque você nunca vai separar o seu profissional do seu pessoal. Você é um ser humano, único. Você é uno. Você nunca chega lá e fala assim: "olha, agora eu sou a Liziane jornalista" ou "ai, agora eu sou a Liziane mãe", né? Eu sou mãe o tempo todo, sou jornalista o tempo todo. Você não consegue separar isso. A sua criação ela vem daquilo ali. Aí, você vai falar para mim que um cara que tem 40, 50 anos de jornalismo ou um cara que é ali criado dentro do mundo machista, com a evolução tecnológica ele vai mudar e o discurso dele vai mudar. As pessoas não mudam. Elas podem até acompanhar a transformação tecnológica, mas o interior, o que é intrínseco delas, a questão de valores morais, de costumes e também de valores sociais, eles não mudam. E eles influenciam diretamente o trabalho do jornalista, por isso que eu falo que é o mito da imparcialidade. Você pode até ter... E não vou falar que na nova geração não tem machista, não vou falar... porque a gente tem os bolsominions aí para mostrar e esses bolsominions eles vindo de dentro das faculdades de jornalismo, de publicidade, de tudo, tá? Mas eu falo para você: eles têm total domínio das mídias, por exemplo, das tecnologias, das novas tecnologias,

mas não sabem desenvolver uma produção textual. Ou pegam valores é... Muito vagos, não tem experiência de vida pra tocar uma pauta. Como que você vai tocar uma pauta se você não tem experiência de vida? Como que você vai meter o pé no malandro na favela se você nunca foi em uma? Então, assim, é muito difícil também para eles. Você não vai separar: "Eu sou jornalista e eu sou um ser pessoal aqui, eu sou mãe aqui, sua mulher aqui". Imagina! Você é o tempo todo um ser humano. E aquele ser humano ele influencia muito. Até a gente conversou no começo, tipo, ou eu sou criativo ou eu sou produtivo. Tem dias que eu vou conseguir ser criativo e produtivo, mas tem dias, que eu não vou conseguir ser criativo o tempo todo, porque eu sou um ser humano.
E você já vivenciou esses conflitos na prática?
Já, há uma semana. Meu chefe chegou no velório do meu pai e eu falei assim: "Chefe, ai", falei pro Vinícius, "ai..." O Pé na estrada é um projeto meu, né? Que a gente está desenvolvendo. “Ai, eu vi o vídeo do Reinaldo e vídeo do André, as produções são diferentes, a gente precisa escrever sobre isso”. Ele falou assim para mim: "Cara, seu pai acabou de morrer, eu quero que você pare". Então assim, esses conflitos eu vivo muito na... O de me desligar, o de...
Mas isso porque o Vinícius tem a sua faixa etária?
Ele é mais novo que eu. Ele tem 30 anos. Ele é mais novo do que eu.
Você acha que isso aconteceria com jornalista mais velho? Essa compreensão?
Sim. Ele tem alma velha, né? Ele é diferente, porque ele tem alma velha, ele fala, eu sei disso, mas isso é do caráter dele. É o caráter também. Isso não é de ser velho ou ser novo. Isso é questão caráter, tá? Questão de entendimento, porque eu teria... Talvez outro chefe não teria o mesmo entendimento de me falar assim: “Você passou 14 dias com o seu pai na UTI, morre e não morre, mais os dias anteriores que ele tava doente e mais tudo isso que você já viveu”. Tá, aí, de repente, a minha filha fica doente. Ele não vai entender que a minha produtividade não vai ser a mesma, mas ao mesmo tempo eu vou tá tentando produzir, entendeu? Mas ele sabe que quando eu tiver bem eu vou... E eu produzo mesmo mal, só que é um conflito, porque foi uma das poucas vezes que eu me permiti. Nem na minha maternidade eu me permiti me desligar. Quando meu pai morreu, eu passei quatro dias sem trabalhar. Quatro dias sem trabalhar mesmo. Porque quando ela nasceu eu escrevi e atendi e produz pauta dentro da maternidade, no ponto. Acordei da anestesia, no outro dia eu tava... Escrevi um artigo, mandei pra eles e eles colocaram no ar. Comecei a produzir pauta dentro da maternidade, sete dias depois eu tava sentada escrevendo, com ponto. Foi... Se alguém me perguntar se eu me arrependo de algo no jornalismo, é disso. É o meu único arrependimento. É... Eu nunca me arrependi de nada no jornalismo, nem de quando eu denunciei pedofilia e me ameaçaram de morte, nem quando eu matei o Dr. Wilson [Barbosa Martins] e ele tava vivo ainda e eu quase fui processada pela família dele. Eu só me arrependo, de não ter resguardado o meu pós-parto. Eu não tive leite, eu tive depressão pós-parto e me afundei... E aí ali o jornalismo me fez mal. Eu fiz pelas minhas fontes, mas se eu um dia tiver um outro filho, eu quero me preparar para passar, no mínimo, quatro meses sem escrever.
Liziane, do questionário eu fechei todas as perguntas com você. Muito obrigado. Você quer fazer alguma consideração? Tem alguma coisa que você queira complementar e que considera importante?
O tema em si é são as novas tecnologias...
O que?
O seu tema.
O meu tema é o encontro de gerações de jornalistas em Campo Grande. Fatores de

conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande. Por isso eu abordei alguns valores pessoais, profissionais, fatores tecnológicos...
Uma consideração que eu gostaria de fazer para sua pesquisa é que, independente de qualquer coisa, as novas gerações precisam aprender mais de humanidade e empatia com as gerações mais antigas. Se eu pudesse dar um conselho para alguém que daqui dez anos vai pegar a sua dissertação de mestrado e ler, seria que as pessoas busquem no passado uma forma de melhorar o presente, consertar os erros e resguardar o futuro. Eu aprendo muito com as gerações mais antigas, no que diz respeito à calma, à maturidade e ao respeito. Respeito. Respeito. Respeito. Hierarquia é... Todas as questões assim... Eu acho que falta muito na nossa nova geração. E às gerações mais antigas, a respeitarem as mudanças. Sabe por que, Elvis? Eu já defendi muito o [...], por exemplo. Eu não queria que você colocasse nome, mas assim, já respeitei muito de algumas posições machistas de determinadas pessoas, inclusive de mulheres dentro da redação. E hoje eu acho que não. Hoje eu acho que as pessoas tem que respeitar. Eu acho que elas tem que mudar. A gente tem que abrir a mente. Você sabe qual foi principal episódio de machismo que eu vivi no jornalismo?

Hum?
O advogado me ligou e ela [a filha] estava chorando. Ele pegou e falou assim para mim: "Você trabalha em casa? Eu falei "sim". “Mas você não é do Top Midia?” Eu falei: "sou, mas eu trabalho home office, porque a minha bebe é novinha". E ela começou a chorar. “Ah, então daqui a pouco eu te ligo”. E aí quando ele ligou de novo ela estava chorando porque ela estava doente. Aí ele pegou e falou assim: “Ah, mas como que você atende o telefone com uma bebê chorando”. Eu falei: "Bom, eu te avisei que ela estava doente. Eu atendo home office. S você quiser que eu converse com você, para você dar o outro lado da matéria, vai ser assim, com a minha filha no meu colo". E contei para o meu chefe, né? E meu chefe falou assim “Manda ir tomar no cú". Meu chefe já é bem direto. É assim que você vai atender. Se ele não quiser, não vai ser. Então assim, essa... Eu não admito mais machismo, homofobia, gordofobia, racismo, fascismo, tudo esse “ismo” que o povo fala que é chatice, que é "mimimi" eu não aceito. O jornalismo não pode ter preconceito seja na velha, na intermediária ou na nova geração, porque jornalismo é informação. E o gay precisa de informação, a travesti precisa de informação, o negro precisa de informação, o gordo precisa de informação, o pobre, o rico, o político, o eleitor. O ser humano precisa de informação. Então eu não posso fazer o jornalismo onde as minhas posições pessoais e as minhas opiniões pessoais estejam à frente. São todas as gerações. E isso eu não vejo só em velho. Eu vejo também em novo. Então o que eu penso muito é que as gerações precisam aprender entre si mais do que usar as tecnologias. A superar os conflitos por meio da humanidade. Tem que ser humano e eu vou voltar à primeira tecla que eu falei para você: empatia, empatia e empatia. Eu me colocar no lugar do outro. Eu me colocar no lugar daquela pessoa que está passando aquilo. E eu já escorreguei, eu já errei, recentemente. TÔ tomando processo por isso aí. Não errei jornalisticamente. Errei como ser humano. Então assim: é me colocar no lugar da pessoa. O que que aquilo que ela aquela mulher, que está com filho doente no posto, precisa. Então eu acho que é isso que as gerações precisam aprender entre si, mas também isso você aprende em casa, né? Vai fazer o que? Academia não ensina isso.

Entrevistado: Vinícius Nunes

Data: 01/04/18 | **Duração:** 01:05:53

Veículo representado: Rádio **| Geração representada:** Y

Perfil resumido

Nome completo: Vinícius Nunes de Andrade Arguello
Idade: 29 anos
Data de nascimento: 25/06/1988
Local de trabalho: Rádio Blink (último emprego) – Sem vínculo atual
Função: Repórter
Formação: Rádio e TV (UCDB/2010) e Jornalismo (UCDB/2014)
Tempo de carreira no jornalismo: 5 anos

Perfil completo

Qual seu nome completo?
Vinícius Nunes de Andrade Arguello.
Você está com quantos anos?
29.
Qual sua data de nascimento?
25/06/1988.
Qual foi o seu último trabalho?
Foi na Blink, Rádio Blink 102.
Qual era sua função lá?
Jornalista?
Mas você desempenhava alguma função específica? Apresentador...
Redação, online, locução, eu fazia de tudo um pouco. Produção, roteiro e por aí vai.
Você não tinha uma função estabelecida?
Não.
Fazia da locução até postar notícias do site?
No site.
E atualizar as redes sociais também?
Atualizar as redes sociais não, mas eu precisava é... Falar pra pessoa que está responsável por isso quais as notícias que ela deveria colocar, entendeu?
Então você fazia apresentação, locução, tudo?
Tudo.
De produto jornalístico e publicitário também?
Publicitário não.
Só jornalístico.
Só.
Você formou na UCDB, né?
UCDB.
Jornalismo mesmo?
Jornalismo e fiz Rádio e TV também.
Jornalismo foi quanto a formação?
2014.

Rádio e TV?
2010.
Na UCDB mesmo?
Na UCDB.
Você tem quanto tempo de carreira?
Boa pergunta. Cinco anos como jornalista. Cinco anos.
Você começou a trabalhar em 2013?
Isso. 2013.
Quanto você fez Rádio e TV, chegou a estagiar nesse período?
Sim, estagiei, é que eu não conto estágio.
Só experiência profissional.
É.
Em quantas empresas você trabalhou e quais foram essas empresas?
Conta as de estágio?
Pode colocar.
UCDB.
Na UCDB você fazia o que?
Eu trabalhava... Estagiava no Labcom, fazia tudo relacionado à produção audiovisual.
Quanto tempo você ficou?
Dois anos.
Depois?
Portal Educação. Fiquei quase 1 ano. É... Eu mexia com conteúdo de artigos para o Portal.
Era revisor?
Não. Eu criava artigos mesmo.
Produtor de Conteúdo.
Produtor de Conteúdo. Eu cheguei a dar aula também, numa escola pública, que era um programa do governo estadual. Programa... Acho que ele se chamava Mais Educação.
Mas relacionado à comunicação?
Sim. A gente tinha que dar aula de audiovisual. Eu dava aula de vídeo. Tinha gente que dava aula de vídeo, tinha que gente que dava aula de rádio.
Isso foi quando?
Isso foi em 2011. Fiquei 06 meses na escola pública.
Depois?
Depois na Blink. Eu cheguei a estagiar na Blink.
Quanto tempo de estagiário?
1 ano como estagiário e depois fui contratado e fiquei 3 anos.
Você entrou na Blink em?
2013.
E saiu?
2017. Ano passado.
Na Blink, como estagiário, você fazia o que?
A mesma coisa que eu fazia antes de ser contratado.
Não tinha diferença?
Não. Locução no programa Horário de Pico, né? Que era um programa mais jornalístico que tinha na grade. Depois... Antes disso eu já produzia pauta pro programa e também as notícias do site. Aí o site foi crescendo, crescendo, crescendo, aí o cara... Mais um site também.
Você saiu em 2017. Em que mês?

Julho.
Por que você saiu da Blink?
Eles afirmaram que era corte de gastos devido à crise.
Ah, ta, você foi demitido então?
Fui demitido.
E dos outros empregos, você lembra os motivos das saídas?
A UCDB foi por causa dos dois anos, que dois anos é o contrato. O Portal Educação ele foi vendido pro UOL.
E eles não remanejaram?
Não remanejaram. Eles mandaram quase que todo o pessoal da comunicação embora.
Certo. E nessa escola? Era contrato?
Nessa escola tinha um contrato, mas é porque eu não aguentei mesmo. Dar aula pra criança e adolescente não é fácil. Foi estresse.
Você dava aula para qual faixa etária?
Eu dava do quinto ao nono ano, que seria dos 13 até os 17 anos.
Estresse você diz por conta da carga de trabalho ou de lidar com essas crianças e adolescentes?
Lidar. Lidar com crianças e a falta de recursos.
Tecnológicos?
Principalmente, porque a gente lidava com vídeo e eu tinha só uma camerazinha de mão, uma *handycam*, não tinha nem um computador bom pra edição de vídeo, então tinha que se virar.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
Ser jornalista é tentar responder questões humanas complexas todos os dias eu imagino. É você tentar desmembrar o lead, né? O nosso lead jornalístico todos os dias pra tentar passar informações importantes para as pessoas todos os dias. É... Eu falo que é tentar salvar o mundo de alguma forma, né? Porque se as pessoas não recebem as informações, elas vão ficar perdidas no mundo de alguma forma. Aliás, acho que totalmente perdidas, então acho que o jornalista ele desenvolve, ele tem um papel muito importante como profissional, mas às vezes ele esquece disso, porque... Por diversas coisas, né? Diversos aspectos. Mas ser jornalista é isso. É você é... Tentar todos os dias é... Levar informação pra pessoas de uma forma que possa adicionar algo a mais na vida delas.
E por que você decidiu ser jornalista?
Porque eu acho uma profissão linda, uma profissão muito bonita. A gente pode mudar o mundo de alguma forma. Não dá para transformar o mundo, mas dá para mudar o mundo em pequena escala, né? As pessoas são muito carentes, é... Você vê pessoas que precisam de ajuda e o jornalismo te ajuda a transformar isso, né? E você tem veículos de massa, como o rádio, por exemplo, em que você às vezes, é... A gente... Lá na Blink tinha muita prestação de serviço, que era a parte que eu mais gostava. Por exemplo: alguém perdeu um cachorro, um cachorro querido, e a gente anunciava na rádio e no mesmo dia era localizado. E a pessoa estava desesperada atrás. Alguma pessoa estava precisando de um emprego, estava há muito tempo precisando deste emprego e daí a gente ia atrás disso. Então assim, essa função do jornalismo é incrível, de você poder ajudar outras pessoas, ao poder ajudar a sociedade de alguma forma. É... E quando você vê que você faz parte dessa função toda, dessa engrenagem, começa a não parece que você trabalha. Não parece que é trabalho para você. É... Você trabalha com satisfação. Só que infelizmente não é assim todos os dias, né?

Você se sente realizado como jornalista?
Não.
Por que?
Porque a profissão é muito desvalorizada no mercado. O mercado te exige demais. É.. Exige uma agenda jornalística que eu não gosto, que é a questão do critério, do critério noticioso nosso, que é extremamente negativo, pesado, repetitivo e eu detesto.
Como assim? Me dá um exemplo?
Exemplo polícia, policial. Eu não gosto de jornalismo policial. É... Esse jornalismo extremamente negativo ele ajuda as pessoas a terem segurança, mas ele é repetitivo, ele não informa as pessoas pra onde nós estamos indo. Ele só repete, repete, repete, repete, repete, repete. Eu vejo uma repetição de muitos anos de... Sempre os mesmos eventos e nada está acontecendo. A gente precisa transformar o nosso país. E nós, como jornalistas, nós somos formadores de opinião. A gente precisa informar as pessoas de que elas precisam estudar mais. Elas precisam se informar mais. Não é só saber que no bairro tal está tendo aquele assalto, tá tendo chacina no Rio de Janeiro pela PM, o tempo inteiro estar pisando nessa tecla, mas e aí, para onde nós vamos com isso? E o que me decepciona como jornalista é que a gente tem que se desdobrar para fazer coisas que não são nem da nossa função, sabe? Ou às vezes é da nossa função, mas a gente vai sendo adicionado a essas coisas.
Por exemplo?
Você tem que fazer produção, você tem que editar vídeo, você tem que editar foto, você tem que filmar, você tem... Eu sou uma pessoa super... Que super topo essas coisas. Eu gosto de projetos ambiciosos. Me chamou pra alguma coisa ambiciosa eu gosto, eu vou. Mas o jornalista ele tem que se desdobrar e ser outras coisas também, sabe?
Mas, por exemplo, editar foto, editar vídeo... Isso daí não está dentro das atribuições do jornalista?
Sim, está, mas isso não é estabelecido antes. O trabalho aumentar com o passar do tempo. As responsabilidades aumentam, mas parece que nunca está bom, sabe? A gente nunca, nunca... Eu sei que nunca vão chegar pra gente, bater no nosso ombro e falar: "Olha, você está ótimo, seu trabalho está legal, seu trabalho..." A gente não recebe esse feedback, muito pelo contrário, a gente recebe às vezes mais feedback negativo do que positivo. Isso é desanimador, porque você está ali tentando mudar até o jornalismo, até a forma como a profissão é exercida, mas parece que você está duas nadadas contra a correnteza e a correnteza te joga e você precisa dar mais dez para voltar para aquele lugar, entende?
Quando você fala em querer mudar, está se referindo ao que?
Eu estou me referindo às pessoas, principalmente é... No que eu refiro à instituição. A instituição ela, geralmente, ela é... O dono da instituição ele nem tem noção do que é jornalismo, chama um jornalista pra exercer a função e ele quer que você faça as coisas porque ele tem uma visão é... Pessoal, política, e é aquilo pronto e acabou. Foi isso o que aconteceu comigo na Blink. É... Lá eles tem uma visão X e eu precisa mostrar os dois lados da visão, mas eu não podia mostrar, foi aí que eu me decepcionei ao ver que eu não podia dizer a verdade. Tinha que dizer só um lado, porque eu precisava agradar os chefes, porque eles tinham algum pé preso com alguma coisa e ponto, porque eles acreditam extremamente em alguma visão política, enfim, e isso me decepcionava muito, porque eu preciso dizer para as pessoas a verdade e não podia. É complicado.
Foi por isso que você saiu de lá? Na verdade, foi demitido por corte de gastos, né? Mas você já estava planejando sair?
Sim.
Se não fosse demitido, você iria pedir?

Sim.

Por conta desses motivos?

Por conta de todos esses motivos. Porque assim, é difícil você ter um líder entre aspas que não tem visão jornalística nenhuma, mas ele tem visão de mídia muito maior que a sua, mas ele não sabe muito bem como funciona o jornalismo, né?

De mídia? Você está querendo dizer o que?

Mídia rádio. Radialista há muito anos, mas assim, não fez um curso de graduação. Ele entrou no rádio é... Adolescente e ficou lá no rádio e... É aquela pessoa autodidata, né?

Qual a idade dele?

Cinquenta e... 51 anos.

O que o jornalismo representa na sua vida?

Hoje o jornalismo representa uma conexão com o mundo, porque hoje, como eu não estou exercendo, mas eu estou sempre buscando informação, então... Mas hoje eu sou... Eu sempre fui, né? Mas agora muito mais... Eu sou muito seletivo com relação às informações que eu quero. Como eu não gosto do jornalismo policial, por exemplo, eu excluo parte disso da minha vida, então é uma forma de como me conectar com o mundo. Se eu quero saber o que está acontecendo no Japão, na China, por exemplo, nessa briga que está tendo agora, Estados Unidos e Rússia, e outros países, eu procuro me informar. É a conexão que nós temos com o restante do mundo, porque a gente não está aqui sozinho, né? A gente precisa saber o que está acontecendo com o restante do mundo, porque isso interfere muito na nossa vida.

Mas como profissional, o que o jornalismo representa na sua vida?

O jornalismo é a ferramenta mais poderosa que nós temos para melhorar esse mundo, mas como eu disse, a gente não sabe usar essa ferramenta. A gente tem a faca e o queijo na mão, mas a gente não tem noção.

A gente que você fala, são os profissionais da imprensa?

Os profissionais.

Por que não sabem usar?

Porque é um querendo puxar o tapete do outro. É um querendo ser mais estrelinha do que o outro, né? É aquele que quer aparecer no vídeo. É aquele que quer aparecer na locução, porque quer ter mais amigos, que é porque quer ter mais seguidores. Hoje em dia é tudo número, né? Você precisa ter... Se você tiver 50 mil seguidores no Instagram, você é o cara e todo mundo feliz. As redes sociais é um exemplo disso, né? Mostra só pessoas felizes. Eu vejo muito isso no jornalismo, na imprensa, que as pessoas só mostram felicidade, sorriso e tal, mas... Não é assim.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Fidelidade ao emprego? Como assim?

Você permanecer por anos em uma empresa, ser fiel àquela empresa, almejar uma carreira lá dentro, seguir uma carreira dentro de uma mesma instituição.

Se a instituição te faz feliz e ele te propõe que você possa crescer como jornalista, como pessoa, sim. É igual um relacionamento com outra pessoa, né? Se aquela pessoa te apoia, pra você crescer como pessoa, como profissional, vale muito a pena, com certeza. Se uma empresa hoje dizer pra mim hoje: "Vinícius, eu quero você aqui e a gente vai abrir um projeto tal, tal", eu super abraço, mas se lá na frente eu começar a ver que está desmanchando, eu saio. Eu saio e vou ser é... Claro e sucinto o motivo de eu estar saindo, né? E acho erradas as pessoas que estão em um veículo de comunicação, mas tem contato com outro e fica de troquinha, sabe? De informações. Mas eu não acho errado jornalistas que se ajudam, muito pelo contrário, eu encontrei muito isso na minha jornada e sou muito

feliz por isso, de precisar de fonte, por exemplo. "Ah, eu preciso de alguém da assessoria da Santa Casa, preciso de um entrevistado assim, com esse perfil..." Eu sempre tive ajuda, mas assim... Nunca acontece de informações de outras empresas, que são.... Exclusivas de outras empresas, chegarem até os meus ouvidos. Isso eu acho extremamente antiético.
Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?
Valores profissionais. Ser extremamente ético com a informação, ser cordial com as pessoas. Você lida com vidas diferentes, com pessoas diferentes todos os dias. Você precisa ter muito respeito, é... Precisa ter sensibilidade com o próximo. Eu às vezes me preocupo com esses jornalistas que estão há tanto tempo no policial, aí olham aqueles cadáveres, olham aquelas notícias... Eles já estão anestesiados. Eu me preocupava muito de começar a ficar anestesiado com essas coisas, sabe? Quando eu cheguei na Blink, eu falei: "eu não gosto de notícia assim", que é morte, etc. E a Blink me falou: "Nós não vamos noticiar isso", então eu falei: "ótimo, aqui vai ser o meu lugar". Então assim, ser mais humano eu acho que é o fundamental de um jornalista hoje. Mais ético, ainda mais em um país onde a palavra corrupção nunca esteve tanto em voga, né?
Você falou que quando entrou na Blink eles disseram que não iriam noticiar isso. Mas isso aconteceu?
Aconteceu.
Até você sair?
Aham.
Você não precisou noticiar esse tipo de coisa?
Não, não.
Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?
Sim.
Por que?
Porque na faculdade, na universidade, a gente a tem as noções básicas. Você ainda sai da universidade extremamente cru. Se você não tem a noção básica, imagina uma pessoa que entra num jornal, num veículo, e que não passou por isso? Ela vai ter só aquela visão daquele veículo. É algo que é extremamente comum em cidades pequenas, eu imagino, e há uns anos atrás em que, né? A pessoa gostava daquilo, observava e já entrava e ela tinha o dom de escrever bem, de falar bem, e ela ficava só naquela função. Mas eu acho que é extremamente importante e eu vejo poucos jornalistas que fazem pós-graduação, fazem mestrado, fazem doutorado. Eu acho que é uma área que deveria investir mais, é... Na vida do jornalista depois da faculdade.
Você está dizendo na formação?
Na formação.
Uma formação continuada?
Exatamente, porque a universidade ela forma pessoas extremamente cruas. Eu vejo jornalistas, colegas jornalistas meus, que estão, na área, e que eles... Eu lembro quando ele estava na faculdade, que eles fizeram a faculdade assim... Sabe? De qualquer jeito? E hoje eles estão em grandes veículos de comunicação e viraram robôs na minha opinião. Está tudo robotizado aquilo. E aí ele não tem a consciência do quando ele é importante, porque milhares de pessoas veem ele todos os dias, então precisa entender tudo isso.
Como assim robô?
Robô que eu falo é aquele que vai lá, chega, a produção já passa a pauta pra ele, ele vai lá só responde o lead, grava, faz tudo já no esquema bonitinho, não sai do padrão. Eu gosto de jornalistas que saem, que saem de vez em quando da bolinha, sabe? Do padrão.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?
Pergunta complexa essa, hein? Quais os principais valores?
Os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?
Na universidade nós escutamos muitas coisas que, às vezes, é... Assustam a gente, né? A verdade. A verdade é um pouco assustadora, mas é esclarecedora. E quando você está no mercado de trabalho, você... O principal valor, que eu volto a repetir, é importante, é o quanto você é importante como profissional na sociedade, porque nós, jornalistas, nós fizemos comunicação social. Nós trabalhamos para a sociedade e às vezes a gente esquece disso. Nós não devemos esquecer disso, do quanto que isso é importante. É... Não importa se você só está tirando foto, fotojornalismo, ou se você está lá na bancada do jornal, que as pessoas imaginam que a pessoa só fica ali, né? Mas ela passa por inúmeros processos, é... Mas eu acho que é importante o profissional jornalista entender que... Sair um pouco desse automático, porque a nossa profissão, ela não... Não existe uma máquina, um algoritmo matemático que possa substituir a gente. Sempre vai precisar de alguém pra fazer o nosso trabalho.
Então os principais valores? Seria essa humanidade...
A humanidade, o reconhecimento de que a profissão jornalista é extremamente importante para a sociedade. E sempre se colocar no lugar do próximo.
Certo. Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?
É um direito. Todo mundo tem direito à informação e de qualidade. Eu vejo é... Por exemplo, revistas, né? As mais caras, das mais baratas, que existe essa diferença da informação e eu fico extremamente furioso com isso. Por que o pobre não tem o mesmo direito à informação de qualidade que o rico? Tá errado isso! É um direito a todo o cidadão, não importa, de norte a sul, de leste a oeste, a ter informação de qualidade.
A projeção ou reputação de uma empresa é determinante para escolha do trabalho?
Repete a pergunta.
A projeção ou reputação de uma empresa é determinante para escolha do trabalho?
Você diz assim, quanto que a empresa tem como reputação, como isso afeta a...
A reputação da empresa, o que falam da empresa ou a projeção que ela pode te dar, isso determina a escolha do seu trabalho? Você escolher querer trabalhar lá?
Sim.
Por que?
Porque, por exemplo, uma empresa que não tem é... Hoje a gente está num momento, e isso vai crescer cada vez mais, por exemplo, sobre sustentabilidade. As pessoas estão com o olho mais atento à empresas sustentáveis. Uma empresa que não tem essa visão sustentável, não tem essa visão ecológica, ela não tem uma visão do público muito legal. E empresas ligadas à problemas como corrupção, lavagem de dinheiro, etc., não vai ter uma reputação boa. Agora, empresas que tem, digamos, uma ficha limpa, claro que a gente vai ter interesse muito maior em trabalhar em uma empresa assim, né?
Você falou de reputação. E projeção?
Projeção que você diz...?
O alcance que ela pode te dar. Para onde ela pode te levar?
Não, eu acho que não. Isso aí é o quanto que é... Eu conheço empresas, todo mundo conhece empresas que atingem nível internacional, mas a gente sabe que a reputação dela não é tudo aquilo. Eu acho que isso... Não. A projeção não. Eu prefiro trabalhar num

jornalzinho de bairro, mas que tem uma reputação incrível, do que trabalhar numa grande emissora internacional, mas que não pensa em sustentabilidade, em trabalhos sociais, e etc.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?
Boa pergunta. Qualidade de vida, pra mim, é você ter acesso à cultura, uma cultura de qualidade, acesso à arte, à música, a entretenimento, à esporte, lazer, é... Ter saúde... É... Poder ter acesso a meios de transporte acessíveis, é... Estar envolto de pessoas educadas, pessoas que pensam mais ou menos da forma que você pensa. Pra mim, qualidade de vida é isso.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
É difícil.
Por que?
Por causa da pressão. Tudo é pra ontem. Agora com rede social, a internet, é tudo pra agora. Você tem que... Eu lembro que eu trabalhava, eu terminava de produzir o programa, aí ele foi par o ar, terminou o programa eu já queria produzir o do dia seguinte. E era uma coisa minha. Ninguém me pedia para fazer isso. É porque eu era extremamente ansioso. Eu já sou uma pessoa ansiosa por natureza, mas a profissão ter torna, às vezes, mais ansioso, porque tudo é muito imediato. Existe uma coisa de você querer... De ter que ser o primeiro e parece que isso gera uma credibilidade para o veículo. E as pessoas não param pra notar que às vezes não quer dizer, necessariamente, qualidade, né?
Você está falando do furo jornalístico?
É. O furo ou informação em primeira mão. Eu acho que isso é muito desgastante, porque às vezes você para de comer. Várias vezes eu não almoçava, várias vezes eu perdia o sono, aí você vai ter uma redução na sua qualidade de vida de uma forma bem significante. Imagina ficar sem almoçar.
Você falou que é difícil, o que sugere que não é impossível.
Não é impossível.
Mas como você ter essa qualidade de vida sendo jornalista?
Eu falo que qualquer profissão, qualquer função que você tenha na vida, você coloca metodologia que você consegue, então... Criar uma escala de horários, de funções, bem organizada, é possível que você consiga qualidade de vida. E se impor também, como pessoa dentro da empresa. Falar: "olha, no momento eu não posso, porque eu preciso fazer isso", porque as pessoas, os líderes, principalmente, eles tem que entender que nós somo somos humanos. Nós não somos robôs, nê? Não somos máquinas. A gente precisa de tempo e às vezes a gente está ali quatro horas no ar e depois fica mais cinco horas de trabalho, seis, sete, oito, nove horas trabalhando... Eles exigem mais e às vezes você leva trabalho pra casa, eles às vezes nem sabem que a gente faz isso, mas é para poder adiantar, pra que no dia seguinte você não tenha tanto trabalho, é.... Você tem que se impor, falar: "olha, eu preciso que você seja menos..." E não vai ser fraqueza sua, porque você é um ser humano como qualquer outro.
Até que ponto o salário é determinante para sua permanência em uma empresa?
Se dá para cobrir as despesas está bom. Eu penso assim. O retorno financeiro, o dinheiro, é só um... É um... Como eu diria? É algo que vai vir com o tempo. Quem pensa que... Quem quer ficar rico como jornalista, esquece disso, muda de profissão. Mas dá pra você ter uma grana legal, né? Mas se dá para cobrir suas despesas, as minhas, por exemplo, eu penso assim: tá ótimo. Se eu estou descontente, pede um aumento ou então muda de profissão.

Você não precisa ficar preso a uma empresa só. Eu penso assim. A se dar valor. Acho importante.
Mas dá para conseguir um dinheiro legal como? De que forma?
Se planejando. Eu acho assim, que as pessoas hoje elas querem é... Ostentar muito. Eu vejo pessoas que ganham R$ 500,00, mas gastam R$ 1 mil. Por que? Elas vivem de aparência. Não há necessidade disso. Pra que isso? Dá pra você ganhar R$ 500,00, mas gastar R$ 200,00 e viver tranquilamente, numa boa. É... Saindo com seus amigos, fazendo coisas mais acessíveis. Eu penso assim. E se você está descontente, se acha que está saindo mais dinheiro do que entrando, é porque alguma coisa no seu planejamento não está certo.
A remuneração que você recebia, quando trabalhava, era satisfatória para atender suas necessidades?
Não. Até um certo momento era, mas depois de um tempo a gente começa a criar responsabilidades e tudo vai aumentando, né? A gente está vivendo em um país que está tudo muito caro e o seu salário não acompanha a inflação. Então chegou um momento que não dava. Ele cobria só as despesas, mas não dava sobra, digamos assim.
Só as despesas básicas, essenciais...
Isso.
Mas o que você fez para poder...?
Cortava gastos o tempo inteiro e eu me segurei muito para não pedir aumento.
Por que?
Porque eu tinha receio de que aumentaria mais a minha carga de trabalho. Se aumentasse mais a minha carga de trabalho, eu iria entrar em parafuso, entendeu?
Verdade? Você não chegou a pedir aumento então?
Não. Então eu cortava gastos o máximo que eu podia.
Então você entrou com um salário e saiu com o mesmo?
Não.
Teve um aumento de correção?
Desses três eu tive aumento de R$ 100,00 no meu salário.
Mas aí eu volto naquela questão que você falou, sobre se planejar, porque você disse que é possível ter essa qualidade de vida. Você tinha qualidade de vida.
Sobre se planejar... É possível. Tinha, tinha, mas é... Um pouco mais seria melhor. Aí depois, hoje saindo do mercado de trabalho eu vejo que eu ganhava muito abaixo. Eu podia ter ganhando mais. Dentro do que eu fazia, eu deveria ter dado mais valor ao que fazia.
E se impor?
Sim, chegar no meu superior e falar: "olha, eu faço isso, isso, isso e ganho isso. Eu tô achando que não... Que estou tendo o meu trabalho desvalorizado aqui.
Como você lidava com a pressão do tempo no trabalho?
Eu adiantava tudo muito cedo, então eu não virava escravo do tempo. Eu tentava fazer com que o tempo fosse controlado por mim. Eu adiantava tudo muito bem, sabe? O que dava para adiantar. E aquilo que não dava eu, tranquilamente, dava um jeito, para não tentar me desesperar, porque se você se desespera, desanda. É... E estar sempre atendo com as coisas, porque senão alguma informação passa e você não viu. Então eu tentava ao máximo fazer isso, só que às vezes passa, porque você... A gente como jornalista, a gente trabalha como um polvo, né? Tem que ter tentáculos e são só dois olhos pra ver, então às vezes passa alguma coisa diante da gente.
Você levava serviço para a casa?
Levava bastante, até que chegou uma hora que eu falei: "quer saber? Não vou mais levar. Vou fazer isso lá mesmo". E conseguia fazer lá mesmo.

Levar para casa era uma forma de lidar com essa pressão do tempo?
Sim, porque aí quando eu chegava lá, ficava mais tranquilo. Aí depois de um momento eu parei de levar pra casa.
Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
Sim.
O que aconteceu com você?
Entrei em depressão.
Sério?
Sério. Por conta dessa questão da valorização. Era o tempo todo: "Você, Vinícius, tem que fazer isso, isso, isso, isso, vai, vai". E eu lá, a cem por hora. Eu colocava o pé no acelerador. Eu dava o máximo, dava o máximo, dava o sangue. Ninguém via, ninguém falava nada, ninguém me apoiava. Eu era sozinho ali. Chegou um momento que eu entrei em parafuso. Fiquei afastado pelo INSS.
Quando tempo?
Uns 6 meses eu acho. Eu fiquei uns 4 meses sem receber salário.
Mas mesmo afastado pelo INSS?
É porque tinha que chegar... Tinha que fazer a perícia. Depois da perícia que eu recebia, aí eu recebi os quatro meses de uma vez também, né?
E como a empresa reagiu a isso? Souberam que era por conta da depressão ou não chegaram a...?
Não chegaram a perguntar, você acredita? Não chegaram pra mim e falaram: "Olha, Vinícius, o que você está é por conta do trabalho?" Não perguntaram pra mim. Eles falaram: "Olha, Vinícius, se você precisar de alguma coisa, a gente está aqui". Só isso. Mas não me ligavam, não falavam nada. Eles simplesmente me substituíram. Colocaram alguém no meu lugar lá e tocaram.
Não chegaram nem a perguntar se era por conta das funções, se queria que mudasse alguma coisa? Não tem ouviram sobre isso?
Não, não.
E o que isso significou para você?
O chão saiu pra mim, né? Porque eu vi que a gente é trocado como uma peça de xadrez em um jogo. A sua competência parece que não serve pra nada, né? Tudo aquilo que eu tentei construir não serviu para nada. E eu jamais usava o meu nome para as coisas, por exemplo. Tem muito jornalista que é assim, que assina o nome, gosta de colocar o nome, pra tentar transformar aquilo numa marca, aí aquela questão da informação como produto publicitário, por exemplo. Eles queria muito isso, de um dia colocar um blog com meu nome, pra tentar alçar o meu nome. Eu não pensava nisso. Eu não tenho ambição disso, de... Ah, ser uma estrela, por exemplo.
Foi nessa fase que você se decepcionou com o jornalismo?
Sim, porque eu vi que nós estamos... O meio jornalístico ele é um meio muito... Só pensa no dinheiro. Quando eu estava em depressão eu já não dava mais lucro pra empresa, eu pensei assim, então... Ele precisa sair. E eu preciso substituir essa peça pra que a minha empresa volte a dar lucro. Isso me decepcionou.

Fatores tecnológicos

As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Facilitam muito.
De que forma?
É... Você quer, por exemplo, obter o diálogo de uma entrevista na íntegra, como a gente

está fazendo aqui. Eu, por exemplo, tenho a memória muito ruim, não vou conseguir escrever tudo. Eu sempre usei gravador, é... Edição de áudio eu fazia direto porque, por exemplo, aquele programa que foi ao ar, a gente trabalhava muito com informação e entrevistas e eram um conteúdo muito bom e, provavelmente, muitas pessoas não ouviam aquilo, então eu editava e disponibilizava isso na internet. Então aumentava mais o número de pessoas que adquiriam aquela informação, então a tecnologia é um aliado fortíssimo da gente. Poder usar a internet, as mídias sociais, ter um próprio site, é fantástico, maravilhoso.

Facilita?

Muito.

E você considera que utiliza bem essas novas tecnologias ou tem alguma dificuldade?

Não, nenhuma, sempre estou tentando buscar alguma coisa nova, né? É... Coisas que ainda nem tem aqui a gente tem que estar já de olho porque uma hora pode ser tendência ou não. É sempre importante.

De que maneira a tecnologia influenciava no seu trabalho como jornalista?

Tudo. Se o microfone, por exemplo, deixasse de funcionar, não ia ter programa. Se o software da rádio deixasse de funcionar, também não teria. Eu quis aprender a manipular a mesa de som, a mesa de som lá, o pulsar, que o principal ali da rádio, porque senão, se acontecesse de um dia o principal locutor passasse mal? Já aconteceu. Ele passou e eu tive que tomar conta do programa sozinho. Já aconteceu, já tive que apresentar o programa sozinho, então é importante, muito importante.

Então ela interferia diretamente no seu trabalho?

Diretamente.

Quais as habilidades profissionais do jornalista que são valorizadas hoje pelo mercado de trabalho?

Aquele jornalista que tem inúmeras habilidades eu acho que é o mais valorizado hoje. O que só sabe fazer uma coisa eu acredito que não, que não... Tem destaque, mas não muito, né? Mas aquele que escreve bem, mas que também edita o vídeo bem, edita uma fotografia bem, esses se destacam. Esse é valorizado, porque ele tem interesse em outras áreas. Ele mostra interesse. Ele está interessado em descobrir novas coisas. Isso é importante também. Durante a estada, a estadia em uma instituição, estar interessado em outras partes do jornalismo que não seja só a sua. Acho isso muito importante.

O profissional multitarefa.

O profissional multitarefa.

Isso é positivo ou negativo?

Depende. Se a pessoa não quer adquirir responsabilidade, é negativo, porque as responsabilidades vão vir e o seu salário não vai aumentar, né? E aí você vai se sobrecarregar. E é positivo porque você vai aprender coisas novas. Eu acho que conhecimento nunca é demais.

Mas você aprender coisas novas e o seu salário não acompanhar... Continua sendo positivo?

Continua, porque você vai se destacar na empresa, né? "Óh, o Elvis sabe fazer edição de vídeo e a gente está precisando de um editor. Vamos fazer um... Algum acordo com ele?" Pode ser que isso aumente o seu salário também. E você não deve pensar também só no salário. Eu acho que isso é importante. Você deve pensar que você é integrante de uma engrenagem, como eu disse antes, de uma engrenagem importante para transformar o mundo de alguma forma. É invisível. Ninguém vê isso, mas você está fazendo parte, a sua parte.

Como você utilizava as redes sociais no seu dia a dia como jornalista? No seu fazer jornalístico?
Nas redes sociais?
É.
Era só informar o que estava acontecendo no ar... "Está acontecendo isso, nós estamos no ar com tal programa", que era no meu horário, e as notícias do momento. Mas não podia bombardear muito o Facebook, por exemplo, que era a mídia que a gente mais utilizava, porque existe toda uma questão de algoritmo, né? Não são todas as notícias que vão ser vistas para todo mundo, então era tudo muito bem estratégico, né? É... E também tinha as lives, que estava começando a... A crescer. As *live streamings*, e daí a gente fazia também umas transmissões *streamings* de "ao vivo".
Você utilizava para buscar pauta também?
Também. Às vezes a gente precisava de ideias pra pauta, a gente abria uma transmissão de vídeo ao vivo para os nossos ouvintes darem sugestão de pauta. Aí eu fazia o levantamento das pautas, depois eu fazia uma outra reunião pra gente ver quais dessas sugestões dariam um bom programa.
Só usava o Facebook? Não usava WhatsApp?
WhatsApp direto, 24 horas no ar, o tempo todo, nota de voz, fotografia, e-mail também a gente usava bastante, Instagram... Instagram nem tanto. O Instagram eles postam mais. Agora era o WhatsApp e o Facebook. Eram os mais utilizados.
A idade do jornalista ela influencia facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Depende. Eu conheço gente que passou dos 50 e tem uma facilidade com tecnologia. Outros não. Depende do quanto a pessoa está disposta a aprender com a tecnologia. Existem jovens que eu acho que tem um pouco de preconceito com os mais velhos, mas eles têm que parar pra pensar que um dia a gente vai ser velho também e a gente vai ter dificuldade com as tecnologias que os nossos filhos, nossos netos, vão ter no futuro. Isso varia, né? Eu conheci... Tinha um locutor lá que ele... Ele se dava super bem com as tecnologias, talvez até melhor que eu, e é bem mais velho do que eu. Eu acho que isso não influencia.
Quantos anos ele tinha mais ou menos?
Ah, mais de 50.
Então você acha que isso é relativo?
Muito relativo. É de pessoa pra pessoa.
De interesse pessoal em aprender?
Interesse. Uhum.

Fatores de conflitos

Você sentia dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Sim, os mais velhos eles têm a... A forma de trabalhar deles é muito engessada. É aquilo que eu falei antes: é robotizada demais. Agora os mais jovens eles já gostam de sair um pouco do padrão, né? Eu sou muito fã do jornalismo gonzo. Eu acho incrível essa proposta. Eu não sei um jornalista das antigas iria gostar, porque o jornalismo gonzo ele coloca a nossa subjetividade na informação e ainda existe muito isso de que não pode colocar opinião na notícia, não sei o que, na informação, etc., né? Então é difícil trabalhar com pessoa mais velhas.
Você tinha essa dificuldade de relacionamento?
Sim e não... Não muito, porque era eu e mais outros dois jornalistas da mesma faixa etária.

Agora, com meu superior, ele não tinha noção nenhuma de jornalismo, então às vezes eu tinha que explicar pra ele, né?
Você falou que os mais velhos são mais engessados, mas lá no início você disse que tem colegas seus, provavelmente da sua geração, que estão engessados.
Aham, estão engessados, que eu observo, né? Na TV, que estão lá um robozinho.
E como você explica isso, se ele é da mesma geração?
Eu diria que é porque eles estão na zona de conforto. É fácil ficar engessado, porque você sair do padrão é difícil. Você tem que inovar, né?
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Cara, eu acredito que sim.
Por que?
Eu uma vez... Eu acredito que os mais velhos, eles devem ver o jornalismo como algo muito mais criterioso, muito mais esmiuçado, do que a gente que tem já acesso à informação de uma forma tão fácil. Tem o Google aí para dar e vender. Antigamente não tinha isso.
Quando você fala em criteriosos, está querendo dizer o que?
Estou querendo dizer que eles são... Eu imagino que os mais antigos são mais é... Minuciosos na informação, são mais detalhistas, é... Escrevem para quem gosta de ler. Eu imagino... Eu imagino que seja assim. Os mais novos já gostam mais da informação mastigada. Eu imagino que seja assim. Mais ou menos do... De que geração eles são e pra quem eles estão transmitindo. Mesmo que seja pra todo eu imagino que eles mais ou menos escrevam assim. É... Tem como você distinguir a idade de uma pessoa só olhando o texto dela, dá pra você saber, né? Então eu acho que é mais ou menos isso. Os mais novos eles usam uma linguagem muito mais informal do que os mais velhos.
Que é mais formal.
Que é mais forma. Mas eu não isso ruim. Acho isso bom. Acho que a gente tem muito o que aprender com os jornalistas antigos. Muito.
Mas como você percebe que eles enxergam o jornalismo? Os veteranos...
Ah, eu acho que eles veem como... Eu imagino que eles veem aquilo como algo da vida deles já, sabe? Acho que eles não desligam ou tentam desligar o botãozinho de ser jornalista o tempo todo. É o que eu imagino, né? Que eles devem ser muito investigativos. É o que eu imagino.
E os novatos?
Os novatos eu acredito que a maioria deles estão no automático. Usam a fórmula: o que, quando, como, onde e por que? Joga na fórmula e está pronto. Eu acho que é mais ou menos assim.
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
Os pontos positivos?
E os negativos.
Os pontos positivos são que eles escrevem melhor do que a gente, com certeza, são mais detalhistas, checam a informação de uma forma muito mais precisa. O ponto negativo eu diria que talvez eles precisem se adaptar às novas tendências do jornalismo, porque o jornalismo está se transformando o tempo todo com a internet, com outros veículos e eles precisam chegar a esses novos meios.
Me dá um exemplo de nova tendência no jornalismo?
O gonzo, por exemplo. O gonzo é uma coisa nova, que é onde a gente coloca a nossa subjetividade na notícia. Não sei se... Como que o antigo jornalista entenderia isso, né? É...

Porque ele, como jornalista, ele está lá, é... Apenas observando e reportando. No gonzo ele está na notícia e reportando ao mesmo tempo. Ele é tudo aquilo junto. Então.. E ele coloca as visões dele, os pensamentos dele, dentro da informação. Não sei como ele iria reagir a isso.

Isso é um ponto negativo que você considera?

Isso, na minha opinião, é um ponto negativo.

Consegue ver outros pontos negativos ou positivos?

Talvez um pouco cabeça dura, eu acho, pra novas mudanças, pra coisas novas. O jovem é muito mais fácil de você dar uma proposta nova, né? O jornalista antigo eu acho que ele não teria tanto essa facilidade.

Você trabalhou com jornalistas de uma geração depois da sua?

Não.

Então essa pergunta...

Mas radialista sim.

Ah, sim. Bom, quais os pontos positivos e negativos da nova geração?

Ah, da nova geração. Eles estão sempre dispostos a encarar um desafio novo, os novos. É... Por exemplo, eu quero fazer um vídeo diferente, um vídeo jornalístico, uma reportagem jornalística é... Em que eu consiga colocar... Dar uma imersão da pessoa, por exemplo, não sei, uma proposta assim, algo totalmente que ninguém nunca fez. Eu acho que o jornalista jovem ele tentaria quebrar a cabeça pra tentar solucionar isso.

Ponto positivo?

É, um ponto positivo.

E os pontos negativos?

O negativo é que o jovem ele está sempre preso a fórmulas, a se engessar. "Ah, eu vou jogar na fórmula, pronto e faço isso".

Mas você acredita que esse engessamento ele tem relação com a empresa em que ele está, a linha editorial do veículo, ou é comodidade?

Comodidade. É mais cômodo. É só jogar ali na fórmula, pronto, daí eu vou embora, vai acabar o meu expediente, pronto, já acabou.

Já fez.

Já fez.

Consegue ver mais pontos positivos ou negativos dessa nova geração?

Não. Eu acho que são esses.

E da sua geração? Pontos negativos e positivos. Quais são?

Os positivos da minha geração?

Aham.

Eu acho que a minha geração é uma geração que tenta acompanhar as informações que estão acontecendo a todo momento. É... Tenta fazer algo diferente, tenta ser diferente. E o negativo é que também ela se acomoda. Essa questão do engessamento é complicada. É algo que me incomoda, sempre me incomodou como jornalista. Eu vejo isso muito na TV, por exemplo. É muito engessado. Podia mudar. Muito padronizado. Eu me incomodo. Não sei se as outras pessoas da minha geração se incomodam.

Consegue ver outros pontos negativos ou positivos da sua geração?

Outro negativo é o ego. O ego é grande. A pessoa quer ser estrela. A pessoa que entra no jornalismo achando que vai ser artista está na profissão errada. "Ah, eu sou um rostinho bonito, eu quero ser jornalista pra aparecer na TV". Está na profissão errada. Vai fazer artes cênicas, vai fazer teatro, vai fazer moda. Você quer mostrar só o seu rosto bonito.

E isso é um ponto negativo da sua geração?

Da minha geração.
Positivo você consegue ver mais algum?
Só esse mesmo, de estar querendo acompanhar, de ser proativo, multitarefa também.
Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Eu não sei dizer isso, porque eu não tive jornalistas antigos no tempo em que eu trabalhei. Eu não sei te dizer.
Mas avaliando o mercado como um todo?
Eu acho que deve ter. Porque eu acho que os antigos têm medo que os novos tomem o lugar deles por uma questão de ego.
Você está dizendo que os antigos também têm ego alto?
Tem, com certeza, eu acho que o ego está em todas as profissões, mas a do jornalista eu acho que ela é muito forte, porque a gente lida muito com a imagem, né? O nome. E eu acho que sim, tem essa questão do ego.
Você não trabalhou com jornalistas de outras gerações na redação?
Não.
Era tudo mais ou menos da sua faixa etária?
Tudo. Aham.
Não tinha nenhum locutor mais velho?
Locutor tinha, mas ele não era jornalista. Era radialista, né?
E você tinha problemas?
Não. Era tranquilo.
E com o seu superior?
Meu superior, o grande problema dele era o seguinte: ele queria passar muito as ideologias dele. A ideologia dele era mais importante que a verdade. Isso me incomodava, é... Ele era... Ele é uma pessoa de extrema esquerda e aí é... Estava acontecendo todos, a Lava Jato, tudo aquilo, e a gente não... A gente às vezes não podia esmiuçar tanto aquilo porque ele era extrema esquerda, entendeu? Aí fica difícil.
Ele não é jornalista?
Não é jornalista.
Atua como jornalista?
Sim, indiretamente sim, porque é ele que define o que entra ou não no site, no ar, entendeu?
Então seu principal conflito, digamos assim, dentro da empresa, era com o seu superior direto?
Com o meu superior.
E esse conflito era de ordem ideológica pelo que dá a entender....
Principalmente.
Você falou que não sabe se dizer se existe conflito, porque não conviveu com profissionais de outras gerações, mas avaliando o contexto geral, disse que existe conflito porque os mais velhos podem achar que os mais novos querem o lugar deles. Isso?
Isso.
Você acredita que esses conflitos são de ordem ideológica, pessoal, profissional, tecnológica? O que motivaria esses conflitos?
Pessoal e profissional. Profissional porque eles têm medo de que tomem o lugar deles. E pessoal por questão do ego mesmo.
Mas a tecnologia não?
Não, a tecnologia sim, eu acredito que sim. Porque eu não sei como os antigos estão lidando com as novas tecnologias. Os novos já nasceram com a tecnologia, né? Eles já são

os nativos. Os antigos tiveram que se adaptar, tiveram que sair da máquina de escrever, por exemplo, pra ir pro computador, então eu não sei se eles estão adaptados às novas tecnologias. Então talvez tenha esse medo também, deles perderem o cargo deles ou não ter aptidões corretas com as novas tecnologias, porque os novos já têm.

Do questionário eu terminei todas as perguntas. Você quer fazer alguma consideração, completar alguma coisa que eu perguntei e você lembrou depois? Fazer alguma consideração sobre o tema?

Sobre o tema eu acho que... Eu queria agradecer, te dar os parabéns, porque eu acho muito importante a gente abrir a mente para o jornalista. Porque o jornalista ele precisa entender o seu lugar no mundo e talvez isso abra os olhos dos jornalistas que estão no mercado, dos que vão entrar ainda no mercado, do quanto que a nossa profissão é bonita e pode se tornar mais valorizada. Precisa de valor. Valor do profissional e valor do mercado, principalmente do mercado.

Está certo. Obrigado, Vinícius.

Entrevistado: Nyelder Rodrigues

Data: 30/03/2018 | **Duração:** 01:47:19

Veículo representado: Online **| Geração representada:** Y

Perfil resumido

Nome completo: Nyelder de Souza Rodrigues
Idade: 29
Data de nascimento: 21/12/1988
Local de trabalho: Campo Grande News (último emprego) – Sem vínculo atual
Função: Repórter
Formação: Jornalismo (UCDB/2013)
Tempo de carreira no jornalismo: 6 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Nyelder de Souza Rodrigues
Você está com quantos anos?
29.
Qual sua data de nascimento?
21/12/1988.
Local do último trabalho?
Campo Grande News.
Você era repórter lá?
Repórter.
Quando você formou?
Cara, eu não sei o negócio da formação, porque 2013 eu concluí, mas eu fui colar grau em 2017, né? Dezesseis, né?
Concluiu em 2013 então?
É. Concluí em 2013
Colou grau em 2017?
É. Dezesseis na verdade.
Você fez algum outro curso?
Eu fiz um semestre de Economia.
Aham... Economia na Federal?
UFMS.
Por que você quis fazer Economia?
Acho que era uma área que eu... Que ia complementar meu conhecimento pessoal mesmo, mas não era bem o que eu queria.
Quanto tempo você tem de carreira? Desde quando você atua como jornalista? 2013?
Doze.
Doze? 2012. Então tem... 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18... Seis anos?
É. No *hard news* é desde 2012, porque... Mas assim... Não, porque teve a parte que eu atuei, mas atuei por conta, fui blogueirinho assim. Não conta. Blogueirinho de esporte. Não conta.
Em quantas empresas você trabalhou?
Quantas empresas jornalísticas?

É
É, eu tive o período de estagiário, mas não conta, né? Então...
Claro que conta.
Se for contar de estagiário então é desde 2009
Que você está na área?
Como estagiário?
É. Mas em 2009 você estava aonde?
Canal do Boi. Eu era cinegrafista.
Ah, então não é 2012, né? É 2009. A primeira foi o Canal do Boi?
Canal do Boi. Cinegrafista, estagiário.
Aham... Cinegrafista. Depois?
Depois eu fui para a UCDB.
Assessoria.
Na assessoria. Mas era como se fosse um repórter. Não era bem... Era assessoria de comunicação. Não era nem de imprensa ali, né? Aí eu fui pra a Rural Centro. Tudo isso como estagiário. Da Rural Centro....
Da Rural Centro como estagiário também?
É, estagiário. Aí eu trabalhei na CIOPS, mas não tem nada a ver com jornalismo. [...] eu pedi exoneração.
Por que?
Pra trabalhar no jornalismo, integral, porque os dois não estava dando conta, né? Doze horas todo dia, mais fim de semana.
E você queria seguir carreira?
Queria seguir carreira.
Você ficou quanto tempo no CIOPS?
CIOPS 'eu fiquei 1 ano e meio.
Um ano e meio? E o que você fazia lá?
Eu era... Eu atendia o 190.
O CIOPS foi nesse período aqui? Entre a UCDB e a Rural Centro?
Não. O CIOPS eu trabalhei no... Quando eu saí da Rural Centro, um pouco depois o CIOPS me chamou.
A ta.
Aí eu fiquei no CIOPS e na UCDB ao mesmo tempo. Até aí eu aguentava. Quando eu fui para o Campo Grande News aí eu já não aguentei levar os dois juntos.
Então o próximo, da UCDB pra Rural Centro, foi o Campo Grande News? Primeira vez que você passou la?
Não, não, como é o negócio?
Depois da UCDB, Rural Centro, CIOPS.
Não, mas eu trabalhava em dois ao mesmo tempo. Eu trabalhei na UCDB e na Rural Centro ao mesmo tempo. Eu tinha dois estágios. Estudava de manhã e à tarde e à noite eu tinha estágio. Voltava pra UCDB à noite. Aí eu sai da Rural Centro e fui para CIOPS. Aí eu trabalhava no CIOPS à tarde e na UCDB à noite. Estágio. Era servidor público e estagiava. Aí o Campo Grande News me chamou. Aí eu saí da UCDB e fiquei na Campo Grande News. Sempre trabalhei muito no início. É por isso que eu não quero trabalhar muito agora.
Depois do Campo Grande News você foi para O Estado?
É. Aí eu fui para o Campo Grande News, aí eu sai do CIOPS, fiquei no O Estado. Oh, perdão, eu sai do CIOPS, fiquei só no Campo Grande News, aí eu sai do Campo Grande News e fui para O Estado.

Do O Estado aí você voltou para o Campo Grande News?
Do O Estado eu voltei para o Campo Grande News. Sempre à noite no Campo Grande News. No O Estado não. No O Estado eu trabalhei em várias editorias e...
No Canal do Boi você ficou quanto tempo?
Menos de um ano. Fiquei uns 8, 9 meses, e o meu pavio curto não me deixou continuar.
Vou te perguntar já sobre as saídas... E na UCDB?
A UCDB não foi a que eu mais fiquei, mas eu fiquei quase 2 anos. Fiquei 1 ano e meio, 1 ano e 7 meses, alguma coisa assim... Um ano e meio.
Rural Centro?
Rural Centro eu fiquei pouquíssimo tempo. Acho que não chegou a durar 6 meses.
Campo Grande News da primeira vez?
Um ano e meio.
Um ano e meio. O Estado?
2 anos. Redondos.
E o Campo Grande News agora?
Dois anos redondos.
Agora eu quero que você fale das funções que você desempenhou: Cinegrafista... Lá na UCDB você foi só repórter?
UCDB é. Repórter da assessoria, né?
Rural Centro?
Rural Centro eu era repórter, né? Redator, na verdade, porque eu não apurava as coisas.
Aham. Campo Grande News?
Repórter.
Repórter plantonista?
Plantonista, ou seja, faz tudo, até dirige, né?
Repórter e redator?
É. Repórter, redator, o que mais que tem? Secretário porque tem que atender o telefone. É... Como é que chama o outro lá?
Operador de telemarketing?
Não, não operador de telemarketing. Tinha que ser também zelador, porque eu que tinha que fechar tudo, manter as coisas tudo em ordem.
E no O Estado?
Ó, eu era contrarregra também, mas não conta, lá no Canal do Boi, porque era eu que arrumava. [...] eu era cinegrafista e contrarregra, mas tá, tudo bem, porque eu é que organizava o estúdio, sozinho lá. Ficava sozinho lá e eu que organizava. Aí você perguntou a saída do? Ah, não, você não perguntou sobre a saída ainda.
Não. A sua função no O Estado.
No O Estado eu era repórter. Exercia coisas a mais, mas eu era repórter.
E o Campo Grande News? Da última vez?
Repórter também, sempre repórter.
Você lembra por que você saiu desses empregos?
Uma: eu sempre fui criado a pão de ló, então isso acabou criando... Porque é uma coisa da minha geração... Então são pessoas de paciência curta, que merecem, creio que merecem um pouco mais de respeito no trabalho, até porque se alguém fosse trabalhar comigo, como já teve pessoas que trabalharam pra mim, eu tenho com respeito. E muitas vezes você percebe desrespeito com você, entendeu? Então eu sai do Canal do Boi por quê? Foi o meu primeiro emprego, vamos assim dizer, já tinha mais de 20 anos. Meu primeiro emprego de... A primeira vez que eu recebi, recebi dinheiro para fazer alguma coisa. Era um estágio,

mas foi a primeira vez que eu recebi dinheiro para fazer alguma coisa. E eu fiquei um tempo lá e tinha umas cobranças que achava incabíveis assim, sendo que eu ficava... Tinha o meu programa, que o meu programa era com a Cibely Nunes, né? E não a Cibely que fazia esses tipos de cobranças. Ela sempre... Muita gente reclamava dela, mas eu nunca tive problema nenhum com ela, muito pelo contrário, inclusive ela até me tirou no amigo oculto lá tudo. Eu não tenho nenhum problema com ela, nunca tive, não sei se você conhece a Cibely, chegou conhecer lá. Uma loira lá, bonita pra caramba, aí a Cibely ela era diretora la do programa tudo. Não tive nenhum problema com ela, mas tinha os diretores de corte essas coisas, né? E o ambiente em si era um ambiente que não era bom, entendeu? Era um ambiente que todo mundo temia o seo Cláudio... "Óh, o Nícolas tá aí... Óh, seu Cláudio taí"

Nícolas é o filho, né?

É o filho. Então era um ambiente de temor. Não era um ambiente legal. E eu saí porque o seguinte..., Mas a cereja do bolo foi que era... A Cibely gostava de andar muito no estúdio e o programa começava 12h e terminava 18h, ou seja, era a tarde toda, você não tinha descanso. E quando eu entrei la, tinham três cinegrafistas, né? Um contratado, que era o Spike, o Helton Verão, que era estagiário, e eu era o outro estagiário. Só que as pessoas foram saíndo, foi trocando, foi indo, saíndo, aí chegava uma gurizada lá dá Uniderp, os guris que uns dois dias e já ia embora. Eles viam que era bucha, eles saiam, tudo. Aí eu falei: Cara, todo mundo que entra aqui vê que é bucha, entendeu? O que eu tô fazendo aqui? Eu ia de carro. No começo eu ia de ônibus. Eu comia marmitex dentro do ônibus, porque às vezes não dava tempo de eu comer. Eu levava uma marmitona assim, igual pedreiro, então assim... Cara, aí depois eu comecei a ir de carro. Falei assim: "Ah, cara, eu vou playboyzar, não vou ficar sofrendo atoa não. Pra dizer que eu sofri pra alguém no futuro? Eu não preciso. As pessoas sofrem por que precisam, não é porque... Pra dizer que sofreu. Não vou ficar fazendo essa linha". Aí acabou que comecei a ir de carro. Eu gastava... Tenho problema de ser ansioso e nessa ansiedade, falo alto e comecei a comer muito, cara, porque tinha uma tia lá que vendia salgado. Eu comecei a comer muito, aí nessas de comer muito, comer muito, comer muito, meu salário tava indo pra pagar salgado e gasolina. Não tava compensando, entendeu? Eu estava devendo, cara. Tinha um cartão lá e eu não conseguia pagar o cartão. Falei: Cara, que absurdo isso". Tudo bem. Ganhava trezentão. Só isso. Era uma porcaria, mas era estagiário, né? Eu deveria me controlar, só que não estava trabalhando igual estagiário, porque eu fiquei sozinho no estúdio. Eu falei: "Cara, eu tô ganhando igual estagiário, só que eu estou trabalhando igual um profissional, porque não tinha nenhum cinegrafista, os que eu falei aqui, o Spike saiu, o outro saiu, não sei o que [...] aí foi saindo, saindo, saindo. Nenhum estagiário que chegava lá ficava. O ambiente não era legal e eu fiquei sozinho. E tinha o programa do Jorge Zaidan, que era o diretor lá, que ele ficava sentado o tempo todo. E tinha dois cinegrafistas. E eu fui conversar. Falei: "Gente, está ta errado isso daí, porque ele fica sentado na bancada. Ele não levanta". E fica dois cinegrafistas lá. E eu que fico tendo que arrumar o estúdio, né? Trocar bancada, coloca bancada e põe porta anão, que é o negocinho para o leiloeiro baixinho conversar com pessoa pra ficar no mesmo tamanho tudo...

Porta anão é ótimo.

É, porta anão. Aí eu tinha que coloca os negócios para aumentar o tamanho das pessoas lá no vídeo e corre pra cá e corre pra lá. Eu tinha que correr e eu tinha que cuidar das 3 câmeras. E Cibely gostava muito de andar. Direito dela. Dona do programa ainda. E nisso ela gostava de andar tudo... Só que só tinha um cinegrafista para fazer tudo, entendeu? Aí eu falei assim: "Não. Está errado". E lá dentro ficava o diretor de áudio, né? E o diretor de

imagem. Eu olhei assim... E tinha os apresentadores tudo aí eu falei: Cara, tem muito cacique pra pouco índio aqui".

Então você acabou saindo porque viu que estava ganhando pouco e estava desempenhando função de profissional e não estava compensando financeiramente?

Função de profissional, já não estava aprendendo mais nada, entendeu? Eu aprendi a fazer coisas ali que talvez eu... E nunca usei até hoje. Usei pra foto só, que é enquadramento, essas coisas, mas... Morreu. Eu não ia aprender mais nada lá. Eu estava fazendo todo dia a mesma coisa, não tinha ninguém me orientando. Só tinha alguém me dando ordem: "Faz isso, faz aquilo". Se eu fizesse errado: "Porra, você é burro? Entendeu? Burro não. Tô aqui pra aprender, né?" Já era um tratamento profissional, então eu resolvi sair.

E da UCDB?

Da UCDB eu saí. Melhor lugar que eu trabalhei na minha vida.

Por que?

Por que? O estagiário é tratado como estagiário. Eu ficava sozinho à noite. Eu trabalhava à noite, só que poucos estagiários ficavam juntos comigo, porque acabava trocando de horário ou então conseguia outro emprego e preferia ir para outro lugar, pra outro estágio, que eu achava uma puta bobagem, mas o pessoal fazia. E lá tinha aprendizado, porque o Jackson, que é meu amigo até hoje, que agora é diretor de comunicação da UCDB, mas ele era... Hoje ele é diretor de comunicação, mas na época ele era o chefe da assessoria de imprensa, né? Ele era o assessor chefe... Apesar de às vezes dar umas cutucadas na gente, mas ele entendia, não puxava, entendeu? Ele sabia lidar com essa geração. A geração lá atrás tomava pancada, beleza, essa daqui não. É a geração "mimimi", chora, não gosta de certas coisas e ele sabia lidar com isso. E era, era um ambiente muito legal. O ambiente me agradava, entendeu? Ele podia até puxar a minha orelha de algumas coisas, de uma forma mais ríspida, mas o ambiente era legal, o cara era um amigo, o cara me ensinava mesmo, e a Silvia, que era com quem eu tinha mais contato ainda do que ele como profissional... Assim, porque eu encontrava o Jackson male mal eu o encontrava, né? Porque ele trabalhava à tarde, então encontrava ele na virada de turno, né? E a Silvia ia lá na assessoria de manhã, porque eu estudava de manhã, então todo intervalo eu ia lá, por que eu conversava muito com ela, e a Silvia ela tratava muito bem a gente, nossa senhora. Todos, todos, todos.

Você acabou saindo por quê?

Porque eu era estagiário e me chamaram para o Campo Grande News [...]

E essa passagem pela Rural Centro, por que você saiu?

A Rural Centro, na verdade, eles me dispensaram.

Por qual justificativa?

Eles me dispensaram... Não foi muito claro, pra variar, o motivo da dispensa, mas o dono lá, na época, ele chegou e falou assim pra mim: "Olha, aprende uma coisa pra você na sua carreira: lealdade. Tenha lealdade".

E só isso?

Mas se sabe. Eu vou te falar o que aconteceu. Cara, não dá pra você sair 11h da UCDB, que não tem ônibus, almoçar, chegar meio dia, entrar meio dia no trabalho, no estágio e depois você sair 17h30 e ur de ônibus pra UCDB, que você tinha que entrar às 18h. Não tinha como. É só com carro, então eu fui com o carro. Falei: "Já que eu tenho carro, eu vou com carro". De ônibus era impossível. Eu ia chegar atrasado sempre. E nessa brincadeira, acabou que teve uns dias que eu não fui trabalhar na Rural Centro, porque eu tive que emprestar o carro para o meu irmão. "N" problemas lá do meu irmão, eu tive que deixar o carro com ele e eu fiquei sem o carro. E eu não fui, aliás, eu fui um dia, só que eu fui de

táxi. Não tinha Uber na época. Caríssimo. Gastei uma nota. Falei: "Não, não vou, simplesmente não vou". E eu não fui. E nessa de eu não ir, resolveram me dispensar. Concordo. Eles deveriam ter me chamado antes, talvez pra conversar, mas a conversa que eles tiveram na dispensa eu gostei, eu levei pra sempre. Foi um aprendizado. A minha dispensa foi mais aprendizado do que o trabalho.

Eles falaram que você deveria ser mais leal então?

É, eu deveria ser mais leal. E, realmente, eu devia ter avisado algumas coisas: "Óh, está acontecendo isso, tá acontecendo aquilo. Óh, vou fazer de casa. Oh, não vou fazer". Deveria ter tido, mas a ingenuidade, molecagem, fiz errado.

E no Campo Grande News, por que você saiu da primeira vez?

Primeira vez eu já não estava aguentando mais, entendeu?

Por que?

Porque você... O o pessoal tinha o dia inteiro para fazer as coisas... São "N" motivos. O pessoal tinha o dia inteiro para fazer as coisas e o pessoal simplesmente chegava no fim do dia, todo dia: "Ah, não deu tempo de fazer isso". Aí eu ia olhar o tanto de matérias que as pessoas.,. Que pessoa colocava... Tinha 3,4 releases. Falei: "Pô, seis horas por dia não deu tempo? E eu sozinho, à noite, vou ter que dar conta?" E eu dava conta.

Você acabava escrevendo matérias de outros repórteres?

É. Eu estava dando conta. Não era só escrever. Eu tinha que apurar muitas vezes. "Ah, tem que ligar pra tal pessoa que não deu, ai...", entendeu?

Então foi você quem pediu demissão?

Eu pedi demissão, aí nessa brincadeira... E também era tipo assim... A noite eu estava lá e, muitas vezes, "óh, vai ter que fazer tal coisa..." Ao invés de ajudar a me organizar, as pessoas não estavam me ajudando, muitas vezes até chefia. Me desorganizava mais ainda. Falei: "Cara, ao invés de me ajudar estão me atrapalhando". Mas na época eu era bem bobinho, né? Foca. Não era nem formado, estava começando, falei: "não posso peitar, falar que isso... Não posso fazer isso". Então o que eu tive que fazer? Falei assim: "o único jeito é eu sair daqui. Eu preciso trabalhar". Eu estava pagando um empréstimo que eu fiz ainda quando era servidor público. Então falei assim: "eu vou ter que sair daqui, mas eu preciso ser conhecido". Porque ninguém me conhecia. No meu primeiro emprego eu já fui trabalhar à noite, escondido. Meu primeiro emprego, emprego mesmo, *hard news* assim. "Eu preciso ser conhecido". E na a época minha motivação principal não foi nem essa pressão, esse trabalho excessivo... Na minha opinião era excessivo. Não precisa de tudo aquilo, porque depois eu fui ver quem tinha mais cancha, trabalhar, que ia la a noite ainda... Depois que eu saí de lá, eu fui lá à noite alguns dias [...] eu eu fui la e vi. Eu falei: Porque isso é só comigo?

Trabalhava rapidão?

Não. Ele trabalhava sem ninguém ficar enchendo o saco. Eu falei: "sabe por que isso acontece comigo? Porque eu aceito", entendeu?

E dessa vez você pediu demissão?

É, dessa vez no Campo Grande News eu pedi demissão.

E aí foi para o O Estado?

[...] Aí eu fui... Eu percebi assim: "aqui eu não estou dando mais". Eu comecei a chorar para o Gabriel Neres, que tinha trabalhado comigo. É meu amigo e já tinha saído de lá. A mulher dele era pauteira, era chefe de reportagem lá no jornal O Estado. Eles estavam precisando de alguém lá. "Nyelder, já que você está chorando pra mim todo dia aqui no Facebook, no inbox do Facebook, você quer ir para O Estado?" Eu falei assim: "É pra trabalhar de dia ou à tarde? Falou: "À tarde". Falei: "eu quero".

Por que você queria mais visibilidade?
Mais visibilidade. Mas na época não foi nem tanto pelo excesso de trabalho. Foi 60% visibilidade e 40% trabalho, porque não tinha boca para reclamar na época.
E por que você saiu do O Estado? O que aconteceu?
Seguinte: cheguei lá pra trabalhar, primeira coisa que é eles me assustaram lá. Primeira coisa que o chefe chegou e falou pra mim, foi que eu cheguei pra ser o Neymar do jornal, aí eu falei: "não, o cara tá maluco". Não foi nem a Sandra, porque a Sandra era editora chefe. Não foi ela.
O que ele quis dizer com isso?
Ele quis dizer eu eu cheguei para resolver o problema do jornal. O jornal tinha problemas, entendeu? Na apuração de texto, sei lá, e eu cheguei pra resolver os problemas. E ele era o chefe do Caderno de Cidades. E eu assustei, porque na minha cabeça eu fui lá mais pra aprender do que pra...
Você foi contratado como repórter?
Contratado como repórter [...] ele nunca pediu pra fazer mais do que eu deveria fazer mesmo, mas ele queria que fizesse hiper-reportagens. Eu falei: Cara, eu cheguei aqui pra escrever textos... Mas pra aprender a escrever textos mais elaborados, pra aprender, pra ter aquela prática né, porque no Campo Grande News você escreve texto curto. Texto curto não. Textos rápidos, né? Porque muitas vezes o texto é longo, mas você escreve rápido. Era um texto mais pensado, pauta mais pensada, eu apuro, eu escrevo, entendeu? Ninguém vai ficar me passando nada de: "Ah, eu apurei, escreve pra mim". E tudo cagada a apuração, né? Então era a minha apuração. Só que ele chegou e me assustou. Falei: "não. Cara, eu vim aqui pra... Não vim aqui pra resolver. Eu sou só mais um. Tá todo mundo na minha frente aqui". Mas beleza. Mas isso daí passou, beleza, foi indo, foi indo, aí chegou a Marta. Fiquei muito feliz quando a Marta chegou, porque eu sabia que ela ia dar uma cara diferente.
A Marta, editora que era do Campo Grande News?
Que era. Foi quem me levou para o Campo Grande News primeiro [...] eu sem ter experiencia nenhuma, mesmo assim sentei lá e fiquei sozinho lá. Beleza. Dei conta do recado. Lógico, devo ter errado também, né? Fazer o que também, né? Acontece. Ela foi pra lá e eu falei: "pô, legal, né?" Porque eu sei que ela vai dar uma cara diferente. Jornal impresso ainda tinha uma certa relevância, né? E, realmente, ela deu uma cara diferente, rasgou mais fotos, pautas diferentes, não era aquela coisa quadrada. E ela começou... Foi indo, foi indo e ela começou pedir pra eu trabalhar... Pra eu fechar página também: "olha, é bom que você vai aprendendo. A gente tem quatro páginas aqui. Eu fecho três e você fecha uma". Às vezes eu fechava duas, ela fechava duas. Às vezes eram só 3 páginas e aí ela fechava 2 eu fechava 1, entendeu? Então além de fazer o trabalho da reportagem, nesse período eu comecei a fazer menos reportagem. Eu comecei a sair menos. Eu comecei a ficar mais dentro da redação, porque eu saia, eu saia muito, eu fazia muita reportagem... Aí então nessa brincadeira ela me colocou pra fazer... Eu fazia as reportagens normalmente, ela chegou lá. Quando ela chegou, passou um tempo ela começou me colocar pra fechar página. E ela fazia o seguinte: ela ia embora, umas oito, oito e meia mais ou menos, e eu continuava la no jornal pra assinar, pra corrigir alguma coisa que tivesse errado, tudo. Não tinha problema, né? Não tinha problema. E nesse "não ter problema", eu pensava o seguinte assim: "cara, pelo bem do jornal eu tenho que fazer isso, porque eu sei que ela vai cansar daqui, porque pagava atrasado, né? Chefe atrasava mais do que... Salário de chefe atrasava mais do que o nosso, porque ganha mais, tudo, então... O dela atrasava mais, tudo, isso desorganizava. E pagava picado lá. Lá não pagava inteiro. Ela prefere receber tudo de uma vez. Lá pagava vale e depois pagava o salário. Eu falei assim: cara, então pelo menos eu

não posso deixar ela cansar, porque senão o jornal vai piorar... O caderno vai piorar de novo, igual estava.

Aí você acabava assumindo essas funções?

Eu assumi. Eu acabei fechando sem problema. Não reclamei, até porque eu parei de sair, então eu fiquei mais folgado mesmo, né? Mas [...] tipo assim, eu ficava até mais tarde, eu ficava até nove e meia, dez horas também porque.... Ela ia embora... Se o editor vai embora, o repórter fica pra fechar página, porque eu queria. As pessoas falavam pra mim assim: "mas Nyelder, por que você está fazendo isso? Não é sua responsabilidade". Eu falei: "não, cara, eu não quero que ela estresse e vaze, porque já, já ela vai receber outra proposta e vai vazar e faz parte. Então eu estava pensando... Olha, eu não faria, eu não pensaria no jornal hoje nunca, né? A esse ponto. [...] mas na época eu pensei. Por que? Aí agora eu vou explicar por que eu não pensaria a esse ponto. Porque depois que ela saiu... Não teve jeito. O Lucimar chamou, ela foi... Ela foi, me chamou pra ir junto e eu não quis ir. Quis continuar lá, até porque eu fiquei grato, entre aspas, por que minha mãe ficou doente e eles, eles anteciparam minhas férias antes de eu ter um ano de trabalho. Eles aceitaram antecipar, então falei: "bom, pelo menos essa parte aí eles foram bem colegas". Só que é o seguinte: "logo depois eu saí e... Perdão, a Marta saiu aí a Anahi Zurutuza assumiu como editora e aconteceu um negocio que assim... Que não é nem culpa da Anahi, mas eu deposito na na conta da empresa. O que eles fizeram? Eu passei a não fechar mais. Eu passei a ser um repórter como qualquer outro. Beleza. Maravilha. Vou poder sair sete horas, normal, gostei, né? Só que aí contrataram o Leandro Abreu, né? "Ah, você ficou com ciuminho". Eu não fiquei com ciuminho. Acontece que o Leandro Abreu começou a ser um subeditor, a fechar, né? Aí passou a ser ele o cara que fechava. Só que ele ganhou adicional no salário. Aí eu falei: "ué, mas porque ele ganha e eu não? E eu não ganhei nada?"

Mas foi isso que motivou então a sua saída?

[...] Não, até aí tudo bem, eu fiquei chateado: "porra, porque o cara vai ganhar mais pra fazer um negócio que eu já fazia antes e nunca ganhei nada?" E mesmo assim ele fechava quando era folga. Não é que ele ficava lá e o editor ia embora. Não, entendeu? Ele fazia menos do que eu e estava recebendo um adicional [...] a empresa tinha que intervir. Tem RH, porra, o RH deveria intervir, porque a Anahi não tinha nada a ver com isso. O Leandro muito menos, entendeu? O Humberto muito menos, porque quando eu eu fazia isso era na época da Sandra, aí saiu a Sandra, foi Humberto editor-chefe. Então eles não tinham nada a ver com isso. Era uma outra gestão, tudo. Eles tiraram "óh, você não vai fazer mais isso, tudo, tendeu?" Só que o RH deveria intervir e falar: "óh, o Nyelder deveria receber. Porque esse aqui recebe, tendeu?" Aí aconteceu de eu começar a ouvir conversa fiada [...] dois colegas, dois amigos, né? O Carlos e o Bruno começaram a falar pra mim: "Óh, o Humberto quer te mandar embora". "Ah, ele quer me mandar embora? Porra, mas eu to ralando igual um cavalo aqui. Ele quer me mandar embora ainda?" "Não, ele quer te mandar embora". Falei: "mas por quê?" "Ah, deve ser por que você conversa muito". Falei assim: "porra". "Ah, ele quer te mandar embora, quer te mandar embora". Só que eu conversava com um, conversava com outro, todo mundo falava: "Não to sabendo disso não". Mas eu acreditei nos caras. Eu resolvi sentar. Falei: "ah é? Então é o seguinte: cansei de ser o bonzinho da história. Vou sentar". E comecei a sentar. Sentei a bunda mesmo. Meu rendimento caiu muito. Errado. Não deveria ter feito isso. Deveria ter conversado com ele, com os meus superiores ali. Eu fui na fofoca. Aí eu sentei e nessa de eu sentar, acabou que teve um reboliço daqui, não sei o que, dali dali, "Óh, o cara está insatisfeito, não tá rendendo mais, não sei o que..." Humberto me colocou em política. Até conversei com a Marta um dia e falei: "Marta, o Humberto me colocou em política pra ele ter eu na mão dele

pra ele me mandar embora mesmo, pra ter justificativa pra me mandar embora". Porque política é queridinha dele. Ele não iria colocar alguém que ele não gosta. [...] aí eu fiquei um tempo em política, fiz um trabalho até razoável em política, aí veio o Carlos de novo. Carlos foi repórter comigo e ele já tinha virado editor-chefe do site. Criaram um site lá. Ele me chamou: "vem trabalhar comigo". Dois mil e quatorze. Ele tinha trabalho com uma sub lá. A sub era a Maressa, que era repórter também. Então ele virou editor-chefe e trouxe uma sub, que era a Maressa. A Maressa ela pediu pra voltar pro impresso, ganhando menos, não tinha problema, porque não aguentou ser sub. Eu achei, no início, que era frescura dela. "Ah, é frescura, pô, frescura". E o Carlos pediu pra vir o Leandro, só que não aceitaram. Não aceitaram jogar o Leandro lá no site. Ele me chamou: "vem trabalhar comigo". Eu falei assim: "eu vou, então eu vou". "Porque os caras vão te mandar embora, não sei o que, eles querem te mandar embora, vem trabalhar comigo". Eu falei: "então eu vou". Quando ele começou com essa conversa que o Humberto queria me mandar embora, ele já tinha me chamada para o site antes. Ele tinha me chamado para site. "Vem para o site, porque o Humberto vai te mandar embora", aí eu falei: "então ele que mande. Vou esperar". Aí de tanto ele insistir eu fui. "Ah, não me manda embora, então eu vou para o site". Eu acreditando ainda ali, né? E o Humberto no dia que eu falei pra ele que eu ia para o site, o que que o Humberto disse pra mim? Falou assim pra mim: "olha, você ta indo porque você quer ou porque fizeram sua cabeça? Eu estranhei. Falei: "não, tô indo porque eu quero". Na verdade, foi porque fizeram minha cabeça, né? E eu fui. Aí falei pra ele: "mas eu vou ganhar como sub? Para o Carlos depois... Isso aí já é com o Carlos. Falei: "Carlos, vou ganhar como sub?" Ele falou: "não, você vai continuar ganhando a mesma coisa de repórter. Mais pra frente eu vejo se tem aumento". "Então tá, vou ser repórter, então tá bom". Só que nessa brincadeira o chefe do site só começou ir tarde. Eu fui pra o site, tudo, e de manhã só tinha eu e mais uma estagiária. A tarde era ele e mais duas repórteres contratadas. Eu falei: "ué, alguma coisa tá errada", porque surgia bucha de manhã e era eu que tinha que resolver, entendeu? Era eu que fazia tudo de manhã. Era eu que orientava a repórter. Era eu que pautava repórter, tudo... Eu falei: "cara, tá errado, não tá certo". Aí eu cheguei e falei: "vou pedir demissão". Aí o Carlos: "não, fica aqui mais uns dois meses, que vai nascer a minha filha, tudo, não sei o que... Falei: "tá bom, vou ficar. Nasceu sua filha, deu o primeiro mês, quando você voltar eu to indo embora". Beleza. Aí deu agosto de 2015, eu pedi demissão, porque, mais uma vez, eu deixei montarem nas minhas costas e eu estava fazendo coisa que eu não deveria fazer.

E você estava desempenhando função de editor.

É. E eu vi que ia dar problema lá. Eu tinha amigos lá, gostava do ambiente do jornal, mas eu vi que ia dar problema porque estava criando panela [...] era rachada a redação. [...] percebei que ia ter problema. Falei: "vai ter problema aqui". Eu eu falei assim: "vai ter problema [...] eu tô fazendo mais do que eu devo fazer". No dia que eu me neguei, vieram me cobrar. "Ah, mas é você que tem que fazer isso". Falei: "não", entendeu? E quem me cobrou foi outra repórter [...] falei: "pô, repórter vai me cobrar? Quem tem que me cobrar é o chefe". E o chefe falava uma coisa na frente da menina, por trás da menina falava outra. Falei: "não, parei, esse joguinho aqui... Eu não tô aqui pra fazer joguinho. Eu tô aqui pra trabalhar. Eu quero trabalhar. Só ó isso. Fazer reportagem legal, tudo". E eu sou o seguinte: quando eu perco o estímulo, cara, acabou.

Vou abordar isso mais para frente. E a sua saída do Campo Grande News?

Por que eu já estava desestimulado.

Na segunda vez, né?

Na segunda vez. Já estava desestimulado.

Você entrou pra mesma função?
Fazendo a mesma coisa. Não estava concordando com muitas coisas do chefe, da chefia. Percebia que a chefia fazia algumas coisas assim: "cara, não era assim, por que está assim?" Entendeu? "Não era assim, por que está assim?" "O outro não aceitava, por que esse está aceitando? Porque esse está fazendo", entendeu? "Por que reduziu a redação e está por isso mesmo?" Entendeu? E fora lá do jornal se pregava uma coisa, lá dentro começou a pregar outra, começou a agir de outra forma, né? Pregava não, mas começou a agir de outra forma. Falei: "não tá legal".
Foi por divergência com a empresa então?
Divergência com a linha que a empresa resolveu adotar. Inclusive foi isso que me falaram quando eu fui dispensado.
Falaram o que?
O Samuel Echeverria, que é o enteado do Lucimar, me chamou e falou que estava... Ele não falou com essas palavras. Ele falou: "Estamos fazendo mudanças aqui".
E essa foi a justificativa?
É. "Estão fazendo mudança. Você já havia dito que queria sair..." Eles já tinham ciência de que eu queria sair"
E isso foi quando?
Foi em fevereiro. Em uma conversa que eu tive com eles em novembro ou dezembro, eu falei que eu ia sair, em janeiro, mas eu não saí... Eu ia sair em março, que eu ia esperar chegar mais perto das minhas férias que estava programada, pré-agendada pra abril.
Você já queria sair?
Eu ia pedir demissão em março, pra cumprir os 30 dias aí deu 12 dias antes, eles me chamaram e me mandaram embora.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
O que é ser jornalista?
Aham.
Isento, primeira coisa. Isenção não significa que eu não posso andar com A ou com B, porque ao mesmo tempo que eu faço matérias de pessoas criticando... Eu tenho um na Esporte Club, meu, ao mesmo tempo que eu tô na lista para receber dinheiro da Fundesporte e da Caixa Econômica, que patrocina o campeonato, já saí de reuniões da federação e fui almoçar com a almoço pago pelo Cesário, eu faço matérias de pessoas criticando o Cesário. Inclusive, tem uma que é uma entrevista de 10 minuto do prefeito de Costa Rica descendo o pau no Cesário, falando que vai criar liga, fazer um monte de coisas, então isenção é aquela coisa assim... Eu consigo entrar em todos os lugares sem me contaminar.
Ser jornalista, para você, então ser isento?
Ser isento e confrontador. Você confronta até sua mãe.
Basicamente isso?
Isso.
Por que você decidiu ser jornalista?
Eu decidi ser jornalista por quê? Foi por causa do esporte. Eu queria jogar bola, queria ser esportista, jogar basquete, qualquer coisa, só que tem aquela coisa... "Vai estudar, é melhor, não sei o que, blá, blá, blá", eu sempre fui gordinho... Nunca gostei, ai eu fui ver que esse negócio de ficar correndo para prepara físico um dia é legal, dois dias é legal, agora todo dia não era. Eu gostava muito de comentar, falar, sobre esportes, e sobre política também.

Eu pensei em fazer Educação Física também, para trabalhar com esporte. Eu pensei em pensei em fazer Ciências Sociais, para trabalhar com... Aí eu falei: "não", porque se eu for trabalhar, eu vou fazer uma pesquisa, vai ficar entubada a pesquisa. Eu quero ser o cara que a pessoa abre a revista e vai ver o que eu falei, que vai falar: "oh, esse cara aqui ta certo, entendeu?" Eu falei assim... Quer saber de uma coisa? As outras profissões, na época, não iam acalmar meu ego. Naquela época não tinha blog, internet não era tão forte como é hoje, que qualquer um escreve literalmente, então eu não tinha experiencia nenhuma. Queria aprender um tipo de texto diferente também, né? No máximo que eu conseguia fazer era aqueles textos de vestibular. Eu falei assim: "quer saber de uma coisa? Eu vou fazer jornalismo". Eu vou dizer pra você: eu não me arrependo de ter feito jornalismo. Eu posso querer buscar outras áreas hoje, mas eu nunca vou deixar de ser jornalista.

Você se sente realizado como jornalista?

Realizado totalmente? Tô buscando mais isso agora. Eu sei que vai ser muito difícil, porque a minha realização mesmo era trabalhar com jornalistas esportivo e eu nunca ganhei para ser jornalista esportivo. E eu tô buscando. Eu me sinto muito realizado em cobrir um jogo do Moreninhas contra o União. Adoro, gosto, gosto muito, muito melhor do que tá cobrindo uma eleição, por exemplo. Apesar de que eleição é muito legal

Mas você se sente realizado?

Totalmente não. Tô começando a buscar caminhos para me sentir realizado.

O que que o jornalismo representa na sua vida?

Hum... Primeiramente, subsistência... E... Subsistência. É a única que eu sei fazer. Além de dirigir é escrever. E o que mais? Escrever e analisar, né? As coisas. E e ser crítico, né? E o que mais que representa? Cara, representa... Se eu falar paixão... Eu não consigo viver sem o jornalismo. Não consigo viver sem o jornalismo. É... Isso não significa que eu tenha que atuar com aquele jornalismo tradicional. Jornalismo pode ser "N" coisas. Jornalismo é um campo muito vasto. Esse negócio do *hard news* tudo, não é isso. Mas o jornalismo representa um negócio... Eu não consigo... Tô tentando buscar palavra, mas não consigo encontrar, mas é uma coisas muito forte assim. É um sentimento grande que eu tenho pelo jornalismo.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Depende

Por quê?

Tem gente que pinga, pinga, pinga, pinga e é chefe, ganha bem. Tem gente que não, que ta no mesmo emprego há muito tempo e não evolui. Tem gente que cresceu dentro da empresa. Depende. Depende, porque infelizmente o trabalho em si não conta. Eu acho que isso aí é em todas as carreiras, mas é uma pena que no jornalismo também seja assim, e talvez seja até mais do que em outras carreiras. Mas o seu trabalho, se você se posicionar como pé de boi, você vai ser pé de boi sempre. Se às vezes você confrontar muito seu chefe, ele vai te mandar embora. Então, se você muito bonzinho, você que vai ser o lá de baixo, o pé de boi, então eu acho que você tem que tem um pouco de... Puxa-saco um pouco daqui, puxa-saco um pouco dali, entendeu?

Mas a fidelidade é importante para a carreira de jornalista?

Humm...

Fidelidade ao emprego...

Assim, quem pinga muito não vai pra frente. Vai ser sempre repórter de porta de delegacia. Agora, se você está satisfeito com isso, se você não quer ser uma coisa que é bem fraca aqui, que é o jornalismo investigativo, se você não quer fazer coisas mais elaboradas, quer continuar fazendo pauta rápida, é... O pinga-pinga tá ótimo. Agora se você quer crescer,

quer fazer um negócio, melhorar o teu salário, tudo... É, você também não pode ser muito fiel ao seu serviço, mas é um pouco de fidelidade, sim, um pouco de fidelidade é importante.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Foi aquilo que eu disse no início. Você tem que ser isento. Você tem que ser honesto. Primeira coisa. Tem que ser honesto, tem que ser honesto e tem que ser honesto. Honestidade é a verdade. Você tem que ser honesto. É básico. Se você não for honesto... Porque ser critico, isso foge do profissional. Então eu não vou dizer: "ah, a pessoa tem que ser critica". De preferência, mas e se a pessoa não tem nenhuma formação crítica?

Isso que eu vou te perguntar. Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Pra quem não teve base, sim. Pra quem teve uma boa base, talvez a faculdade não sirva de nada.

Quando você fala em base, você está se referindo a?

Educação. Base de educação. Se a pessoa fez um curso de... Cursou direito, tudo, e começou a trabalhar... Porque, por exemplo, antigamente acontecia muito disso: o cara formava em direito na USP, aí ele ia trabalhar no Estadão como estagiário. Cara, é melhor que um faculdade de jornalismo, porque se aprende muito no mercado, né?

Mas a formação acadêmica, na área, é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Hoje sim.

Por que hoje sim?

Porque hoje em dia é tudo... É até um erro o que eles fazem no... Você vai ver fora e tem muitos cursos tecnológicos, muito curso técnico, né? E o Brasil tá começando a entrar nessa gama, mas o curso superior aqui ele é muito... Hoje é... Tá começando a mudar um pouco, mas... Hoje quando o cara faz direito ele vai ser advogado. Não vai fazer direito para tentar ser outra coisa, entendeu? Antigamente fazia por que não tinha o que fazer. "Ah, eu tenho que fazer alguma coisa". E hoje não. Hoje é tudo muito mais direcionado, né? Então levando em considerações as formações, tudo, eu acho que hoje um cara que vai fazer direito, ele vai formar com cabeça de advogado, aí vai formar com cabeça de advogado, ele não vai fazer um bom jornalismo. Então, hoje, essa geração que esta vindo agora, a formação em jornalismo é importante.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

Escutar. Dependendo do professor que você tiver, você vai aprender a ser crítico. Nós dois, por exemplo, tivemos aula com Zanata, não sei se você teve aula com a Cláudia Zwarg.

Não.

A Cláudia Zwarg ela era muito boa, muito inteligente, muito crítica assim e o Zanata então... Confrontador que... Confrontava os coitados dos alunos, né? Confrontava tudo. A aula dele era confrontar, confrontar, confrontar, então dependendo do professor que você tiver, você também vai desenvolver uma crítica maior. Você vai aprender a ler, a ouvir os outros lados, né? Muitas vezes você não.. E o que é apurar, porque parece uma coisa tão simples, né? Mas a faculdade ela auxilia, porque nos tempos de hoje, que eu falei desse direcionamento, a pessoa sai mais direcionada, com a cabeça para aquilo e tem aquilo também, as empresas não funciona mais como antigamente, que tinha o estagiário, secretário de redação, pauteiro, o redator, não... Todo mundo é tudo. Então uma faculdade é importante, muito importante hoje, cada vez nos vai ganhar mais importância.

E os principais valores são esses que você comentou?

É, você ouvir os lados, você tentar desenvolver um espirito critico maior, com leitura e com confronto, e como os confrontos que o professor te coloca no caminho... É... Só que é importante a faculdade te dar um ambiente também de jornalismo. Você se sentir de certa forma jornalista. Você tem que ter ciência de que você não é jornalista, mas você sentir que você esta fazendo, isso ajuda a desenvolver [...] o espirito crítico e o fazer jornalístico mesmo é muito importante.

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?

Como é que é?

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria ou produto jornalístico?

Informação é um direito do cidadão e uma mercadoria. É um direito igual água. É um direito de todo mundo ter água, Águas Guarirobas vai lá, coloca ela dentro de um cano, te leva até a sua casa e te cobra por isso, porque ela coloca o cloro, trata, não sei o que. E o jornalista trata, coloca o cloro, desintoxica, porque *fake news* não nasceu hoje, jornais apócrifos distribuídos em véspera de eleição existem desde Getúlio Vargas. Não. Até antes de Getúlio, República Velha. Então sempre teve mentira espalhada pra difamar as pessoas e no período eleitoral, véspera de eleição jornais apócrifos sempre teve. A diferença agora é que a escala é maior por que o *fake news* no Facebook, nas redes sociais, tudo se espalha mais rápido, né?

Então você considera um produto e um direito do cidadão?

Não é um produto em si. A gente transforma em produto. A água acaba sendo um produto, você está tomando água sem gás. Água um direito universal. Você está pagando por essa água. Virou um produto. Mas se você quiser, você pode tomar água de graça, você pode tomar água na sua casa, você pode ir em um riachinho lá tomar água. É um direito, mas é um direito que é transformado em produto também.

A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Peraí, deixa eu só voltar lá atrás. Por exemplo, se você quiser entrar no site da transparência, você entra no site da transparência, tem lá os dados, só você tem que traduzir, decifrar os dados. O que o jornalista faz? Ela vai lá, bate o olho e fala: "Oh o tanto que gastou a Fundersporte. Oh, foi tanto para a federação de futebol". Eu faço uma matéria em cima daquilo, então eu dou uma maquiada no negócio.

Uma tratada...

É, uma tratada.

A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

A projeção?

Ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Sim.

Por que?

Porque todo mundo no jornalismo quer aparecer. Esse foi o motivo que eu saí. Apesar de estar no Campo Grande News, saí da noite e fui à tarde para um outro jornal que não tinha uma reputação igual do Campo Grande News, mas eu tinha a oportunidade de mostrar mais o meu trabalho. Então se eu tivesse essa mentalidade na época, eu sairia do O Estado e iria para o Campo Grande News trabalhar a tarde também, pra... Apesar de que eu não aceitei, mas já era outra mentalidade. Mas se eu tivesse essa mesma mentalidade de quando eu fiz a troca do News pelo O Estado, eu trocaria O Estado pelo News para atuar no mesmo horário, para aparecer mais.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?
Não passar necessidades e ter um pouco de dinheiro para alimentar um pouco o sistema capitalista nosso aí.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
Sim.
Como?
Crescendo na carreira. Tem editor que ganha R$ 8 mil aqui em Campo Grande. Citar um colega nosso, que eu não sei quanto ganhava, mas ele anda de moto tudo, ele tem o apartamento dele, tudo, e tem um Veloster. Não é mais um grande carro, mas quando ele comprou era. [...]
De que forma você acredita que um jornalista consegue crescer na carreira?
Trabalhando, com tudo isso que eu disse anteriormente na questão de... Como que eu posso dizer? Com isenção, espirito crítico, confrontando. Não precisa nem virar editor. Você pode ser um puta de um repórter, entendeu? Você pode ser um puta de um repórter. O problema é que tem aquela coisa, né? Tem a qualidade de vida também. Está muito atrelado ao estresse ao tempo [...] só que aí, aquela coisa que falo, você tem que saber fugir, né? Tem um cara que é jornalista, Severo, Claudio Severo, assessor de impressa do INSS, ele tem qualidade de vida. Assessor de impressa do INSS. Tem a rádio Esporte MS dele, que ele faz o que ele gosta. Ali é o que ele gosta mesmo, adora. Apesar que ele gosta das coisas que ele faz... Aprendeu a gostar com o tempo das coisas que ele faz no INSS. "Ah, mas é um exemplo. É uma exceção". O que a gente tem que aprender é que não há só vida ralando a bunda no asfalto, fazendo... Trabalha cinco... Agora tá trabalhando cinco, né? Antes era seis, né? Trabalha cinco e tem que fazer mais cinco de horas extra todo dia. A gente tem que aprender que tem tem coisas alem disso, né? Tem uma bucha aqui, uma bucha ali, mas, por exemplo, um colega meu, Rafael Ribeiro vem de São Paulo e fala: "Pô, lá é comum o cara trabalhar dez, doze. Aqui vocês trabalham só cinco, porra, aqui é um maravilha". O tempo, né? Você tem o resto do dia para coçar.
Até que ponto o salário é determinante para a sua permanecia em uma empresa?
Até o ponto que começa a fazer falta, né? Se eu estiver ganhando bem não vai fazer falta. Só que aí começa a gastar, porque é o seguinte: se você está ruim da cabeça, você começa a procurar outras saídas. A minha saída, da minha ansiedade, é sempre comida. Começo a gastar muito com comida. Quando eu vejo que no meu celular ta muito assim... Porque eu tenho o aplicativo da cartão de crédito., Aí eu vou olhar e está escrito assim: Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba... É porque está na hora de eu pedir demissão no Campo Grande News, por exemplo, que eu já excedi. Porque quando eu entrei la eu comia... Demorou pra eu ligar pro Rodrigo Sanduba pedindo um lanche. [...] é uma lanchonete que tem la perto, que quando eu trabalhei a primeira vez eu sempre pedia e agora eu estava pedindo de novo, aí quando eu bato o olho e vejo Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, Rodrigo Sanduba, falei: "ah, eu to comendo demais, né? Porque eu to comendo demais? Porque que quando eu saí do jornal O Estado, quando eu estava para sair do jornal O Estado, eu comecei a emagrecer, aí quando eu saí eu fiquei 5 meses fora.... Carnaval de 2016 eu estava com 102 quilos. Dois anos depois, fevereiro, né? Carnaval de 2018 agora, 124, e quando... Ou seja, assim... Eu estava com 126, emagreci pra 102, tipo assim, em meses, aí eu voltei a trabalhar no Campo Grande News, engordei a média de 10 quilos por ano. Então isso tem a ver com ansiedade e tudo isso influencia.
A remuneração que você recebia era satisfatória para atender suas necessidades?

La no Campo Grande News ou no geral?
No geral.
No geral não. No Campo Grande News, nessa última passagem, sim, de salário eu não posso reclamar.
Como que você lidava com a pressão do tempo no trabalho?
No início, quando as coisas estavam tudo frescas na minha cabeça, hiper bem. Sobrava tempo as vezes até. Terminava antes. Era outra chefia, então era outro tipo de tratamento, tudo, né? Quando houve a troca e saiu o [...] Waldemar, veio a Marta... A Marta a noite ela fica *on* ainda. Ela não para a noite e aí ela ficava passando algumas coisas: "Oh, faz isso, faz aquilo, não sei o que, não sei o que, não sei o que..." Não é ela, no caso, eu tô dizend o seguinte: isso colaborou, porque quando ela entrou, eu já estava um pouco saturado, aí ela ajudou a saturar um pouco mais.
Mas como você lidava com a pressão do tempo?
No início super bem, não tinha problema nenhum. Depois eu já comecei a ver aquela ansiedade. Tinha hora que eu parava, simplesmente parava e falava: "não, não dá".
Não dava para continuar...
É, não dava, eu parava e ficava... Ia tomar água, assistir um pouco de TV e voltava a escrever.
Certo. E você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
[...] Sim. Às vezes você tem uma fase mais deprimida [...] acho que é natural em qualquer profissão hoje em dia, porque depressão é doença do... Todo mundo tem e causa essa ansiedade, não sei o que... O ritmo... Se você ficar assistindo TV, você fica depressivo de tanta maluquice que tem, tanto é que eu nem assisto tanto e nem to lendo muita coisa. É até um pouco errado, mas eu fico vendo mais esporte, que é um negócio que me interte mais do que ficar bem informado. Agora se você você for pegar no [...] início, no início, quando eu estava no CIOPS e no Campo Grande News... O CIOPS e o Campo Grande News ao mesmo tempo. Eu entrava meio dia no CIOPS, ficava atendendo B.O atrás de B.O, eu saia 18h, tinha que ir correndo para entrar 18h15 no Campo Grande News. Era do Parque dos poderes até o Campo Grande News, ali no Jardim dos Estados. É perto, mas com a trânsito fica longe, fica demorado na verdade e... Isso foi saturando...
Mas o que você teve? O que aconteceu?
Eu peguei um mês de licença, mas eu continuei no Campo Grande News.
Por conta de?
De depressão, fiquei piradinho, estava ansioso, tudo e... Entendeu?
Mas você já teve depressão, crise de ansiedade?
Sim.
Teve mais alguma coisa?
Não, acho que só. E... Mas assim, foi um mês que eu fiquei no... Mas assim, eu deixei de ir só no CIOPS. No Campo Grande News eu continuei indo e ninguém sabia.
Mesmo doente?
Na época ninguém sabia no Campo Grande News. [...] eu queria a minha inserção no mercado, por isso que eu fiz isso. Falei assim: "bom, peguei um mês de licença aqui do serviço público, de licença médica, mas eu não vou apresentar, uma porque eu vou ter que passar pelo INSS, não é só pela junta do estado, então vai ser um processo mais demorado", e outra que eu também não queria me queimar. Novato, primeiro emprego, não sei o que. Eu queria ganhar o mercado. Então... Hoje que eu estou dentro do mercado, não toparia isso mais.

Fatores tecnológicos

As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Muito.
De que forma?
A informação chega até você. Às vezes. Na verdade, ela não chega até você. Ela é publicada antes, aí você esbarra com ela no caminho. As pessoas mandam. É muito mais fácil você conversar com fonte. Ajuda muito, mas atrapalha se você não souber lidar com ela, porque tem essa coisa... Um turbilhão de coisas chegando via rede social, não sei o que. Hoje em dia esse turbilhão, esse excesso de informação que deixa todo mundo maluco e o dono do jornal, que está lá na casa dele e boa, quer que você acompanha. Isso é geral. Os caras querem que você acompanha. E o editor tem essa cabeça também, como a maioria dos jornalistas tem, e todo mundo quer acompanhar. E não é bem assim. Eu acho que o jornalista tem que colocar um pouco o pé no freio e falar assim: "não, se a gente for acompanhar, a gente vai falir, porque a gente vai virar escravos dos cliques". E o jornalista tem que repensar um pouquinho o que está fazendo.
Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Para as minhas necessidades pessoais e até profissionais mesmo, do meu site, utilizo bem. "Ah, mas você não tem Instagram, não sei o que". Apesar de que a gente teve uma discussão esses tempos atrás, mas não faz falta o Instagram ali.
Mas você considera que utiliza bem?
Utilizo bem, poderia ser melhor, mas utilizo bem.
De que maneira a tecnologia interferia no seu trabalho como jornalista?
A tecnologia interferia da forma de me dar mais... Me dava mais subsídio pra eu ir atrás, né? Eu tinha mais formas de ir atrás da informação. Às vezes a informação pipocava pelo WhatsApp, às vezes no Facebook, às vezes... Ao invés de eu ter que ligar correndo, igual um louco, atrás do secretário de saúde ou então de um político, estava na página dele. Tudo lá, entendeu? Eu não precisava ligar para o Moka pra saber o voto dele. Tinha ele falando em um vídeo na página dele, então isso aí me facilitava muito. Facilitava muito. Mas também às vezes atrapalha, mas se você tiver calma... Quem te atrapalha, muitas vezes, é quem deveria te ajudar. A tecnologia não te atrapalha. É a forma que a pessoa usa. Se você souber usar e não tiver ninguém acima de você te atrapalhando ou até mesmo na mesma linha lateral que você, não estiver te atrapalhando... É o que o lateral você dá um chega pra lá. Quem tá acima não dá pra você dar uma chega pra lá, né? Aí, se não tiver ninguém acima de você te atrapalhando, só vai ser benéfico só.
Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
Resiliência.
Por que resiliência?
Porque você começar a externar muito o que você sente, o que está sentindo, o que não gosta, você vai... Por mais que você faça um serviço bom, e eu não falo por mim, porque é difícil você se autoavaliar. Eu me autoavalio, que eu faço bem e não sei o que, mas pode ser que eu estava fazendo mal também e por isso que me dispensaram e eu não percebi. Mas eu percebo que as pessoas resilientes, que continuam no mesmo lugar, paradas, sofrendo, de ter que fazer coisas que não deveriam fazer há 10 anos, estão lá, porque não está incomodando o lá de cima. "Óh, tá fazendo e não está me incomodando aqui em cima".
Então você considera essa a principal habilidade que o mercado valoriza hoje?
Não é bem uma habilidade, mas é muito valorizada a resiliência, inclusive você ouve nesses programas sobre mercado os especialistas em mercado falando... Porque os especialistas em

mercado eles falam que o que as empresas querem e não o que o profissional quer. Aí fala: "Tem sido muito valorizada a resiliência, resiliência, resiliência... E hoje a resiliência é muito valorizada. É lógico que o cara tem que saber apurar tudo, mas muitas vezes entra uma pessoa que tem um texto inferior, uma apuração inferior, um conhecimento inferior, tudo, porque ela é mais resiliente do que você. Ela continua e você não. Vários casos já vi disso.

E você considera a resiliência algo positivo?

Se for dentro de um limite, sim, porque muitas vezes você vai se tornar um robozinho. Você tem que ser resiliente, mas você também não pode ser... Na primeira coisa sair igual um doido, xingando, brigando, mas tem um limite. A resiliência ela tem um limite.

Qual é esse limite?

A partir do momento que você percebe que as pessoas estão fazendo de menos e você fazendo demais... Porque é muito subjetivo esse limite. Mas se você percebe que as pessoas estão fazendo de menos e você fazendo demais, não fazendo demais... "Nossa, que sensacional...," Mas assim, se todo mundo faz cinco e você faz oito, alguma coisa está errada.

Consegue pensar em outras habilidades que são valorizadas pelo mercado?

Além da resiliência?

Isso.

O silêncio ecoa, né? Não, tem, tem sim. Texto, texto, apuração. Verdade. É valorizado, só que a resiliência está em primeiro lugar.

Como você utilizava as redes sociais no seu fazer jornalístico?

No jornalismo?

Aham.

Ah, além de... Eu me lembro que no meu TCC, 2011, foi sobre mídia social e, agora não me lembro a autora, que dizia que as redes sociais ainda eram urbes virtuais, ou seja, cidades... Eram urbes. E você tinha que ser um ser integrante dessas urbes, então eu procuro um ser integrante. Eu não sou tão participativo, de debates tudo, porque tudo descamba pra confusão. Anteriormente, na época do Orkut, na época de fóruns, até que dava pra você participar, agora hoje não dá, porque tudo descamba para as coisas, então... Assim, eu acompanho, divulgo, entendeu? Mesma coisa que você está distribuindo um jornal na rua. Divulgo as matérias. É um meio de divulgação e até para acompanhar.... Um termômetro mesmo do seu trabalho e de como está o ambiente em qual você trabalha. Por exemplo, eu trabalho na política, mídia social é um termômetro pra você ver se as pessoas estão mais inflamadas, então como você deve puxar um gancho. Ajuda. É um termômetro legal. Eu uso como termômetro e como divulgação. Infelizmente não dá pra puxar muito o debate, porque são poucas as pessoas que tem cabeça para debater.

A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

A idade?

Isso.

As pessoas mais velhas estão propensas a não acompanhar, mas há pessoas que acompanham. E há pessoas mais novas que o computador desliga e ela fala: "ai, desligou o meu computador, o que eu faço? Ai, tá apitando". Aí saí correndo e chama o menino da técnica, aí se você for lá embaixo olhar é um cabo que está solto. Não é nem o computador que desligou. É o monitor. As meninas vivem fazendo isso: "ai, desligou tudo aqui, meu deus do céu". Desespera antes de ver o que aconteceu. Então, assim, a tecnologia, da forma que você vê... Da forma que a gente olha hoje as pessoas na redação, lidando com tecnologia, que é só ligar e desligar o computador, o pessoal mais antigo sabe lidar bem

com isso sim. Acho que não tem ninguém...
A tecnologia na redação se resume a ligar e desligar o computador?
Para o jornalista, o repórter em um jornal... Nas experiências que eu tive, em jornal impresso e jornal online, se resume, porque tem sempre o menino, que é o cara que faz as artes, e aí precisa tratar uma foto: "Ah, o menino trata, o menino põe, o menino edita", entendeu? São poucas pessoas que sabem editar, sabem subir um vídeo, entendeu? Esses anos lá no Campo Grande News eles fizeram um curso lá, pra todo mundo aprender, eu fui, eu aprendi, fiz, eu colocava. Subia todos os vídeos à noite. Aí um dia eu cheguei pra trabalhar domingo à tarde, fui ver e não tinham subido o vídeo. Eu mandei um vídeo e não tinham subido. "Ah, por que não subiram o vídeo?" "Ah, porque ninguém sabe subir". "Como que ninguém sabe subir? Todo mundo fez o curso, todo mundo ganhou hora extra pra fazer o curso... Um curso assim, um aprendizado lá de meia hora lá com o menino. É rápido. Tem até o manual também lá. Se você não sabe, esqueceu, olha o manual, que explica certinho. Eu falei: "ah, ninguém quer nada com nada, cara, pelo amor de deus".
Mas você acredita que a idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?
Facilita, dificulta ou?
Influencia.
Influencia, mas não... Eu acho que é indiferente, cara, a idade assim. Os jornalistas que se mantém na ativa, eles vão ter... As pessoas fazem o mínimo possível. Ninguém faz a mais. Ninguém faz a mais. As pessoas fazem o mínimo possível. "O que eu preciso pra trabalhar? Ah, eu preciso ligar o botão e fazer isso". Elas vão lá, aprendem a ligar o botão e mexer no mouse e digitar e aplicar em publicar.
Isso independentemente da idade?
Independentemente da idade. Os mais novos, alguns tem mais curiosidade, mas isso daí tipo assim, foge de ser da idade assim, entendeu? É porque tem muita gente mais nova no jornalismo.
É mais por interesse pessoal?
É por interesse pessoal assim. Não é por causa da idade, porque o cara quando ele era mais velho também ele tinha curiosidade pra ver certas coisas, entendeu? Ele tem curiosidade com outras coisas. É que o interesse foge daquilo. Ele tem mais interesse em outras coisas, em futricar outras coisas. Não quer futricar computador. Aí os mais novos têm interesse em futricar computador, entendeu? Eu mesmo tenho interesse em futricar computador, então se acontece alguma cosia, eu futrico e mais ou menos sei, mas isso é uma coisa minha. Não é relacionado à minha idade. Eu quando ficar mais velho, talvez eu vou futricar computador. Minha sobrinha gosta de futricar isso aqui, *smartphone*, eu já não me dou tão bem com *smartphone* igual ela. E olha que ela tem 8 anos.
Isso tem relação com a idade?
Tem.
Mas você havia dito que é indiferente.
Não, tem relação com a idade, porque foi a tecnologia que surgiu na época que ela estava, vamos assim dizer, no auge da idade dela. No auge da juventude. Geralmente a gente carrega muitas coisas da nossa juventude com a gente.

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Sim
Por que?
Da mesma forma que eu tenho de relacionamento com a minha mãe, que tem quase 70 anos, que algumas coisas da época dela é diferente de hoje. Minha mãe casou virgem, teve três filhos tudo, separou do meu pai, meu pai já até morreu... E foi única pessoa da vida dela. Uma coisa incabível dela, impensada. É motivo de matéria no Fantástico se isso acontecer [....] então tem os conflitos, porque é conflito de geração mesmo, da minha irmã por exemplo, que bate com as idades dos meus chefes, minha irmã mais velha.
Mas com jornalistas, você sente dificuldade de relacionamento por quê?
Tem, por exemplo, vamos colocar a geração da minha irmã, que já está com 42 anos, né? A geração que nasceu nos anos 70. Eu nasci no final dos anos 80 [...] e acabei pegando um pouco dos anos 90, né? É uma geração que assim... Tem que ralar, porque era outro país, né? Tem uma coisa no futebol...
É uma geração que tem que ralar?
É, você tem que ralar. Se você não ralar, tipo assim... E hoje você vê pessoas que você não... Peraí, eu não expressei bem. Ralar todo mundo tem que ralar pra conseguir alguma coisa, né? Só que é o seguinte: a forma como isso é apresentado e como é feita. Muitas vezes é confundido ralar com explorar, entendeu? Não adianta nada você colocar uma pessoa pra trabalhar lá pra você, a pessoa fica trabalhando dez anos, fazendo hora extra, tudo, é a pessoa não sai do lugar. Pô, ela ralou além da conta. Ela ralou no começo? Ela ralou. O que ela ganhou com isso? Não ganhou nada. Ela pede demissão, que a empresa nem manda ela embora, ela que é obrigada a pedir demissão para poder sair, e não ganha nada. Isso acontece, então assim, o termo que eu falo é o seguinte: ralar todo mundo tem que ralar, mas eu digo assim: [...] pra pra ralar não precisa sofrer. E tem gente que acha que o sofrimento faz parte, por quê? Porque naquela época era assim, cara. Era. Eu vejo. Foi sofrido para minha irmã formar, cara, nível superior. Sofreu, ralou, nossa senhora, foi sofrido demais. Meu irmão também teve um certo sofrimento também, apesar que ele fez na UFMS tudo, mas foi sofrido. Porque minha irmã fez no particular, porque não tinha direito na UFMS, quando foi ter ela já estava no meio do curso, então foi sofrido tudo, pra pagar tudo...O meu não teve sofrimento nenhum, cara. Peguei DP, o caralho a quatro, faltava... Eu não sofri, porque minha geração não é geração de sofrimento. A outra geração sofreu por que tinha que sofrer
Aplicando isso ao jornalismo: porque você sentia dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Porque os jornalistas das outras gerações acham normal você, por exemplo, [...] colocar pessoa pra fazer, a pessoa ser uma... "Oh, vou fazer tanto de hora extra. Você vai ter que fazer hora extra, ta bom?" E se ninguém prontificar a fazer hora extra, vou convocar por conta própria, aí essa pessoa vai ser obrigada a fazer. Aí a pessoa é obrigada a fazer hora extra por determinado período.
Mas você sentia dificuldade de relacionamento por isso?
Sim, sim, tipo assim é um exemplo que eu tô citando, né? Um exemplo recente que aconteceu, não comigo, mas eu via. "Oh, você vai ter que fazer hora extra". A pessoa fazia, tudo, a pessoa estava morta de cansada. E quem se recusava a fazer ou então não se prontificava a fazer, fugia da raia, tipo eu, ganhava o status de que não queria colaborar. Colaborar não é se foder pelos outros. Essa é a realidade.

Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?
Veterano e o novato? Ah, o veterano talvez ele já tenha... O veterano ele é mais saudosista e ela já tem um...Ele já não tem mais aquela paixão, aquela coisa, aquele glamour que você vê nos mais novos. Os mais novos eles têm uma perspectiva maior da profissão e os mais velhos não. Eles têm um saudosismo. O que mantém eles além da subsistência são o saudosismo. Eles são saudosistas. Eles têm aquele saudosismo: "Nossa, a minha profissão, como era boa não sei o que, blá, blá, blá", aí você vai falar de hoje, já não tem muito aquela coisa. E e os mais novos você percebe que tem uma paixão por desconhecimento. Eles têm uma paixão. Apesar desse desconhecimento, eles têm uma paixão imaginando que é uma coisa que vai ser sensacional para eles, né? No início talvez seja, depois eles dão uma cansada e larga mão. Eu nunca tive isso, não sei por que. Eu nunca tive esse deslumbramento com a minha profissão, igual alguns colegas têm, principalmente de TV, TV principalmente. Cara, gurizada, estagiário da TV, nossa senhora, parece que... [...] não é preconceito, não. Mas depois de um certo tempo a pessoa... Assim como pessoas da TV também desanda e vai trabalhar com Bitcoin, vai cuidar da família, vai fazer o que...
Mas então você considera que existem diferenças?
Sim.
Um jornalista veterano ele vê a profissão como?
Com mais saudosismo, porque ele faz aquilo, ele acha motivação do que ele fez no passado, de como era no passado, entendeu? E na subsistência. Tem de pagar as contas. Já o jornalista mais novo, a motivação dele é o que ta vindo pela frente. É o deslumbramento: "Nossa, sou importante, sou jornalista, que legal", entendeu?
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
Os pontos positivos?
E negativos.
Talvez a resiliência. Ajudou... Não. É... É tu tô falando meio que... Tô elaborando agora as respostas agora, né? Eu falei talvez a resiliência. É, talvez a resiliência, só que em alguns casos a resiliência... Em muitos casos a resiliência não ajudou em nada, né?
Isso é um fator positivo?
É, então a resiliência não é bem um fator positivo. poderia repetir a pergunta pra mim?
Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
É que o cenário da outra geração era um cenário diferente, né? Do de hoje. O mundo era diferente. Mas essa geração era uma geração que tinha... Ela tinha mais ideal, acho que por isso ela saudosista, né? Hoje o mundo perdeu muito o idealismo, né? E ela tinha mais ideal, fazia muitas coisas por ideal, e não por deslumbramento, por status. Fazia muito por ideal, então era uma geração que tinha mais ideal. E a geração de hoje é uma geração que [...] os pontos positivos dela hoje? Experiência, experiência
É o principal ponto positivo que você considera?
Principal ponto positivo.
Tem mais algum?
É. A resiliência, se eu deixar ela para o passado, né? Porque eles colocam os outros pra trabalhar no lugar deles. E os que são mais velhos trabalha 3, 4 meses e saí, não aguentam, porque já perderam a resiliência, já perderam a paciência, já perderam tudo. E os que conseguiram progredir ou que tem algum status maior, de repórter especial ou virou editor chefe, coloca os outros para trabalhar no lugar deles. Então eles não precisam ter tanta resiliência assim, mas, é... O ponto positivo é experiência.
E os pontos negativos?

O ponto negativo é achar que todo mundo tem que ser igual eles e não ter essa percepção de que as coisas mudaram, a geração é diferente, que tem seus pontos negativos e seus pontos positivos. Só vai enxergar os negativos esse saudosismo. "Ah, mas antigamente a gente fazia..."

Esses pontos negativos da nova geração?

É, da nova geração. "Ah, mas antigamente a gente..." Mas essa nova geração tem muita coisa boa.

Isso que eu vou te perguntar. Quais são os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas? Nova geração, que eu digo, é do cara que ta entrando agora na redação, tá?

Sim, sim, não é a minha, eu sei. Eu já não sou mais... Eu já deixei faz tempo já...

Vou chegar na sua...

Inclusive, a minha... É pesquisa, não sou eu que tô falando, vai ser... E eu não sei se eu vou conseguir voltar para o mercado tão fácil, porque é difícil depois dos 30. Metade dos jornalistas tem entre 20 e 30 anos, aí tem outro percentual dos 25 aos 35 e é difícil ver jornalista... Repórter, na verdade, né? Repórter de 40 anos. Então eu não sei se vai ser tão fácil assim pra mim daqui pra frente, mas tudo bem.

Quais são os pontos positivos e negativos da nova geração de jornalistas?

A nova geração? Ela... Eu acho que ela traz mais... Vamos citar os bons exemplos dos jornalistas, porque eu to achando que tem muita gente despreparada, né? Então é um ponto negativo, mas não é essa pergunta.

É sim. Está dentro da pergunta. São pontos negativos e positivos.

Então, os positivos são... Eles trazem é... Uma perspectiva diferente. Traz mais... É... São mais combativos a machismo a... São mais combativos contra machismo, contra exploração, contra... Às vezes até exageram, né? É... Contra homofobia. Tem um assim... O idealismo do pessoal era um idealismo mais político.

O pessoal que você diz é da geração anterior, né?

É, da geração anterior à minha. A geração anterior a minha, eles eram... Era um idealismo mais político e essa geração que está chegando agora, eles são idealistas, mas é um idealismo diferente. É um idealismo mais social. Antes a coisa era muito ligada a política: esquerda, direita, comunista, socialista, entendeu? Hoje em dia é uma coisa mais ligada ao social, menos ao econômico e político. Hoje é uma coisa ligado mais ao social mesmo, ao tratamento da pessoa, ao comportamental. "Oh, você não pode destratar a pessoa porque a pessoa é isso, é aquilo, porque é homo, porque é hétero, porque é bi, porque seja lá o que era for.

Você está querendo dizer que é uma geração mais focada aos direitos humanos?

A outra também era focada nos direitos humanos, só que de uma forma diferente, de uma forma mais política. Essa geração não é tão política.

É ativista?

Ela é mais ativista. Não, era mas era ativista também, só que era ativista por outros meios, né? Era o socialismo... Era uma coisa mais política econômica. Antigamente o pessoal citava Marx, citava Gramsci, citava Escola de Frankfurt, né? Citava vários autores. Hoje em dia você cita... Citava muito aquela coisa do Che Guevara, tinha essa coisa. Era coisa política. O Che Guevara fuzilava gay, porra, mas todo mundo adorava, porque era aquela coisa política. Era mais político, igualdade econômica, né? Todo mundo tem direito de gastar igual, entendeu? De ter direito, entendeu? Já hoje, todo mundo tem também essa base. Todo mundo tem que ser igual, tudo, mas a nossa luta é outra. Nossa luta é de que

ninguém tome mais vassourada porque é gay, porque é negro. Negro nem tanto, porque hoje em dia a coisa ta ligada ao feminismo e a homofobia, né?
Então os pontos positivos que você considera?
A geração de hoje ela tem um idealismo mais social, né? Às vezes se perde, porque acho que falta uma base, mas eles trazem uma nova perspectiva.
E os negativos? Você tinha dito despreparo.
É, tem muita gente despreparada, tem muita gente despreparada, muita gente que chega, não sabe escrever... Muito mais do que antes. Antes também tinha, mas hoje assim, a parte técnica é muita fraca. E tem muita gente, até por causa do baixo salário, [...] baixa remuneração. É uma profissão que já ficou caracteriza por ter que trabalhar muito. [...] muita gente que tem mais preparo foge. Antigamente, vou citar a Marta como exemplo, ela começou a fazer administração, trabalhou em banco, tudo. A Marta tinha tudo para seguir outra carreira e ela preferiu ser jornalista, entendeu? Ela tem capacidade intelectual pra trabalhar em qualquer área, entendeu? Pra ganhar mais dinheiro do que ganharia no jornalismo. Não to falando que o jornalismo é com gente com baixa capacidade, muito pelo contrário, deveria reunir os melhores na minha opinião, porque é a minha área, porém tem muita gente que vai pelo jornalismo porque vai só pela paixão mesmo e acaba não se preparando corretamente. Porque os que são melhores preparados, família, tudo... Acaba levando pra outra área porque está todo mundo pensando nisso aqui...
Dinheiro...
Dinheiro. Então quem tem mais preparo vai procurar as áreas que dão mais dinheiro.
E os pontos negativos dessa nova geração? Além do despreparo.
É, alem do despreparo?
Ou você fecha no despreparo?
É na nova geração de jornalistas?
De jornalistas.
De jornalista é o despreparo, porque se for pegar de medicina, talvez seja mais preparado do que os anteriores. Ponto negativo? Enxergar o mundo como uma bolha. Não sei como posso traduzir isso em uma palavra, mas muitas vezes essa geração é rodeada só pelo bem, pelo bem, não enxerga o mal.
Ela é o que?
Ela é rodeada pelo bem, só coisa boa. Mal que eu disso assim, não é de fazer futrica, não é isso. Mal de mal mesmo, entendeu? É rodeada por... Fica dentro de casa vendo a TV, que existe o mal, mas o mal é uma coisa muito distante, parece que não ta perto dela. Eu tô falando local, né? Porque talvez no Rio de Janeiro seja outro contexto, porque lá está do lado deles... Tiro, família morrendo... Aqui não. Aqui a gente é muito isolado. É um um negócio que está muito distante, muito distante. Talvez enxergue as dificuldades, as barreiras, como algo muito distante. Eu sempre soube que existiam barreiras, que é difícil as coisas, tudo... Sempre valorizei o que eu ganhei, tudo... Sempre valorizei as coisas que minha família conquistou, mas nem por isso sou obrigado a sofrer igual minha mãe sofreu e minha irmã sofreu, entendeu? Eu sempre soube que foi muito difícil, mas nem por isso eu tenho que sofrer igual. E até porque elas me falaram: eu não quero que você sofra igual a gente sofreu.
Então você acha que...
Eu acho que essa geração não valoriza. Ela desvaloriza as coisas que ela tem.
E quais os pontos positivos e negativos da sua geração? Falamos do passado e da nova geração. Mas e a sua geração? Quais os pontos positivos e os negativos?

É uma geração de transição, né? É uma geração de transição. É uma geração que não sabe se vai com os de lá ou se vai com a geração dos de cá. É uma geração... O ponto negativo é que eu acho que falta mais identidade pra essa geração. Ela não tem muita identidade. [...]
Estou falando de pontos e pontos positivos e negativos da sua geração de jornalistas.
É, é, sim, então, estou falando daqui de Campo Grande. Então eu não sei como é nos Estados Unidos. Estou falando a realidade que eu vivo, que eu percebo e fico de olho pra tentar entender. Eu acho que falta mais identidade. A gente não sabe, por exemplo, eu conheço um amigo meu, o Gabriel, que tem um pouco de cabeça da geração anterior e eu conheço você que a sua cabeça já é um pouco mais para geração acima. Então fica... A gente come um pouquinho daqui um pouquinho dali, então a gente não tem uma identidade própria. A gente pega um pouquinho daqui tudo a gente não criou. Você pode pegar um pouquinho... Um pouquinho da geração de trás, um pouquinho da geração da frente e montar a sua identidade, mas acho que já passou o nosso tempo. A gente está no meio dos dois, uma geração de transição. A gente ficou muito sem identidade. E a gente acabou... A gente é X ou Y? Não tem um Z no meio. Eu não sei qual o nome, a nomenclatura correta.
Y.
É, mas eu não sei a nomenclatura. É... Y... Meu nome tem Y. Eu não sei a nomenclatura correta, mas assim, o que eu percebo é que falta um pouquinho de identidade assim. Não tem. Às vezes a gente quer pender pro lado de lá, mas às vezes a gente quer pender pro lado de cá e fica complicado.
Consegue enxergar outros pontos negativos?
Esse é o negativo, né?
Consegue ver mais?
Não. O principal ponto negativo é esse. Os outros eu acho que é a mesma coisa que tem nos outros, entendeu, assim, uns mais, outros menos. Uns tem mais resiliência, outros não. Outros são resilientes demais, outros são resilientes de menos. Mas acho que é isso, essa falta de identidade assim. Agora da geração do... Da geração do... Essa geração minha ela poderia ter sido mais combativa. Acho que ela poderia ter sido mais combativa. Acho que é um ponto negativo também. Ela não foi tão combativa, né? Ela deveria ter sido um pouco mais. Ela deveria ter pensado um pouco mais no conjunto. Ela não pensou, foi muito no individual. Acho que foi a primeira geração que começou a bater firme no individual mesmo, mais assim, foi essa minha.
E esse é um ponto negativo?
É um ponto negativo.
Pontos positivos?
Pontos positivos? É... É uma geração que procura se preparar, mas que a anterior, porque vê aquele resquício da boa formação, né? Da boa base anterior com a exigência do diploma tudo, então é uma geração... Nós somos formados em comunicação social, nós somos formados em jornalismo, nós somos habilitados ao jornalismo, então eu entendo que a gente seja mais generalista assim no entendimento da comunicação, assim, as pessoas não... É uma geração que consegue ter uma percepção maior, melhor do que anterior e que a posterior. Minha geração é uma geração que ela consegue entender a comunicação de uma forma mais ampla, né? E foi a geração que, a qual ela não nasceu... Porque a outra teve que pegar no meio do caminho a era digital, no meio do caminho. Essa daqui está nascendo com a era digital. A minha é a geração que cresceu, ela viu a era digital nascer, então ela consegue compreender melhor essa comunicação. Ela tem uma capacidade de compreensão da comunicação melhor.
A partir da tecnologia?

A partir da tecnologia. Acho que ela consegue compreender melhor é... Porque.... Eu com 12 anos, eu ganhei o meu primeiro computador e era Web 1.0 ainda, né? Porque veio Web 2.0 em 2013, então eu vi. Eu acessava o Campo Grande News era uma lista de notícias. Eu vi as coisas... Não existia vídeo. Era tudo GIF. Vídeo você ficava o dia inteiro pra baixar. Internet discada, é... Não existia rede... O conceito de rede social não existia. Hoje em dia o Mirc virou rede social, que eram os chats lá, não sei se você chegou a ver isso aí. O Mirc hoje é considerado rede social. Na época não existia esse conceito de redes sociais. Então a gente viu nascer, a gente viu toda a transformação junto com a gente, entendeu? Então a verdadeira geração da era digital acho que é a nossa, porque a gente viu ela nascer, assim, com mais intensidade. Noventa e quatro nasceu o UOL, nasceu o *New York Times* online, não sei o que... Então a gente viu esse crescimento. A gente viu, porque pra gurizada que está entrando agora, muitas vezes eles não sabem o que é um computador de... Um monitor de tubo. Muitos não sabem. A gente sabe. A gente tinha um computador de tubo, tinha disquete. A gente viu essas transformações bem, bem mesmo. A outra geração de trás, alguns tinham dificuldade de aceitar. Eu vou dar um exemplo fora do jornalismo. Até hoje o meu irmão, que tem 41 anos, vai fazer 41 anos agora em abril, não sabe mexer direito. E quando eu falo que não sabe mexer direito é que tipo assim: se colocar na frente dele, ele não sabe fazer, ele chama alguém pra ir junto com ele.

Então você acredita que o fator positivo da sua geração seja a facilidade de lidar com a tecnologia?

É, eu não digo facilidade, porque a outra também tem facilidade. Nós temos a maior compreensão da entrada da tecnologia na comunicação. Nós temos uma compreensão maior de como a tecnologia entrou e de como ela influenciou e virou tudo isso, porque esses que estão entrando agora, quando eles começaram a se entender por gente já era isso. Os anteriores ficaram muito pregados ainda. "Ah, o jornal impresso, ah, que legal, ah, então essas novidades aí, vamos tentar entender depois o que é". A gente acompanhou. A gente fez parte disso.

Considera algum outro ponto positivo?

Acho que a questão é a seguinte: a outra já nasceu lá dentro. A da frente. A geração de trás ela assistiu. Nós fomos protagonistas dessa mudança. A gente estava lá dentro. Sem perceber a gente fazia parte. Os primeiros participantes de Mirc, não sei o que, não sei o que, fomos nós.

Existe conflito de gerações entre jornalistas?

Sim. Por que?

Claro. Por que?

Porque existem conflitos de gerações de jornalistas, de treinadores de futebol, de jogadores de futebol. O Luxemburgo é um cara... Vou dar um exemplo do futebol... É um cara que xinga muito no vestiário, fala: "Porra, você não jogou nada, não sei o que, blá, blá, blá". Eu vi uma entrevista do Ronaldo Giovanelli, que é ex-goleiro e agora comentarista, ele falando: "Cara, o Luxemburgo desse jeito não vai conseguir mais nada", porque hoje me dia o cara que chega e: "Óh, eu pedi pra você fazer tal coisa e você não fez, então vou te colocar no banco de reservas, tá? Aí quando você voltar a fazer..." É a geração do castigo, entendeu? Eu fui a geração do castigo.

Você está se referindo a uma geração anterior à sua?

Não. A geração anterior era que resolvia no "porra, caralho". A minha, da... Talvez nem tanto a minha, talvez essa coisa de identidade, porque algumas pessoas da minha geração era... Resolvia na base do... Apanhava de espada São Jorge e cabo de vassoura. Alguns da minha já apanhava de... Não apanhava. Era só castigo, entendeu? Então a geração posterior

à minha é a geração do castigo. "Não, eu não vou bater em você". Era palmadinha e castigo. E hoje o moleque, quado ele chega na categoria de base do futebol, ele não quer o cara gritando e xingando ele. Então ele vai chorar pro empresário, vai chorar pra mãe, tudo. Ele quer alguém que converse com ele: "Olha, você fez isso? Não é assim que funciona. Você tem que fazer assim, assim e assado". É gestão de pessoas. Pra você lidar com outras gerações, você tem que ser bom em gestão de pessoas e nem todo mundo é bom em gestão de pessoas. É uma minoria. Então, essa nova... Eu usei o exemplo do futebol, porque isso se aplica, porque pra mim isso independe da profissão, entendeu? Essa parte independe da profissão. Que é o comportamento. A geração mais antiga era uma geração que as coisas se resolviam às vezes na porrada. Se não fosse na porrada não ia. Eles aprenderam assim. Não sabem fazer de outra forma. E essa geração mais nova é na conversa. Não adianta você falar "porra, você não fez merda nenhuma, cara, pô, você tá louco?" Porque eu sou muito... Eu falo palavrão, eu grito muito? Porque meu pai resolvia assim. Meu pai não batia em mim. "Vem cá, eu vou te dar uma chinelada". Meu pai quando ele ia bater em mim era choco e chute, véi. E eu que não corresse pra ver. Então é isso. Essa parte eu puxei da geração anterior, porque minha família, na verdade, é da geração anterior. Meu pai morreu com 75, ano passado, minha mãe vai fazer 70, minha irmã tem 42, meu irmão tem 40 e vai fazer 41. Eu que nasci sem querer depois. Eu tenho 29 por acaso. Era pra eu ter 38, no mínimo.

Mas porque você considera que existe conflito de gerações entre jornalistas?

Pelo mesmo motivo que acontece nas outras gerações. Sempre tem. Ninguém consegue compreender o outro. E cada um acha que o jeito que foi criado é o jeito certo. Eu acho que o que eu fazia, eu acho que eu com 10 anos pegando ônibus pra ir pra escola, é o correto. Eu vejo minha sobrinha com 8, daqui a 2 anos ela faz 10, se deixar ela aqui, onde a gente está aqui agora, ela não sabe voltar pra casa dela. O meu sobrinho que tem 15, dependendo da onde você largar ele, ele não sabe voltar pra casa, não sabe pegar um ônibus, entendeu? Mas, por exemplo, pra mim esse é o correto. Pra ele não. Tem que ter... "Não, não pode me deixar aqui". Quando ele tiver 30 anos, ele não vai achar que o correto é largar o guri pra pegar um ônibus pra ir pra escola com 10 anos de idade, atravessar uma avenida perigosa. Ela vai achar que o correto é cuidar, porque ele foi criado assim e gente acha que o jeito que... Que o nosso jeito é o correto, então por isso tem esses conflitos. Por mais que você compreenda o outro lado, você sempre vai ter conflito.

E esses conflitos são de que natureza? Pessoa, profissional ou tecnológica?

Não, não, tecnológica não. É pessoal e profissional.

Por que?

Porque o jornalismo era feito de tal forma e ele... Porque o profissional e o pessoal se embolam, né? Você está trabalhando ali, você não está: "não, aqui eu sou profissional". Não tem duas pessoas. É a mesma pessoa. E o pessoal se embola com o profissional e... Antigamente no jornalismo se fazia de tal forma, se fazia... "Ah, mas no meu tempo, você tinha que fazer tal coisa". Hoje em dia... Antigamente tinha vezes que você colocava coisas no ar sem apurar mesmo. Hoje em dia você tem que apurar o mínimo. "Ah, mas antigamente a gente tinha... A gente ficava um monte na redação". Hoje em dia ninguém quer ficar um monte. As pessoas parecem que tem orgulho de falar, né? A geração anterior tem orgulho de falar: "Ah, mas antes a gente ficava sem reclamar". Tem orgulho de falar. "Ah, você tem orgulho de ter sido explorado então? Volta pra carvoaria". Entendeu?

Então você acredita que esses conflitos eles não são de ordem tecnológica. Eles são de ordem pessoal e profissional?

É. É embolado. A sua parte profissional está muito, porque se você não é uma pessoa honesta, você não vai ser um profissional honesto. Se você não sabe o que é isenção, você

não vai ser um profissional isento, então isso daí vem muito com você, né? É o seu caráter, né? Aí tem... Aí bate, né? Essas coisas pessoas se embolam com o profissional e bate, né? A gente tem que saber separar, mas acaba batendo.

Certo.

Bate até em casa. Não vai bater no trabalho com gente que você não tem tanto afeto, carinho, como sua mãe, seu irmão? Entendeu? [...] imagina com gente que se morrer, você vai falar: "puta, era meu amigo, gostava tanto". Vai escorrer uma lágrima, você vai embora e tomar cerveja no dia seguinte. Então....

Bom... As perguntas foram essas. Você quer fazer alguma consideração sobre o tema, sobre as perguntas e o que foi abordado?

Acho que não tenho não, Elvis. Não tenho consideração não. Acho que o tema do seu mestrado é um tema legal, entendeu? E vai ser bem divergente. Você vai tocar na ferida aí, que tem muita gente aí... Se você colocar na íntegra, vai ter muita gente que vai se sentir... Não vai gostar. Então é... É assim... Você está mexendo num vespeiro, porque isso daqui é... As pessoas não sabem lidar. Isso de uma forma geral. Não sabem lidar. E as pessoas precisam entender que... Não existe verdade absoluta, né, cara? E você vai mexer. Cada um está expondo... Pelo menos eu espero que as pessoas estejam sendo sinceras na entrevista pra você... Cada um está colocando ali na mesa pra você a sua verdade. Eu coloquei a minha verdade. O Ciro vai colocar a verdade dele. A Gabi vai colocar a verdade dela. A Marta vai colocar a verdade dela. O Joel ele [...] vai ter a verdade dele também.

Entrevistado: Rodrigo Nascimento

Data: 29/03/2018 | **Duração:** 00:44:05

Veículo representado: Televisão **| Geração representada:** Y

Perfil resumido

Nome completo: Rodrigo do Nascimento Rodrigues
Idade: 29 anos
Data de nascimento: 07/03/1989
Local de trabalho: TV MS Record – 4 anos
Função: Editor-Chefe e apresentador
Formação: Rádio e TV (UCDB/2009) e Jornalismo (Uniderp/2010)
Tempo de carreira no jornalismo: 9 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Rodrigo do Nascimento Rodrigues.
Qual a sua idade?
29.
Qual a sua data de nascimento?
07/03/1989.
Sua função é apresentador...
E editor-chefe do Cidade Alerta MS.
Sua formação é em jornalismo? A primeira...
Rádio e TV, em 2009, na UCDB.
E depois jornalismo...
Uniderp, 2010.
Você começou uma junto com a outra?
Não, durante os dois últimos anos de Rádio e TV eu já estava na Uniderp.
Simultaneamente.
Mas, 2009 foi quando você terminou Rádio e TV...
Isso, aí eu fiquei mais um ano para terminar jornalismo.
Ah, tá então você fez as duas ao mesmo tempo?
Não, mas eu não fiz quatro anos de jornalismo, eu fiz dois anos.
Tempo de Carreira?
Nove anos.
E quantas empresas você já trabalhou e quais foram elas?
Vamos lá: Bandeirantes (Guanandi), Canal do Boi, Portal Educação e Record.
E quais as suas funções que você desempenhou nessas empresas?
Assessoria de comunicação. Tem que ser na mesma ordem? Ou...
Não.
Assessoria de comunicação, chefe de redação, repórter, apresentador, editor de imagens.
Só...
Assessoria de comunicação foi no Portal?
Foi no Portal. Chefe de produção no Canal.
Chefe de redação, né?

Chefe de redação. Isso.
Repórter foi na Guanandi...
Guanandi e Record. E apresentador, Guanandi e Record.
E editor de imagens?
Na Guanandi.
E qual foi o tempo de permanência nessas empresas?
Guanandi 6 anos, Portal Educação 1 ano e meio, Canal do Boi 1 ano e Record 4 anos agora, em andamento, né?.
Você entrou quando na Record?
Eu entrei 2014. Gente, vai fazer 4 anos.
Dessas empresas que você já saiu - Portal da Educação, a TV Guanandi e Canal do Boi - qual foi o motivo das saídas?
Bom, é... Todos, né? Por uma outra oportunidade profissional. Eu acho que resumindo é isso. Guanandi para a Record foi uma oportunidade de crescimento. Canal foi oportunidade de crescimento. E Portal da Educação para Record quando eu virei apresentador, uma oportunidade de crescimento também.
Sempre por uma oportunidade melhor...
Uma outra oportunidade melhor, isso.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
Jornalista é levar a informação para o público, né? Ou para a pessoa que está te assistindo, no meu caso que é a televisão, da melhor forma que ela possa compreender e da forma mais imparcial possível. Ou seja, nem defendendo, nem criticando, nem julgando.
Por que que você decidiu ser jornalista?
Por uma oportunidade. Eu era radialista já quase formando e aí eu ganhei uma bolsa de estudos no jornalismo. Eu nunca imaginei o que que era ser jornalista, né? Esse hábito de apurar, de investigar, de questionar, de responder, né? E de falar com o ouvinte ou com o telespectador, mas foi por conta de uma oportunidade. Quando eu vi que o jornalismo poderia me render financeiramente um salário muito melhor do que rádio e TV, aí eu me especializei no jornalismo.
Você se sente realizado como jornalista?
Ainda não.
Por que?
Porque eu pretendo alçar voos maiores. Eu acredito que Mato Grosso do Sul seja muito limitado é... Se você sai de uma emissora você vai pra outra, pra fazer a mesma coisa. Se você sair dessa outra emissora, você vai pra outra pra desempenhar uma mesma coisa. Parece que são figurinhas carimbadas no meio televisivo, então assim, eu pretendo ainda chegar no nacional, no eixo Rio-São Paulo, por uma questão de aprendizado, por uma questão de visibilidade. Eu sei que eu posso mais, mas eu sei que Mato Grosso do Sul não tem a estrutura, o suporte pra gente que quer trabalhar com jornalismo.
O que o jornalismo representa na sua vida?
Eu acredito que a credibilidade e a seriedade no papel que eu desempo hoje. Ser jornalista, ele é... Ser jornalista, eu preciso, né? Ter muita responsabilidade, porque assim, eu atinjo a classe a... Duas classes, que é a B e C ,a maior parte do meu público em questão de audiência, e ser jornalista hoje é eu entender do que eu estou falando, escrever do que eu estou falando e apurar o que eu vou noticiar. Porque se eu dou alguma notícia que destoe, ou que seja mais ou menos, eu não estou sendo... Não estou transmitindo credibilidade . Eu

posso estar destoando uma informação por ser um programa popular. Eu me preocupo muito com isso. Então antes de eu falar alguma coisa eu checo pelo menos duas vezes, eu sei que eu tenho uma responsabilidade muito grande, porque a minha opinião vai formar a opinião de muita gente, muita gente...

Mas o que o jornalismo representa na sua vida?

Acho que representa uma atividade. Uma profissão.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

É.

Por que?

É, porque você não... A partir do momento que você é contratado por uma empresa, você veste a camisa da empresa. Você sabe que qualquer empresa ou veiculo de comunicação ela é uma empresa, então você tem que seguir as ordens desta empresa. E se você não tem fidelidade, se você vai pulando de galho em galho, a gente fala que a pessoa fica queimada, né? Então por mais assim que eu esteja ainda... Não tenho tantos anos em TV, quanto muita gente, mas é essencial. É essencial. Você acaba se transformando no rosto da emissora, né? No rosto veículo de comunicação aonde você tá. E não adianta um mês tá aqui contigo e no outro mês eu tá lá no outro espaço. Eu acredito que você não se firma, você não tem a sua identidade enquanto profissional. Não tem identidade. Porque a cada tempo você vai sendo moldado, você não vai se moldando. E, sem dúvida nenhuma, você estabilizar pelo menos 3,4 anos, que é um tempo bom, é uma temporada boa, para você se maturar na profissão, se maturar no perfil da empresa aí, sim, eu concordo que você tenha... Que não precisa ficar fixo ali, mas você tem que ter fidelidade sim.

É importante?

É importante.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Acho que é ética e responsabilidade. Ética, primeiro é o que eu já havia dito... Ética, porque você tem que saber o que você tá falando. Você tem que entender o que você tá falando. Jornalismo... O jornalismo ou ser o jornalista, ele tem que ser polivalente, né? Ele tem que entender um pouquinho de saúde, de educação, de política... E você tem que entender. Você não precisa ser um expert, mas você tem que saber o que você está falando. Responsabilidade a partir do momento que você sabe de que forma eu vou transmitir para o meu público, se é da forma popular, se é da forma coloquial ou é da forma culta. Então você tem que ter... Essas duas palavras eu sempre coloco na minha cabeça: ética e responsabilidade.

São os principais valores principais valores...

Os principais valores do jornalismo.

Formação acadêmica na área é determinante para a qualidade do trabalho jornalístico?

Não.

Por que?

Não. A faculdade, hoje, eu percebo muito pelo pelo pelo grupo de estagiários que atua comigo, a faculdade ela é muito teórica. Vive numa superficialidade. Muita coisa que acontece no mercado de trabalho, seja em qualquer área do jornalismo, não é a realidade de mercado. Então é assim, hoje o mercado ele é capitalista, os veículos de comunicação são capitalistas, e você tem que entender que hoje o empresário da comunicação ele não quer o melhor jornalista, que tirou 10 no TCC. Ele quer um jornalista formado que exerça o papel de três, quatro, por um. Então assim, a faculdade hoje ela vive, eu sempre brinco, no mundo da fantasia. E o mercado é o mundo da realidade.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre entendimento da profissão ?
Eu acredito que a escrita, a redação, ah... O entendimento, a compreensão, né? De uma linguagem coloquial, culta também. E a faculdade ela... A única coisa que ela norteia você é justamente isso: a identificação de alguns formatos, que você possa vir a se identificar, mas para você fazer da melhor forma possível na questão do teu público, do teu leitor, do teu ouvinte, de que forma eu posso fazer... Não ensina 100%, mas aponta pra você de que forma eu posso fazer. Faculdade e realidade, mercado de trabalho.... Faculdade e fora da faculdade, são dois mundos separados. São dois mundos diferentes. São dois mundos diferentes.
Mas quais os principais valores que a faculdade proporciona? Você falou texto...
Texto, linguagem e laboratório. Laboratório. Acho que são essas três.
Laboratório, você quer dizer?
Laboratório. Por exemplo: laboratório de rádio, um laboratório televisão, aonde você sai da teoria e vai para a prática. Eu acho que naquele, e ainda...
O exercício da profissão...
É, o exercício da profissão dentro do meio acadêmico, que eu ainda acho muito superficial, muito superficial, porque mesmo assim você tendo laboratório é aquela coisa bonitinha. Não é o *hard news.* Não é aquela é aquela coisa rápida, aquela coisa instantânea, aquela factualidade. Mas essa... Texto, linguagem e laboratório. Aprendizado, né?
Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria e produto jornalístico?
Olha, hoje eu falo que é um produto e é uma mercadoria. Hoje, o jornalismo ele deixou de ser apenas o jornalismo. Com o jornalismo a gente associa a publicidade, a gente associa um show. Hoje uma matéria jornalística, infelizmente, ela se transforma num espetáculo. Ela se transforma em um espetáculo. E esse espetáculo não serve mais só para o telespectador saciar, né? Ele não ali fica mais quietinho. Ele fala, ele consome aquilo, e se eu colocar uma notícia hoje no programa popular, que é no meu caso, e falar que aquilo ali é bom, eu tenho certeza que ele vai procurar. Ele vai consumir aquilo. Então, hoje , infelizmente, vou usar infelizmente, não há mais aquele jornalismo padrão, certinho. É um produto, sim, é um produto. E outra, para a empresa, esse produto, essa mercadoria, que é o jornalismo, vai ser vendável. Por isso que existem os programas populares.
Você fala hoje. Antes você não tinha essa visão?
Não tinha essa visão, porque eu vinha do *hard news,* de um telejornalismo engessado. E o que é o telejornalismo engessado? Terno, gravata e bancada. É lead, o A + B = C, o que a gente aprende na teoria da faculdade. Como foi avançando em busca de audiência, em busca de ter mais telespectadores, a gente deixa o jornalismo e se transforma num shownarlismo.
Mas nessa época você considerava a informação um direito do cidadão?
Sim, nessa época sim.
Você acha que isso tem a ver com a sua experiência profissional naquela época?
Sim...
E a maturidade que você tem hoje?
Exatamente, é isso que eu to falando. Numa empresa... Por isso volto na tua pergunta na questão da fidelidade... Numa empresa que permaneci durante tanto tempo, eu tinha um perfil. Na outra empresa que hoje estou, eu tenho outro perfil. Tudo isso pra transformar jornalismo em shownarlismo.
A projeção ou reputação de uma empresa ela é determinante para a escolha do trabalho?

Sim, com certeza.
Por que?
Porque uma empresa que você vê o DNA dela, vê o nome no mercado, vê a aceitação dela no mercado, com certeza te dá tesão pra trabalhar, te dá vontade de trabalhar. E foi isso que aconteceu comigo na Record. Eu era apaixonado pelo jornalismo que a Record fazia, e aí eu consegui entrar na Record e consegui fazer o jornalismo que a Record oferecia. E eu me encaixei nos moldes da Record.
Então a projeção que a empresa te dá é importante?
Importantíssimo...
E a reputação, o que os outros falam dela também?
Importantíssimo.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?
Qualidade de vida é hoje, enquanto profissional e enquanto pessoa, é fazer minha atividade profissional, sair de lá e ser eu enquanto pessoa. Eu poder ter minha vida tranquilamente, é... Meu horário de folga, meus dias de folga, e cumprir minha jornada de trabalho estabelecida, mesmo tendo um cargo de representatividade, de responsabilidade, é isso. Eu tenho que que saber quem é o Rodrigo e quem é o Rodrigão, no caso, né?
Que é o apresentador do Cidade Alerta.
O apresentador do Cidade Alerta.
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
É possível. É possível. Desde que você tenha na tua cabeça o teu foco, sua determinação. Hoje, por exemplo, eu sou apresentador e editor-chefe. Eu desempenho as minhas atividades de acordo com a minha vida, de acordo com o meu cronograma. Se eu entro tal hora, eu entro tal hora. Eu saio tal hora, eu saio tal hora. São raríssimas vezes que eu cumpro uma jornada além do que me determinam, mas são casos que me avisam com antecedência, aí beleza. Hoje eu determino. Hoje eu falo: eu quero viver. E... Porque assim, o pessoal acha que jornalismo, né? É como fosse... Tá muito associado à artes, a ser artista, né? Que o jornalista de TV ele tem que ser famoso. Pelo contrário, nós não somos famosos. Nós temos uma profissão como outra qualquer. A diferença é: nós falamos por um mecanismo, com um instrumento, que é a televisão. Mas é um trabalho como outro qualquer. A gente cumpre uma jornada de trabalho como outra qualquer. Como advogado, como administrador de empresas, como comerciante, a gente cumpre horário como outro qualquer. A diferença é que a gente lida com várias pessoas ao mesmo tempo.
Você disse que é possível, sim, ter qualidade de vida desde que você consiga cumprir esse cronograma, mas a empresa não tem suas próprias regras, o seu próprio ritmo? Como que você se adapta a isso?
Mas a gente tem um contrato por exemplo. Eu sou contratado. Há um consenso entre empresa e colaborador. Eu estou colaborando. A empresa tem que colaborar. Eu tenho meus direitos, a empresa tem o dever dela. Então, há um consenso hoje. Hoje eu falo: "não quero". A empresa fala: "Mas você tem que fazer". "Então, beleza, não está isso, vamos sentar e vamos mudar". Eu acho que a gente tem que falar hoje: "eu não quero. Não é assim". O empregador tem que entender. O empregador e o empregado eles tem que estar juntos, lado a lado. Então, para ter qualidade de vida, eu me dispus a aceitar o que a empresa me ofereceu. A empresa tem que cumprir o que ela me ofereceu. Então, tudo o que hoje acontece comigo tá acordado. Tudo o que sai desse acordo aí eu falo: "pera aí". Hoje eu chego e falo: "não é assim. Eu não vou fazer".

Sempre foi assim?
Na Record sim.
E nas outras empresas?
Nas outras empresas não.
Como era?
Era uma situação mais diferente. Por exemplo, eu tinha uma zona de conforto muito grande da Bandeirantes. Então assim, na Bandeirantes não havia uma prospecção, entendeu? Não havia... Eu não me via aonde eu estou hoje, dentro da Bandeirantes, então era uma zona de conforto. Era um sistema linear. Todo dia era aquela linha reta. Aconteciam as mesmas coisas, eu fazia as mesmas coisas, dificilmente se alterava algo, né? Canal do Boi era uma adrenalina, era uma coisa impulsiva, muitas vezes nós éramos sobrecarregados, mas sempre eu dizia também: "opa, não é assim". Então assim, se você tá me dando mais atribuições, então você me remunera melhor, ou você troca o meu cargo. Foi o que aconteceu no Canal do Boi. Saí de produtor e fui para chefe de redação.
Falando em remuneração, até que ponto o salário é determinante para a sua permanência na empresa?
Até que ponto? Até que ponto... Da minha responsabilidade e do meu grau de satisfação com a empresa. Então, por exemplo, hoje no meu caso, faturamento e audiência são duas palavras para o empregador comigo. Faturamento e audiência. Se eu não estou rendendo monetariamente para ele e não estou dando audiência, eu sei que a qualquer momento eu vou ser desligado. Mas hoje, há um consenso. Eu sei que eu estou oferecendo muitas coisas para ele e ele tem que me dar contrapartida. Então assim, pra eu ficar feliz, eu tenho que ser remunerado, porque eu sei até onde eu posso ir para ele. Para ele avançar mais com a empresa dele, o veículo de comunicação, eu tenho que estar do lado dele, então se ele não me remunerar bem, eu vou atrás de uma outra oportunidade, sem dúvida nenhuma.
E a remuneração que você recebe hoje é satisfatório para atender a suas necessidades?
É satisfatória. Ainda por mais que assim, que eu acredito que seja injusto o que eu recebo na questão de acordo, né? Pra mim é um valor muito significativo, muito significativo. Na idade que eu tenho, o pouco tempo que eu tenho de casa, o valor hoje é muito expressivo. Então assim, foi acordado, o que é acordado, o que é certo é certo. Então é assim, a cada ano de contrato há uma renovação. E assim, claro que eu sempre vou pleitear por mais e o empregador ele óbvio, né? Ele é capitalista, ele vai chegar um consenso, um denominador comum com empregado, com colaborador dele. Mas hoje, sem dúvida nenhuma, questão financeira é indispensável no posicionamento que eu tô.
Isso para você está está ligado ao cargo que você exerce?
Sim, diretamente. Diretamente. Se por ventura a concorrência, algum outro veículo de comunicação, me ofertar 15% a mais do que eu ganho, óbvio que eu aceito. Hoje é... No patamar que eu estou, eu estou mais ligado ao financeiro do que ao profissional. Ao jornalismo em si. Então eu sei que eu vou render tanto quanto na outra empresa. E eu sei o que eu posso trazer enquanto jornalista pro outro empregador. Questão financeira pesa e muito.
Hoje você tem uma visão mais comercial do jornalismo...
Sim.
Do jornalismo... Como era sua visão antes?
Minha visão, eu sempre digo assim...
Antes de se tornar editor-chefe.
Como era a minha visão? A minha visão era de um de um estudante universitário. Era de uma pessoa utópica, sabe? Que o jornalismo podia falar de política, que o jornalismo tinha

que falar aquela coisa bonitinha, que a gente tinha que atender os anseios de quem tá te contratando, que eu não poderia falar mal do fulano, porque eu falando poderia ligar para o dono da emissora... Então eu tinha pensamento de um estudante universitário. Eu tinha [...] que falava assim: "puta, cara, mercado tá difícil, né? Mercado tá difícil. Então se eu saio agora, tem 10 lá fora esperando". Mas não é assim. Não é assim. Mais uma vez: jornalismo, ser jornalista é como outra profissão qualquer. A diferença é que nós falamos, ou a gente notícia, para muita gente ao mesmo tempo, mas não há uma ilógica de que fala assim: "ah, ser jornalista é ser artista, ser jornalistas é uma profissão glamourosa". Não é glamourosa. É uma outra profissão como outra qualquer. Assim como administrador de empresa fala: "Olha, tua empresa vai falir", a gente também tem o direito de falar: "olha não tá certo. Eu tô trabalhando a mais e ganhando por isso", entendeu? A gente não pode ser besta, a gente não pode ser passado pra trás. Tem gente que tem doença por jornalismo. Tem gente que sofre, né? Por jornalismo ou que o jornalismo trouxe uma certa doença. E não dá para ser assim.

Hoje você vê o jornalismo como negócio?

Como negócio. É um shownarlismo. Em em qualquer área, em qualquer veículo, hoje é um show que a gente faz com jornalismo. Em qualquer área.

Mas quando você tinha essa visão universitária, essa visão de universitário que você fala, qual era a sua visão da profissão? Quando você tinha essa cabeça de estudante universitário.

Eu acho que a gente é essa versão utópica mesmo, que eu tinha que ser muito certinho dentro da profissão.

Certinho como?

Certinho, certinho. Que eu tinha que fazer o arroz com feijão, que eu tinha que atender tudo o que o empregador me fala, tudo o que aquele veículo de comunicação me estabelece; que eu não poderia reclamar, que eu não poderia questionar. Tanto em questão de pautas... De que forma? É isso que eu falei. Eu não vou poder falar mal do governador, mesmo que o governador... Eu não vou poder... Eu vou ter que falar certo do governador, mesmo que o governador esteja errado. Alguém me calar, tipo uma censura.

Naquela época a informação para você era um direito do cidadão?

Era um direito do cidadão. Era um direito do cidadão. Era um direito do cidadão. Eu acho, acho não, tenho certeza, era um direito. Hoje passou a ser produto. Não tem outra explicação. Hoje é comercializável. É comercializável. O poder público injeta dinheiro em qualquer veículo de comunicação, entendeu? É uma mercadoria, não tem como. É negociável. Não há aquele negócio e me irrita muito isso, às vezes me frusta, Elvis. Mas, assim, a gente fala que o jornalismo hoje, hoje, no showrnarlismo, a gente não tem imparcialidade. Não tem. Não tem. As emissoras, os veículos de comunicação, não são chapa branca. Não são. Entendeu? Por isso que eu falo, lá antes...

Não são chapa branca?

Não são chapa branca. É, hoje, é... Eu não tenho mais aquela visão de universitário, mas se você pegar agora alguém que está sentado no banco lá do quinto ou sexto semestre, acho que vai poder falar mal de político, acho que ele vai poder falar mal do prefeito, de um deputado...

Mas por quê que você acha que não é chapa branca?

Porque todos os veículos de comunicação recebem dinheiro do poder público, dos governantes que estão no poder.

Mas isso não é ser chapa branca? Receber dinheiro dos governantes não é ser veículo chapa branca?

Não. É na verdade eu me expressei errado. Exatamente. Os veículos, hoje, são chapa branca. São. Eu me expressei errado. É ao contrário. Usei a expressão errada.
Antes você não enxergava isso?
Não. Eu era utópico. Essa é a palavra. Eu achava tudo muito bonito. Eu era patronal demais. Eu era muito patronal, nossa.
Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?
Como é que eu lido com a pressão tempo no trabalho?
Isso.
Elvis, na Record eu lido, hoje a frente do "Cidade Alerta", de forma tranquila. Eu sei separar. É incrível que pareça... A minha jornada de trabalho é de 7 horas. Eu sei separar o tempo certinho pra cada coisa, né? E eu sei também cobrar o deadline. Por quê? Eu não tenho que ter uma visão micro da situação. Eu tenho que ter uma visão macro. Eu tenho que entender tudo que tá acontecendo. E assim, o "foda" de fazer programa popular é que você não tem só a pressão jornalística. É que são vários ataques ao mesmo tempo, né?
Por exemplo?
Comercial, audiência, direção, é... Jornalismo, a informação, o poder público, entendeu? Então é como se eu tivesse no centro de uma de uma roda e todos estivessem com uma flecha. Então assim, hoje eu sei lidar. Hoje eu sei trabalhar meu tempo. Então assim, quando eu me sinto pressionado, aí você faz aquela velha história: você vai eliminando o que você acha menos importante e dá importância ao fator principal, ao setor principal que tá te incomodando naquele momento.

Fatores tecnológicos

As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Facilitam. Hoje a rede social se transformou em um berço de pautas. Berço de pautas Primeiro. Segundo: se transformou também na interatividade em que, enquanto apresentador, enquanto jornalista, você não só absorve mais a notícia, você fala, você critica. Mesmo que...
Você que você diz é a audiência?
A audiência, no caso o usuário, o internauta ou o telespectador. Você fala "eu gostei, eu não gostei". E você lê aquilo ali e acaba refletindo num desdobramento, numa suíte. Se é num programa ao vivo você acaba comentando, entendeu?
Você considera que utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Não eu acho que utilizo bem, sim. Hoje eu trabalho com Facebook, na questão do *on demand.* Ou seja, meu programa acabou, as matérias vão para o ar na internet, dentro de uma página do Facebook. A gente trabalha muito bem também a questão do Instagram que é uma questão mais jovial, vamos dizer assim. A gente percebe isso, reflexos da nossa audiência. A gente coloca coisas mais engraçadas no Instagram. E *WhatsApp,* que é para você interagir comigo, né? No caso a audiência. E a gente percebe que essas três ferramentas se transformaram, sim, em um berço de pautas.
Então elas interferem diretamente no seu trabalho como jornalista?
Sim.
E facilitam?
Facilitam, ajudam a compor o trabalho... Ajudam a compor o trabalho.
Mas atrapalha?
Não, não atrapalha, Elvis. Não, não atrapalha, na minha situação não atrapalha, pelo contrário. Eu vejo 99% de pontos positivos, né? Até hoje quando há uma falha, por exemplo, no sistema de Internet da emissora, e a gente fica sem aquilo ali, claro que reflete

diretamente na audiência. Eu percebo isso, porque já se transformou... É como se tivessem duas pessoas dentro do palco, dentro do estúdio. Eu e a internet, entendeu? As redes sociais ali do meu lado para compor um programa, porque o telespectador ele tem voz agora, né? E não atrapalha. Nunca me atrapalhou.

Mas o uso das redes sociais no programa, você acredita que ela promove uma interatividade ou uma falsa interatividade?

Não, promove uma interatividade. Eu consigo entender o meu telespectador porque ele reflete ali na internet, ali no desabafo dele na rede social, o que outros também representam de uma comunidade, por exemplo. Eu sei que tal comunidade está perigosa, eu sei que tal comunidade está sem luz. Então assim, a gente consegue traçar um perfil por meio de uma, duas, três mensagens de uma mesma... De pessoas diferentes no mesmo bairro, do que está acontecendo. Por isso se transforma em berço de pautas. Se tem mais de uma pessoa falando de um problema ali naquela situação, quer dizer que "opa, tá me chamando para aquele bairro", entendeu? "Tá me chamando para aquela região, tá acontecendo isso".

É seu termômetro de audiência?

Meu termômetro de audiência.

Você usa o que? Whatsapp...

Whats e Facebook diretamente. Instagram sazonal.

Como que você utiliza as redes sociais no seu fazer jornalistico?

WhatsApp todo dia. WhatsApp todo dia. É como fosse uma missa, né? Você chega ali, a primeira coisa que você olha... Vai olhando as mensagens, faz a triagem, vê o que vira pauta e o que que é descartável. Então assim, hoje, 30% do que me mandam, são aproveitados. Trinta por cento. E eu recebo uma média de 800, 900 conversas, ou seja, 900 pessoas diariamente comigo ao vivo pelo WhatsApp. Então, 30% disso vira pauta ou vira assunto. E o restante é descartável.

Você consegue ler tudo?

Tudo, todo dia.

E isso demora quanto tempo?

Ah, uma hora e meia mais ou menos.

Que você para para ler...

Uma hora e meia...

Mas você usa o Facebook também.

Facebook é *on demand*. Então é aquela questão: Facebook eu não tenho uma mesma proporção direta e imediata do que um WhatsApp. O WhatsApp é a ferramenta principal e o *Facebook* é *on demand*, mas também é a mesma coisa.

E o Instagram você usa como?

Instagram geralmente para bastidores, quando tem algo inus
itado, alguma coisa no programa, a gente vai lá e posta no Instagram.

A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Facilita, né? Porque a gente tá ali é... Quanto mais jovem, mais fácil, mais ágil ele é na rede social. Quanto mais experiente, no jornalismo, né? Vamos dizer assim... É aquela pessoa que tá lá tem que 50, 30 ou 40 anos de profissão, tá acostumado com aquelas máquinas antigas, ele vai ter uma certa dificuldade. Ele tem uma certa dificuldade, sim. Ele prefere anotar no bloquinho e a gente não. A gente já anota no celular o texto. A apuracão, por exemplo, a gente faz a gravação ali pra eu decupar depois. Ele não. Ele vai anotando os pontos numa folha sulfite, num rascunho. Dificulta, sim. Quando mais jovem você é, mais fácil você mexer na rede social.

Rede social só, ou tecnologia de uma forma geral?

Tecnologia de forma geral. Tecnologia de forma geral. Eu percebo isso.

Fatores de conflitos

Você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?
Tenho, tenho, de outras gerações. Tenho. Eu tenho um pensamento mais, mais popularesco, mais de show mesmo, né? O profissional que tem três, quatro décadas acima de mim, por exemplo, ele tem uma visão arcaica. O que é visão arcaica? Daquele tradicionalismo lá da década de 70, 80, para o jornalismo. Só que o público de hoje não é mais aquele da década de 70 e 80. O público ele vem se renovando. A arte do jornalismo é a mesma, informar, a essência, só que de que forma chega a isso para o telespectador? Tem sim. Tem.
E como que acontece essa dificuldade de relacionamento na prática?
A gente chega a um consenso. A gente discute. A gente discute. Eu escuto os argumentos. Hoje, pelo fato de eu ser editor-chefe, a palavra final é minha, entendeu? Às vezes eu acato, às vezes eu acho sensato. Já derrubei matérias em relação a isso e muitas vezes eu falei: "não, eu quero dessa forma". E das vezes que eu falei "não, eu quero dessa forma", eu acertei.
E quando você não era editor-chefe?
Eu tinha que acatar. Também tinha um conflito entre as gerações. Eu achava que eu tava indo para um formato muito tradicionalista. É a mesma coisa, só que os papéis eram invertidos. Eu não era editor-chefe. Eu era subordinado. Hoje eu sou contrário. Eu tenho que ter visão macro, não a visão micro.
Como subordinado você acatava?
Acatava, porque eu tinha a visão micro. Hoje eu tenho a visão macro.
Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e o novato enxergam a profissão?
Com certeza, o novato enxerga como utópico. Tá tudo lindo, tá tudo muito maravilhoso, eu vou cumprir tudo certo, eu vou fazer tudo que você está me determinando. O experiente já sabe, já tem vícios, né? Ele já sabe, ele tem malícia que a gente fala... Ele sabe onde ele pode pisar, ele sabe com quem ele vai falar, com quem vai dar problema, ele sabe... É como se fosse uma fórmula matemática. Ele já vai acertar a conta de primeira. O novato não. O novato vai errar, vai apagar, vai refazer, vai consertar, aí até ele acertar vai um pouquinho de tempo.
Mas a visão, a forma como ele enxerga a profissão... Como o veterano enxerga?
Ele enxerga como uma bosta né? Porque ele já passou isso. Ele já passou por muita coisa. Ele tá vendo ali que está se renovando, tá mudando e ele, de uma certa forma, ele encara, no meu ponto de vista, que tá perdendo espaço. E principalmente na questão salarial, né? Na questão salarial. Porque quanto mais tempo você está no jornalismo, quer dizer que mais *know-how* você tem, mais você merece ganhar. E o novato não. O novato tá cheio de gás, então ele já tá entrando ali, ele quer fazer. Não importa o salário, né? Se der um salário mediano para ele, ele vai entrar e vai ser contratado e vai fazer.
O novato enxerga então a profissão como?
O novato enxerga como utópico, né? Como tudo bonito, como tudo perfeito, porque eu tenho um emprego, entendeu?
E o veterano?
O veterano não. O veterano já tá achando uma bosta. Tá achando que o mercado, que o dono já é um "filho da puta", que ele tá sacaneando ele, que ele não vai pagar mais do que aquilo, que o jornalista sempre vai ganhar mal. Então assim, o jornalista veterano já tá de saco cheio. Por que ele permanece? Eu acredito que seja por amor. Amor.

Amor à profissão...
Amor à profissão.
Quais os pontos positivos e negativos da geração dos jornalistas anterior à sua?
Pontos positivos...Cara, eu pago muito pau pra questão de texto, estrutura textual, a compreensão e linguagem, a compreensão e execução de uma pauta. Eu tô falando na minha área de TV, né? Eu acho formidável, para os jornalistas experientes, o *know-how*, os caminhos que ele te leva, sabe? Ele sabe com quem você vai acertar, com quem vai te dar repercussão, com quem vai te dar problema. Conhecimento. *Know-how*. Pontos negativos: essa estrutura, essa linguagem, essa execução de pauta, ele vai fazer de uma forma tradicionalista, o arroz com feijão. Off, sonora, passagem, off e sonora, entendeu? A visão de quem está entrando agora, ou quem gosta de ousar.... Aliás, eles não gostam de ousar. Eles acham brega, eles acham clichê, over. Esse é o ponto negativo. Ponto negativo. Eu digo isso, porque acho que 30% das pessoas que trabalham comigo estão a duas, três gerações não, né? Estão duas a três décadas frente à minha. E eu tenho muito conflito com isso. Eu quero ousar, porque eu sei que vai dar certo e eles não arriscam.
E como você lida com isso?
Mais uma vez: analiso, chegamos a um consenso, quais são os seus argumentos? Quais são os meus argumentos? Se você, mesmo experiente não for convincente, e eu estou ali na frente da audiência e vejo a repercussão do meu produto, a palavra final é minha.
De novo, ligado à sua função.
A minha função como editor-chefe.
Seria diferente se você tivesse em outra posição?
Se eu tivesse ao contrário, por muitas vezes na Bandeirantes, eu era repórter... Eu não aceitava, eu não concordava com formato do jornalismo da Bandeirantes, mas pelo fato de eu ser um cargo inferior, eu acatava. Eu era um colaborador. O jornalista ele é um colaborador, Elvis.
E hoje você não é um colaborador?
Eu sou um colaborador. Presto as minhas atividades, presto e exerço as minhas funções. Deu o meu horário, terminei.
Mas é um colaborador diferente?
Sim, porque infelizmente ou felizmente, ah, eu vou dizer felizmente, hoje eu tenho um cargo de representatividade. Estou colaborando pra empresa.
Um cargo de chefia.
Um cargo de chefia, mas eu sou colaborador.
Quais os pontos positivos e negativos da nova geração?
Ah, a ousadia. A ousadia, a...
Pontos positivos?
Positivos. A ousadia. A descoberta da tecnologia como aliado do jornalismo, como aliado da informação, berço de pautas. Pontos negativos dessa nova geração: a superficialidade quando eles saem da academia, que é a faculdade. É a superficialidade. Parece que esses pontos positivos faltam lá na faculdade, entendeu? E aí eles apresentam isso pra gente no mercado, só que na hora que você vai perguntar alguma coisa que você precisa, de fato, colocar a mão na massa, eles não sabem.
Superficialidade... Me dá um exemplo?
Superficialidade. Foi o que eu disse na sua pergunta anterior. A faculdade ensina muita teoria, que é diferente no mercado de trabalho. Nenhum patrão vai pegar tua monografia e falar assim: "Ah, eu tirei 10, parabéns, você tá contratado", entendeu? Ele quer que você

seja polivalente. "Beleza, você sabe editar? Você sabe fazer reportagem? Você sabe ser pauteiro? Então tá bom, tá contratado".

Falta técnica?

Falta... Não. Falta experiência prática. Não é técnica. Técnica a gente adquire.

Quais os pontos positivos e negativos da sua geração? A gente falou de uma geração anterior, da nova, mas e da sua?

Pontos negativos da minha geração: utopia. Utopia. Eu venho de uma geração que eu achava que tudo "ai, a gente vai revolucionar isso aqui..." O que é que pode, o que não pode. É... Acho que é a utopia o principal ponto negativo. E o ponto positivo eu acho que é a inovação. A Inovação, nós... A minha geração inovou na maneira de noticiar. Inovou. É... A gente começou a usar mecanismo do segmento, no caso a televisão, de gravar uma matéria pelo celular.

Você tá falando de tecnologia?

De tecnologia. Inovação.

Existe conflito de gerações entre jornalistas?

Ah, com certeza, com certeza. Hoje, principalmente os conflitos de geração voltam numa questão... Eu acho que essa é a palavra dessa entrevista: utopia. Porque tem muitos jornalistas das antigas que se veem aí, né? A opinião deles são soberanas. A opinião deles é soberana. Então é assim, na questão de partido político, na questão de algumas editorias, pelo fato de eles terem vivido lá atrás na Ditadura, pra cá, impeachments, vai volta... Eu vejo muito jornalista não sendo jornalista, mas sendo... Misturando o jornalismo com a opinião pragmática deles, entendeu? Isso me assusta. Eu acho que é esse é o principal conflito hoje. E chega aí uma pessoa de três décadas mais nova, né? Ou de, sei lá, um recém-formado na academia... "Não, mas é assim... Não, mas a minha época tinha que ser assim, assim, assado. Não, mas tal político é assim, vamos por essa vertente..." Ele conduz o mais o mais novo ao pensamento dele. Ao pensamento dele. Porque o novato vai chegar lá, inexperiente, entendeu? Ele vai obedecer ao mais velho. Não digo o mais velho. Ele vai ouvir o mais velho.

Esses conflitos são de que natureza?

Editorial. Editorial. Editorial.

Você consegue enxergar algum conflito de natureza pessoal, profissional ou tecnológica?

Tecnológica, dependendo da área, né? Porque assim, eu to exemplificando dentro da Record. Não. Eu digo editorial, editorial eu digo assim... A questão de gente que ocupa cargo de representatividade serem mais velhas e determinar isso para os mais novos, entendeu? A questão de tecnologia eu não vejo tanto.

Seria editorial de nível hierárquico?

Nível hierárquico. É como fosse uma escala. Hierarquia, eu vou acabando passando uma editoria, né? Vou acabar determinando para você fazer isso... É eu acho que hierarquia. É... Você você encontrou a palavra: hierarquia.

Então o principal motivo de conflito na sua opinião seria a hierarquia?

Hierarquia.

Está certo, você quer fazer alguma consideração sobre o tema? Sobre as perguntas, acrescentar alguma coisa?

Não. Eu ia perguntar, mas não, chega.

Entrevistada: Gabriela Couto

Data: 30/03/2018 | **Duração:** 00:50:24

Veículo representado: Impresso **| Geração representada:** Y

Perfil resumido

Nome completo: Gabriela Renata Gimenez Couto
Idade: 28 anos
Data de nascimento: 24/05/1989
Local de trabalho: Jornal Correio do Estado – 4 anos
Função: Repórter
Formação: Jornalismo (Univel (PR)/2010). Pós-Graduação em Assessoria de Comunicação (Estácio de Sá/2015)
Tempo de carreira no jornalismo: 11 anos

Perfil completo

Qual o seu nome completo?
Gabriela Renata Gimenez Couto
Você está com quantos anos?
28
Qual sua data nascimento?
24/05/1989
Você está no Correio, né?
Correio do Estado.
Lá você é repórter?
Repórter de Cidades.
Você é formada em jornalismo ou tem alguma outra graduação?
Eu fiz pós-graduação em assessoria de imprensa.
Jornalismo você formou quando?
2010.
Onde?
Cascavel. Univel.
E a pós foi em?
Assessoria de Comunicação.
Na Estácio?
Na Estácio.
Quando?
2014... Quinze eu acho.
Você tem quanto tempo de carreira? Desde que você formou começou a atuar?
Eu já era estagiária no primeiro ano, em 2007, né?
Então você tem o que?
Onze anos.
Nossa! Desde o primeiro ano?
Eu comecei entregando jornal.
Sério?
Fui jornaleira.

Como estagiária lá em Cascavel?
É. Em Cascavel. Em três meses eu comecei a escrever e também já entregava jornal ao mesmo tempo. Fazia releases de assessoria de comunicação.
E você já trabalhava no jornal?
Era uma agencia de comunicação.
E de lá para cá em quantas empresas você já trabalhou?
Órgão público também entra?
Tudo, mas ligado à comunicação.
Trabalhava na Clipping, agência que também era um jornal e uma revista, aí depois fui para o jornal O Paraná, era Hoje dai virou jornal Hoje/O Paraná. Fundiu. As duas empresas era do mesmo dono, político. Aí depois eu fui para a assessoria de comunicação da Secretaria de Esportes. Aí eu vim para cá. Aí eu trabalhei no Canal do Boi. Depois eu fui para o Diário Digital e depois eu fiz um mês de campanha do Reinaldo Azambuja. E aí fui para o Correio.
Você lembra o tempo de permanência nessas empresas? Lá na Clipping?
Na Clipping eu fiquei dois anos.
Lá era jornal e revista que você falou?
Isso.
No Jornal Hoje/Paraná?
Dois anos.
Na assessoria de comunicação da Secretaria de Esportes?
Sete meses.
Canal do boi?
Um ano e três meses.
Diário digital?
Foram dois anos e meio.
Na campanha?
Um mês.
No Correio você está há quanto tempo?
Estou desde 2014. Quatro anos, né?
Nessas empresas que você passou, você exerceu que funções?
Então, eu comecei como entregadora de jornal, fiz assessoria de imprensa, depois fiz revista. Aí fui para o jornal, fiz editoria geral? né. Daí depois fui pra edição de esporte, em Cascavel.
Edição de esportes que você fala, você atuou como editora?
É. Atuei como editora. E eu era estagiaria. E ganhava como estagiária. Aí depois eu fui para assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Esportes. Aí eu vim pra cá. No Canal do Boi eu fui Produtora Executiva que eles falam. O nome é bonito, mas o salário...
Trabalhava no Mercado do Campo do Zaidan, aí eu fiquei um mês como diretora do programa Guia do Campo. Diretora. Comandava o povo no ponto. E aí depois eu fui para o Diário Digital. Fiquei de repórter, aí mudou a forma no Diário e eu fui demitida. Aí na campanha eu era repórter de rua, pra colher depoimentos dos eleitores, né? E aí, no Correio eu comecei com Cidades, fui para Política e agora eu consegui voltar pra Cidades.
Você lembra por que você saiu dessas empresas?
Lembro.
Por que você saiu da Clipping?
Porque minha madrasta era uma das donas lá, e aí ela ficou brava comigo porque me viu conversando no MSN com a minha mãe.

E ela que tinha arrumado o emprego?
É, isso mesmo.
E no jornal O Paraná?
Esse foi porque eu tinha um namoradinho lá e aí a gente terminou. Aí ele virou repórter de Política e pedia para fazer umas matérias para uns vereadores sobre bocha essas coisas, sabe? E aí...
Sobre o que?
Campeonato de bocha, era umas coisas assim ridícula. Aí eu fiz... Aí me falaram que ele tava ganhando dinheiro em cima de mim, entendeu? Tipo, ele tava vendendo esses releases para sair a matéria. Aí eu fui tirar satisfação com ele e falei para minha editora-chefe, ai eu falei assim, baixinho para ela, só que ela disse que toda a redação ouviu, aí eu fui demitida.
Você quis saber se ele tava te usando?
Não, eu fui falar que eu fiquei sabendo que ele tava me usando. Estava ganhando dinheiro em cima de mim.
E ela disse o que? Que não era verdade?
Não, ela disse que era uma denúncia muito grave pra fazer no meio da redação, aí eles fizeram uma reunião e eu fui demitida. Eu era estagiária.
Aí acabou o emprego e o namoro?
Não, eu já não namorava ele.
Na campanha foi por que acabou a campanha?
É, mas antes teve a assessoria de comunicação.
Ah, é verdade, da secretaria...
É, eu sai de lá porque eu terminei a faculdade e vim morar para cá. E era contrato de estágio também, né?
E na campanha foi por que acabou o prazo da campanha. Foi isso?
É. No Diário Digital, foi porque o Varela assumiu e aí ele, não sei, eu não sei se ele não gostava de mim. Ele que tinha...
O Varela era o editor...
Ele foi editor no lugar da Neiba Ota. E aí eu fui de férias e quando eu voltei ele reformulou toda a equipe e me mandou embora.
E justificou o que, que era reformulação da equipe só?
É.
Bom, essa parte aqui é mais tranquila, para entender por onde você passou e tal. Agora eu vou falar um pouquinho sobre seus valores profissionais.
Ah, eu tenho valor?
Claro. Você acha que não tem?
Pra empresa eu acho que a gente sempre é mais caro, né?
Como assim?
Eu acho que eles não valorizam a gente pelo salário, mas acham que pagam muito também.
Eles acham que pagam muito?
Acham.

Valores profissionais

O que é ser jornalista para você?
É... Na faculdade a gente imagina que ser jornalista é ser alguém que apura a verdade, né? É sempre isso. Descobrir a verdade acima de tudo. Só que na rotina a gente descobre que isso não existe. A gente tem que fazer matéria de acordo com a linha editorial do dono do jornal. E você tem que se submeter a fazer coisas que às vezes você não gostaria, fazer

entrevistas que você não gostaria, perguntas principalmente que você não gostaria, passar vergonha, entendeu? Por interesse de alguém que paga o seu salário. Isso que é ser jornalista.

Por que você decidiu ser jornalista?

Ai, na época eu estava em dúvida entre ser veterinária ou outra coisa e meu pai disse que veterinária não ganhava bem. Aí eu acabei fazendo jornalismo porque eu achava que eu era boa de comunicação. Eu tenho essa facilidade, né? De conseguir fazer amizade, de conversar e tal. Aí eu achei que ia ser uma boa, mas tô tão arrependida.

Por que?

Porque é uma profissão horrorosa, nossa, acaba com a gente. Nosso emocional... É ruim. A gente ganha mal, trabalha muito, não ganha hora extra, não ganha banco de horas. É muito difícil.

Você se sente realizada como jornalista?

Nem um pouco.

Sério? E por que?

Porque eu não consigo é... Seguir meus valores e meus princípios dentro de uma redação, principalmente quando eu estava em Política, eu sofri um conflito interno muito grande de pensar: "Meo, vou rasgar meu diploma, cara! Por que que eu tô aqui? Por que que eu tô fazendo esse tipo de trabalho sujo, sabe? Para mim é muito difícil você ter que trabalhar na área.

Você diz difícil por que... É aquilo que você falou no início... Você tem que se submeter...

A interesses...

...Aos interesses da empresa...

Isso.

E aí isso vai de frente aos seus valores pessoais...

Totais.

E quais valores pessoais você considera importante para você?

Ética, respeito, é (…) São tantos agora, não lembro mas é (…) são princípios que você (...) um dia você tá bem com uma pessoa e no outro dia você tem que atacar ela. E aí como é que a gente fica? Você acha que a gente não fica mal com isso? Fazer umas perguntas idiotas, porque você tem porque você tem que fazer. Umas perguntas que atacam as pessoas gratuitamente, porque você tem que fazer. Isso tudo... A gente tem é discernimento do que é o errado e o que é certo. E a gente faz muita coisa errada, entendeu?

Entendi. Então você não se sente realizada?

Nem um pouco.

O que que o jornalismo representa na sua vida então?

Na minha vida? Representa o meu salário. Só. Eu não me vejo mais como no início que eu ajudava as pessoas com matérias bonitinhas, que é (...) às vezes a gente conseguia mudar a realidade de algumas pessoas, de alguns animais, de algum cenário poluído, essas coisas... Eu não tenho mais esse tesão, sabe? Eu me sinto uma máquina de escrever. Só isso.

Um robô?

Um robô.

E para você... Dá a entender que seja só uma fonte de renda?

Só.

Nem sempre foi assim?

Nunca.

Como que era lá no início?

No início a gente tem a ideia de que tá conseguindo mudar o mundo, aquela coisa floreada que é bonita a profissão. Tem muito glamour na nossa profissão, né? Só que na realidade, a vida real, de fato, jornal impresso, é muito sujo entendeu? Não é bonito. É desgastante emocionalmente. Você cansa o cérebro e aí seu corpo cansa, entendeu? É como se.... Às vezes você sai sugada de um dia de trabalho. É horrível.

Fidelidade ao emprego é importante para a carreira do jornalista?

Para ele continuar no trabalho, sim.

Por que?

Porque se você for contra, você vai ser demitido.

Fidelidade ao emprego que eu digo é permanecer na empresa por vários anos, por décadas, por um longo período. Você acha que isso é fundamental, importante na carreira do jornalista?

Não, eu acho que a gente tem que estar sempre mudando, sabe? Eu já acho que estou tempo demais no Correio do Estado.

Ah é...

Uhum...

Por que você acha que estar sempre mudando?

Porque eu acho que se não a gente se acomoda, né? A gente tem casos lá na nossa redação de gente que tá há 20, 30 anos, entendeu? E a gente tem conflitos com esse pessoal, porque eles vieram de uma geração que era... Eles tinha que fazer a lauda, tinha que montar o jornal recortando... E aí agora eles têm que lidar com jovens que estão ocupando o lugar deles, entendeu? E aí eu vejo tipo, que eles tem aquilo como se fosse tudo na vida deles. E a nossa geração não. A nossa geração entende que é só um trabalho. É bem diferente o pensamento.

Quais são os valores profissionais indispensáveis para o exercício da profissão?

Hoje?

É...

Paciência. É... E eu acho que a gente tem meio que se anular.

Como assim?

Tem que.... Não ter sentimento, entendeu? Pelo o que você tá fazendo. Só tem que fazer.

Me dá um exemplo.

É como se fosse um robô. Você tem que ser meio que automático, seguir o que eles querem, principalmente sem retrucar, sem responder. E eu sofri muito na editoria de Política, porque eu respondia bastante, entendeu? E aí, isso... Hoje pra você continuar no seu emprego, pra você trabalhar você tem que ser uma pessoa sem sal. Eu não sei a palavra certa... Seria uma pessoa é... Sem princípios, sem questionar. Sem criticidade.

Isso você considera os principais valores?

É....

Formação acadêmica na área é determinantes para a qualidade do trabalho jornalístico?

Não...

Por que?

Porque hoje as faculdades elas só querem números, né? Querem dinheiro. Eu vejo que tem muita gente que formou comigo e nunca exerceu a profissão. Eu vejo que tem gente que sai da faculdade não sabe escrever. A maioria é assim. Eu acho que só na prática mesmo, no cotidiano, que você se forma jornalista. Dá uma base de conhecimento técnico, mas na prática não forma. Eu mesmo, se eu tivesse só ido para as redações como eu fui desde o

começo, eu acho que a faculdade não me ajudou muito, entendeu? Eu sempre tava a frente dos meus colegas que não trabalhavam na área e...

Por que você atuava desde o primeiro ano...

Primeiro ano. E aí eu via que tem uma certa dificuldade também dos professores. A maioria é muito acadêmico, sabe? Tem muitos professores que nunca entraram numa redação e dão aula pra gente. E eu acho que não é assim. Eu acho que eles tinham que instigar acadêmico a se reinventar, entendeu? A buscar, fazer coisas diferentes, não só um lead, o que que é uma pirâmide invertida, o que que é um nariz de cera, essas coisas. Não acho que seria interessante só isso. Tinha que ensinar eles a apurarem, a criar fontes, essas coisas que a gente só aprende na vida.

Quais os principais valores que a formação acadêmica traz para o profissional sobre o entendimento da profissão?

Valores?

Que a formação acadêmica traz...

Ai, faz tanto tempo que eu me formei. Eu acho que eles ensinam na teoria o que é o jornalismo, né? Ética, responsabilidade e criticidade são valores que a gente não pode ter na prática. Ai, ai...

Informação é um direito do cidadão ou uma mercadoria/produto jornalístico?

Na minha opinião é um direito cidadão, mas na prática é uma mercadoria.

Por que?

Porque toda notícia tem interesse por trás. Não existe uma notícia imparcial. Não conheço. Eu acho que você só escreve, só consegue escrever coisas que o dono do jornal tem interesse. Se ele está brigado com prefeito, vamos criticar o prefeito, vamos achar problema na rua, vamos sei lá... Entendeu? É uma coisa assim que... Que ele vende a ideia de que o prefeito é ruim. "Ou, briguei com o governador". Vamos brigar agora “porque a estrada tá toda esburacada” ... Então ele cria uma ideia, faz a gente escrever para criar uma ideia para o leitor que o governador é ruim, porque naquele momento o dono do jornal tá brigado com o governador, entendeu? É desse jeito que funciona.

Você acredita que é um direito do cidadão, mas na prática...

É outra coisa. É mercadoria.

A projeção ou reputação da empresa é determinante para a escolha do trabalho?

Não. A gente vai por quem oferece trabalho primeiro, porque no fundo, meu filho, é tudo igual.

Por quem oferece trabalho primeiro?

É. Quem paga mais.

Valores pessoais

O que é qualidade de vida para você?

Qualidade de vida....

A gente vai entrar agora nos seus valores pessoais...

Pra mim, é conseguir entrar no horário e sair no meu horário de trabalho, poder escrever o que eu acho que é correto e ter um tempo para conseguir relaxar, entendeu? Porque é muito puxado psicologicamente. Eu queria ter horários para comer. Não consigo ter horários. Eu queria ter horário para dormir, eu queria ter... Queria que fosse uma empresa... Que todas as empresas funcionassem certinho, mas não é assim, entendeu?

Qualidade de vida para você então seria ter uma rotina de trabalho fixa, que você tem horário para entrar, para sair...

É.

Sem essas mudanças bruscas...
Que ocorrem toda a semana, né?
E é possível ter qualidade de vida sendo jornalista?
Se você conseguir administrar o seu tempo, sim. É uma coisa muito complicada porque, por exemplo, eu almoço às três horas geralmente. Aí eu tinha que ir pra a academia as quatro, e eu já não posso. Aí tipo assim: eu to começando a encaixar coisas que eu tenho que fazer para minha vida. Fazer uma terapia, fazer uma academia, passear com as minhas cachorras, ter um tempo de lazer, entendeu? Se você conseguir regrar, você consegue, se não... E também eu acho que tem muita função de... Questão de quanto que você precisa ter de recurso pra você viver. Por exemplo: eu tenho amigas que tem filhos e elas tem que ter dois empregos, então elas não tem qualidade de vida. E acabam criando síndrome do pânico, depressão é... Essas coisas todas.
Então você acredita que é possível, sendo jornalista, ter qualidade de vida?
Jornalista com um emprego é.
E até que ponto o salário é determinante para sua permanência na empresa?
Até o ponto que outra empresa me oferecer mais. Eu tô sendo sincera, não é?
Ótimo! Até o ponto que outra empresa fizer uma proposta melhor. E por que?
Porque vou continuar fazendo a mesma coisa. É sério isso.
… e você vai continuar fazendo a mesma coisa...
Se eu ganhar um pouco mais, né? Eu vou. A gente é tudo assim, vendido.
Entendi. E sempre foi assim pra você ?
Não, no começo eu tinha aquela ideologia de que: "Nossa, tô trabalhando com uma coisa que eu mais amo na vida! Eu tô cobrindo esporte, eu vou no campo de futebol, eu vou na quadra. Não sei o que..." Agora não. Depois de um certo tempo, a gente perde aquele... Aquele perfume sabe? Aquela coisa bonita. Ai a gente cresce, tem que pagar conta, né? Então a gente vai pelo dinheiro mesmo.
A remuneração que você recebe hoje é satisfatória para atender suas necessidades?
Não, nem um pouco.
Por que?
Porque eu queria ganhar o que o sindicato preconiza. E a gente não ganha. A gente não consegue ter (…) A gente não consegue morar sozinho, não consegue ter as coisas, entendeu? É um salário muito baixo, pro que a gente faz, pra não ter fim de semana, não tem feriado. Eu acho que poderia ser bem maior nosso salário. E também pela questão da responsabilidade com as vidas que a gente mexe, né? Com o texto, que a gente escreve isso é muito sério. Não é só… Eu ganho R$ 2.500, eu acho pouco, porque daí com os descontos vai para R$2.200, e tem o vale alimentação e só. Eles tirara a Unimed, foi a maior treta lá. E tá bem complicado, porque... E a gente vive sob uma ameaça de demissões o tempo todo. Então eu acho que não tem preço que consiga cobrir essa pressão psicológica, sabe?
Essa é a próxima pergunta. Como você lida com a pressão do tempo no trabalho?
De deadline?
Isso, pressão do tempo...
Ah, no começo eu passava mal. Tanto é que eu tenho ansiedade, né? E aí eu tomo remédio. Eu lido com psicotrópicos.
Foi a forma que você encontrou...
Foi, mas às vezes eu não consigo. Aí eu to pensando em fazer *yôga*, porque assim... É uma pressão *fudida*, cara. Às vezes não tem um *filho da puta* que atende o telefone! E você precisa daquela matéria naquele dia, sabe? E aí às vezes eu como. Eu como bastante, sabe? Por isso que eu tô gordinha.

Pra compensar...
É. Eu tenho um chefe que ele arranca os cabelos. Ele é tão ansioso com a pressão, que ele fica assim ó... Fazendo uns rolinhos no cabelo. E ele tá ficando careca! O Eduardo Miranda.
Nossa!
Ele é um bom médio tempo pra você, da média idade. Ele começou no Correio estagiário e hoje ele é editor-chefe.
Você já adoeceu por conta do trabalho como jornalista?
Já.
O que que aconteceu com você?
Nossa, foram muitas sessões de terapia porque olha... Eu não aguentava mais meu chefe. Eu tava com depressão e ansiedade.
Até hoje?
Até hoje eu trato, por outros motivos também, mas teve momentos dentro do (…), por causa do da profissão que eu piorei bastante o meu quadro, a ponto de ter que aumentar a medicação com tarja preta, né?
Meu Deus, o que significa isso para você? Ter que fazer esse tipo de tratamento?
Eu sou uma pessoa esclarecida né, Elvis, então eu vejo que tô com uma doença. E eu tenho que tratar de alguma forma, então o jeito é tomando remédios. Mas eu não gostaria de tomar os remédios, porque é uma coisa que modifica toda minha vida (fica acabando...) a gente vive uma geração que é muito de psicotrópicos. Qualquer coisa o seu psiquiatra vai lá e dá um remédio, entendeu? E aí alivia. Só que até quando eu vou ficar tomando pra me aliviar? Eu queria ser uma pessoa normal, entendeu? Que não precisasse ter esses problemas de saúde.

Fatores tecnológicos

Vamos falar sobre fatores tecnológicos agora. As novas tecnologias facilitam o fazer jornalístico?
Muito. Facilita tanto que a gente vira preguiçoso.
Verdade?
Eu acho...
Por que?
Porque a gente acaba não pensando criticamente. A gente fica só acomodado com as notícias que tão vindo de fora, entendeu?
Você fala das agências?
É, eu acho que a gente não consegue produzir nosso máximo, porque fica tudo tão fácil, entendeu? Mas facilita muito, principalmente o WhatsApp. Hoje, nossa, o WhatsApp é nosso braço direito, porque quando o cara não atende, você manda um WhatsApp às vezes ele responde pelo WhatsApp. Mas tem alguns proprietários de jornal que já demitiram gente por causa que estavam no WhatsApp.
No WhatsApp fazendo...
Trabalho... O WhatsApp e Facebook. Tipo: acordou de cu virado e falou: "Não quero você porque você estava no WhatsApp e no Facebook".
Mas não explicou que era para trabalho?
E tem como discutir? Não tem.
Mas até que ponto você acha que a tecnologia facilita? Ela também prejudica?
Prejudica, porque a gente não sai para rua, né? Fica tudo sentadinho. Antigamente jornalismo era rua. E hoje para você sair pra rua, nossa, é porque aconteceu uma coisa muito grande pra você sair pra rua. E eu acho que isso trava a gente, entendeu?

Você considera que você utiliza bem as tecnologias ou tem alguma dificuldade?
Utilizo bem. Só essa questão de vídeo que a gente ainda tá começando a implantar no jornal, que eu acho que eu tenho um pouco de resistência, assim... Porque eu não gosto muito de vídeo. Eu gosto mais de escrever, só...
De vídeo para você aparecer falando?
É...
Mas você consegue utilizar bem?
Todas...
Mas quando você fala em tecnologia, você está se referindo ao que?
Ao meu celular, que é um microcomputador que eu saio para rua. E eu uso o meu. Eu não uso o da redação. Tipo: com ele que eu tenho contato de todo mundo... WhatsApp, Facebook... O que mais? Os telefones. Tá tudo ali na minha mão, entendeu?
De que maneira a tecnologia ela interfere no seu trabalho como jornalista?
Totalmente. Tudo hoje eu faço com o computador, com telefone. Eu acho que eu não me veria jornalista quando era o tempo que não tinha faculdade, que as pessoas ficavam o dia inteiro na redação, fazendo jornal e saiam de madrugada, iam para o bar beber... Eu não consigo me ver.
Na época da máquina de datilografia?
É.
Por que você não consegue se ver nessa época?
Porque eu acho que era muito mais difícil apurar. Tem gente que fala que ia de ônibus trabalhar, tipo, pra matéria. Não tinha carro, não tinha telefone, era tudo fax, era código morse, era umas coisas assim que você não consegue imaginar hoje em dia, entendeu? Então... O próprio programa o Indesign, para montar o jornal, você monta tudo no computador. Você não precisa cortar matéria pra colar, colocar uma foto e daí montar a página... Tudo muito diferente.
Por isso você acha que não conseguiria ser jornalista nessa época?
Não, porque aí eu teria que ficar o dia inteiro no jornal, né?
Quais as habilidades profissionais do jornalista valorizadas pelo mercado de trabalho atualmente?
Um bom *networking*, muito contato. Você tem que ter contato, fonte e escrever bem. Só.
Só?
Só.
E quando que você utiliza as redes sociais no seu dia a dia como jornalista, no seu fazer jornalístico?
Eu uso o tempo todo. É o tempo todo online. Eu fico... Até quando a gente sai, né? Do trabalho. A gente fica trabalhando. Tem esse problema. A tecnologia ajuda e atrapalha ao mesmo tempo, né? porque aí você fica full-time. E aí tem gente que acha que é obrigação sua ficar full-time. E eu não concordo.
Você se considera multitarefa?
Totalmente.
Por que?
Porque até para tirar foto, eu tenho que tirar foto... Daqui a pouco a gente vai tá dirigindo também.
Sério?
Sério. Se demitirem muito profissional lá, a gente vai ter que dirigir. A gente tem que ligar, escrever... É... tipo, passar matéria para o portal. Eu sou do impresso, olha, eu tenho que passar matéria para o portal. Quando o portal não tem como escrever eu escrevo, posto

matéria para o portal, tiro a foto, mando a foto, faço vídeo. Tudo no celular. E... Que mais? Essas coisas. A gente tem que ficar o tempo todo fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Entendeu?

E você acha isso positivo ou negativo?

Total negativo, porque até às vezes quando a gente ia vai fazer o quebra-queixo, com alguns é, por exemplo, Prefeito, Governador, eu vejo que não tem lugar pra você, entendeu, e às vezes você tem que filmar, tirar foto e gravar ao mesmo tempo. Eu já vi colega filmando de um celular e gravando com outro e fazendo pergunta, entendeu? Eu acho isso assim... P*orra*, tinha que ter gente ali fazendo aquilo! Você acaba virando um multiprofissional.

A idade do jornalista influencia, facilita ou dificulta o domínio da tecnologia?

Ela facilita e dificulta, né? Quem tem pouca idade... Quem tem muita idade tem dificuldade. Eu tive um editor que não ele não conseguia usar o Indesign, que ele não consegue imprimir um material no computador. E ele ganha um puta salário, entendeu? Aí ele tem que ficar pedindo ajuda. Você acaba até sendo secretária do seu chefe, sabe?

É mesmo?

É mesmo. E pra mim isso é a morte.

Por que?

Porque o tratamento é diferente, entendeu? Eu acho que se você ganha mais pra estar numa função de editor, você tem que dominar tudo e não tem que precisar de ninguém. Você tem que fazer tudo sozinho. Se eu não tiver lá, ele tinha que dar um jeito, né? Mas não, não é assim...

Em geral, você observa que quem tá em posição de chefia são os mais novos ou os mais velhos?

Hoje em dia está bem diferente, mas lá no Correio por ser o jornal impresso muito antigo, os chefes são geralmente quem... Quem tá lá mais tempo, que foi subindo, né? E aí eles só vão sair de lá depois que morrer.

E você tava falando então que ela facilita e dificulta...

É...

Facilita por que?

Para os mais jovens, porque a gente domina totalmente, e dificulta para quem é mais velho.

E isso causa problema no ambiente?

Às vezes causa, porque os mais velhos são metidos a bonzinho de tudo, sabe? Sabichão. Aí se você quer ajudar do seu jeito, eles acham ruim, acham que a gente tá sendo grossa. Então eles se sentem diminuídos, entendeu? Às vezes rola umas tretas.

Fatores de conflitos

E você sente dificuldade de relacionamento com jornalistas de outras gerações?

Bastante.

Por que?

Os discursos são diferentes, pensamentos diferentes... É... É tudo muito complicado de lidar, entendeu? Às vezes a gente quebra o pau porque tem um velho muito machista... Quebra o pau por causa de política, porque um é petista e o outro fica xingando quem é da direita. É umas coisas assim muito absurda. Tem umas discussões bem acirradas em relação aos mais velhos com os mais novos durante a rotina.

O que você já vivenciou?

Racismo, já vivenciei...

Por parte dos...

Dos mais velhos. É... Preconceito... Machismo, muito machismo... É... Preconceito sexual, homofobia, já vivenciei, é... Pensamentos assim. Gente que escreve e tem que formar opinião pra uma sociedade que já tá com a cabeça bem aberta, mas que tem a cabeça desde tamanho, então às vezes a gente entra em conflito...

Tem cabeça pequena?

É... A gente entra em conflito na rotina por questões de pensamentos que eles não evoluíram, entendeu? E a gente tá mais pra frente.

E como que você lida com esses conflitos quando eles acontecem?

Ah, eu boto fogo na lenha. Adoro discutir, porque daí a gente tenta ganhar no argumento, né? Porque são pessoas... Eu sei que eu tinha que respeitar os mais velhos e eu respeito, só que às vezes tem coisas que não dá para você ficar quieta e aí a gente acaba conversando, tentando ver se a pessoa vai melhorar o pensamento, mas é bem raro. A discussão acaba morrendo porque a gente tem que voltar ao trabalho, entendeu? É uma coisa bem engraçada, mas acontece bastante.

É recorrente?

É...

Existem diferenças na forma como um jornalista veterano e um novato enxergam a profissão?

Existe.

Por que?

Porque o veterano acha que você tem que ser como ele era quando ele era novo. Eles ficavam de manhã e iam até a noite fazendo jornal. E os novatos eles são criados nesses moldes que depois que a faculdade veio a gente acaba... É... Entrando no padrão de normas do Ministério de Trabalho, entendeu? Você tem que exigir que você tem que ter sua folga, que você tem que receber seu horário... São coisas que a gente veio já quadradinho pra uma realidade que pra eles a gente tem que ser diferente.

Eu tive muito problema na minha editoria de Política, principalmente, porque o meu editor ele achava que só porque ele subiu na vida tendo que fazer muitas coisas que eu não admito de fazer... Por exemplo: assumir a função dele ou a função da subeditora... Escrever, editar e fazer título, fazer coisa que ele é pago pra receber... Eu falei que eu não vou fazer, porque eu não ganho para isso. Aí e ele falou que eu só iria crescer se eu me submetesse a isso. E eu não acho isso certo. Porque ele recebe para fazer o que ele faz e não eu, entendeu?

A gente que é formado, a gente já tem essa cabeça de tipo: “Meo, eu sou paga para fazer isso. Se eles acham que eu tenho que fazer a mais, então que eles paguem pra gente fazer a mais". Porque a nossa profissão já é muito desvalorizada, entendeu:? E aí eles querem desvalorizar mais ainda? Eu sinto que você se submetendo a fazer umas coisas que não são da sua ossada, da sua responsabilidade, você tá acabando margi...É... prostituindo sua profissão. Você tá fazendo com que uma pessoa que poderia estar ganhando o seu salário não tá ali, entendeu? Como se você.... Você acaba acumulando funções que não são suas. E eu sou muito correta em relação a isso. Eu acho errado você ter que ser como eles era antigamente.

Mas você acha que isso tem a ver com a idade ou com a formação?

As duas coisas. Porque eles também não têm faculdade, entendeu? Eu acho que se a gente pagou quatro anos de faculdade, se especializou pra tá lá, a gente é igual a eles. Eles estão lá por tempo. Eles ganham DRT por questões de terem se profissionalizado praticando e, além disso, é aquela questão de hábito deles. Eles vem de uma formação diferente da nossa. E a faculdade não deixa a gente é... Pensar assim. As tecnologias não deixam com que a gente pensar assim. É outro tempo, entendeu? Na nossa profissão.

E os novatos, como que eles enxergam a profissão? Você falou bastante dos veteranos...
Novatos seriam...
Você disse que existem diferenças, de como novatos e veteranos enxergam. Dos veteranos você explicou, mas e os novatos? Como que eles enxergam a profissão?
Eu vejo até pelos estagiários assim... Eles já entram na profissão... Quem consegue uma vaga na área, já entra desmotivado, entendeu? A gente vê que não tem futuro. A minha geração... E tenho muitos colegas que estão abandonando o jornalismo, que estão empreendendo em outras áreas, que estão vendendo sapato, estão vendendo *milk-shake*, tão vendendo sei lá... Estão saindo do jornalismo porque sabem que não tem como crescer nisso, entendeu? A gente está cansando já, entendeu? Porque o velho jeito de fazer jornalismo não se enquadra no novo jeito de fazer jornalismo. E eu acho que muitas coisas vão mudar futuramente, só que para você se submeter e ganhar bem você tem que deixar muita coisa sua para trás. Tem que se anular muito e isso desmotiva a gente demais a gente a continuar.
Para você, qual que é o novo jeito de fazer jornalismo?
O novo jeito de fazer jornalismo, é um jornalismo mais técnico, entendeu? A gente tem esse lado mais técnico, que a faculdade nos dá, que eles não tem. Eu acho que é uma coisa mais de criticidade. A gente veio com uma criticidade que eles não tem. Eles foram acostumados a fazer coisas mandados, entendeu? Eu acho que a gente também usa muita tecnologia. Eu acho que a gente fica muito na redação, coisa que não existe. São muitas coisas pequenas da rotina que mudaram todo jeito de fazer jornalismo.
Entendi. Quais os pontos positivos e negativos da geração de jornalistas anterior à sua?
Positivos e negativos? Positivos? São pessoas com mais experiência, são pessoas que já estão moldadas ao sistema, são pessoas...
Ao sistema que você diz... É?
Ao sistema do método do jornalismo, né? Que é tudo por interesse do proprietário do jornal. Pra eles é muito bom isso, pros donos de jornal. Agora, as coisas ruins você fala?
Uhum...
É o pensamento... É diferente, é... Acho também que eles estão cansados. Eles desmotivam a gente também, sabe? Porque dá pra ver que é aquilo e só.
Não tem perspectiva, não oferece...
Não tem perspectiva, nenhuma, que não vai mudar. Eu acho que esse.... Que é uma coisa bem ruim que eles nos passam. E essa exigência de querer que a gente seja igual a eles. Isso é muito complicado de lidar.
E os pontos positivos e negativos da nova geração? Você já trabalha com gente da nova geração?
Já. Positivos: somos muito mais ágeis, somos muito mais tecnológicos, somos muito mais é... Técnicos. Negativos: não aceitamos as ordens, é... Negativos... Não sei se isso é positivo ou negativo, né? Mais negativos? Eu acho que a gente já entra desmotivado, já entra meio "puta, que merda, é isso mesmo?" Desiludido. Acho que é mais cedo que a ficha cai, né? Do que pra eles, porque acho que quem tá na profissão ainda a ficha demorou pra cair, que foi da última geração, né? Acho que é isso. Os negativos mais... Eu acho que é não aceitar as regras de como funciona.
As regras da empresa?
É...
Você acha que isso é negativo?

É. Muita gente da minha idade não quer ser robô, entendeu?
Você falou da sua geração, né? E da nova geração que está entrando agora? Ou você ainda não lida com essa nova geração?
Tem umas estagiárias lá, entendeu? Mas eu vejo assim que... Escrevem mal. Precisa de mais experiência. A gente vai aprendendo com o tempo, né? É eu acho que quando a gente é estagiário, que nem essas pessoas da nova geração, elas tem medo de perder aquilo, então é uma coisa meio que... Eu não tem muita personalidade.
E os pontos positivos?
Eu acho que não tem.
Existe conflito de gerações entre jornalistas?
Não.
Não existe? Por quê?
Porque a gente consegue lidar com os mais velhos. Eu acho que acaba todo mundo se acertando, porque tá todo mundo no mesmo barco, entendeu? Mas não vejo. Eu vejo que eles respeitam muito a gente, a gente respeita muito eles. As pautas também... Tem bastante velhinho assim, que é das antigas, sabe? E não vejo conflito nenhum. A gente consegue se dar bem. Na redação às vezes tem umas faíscas, mas é só coisa normal do dia a dia.
Mas na prática...
Não tem conflito não.
É isso, eu terminei o questionário...
Sério? Já?
Já, é imenso, né? Deve ter dado uns 40 minutos... Você quer fazer alguma consideração sobre o tema? Eu estou falando sobre "Fatores de conflitos entre diferentes gerações de jornalistas na imprensa de Campo Grande"
Não só isso, que eu acho quem é das antigas acha que a gente tem que se submeter ao sistema, entendeu? E isso fere muito o nosso psicológico.
E isso não é um conflito?
É um puta conflito.
Mas você me deu vários exemplos de conflitos, na prática, e no final você disse que não considera que existe conflito de gerações...
Então, então vamos responder direito. Existe então. Se for pra falar na prática, do trabalho, eles acham que a gente tem que se moldar a eles no dia a dia da redação, entendeu? Eu conheço gente que tem que lidar com gritos, coisas que eles faziam antigamente, e tem alguns que continuam fazendo, é... Ter que aceitar que tem que ficar lá 24 horas, ter que fazer trabalho que não é seu, essas coisas que eu acho super errado, entendeu? Que o código não prevê esse tipo de atitude e você tem que ter para agradar e para conseguir questionar o seu cargo.
Então, respondendo a última pergunta, existe conflito de gerações entre jornalistas?
Existe.